

Gestão da Informação, holística e
sistémica, no campo da Ciência da
Informação: estudo de aplicação para a
construção do conhecimento na
Universidade de Coimbra

Liliana Isabel Esteves Gomes

Tese de doutoramento UDC 2016



UNIVERSIDADE DA CORUÑA

Gestión de la Información, holística y sistémica, en el campo de la Ciencia de la Información: estudio de aplicación en la construcción del conocimiento en la Universidad de Coimbra

Liliana Isabel Esteves Gomes

Tesis doctoral UDC 2016

Directora: Viviana Fernández Marcial

Codirectora: Maria Beatriz Pinto de Sá Moscoso Marques

Programa Oficial de Doctorado en Sociedad del Conocimiento: Nuevas perspectivas en Documentación, Comunicación y Humanidades



UNIVERSIDADE DA CORUÑA

Gestão da informação, holística e sistémica, no campo da
Ciência da Informação: estudo de aplicação para a
construção do conhecimento na Universidade de Coimbra

Gestión de la información, holística y sistémica, en el
campo de la Ciencia de la Información: estudio de
aplicación en la construcción del conocimiento en la
Universidad de Coimbra

Xestión da información, holística e sistémica, no campo da
Ciencia da Información: estudo de aplicación na construción
do coñecemento na Universidade de Coimbra

Holistic and systemic Information Management in the
Information Science field: application study for the
construction of knowledge in the University of Coimbra

Autora

Directora e Codirectora

Liliana Isabel Esteves Gomes

Viviana Fernández Marcial
Maria Beatriz Marques

“One of the key elements in the development of the universities as centres of discovery and innovation is precisely the cross-fertilisation between different disciplines (including the humanities) (...). But it is only possible to apply the science that exists. And there will only be scientific discovery, and connection with the world centres of scientific discovery, if universities are complete systems, bringing together technical training, scientific research and humanistic education” (...) (Castells, 2001, p. 216).

“Science is not achieved by distancing oneself from the world; as generations of scientists know, the greatest conceptual and methodological challenges come from engagement with world” (Whyte, Greenwood, & Lazes, 1991, p. 21).

“O tipo de atividade realizada pela ciência é a produção de conhecimento e o desenvolvimento de teorias científicas. Em função disto, o significado dos termos deve ser considerado na estrutura das teorias a que se supõe que eles sirvam” (Capurro & Hjørland, 2007, p. 152)

“Um campo é definido pelos problemas que são propostos e a ciência da informação é definida como um campo englobando tanto a pesquisa científica quanto a prática profissional, pelos problemas que propõe e pelos métodos que escolheu, o longo do tempo, para solucioná-los” (Saracevic, 1996, p. 41).

(...) “respondendo a uma necessidade social, [a pesquisa em Ciência da Informação] desenvolveu-se em função dessa necessidade e foi, de certa forma, dirigida, e até mesmo financiada por ela. Igualmente, sob a demanda premente da tecnologia da informação, de máquinas de comunicar, a preocupação dominante dos pesquisadores foi a utilidade, a eficácia, o prático e a prática, e muito pouco o teórico, a teoria. (...) De prática de organização a ciência da informação torna-se, então, uma ciência social rigorosa, sob o efeito tanto de uma demanda social crescente quanto de novos objetivos sociais (...) (Le Coadic, 1996, pp. 21-22).

Resumo

Esta tese tem como objetivo o estudo, a valorização e a afirmação da Gestão da Informação (GI) como área transversal e aplicada no âmbito da Ciência da Informação (CI).

Analisa-se e reequaciona-se o quadro teórico e concetual (conceitos operatórios do domínio científico, paradigmas e teorias) e definem-se os limites da investigação centrada na informação (fenómeno humano e social). Aplica-se a Teoria Sistémica como “ferramenta” interpretativa da realidade em análise, facto que implica, por um lado, fazer a revisão do quadro tecnicista que tem sido o fundamento basilar das disciplinas tradicionalmente ligadas à custódia e tratamento técnico dos documentos (Arquivística, Biblioteconomia e Documentação) e, por outro, assumir a visão integrada da informação em qualquer contexto organizacional.

Partindo do estudo do modelo atual de GI e da sua relação com a Gestão de Conhecimento (GC), consuma-se, por via instrumental, o contacto com a realidade objetivada, e elege-se como estudo de caso uma entidade complexa, com mais de sete séculos de História, a Universidade de Coimbra (UC). A análise feita aos serviços de informação da UC, tendencialmente organizados e geridos com uma separação artificial das várias componentes do todo orgânico, evidencia a premência de se conceber um Sistema de Informação (SI) em que a componente funcional se concretize na estruturação de serviços englobantes de todas as componentes informacionais.

A visão prospetiva que se desenha a partir deste percurso corporiza-se no modelo proposto para a GI, holística e sistémica, que irá proporcionar à UC o (re)conhecimento dos seus recursos informacionais, articulando estrutura organizativa, fluxo infocomunicacional e tecnologia.

Palavras-chave: Ciência da Informação, Informação, Teoria Sistémica, Gestão da Informação, Gestão de Conhecimento, Universidade de Coimbra, Sistema de Informação.

Resumen

Esta tesis tiene como objetivo el estudio, valoración y afirmación de la Gestión de la Información (GI) como área transversal y aplicada en el ámbito de la Ciencia de la Información (CI).

Se analiza y reconsidera el marco teórico y conceptual (conceptos operantes del dominio científico, paradigmas y teorías) y se definen los límites de la investigación centrada en la información (fenómeno humano y social). Se aplica la Teoría Sistémica como “herramienta” interpretativa de la realidad en análisis, hecho que implica, por un lado, llevar a cabo la revisión del marco tecnocrático que ha sido el fundamento base de las disciplinas tradicionalmente relacionadas con la custodia y tratamiento técnico de los documentos (Archivística, Biblioteconomía y Documentación) y, por otro, asumir la visión integrada de la información en cualquier contexto organizacional.

Partiendo del estudio del modelo actual de GI y de su relación con la Gestión del Conocimiento, se lleva a cabo, por vía instrumental, el contacto con la realidad objetivada y se selecciona como estudio de caso una entidad compleja, con más de siete siglos de historia, la Universidad de Coimbra (UC). El análisis efectuado a los servicios de información de la UC, tendencialmente organizados y gestionados con una separación artificial de los diversos componentes de un todo orgánico, evidencia la preeminencia de concebir un Sistema de Información (SI) en el que el componente funcional se concrete en la estructuración de servicios englobadores de todos los componentes de la información.

La visión prospectiva que se describe a partir de este recorrido se materializa en el modelo propuesto para la GI, holística y sistémica, que proporcionará a la UC el (re)conocimiento de sus recursos informacionales, articulando estructura organizativa, flujo infocomunicacional y tecnología.

Palabras clave: Ciencia de la Información, Información, Teoría Sistémica, Gestión de la Información, Gestión del conocimiento, Universidad de Coimbra, Sistema de Información.

Resumo

Esta tese ten como obxectivo o estudo, valoración e afirmación da Xestión da Información (GI) como área transversal e aplicada no ámbito da Ciencia da Información (CI).

Se analiza e reconsidera o marco teórico e conceptual (conceptos operantes do dominio científico, paradigmas e teorías) e defínense os límites da investigación centrada na información (fenómeno humano e social). Aplícase a Teoría Sistémica como “ferramenta” interpretativa da realidade en análise, feito que implica, por unha banda, levar a cabo a revisión do marco tecnicista que foi o fundamento base das disciplinas tradicionalmente relacionadas coa custodia e tratamento técnico dos documentos (Archivística, Biblioteconomía e Documentación) e, por outro, asumir a visión integrada da información en todo contexto organizacional.

Partindo do estudo do modelo actual de GI e da súa relación coa Xestión do Coñecemento, leva a cabo, por vía instrumental, o contacto coa realidade objetivada e selecciónase como estudo de caso unha entidade complexa, con máis de sete séculos de historia, a Universidade de Coimbra (UC). A análise efectuada aos servizos de información da UC, tendencialmente organizados e xestionados cunha separación artificial dos diversos compoñentes dun todo orgánico, evidencia a preeminencia de concibir un Sistema de Información (SI) no que o compoñente funcional se concretice na estruturación de servizos englobadores de todos os compoñentes da información.

A visión prospectiva que se describe a partir deste percorrido materialízase no modelo proposto para a GI, holística e sistémica, que proporcionará á UC o (re)coñecemento dos seus recursos informacionais, articulando estrutura organizativa, fluxo infocomunicacional e tecnoloxía.

Palabras chave: Ciencia da Información, Información, Teoría Sistémica, Xestión da Información, Xestión de coñecemento, Universidade de Coimbra, Sistema de Información.

Abstract

This thesis aims to study, value and uphold Information Management (IM) as a transversal and applied area under the scope of Information Science (IS).

The theoretical and conceptual contexts are analysed and reviewed (operational concepts of the scientific field, paradigms and theories), and the limits of research, focused on information (human and social phenomenon), are defined. Systemic Theory is applied as an interpretive “tool” of the reality under analysis. On the one hand, this implies a review of the technicist board, which has been the core foundation of the disciplines traditionally linked to the custody and technical treatment of documents (Archivistics, Library Science, and Documentation). On the other hand, it involves assuming the integrated vision of information within any organizational context.

With the study of the current IM model and its relationship with Knowledge Management (KM) as a starting point, the contact with the objectified reality is instrumentally consummated, and a complex entity with more than seven centuries of history, the University of Coimbra (UC), is elected as a case study. The analysis of the UC’s information services, tendentially organized and managed with an artificial separation of the various components of the organic whole, points out to the pressing necessity of conceiving an Information System (IS) whose functional component will be fulfilled in the structuring of services encompassing all informational components.

The prospective vision, drawn from this path, is embodied in the proposed model for the IM, holistic and systemic, that will afford the UC the (re)cognition of its information resources, by articulating organisational structure, info-communicational flux and technology.

Key words: Information Science, Information, Systemic Theory, Information Management, Knowledge Management, University of Coimbra, Information System.

Agradecimentos

Às minhas orientadoras, a Professora Doutora Viviana Fernández Marcial e a Professora Doutora Maria Beatriz Marques, agradeço, em primeiro lugar, a disponibilidade para orientarem o presente trabalho.

Tive a sorte de contar com uma orientadora, a Professora Doutora Viviana Fernández Marcial, sempre pronta a acompanhar o meu percurso, com a sua objetividade, paciência, rigor científico e metodológico, pertinentes sugestões, bom humor e sinceridade. À minha coorientadora, a Professora Doutora Maria Beatriz Marques, agradeço igualmente, pela motivação constante, pelo rigor científico e metodológico, pela paciência e sinceridade.

Ao Dr. Júlio Ramos, agradeço a receptividade que manifestou, desde o primeiro momento, para guiar o meu percurso em Arquivística e na área científica da Ciência da Informação. Foi sempre o primeiro leitor deste trabalho, também por isso agradeço toda a disponibilidade que teve para ler e rever... a minha sincera gratidão. Agradeço, igualmente, as palavras certas de apoio nos momentos de desânimo ou de dificuldades, as sugestões e as conversas sobre a temática em estudo.

Ao Professor Doutor Armando Malheiro da Silva, agradeço o incentivo fulcral para a realização desta investigação.

À Professora Doutora Maria Manuela Pinto, agradeço as palavras de motivação e a disponibilização da sua tese para leitura.

Agradeço, também, a todos os profissionais dos serviços de informação da UC, com quem contactei no decurso desta investigação, diretores, subdiretores, técnicos superiores, bolseiros, assistentes técnicos e assistentes operacionais.

Uma palavra especial para todos os meus alunos.

Um particular agradecimento a todos os meus professores.

Aos amigos, com quem aprendo todos os dias, pessoal e profissionalmente, agradeço o apoio e as palavras de incentivo nos momentos mais difíceis.

Uma palavra especial para a Sandra, para a Ana Rita, para a Florência, para a Diana, para a Margarida, para a Marta, para a Rute e para a Sónia.

Muito obrigada, Sandra (Londres), Florência (Toronto) e Diana (Valladolid), de facto, a distância não é um obstáculo para a verdadeira amizade.

Ao Carlos e à minha mãe, quem mais sentiu os momentos de ausência, agradeço a paciência, a força e o incentivo para continuar. Ao meu irmão, ao meu sobrinho e a todos aqueles que estiveram e estão sempre no meu coração, bem hajam.

Lista de siglas, acrónimos e abreviaturas

| | |
|---------------|---|
| AAC | Associação Académica de Coimbra |
| AAM | American Association of Museums |
| ACIV | Associação para o Desenvolvimento da Engenharia Civil |
| ADAI | Associação para o Desenvolvimento da Aerodinâmica Industrial |
| ADI | American Documentation Institute |
| AENEE | Apoio ao estudante com necessidades educativas especiais |
| ALA | American Library Association |
| art.º | Artigo |
| ARWU | Academic Ranking of World Universities |
| AUC | Arquivo da Universidade de Coimbra |
| BAD | Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas |
| BAES | Biblioteca Aberta do Ensino Superior |
| b-on | Biblioteca do conhecimento on-line |
| BCSUC | Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra |
| BCVUC | Biblioteca das Ciências da Vida da Universidade de Coimbra |
| BGUC | Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra |
| BJ | Biblioteca Joanina |
| BN/S | Biblioteca Norte/Sul do CES |
| CALM | Committee on Archives, Libraries and Museums |
| CCAAA | Co-ordinating Council of Audiovisual Archives Associations |
| CD25 de Abril | Centro de Documentação 25 de Abril |
| CDAB | Centro de Documentação áudio e braille |
| CDE | Centro de Documentação Europeia |
| CDU | Classificação Decimal Universal |
| CEDOUA | Centro de Estudos de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente |
| CEIS20 | Centro de Estudos Interdisciplinares do século XX |
| CES | Centro de Estudos Sociais |
| CHUC | Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra |
| CIDOC | International Committee for Documentation |
| CIDOC CRM | CIDOC Conceptual Reference Model (CRM) |
| CIEJE | Centro Interdisciplinar de Estudos Jurídico-Económicos |

| | |
|---------|--|
| CNC | Centro de Neurociências e Biologia Celular |
| CPMDP | Centro de Produção de Materiais Didáticos-Pedagógicos |
| CSC | Centro de Serviços Comuns |
| CSE | Centro de Serviços Especializados |
| DARQ | Departamento de Arquitetura |
| DCV | Departamento de Ciências da Vida |
| DF | Departamento de Física |
| DFCI | Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação |
| DHEEAA | Departamento de Historia, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes |
| DQ | Departamento de Química |
| ex. | exemplo |
| FAO | Food and Agriculture Organization of the United Nations / Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação |
| FCDEFUC | Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra |
| FCTUC | Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra |
| FDUC | Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra |
| FEUC | Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra |
| FFUC | Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra |
| FLUC | Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra |
| FMUC | Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra |
| FPCEUC | Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra |
| GATT | General Agreement on Tariffs and Trade |
| GC | Gestão de Conhecimento |
| GI | Gestão da Informação |
| GPUC | Grupo Público Universidade de Coimbra |
| GT-SIM | Grupo de Trabalho em Sistemas de Informação em Museus |
| ICA | International Council on Archives |
| ICNAS | Instituto de Ciências Nucleares Aplicadas à Saúde |
| ICOFOM | International Committee for Museology |
| ICOM | International Council of Museums |
| ICOMOS | International Council on Monuments and Sites |
| IFLA | International Federation of Library Associations and Institutions |

| | |
|----------------|---|
| IIB | International Institute of Bibliography |
| IIIUC | Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra |
| IGUC | Instituto Geofísico da Universidade de Coimbra |
| ILS Millennium | Millennium integrated library system |
| IMLS | Institute of Museum and Library Services |
| IST | Information Systems and technology |
| IUC | Imprensa da Universidade de Coimbra |
| JBUC | Jardim Botânico da Universidade de Coimbra |
| LAMMS | Libraries, Archives, Museums, Monuments & Sites |
| LIS | Library and Information Science |
| LISTA | Library, Information Science & Technology Abstracts |
| MCTES | Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior |
| MCUC | Museu da Ciência da Universidade de Coimbra |
| MEC | Ministério da Educação e Ciência |
| MGSIOUC | Modelo de Gestão do Sistema de Informação Organizacional da UC |
| MLA | Museums-Libraries-Archives |
| MNCT | Museu Nacional da Ciência e da Técnica |
| n.º | número |
| NDLTD | Networked Digital Library of Theses and Dissertations |
| NIA | Núcleo de Integração e Aconselhamento |
| OCDE | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico |
| OGAUC | Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra |
| OLD | Oxford Latin Dictionary |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| OPAC | Online Public Access Catalog |
| PIMC - UC | Projeto Especial Imagem, Media e Comunicação da Universidade de Coimbra |
| PORBASE | Base Nacional de Dados Bibliográficos |
| RCAAP | Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal |
| RED | Regulamento de empréstimo domiciliário |
| REI | Regulamento de empréstimo interbibliotecas |
| RJIES | Regime jurídico das instituições de ensino superior |
| RÓMULO - CCVUC | RÓMULO Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra |
| SAA | Society of American Archivists |
| SAG | Serviço de Apoio à Gestão |

| | |
|---------|---|
| SASUC | Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra |
| SerQ | Centro de Inovação e Competências da Floresta |
| SIBUC | Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra |
| SIIB/UC | Sistema Integrado de Informação Bibliográfica da Universidade de Coimbra |
| SBD | Serviços de Biblioteca e Documentação |
| SI | Sistema de Informação |
| STI | Sistema Tecnológico de Informação |
| TAGV | Teatro Académico de Gil Vicente |
| TGS | Teoria Geral dos Sistemas |
| TUJE | Tribunal Universitário Judicial Europeu |
| UC | Universidade de Coimbra |
| UE | União Europeia |
| UECAFs | Unidades de Extensão Cultural e de Apoio à Formação |
| UNESCO | United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization / Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura |
| UO | Unidade orgânica |
| VPN | Virtual Private Network |

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| Resumo | V |
| Resumen | VI |
| Resumo | VII |
| Abstract | VIII |
| Agradecimentos..... | IX |
| Lista de siglas, acrónimos e abreviaturas | XI |

| | |
|--------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| METODOLOGIA | 11 |

PARTE I – QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL

| | |
|--|------------|
| 1. Conceitos operatórios e domínio científico de investigação em Ciência da Informação | 33 |
| 1.1 Do Documento à Informação e da Informação ao Conhecimento: o conceito de Informação Social..... | 33 |
| 1.2 Do estudo do objeto científico ao conceito de Sistema de Informação | 43 |
| 1.3 A Ciência da Informação: caráter científico, objeto e método de estudo | 63 |
| 1.4 Uma Ciência pluridisciplinar, interdisciplinar e/ou transdisciplinar? | 82 |
| 2. A natureza e a evolução dos Sistemas de Informação | 93 |
| 2.1 Origens e enquadramento histórico da Arquivística, da Biblioteconomia, da Museologia e da Documentação | 93 |
| 2.2 Arquivos, Bibliotecas e Museus: especificidades e convergências..... | 121 |
| 3. A Gestão da Informação no novo milénio | 131 |
| 3.1 Gestão da Informação e Gestão de Conhecimento..... | 131 |
| 3.2 Gestão da Informação na perspetiva da Ciência da Informação..... | 148 |

PARTE II – ESTUDO DE CASO: UNIVERSIDADE DE COIMBRA

| | |
|--|------------|
| 4. Diacronia e contextualização da instituição universitária | 167 |
| 4.1 Breve evolução histórica | 167 |
| 4.2 Atual configuração organizacional: missão, valores e visão | 176 |
| 4.3 Órgãos de governo, de gestão e organização estrutural efetiva | 184 |
| 5. O sistema de informação da Universidade | 193 |
| 5.1 Estrutura organizacional e sua evolução: o desenvolvimento do estudo orgânico e funcional (1911-2016) | 193 |
| 5.2 Arquivo, Bibliotecas, Museus e Centros de Documentação | 196 |
| 5.3 Resultados e discussão do estudo de caso | 228 |
| 6. Proposta de modelo para a gestão da informação, holística e sistémica, na Universidade de Coimbra | 259 |
| 6.1 Visão estratégica..... | 259 |
| 6.2 Visão operativa | 269 |
| CONCLUSÃO | 283 |
| BIBLIOGRAFIA | 293 |
| ANEXOS | |
| ANEXO I – Resumo em Castelhanao | 327 |
| ANEXO II – Lista de referências legislativas e textos regulamentares | 336 |
| ANEXO III – Organogramas representativos da evolução diacrónica da estrutura orgânica da UC nos séculos XX e XXI | 345 |
| ANEXO IV – Folhas de recolha de dados | 357 |
| Índice de figuras | 409 |
| Índice de tabelas | 411 |
| Índice de gráficos | 412 |

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Em plena segunda década do século XXI, numa época em que a *Informação* constitui um recurso com reconhecido valor e se consubstancia como objeto de conhecimento suscetível de interessar a variadas disciplinas e áreas científicas, o aparecimento de novas formas de comunicação e acesso à informação originaram, de um modo geral, profundas mudanças na sociedade mas, muito particularmente, nas organizações.

Por todos é reconhecida a importância adquirida pela *Informação* e pelo *Conhecimento* no atual plano económico, social e político, bem como o potencial transformador e enriquecedor que está subjacente à utilização das tecnologias em todos os aspetos da vida.

A tecnologia digital veio, sem dúvida, atenuar muitas das distinções entre os responsáveis pela custódia e divulgação de informação e os guardiões de artefactos – arquivistas, bibliotecários, documentalistas e curadores de museus.

Num cenário em que se afirma progressivamente a interoperabilidade entre diferentes sistemas, de facto, efetivamente para o utilizador que pesquisa informação em ambiente web não é relevante saber se o que procura se encontra num arquivo, numa biblioteca ou num museu.

Importa, pois, pensar e conhecer hoje como o trabalho dos arquivos, das bibliotecas, dos museus e dos centros de documentação, através de uma visão criativa e inovadora, pode extravasar os limites dos territórios individuais e organizacionais, e se pode focar no utilizador e na comunidade.

Neste contexto, abordar o tema da Gestão da Informação (GI) em plena Era da Informação e perspetivá-la à luz da Ciência da Informação (CI) constitui o ponto de partida essencial para a reflexão sobre alguns dos desafios e interrogações que se colocam no século XXI, propiciando um percurso investigativo que contribuirá, certamente, para a consolidação da referida área científica.

Ao identificar esta abordagem, tendo por base a reflexão que se vem desenvolvendo a nível nacional e internacional, pretende-se assumir como

enquadramento teórico propostas várias situadas na área científica da CI, que apontam para o novo paradigma pós-custodial, científico e informacional. Foi precisamente esse enquadramento que levou à pergunta de tentar saber o que se pode considerar, efetivamente, como “gestão da informação”, “gestão do conhecimento”, “informação” e “sistema de informação”.

Perante tais dúvidas, emerge, assim, a necessidade de redefinição concetual e operacional, perante uma realidade de atuação ainda hoje fortemente influenciada por um paradigma de pendor historicista, cultural e patrimonialista, centrado na custódia, no documento e na técnica.

O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC) permitiu a agilização e ampliação da produção contínua de informação e a sua célere disseminação. A nível organizacional, esta evolução é abordada como um problema que necessita de propostas integradas para ser viável produzir, receber, armazenar, organizar e representar, recuperar, divulgar e preservar a informação no curto, médio e longo prazo.

O enfoque que, de forma acutilante e transversal, se tem colocado no apetrechamento tecnológico e na disponibilização de conteúdos em suporte digital determina a carência premente de implementar uma gestão integrada, contínua e global da informação.

Com a adoção das TIC e o desenvolvimento de estruturas cada vez mais complexas a nível organizacional, revela-se a necessidade de uma estratégia de GI que abarque o todo do Sistema de Informação (SI) organizacional, sem esquecer os Sistemas Tecnológicos de Informação (STI) nem os contextos em que ambos são estruturados e se desenvolvem, nomeadamente em instituições como a Universidade.

Foi, pois, neste pano de fundo que se desenvolveu esta tese no âmbito do Programa de Doutoramento em Sociedade do Conhecimento: novas perspetivas em Documentação, Comunicação e Humanidades, centrado na área de estudos da CI. O caso de aplicação selecionado é a Universidade de Coimbra (UC), uma entidade muito complexa, com mais de sete séculos de História.

O SI da UC compreende o seu arquivo, as suas bibliotecas, os seus museus e os seus centros de documentação, espaços físicos e virtuais de acesso ao conhecimento, que

constituem recursos fundamentais para o funcionamento e cumprimento da missão da instituição académica: a investigação, o ensino e a comunidade.

As funções de tratamento, organização e divulgação da informação, bem como a preservação do seu suporte físico, ganharam novos contornos com a utilização das tecnologias que vieram permitir um acesso muito mais rápido e fácil a essa mesma informação.

As razões que determinaram a escolha da temática GI, holística e sistémica, no campo da CI para a elaboração de um estudo mais vasto e exaustivo são de natureza prática e de índole científica.

No que respeita à primeira razão, ela tem a ver com a constatação empírica das necessidades das organizações ao nível da gestão global da informação. Na prática, apenas conhecendo de forma profunda a organicidade estrutural e as funções da entidade produtora, se torna perceptível saber onde, porquê e como é/foi gerada a informação. Simultaneamente, interessava também estudar as práticas e as técnicas de gestão, de organização e de difusão da informação na UC.

No que toca às razões de natureza científica, elas prendem-se, essencialmente, com o facto de se partir da visão redutora da GI que frequentemente se verifica existir nas organizações, realidade que é impeditiva de um aproveitamento de todos os recursos de informação disponíveis para a construção do conhecimento. Este projeto de investigação, com aplicação prática na UC, pretende apresentar uma perspetiva global da GI e dos seus fluxos com origem em múltiplas fontes (ensino, atividades científicas, culturais, administrativas, etc.), buscando dar soluções à problemática em estudo.

Relativamente à motivação pessoal, regista-se a atenção que sempre suscitou o estudo de um SI universitário. Esta atração teve a sua génese na oportunidade de trabalho proporcionada no Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC) ao longo de doze meses e, posteriormente, nos serviços da Administração, durante um período mais longo. Foram estas situações que permitiram, na verdade, o reconhecimento da importância da gestão integrada dos fluxos de informação.

O trabalho realizado no AUC (2004-2005) possibilitou pôr em prática técnicas de organização e representação da informação (Gomes, 2007, pp. 197-218; Gomes, 2012b, pp. 215-232), e facilitou uma compreensão mais clara da fase genésica e pós-genésica da informação produzida/recebida pela instituição, destacando-se a necessidade de

permanente articulação que deve existir entre os serviços produtores e o serviço de arquivo (Gomes & Ramos, 2014, pp. 419-431).

Nos serviços da Administração da UC, face ao crescimento exponencial da informação/documentação (em suporte papel ou formato eletrónico) e perante a inviabilidade de tudo conservar, afigurava-se de capital importância implementar medidas regulares de gestão, como é a avaliação da informação. Contudo, o labor realizado depressa tornou perceptível que, atualmente, mais do que implementar procedimentos técnicos de avaliação informacional, torna-se fulcral não esquecer a indispensável preservação da informação autêntica e essencial à gestão organizacional presente e futura.

Posteriormente, a investigação concretizada durante o mestrado (Gomes, 2012a), inscrito na área científica da Arquivística enquanto ramo aplicado da CI, teve como objeto o arquivo da Administração da UC. Partindo da explicitação e do confronto entre os modelos teóricos mais recorrentes foi possível construir um conhecimento novo e progressivo alicerçado na estrutura orgânico-funcional da entidade produtora, meio singular e imprescindível para descobrir o(s) modo(s) como ela se projeta na organização do respetivo arquivo.

Neste encadeamento, tornou-se cada vez mais evidente a prática redutora ao nível da GI, em contexto orgânico institucional (por oposição à gestão global do SI - uno e indivisível-, gerado pela estrutura organizacional e sustentado por uma eficaz plataforma tecnológica), com consequências profundamente negativas no aproveitamento cabal dos recursos de informação disponíveis.

Assim, surgiu e germinou um interesse pessoal e profissional crescente que incide no estudo da GI nas instituições universitárias, após se ter constatado, em resultado do labor diário, que a inadequada gestão dos fluxos de informação não permite gerar conhecimento e que as tecnologias por si só, não são a solução para os problemas existentes. Pretende-se, agora, dar continuidade e aprofundar a investigação iniciada na área científica da CI, com enfoque no estudo da GI, dos fluxos informacionais e na Gestão de Conhecimento (GC).

A premissa deste trabalho é a de que qualquer visão redutora da GI, em contexto orgânico institucional, terá consequências negativas no aproveitamento cabal dos recursos de informação disponíveis e na construção do conhecimento.

Portanto, pretende-se estudar esta problemática, do ponto de vista teórico e metodológico, de modo a compreender-se de que forma um projeto de GI, holística e sistémica, poderá proporcionar à UC, o (re)conhecimento dos seus recursos informacionais, procurando solucionar a magna questão que é a GC.

Os objetivos do trabalho são os seguintes:

- Estudar as bases conceituais e os fundamentos da GI e da GC;
- Estudar as políticas e instrumentos de GI, compreendendo a sua importância para a salvaguarda da memória organizacional e para a construção do Conhecimento, sem esquecer as TIC;
- Estudar o comportamento e os fluxos de informação no contexto universitário, partindo da identificação e compreensão da evolução das estruturas orgânicas (administrativas, de gestão, científico-pedagógicas, de investigação, organismos de interface, circum-escolares, etc.) que integraram e integram a UC;
- Apresentar uma proposta de modelo para a gestão do SI organizacional (estudo de caso), alicerçada na perspetiva holística e sistémica, e uma solução consistente para o problema de investigação.

Em última análise, esta investigação visa apresentar uma proposta metodológica para a GI nas universidades, ainda que o estudo se realize num contexto específico, que é a UC.

O facto de abordar a informação numa visão holística e sistémica introduz uma forma inovadora de estudar a realidade informacional. Assim, a relevância desta pesquisa pode ser resumida nos seguintes aspetos:

a) Na vertente teórica representa um avanço no conhecimento, uma vez que trata, de forma integrada, a GI numa instituição universitária combinando os enfoques biblioteconómico, arquivístico, museológico e de GC;

b) A análise dos fluxos de informação permite introduzir melhorias na gestão da estrutura e do funcionamento da instituição estudada, uma vez que possibilita saber onde é produzida, transmitida e como a informação é disponibilizada;

c) Os resultados da investigação e a proposta metodológica de um sistema de gestão integrada da informação aumentarão a eficiência e a eficácia na gestão dos

recursos informacionais, de vários tipos e em vários suportes, com a consequente otimização de recursos económicos;

d) Na medida em que a GI/conhecimento explícito¹ é otimizada, o impacto social da universidade aumenta;

e) Os resultados desta pesquisa podem ser extrapolados para outras universidades.

Quanto à estrutura, a tese divide-se em duas partes: uma, de natureza teórica e outra, eminentemente prática, num total de seis capítulos. Na parte teórica explana-se o quadro teórico e concetual que serviu de pano de fundo à investigação. Propõe-se e desenvolve-se a estrutura argumentativa que dá corpo e fundamenta o objeto de estudo, a GI, no campo da CI. Na parte prática efetiva-se o estudo de caso eleito.

O capítulo 1 versa sobre os conceitos operatórios centrais da investigação, seguindo-se a apresentação da posição epistemológica assumida. Para o efeito, faz-se a revisão da literatura para se chegar à distinção entre Informação e Documento, Informação e Conhecimento, SI e STI. A Teoria Geral dos Sistemas estabelece o referente interpretativo que orienta esta investigação e adota-se a noção operatória de sistema que, no quadro da CI, permite configurar o estudo de um SI organizacional. Após uma breve análise diacrónica sobre o surgimento e consolidação da área científica, identificam-se as características da CI enquanto ciência social aplicada, com uma identidade própria, bem como um *corpus* teórico-metodológico consistente.

No capítulo 2, analisa-se a natureza e a evolução dos SI, tendo em conta o modelo histórico e científico de desenvolvimento de cada área disciplinar (Arquivística, Biblioteconomia, Museologia e Documentação). Partindo de uma revisão teórica da literatura, contextualiza-se o seu surgimento e desenvolvimento, de modo a ser possível, no presente, compreender e identificar especificidades e pontos de convergência. O novo paradigma da CI - científico e pós-custodial -, ainda que questionado por diversos autores, mas sustentado por tantos outros, autoriza o recurso à visão sistémica e holística da

¹ Perfila-se a “impossibilidade, à luz do construtivismo piagetiano (e seus sucedâneos) e das pesquisas em curso das neurociências, de distinguir conhecimento explícito ou comunicado/transmitido (diferente de cognição e de processos neurocerebrais) de informação, muito simplesmente porque ambos os termos/noções correspondem ao mesmo fenómeno humano e ao mesmo processo social” (Silva, 2006b, p. 341).

Informação e do Conhecimento, que porá em evidência a importância crucial que os tradicionais serviços de informação têm na resposta aos desafios e oportunidades na era digital.

A GI, como área transversal e aplicada em CI, é a temática eleita para o capítulo 3. Considerou-se a necessidade de compreender o percurso diacrónico da Gestão aplicada à Informação, numa linha de desenvolvimento que partiu, como se mencionou anteriormente, das tradicionais áreas ligadas à guarda e conservação dos documentos (Arquivística, Biblioteconomia, Documentação) que estão na base da construção da CI, em meados do século XX. No âmbito organizacional, o estudo do objeto científico em foco convoca um trinómio constituído pela Gestão, pelas Instituições/Organizações e pelas TIC/STI, acabando por se lhes juntar o foco no Conhecimento. Sendo basilar para definir e situar a GI na perspetiva CI e, desde logo, clarificar a sua relação com a GC, em crescente afirmação, efetiva-se uma abordagem evolutiva diacrónica que permitiu traçar o enquadramento paradigmático, concetual, teórico e aplicado que suporta a proposta teórico-metodológica.

Na segunda parte, estruturada em três capítulos, apresenta-se o estudo de caso concretizado.

No capítulo 4, explicita-se a evolução histórica diacrónica e a contextualização da instituição universitária (a UC), com particular ênfase na atual configuração organizacional (missão, valores e visão, órgãos de governo, de gestão e organização estrutural).

No capítulo 5 procura-se estudar e apresentar a visão atual da UC, no que à gestão do SI diz respeito. Pela abordagem sistémica da informação, infere-se que esta pode ser mais bem conhecida e compreendida no contexto de sistemas específicos, sendo inevitável que o estudo do SI de qualquer organização deva ser feito tendo sempre em conta os fatores orgânicos e funcionais. Assim, concretizou-se o estudo da estrutura organizacional e da sua evolução (1911-2016), bem como dos serviços de informação que o integram no presente: arquivo, bibliotecas, museus e centros de documentação. À explicitação dos dados recolhidos, segue-se a apresentação de resultados e discussão do estudo de caso.

Propor-se-á, no capítulo 6, um modelo que optimize a GI, holística e sistémica, na UC, delineando-se a sua aplicação prática concreta (visão estratégica e operativa). Este

modelo de gestão corresponderá a uma abordagem paradigmática nova, em que se identifica e assume a GI como área de estudos transversal e aplicada em CI, se perspectiva sistemicamente o fenómeno infocomunicacional, tendo como componentes essenciais os seguintes elementos sistémicos: a Organização, a Informação e a Tecnologia.

Por último, apresentam-se conclusões e reflexões finais relativas ao trabalho desenvolvido, suas eventuais limitações e perspectivas de desenvolvimento futuro que podem proporcionar avanços no campo do conhecimento sobre a temática estudada. É igualmente apresentada a bibliografia consultada e citada ao longo da tese, assim como os quatro anexos: resumo em castelhano, lista de referências legislativas e textos regulamentares, organogramas representativos da evolução diacrónica da estrutura orgânica da UC nos séculos XX e XXI, e folhas de recolha de dados.

Na sociedade atual, em que as TIC estão a transformar o modo como se produz, processa, armazena e comunica informação, é sem dúvida necessário um profissional mais híbrido que, entre outros requisitos, consiga compreender a informação social implicada nos processos de gestão das organizações, através de modelos teórico-científicos. Afirma-se, pois, o gestor da informação como o profissional de um futuro que é cada vez mais presente.

METODOLOGIA



METODOLOGIA

Para a delimitação da problemática em estudo e a definição do percurso investigativo foi essencial a revisão da literatura, seguindo-se a ação de pesquisa, a identificação, a análise e a seleção de produção científica.

O tema de investigação que, assim, emergiu insere-se explicitamente no quadro do fenómeno (humano e social) infocomunicacional, tendo-se procurado direcionar o estudo a realizar para um alvo identificado num contexto organizacional específico.

Procurou-se, portanto, compreender o percurso da designada GI, desenvolvendo-se o seu estudo científico por forma a contribuir para a sua afirmação como área transversal da CI, em permanente interseção com os estudos de “Organização e Representação da Informação”, de “Comportamento Informacional” e de “Produção Informacional” (Silva, 2009a, 2013; Pinto, 2016).

A presente investigação envolve, assim, um posicionamento paradigmático, bem como a utilização de teorias, de conceitos, de um método, de técnicas e de instrumentos selecionados.

As definições que se transcrevem em seguida, não sendo decerto consensuais em todos os domínios científicos, permitem explanar o entendimento de cinco elementos que são essenciais em qualquer investigação (Walsh *et al.*, 2015, p. 584):

- The *methods* are the data collection methods used in a research project. For instance, interviewing is a qualitative method, and surveying is a quantitative method.
- The *techniques* are the instruments that help us make sense of the data. For example, cluster analysis is a quantitative technique, and text analysis is a qualitative technique.
- The *methodology* is the particular combination of research methods and techniques used in a research project.
- The *framework* is the general set of guidelines that a researcher may choose to follow in a given project - for example, action research (Baskerville & Pries-Heje, 1999) or case-study research (Eisenhardt, 1989).
- The *paradigm* is the system of beliefs and practices shared by a group of researchers (Klee, 1997; Morgan, 2007).

Não cabe neste ponto uma explicitação desenvolvida dos fundamentos teórico-epistemológicos que suportam o novo paradigma científico-informacional em que se inscreve a CI (Silva & Ribeiro, 2002), mas importa, pelo menos em traços gerais, apontar os pilares essenciais que lhe dão suporte: a assunção da Informação, e não do documento, como objeto de estudo; a adoção do método de investigação quadripolar (De Bruyne *et al.*, 1974); a eleição da Teoria Sistémica (Bertalanffy, 1973, 1979) como ferramenta interpretativa e de referência para qualquer estudo de cariz científico.

Impõe-se, ainda, uma prévia chamada de atenção para o ponto de partida desta investigação que importa relevar, o foco na GI e a sua ligação à ação operacional, bem como a interdisciplinaridade que a problemática em estudo convoca. Este aspeto evidenciou as dificuldades na fase de desenho do processo investigativo, caso se seguisse a tradicional linha usada para as Ciências Sociais, que se baseia numa lógica hipotético-dedutiva (parte de um quadro teórico e inicia-se com a formulação de uma hipótese, afirmando-se o distanciamento do sujeito observador face à realidade analisada).

No âmbito científico deste trabalho tornou-se, pois, imprescindível esclarecer a metodologia de abordagem ao objeto – a informação –, tendo em conta o que se explicitou previamente.

A escolha recaiu no método de investigação quadripolar² formulado, na década de setenta do século XX, pelos belgas Paul de Bruyne, Jacques Herman e Marc de Schoutheete (De Bruyne *et al.*, 1974), estruturado em quatro polos de abordagem (o polo epistemológico, o polo teórico, o polo técnico e o polo morfológico) que estabelecem interações entre si.

Trata-se de uma metodologia adequada à especificidade das Ciências Sociais, dentro das quais cabe a CI, já que:

(...) constitui-se como um dispositivo de investigação complexo, por exigência de um conhecimento que está longe de ser “unidimensional”, desprovido de variáveis ou

² A metodologia qualitativa ou a dinâmica de investigação quadripolar aparece como método aplicável à Arquivística e à Ciência da Informação no volume 1 da obra “Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação” (Silva *et al.*, 1999. pp. 220-226). Os autores portugueses desse livro (Armando Malheiro da Silva, Fernanda Ribeiro, Júlio Ramos e Manuel Real), após uma análise da evolução histórica da realidade dos arquivos concluíram que, ao longo do tempo, o trabalho de organização e de conservação de documentos foi sempre mais prático e técnico do que científico, mesmo depois da criação da disciplina Arquivística. Partindo da prática e da teoria arquivísticas, os referidos autores propõem a adoção dessa “prática metodológica” na investigação dos problemas e casos suscitados pela informação arquivística, biblioteconómica, documental ou digital.

circunscrito apenas à tecnicidade dos procedimentos standard (...), e que, bem pelo contrário, abarca toda a fenomenalidade informacional cognoscível. (...) Segundo este modelo, a investigação científica não pode ser restringida a uma visão meramente tecnológica ou instrumental, devendo ser perspectivada por forma a superar-se o debate “tradicional” entre “quantitativo” e “qualitativo” e por forma ainda a promover-se o fecundo intercâmbio interdisciplinar (Silva & Ribeiro, 2002, pp. 86-87).

O método quadripolar implica uma visão holística e uma dinâmica de pesquisa em permanente avaliação e aperfeiçoamento, aspeto que dá sentido à construção do conhecimento científico em CI, pois trata-se de uma ciência social aplicada.

Desde 2002 (Silva & Ribeiro, 2002), os fundamentos teóricos do dispositivo metodológico da CI foram sendo melhorados, aperfeiçoados e consolidados (Silva, 2006a), tendo ficado, então, estabelecido que:

- O polo epistemológico é a “instância superior imbricada no aparato teórico e institucional (a comunidade científica dos especialistas em Informação, as suas escolas, institutos, locais de trabalho e ainda os seus referentes políticos, ideológicos e culturais” (Silva & Ribeiro, 2002, p. 87); é apontado como a instância em que vigora o paradigma dominante até ser lentamente substituído por um outro (ao paradigma custodial, patrimonialista, historicista e tecnicista contrapõe-se o paradigma pós-custodial, informacional e científico, ainda emergente) (Silva, 2006a, pp. 158-159);

- O polo teórico expressa a “racionalidade predominante do sujeito que conhece (se relaciona e se adequa com) o objecto, bem como a respectiva postulação de leis, formulação de conceitos operatórios, hipóteses e teorias (plano de descoberta) e subsequente verificação ou refutação do “contexto teórico” elaborado (plano de prova)” (Silva & Ribeiro, 2002, p. 87); perante as diferentes teorias e modelos que sustentam o modo de ver e de pensar o fenómeno infocomunicacional, manifesta-se uma preferência pela Teoria Sistémica, que radica as suas origens nos estudos de Ludwig von Bertalanffy (1973, 1979);

- O polo técnico, em que o investigador toma contacto, por via instrumental, com a realidade objetivada; capacidade probatória (verificação ou refutação do “contexto teórico”) do dispositivo metodológico (...); destacam-se, neste polo, três operações

maiores: 1ª Observação direta e indireta (de casos e de variáveis); 2ª Experimentação; 3ª Análise/Avaliação retrospectiva e prospetiva (Silva & Ribeiro, 2002, pp. 88-89);

- O polo morfológico em que se assume por inteiro a análise/avaliação e se parte não apenas para a configuração do objeto científico, mas também para a exposição de todo o processo que permitiu a sua construção, relativamente à função de comunicação. Trata-se da organização e da apresentação dos dados (Silva & Ribeiro, 2002, p. 90).

Foi a adoção e adaptação deste dispositivo de investigação qualitativa que proporcionou o conhecimento multidimensional do objeto de estudo deste trabalho, pelo que se descreve, seguidamente, a metodologia de investigação quadripolar adotada (ver figura 1).

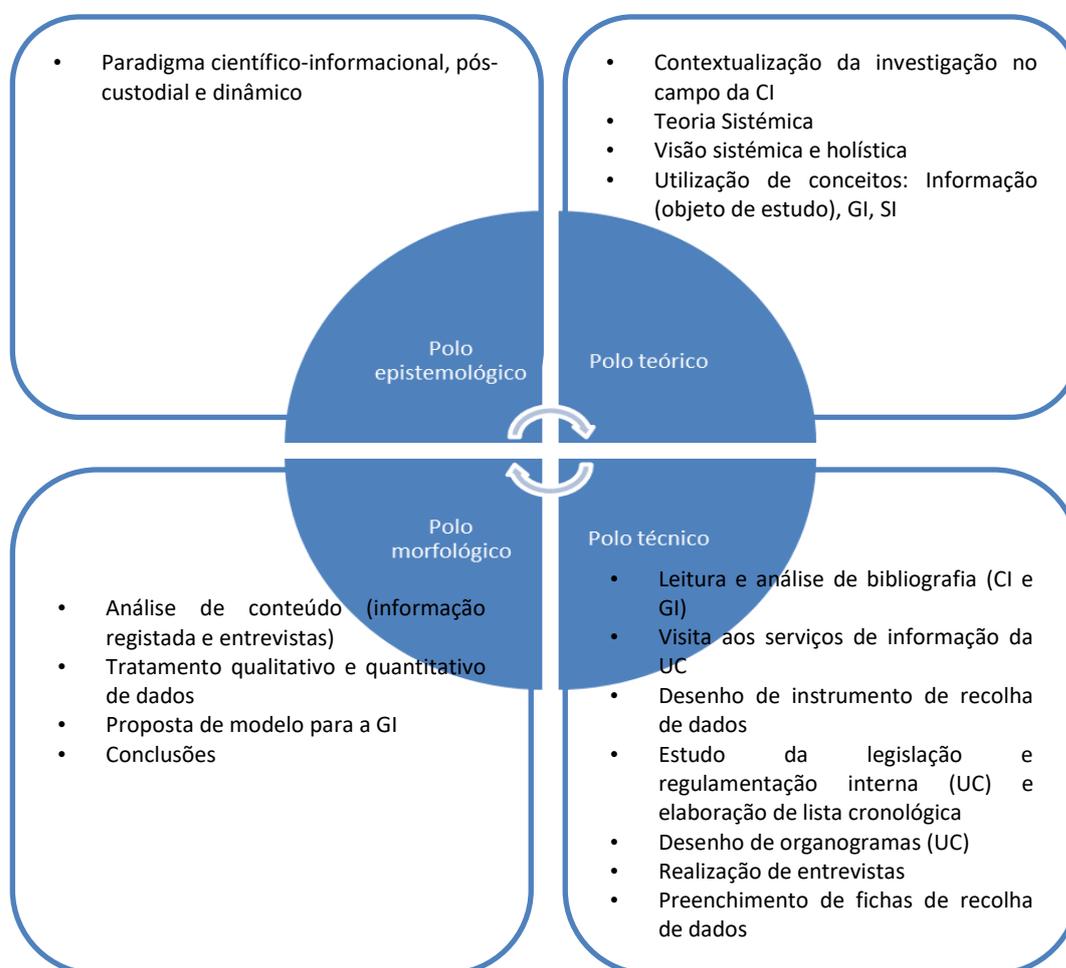


Figura 1: Esquema do método quadripolar de investigação aplicado

Fonte: Elaboração própria.

No polo epistemológico, partiu-se do paradigma científico e pós-custodial, com realce na informação enquanto fenómeno e processo humano e social. No polo teórico,

adotou-se como modelo de abordagem a teoria sistêmica, pois fornece um quadro coerente para a análise da GI. No polo técnico, descrevem-se os procedimentos de análise do SI organizacional selecionado no âmbito do estudo de caso, explicita-se a recolha de dados e, no polo morfológico, apresentam-se os resultados da investigação e a proposta de modelo para a GI, holística e sistêmica, no campo da CI, aplicada ao SI da UC.

Evidenciam-se, assim, as relações dinâmicas entre os quatro polos, com o polo epistemológico a enquadrar os referenciais teóricos, que influenciam o contacto com a realidade operada no polo técnico, o qual determina os resultados do polo morfológico. Continuamente, procurou-se distinguir o “dispositivo metodológico de investigação” (matricial e geral) supramencionado (o método quadripolar) da referência às “metodologias”, técnicas e ferramentas que, sob esse dispositivo, podem ser usadas³.

Existem múltiplas opções metodológicas no momento de desenhar e pôr em prática uma tese de doutoramento. Essa constatação torna difícil a escolha do método de investigação, mas também a eleição dos instrumentos e técnicas de análise. No entanto, é necessário optar, de modo a dar coerência e clareza ao estudo. Em particular, o debate sobre as vantagens e desvantagens de paradigmas qualitativos e quantitativos levou a algum consenso sobre os benefícios de métodos mistos.

O presente estudo enquadra-se, portanto, num processo investigativo do tipo “mixed methods research”⁴ definido como:

(...) a research design with philosophical assumptions as well as methods of inquiry. As a methodology, it involves philosophical assumptions that guide the direction of the collection and analyses of data and the mixture of qualitative and quantitative data in a single study or series of studies. Its central premise is that the use of quantitative and qualitative approaches in combination provides a better understanding of research problems that either approach alone” (Creswell & Clark, 2007, p. 5).

³ Particularmente, e no âmbito da pesquisa qualitativa, as que envolvem a investigação/análise narrativa, a investigação fenomenológica, a etnografia, a *grounded theory* e o estudo de caso (Creswell, s.d., pp. 13-14).

⁴ No desenho de um percurso investigativo que tende a ser quantitativo, qualitativo ou misto, Creswell (s.d., pp. 3, 14-16) associa à tradicional dualidade metodológica (o método qualitativo/investigação qualitativa e o método quantitativo/investigação quantitativa) uma terceira via (*mixed methods/mixed methods research*). Tashakkori e Teddlie (2010, pp. 803-804) referem a expansão, em diversas áreas científicas, desta última via, aludindo à existência de uma comunidade que teve um rápido crescimento nos últimos quinze anos: “(...) is subscribed by an emerging community of practitioners and methodologists across the disciplines. In the process of developing a distinct identity, as compared with other major research communities of researchers in the social and human sciences, mixed methods has been adopted as the fact third alternative, or “third methodological movement”.”

Nesta linha, o(a) investigador(a) “bases the inquiry on the assumption that collecting diverse types of data best provides a more complete understanding of a research problem than either quantitative or qualitative data alone” (Creswell, s.d., p. 19).

Assim, selecionaram-se duas opções para completar o dispositivo metodológico quadripolar adotado:

a) O contributo de uma das metodologias qualitativas utilizada nas Ciências Sociais, a Teoria Fundamentada ou *Grounded Theory* (Glaser & Strauss, 1967), que remete para a ideia de fundamento na especificidade da realidade a investigar; resulta da articulação e relação estabelecida entre a abordagem prática e a formulação teórica envolvendo a descoberta da teoria através da análise de dados (uma técnica analítica), sustentada no pensamento indutivo; compreende os seguintes passos: 1) Formulação da questão de investigação; 2) Amostragem teórica; 3) Registo de entrevistas e contactos; 4) Agrupamento e codificação dos dados; 5) Desenvolvimento de categorias concetuais; 6) Permanente comparação; 7) Análise de significado/interpretação; 8) Desenvolvimento da teoria.

b) O contributo da metodologia Investigação-Ação (action research), que surge na Psicologia Social (Lewin, 1946)⁵, expande-se à Educação (Kemmis, 1980; Van Den Akker, 1999; Reeves, 2006, 2011), e adquire crescente relevo em numerosos campos da investigação social, em geral, e sócio-organizacional, em particular (Whyte, Greenwood, & Lazes, 1991); com aplicação em domínios diversificados, o processo de investigação-ação consiste num modelo de natureza cíclica que incorpora etapas de Planeamento, Ação e Avaliação.

Não cabendo aqui a sua análise detalhada, procurou-se essencialmente compreender e posteriormente explicitar os seus contributos na abordagem da informação/conhecimento explícito e respetiva gestão, de modo a enriquecer a base de referência do dispositivo metodológico quadripolar adotado.

⁵ “In his original contribution, Lewin (1946) also suggested a procedure for doing action research, implying cycles of analysis, fact-finding, conceptualization, planning, and evaluation to be conducted simultaneously to solve problems and generate new knowledge” (Gronhaug & Olson, 1999, p. 9). Na asserção de Lewin, a fase inicial consiste na análise de problemas (*fact finding*), devendo a investigação ser orientada para a ação, focada no(s) problema(s).

Partindo da Teoria Sistémica (Bertalanffy, 1973, 1979) como instrumento interpretativo inserido no polo teórico do referido dispositivo, procurou-se analisar as definições de *Grounded Theory* encontradas na literatura científica e perceber se era, efetivamente, uma *Teoria* ou uma *Metodologia*.

A “Teoria fundamentada” ou *Grounded Theory* surge na década de sessenta do século XX, no âmbito dos estudos sociológicos (Glaser & Strauss, 1967), sendo referenciada sistematicamente pela literatura especializada como um “método/metodologia de investigação”: “A qualitative research method that uses a systematic set of procedures to develop an inductively derived grounded theory about a phenomenon” (Strauss & Corbin, 1998, p. 24); “a qualitative strategy of inquiry in which the researcher derives a general, abstract theory of process, action, or interaction grounded in the views of participants in a study” (Creswell, 2009, pp. 13, 229); “is a methodology that seeks to construct theory about issues of importance in peoples’ lives” (Glaser & Strauss, 1967; Glaser, 1978; Strauss & Corbin, 1998); “is a design of inquiry from sociology in which the researcher derives a general, abstract theory of a process, action, or interaction grounded in the views of participants” (Charmaz, 2006; Corbin & Strauss, 2007, cit. por Creswell, s.d., p. 14)⁶.

A *Grounded theory* apresenta-se como o resultado da articulação estabelecida entre a abordagem prática e a formulação teórica e, apesar da designação como “teoria”, tem vindo a ser referenciada como uma metodologia ou estratégia qualitativa de investigação.

Não sendo orientada para hipóteses ou problemas, a descoberta da teoria realiza-se através da análise de dados (que podem ser qualitativos ou quantitativos), ou seja, a teorização é um ato de construção com certa flexibilidade, aspeto que não é consensual na literatura científica (Mills *et al.*, 2006). Tem suscitado reflexões e críticas, principalmente no que respeita ao seu rigor (Haig, 1995; Suddaby, 2006; Stern, 2007), assinalando-se os desenvolvimentos no sentido da “integração teórica” e da “teoria formal” (Bryant, 2009; Birks & Mills, 2011).

⁶ Sublinhado da doutoranda. Na literatura científica surgem diversas referências à *Grounded Theory* como um método, uma técnica, uma metodologia, um quadro/enquadramento da pesquisa ou um paradigma: “is as a paradigm in terms of what it emphasizes in relation to other paradigms of social research. GT is an approach to research that privileges context (phenomenon) over a priori academic theory” (Levina, 2015, cit. por Walsh *et al.*, 2015, p. 592).

No entanto, Birks e Mills (2011, pp. 113-114) assinalam:

(...) many studies claiming to be grounded theory do not actually generate theory (...) this is often the result of studies not rising above the level of description. In other words, such studies do not demonstrate the capacity to explain phenomena that are the focus of the research (...) this failure is most often a consequence of the researcher struggling with the critical stages of advanced coding and theoretical integration. This later stage of analysis involves processes that are intellectually and emotionally demanding. You will undoubtedly find that integration, or the pulling together of your final theory, is the most difficult part of your research (Strauss, 1987) (...) not all studies aim to generate theory, but those that go beyond descriptive analysis have the potential to add further to what we know of the world and improve our understanding of it (Corbin & Strauss, 2008). Grounded theory is not just a collection of categories that are assembled into a theory (Glaser & Strauss, 1967). Theoretical integration requires the application of advanced analytical strategies in order to raise your analyses to the highest conceptual level possible.

Em síntese, destaca-se sobre esta “teoria”:

GT as originally described by Glaser and Strauss (1967) is open to any type of data. It may be considered as a method, a methodology, a framework, and even more broadly, as a paradigm that can help researchers find new models and develop new theories. However, in my reading, it is closer to a research paradigm than to a technique, a method, or a methodology (Whalsh *et al.*, 2015, p. 594).

Para o objetivo deste trabalho, a “Teoria fundamentada” ou *Grounded Theory* permite que:

- Sem a enunciação de uma hipótese e com uma base teórica se inicie a investigação e a respetiva recolha de dados, através de instrumentos diversificados (observação, conversas informais, reuniões, por exemplo);

- A base de referência fundamental adotada, o método quadripolar, seja potenciada com diversos elementos (consideração explícita do papel do(a) investigador(a) como observador(a) e participante na investigação; assunção da subjetividade inerente aos diversos atores; valorização da compreensão e interpretação dos contextos da ação; contributos (explicativos e prospetivos) acerca de um fenómeno humano e social contextualizado num ambiente de rápidas mudanças) (Pinto, 2016, p. 562).

Para a abordagem qualitativa específica identificada, a análise da metodologia Investigação-Ação permite complementar a base geral sustentada, anteriormente identificada. Partindo da sua designação, é investigação (ou compreensão) e ação (ou mudança)⁷ (Dick, 1993), incrementando um confronto contínuo e dinâmico entre prática e teoria (Rowley, 2003).

As a research process, action research is generally conceived as an iterative and multiphased inquiry. It begins with data gathering and problem diagnosis. Action research then progress to the planning and design of an intervention informed by theorizing about organizational functioning and its implementation. This, in turn, is followed by a period of evaluation which leads to another cycle of problem diagnosis, and so on (Elden & Chisolm, 1993 cit. por Locke & Golden-Biddle, 2002, p. 109).

Esta abordagem metodológica essencialmente prática e aplicada caracteriza-se pelos seguintes aspetos:

- Procura responder às perguntas do “porquê” e do “como” algo aconteceu, estabelecendo-se uma relação de causa e efeito entre duas variáveis;
- Rege-se pela necessidade de resolver problemas reais e não considera a distinção entre o momento de produção do conhecimento (pelo investigador) e o da sua aplicação (pelos profissionais);
- Não dispensa a aplicação de técnicas de investigação que suportam a reflexão realizada, nem a recolha metódica de evidências/dados (através de questionários, entrevistas, estudos de caso, etc.), com vista à produção de um conjunto de conhecimentos práticos, apoiados por uma base teórica.

No que repeita à Investigação-Ação, sob a matriz quadripolar que se continuaria a desenvolver ao longo do percurso investigativo, destaca-se a observação participante, a conceção de propostas de implementação decorrentes do trabalho realizado em contacto com a realidade objetivada e os resultados obtidos, quer para uso interno quer de carácter público (Gomes, 2012a; Gomes, 2013; Marques, Gomes, & Ramos, 2013; Gomes & Ramos, 2014; Marques & Gomes, 2014; Gomes, 2015; Fernández Marcial, Gomes, & Marques, 2015).

⁷ Ação - “to bring about change in some community or organisation or program”; Investigação – “to increase understanding on the part of the researcher or the client, or both (and often some wider community)” (Dick, 1993, p. 6).

No modelo de processo investigativo de base quadripolar desenhado nesta tese, o contributo da metodologia Investigação-Ação verifica-se ao nível específico da componente técnica e instrumental (polo técnico), envolvendo investigador(a) e agentes do domínio em estudo. Acresce ao movimento elíptico que se desenvolve entre os quatro polos (De Bruyne *et al.*, 1974) anteriormente enunciados, uma dinâmica de interação aberta, em torno da problemática da GI, centrada no caso de estudo analisado (a UC).

Assim, o recurso a outros contributos metodológicos foi fundamental para o percurso de investigação da GI em CI, pois este exigia um conhecimento operacional e não podia começar com a tradicional “hipótese”. Em termos da formulação do problema/questão de investigação, é também evidente este aspeto, bem como a interdisciplinaridade que a temática em estudo convoca.

A problemática de investigação que emergiu e se foi objetivando, progressivamente, evidenciava um cenário concomitantemente singular e complexo, como se pode constatar na representação do problema com que se confronta a UC.

Este foco, a que só se chegou em 2012 (ano de conclusão da dissertação de Mestrado em Ciências da Documentação e Informação) deixava antever uma formulação que empiricamente se intuía:

- A informação produzida/recolhida por uma entidade individual ou coletiva, para ser facilmente recuperada e usada, deve ser adequadamente tratada e organizada;
- São as necessidades de informação que determinam o seu uso e este, muitas vezes, conduz a novas necessidades – dinâmica informacional;
- Estudar o modo como as pessoas e as organizações gerem a informação é uma tarefa complexa;
- No contexto organizacional, nem sempre são identificadas as necessidades de informação, o que inviabiliza a desejável articulação entre a informação e os objetivos e estratégias da organização, sem esquecer problemas que redundam em situações de carência diversas, tais como: ausência de identificação das necessidades de informação; existência de informação redundante, duplicada e dispersa por vários suportes; falta de normalização na produção (e mesmo antes, no momento de conceção), na organização e na descrição da informação/documentos; inexistência de avaliação da informação; aumento de custos de manutenção de equipamentos (hardware e software); uso da informação não direcionado à estratégia da organização.

A identificação e delimitação do problema decorrente do processo de investigação foi complementada com o diagnóstico suscitado pela premissa formulada e fixada: Qualquer visão redutora da GI, em contexto orgânico institucional, terá consequências negativas no aproveitamento cabal dos recursos de informação disponíveis e na construção do conhecimento.

Seguiu-se a preparação do enquadramento epistemológico, teórico-metodológico e trabalho empírico. Para tal, foi essencial a identificação, análise e seleção da produção científica e bibliográfica sobre o tema em estudo.

Como principais tipologias informacionais, selecionaram-se artigos em revistas científicas, atas de congressos, monografias, dissertações e teses de doutoramento.

Recorreu-se sobretudo à pesquisa em bases de dados, plataformas e repositórios científicos, em particular: *Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD)*⁸, *DART-Europe E-theses Portal*⁹, *Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP)*¹⁰, *Library, Information Science & Technology Abstracts (LISTA)*¹¹, *Biblioteca do Conhecimento on-line (b-on)*¹², *Scopus*¹³, *Web of Science*¹⁴ e *Dialnet*¹⁵.

⁸ "The Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD) is an international organization dedicated to promoting the adoption, creation, use, dissemination, and preservation of electronic theses and dissertations (ETDs)." Disponível em: <http://www.ndltd.org/resources>

⁹ "DART-Europe is a partnership of research libraries and library consortia who are working together to improve global access to European research theses." Disponível em: <http://www.dart-europe.eu/basic-search.php>

¹⁰ "O portal RCAAP tem como objectivo a recolha, agregação e indexação dos conteúdos científicos em acesso aberto (ou acesso livre) existentes nos repositórios institucionais das entidades nacionais de ensino superior, e outras organizações de I&D. O portal RCAAP constitui-se como um ponto único de pesquisa, descoberta, localização e acesso a milhares de documentos de carácter científico e académico, nomeadamente artigos de revistas científicas, comunicações a conferências, teses e dissertações, distribuídos por inúmeros repositórios portugueses." Disponível em: <https://www.rcaap.pt/>

¹¹ "Library, Information Science & Technology Abstracts (LISTA) indexes more than 600 core journals and more than 80 selective journals. Coverage in this free research database extends as far back as the mid-1960s." Disponível em: <https://www.ebscohost.com/public/library-information-science-and-technology-abstracts-with-full-text>

¹² "A Biblioteca do Conhecimento Online (b-on) disponibiliza o acesso ilimitado e permanente às instituições de investigação e do ensino superior aos textos integrais de milhares periódicos científicos e ebooks online de alguns dos mais importantes fornecedores de conteúdos, através de assinaturas negociadas a nível nacional." Disponível em: <http://www.b-on.pt/>

¹³ "Scopus is the largest abstract and citation database of peer-reviewed literature: scientific journals, books and conference proceedings." Informação disponível em: <https://www.elsevier.com/solutions/scopus>. A consulta da base de dados está disponível em: <https://www.scopus.com/>

¹⁴ "Web of Science (previously known as (ISI) Web of Knowledge) is an online subscription-based scientific citation indexing service maintained by Thomson Reuters that provides a comprehensive citation search. It gives access to multiple databases that reference cross-disciplinary research, which allows for in-depth exploration of specialized sub-fields within an academic or scientific discipline." Informação disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Web_of_Science. A consulta da plataforma está disponível em: <https://login.webofknowledge.com>

Aqui, utilizaram-se várias estratégias de pesquisa, de acordo com a especificidade e peculiaridade de cada base de dados, incluindo a pesquisa por palavras-chave, utilização de operadores booleanos, procura de documentos relacionados e exploração através da bibliografia citada.

A especificidade de cada temática em estudo determinou a necessidade de definir limites, por exemplo, o cronológico, procurando-se assim localizar produção científica recente e atualizada.

Esta tese aborda questões teóricas e práticas, apoiando-se as segundas nas primeiras, para gerar um todo coerente e lógico. Pode-se afirmar que, para cada uma das áreas de interesse, foi localizada abundante literatura científica, tendo esta sido selecionada de acordo com a sua relevância para cada temática.

Com a definição e análise de um caso de aplicação singular – a UC –, procurou-se perceber com detalhe a sua realidade, com vista à definição prospetiva de um modelo de operacionalização da GI. Para o desenho e análise do estudo de caso seguiram-se os procedimentos teóricos e práticos seguidamente enunciados.

O estudo de caso é entendido como uma metodologia ou uma estratégia de investigação, aplicado em diversas áreas científicas, em particular nas Ciências Sociais. Permite refletir e trabalhar o objeto científico no seu contexto real, utilizando múltiplas fontes de evidência ou dados (quantitativos e qualitativos), de modo a abarcar a complexidade de um caso específico que tem interesse em si mesmo: “el objetivo primordial del estudio de un caso no es la comprensión de otros. La primera obligación es comprender este caso” (Stake, 2007, p. 17).

Representa uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando se procura compreender, explorar ou descrever acontecimentos, fenómenos e/ou contextos complexos. Incide intencionalmente sobre um objeto (caso), assenta numa pesquisa intensiva e profunda do mesmo, com ênfase na interpretação e com um forte cariz descritivo.

Robert Yin (2003, p. 13) define o estudo de caso como um método empírico de análise, que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto real e valida uma visão holística das circunstâncias em que o fenómeno a observar decorre.

¹⁵ “Dialnet es uno de los mayores portales bibliográficos del mundo, cuyo principal cometido es dar mayor visibilidad a la literatura científica hispana.” Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/>

Os casos de estudo (individuais ou múltiplos) devem ser selecionados “as a laboratory investigator selects the topic of a new experiment”, e a escolha não deve recair nunca sobre o princípio da procura da *generalização estatística*, pois um estudo de caso não se encontra sujeito a uma amostra do universo¹⁶. Este tipo de estudo caracteriza-se pela *generalização analítica*¹⁷, “in which a previously developed theory is used as a template with which to compare the empirical results of the case study” (Yin, 2008, p. 38).

Yin (2003, 2008) e Stake (1998, 2005, 2007) são dois reconhecidos investigadores que se dedicaram a descrever, sistematizar e sugerir técnicas de organização e condução de um estudo de caso bem-sucedido. Para tal, será necessário começar-se por definir o caso a estudar, as questões base da pesquisa, optar por um estudo singular de caso (single study) ou por um estudo múltiplo de casos (multiple-case study), desenvolver o protocolo de recolha de dados e as técnicas de análise destes últimos.

A recolha de dados realiza-se no contexto em estudo, recorre-se à observação, à descrição do(s) contexto(s), a entrevistas, ao estudo de documentos (ex. normativos, relatórios, atas, planos) seguindo-se a sua análise, interpretação e validação, terminando com um relatório detalhado e inteligível.

É na descrição dos casos e na sua análise que os vários investigadores e, posteriormente, a comunidade científica podem reconhecer o caso em estudo e transpô-lo para outras situações. O estudo de caso permite a passagem do particular para um contexto mais alargado, na medida em que é possível proceder a generalizações que enriquecem o conhecimento de casos e/ou que são propostas e assumidas pelos investigadores, a partir dos resultados obtidos.

Segundo Duarte (2008, p. 114), “o estudo de caso pode ser uma pertinente contribuição para uma problemática e depois continuado num programa de investigação mais abrangente”.

¹⁶ (...) case studies, like experiments, are generalizable to theoretical propositions and not to populations or universes. In this sense, the case study, like the experiment, does not represent a “sample,” and in doing a case study, your goal will be to expand and generalize theories (analytic generalization) and not to enumerate frequencies (statistical generalization) (Yin, 2008, p. 15).

¹⁷ Analytic generalization can be used whether your case study involves one or several cases, which shall be later referenced as single-case or multiple-case studies. (...) you should try to aim toward analytic generalization in doing case studies, and you should avoid thinking in such confusing terms as “the sample of cases” or the “small sample size of cases,” as if a single-case study were like a single respondent in a surveyor a single subject in an experiment (Yin, 2008, p. 39).

Assim, na presente investigação elegeu-se um estudo de caso, respeitados os passos de seleção do objeto de estudo, dos dados a recolher e das técnicas de análise. Adotou-se “an embedded case study design”, uma vez que o estudo de caso individual selecionado (a UC) compreende “multiple levels/units of analyses” (Arquivo, Bibliotecas, Museus, Centros de Documentação – ver figura 2), não se pretendendo estudar “only the global nature” da organização (Yin, 2008, p. 50).

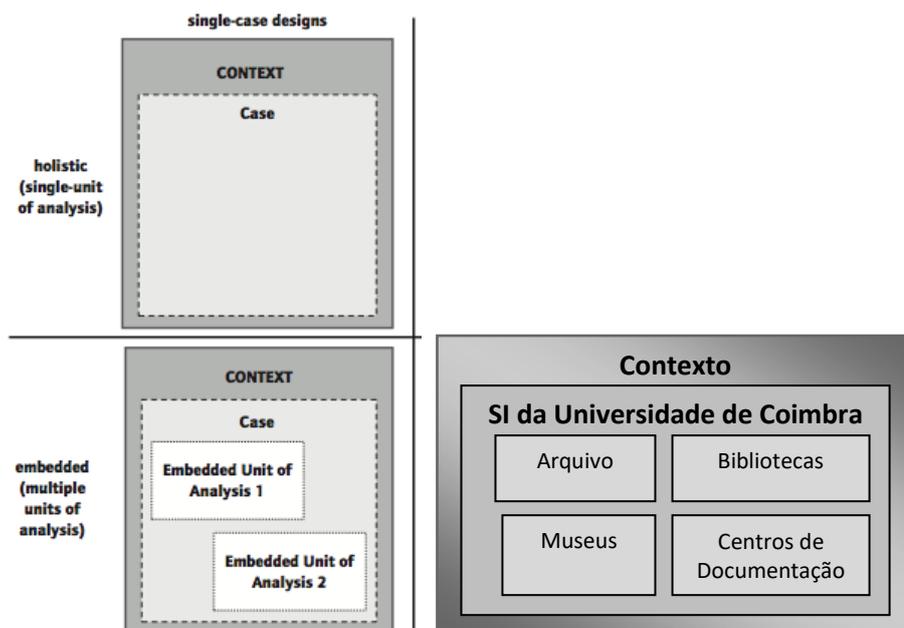


Figura 2: Desenho do caso de estudo individual

Fontes: COSMOS Corporation e elaboração própria.

Feita a determinação de um quadro teórico que sustente a presente investigação, definiu-se a metodologia aplicada no desenvolvimento prático do caso de estudo, de modo a concretizar os seguintes objetivos: compreender a evolução da estrutura orgânica e funcional da UC e estudar/analisar/descrever o respetivo SI.

Para se alcançar o real conhecimento da estrutura orgânica e funcional, bem como da sua articulação com a informação (produzida e recebida), é fundamental levar a cabo um estudo sólido da respetiva organização ao longo do tempo; só através dele se logrará chegar à caracterização do SI na sua globalidade. A pesquisa, seleção e análise dos diplomas legislativos e textos regulamentares foram, pois, suportes essenciais para compreender as mudanças e a evolução da estrutura organizacional, na sua diacronia.

Seguidamente desenvolveu-se a abordagem do SI organizacional e integraram-se nessa análise os serviços de informação representados organicamente na estrutura da Universidade (Arquivo, Bibliotecas, Museus e Centros de Documentação). Neste âmbito procurou-se responder às seguintes questões:

i) Na legislação/regulamentação que modela a estrutura organizacional e funcional da UC, como se estabelece o papel do arquivo, das bibliotecas, dos museus e dos centros de documentação?

ii) O SI da UC é entendido e gerido de forma integrada e transversal à organização, assente numa visão sistémica?

Este percurso suscitou perguntas distintas das habitualmente apresentadas na perspetiva da Gestão, das Organizações e das Tecnologias, a saber:

- Qual a missão e competências dos serviços de informação na UC?
- Quais as políticas orientadoras da ação destes serviços?
- Que informação gerem e que tecnologias usam (acervos analógicos e digitais)?
- Quais as práticas de gestão da informação?
- Qual a sua ação face à informação e repositórios digitais?

Para a obtenção dos dados fundamentais que possibilitassem a análise e discussão de resultados, elaborou-se um instrumento de recolha dos dados (qualitativos e quantitativos) que permitisse alcançar aquele desiderato (ver figura 3).

| Instrumento de recolha de dados | |
|---|--|
| Na folha 1 encontram-se as instruções de preenchimento e nas folhas seguintes registam-se os dados. | |
| | Instruções de preenchimento |
| Identificação | |
| Nome | Designação do Arquivo/Biblioteca/Museu/Centro de Documentação. |
| Enquadramento orgânico na UC | Dependência orgânica: Reitoria/Faculdade/Departamento. |
| Localização | Morada. |
| Endereço página web | Endereço da página web institucional. |
| Horário | Horário de abertura ao público e/ou de funcionamento. |
| Acervo/Coleção | Identificação do acervo/fundo/coleção e dimensão física. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Registar a existência/inexistência de regulamento interno, bem como outros regulamentos relacionados com o funcionamento e/ou serviços. Anexar 1 exemplar. |
| Missão | Missão ou função principal. |
| Atribuições que complementam a missão | Atribuições e competências que complementam a missão identificada. |
| Breve história | Marcos históricos mais relevantes, até à atualidade. |
| Estrutura orgânica interna | Descrever a estrutura orgânica interna. Anexar organograma, se disponível, na página web ou na legislação. |
| Serviços disponibilizados | Identificação dos serviços de apoio ao utilizador e restantes serviços disponibilizados. |
| Perfil do utilizador | Tipos de utilizadores (exemplos: estudantes, docentes, investigadores, funcionários da UC, estudantes e professores de outros níveis de ensino, turistas, comunidade civil, comunidade científica). |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação da informação | Identificar e registar os atuais instrumentos de controlo e recuperação da informação: a) em suporte convencional; b) em suporte digital; c) existência/inexistência de plataforma que permita a pesquisa on-line (ex. plataforma de descrição arquivística, plataforma de descrição museológica, OPAC). Exemplos de instrumentos de controlo e de recuperação da informação: Guia, Cadastro, Inventário, Catálogo, Lista, Índice (em Arquivos e Centros de Documentação); Catálogo (em fichas, impresso ou informatizado), Lista de registos/recursos (em Bibliotecas e Centros de Documentação); Inventário (em Museus). |
| Parte(s) do acervo/fundo bibliográfico/coleção em suporte digital, com ou sem consulta online | Identificar a(s) parte(s) do acervo/fundo/coleção que estão em suporte digital. Registar a existência de Biblioteca digital, Coleção digital, Arquivo digital, parte(s) do acervo em suporte digital. Fazer uma breve descrição do conteúdo. Inserir o link para a consulta/pesquisa on-line. |
| Atividades complementares de difusão da informação | Registar atividades de divulgação/difusão do acervo/fundo/coleção e dos serviços (exemplos: conferências, palestras, debates, colóquios, publicações, visitas de estudo, visitas guiadas, ateliers, dias temáticos, exposições, divulgação de recursos adquiridos, presença em redes sociais, elaboração e disponibilização de recursos informativos acerca dos serviços, disponibilização de ligações a recursos úteis na pesquisa, criação de listas de contatos para divulgação seletiva de informação). |

Figura 3: Instrumento de recolha de dados

Fonte: Elaboração própria.

Este instrumento divide-se em três partes:

- Numa primeira parte, faz-se o registo de elementos que permitam identificar cada uma das unidades que integram o estudo de caso (designação, localização, endereço da página web institucional, enquadramento orgânico na UC, horário e breve identificação do acervo/fundo/coleção);

- Na segunda parte, caracteriza-se internamente os serviços de informação através da identificação da sua regulamentação interna, missão, atribuições/competências que complementam a missão, breve história, descrição da estrutura orgânica interna, serviços disponibilizados e perfil do utilizador;

- Na terceira parte, pretende-se obter dados relacionados com a organização, representação e divulgação da informação (instrumentos de controlo e de recuperação da informação, identificação da(s) parte(s) do acervo/fundo/coleção em suporte digital, com ou sem consulta online, e registo das diversas atividades de difusão).

O conhecimento da realização de um inquérito distribuído no ano 2005 pelas bibliotecas da UC, para recolha de “informação acerca das coleções documentais, recursos humanos e técnicos, utilizadores e serviços prestados” (J. C. Marques, 2006, p. 12), bem como o facto de os resultados obtidos não terem sido considerados satisfatórios¹⁸, determinou a não eleição do mesmo instrumento (inquérito). Acresce, ainda, a esta opção, a proximidade da investigadora com a realidade em estudo, a identificação *a priori* de alguns condicionalismos (possível ausência de algumas respostas, critérios diversos na interpretação dos distintos campos do instrumento de recolha ou na inserção dos dados) e a possibilidade de se estabelecer um contacto direto com todos os serviços.

Assim, optou-se pela elaboração de um instrumento que permitisse uma recolha de dados similar para as diversas partes do SI da UC, a que o presente estudo se refere, realizada nos meses de agosto (2015), janeiro, junho e julho (2016). Posteriormente procedeu-se à sua análise, interpretação e discussão. Os principais obstáculos encontrados na recolha e registo dos dados estão relacionados com a sua dispersão por múltiplas fontes, falta de uniformidade, desatualização pontual e, por vezes, dificuldades na sua disponibilização para esta pesquisa.

¹⁸ “Por contingências de vária ordem (falta de pessoal nalgumas bibliotecas, falta de dados noutras e ainda, em muitos casos, critérios diversos de recolha de dados) os resultados obtidos não foram totalmente satisfatórios” (J. C. Marques, 2006, p. 12).

PARTE I - QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL



1. CONCEITOS OPERATÓRIOS E DOMÍNIO CIENTÍFICO DA INVESTIGAÇÃO

1. Conceitos operatórios e domínio científico de investigação em Ciência da Informação

1.1 Do Documento à Informação e da Informação ao Conhecimento: o conceito de Informação Social

“O conhecimento e a informação converteram-se em recursos estratégicos e transformadores da sociedade pós-industrial, da mesma forma que o trabalho e o capital o foram da sociedade industrial” (Bell, 1991).

“O conhecimento cresce quando partilhado e não se deprecia com o seu uso. Enquanto os recursos materiais decrescem à medida que são utilizados, os recursos do conhecimento aumentam com o seu uso. Ideias geram novas ideias e o conhecimento partilhado permanece com o transmissor, ao mesmo tempo que enriquece o receptor” (Davenport & Prusak, 1998).

“ A informação em sentido objectivo (...) é a expressão de pensamentos científicos, literários e artísticos codificados em bibliotecas e museus, assim como todos os registos da cultura humana” (Popper, 1972).

“ A informação pode ser armazenada em livros, manuais, bases de dados (...). O conhecimento, em contraste, existe apenas numa mente (humana), a mente do conhecedor desse conhecimento” (Devlin, 2000).

Em qualquer abordagem de natureza científica os conceitos são sempre centrais, pois constituem-se como fundamentos para a elaboração de constructos de compreensão dos fenómenos – entre eles, o processo de GI em sistemas de informação complexos – que é o objetivo deste trabalho.

Dado o debate que ocorre no campo da CI, encontram-se definições distintas para os diversos conceitos, notando-se que é na formação coerente da construção de toda a base conceitual que deverá estar focalizado o trabalho inicial do investigador.

A decisão de “dar voz” a vários autores, em momentos distintos, como uma referência aberta no campo e no tempo de debate, permite a amplitude e o alinhamento na discussão dos conceitos e no seu relacionamento.

A disseminação de um termo ou expressão se, por um lado, é sinal da força que as palavras ganham na sociedade, por outro, implica sempre o risco da alteração do(s) sentido(s) originário(s), convindo, por isso, a indispensável clarificação conceitual.

Assim, este capítulo centra-se em torno da noção fundamental de Informação e na explicitação do campo coerente e unitário de abordagem científica que a estuda.

Para o efeito, fez-se a revisão da literatura e apresentam-se as posições de diferentes autores, para se chegar à distinção entre Informação e Documento, e entre Informação e Conhecimento.

A definição dos referidos conceitos e os distintos sentidos com que os termos são empregues dariam, só por si, matéria para muita discussão. Contudo, de modo a tornar inteligível o discurso, no âmbito da problemática em estudo, impõe-se uma análise conceitual mais circunstanciada.

Na verdade, o termo conhecimento parece estar hoje na moda e usa-se, maioritariamente, num sentido que não é distinto de informação. Verifica-se, assim, uma banalização daquele termo, numa aceção que adultera o seu sentido mais genuíno, em que é sinónimo de cognição.

É comumente aceite a ideia de que a compilação e uso da informação conduzem a um incremento de conhecimento, ideia que carece, naturalmente, de uma fundamentação adequada. São também diversas as características apreensíveis a partir das diversas definições do termo informação:

- Na linguagem corrente significa *um facto, uma notícia ou qualquer dado do conhecimento;*
- O sentido original de o termo exprimir a ideia de *pôr ao corrente, informar;*
- É algo de que as pessoas necessitam – uma coisa útil;
- Pode ser trocada com o mundo exterior e não simplesmente recebida;
- As noções de informação e comunicação abarcam realidades próximas e até complementares;
- No discurso corrente, informação e conhecimento equivalem-se muitas vezes;
- É a matéria-prima de que deriva o conhecimento;

- É utilizada em momento de tomada de decisão como um recurso importante;
- Pode ser registada em diferentes suportes;
- É sinónimo de dados do conhecimento registado – *informação documental* (Silva *et al.*, 1999; McGarry, 1984).

Simultaneamente, surgem diversas perguntas acerca da sua natureza: A informação é uma “substância” indefinida ou algo cognoscível? É modelada pela ação humana? É reproduzível? Permite a memorização? Pode ser quantificada? Pode constituir-se como objeto de estudo de uma ciência ou de várias ciências?

Perante estas questões, como se define, então, a Informação? Na verdade, a palavra tem sido definida de múltiplos modos e pontos de vista. O conceito tem uma diversidade de significados, do uso quotidiano ao técnico. No meio de tanta diversidade de definições, numa primeira fase opta-se por, partindo de uma análise etimológica do termo, identificar a utilização do conceito na área científica da CI e afins. Numa segunda fase assume-se uma definição que permita explorar operatoricamente o objeto fixado.

De acordo com José Pedro Machado, informação, do latim *informatione*, consiste num “desenho, esboço; ideia, concepção; representação de uma ideia pela imagem de uma palavra; do sentido de uma palavra pela sua etimologia” (Machado, 1977, p. 295). O “Oxford Latin Dictionary” (OLD) refere-se a informação como “a formation (of an idea), conception” (Glare, 1997, p. 903). Segundo o Dicionário de Houaiss e Villar, informação tem uma multiplicidade de significados:

acto ou efeito de informar(-se) 1 comunicação ou recepção de um conhecimento ou juízo 2 o conhecimento obtido por meio de investigação ou instrução; esclarecimento, explicação, indicação, comunicação, informe 3 acontecimento ou facto de interesse geral tornado do conhecimento público ao ser divulgado pelos meios de comunicação; notícia 4 em âmbito burocrático, esclarecimento processual dado ger. por funcionário de apoio à autoridade competente na solução ou despacho de requerimento, comunicação etc. 5 informe escrito; relatório 6 conjunto de actividades que têm por objectivo a colecta, o tratamento e a difusão de notícias junto do público (...) 7 conjunto de conhecimentos reunidos sobre determinado assunto (...) 12 interpretação ou significado dos dados 13 produto do processamento de dados (...) (Houaiss & Villar, 2005, pp. 4633-4634).

No contexto dos STI, pode ser definida da seguinte forma:

Information is a property of data resulting from or produced by a process performed upon

the data. The process may be simply data transmission (in which case the definition and measure used in communication theory are applicable); it may be data selection; it may be data organization; it may be data analysis (Hayes, 1986, p. 368).

Le Moigne propôs a seguinte definição para informação: “objecto formatado criado artificialmente pelo homem, tendo por finalidade representar um tipo de acontecimento identificável, por ele, no mundo real” (Le Moigne, cit. por Zorrinho, 1991, p. 43). Para David e Owen, citados por Zorrinho (1991, p. 43), “informação são dados processados numa forma adaptada ao meio de processamento, com valor real e perceptível na tomada de decisões correntes e prospectivas”. Tendo em conta o que um e outros enunciam sobre o conceito de informação, conclui-se que se está perante duas definições com ligação a uma matriz tecnológica, e por isso mesmo, redutoras.

A definição de informação no *Harrod's librarians' glossary* (1989, p. 381) é uma das mais objetivas e consensuais, enquanto objeto de interesse dos cientistas da informação: “an assemblage of data in a comprehensible form recorded on paper or some other medium, and capable of communication”.

Do ponto de vista conceitual, Buckland estabelece 3 aceções para este conceito e releva o carácter tangível da informação, tratando-a “como coisa”, “como conhecimento”¹⁹ e “como processo”²⁰, e propõe a primeira como a noção de informação pertinente para o seu estudo em sistemas, no âmbito da CI: “Information-as-thing: The term “information” is also used attributively for objects, such as data and documents, that are referred to as “information” because they are regarded as being informative” (Buckland, 1991, p. 351).

De acordo com este autor, a informação como conhecimento tem um carácter intangível, pois não é possível tocar ou medi-la de uma forma direta e para ser comunicada tem de ser representada através da forma física.

Barreto afirmou que “são as definições – que relacionam a informação à produção de conhecimento no indivíduo – as que melhor explicam a natureza do fenómeno”, pois “aqui a informação é qualificada como um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo” (Barreto, 1994, p. 3).

¹⁹ “‘Information’ is also used to denote that which is perceived in ‘information-as-process:’ the ‘knowledge communicated concerning some particular fact, subject, or event ...’ (Buckland, 1991, p. 351).

²⁰ “When someone is informed, what they know is changed. In this sense “information” is “The act of informing...” (Buckland, 1991, p. 351).

Le Coadic (1996, p. 5), por sua vez, definiu informação como sendo:

(...) um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual. A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Essa inscrição é feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação.

O impacto generalizado da *Teoria Matemática da Comunicação*²¹, inadequadamente designada *Teoria da Informação*, de Claude Shannon e Warren Weaver (1949) contaminou o esforço definitório de informação, facto que McGarry²² (1984, p. 18) confirma:

A perspectiva da teoria da comunicação é eleita do engenheiro de telecomunicações. Grosseiramente, a informação é concebida como o oposto da incerteza e medida do imprevisto da mensagem e da incerteza assim reduzida. Mas é apenas uma quantidade e não especifica significado, utilidade, veracidade, existência de facto histórico ou propósito. Enfim, nada tem a ver com o significado duma mensagem.

Rodríguez Bravo (2002, pp. 41-74) apresenta uma sistematização do conceito que comprova a infinidade de definições existentes. Segundo Anthony Wilden, “o conceito de informação alarga-se hoje a dois sentidos recentemente surgidos e relativamente específicos” (Wilden, 2001, p. 11):

1. Um primeiro sentido é “estritamente técnico ou tecnológico, cingindo informação a uma quantidade mensurável em bit (binary digit), conhecida como a informação métrica da teoria clássica da informação (combinatória e estatística) de Claude Shannon” (Wilden, 2001, p. 11). Este sentido de informação é o que é utilizado pela informática. Neste contexto, Middleton (1999) afirma que “a informação é o resultado do processo de assimilação e compreensão dos dados”.

²¹ “En la teoría de Shannon y Weaver la cantidad de información contenida en un mensaje se define en función de la frecuencia relativa de utilización de los diferentes símbolos que lo componen (...). El problema está en la transición de los símbolos del mensaje que entró a los del mensaje que salió. Esta posibilidad de imperfección se llama ruido. (...) La principal objeción que desde el primer momento presentó su Teoría matemática de la Comunicación fue la de no considerar los aspectos relativos al significado de los mensajes” (...) (Moreiro González, 2002, pp. 274-275).

²² K. J. McGarry enumera no seu livro algumas definições de informação, numa tentativa de formatar realidades e fenómenos diversos debaixo do mesmo termo/conceito.

2. Um segundo sentido remete para uma abordagem diferente, “que pode, porém, servir-se da primeira nos casos em que seja aplicável”, que “conserva, muito mais do que o sentido métrico ou quantitativo, o significado quotidiano do termo informação”²³ e é “sempre qualitativo antes de ser quantitativo” (Wilden, 2001, p. 11).

Nesta segunda linha considera-se que a informação é produzida, memorizada, transformada e recuperada dinamicamente, isto é, em processo; refere-se à informação como um fenómeno humano e social; identifica-se um objeto científico:

(...) conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidireccionada” (Silva & Ribeiro, 2002, p. 37).

Na definição transcrita, o termo informação patenteia um pressuposto importante e distinto do perfilhado por Wilden (que procurou abarcar todos os sentidos e aplicações, sem uma análise crítica ou opção face à variedade); fica ancorado a um *conceito operativo* criado “para caracterizar um fenómeno e um processo que implica o ser humano enquanto ser situado num contexto natural e em permanente relação consigo e com o outro” (Silva, 2003, pp. 37-38).

Concordando com Silva (2006b, p. 351), “se não soubermos o que é a informação a C.I. não passará nunca de um mero equívoco académico e de um artifício corporativo ao serviço de determinado grupo sócio-profissional”.

Durante muito tempo, o desenvolvimento da CI baseou-se em conceitos dúbios e polivalentes, mencionando-se como exemplos o caso das palavras informação, conhecimento e comunicação. Assinala-se também a importância da relação entre a referida ciência, as tecnologias da informação e a sociedade, que acabou por assumir o seu nome transformando-se em *Sociedade da Informação* (Castells, 2002-2003).

²³ “A informação apresenta-se em estruturas, formas, modelos, figuras e configurações; em ideias, ideais e ídolos; em índices, imagens e ícones; no comércio e na mercadoria; em continuidade e em descontinuidade; em sinais, signos, significantes e símbolos; em gestos, posições e conteúdos; em frequências, entonações, ritmos e inflexões; em presenças e ausências; em palavras, em acções e em silêncios; em visões e silogismos. É a organização da própria variedade” (Wilden, 2001, p. 11).

Na reflexão e debate sobre o papel do conhecimento na “Sociedade em Rede em que nós vivemos” (Castells, 2005, p. 19) não pode ignorar-se a necessária análise do seu papel político e social ou considerar-se a sociedade como se ela fosse homogênea.

O conhecimento tornou-se peça chave para entender a própria evolução das estruturas sociais, políticas e econômicas de hoje. Fala-se muito, hoje, em sociedade do conhecimento, às vezes com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento, devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e a manipulação de dados, muito mais do que a generalização da oportunidade de criar conhecimento. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional (Gadotti, 2005, pp. 45-46).

Por isso, é importante perguntar: O que é conhecimento? Como se processa o ato de conhecer?

As diferenças entre conhecer²⁴ e conhecimento²⁵ não são apenas de ordem morfológica – verbo e substantivo. Conhecer está diretamente relacionado com a experiência de todos os seres vivos, significa “aprender a conhecer, procurar saber, tomar conhecimento de, reconhecer; perceber e incorporar à memória (algo); ficar a saber; adquirir informações sobre (...)” (Houaiss & Villar, 2005, p. 2303).

José Pedro Machado assinala a origem etimológica de conhecer:

Do lat. *cognoscere*, «aprender a conhecer, procurar saber, tomar conhecimento de; estudar, aprender; reconhecer *alguém ou alguma coisa que já se conhecia*; juríd., instruir um processo, uma causa; conhecer, ter comércio, ter relações ilícitas com»; a evolução *conhocer* > *conhecer* deve-se possivelmente a influência da terminação dos verbos incoativos, como *guarecer*, *guarnecer*, *padecer*, *parecer*, etc. (...) alguns livros citam *conhescer*, que não documentam convenientemente (...) Poderíamos, talvez, pensar nesta evolução: lat. *cognoscere* > *conhoscer* > *conhocer* > *conhecer* (...) (Machado, 1977, p. 209).

²⁴ Do “port. ant. *conhocer*, este do lat. *cognósco*, *is*, *óvi*, *ítum*, *cognoscere*. Palavra formada pelo elemento de composição -gno- “com ramificações em lat. e em gr.; a cognação gr. está representada em vern. por agn-, gnom(o)-, gnomon-, -gnose, gnoseo-, -gnosia, -gnósico, gnósio-, gnoso-, -gnosta e -gnóstico, (...) a lat., der. do v. incoativo *nósco* (antigo *gnósco*, atestado pelos gramáticos e pelas inscrições), *is*, *nóvi*, *nótum*, *nóscère*” (Houaiss & Villar, 2001).

²⁵ Palavra formada por sufixação a partir do verbo *conhecer*, “de orig. lat. vulgar -mentu, formador de substantivos der. de verbos, tornado extremamente fecundo, com as term. -amento em verbos da 1ª conj. e -imento em verbos da 2ª e 3ª conj.” (Houaiss & Villar, 2001).

O OLD define este termo como:

1a: To get to know (= to know); learn, find out (facts, etc.)... 2: To find to be; 3. To acquire a knowledge of, study, master, learn (a subject, etc.)...; 6: To have experience of, get to know (persons; also places); 7: To become aware of, discern, detect, see; 7b: to have evidence of, come across, meet, find; 8a: To recognize (a person or thing one already knows; 8b: to acknowledge, recognize (Glare, 1997, p. 1690).

Citando Paulo Freire, Gadotti (2005, p. 46) afirma:

Conhecer é construir categorias de pensamento, é «ler o mundo e transformá-lo». Não é possível construir categorias de pensamento como se elas existissem *a priori*, independentemente do sujeito que conhece. Ao conhecer o sujeito reconstrói o que conhece.

Para González Suárez (2011, p. 111) conhecer é averiguar “mediante las facultades mentales la naturaleza, las cualidades y las relaciones de las cosas, (...) [e] tiene como resultado el conocimiento, es decir, la acción y el efecto de conocer”. Le Coadic (1996, p. 5) refere:

Um conhecimento (um saber) é o resultado do ato de conhecer, ato pelo qual o espírito apreende um objeto. Conhecer é ser capaz de formar a idéia de alguma coisa; é ter presente no espírito. Isso pode ir da simples identificação (conhecimento comum) à compreensão exata e completa dos objetos (conhecimento científico). O saber designa um conjunto articulado e organizado de conhecimentos a partir do qual uma ciência - um sistema de relações formais e experimentais - poderá originar-se.

De acordo com Gadotti (2005, p. 46), a educação alicerça-se no conhecimento e este na ação humana. “Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie”.

Neste âmbito, Silva (2003, p. 31) afirma que:

(...) o conhecer prende-se com a cognição e com os processos cognitivos, podendo distinguir-se deles. E ao prender-se com a cognição mergulha raízes nas "entranhas" da irracionalidade humana, no universo desconhecido, fantástico e fascinante das emoções posto recentemente em evidência por psicólogos, como Daniel Goleman (Goleman, 1996), ao postularem a inteligência emocional e pelos neurocientistas, como António Damásio,

ao proclamarem o erro de Descartes (Damásio, 1995), ou seja, a impossibilidade de separar espírito do corpo, de separar emoção, razão e cérebro humano (...).

Uma análise sucinta das várias definições patenteadas permite afirmar que existe alguma confusão entre os termos informação e conhecimento, ou seja, na palavra eleita e usada para traduzir cada conceito. A etimologia é clara, o significado atribuído a cada termo é que é diverso e gerador de equívocos.

Na área científica deste trabalho, entende-se, assim, a Informação como um fenómeno humano e social, que deriva de um sujeito (que conhece, pensa, emociona-se) e que interage com o mundo que o rodeia. O processo comunicacional (capacidade humana de comunicação) não pode acontecer sem as mensagens, os conteúdos, ou seja, a informação. Esta precede a Comunicação, pois tem uma existência anterior e autónoma, embora entre ambas exista uma inter-relação.

Para ser comunicada, a informação adquire a forma de documento, mas não se confunde com este. É, pois, fundamental perceber a diferença entre o conteúdo e o continente, ou seja, entre o suporte e a informação registada nele. É usualmente aceite que o registo num suporte é algo que acontece *a posteriori*, isto é, depois de a informação já existir na mente do ser humano (que tem como fonte e suporte o próprio corpo), pois inclui-se já no processo de comunicação.

Assim, por documento entende-se a “informação registada num suporte humano e material/tecnológico” (Silva, 2006a, p. 145). Esta definição permite, igualmente, estabelecer a distinção entre Informação e Documentação (ou informação registada), uma vez que o segundo termo corresponde ao registo num suporte exterior ao sujeito produtor da informação.

Bertram Brookes (1980) exprime a passagem de um estado de conhecimento $k(S)$, para novo estado de conhecimento $K(S+\delta S)$, através de um acréscimo de conhecimento δK , resultante de um incremento de informação δI sobre $k(S)$ e, em δS temos o efeito dessa modificação no estado inicial de conhecimento. Trata-se de uma fórmula que evidencia uma visão empírica e evolucionista de conhecimento, um interessante esforço formal mas infrutífero no plano científico devido à

(...) impossibilidade, à luz do construtivismo piagetano (e seus sucedâneos) e das pesquisas em curso das neurociências, de distinguir conhecimento explícito ou

comunicado/transmitido (diferente de cognição e de processos neurocerebrais) de informação, muito simplesmente porque ambos os termos/noções correspondem ao mesmo fenómeno humano e ao mesmo processo social (Silva, 2006b, p. 341).

Assinala-se, por último, a indispensável distinção entre cognição e informação/conhecimento explícito. É fundamental a compreensão da diferenciação existente entre os processos da cognição humana e os seus produtos (o conhecimento ou a informação). Por exemplo: o sujeito que lê um documento legislativo ou um relatório técnico, cujo conteúdo desconheça, vai naturalmente aumentar o seu saber/informação/conhecimento; isso, porém, não é suficiente para que esse aumento interfira diretamente na dimensão cognitiva, facto que, se acontecesse, permitiria gerar um novo conteúdo sobre a mesma temática.

De acordo com Fernández Marcial (2006, p 46):

El alcance de los conceptos información y conocimiento ha permanecido durante muchos años en un estado de pacífica convivencia, aspecto que esencialmente se debe a la difusión y aceptación de la línea o espectro del conocimiento o *Knowledge Spectrum* (Debons, et al., 1988). Pero esta situación se ha modificado en parte debido al nacimiento de la gestión del conocimiento que ha incidido en la necesidad de revisar, matizar y puntualizar estas diferencias.

De facto, as diferenças entre Informação e Conhecimento são acentuadas quando o termo "gestão" qualificar ambos os conceitos, o que ocorre tanto a nível da investigação teórica como ao nível da componente aplicacional.

1.2 Do estudo do objeto científico ao conceito de Sistema de Informação

Por todos é reconhecido o valor adquirido pela informação e pelo conhecimento no novo cenário económico, social e político do século XXI, bem como o potencial transformador e enriquecedor que está subjacente à utilização das TIC em todos os aspetos da vida.

Numa abordagem concetual (em natural conexão com a abordagem teórica), a CI encontra-se ligada ao conceito de sistema e à teoria e pensamento sistémicos, pelo que importa explicitar e compreender as suas aplicações e o próprio conceito de Sistema de Informação (SI)²⁶, distinguindo-o do conceito Sistema Tecnológico de Informação (STI).

De modo a entender-se a articulação do conceito de sistema com a aplicação do pensamento sistémico ao fenómeno e processo da Informação convém identificar-se as diferentes teorias e modelos que podem enquadrar a trajetória investigativa.

Como ponto de partida consideram-se, aqui, as que sustentam o modo de ver e interpretar o fenómeno/processo informacional: o *Estruturalismo*²⁷ ou perspectiva estruturalista (Laroche, 1971; Saussure²⁸, 1977; Jerphagnon, 1979; Sanchez-Bravo Cenjor,

²⁶ Face à necessidade de clarificar o entendimento do conceito de SI em CI, a investigação realizada no decurso desta tese e, em particular, neste ponto 1.2, permitiu a publicação de um artigo que aborda, numa perspetiva teórica e metodológica, os SI complexos (Fernández Marcial, Gomes, & Marques, 2015).

²⁷ O estruturalismo, de acordo com o verbete do Dicionário das grandes filosofias (Jerphagnon, 1979, p. 119), não é uma teoria filosófica mas uma tendência de pensamento contemporâneo para elucidar todas as formas da cultura humana a partir do conceito de estrutura, tal como fazem os lógicos ou os linguistas. Embora o trabalho “Cours de linguistique générale” de Ferdinand de Saussure seja geralmente considerado um ponto de partida, o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1962) é usualmente apontado como o responsável pela adoção para as ciências sociais do conceito de estruturalismo. De um modo genérico, designado por uns como uma abordagem geral com muitas variações e, por outros, como corrente de pensamento nas ciências humanas (que se inspirou do modelo da Linguística e que apreende a realidade social como um conjunto formal de relações), o estruturalismo procura explorar as inter-relações (as estruturas) através das quais o significado é produzido dentro de uma cultura. Como exemplos de aplicação teórico-prática do estruturalismo ao campo informacional pode-se citar o estudo de António Sanchez-Bravo Cenjor (1992) sobre a estrutura da informação periodística e o ensaio de Carlo Laroche (1971) em torno da noção de fundo arquivístico.

²⁸ Saussure, linguista e filósofo suíço, considerava a Linguística como um ramo da ciência mais geral dos signos – a Semiologia. Os seus conceitos serviram de base para o desenvolvimento do estruturalismo no séc. XX. A sua obra póstuma – “Cours de linguistique générale” - publicada em 1916 por Charles Bally e Albert Séchehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, é considerada um marco na Linguística Moderna, com a fase estruturalista dos estudos da linguagem, que acabaram por influenciar outras ciências humanas. Propunha abordar qualquer língua como um sistema, no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais. O conjunto de relações forma a estrutura. Elege a língua, em oposição à linguagem, como objeto central da Linguística. Introduziu os termos diacronia (estudo da história da língua) e sincronia (estado da língua) e caracterizou a linguagem como um sistema de signos (Saussure, 1977).

1992), a perspectiva cognitivista (Ingwersen, 1992), a *Teoria da Informação Psicológica* (Lussato, 1995), a *Teoria da Situação*²⁹ (Devlin, 2000) e a teoria e pensamento sistémicos (Bertalanffy, 1973, 1979; Mella, 1997; Silva & Ribeiro, 2002).

No campo da Informação é facilmente verificável que as abordagens sistémicas têm tido uma significativa preferência por parte de vários autores, particularmente na área da conceção de sistemas tecnológicos de informação (Carvalho, 2000), no domínio da Biblioteconomia (Molina Campos, 1995) e também no da Arquivística (Arévalo Jordan, 1987; Jardim, 1995; Silva *et al.*, 1999).

Elege-se assim, de entre as supracitadas teorias, a Teoria Sistémica (TS) que, com as suas origens radicadas nos estudos de Ludwig von Bertalanffy, desenvolvidos a partir dos anos vinte do século passado, congrega uma visão holística e adequa-se ao domínio complexo da Informação.

Bertalanffy (1973, p. 84; 1979, p. 36 e seg.) definiu um sistema “como um complexo de elementos em interação”, um todo organizado unitário formado por elementos interdependentes, que está rodeado por um meio exterior, uma definição com uso nas diversas ciências, tecnologias e domínios da ação humana e social.

Segundo a doutrina científica aplicável a todos os sistemas em geral – a Teoria Geral dos Sistemas (TGS)³⁰ – pode-se falar de sistemas *físicos* e *abstratos* (quando as relações são ou não mensuráveis fisicamente), de sistemas *naturais* e *artificiais* (quando derivam ou não de um ato consciente do ser humano). Do ponto de vista metodológico,

²⁹ Esta teoria parte da ideia básica de que a informação é transmitida em situações. Para Jon Barwise e John Perry (Barwise, 1999, p. 94) há uma ligação embrionária entre o conceito de informação e o de linguagem, o significado é construído através de relações especiais estabelecidas entre diferentes tipos de situações, sendo esta a única forma pela qual se constitui o significado linguístico. Para o matemático Keith Devlin (Devlin, 2000, pp. 57-58), “a informação depende do contexto. Não apenas ligeiramente, mas de um modo significativo e essencial. Com efeito, a chave para obter informação encontra-se sempre no contexto e não na representação”.

³⁰ Teoria formulada pelo biólogo alemão, Ludwig von Bertalanffy, ao procurar um modelo científico explicativo do comportamento de um organismo vivo. O autor ficou intrigado com as lacunas existentes na pesquisa e na teoria da biologia e defendeu uma “concepção organísmica (...) que acentuasse a consideração do organismo como totalidade ou sistema”. Bertalanffy parte da abordagem orgânica da biologia, assumindo que o organismo (sistema) é um todo maior que a soma das suas partes (elementos). Nesta concepção, “é necessário estudar não somente partes e processos isoladamente, mas também resolver os decisivos problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação das partes, tornando o comportamento das partes diferente quando estudado isoladamente e quando tratado no todo”. Esta mesma tendência aparece na psicologia da Gestalt e noutras disciplinas da ciência contemporânea, “aparecem “sistemas” de várias ordens, que não são inteligíveis mediante a investigação das suas respectivas partes isoladamente” (Bertalanffy, 1973, pp. 29, 53, 60-61). A TGS desenvolveu-se e teve uma aplicação generalizada, pelo que diversos autores consideram mais apropriado falar em “pensamento sistémico”, o qual é, sobretudo, um modo de conceber a realidade.

pode-se classificar os sistemas em *fechados* (com variáveis endógenas e leis de tipo absoluto, pois o seu comportamento não está sujeito à influência de variáveis externas) e *abertos* (em que nenhum aspeto do seu comportamento é estritamente determinado a partir de dentro).

Ao tentar-se aplicar esta classificação ao campo específico da Informação, verifica-se que esta se estrutura em sistemas híbridos: temos relações mensuráveis fisicamente e outras que não o são, a informação deriva de um/vários acto(s) conscientes do ser humano, sendo empiricamente observável que os SI com uma máxima organicidade pressupõem também funcionalidade (uso interno da informação e, posteriormente, uso externo), admitindo uma certa abertura ou influência de variáveis externas; logo, não é linear a dicotomia entre sistemas fechados e abertos.

Tendo na sua génese os estudos desenvolvidos por Bertalanffy, Emery, Rapoport, Einberg e outros, a referida TGS assenta numa visão holística, isto é, numa “concepção, nas ciências humanas e sociais, que defende a importância da compreensão integral dos fenómenos e não a análise isolada dos seus constituintes” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013).

Num estudo sobre o conceito e pensamento sistémico³¹, Piero Mella (1997, p. 12) refere que um sistema pode ser descrito “solo si possono comprendere alcuni elementi fondamentali: la struttura, l’organizzazuine, la rete dei processi attuabili, i programmi operativi che dirigono quei processi, l’ambiente e le interazioni ambientali”; para o definir é necessário entender a estrutura como um complexo unitário formado por uma pluralidade de elementos relacionados entre si, de modo a que:

- a) apresente características próprias;
- b) o estado de cada elemento dependa pelo menos de um outro e acabe condicionado pela estrutura toda;
- c) esta, se assumir ou modificar o próprio “estado”, afeta os seus elementos, assumindo cada um deles um dado estado ou sofrendo uma modificação de estado;
- d) todos os elementos são necessários para formar aquela estrutura (Mella, 1997, p. 25).

³¹ Para Piero Mella (1997, p. 11), na raiz do sistema e do pensamento sistémico encontra-se uma lógica própria que faz derivar todos os fenómenos, ações e dados “da processi svolti da sistemi, secundo programmi, supportati da un data struttura, tenendo conto della loro storia e del modo in cui sono accoppiatti all’ambiente”. Segundo este autor, o *system thinking* é uma disciplina cognitiva que, adotando a visão holística, propõe evitar os erros das observações e das compreensões da realidade humana, natural ou social.

Destas asserções infere-se que o sistema abrange a noção restrita de estrutura; toda a estrutura é, simultaneamente, estruturada (o seu estado deriva dos elementos integrantes) e estruturante (o seu estado condiciona o dos elementos) (Silva & Ribeiro, 2002, p. 95). Estrutura e sistema, noções não coincidentes³², correspondem ambas a uma conceção que resulta da observação de estados ou situações e elementos interrelacionados.

Um sistema não existe na realidade mas é definido como tal por um(a) observador(a) que “attribuisce significato agli stati assunti da una struttura” (Mella, 1997, p. 26). Pode ser definido enquanto estrutura observada como uma unidade durável (caraterizada pelo próprio estado/situação e elementos integrantes/condicionados); “não sendo uma estrutura o sistema pressupõe, possui ou integra uma estrutura duradoura com um fluxo de estados no tempo” (Silva, 2006a, p. 161).

Para que se torne compreensível a aplicação do pensamento sistémico, bem como a classificação dos sistemas, é importante partir da identificação de três caraterísticas constitutivas do sistema (Mella, 1997, p. 28):

1ª – o sistema deve ser observável como uma unidade durável (visão sintética) com significado próprio (macro) a fim de, na conjugação dos seus elementos, parecer novo e emergente;

2ª – todos os elementos do sistema (micro) compõem uma estrutura estruturante e estruturada, na qual cada elemento contribui para a existência da estrutura mas subordinada ao próprio estado da existência do sistema (visão analítica);

3ª – há uma correlação permanente (feedback micro-macro) entre a unidade (totalidade) e os elementos (partes): por um lado, o sistema torna-se uma unidade na multiplicidade dos seus componentes; por outro, as partes perdem, no sistema, a sua individualidade, tornando-se igualmente essenciais na formação da unidade.

Ainda segundo Mella (1997, p. 30), para a classificação dos sistemas considera-se que, um sistema formado por outros sistemas é um *supersistema*; um sistema que se individualiza no interior de um sistema mais amplo é um *sistema parcial ou subsistema*; o

³² Um sistema “non è una struttura ma pressuppone una struttura durevole che presenta un flusso di stati nel tempo” (Mella, 1997, p. 26).

macrossistema “ambiente”, em sentido amplo, identifica-se quando o sistema e o ambiente se interpenetram³³.

É igualmente pertinente indicar que os sistemas distribuem-se por duas grandes classes, atendendo à sua natureza e significado: os organizados ou operatórios (com uma estrutura formada por órgãos, como por exemplo, o corpo humano ou um automóvel) e os não organizados ou combinatórios (com uma estrutura gerada por elementos análogos pelos quais se reconhecem relações organizativas, por exemplo, a população). Na primeira classe referida anteriormente, podem-se ainda identificar subclasses³⁴: os *sistemas dinâmicos, os fechados e abertos, os naturais e artificiais, as redes modulares, os autopoieticos, o sistema geral e os cognitivos conscientes*.

No capítulo final do seu livro, Mella (1997) considera o *system thinking* como uma disciplina cognitiva que, assumindo a visão holística, propõe evitar os erros das observações e das compreensões da realidade humana, natural ou social – passando da mera descrição dos tipos de modelo sistémico que conferem inteligibilidade à realidade para um plano mais abrangente, o da visão holística do mundo que implica uma orientação sistémica do pensamento.

Considera-se, pois, que a teoria e pensamento sistémicos aplicados de modo amplo e instrumental ao universo complexo da informação (dinâmica, fluída, interativa com o contexto de produção, uso e comunicação), indissociável da complexidade humana e social, permitem explicitar o fenómeno/processo informacional.

De acordo com Bunge (1995, p. 7), “el enfoque sistémico invita a estudiar la composición, el entorno y la estructura de los sistemas de interés”.

Para abordar um SI, é também necessário considerar as teorias que versaram o seu estudo, sendo uma das mais relevantes o modelo cibernético ou matemático. Sobre este modelo, Carreras Gargallo (1984, p. 4) indica “que el modelo cibernético es sencillo,

³³ Para individualizar um sistema é necessário especificar-lhe os limites, ou seja, definir o que pertence à estrutura, concluindo-se que o ambiente interno é configurado pela estrutura e o que estiver fora do sistema é o seu ambiente externo (Mella, 1997, p. 30).

³⁴ Para caracterizar, em traços breves, cada uma das subclasses de sistemas pode consultar-se Silva & Ribeiro (2002, pp. 97-101). Para uma leitura mais extensiva sobre os diversos tipos e particularidades dos sistemas abertos e fechados ver Mella (1997, pp. 53-88). Sobre os sistemas autopoieticos pode ver-se o estudo de Maturana (1981). Sobre o sistema geral, deve-se ter em conta o contributo de Jean-Louis Le Moigne (1993, p. 58), que o define e considera como um modelo genérico de referência de todas as observações sistémicas.

se centra en el funcionamiento del sistema y sustituye a los antiguos modelos estableciendo relaciones circulares entre las partes”.

Brilloun, em 1959, (cit. por Carreras Gargallo, 1984, p. 8) expressou a relação entre ordem e desordem da seguinte forma: “la organización viva supone la construcción en el tiempo de un orden informacional en aparente contradicción con un principio de desorden que se difunde en el tiempo”. Esta afirmação mostra que, sob os princípios da *teoria da informação*, é precisamente na ausência de organização de um sistema que se alicerçam as bases de uma nova organização.

Carreras Gargallo (1984, p. 10), citando Henry Atlan, afirma:

(...) el orden nace del desorden y se alimenta de él. La información y el ruido no son categorías antagónicas sino mutuamente interrelacionadas. La información tiene lugar en la medida en que comienza a organizar un ruido desordenado y aleatorio. Y es información, en cuanto se opone a este medio del que nace. Pero va más lejos en tanto intenta demostrar que el desorden es organizador.

Apesar das vantagens que o referido modelo apresenta, este tem limitações, pois “se centra en el funcionamiento del sistema pero no en su origen ni en los posibles cambios y los problemas que estos acarrear” (Carreras Gargallo, 1984, p. 4). Na mesma linha, Ojeda Amador (1972, p. 283) afirma que “el modelo cibernético se vuelve insuficiente cuando se trata de un mundo cambiante y dinámico, flexible como las organizaciones”.

A Teoria Sistémica (TS) supera estas limitações, pelo que se torna adequada para aplicação no estudo do fenómeno infocomunicacional. De igual forma, permite relevar o estabelecimento de relações de interdependência entre as partes que integram o sistema, pois este requer uma clara intencionalidade no seu planeamento, organização e funcionamento. Compreende um conjunto de elementos identificáveis, interdependentes por um feixe de relações, e que se perfilam dentro de uma fronteira.

Sistema es un conjunto de elementos interrelacionados entre los cuales existe cierta cohesión y unidad de propósito. Tres son, pues, las condiciones necesarias y suficientes para que haya un sistema: pluralidad de elementos, interrelación jerárquica entre los mismos y finalidad común del conjunto (Molina Campos, 1995).

Nesta linha, Fuster Ruiz (1999, p. 8) afirmou:

(...) para que un archivo sea considerado como tal y no como almacén de papel viejo o como simple depósito documental de una institución, necesita contar con un contenido (el conjunto orgánico de documentos producidos por una institución), un continente (los depósitos documentales), un personal (los profesionales capacitados científica y técnicamente para las distintas labores archivísticas), una gestión archivística (recogida, organización, conservación) y un servicio documental (utilización).

Aplicar a TS permite valorizar o contexto ou meio em que o SI se desenvolve. Em CI, para fixar os contornos/limites de um SI, é essencial identificar a sua estrutura, através da observação e análise orgânico-funcional. A referida estrutura é, por um lado, autónoma mas, por outro, indissociável da informação, pois a pessoa, a família ou a instituição que produz/recebe o fluxo informacional é, apesar de distinta deste, essencial para que ele exista.

Assim, verifica-se que a TS, aplicada ao fenómeno e processo da informação social, acentua o papel do contexto e da organicidade estrutural na génese da informação. Todos os SI estão, pois, dinamicamente dependentes do universo orgânico que lhes dá origem desde sempre, com a complexidade que se vai naturalmente gerando, e é esta realidade que deve ser reconhecida, numa evolução dinâmica diacrónica, como aquela que serviu e serve de contexto sistémico envolvente.

Ao longo da investigação constatou-se, regularmente, a confusão existente entre conceitos e termos, e verificou-se o emprego dos mesmos termos para designar conceitos diferentes e vice-versa.

Na área científica deste trabalho SI é um conceito operatório crucial. Para o compreender é necessária uma análise terminológica que deve partir do próprio conceito de sistema. E por isso, torna-se relevante começar pela elucidação da sua origem epistemológica.

A palavra sistema provém do “lat. *Systéma, átis* 'reunião, juntura, sistema', do gr. *sustéma, atos* 'conjunto, multidão, corpo de tropas, conjunto de doutrinas, sistema filosófico', prov. pelo fr. *système* (1552); ver *sistem-*³⁵ (Houaiss & Villar, 2005, p. 7394).

³⁵ *Sistem-* “elemento de composição antepositivo, do lat. *systéma, átis*, neutro, 'reunião, juntura, sistema (termo musical)', com cog. lat. *systemáticus, a, um* 'sistemático, pertencente a um sistema' (sem outro cog. em lat.), emprt. do gr. *sýstéma, atos*, neutro, 'reunião num corpo, seja de vários objectos, seja de partes

José Pedro Machado remonta, pela sua origem grega, ao termo *systema, atos*, «reunião num só corpo de diversos objectos, de partes diversas do mesmo objecto; conjunto, total, massa; grupo, grupo de pessoas, multidão; corpo de tropas, colégio de sacerdotes, corporação; companhia, assembleia política; confederação, associação, liga; rebanho; conjunto de doutrinas, de instituições; constituição política; sistema filosófico; reunião de versos que formam um todo, estrofe; *em música*, acorde; *em medicina*, agregado de sangue ou de humores»; pelo lat. *systema, átis*, «conjunto, sistema (em música)», pelo fr. *systeme* (Machado, 1977, p. 211).

Do latim “*systema, -atis*, do grego *sústema, -atos*”, sistema é um “conjunto composto de várias partes” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013), uma definição com múltiplos significados e aplicação em diferentes domínios da atividade humana - Filosofia, Economia, História, Astronomia, Anatomia, Geologia, Música, Física, Fisiologia, Informática, entre outros.

É de consenso generalizado que um sistema corresponde a um conjunto de elementos (concretos ou abstratos) inter-relacionados entre si (ou intelectualmente organizados) para atingir um objetivo/resultado e, para tal, será necessário transformar as entradas em saídas.

O estudo do conceito SI é um dos temas de interesse no âmbito da CI. Com a polissemia usualmente presente, confirma-se que tem sido utilizado para designar os sistemas baseados em tecnologias e/ou as unidades de informação. Com este último enfoque, quando habitualmente é usado o referido conceito é para aludir a um tipo de unidade/serviço de informação: um arquivo, uma biblioteca, um museu ou um centro de documentação.

No sentido de clarificar e evitar equívocos importa, seguidamente, definir e distinguir os conceitos - SI e STI (duas expressões cada vez mais em uso e sujeitas a ambiguidades semânticas).

Como se referiu previamente, um SI é um conceito que tem sido utilizado para elucidar diferentes realidades. Uma das razões para tal acontecer deve-se ao facto de o termo ser usado para aludir a distintos tipos de objetos que têm muitos aspetos em

diversas de um mesmo objecto; conjunto, total, massa; o sistema de um corpo no seu conjunto” (...) (Houaiss & Villar, 2005, p. 7390).

comum. Carvalho (2000), na área dos STI, identifica quatro tipos de objetos que podem ser considerados como sistemas de informação:

IS1 - Organisations (autonomous systems) whose business (purpose) is to provide information to their clients. The following are some examples of objects that can be considered as IS1 information systems: libraries, information services, information brokers, newspapers, radio or TV stations. (...)

IS2 - A sub-system that exists in any system that is capable of governing itself (autonomous system). The information system (IS2) assures the communication between the managerial and operational sub-systems of an organisation – that's its purpose. When this communication is asynchronous, a memory to store the messages is necessary. IS2 includes such memory. (...)

IS3 - Any combination of active objects (processors) that deal only with symbolic objects (information) and whose agents are computers or computer-based devices – a computer-based system. (...) Examples of IS3s include artefacts such as: transaction processing systems, data processing systems, management information systems, decision support systems, workflow management systems, data mining systems, environmental scanning systems, executive information systems. (...)

IS4 - Any combination of active objects (processors) that deal only with symbolic objects (information). When applied to an organisation, this view corresponds to all organisational activities excepting those that deal with materials or energy.

In certain cases, an IS4 may coincide with the whole organisation, or at least be very close to it. One such case is when the organisation is an IS1. Another case is when the organisation, despite not having the purpose of informing its clients, deals solely with symbolic objects. Examples of such organisations are banks, insurance companies, software houses, architecture offices, etc. (Carvalho, 2000, pp. 265-266).

Uma análise breve da literatura na área dos STI ou *Information Systems and technology* confirma os esforços no sentido de clarificação da sua natureza e objeto (Falkenberg & Lindgreen, 1989), (Falkenberg *et al.*, 1992, 1998), (Weber, 1997), (Checkland & Holwell, 1998), salientando-se os seguintes aspetos: não há consenso acerca do que um sistema de informação efetivamente é; esta dificuldade na definição deve-se ao facto de o termo ser usado para designar coisas diferentes; as definições existentes não permitem identificar inequivocamente o(s) seu(s) objeto(s); a presença de alguma confusão em relação ao objeto de interesse para a atividade profissional ou

domínio científico referido; a distinção entre os diferentes SI nem sempre é clara devido aos elementos em comum:

(...) they all deal with information, they all are somewhat related to organisations or to the work carried out in organisations, and they all are related to information technology, either because they can benefit from its use or because they are made with computers or computer-based devices (Carvalho, 2000, p. 260).

Para Karwowski, Rizzo e Rodrick (2003, p. 18), “Information system (IS) can be defined as a technological system that manipulate, store, process, and disseminate information that has or is expected to have an impact on human organized behavior within any real context and use.”

Nesta linha, Morvan (1988, p. 312) considera que o STI é uma infraestrutura tecnológica que combina “todos os meios de recolha, processamento e transmissão de informação de uma aplicação, utilizando um ou mais computadores”.

Estas definições restringem o âmbito de aplicação do conceito aos sistemas tecnológicos ou informáticos. Trata-se de uma abordagem possível, sem dúvida parcelar, que reflete a utilização do termo noutra área; em CI, um SI pode também ser interpretado com uma perspetiva abrangente, pois não há ainda uma linguagem unívoca.

Para Vickery (1973, p. 1), “an information system is an organisation of people, materials and machines that serves to facilitate the transfer of information from one person to another. Its function is social: to aid human communication”. Três décadas depois, este autor mantém a mesma visão e, como exemplos de SI, Vickery & Vickery (2004, p. 210) indicam tanto as bibliotecas como os produtores de base de dados, editores livreiros e o sistema telefónico.

Por sua vez, Weisman (1972, p. 14) adotou a seguinte definição:

Information system refers to the methods, materials, media, producers and recipients involved in an organized way to affect information transfer within a specific field, activity, or organization. An information system consists of a complex collection of information ‘messages’, persons who produce and use them, and a set of behavior patterns, costumes, and traditions by which these persons and persons interrelate.

Um SI será, portanto, aquele que tem como núcleo central a informação e como finalidade a sua gestão. Em CI, apresenta-se como “uma totalidade formada pela interação dinâmica das partes”, possui uma estrutura (entidade produtora/recetora) “duradoura com um fluxo de estados no tempo”, sendo “constituído pelos diferentes tipos de informação registada ou não externamente ao sujeito”³⁶, podendo ter um suporte material/tecnológico (Silva, 2006a, p. 162).

Como exemplos, um Arquivo, uma Biblioteca ou um Museu são serviços e organizações³⁷, pelo que podem ser vistos como sistemas; “ou são um SI, que compreende toda a informação produzida/recebida ou incorporada no Sistema Arquivo ou no Sistema Biblioteca” ou no Sistema Museu. Esta dualidade da estrutura³⁸ pode ser compreendida da seguinte forma: “quando o enfoque se centra na Informação sistemicamente concebida, pensada e estudada a respectiva estrutura pode noutras abordagens corresponder a um sistema mas no SI é e mantém-se estavelmente como estrutura” (Silva, 2006a, p. 162), cujos elementos constitutivos podem ser identificados e descritos.

A par do conceito de SI, aparece o de serviço de informação³⁹, pelo que deve colocar-se a questão: um SI é um serviço de informação?

³⁶ A informação existente na memória das pessoas faz parte/integra o SI. “Essa informação corresponde ao “conhecimento explícito”, de Tom Wilson, e existe passível de ser documentada e comunicada, desde que as representações estejam codificadas, retidas no cérebro, prontas a serem ditas ou escritas, ou memorizadas. Esta informação foi confundida, a partir de Polanyi, com conhecimento tácito, mas, os neurocientistas e os psicólogos cognitivistas podem ajudar a precisar que este tipo de informação não é faculdade de cognição, embora seja um seu produto, ou consequência. E mais: esse tipo de informação pode ser categorizada como conhecimento científico, por exemplo, se tem a ver com experiências, descobertas ou experiências em curso nas Ciências naturais, ou com resultados de pesquisa noutros campos científicos. Só que estamos, também, a designar uma informação que abarca anedotas, canções, imagens desenhadas, fotografadas, filmadas...” (Silva, 2013, p. 43).

³⁷ Organização – “entidade que serve à realização de acções de interesse social, político, administrativo etc; instituição” (...) (Houaiss & Villar, 2005, p. 5951); Serviço – “ 1 acção ou efeito de servir, de dar algo em forma de trabalho 2 exercício e desempenho de qualquer actividade 3 *p.ext.* o próprio trabalho a ser executado ou que se executou; a obra, o expediente, o mister, a tarefa, a ocupação ou função (...) 21 ECON produto da actividade humana destinado à satisfação de necessidades, mas que não apresenta o aspecto de um bem material” (...) (Houaiss & Villar, 2005, p. 7317).

³⁸ Em CI, para fixar os contornos/limites de um SI, é necessário identificar a sua estrutura (esta é, por um lado, autónoma e, por outro, indissociável da informação, pois a pessoa ou instituição “que produz e recebe fluxo informacional é distinto deste, mas é essencial para que este exista”), através do Método Quadripolar (concretamente, através do polo técnico onde se situam as operações *Observação* e *Análise orgânico-funcional*) (Silva, 2006a, p. 162).

³⁹ Serviço de informações - “ 1 o que tem por objectivo obter informações, sobretudo sigilosas; inteligência, serviço secreto 2 a entidade ou o pessoal ligados a essa actividade” (...). Serviço de utilidade pública – “aquele útil à sociedade, que é prestado pelo Estado mediante pagamento por parte daqueles que o utilizam” (Houaiss & Villar, 2005, p. 7318).

Um SI compreende o conjunto de pessoas, os recursos de informação e os meios que se organizam e articulam para produzir/receber, organizar e representar, armazenar, recuperar e difundir informação. Logo, as saídas do sistema são os serviços de informação (e os seus produtos), isto é, o resultado do funcionamento do SI, pelo que não são conceitos permutáveis ou equivalentes. Um Arquivo ou uma Biblioteca, enquanto serviços, podem fazer parte de um Sistema, enquanto Organizações, podem constituir um Sistema, todavia não se podem confundir com o SI (que compreende toda a informação produzida/recebida e acumulada, independentemente da existência de um serviço que a processe, armazene, difunda e preserve).

Outra questão que deve colocar-se é a seguinte: quando é que nos encontramos perante um SI? Este não existe na realidade, mas é definido como tal por qualquer observador que dê significado aos estados (situações) assumidos por uma estrutura (Mella, 1997). Um SI só granjeia pleno sentido e significado desde que devidamente contextualizado.

Em suma, considera-se que, no âmbito da CI, um SI:

- É um todo formado pela interação dinâmica das partes, com uma estrutura duradoura (entidade produtora/recetora) com um fluxo de estados ao longo do tempo;
- É constituído por diferentes tipos de informação registada, ou não, externamente ao sujeito, independentemente do seu suporte;
- Tem uma estrutura que pode ser autónoma e indissociável da informação propriamente dita - a pessoa/família/organização que produz/recebe informação é distinta do SI, mas essencial para que este exista;
- Tem uma estrutura que é ou pode ser ela própria concebida como um sistema distinto (uma entidade que produz/recebe informação ao longo da sua existência alimenta a existência de um SI, cuja estrutura é a dita entidade – com a sua organização interna e agentes -, que, por sua vez, constitui um ou mais sistemas específicos).
- Integra o STI, assumido como a plataforma tecnológica que sustenta a produção, processamento, circulação, armazenamento, transmissão e acesso à informação que constitui o SI propriamente dito. Nesta perspetiva, o STI constitui, de facto, uma parte do SI, até porque permite agilizar a gestão da informação de forma mais rápida, pelo recurso às tecnologias.

No momento de abordar um SI devem considerar-se quatro conceitos fundamentais para a sua compreensão e estudo, a saber: supersistema, sistema, subsistema e macrossistema.

O primeiro refere-se a uma ordem superior em que se incluem diferentes sistemas, enquanto subsistema será uma divisão inferior do sistema. Assim, um ou vários subsistemas constituem um sistema. Portanto, um sistema pode integrar outros sistemas, designados por subsistemas, e pode ser integrado, por sua vez, num sistema maior, o supersistema. Um macrossistema corresponde a um sistema de grandes dimensões que contém outros sistemas ou supersistemas.

Quando numa organização existem vários sistemas que têm subdivisões, o conceito de supersistema tem particular interesse metodológico. Neste contexto, importa fazer uso dos três conceitos para analisar um SI complexo que, sendo integrado por diversos tipos de unidades de informação, será um supersistema. Neste caso, teremos as referidas unidades agrupadas em sistemas e, dentro destas, subsistemas (ex.: numa organização podem existir museus, bibliotecas e, estas últimas, subdividirem-se em bibliotecas de museus, bibliotecas departamentais, etc.).

Com este enfoque, podem colocar-se as seguintes questões: o(s) subsistema(s) existe(m) só pelo simples facto de se reconhecerem diferentes tipos de unidades de informação? Um supersistema identifica-se apenas porque agrega diferentes sistemas?

Ora, considera-se que:

- i) Um SI, em qualquer nível hierárquico, requer intencionalidade, isto é, tem que ser planificado e concebido como tal pela organização em que se insere;
- ii) Todas as partes de um SI têm de se interrelacionar e interagir para que seja possível atingir determinado objetivo;
- iii) Num SI é fundamental considerar a interação entre as suas partes para que se possa chegar à verdadeira configuração de um supersistema;
- iv) A identificação de subsistemas resulta da análise e compreensão da estrutura e funcionalidade do sistema – o que o constitui e o que o delimita.

A relação entre sistemas é, pois, um tema de particular interesse. No contexto da CI, sem delimitar a aplicação a organizações e sem individualizar tipologias, podem

distinguir-se quatro SI: o Sistema de Arquivos, o Sistema de Bibliotecas, o Sistema de Museus e o Sistema de Centros de Documentação.

De acordo com Smit (2003), alguns destes SI não nasceram separados, afastaram-se ao longo do tempo (como é o caso dos arquivos e das bibliotecas). Tanto museus, como arquivos, como centros de documentação ou como bibliotecas têm como denominador comum as suas funções de recolha e/ou aquisição, preservação/conservação e difusão/mediação da informação que constitui a memória⁴⁰ e o património da humanidade. Concomitantemente, partilham entre si conceitos, teorias, métodos e técnicas de organização e representação da informação.

Numa abordagem pós-custodial e científica da CI, os SI de Arquivo, de Biblioteca, de Museu e de Centro de Documentação devem assumir-se, do ponto de vista conceitual, como um todo orgânico, constituído por vários subsistemas, que contribuem para a excelência do funcionamento dos supersistemas em que se inserem. Daí que, todas as partes de um sistema têm de se interrelacionar e interagir para que seja possível atingir determinado objetivo.

Assim, no âmbito de uma visão sistémica das organizações, considera-se que a excelência do seu funcionamento e do cumprimento da sua missão depende da relação entre os vários subsistemas de informação e da capacidade de os gerir de forma integrada, através de planeamento, implementação e avaliação permanentes. Esta visão global das organizações privilegia a totalidade (o SI) e as suas partes componentes. Nesta abordagem, o importante é ver o todo e não cada parte isoladamente para observar o ambiente sistémico.

A definição anterior de SI não deve ser confundida com a de STI⁴¹ (Silva, 2006a, p. 163), assumido como plataforma/infraestrutura tecnológica que sustenta a produção, processamento, armazenamento, transmissão e acesso à informação que constitui o SI propriamente dito. A sua dimensão tecnológica convoca diretamente a Informática, definida em 1967, pela Academia Francesa, como “a ciência do tratamento racional, nomeadamente através de máquinas automáticas, da informação considerada como

⁴⁰ Analógica ou digital, coletiva ou individual, ela está em permanente construção, desconstrução e reconstrução, daí o seu carácter intemporal e único.

⁴¹ Em Informática, o STI é uma infraestrutura tecnológica que combina “todos os meios de recolha, processamento e transmissão de informação de uma aplicação, utilizando um ou mais computadores” (Morvan, 1988, p. 312).

suporte de conhecimentos e de comunicação nos domínios técnico, económico e social” (Morvan, 1988, p. 166).

Em reforço destas definições importa, pois, não confundir os conceitos de SI e de STI, no domínio da CI – incluída no campo das Ciências Sociais –, com a disciplina *Sistemas de Informação* – de base tecnológica –, moldada no seio da Informática e desenvolvida nas organizações.

Para uma compreensão abrangente do perfil da referida disciplina, dada a confusão que envolveu o seu domínio e o da Informática ou da Computação, elencam-se seguidamente um conjunto de autores e afirmações.

- Magalhães considera que “a disciplina de Sistemas de Informação aparece como uma consequência da proliferação massiva dos computadores nas organizações e na sociedade em geral”, e visa analisar se os sistemas tecnológicos de tratamento de informação respondem (ou não) às necessidades de quem os utiliza; os especialistas desta área “preocupam-se com as questões da convivalidade dos sistemas de informação, em termos de interface utilizador-tecnologia”. Numa abordagem *sociotécnica* (acompanhando o exemplo do enfoque sociotécnico seguido no Reino Unido e países escandinavos) realça a integração de aspetos sociais e humanos com os tecnológicos nas organizações, destacando a relevância de uma “integração ou alinhamento da tecnologia com os outros sistemas existentes na organização (sistemas de controlo de gestão, sistemas de recursos humanos, sistemas de marketing, etc.)”. Traça o percurso evolutivo da disciplina nas universidades, desde as suas origens (cerca de 1977), primeiro como *subdisciplina* (ligada à Contabilidade, Finanças, Informática), depois como *disciplina autónoma* (no campo da Economia, Gestão/Administração, Engenharia da Computação ou Ciências Sociais), sendo a *London School of Economics* a primeira escola a reconhecer a sua importância como área autónoma. “Esta diversidade de instituições-mãe mostra a multi-disciplinaridade dos SI [STI], mas não lhes retira a autonomia”, reforçada por literatura própria⁴², por um conjunto de eventos técnicos, profissionais ou científicos⁴³ e por associações⁴⁴ (Magalhães, 1997, pp. 53-55).

⁴² Destaca-se o lançamento da revista *MIS Quarterly*, em 1977 e do *Information Systems Journal*, em 1987. Na década de 1990 surgem várias revistas, tais como: *Scandinavian Journal of Information Systems*, *European Journal of Information Systems*, *Journal of Information Systems*, *Journal of Strategic Information Systems*, *Australian Journal of Information Systems*.

⁴³ A *International Conference on Information Systems (ICIS)* é usualmente associada ao ano 1980 (Universidade da Califórnia). Contudo, só em 1986, em resultado da participação canadiana e europeia,

- Miguel Mira da Silva, partindo da raiz tecnológica, com uma ligação intrínseca à Informática, considera que “o termo “sistemas de informação” designa genericamente um conjunto de aplicações que partilham dados entre si”, e que “todos os sistemas de informação têm as suas aplicações integradas” (M. M. Silva, 2003, p. 2).

- Rodrigues Filho e Ludmer, numa análise crítica e epistemológica de um campo de estudo recente, *fragmentado*⁴⁵, no qual se colocam “uma variedade de questões multifacetadas, inerentes ao desenvolvimento, uso e implicações das tecnologias de informação e comunicação nas organizações”, aludem à dificuldade em defini-lo; esta complexidade deve-se à “diferença das tradições científicas ou culturas entre a ciência da computação” (*interpretação de SI como um sistema técnico*) “e as ciências sociais” (*interpretação de SI como um sistema social*). Os autores consideram que “Sistema de Informação é um campo de estudo que se preocupa com alguns componentes básicos da Tecnologia da Informação (TI), a saber: tecnologia, desenvolvimento, uso e gerenciamento” – diferentes áreas temáticas ou componentes, daí a dificuldade na definição da disciplina, nas suas fundações teóricas e aspetos metodológicos. Neste sentido, após descreverem como vem sendo abordada a disciplina em várias partes do mundo, apresentam uma análise sumária das referidas temáticas centrais. Consideram o seu “caráter multidisciplinar e as novas epistemologias destinadas a ampliar o conceito deste campo de conhecimento”, e afastam-se de um “discurso gerencialista-reducionista ou técnico-funcionalista em que se baseia o pensamento da corrente dominante na área (...), que muitas vezes desconsidera questões humanas, sociais e organizacionais” no estudo e tratamento das distintas temáticas. Reconhecem que o foco da maioria dos estudos em *Sistemas de Informação* “relaciona-se com questões de análise

“internacional” foi acrescentado ao nome, e só em 1990 a “Conferência Internacional” foi realizada fora da América do Norte, decorreu em Copenhaga (Dinamarca). A primeira *Conference on Information Systems* realizou-se em 1980, na Universidade de Pensilvânia (Filadélfia, EUA). Informação disponível em <http://aisnet.org/?!CISPage> e em <http://aisel.aisnet.org/icis/>. Na Europa, em Henley-on-Thames (Inglaterra) realizou-se, em 1993, a *European Conference on Information Systems (ECIS)*. A *Australasian Conference in Information Systems* – ACIS realizou-se em 1990 (Gable, 2008).

⁴⁴ Em 1994, na tentativa de institucionalizar uma comunidade académica de especialistas em desenvolvimento, implementação e avaliação de sistemas de informação, é criada a *Association for Information Systems (AIS)*. Em 1995 realizou-se a primeira *Americas Conference on Information Systems (AMCIS)*, em Pittsburgh (King & Galletta, 2010, pp. 321, 323).

⁴⁵ Os autores consideram que “Sistema de informação é um campo de estudo fragmentado, multifacetado e mal localizado como disciplina académica - ora nas faculdades de engenharia ora nas faculdades de ciências sociais, como acontece na Europa, onde se tem produzido uma visão mais ampla (...)” (Rodrigues Filho & Ludmer, 2005, p. 163).

organizacional”, reconhecendo-se o enfoque no fenómeno social e não no fenómeno puramente técnico; contudo, grande parte da investigação “é bastante limitada pelas suposições de que SI [STI] é um fenómeno técnico”. Para corroborar esta afirmação destacam, na conclusão do estudo, a existência de um número crescente de investigadores que defendem “a aplicação de múltiplos métodos, teorias e enfoques filosóficos na área de sistemas de informação”, pois “uma única perspectiva limita, distorce e obscurece nossa visão da relação entre sistemas de informação, pessoas, organização e sociedade, ou seja, torna impossível refletir a natureza multifacetada de uma realidade social e organizacional” (Rodrigues Filho & Ludmer, 2005, pp. 151-166).

- Silva, no artigo sugestivamente intitulado “Ciência da Informação e Sistemas de Informação: (re) exame de uma relação disciplinar” (2007), analisa e discute o tipo de relação existente entre a CI e a disciplina *Sistemas de Informação*, a partir da conceção de CI que vem sendo desenvolvida na Universidade do Porto – uma ciência social trans e interdisciplinar (Silva & Ribeiro, 2002; Silva, 2006a). Os conceitos operatórios de transdisciplinaridade e de interdisciplinaridade (Pombo, 2004) enquadram a análise e o debate. À questão colocada sobre se a referida disciplina se configura “como uma interdisciplina ou uma interciência”⁴⁶, responde o autor da seguinte forma:

(...) o conceito de interciência afigura-se mais adequado porque traduz melhor o que na prática vai acontecendo: informáticos e cientistas da computação (...) intervêm junto com especialistas das Ciências Humanas e Sociais, ou seja, cientistas de diferentes (e vistas até como opostas) áreas de conhecimento são obrigados a encontrar respostas para as múltiplas facetas de um problema axial que é o da absorção das TIC nas organizações e na sociedade. Mais do que uma interdisciplina, onde é possível encontrar uma disciplina “convencional e respeitável” a cooperar com áreas de actividade específicas, os SI não se confundem, nem se reduzem às Ciências da Computação, nas quais radicam, porém, como tecnologia, porque se institui como espaço intercientífico em que o fenómeno sócio-técnico ganha toda a importância e acuidade (2007, p. 36).

No caminho do *(re)exame* ou *(re)desenho* de uma *relação disciplinar*, Silva (2007) procura responder à seguinte questão: os contactos entre a CI e a disciplina *Sistemas de*

⁴⁶ Olga Pombo (2004) considera as interciências como novas disciplinas constituídas na confluência de várias disciplinas de diferentes áreas de conhecimento, de acordo com Boulding (1956, pp. 11-17).

Informação “configuram uma interpenetrabilidade extensa ou uma mera convergência” frequente ou irregular, em torno de temas comuns?

Partindo da perspectiva unitária e integradora da CI, o autor, em anterior trabalho (Silva & Ribeiro, 2002), defendeu que os *Sistemas de Informação*, a par da Arquivística, da Biblioteconomia/Documentação e da disciplina Organização e Métodos formavam “o núcleo transdisciplinar, o core dinâmico e identitário constitutivo da *nova CI*”. Para fundamentar esta proposta dá como exemplo a elaboração de uma base de dados: é necessária uma “convergência incontestável” na sua concepção e construção, entre informáticos (que a tendem a ignorar) e bibliotecários/documentalistas (com experiência e teoria acumuladas em matéria de classificação, indexação e “linguagens documentárias” – isto é, em organização e representação da informação).

Contudo, a referida convergência *teórico-prática pontual ou específica* é naturalmente insuficiente para incluir a referida disciplina no núcleo transdisciplinar da CI. O autor salienta, ainda, que o enfoque principal da CI se situa na *dimensão humana e social*, isto é, na forma como “o conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (informação) é ajustado à tecnologia, como nela se conserva ou memoriza e como dela é recuperado para situações de uso e de transformação ilimitadas”.

Seguidamente conclui: “é impossível trabalhar e estudar a informação, sem ter em conta o sofisticado meio ou suporte onde ela hoje e no futuro se encontra registada”. Logo, a CI relaciona-se estreitamente com os *Sistemas de Informação*, mas esta não é uma “disciplina ínsita ao core transdisciplinar da CI” (Silva, 2007, pp. 42-43) pois, apesar de constatar que constituem uma ferramenta indispensável na gestão do fluxo informacional (produção, organização, armazenamento e recuperação), no seu campo intercientífico encontramos uma diversidade de disciplinas científicas e tecnológicas (Sociologia, Filosofia, Ciências da Administração, Psicologia, Ciências da Computação, Informática) – e, entre elas, está a CI (ver figura 4).

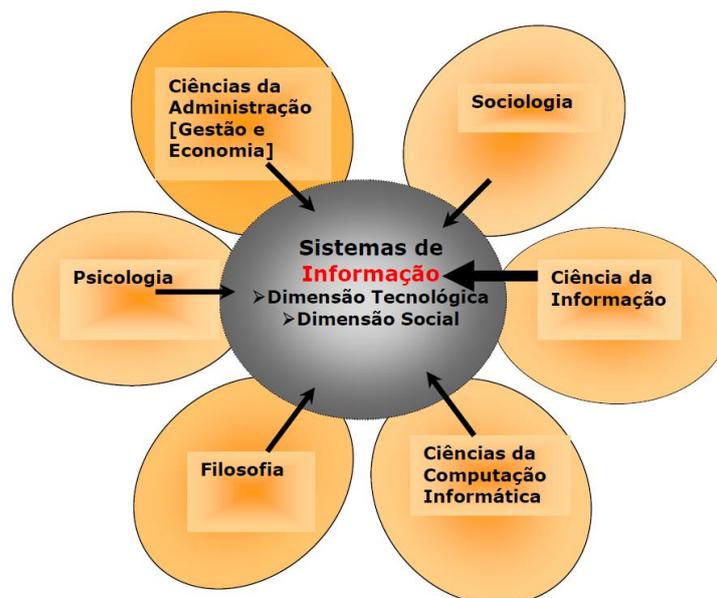


Figura 4: Sistemas de Informação - campo intercientífico

Fonte: (Silva, 2007, p. 41)

Atendendo ao perfil da disciplina *Sistemas de Informação* exposto pelo referido autor, estes continuam presentes na dinâmica transdisciplinar da CI, a par das disciplinas práticas fundacionais (Arquivística, Biblioteconomia, Documentação); contudo, no presente, o mais correto será colocar a CI como uma das várias ciências que integram este campo intercientífico, abordando questões/tópicos/problemas do fenómeno/processo infocomunicacional em qualquer contexto (analógico ou digital).

Procurando contribuir para a compreensão da relação estreita e interdisciplinar explicitada apresenta-se esquematicamente, em síntese, como se opera a referida relação (ver tabela 1).

| Ciência da Informação | Sistemas de Informação (disciplina) ou Sistemas Tecnológicos de Informação |
|---|--|
| Objeto: investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenómeno infocomunicacional; estudo das propriedades gerais da informação (natureza, génese, efeitos) - análise do seu processo de produção, armazenamento, comunicação e uso. | Objeto: conceção de produtos, sistemas e serviços que permitem a produção, comunicação, armazenamento e uso da informação. |
| Campo de atuação: analógico ou digital | Campo de atuação: digital |
| Enfoque principal: dimensão humana e social da Informação | Enfoque principal: dimensão tecnológica |
| Relação com a disciplina Sistemas de Informação: como o conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (informação) é ajustado à tecnologia? Como nela se conserva ou memoriza e como dela é recuperado? | Relação com a CI: constituem uma ferramenta indispensável na produção, organização (metainformação ou metadados), armazenamento e recuperação da informação. |
| A CI integra o campo intercientífico dos Sistemas de Informação – relação estreita e interdisciplinar. | Campo intercientífico “frequentado” por diversas disciplinas científicas e tecnológicas, entre elas está a CI. |

Tabela 1: Relação inderdisciplinar entre a CI e a disciplina tecnológica *Sistemas de Informação*

Fonte: Elaboração própria.

Deste modo, abre-se caminho para uma sinopse do estado da arte sobre as condições necessárias ao surgimento da CI e, no século XXI, sobre a sua consolidação como área científica de estudo e trabalho dos cientistas e profissionais da informação.

1.3 A Ciência da Informação: caráter científico, objeto e método de estudo

A opção criteriosa por um campo científico e por orientações teóricas e metodológicas terá naturalmente implicações na própria definição e compreensão do objeto, impondo-se, por isso, desde já, a sua explicitação clara.

Para justificar as razões que determinaram a presente investigação, considera-se que as(os) abordagens/procedimentos técnico-práticas(os) são insuficientes. É necessário chegar ao substrato teórico e científico da investigação. “Having a theory” is today the mark of research seriousness and respectability (...) and helps to organize and communicate unwieldy data and simplify the terrible complexities of the social world” (...) (Pettigrew & McKechnie, 2001, p. 62).

A ação do homem no mundo é, toda ela, fundadora e modeladora da Informação. A Informação, enquanto fenómeno humano e social, é também suscetível de ser conhecida cientificamente, pois constitui-se como objeto de uma ciência social, a CI; o seu estudo metódico centra-se nas propriedades do objeto/fenómeno e no processo em que o fenómeno se transforma quando há criação, comunicação e uso.

No momento atual, em que diferentes perspetivas coexistem, o estudo da Informação, nas bases científicas a expor, perfila-se no aprofundamento continuado dos pressupostos epistemológicos e teóricos da CI. Porém, não se pretende aqui fazer uma abordagem analítico-crítica em torno dos autores e das teorias referidas. Considera-se, assim, que esta breve retrospectiva servirá para estabelecer o ponto de partida e o trajeto da presente investigação.

Sobre as origens e evolução da CI, pode consultar-se os trabalhos de diversos autores, entre os quais se destacam: Borko, 1968; Shera & Cleveland, 1977; Vickery, 1994; Saracevic, 1996; Rayward, 1996b e 1997; Williams, Whitmire, & Bradley, 1997; Le Coadic, 1997; Fayet-Scribe, 1997; Buckland & Hahn, 1997; Hapke, 1998; Silva & Ribeiro, 2002.

Em contraposição, nesta área científica não há jornais ou revistas que se dediquem, em exclusivo, à história da CI; no entanto, assinalam-se como fontes relevantes para o estudo deste tópico o “Bulletin of the American Society for Information Science”, o “Journal of the American Society for Information Science”, o

“Documentaliste” e o “Journal of Documentation”. A “Encyclopedia of library and information Science” e o “Dictionnaire encyclopédique de l’information et de la documentation” (Cacaly, 1997), também devem ser mencionados neste contexto.

Considera-se, pois, que este novo campo de estudo e de trabalho (CI) desenvolveu-se e herdou a tradição documental e prática no domínio das disciplinas nucleares que estão na sua génese – Arquivística e Biblioteconomia – gradualmente desenvolvidas desde a Revolução Francesa, e a Documentação.

A designação *Information Science* surgiu em finais da década de cinquenta do século XX; contudo, tal expressão tem as suas origens no conceito da Documentação⁴⁷ e no legado teórico-prático de Paul Otlet e Henri La Fontaine⁴⁸ (Robredo, 2003, pp. 39-49).

É bastante consensual a ideia de que houve uma linha de continuidade entre a CI e a Documentação⁴⁹, que à luz da teorização de Otlet, foi definida como “ciencia general, auxiliar de todas las demás y que les impone sus normas desde el momento en que ellas transmiten sus resultados en forma de documentos” (López Yepes, 1995, p. 80). Do início do século XX até à II Guerra Mundial, a Documentação afirma-se na Europa e nos EUA com base num associativismo bem estruturado em torno de grandes organizações⁵⁰.

Num contexto marcado pelo desenvolvimento da pesquisa nas áreas científico-técnicas, associada a um crescimento significativo da produção de informação e a uma diversificação de suportes e formatos, esta nova área disciplinar materializou-se, nos EUA, em ambiente profissional, de bibliotecários especializados (*special librarians*) e de documentalistas. Estes profissionais tratavam informação (focalizando toda a sua atenção no conteúdo dos documentos), em todo o tipo de suporte, incluindo a de origem

⁴⁷ A obra, “Traité de documentation: le livre sur le livre, théorie et pratique”, publicada em 1934, apresenta uma perspetiva menos patrimonial e mais dinâmica no acesso, uso e divulgação da informação. Otlet considerava que a função primordial do serviço de documentação era a de processar informação (Otlet, 1996). Sobre esta obra ver Day (1997, pp. 310-317).

⁴⁸ Sobre a ação de Paul Otlet e Henri La Fontaine ver Rayward (1997, pp. 289-300) e Rieusset-Lemarié (1997, pp. 301-309).

⁴⁹ (...) “a opinião generalizada é que a partir do conceito da documentação e de sua evolução progressiva surgiu a ‘Information Science’, e isso apesar de algumas correntes remanescentes, principalmente na Europa, que continuaram a defender o carácter científico da documentação (Robredo, 2003, p. 53). López Yepes e outros autores espanhóis, na linha da herança de Otlet e La Fontaine, consideram que a Ciência da Documentação é uma ciência para a Ciência, existe e desenvolve-se a criar condições e facilidades indispensáveis para a prossecução do trabalho científico.

⁵⁰ Em França, foi fundado em 1899 o *Bureau Bibliographique de France*; em 1932, a *Union Française des Organismes de Documentation*; em 1936, a *Association pour le Développement de la Lecture Publique*. Nos EUA, foi criada em 1909 a *Special Libraries Association (SLA)*; em 1937, o *American Documentation Institute (ADI)* (Williams, Whitmire, & Bradley 1997; Fayet-Scribe, 1997).

organizacional (ex. correspondência), com recurso ao uso da tecnologia para o seu processamento, prestando serviços aos utilizadores baseados no fornecimento da própria informação, tornando ultrapassada a fronteira tradicional entre biblioteca e arquivo (Silva & Ribeiro, 2002, pp. 48-49).

Capurro (2003) enuncia, com clareza, as raízes dessa ciência:

La ciencia de la información tiene por así decirlo dos raíces: una es la biblioteconomía clásica o, en términos más generales, el estudio de los problemas relacionados con la transmisión de mensajes, siendo la otra la computación digital. La primera raíz nos lleva a los orígenes mismos, por cierto oscuros, de la sociedad humana entendida como un entretejido o una red de relaciones, Hannah Arendt habla del “web” of human relationships” (Arendt 1958, 183), basadas en el lenguaje, es decir en un ámbito hermenéutico abierto, donde los entrecruces metafóricos y metonímicos permiten no sólo mantener fluido el mundo de las convenciones y las fijaciones que hacen posible una sociedad humana relativamente estable, sino también que nos permiten generar la capacidad de preguntar por lo que no sabemos a partir de lo que creemos que sabemos. Es claro que esta raíz de la ciencia de la información (...) está ligada a todos los aspectos sociales y culturales propios del mundo humano.

La otra raíz es de carácter tecnológico reciente y se refiere al impacto de la computación en el proceso de producción, recolección, organización, interpretación, almacenamiento, recuperación, diseminación, transformación y uso de la información y en especial de la información científica fijada en documentos impresos.

Quando se procura delinear a evolução da CI afigura-se, manifestamente, o problema da ambiguidade terminológica na sua designação: nomes como Biblioteconomia e Ciência da Informação, Ciência da Informação (*Information Science*), Ciência da Biblioteca (*Library Science*), e *Library and Information Science*, denominação que aparece como mais utilizada nos últimos anos na literatura desta área, ou ainda o par Informação e Documentação ou Documentação e Informação, no nome de alguns graus, podem ser mencionados.

Para se acompanhar a evolução verificada no domínio da CI, ao longo da segunda metade do século XX, é necessário ter presente o ano 1958 – realização da *International Conference on Scientific Information*, em Washington – facto que se assumiu como marco de referência na transformação da Documentação em Ciência da Informação, e os

anos 1961 (outubro) - 1962 (abril) – conferências⁵¹ do *Georgia Institute of Technology* – onde se debateu intensamente e se fez a caracterização do que é ou devia ser a CI.

Na verdade, embora na literatura científica publicada não exista consenso⁵² acerca do surgimento da expressão *Information Science*, pode afirmar-se que por meados dos anos sessenta do século XX, a designação estava definitivamente consolidada nos EUA, tendo vindo a lume diversos artigos e outros escritos com propostas de definição em torno da fundamentação teórica desta nova área disciplinar.

Analisar o processo genético, a evolução e a afirmação da CI, não obstante as posições diversas surgidas e consolidadas por autores, instituições e organizações (cujas disposições, mesmo controversas, constituem um contributo fundamental)⁵³, permite aprofundar e ampliar o conhecimento sobre questões prementes relacionadas com a sua própria essência no séc. XXI. Para ilustrar a diversidade de perceções acerca da CI, sobre a sua identidade e as suas fronteiras, apresenta-se seguidamente uma amostra indicativa (longe, portanto, de ser exaustiva) das diversas visões dos estudiosos da temática (ver tabela 2).

⁵¹ Definição de *Information Science* incluída em Shera & Cleveland (1977, p. 265).

⁵² Hans Wellisch (Shera & Cleveland, 1977, p. 266) afirma que foi, pela primeira vez, usada em 1959 a expressão *Information Science*; Laurence B. Heilprin (Heilprin, 1989) acredita que o termo CI tenha sido criado cerca de 1960, a partir do estudo da produção, processamento e uso da informação como atividade predominantemente humana; Anthony Debons (Debons, 1986, p. 355) indica ter sido em 1962, no *Second International Congress on Information System Sciences* (Hot Springs – Virginia).

⁵³ “Pocos años después de fundamentarse y desarrollarse en Estados Unidos la “Information Science”, aparecía en la Unión Soviética y en los países de su influencia el concepto de Informatika para referirse al mismo ámbito teórico-práctico” (Moreiro González, 1995, p. 173). Sobre o conceito soviético “Informatika” (contexto histórico de evolução, fundamentação e razões que determinaram a sua debilidade conceitual e aplicada) ver Moreiro González (1995, pp. 173-182).

| Autor(es) | Definição | Percepções |
|--|---|---|
| <p>MIKHAILOV, CHERNYI, e GILYAREVSKYI, 1966⁵⁴, 1967, 1969, 1980</p> | <p>(...) é a disciplina científica que estuda a estrutura e as propriedades (não especificamente o conteúdo) da informação científica, assim como as leis que regem as atividades ligadas à informação científica, sua teoria, história, metodologias e organização. O objetivo da Informatika é desenvolver métodos e meios eficientes de registro, processamento analítico sintético, armazenamento, recuperação e disseminação da informação científica (Mikhailov, 1967, p. 241). Informática é uma disciplina social, uma vez que estuda fenómenos e regularidades inerentes apenas à sociedade humana (Mikhailov, Chernyi, & Gilyarevskiy, 1980, pp. 72-73).</p> | <p>Informática - disciplina social que estuda a informação científica</p> |
| <p>ZUNDE e GEHL, 1972</p> | <p>“É o estudo da natureza da informação como ela própria se manifesta, em seus vários fenômenos, relacionados à geração, transmissão, transformação, acumulação, armazenagem e outros processos” (Zunde & Gehl, 1972, p. 68; cit. por Pinheiro, 1999, p. 106).</p> | <p>Disciplina empírica</p> |
| <p>BRAGA, 1973</p> | <p>“A Ciência da Informação, como ciência em si, possui aspectos básicos (orientados para a teoria) e aplicados (orientados para os sistemas, técnicas e equipamentos). Embora estes últimos tenham sido bem mais enfatizados que os primeiros, a Ciência da Informação não é uma disciplina pragmática: dispõe de teorias próprias - embora ainda inadequadas - que desenvolveram-se gradualmente a partir das pesquisas efetuadas na Teoria da Informação. Gradualmente outras teorias (Behavioristas, Semânticas, Sintáticas etc.) e diversas leis foram sendo incorporadas à nova ciência” (Braga, 1973, p. 10).</p> | <p>Ciência - possui aspetos básicos e aplicados</p> |
| <p>GOMES, 1974</p> | <p>“No caso da ciência da informação, verifica-se que é uma disciplina científica interdisciplinar, como as demais. Aproveita-se ela da contribuição da tecnologia moderna, como atividade-meio, enquanto os aspectos sociais e de comunicação constituiriam a sua atividade-fim...” (Gomes cit. por Pinheiro & Loureiro, 1995, p. 48).</p> | <p>Disciplina científica interdisciplinar</p> |

⁵⁴ Em 1966 foi publicado no periódico soviético *Nauchno-Tekhnicheskaya Informatsiya* o artigo intitulado “Informatika: um novo nome para a teoria da informação científica”.

| | | |
|----------------------------------|--|--|
| <p>WERSIG e NEVELLING, 1975</p> | <p>“Information Science or Informatics is a problem-oriented discipline, concerned with specific social objectives”. (...) “This science is based on the notion of the information needs of certain people involved in social labour, and of concern with the study of methods of organization of communication processes in a way which meets these information needs” (Wersig & Nevelling, 1975, p. 128).</p> | <p>Disciplina orientada para a resolução de problemas, com objetivos sociais específicos</p> |
| <p>BELKIN e ROBERTSON, 1976</p> | <p>(...) “information science is a problem-oriented discipline concerned with the effective transfer of desired information from human generator to human user (...)” (Belkin & Robertson, 1976, p. 197).</p> | <p>Disciplina orientada para a resolução de problemas</p> |
| <p>FOSKETT, 1980</p> | <p>(...) “a disciplina que surge de uma fertilização cruzada de idéias que incluem a velha arte da biblioteconomia, a nova arte da computação, as artes dos novos meios de comunicação e aquelas ciências como psicologia e linguística, que em suas formas modernas têm a ver diretamente com todos os problemas de comunicação - a transferência do pensamento organizado. O ponto chave para as implicações no ensino da Ciência da Informação como disciplina emergente, é, portanto, que devemos deixar de considerar nossa disciplina como uma coleção de técnicas de estudo e operação válidas por si; elas devem estar sujeitas ao exame minucioso à luz da função social que desempenham” (Foskett, 1980, p. 24).</p> | <p>Disciplina emergente</p> |
| <p>MACHLUP e MANSFIELD, 1983</p> | <p>“Sabemos que muitos autores de trabalhos em Ciência da Informação possuem sentimento de culpa sobre o fato de que esta disciplina não descobriu novas leis nem inventou novas teorias e, além disso, não obteve reconhecimento como ciência. Este complexo de inferioridade é o resultado de uma doutrinação com um modelo de filosofia da ciência que contém definições persuasivas de ciência e do método científico. (...) nós não nos importamos se a Ciência da Informação, Biblioteconomia, Ciência da Computação ou qualquer outra disciplina, são ou não ciências” (Machlup & Mansfield, 1983, p. 12).</p> | <p>Disciplina, não obteve reconhecimento como ciência</p> |
| <p>BOYCE, 1985</p> | <p>A Ciência da Informação pode ter princípios empíricos que têm o “(...) “status” de quase-teorias ou talvez teorias partilhadas com outras disciplinas, mas vemos nossa disciplina como primeiramente prática e</p> | <p>Disciplina prática e tecnológica</p> |

| | | |
|-----------------|---|---|
| | tecnológica. Nossa disciplina está mais relacionada com a facilitação dos processos de comunicação do que com a sua explanação. Qualquer explanação que ocorra vem, primeiramente, da aplicação de teorias e modelos desenvolvidos em algum outro lugar para outros propósitos” (Boyce, 1985, p. 165, cit. por Pinheiro, 1999, p. 107). | |
| YUEXIAO, 1988 | (...) “a Ciência da Informação não é uma Metaciência, mas uma interdisciplina” (Yuexiao, 1988, p. 488). | Interdisciplina |
| HEILPRIN, 1989 | “although many laws, hypotheses, and speculations about information have been proposed, adequate scientific and epistemic foundations for a general science of information have not yet appeared” (Heilprin, 1989, p. 343). Acrescenta que as fundações da CI são “multidisciplinares e, de alguma maneira, intratáveis, até que os muitos campos envolvidos estabeleçam uma síntese” ⁵⁵ (Heilprin, 1989 cit. por Pinheiro, 1999, p. 103). | Interdisciplina |
| SARACEVIC, 1991 | “Ciência da Informação é um campo dirigido à investigação científica e à prática profissional relacionada aos problemas de efetiva comunicação de conhecimento e registros de conhecimento, entre humanos, nos contextos de uso social, institucional e/ou individuais e de necessidades de informação” (Saracevic, 1991, cit. por Pinheiro, 1999, p. 106). | Ciência pura e aplicada |
| WERSIG, 1993 | Vê a CI “não como uma ciência clássica, mas como o protótipo de uma nova ciência” (1993: 44). Regista obstáculos no seu estudo devido ao seu “fracionamento em inúmeras disciplinas, obrigando o cientista a lidar com dados fragmentados de natureza empírica e teórica. Se a Ciência da Informação existe, qualquer que seja a denominação dada a esse campo, ela não possuirá uma teoria, mas uma estrutura proveniente de um amplo conceito científico ou modelos e conceitos reformulados” (Wersig cit. por Pinheiro, 1999, p. 103). | Nova ciência, fragmentada em inúmeras disciplinas |
| LE COADIC, 1996 | A ciência da informação, com a preocupação de esclarecer um problema social concreto, o da informação, e voltada para o ser social que procura | Ciência social interdisciplinar |

⁵⁵ No Encontro da *American Association for the Advancement of Science*, a justificação apresentada para a lacuna teórica da CI estava relacionada com a sua natureza interdisciplinar, “uma vez que o seu avanço depende de uma síntese de *inputs*, proveniente de muitas ciências” (Pinheiro, 1999, p. 103).

| | | |
|-----------------------|--|---|
| | <p>informação, coloca-se no campo das ciências sociais (das ciências do homem e da sociedade), que são o meio principal de acesso a uma compreensão do social e do cultural. (...) Os problemas de que trata cruzam as fronteiras históricas das disciplinas tradicionais, e o recurso a várias disciplinas parece ser evidente. Essa colaboração chama-se interdisciplinaridade. (...) De prática de organização, a ciência da informação tornou-se, portanto, um ciência social rigorosa que se apóia em uma tecnologia também rigorosa. Tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos) (...)” (Le Coadic, 1996, pp. 21, 22, 26).</p> | |
| PINHEIRO, 1999 | <p>“É perceptível, nas palavras de inúmeros especialistas da área, que é uma tarefa quase impossível classificar a Ciência da Informação dentro dos critérios e padrões que integram o modelo científico dominante”. (...) “O entendimento da Ciência da informação como Ciência do PE [Paradigma Emergente] permite que não somente ela, como outras ciências, encontrem um espaço de ordem mais adequado às suas necessidades e ao seu desenvolvimento” (Pinheiro, 1999, pp. 102, 107).</p> | <p>Ciência do paradigma emergente</p> |
| HAWKINS, 2001 | <p>“An interdisciplinary field concerned with the theoretical and practical concepts, as well as the technological, laws, and industry dealing with knowledge transfer and the sources, generation, organization, representation, processing, distribution, communication, and uses of information, as well as communications among users and their behavior as they seek to satisfy their information needs” (Hawkins, 2001, p. 45).</p> | <p>Ciência interdisciplinar</p> |
| RODRÍGUEZ BRAVO, 2002 | <p>Ciencia de la documentación - “su carácter de metadisciplina o de interdisciplina, pues presta su apoyo a otras ciencias además de trascenderlas para desarrollarse como ciencia propia, (...) no tiene un objeto en exclusividad; da igual que pensemos en el documento o en la información: nuestra ciencia se ocupa de algunos de sus aspectos, no de todos” (Rodríguez Bravo, 2002, pp. 17-18).</p> | <p>Ciência da documentação – ciência interdisciplinar</p> |

Tabela 2: Concepções acerca da identidade e fronteiras da CI
 Elaboração própria, após consulta da bibliografia citada.

Da amostra colhida ressalta, por um lado, a falta de um consenso mínimo indispensável acerca das origens e da natureza da CI - concepção relativista e difusa; e, por outro, constata-se que a referida falta de consenso traduz-se numa incapacidade de assumir posições epistemológicas claras.

O desenvolvimento da produção informacional (informação em geral, científica e técnica) e de sistemas tecnológicos de informação tornou necessária uma ciência que tivesse por objeto de estudo a informação. Consequentemente, surgem as questões sobre as relações entre a CI, a tecnologia da informação e a sociedade. Corroborando esta afirmação:

We may best understand information science as a field of study, with human recorded information as its concern, focusing on the components of the information chain, studied through the perspective of domain analysis, in specific or general contexts. Its particular focus of interest is those aspects of information organization, and of human information-related behaviour, which are invariant to changes in technology. It also has a role as a science of evaluation of information understood as semantic content with respect to qualitative growth of knowledge, and change in knowledge structures in domains (Robinson & Karamuftuoglu, 2010).

Hjørland acrescenta:

Information science is sometimes confused with information technology and with computer science and is seen by some people as being primarily about information technology and computers. One indication of this is that, in the year 2000, the American Society for Information Science decided to add "and Technology" to its name. Another is the tendency to merge departments of library and information science with departments of computer science. A third indication is that a core subfield, information retrieval, is dominated by the computer science community (Hjørland, 2014, p. 213).

Apesar das múltiplas definições propostas, é interessante verificar que a surgida nas conferências do *Georgia Institute of Technology*, e aperfeiçoada mais tarde por Harold Borko, permanece ainda hoje como uma das mais consensuais.

Ciência da Informação é a que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que regem o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso. O processo inclui a origem,

disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação. O campo deriva ou relaciona-se com a matemática, a lógica, a linguística, a psicologia, a tecnologia computacional, as artes gráficas, as comunicações, a biblioteconomia, a gestão e alguns outros campos (Shera & Cleveland, 1977, p. 265).

Sobressaem desta definição duas tendências diferentes, todavia complementares: a delimitação de um objeto específico de estudo e a presença de uma disciplina científica com identidade própria, gerada e aberta à interdisciplinaridade.

Para Harold Borko, no clássico artigo *Information Science – what is it?*, a “information science is that discipline that investigates the properties and behavior of information, the forces governing the flow of information, and the means of processing information for optimum accessibility and usability” (Borko, 1968, p. 3).

Trata-se, segundo Borko, de uma *ciência interdisciplinar derivada e relacionada com vários campos, com uma componente de ciência pura e de ciência aplicada que abrange todo o fluxo da informação e desenvolve serviços e produtos*. Identifica a Biblioteconomia e a Documentação como *aspectos/componentes aplicados(as)* da CI.

Na mesma linha, e considerando a CI uma ciência social rigorosa, Le Coadic (1996, p. 22) afirma:

A ciência da informação é uma dessas novas interdisciplinas, um desses novos campos de conhecimentos onde colaboram entre si, principalmente, a psicologia, a linguística, a sociologia, a informática, a matemática, a lógica, a estatística, a eletrônica, a economia, o direito, a filosofia, a política e as telecomunicações.

Silva (2006a) afirma tratar-se de uma ciência social trans e interdisciplinar, dotada de um corpo teórico-metodológico próprio, “que investiga os problemas, temas e casos relacionado com o fenómeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à génese do fluxo, organização e comportamento informacionais” (estuda o ciclo informacional na sua plenitude e transversalidade: origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação (Silva, 2006a, pp. 140-141).

No campo científico unitário da CI confluem disciplinas aplicadas: a Arquivística, a Biblioteconomia, a Documentação, a Organização e Métodos e, possivelmente, a Museologia. A CI interage ativa e proximamente com a interdisciplina Ciências da Comunicação (Silva, 2006a, pp. 107-109) e com um universo interdisciplinar, rico e variado, de Ciências Sociais e Humanas, e naturais (ver figura 5), sendo uma das várias ciências que integram o campo intercientífico dos *Sistemas de Informação* (disciplina de base tecnológica).



Figura 5: Diagrama de construção trans e interdisciplinar da CI

Fonte: (Silva, 2006a, p. 28)

Verifica-se, assim, que as disciplinas consideradas o núcleo duro da CI têm de estar abertas à interdisciplinaridade com um vasto leque de Ciências Sociais e Humanas, sendo também indispensável uma relação científica com as Ciências da Administração e da Gestão que, por sua vez, carecem do Direito (em particular, Administrativo e da Informação). O contributo das Ciências Naturais é também considerado, sendo de acentuar a indispensabilidade da Informática e da Computação.

No campo de estudo e intervenção da CI, os ramos aplicacionais desenvolvem-se em três áreas interligadas: a **Produção do Fluxo Informacional**, a **Organização e**

Representação da Informação (teoria e prática relacionada com a metainformação, como meio de possibilitar a comunicação e o uso) e o **Comportamento Informacional** (modo de ser/reagir de uma pessoa/grupo, impelida(o) por necessidades, no que respeita ao fluxo de informação) (Silva, 2006a; Silva, 2013).

Importa, pois, desde já e de forma resumida elencar o essencial sobre a conceção da CI subjacente ao presente estudo: **uma ciência social aplicada assumidamente *trans e interdisciplinar*, com um objeto científico (a informação) que vai sendo *construído* e que constitui um fenómeno humano e social – o fenómeno infocomunicacional –, sem esquecer a constatação de que o documento é um objeto físico (composto por um suporte material e/ou tecnológico e informação).**

Ao longo dos últimos cinquenta anos, a CI identificou e delimitou o seu objeto de estudo e os seus problemas fundamentais de pesquisa: estudo das propriedades gerais da informação e dos processos e sistemas de construção, comunicação e uso dessa informação.

Partindo de uma síntese dos progressos e principais linhas de força do desenvolvimento e consolidação da CI, desde 1958 até à atualidade, constata-se que o seu processo evolutivo não foi linear, em particular quanto ao seu objeto e *perfil* identitário.

Recorde-se a afirmação de Heilprin (1989, p. 335): “although many laws, hypotheses, and speculations about information have been proposed, adequate scientific and epistemic foundations for a general science of information have not yet appeared”. Dezassete anos depois, Zins (2006, p. 447) concluiu:

Apparently, there is not a uniform concept of “information science”. The field seems to follow different approaches and traditions; for example, objective approaches vs cognitive approaches, the library tradition vs the documentation tradition vs the computation tradition, and so on. The concept has different meanings. Different meanings imply different knowledge domains. Different knowledge domains imply different fields. Nevertheless, all of them are represented by the same name, “information science”. No wonder that even scholars and practitioners are subject to confusion.

A CI, nos seus mais de 50 anos de evolução, tem propiciado o surgimento de discussões que vão desde o seu estatuto e autonomia científicos, passando pelo objeto de estudo, por problemas terminológicos até às suas conexões interdisciplinares.

O indispensável rigor epistemológico e concetual, bem como outras necessidades relativas a disciplinas susceptíveis de integração no âmbito da CI ou de estabelecimento de relações interdisciplinares comprovam o projeto de construção científica em torno desta ciência recente.

As mudanças sociais, económicas e culturais, incitadas pelo desenvolvimento das TIC, acarretaram múltiplos desafios. Em face desta nova realidade designada *Sociedade da Informação*, ressalta óbvia a necessidade de consolidar os fundamentos teóricos e epistemológicos deste campo disciplinar. Daqui resulta essencial desenvolver a investigação neste domínio com recurso a teorias e modelos interpretativos e a metodologias de investigação corretas e adequadas.

Ao pensarmos e fundamentarmos a CI, é crucial a definição do seu objeto de estudo e a assunção de um método ajustado às características do fenómeno da Informação, enfatizando a sua componente qualitativa, embora não se possa descurar os aspetos passíveis de análise e de investigação quantitativa.

O objeto científico da CI é a Informação, i. e., aquela que é criada por instâncias sociais – como fenómeno humano e social (que dá forma a ideias e a emoções) pela qual se consoma a comunicação (troca/interacção dessas ideias e emoções entre seres humanos).

Para uma compreensão e caracterização do objeto de estudo e de trabalho da CI importa, pois, registar a definição de Informação que se perfilha:

(...) conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interacção social, passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidireccionada (Silva, 2006a, p. 150).

Esta definição, de *per se*, é insuficiente para a caracterização da Informação como objeto; é imprescindível complementá-la com o enunciado dos atributos que lhe são

inerentes, as propriedades⁵⁶ da informação a que Borko (1968, pp. 3-5) e Le Coadic (1997, pp. 516-523) aludiram, sem chegarem todavia à sua formulação, a saber: estruturação pela ação humana e social, integração dinâmica, pregnância, quantificação, reprodutividade e transmissibilidade. Estas propriedades estão intimamente encadeadas entre si e podem ser caracterizadas do seguinte modo:

- estruturação pela acção (humana e social): o acto individual e/ou colectivo funda e modela estruturalmente a informação;
- integração dinâmica: o acto informacional está implicado ou resulta sempre tanto das condições e circunstâncias internas, como das externas do sujeito da acção;
- pregnância: enunciação (máxima ou mínima) do sentido activo, ou seja, da acção fundadora e modeladora da informação;
- quantificação: a codificação linguística, numérica ou gráfica é valorável ou mensurável quantitativamente;
- reprodutividade: a informação é reprodutível sem limites, possibilitando a subsequente retenção/memorização; e
- transmissibilidade: a (re)produção informacional é potencialmente transmissível ou comunicável (Silva & Ribeiro, 2002, p. 42; Silva, 2006a, p. 25).

As duas primeiras propriedades da informação são a estruturação pela ação e a integração dinâmica. Ao enfatizar-se a capacidade do ato individual e/ou coletivo para modelar a informação, reconhece-se o papel da componente cognitiva do sujeito, bem como a influência do contexto sociocultural nos processos informacionais. Aliás, este papel é ainda reforçado pela segunda propriedade referida, na justa medida em que as circunstâncias internas e externas do sujeito são inerentes ao próprio ato informacional, sendo necessário conhecer os fatores (internos e externos) que modelam a informação enquanto fenómeno e processo.

A Informação humana, socialmente produzida e modelada, é reproduzida e memorizada, logo pode ser transmitida – dinâmica sócio-comunicacional. Assim, as propriedades da pregnância e da quantificação potenciam a reprodutividade ilimitada e vão originar claramente a memorização, que é um fator/elemento exponenciador da transmissibilidade.

⁵⁶ “E as propriedades são, de algum modo, características intrínsecas e “universais” do fenómeno informacional” (Silva, 2013, p. 16).

Pode-se, pois, considerar de forma sintética estes elementos caracterizadores da Informação, aliados à sua definição, como as bases mínimas e fundamentais para o discurso científico sobre o que se considera ser o objeto de estudo e de trabalho da CI.

Há aspetos do referido objeto suscetíveis de observação, de experimentação e de medida, sendo também necessário ter em conta a objetividade relativa do sujeito, condicionada pelo trabalho de interpretação/explicação da própria dinâmica informacional; por isso se torna necessário um dispositivo de investigação complexo, que supere a dicotomia quantitativo/qualitativo.

No campo da CI, a adequação do sujeito ao objeto faz-se através do **método de investigação quadripolar**⁵⁷, que permite conhecer/interpretar, compreender/explicar a Informação – fenómeno e processo (Silva & Ribeiro, 2002, pp. 86-91). Este método pós-positivista implica uma visão holística e uma dinâmica investigativa em constante avaliação e apuramento, o que permite a construção do conhecimento científico.

Segundo este modelo, proposto por Paul de Bruyne, Jacques Herman e Marc de Schoutheete (De Bruyne *et al.*, 1974), a investigação científica deve superar o debate entre quantitativo e qualitativo e promover a interdisciplinaridade. A investigação deve cumprir-se num projeto e reiniciar-se, corrigir-se e superar-se no seguinte, através da interação e abertura entre os quatro polos de análise: o da forma (morfológico), o da abordagem operacional (técnico), o dos princípios (teórico) e o da problematização científica (epistemológico), que interagem entre si (ver figura 6).

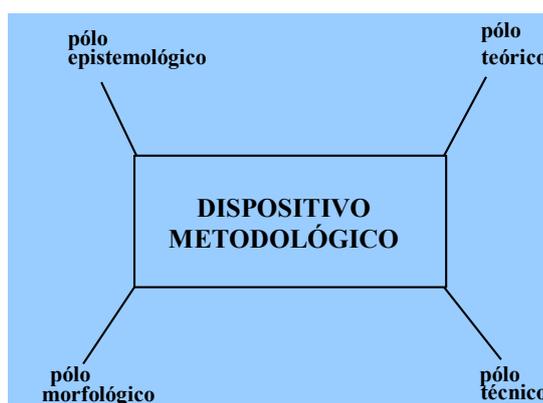


Figura 6: Metodologia quadripolar de investigação aplicada
Fonte: (De Bruyne *et al.*, 1974)

⁵⁷ Os autores canadianos, Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1994) adaptaram este método às Ciências da Educação e publicaram “Recherche qualitative: fondements et pratiques”, obra traduzida para português e editada pelo Instituto Piaget.

O primeiro e decisivo **polo** em toda a dinâmica de pesquisa é o **epistemológico** que “exerce uma função de vigilância crítica” (De Bruyne *et al.*, 1974, p. 34). Na investigação, é a garantia da objetivação do objeto científico, da elucidação das problemáticas da pesquisa (decide as regras de produção e de explicação dos factos, da compreensão e da validade das teorias). Assim, no polo epistemológico dá-se a “permanente construção do objeto científico e a delimitação da problemática de investigação” (Herman, 1983, p. 5); realiza-se a “reformulação dos parâmetros discursivos, dos paradigmas e dos critérios de cientificidade que orientam todo o processo de investigação” (Silva, 2006a, p. 154). Em termos práticos, o modelo teórico de base que suporta e orienta a presente investigação é o *Paradigma Informacional, Científico e Pós-Custodial*.

O **polo teórico** guia a construção dos conceitos e a elaboração das hipóteses. Lugar, enfim, da elaboração das linguagens científicas e que determina o movimento da conceitualização (De Bruyne *et al.*, 1974, p. 35). O sujeito conhece e relaciona-se com o objeto, formula hipóteses, teorias e conceitos operatórios, postula leis (*plano da descoberta*) e subsequentemente faz a “verificação ou refutação do «contexto teórico» elaborado (*plano da prova*)” (Silva & Ribeiro, 2002, p. 87). Neste polo é necessário o sujeito ter presente os atributos ou propriedades da Informação.

Nesta dinâmica quadripolar de investigação, assume particular relevância o polo teórico (onde se insere a TS como “ferramenta” interpretativa e explicativa do fenómeno informacional), uma vez que ele suporta a componente técnica e instrumental e dá sentido à explanação de resultados que se consubstancia no polo morfológico.

O **polo técnico** controla a recolha dos dados e a sua verificação, de modo a fazer-se o confronto com a teoria que foi suscitada. Exige a precisão na constatação, mas não garante, por si só, a exatidão (De Bruyne *et al.*, 1974, pp. 35-36). Neste polo, o sujeito investigador “toma contacto com a realidade objectivada” (Silva & Ribeiro, 2002, p. 88). Através da observação (direta e indireta) casuística ou de variáveis⁵⁸, da experimentação e da análise/avaliação retrospectiva e prospetiva⁵⁹ é possível confirmar ou infirmar as leis

⁵⁸ Recolha de dados histórico-institucionais, normativos e reguladores; descrição da natureza e funcionamento interno do sistema de informação de uma organização, através de técnicas como o questionário, a entrevista ou registos informáticos, de modo a chegar ao conhecimento do sistema.

⁵⁹ Examinar os resultados de modo a conhecer a estrutura de cada sistema ou antecipar situações potenciais no contexto de produção ou no serviço.

postuladas, as hipóteses, os conceitos operatórios e as teorias preparadas para cada estudo de caso. Neste polo procura-se determinar se a primeira formulação e todas as que se farão no decorrer da investigação se confirmam ou não. As respostas conseguidas poderão ser quantitativas e/ou qualitativas.

No **polo morfológico** “formalizam-se os resultados da investigação levada a cabo, através da representação do objeto em estudo e da exposição de todo o processo de pesquisa e análise que permitiu a construção científica em torno dele” (Silva, 2006a, pp. 29, 155). Os dados são organizados e apresentados, devidamente crivados no polo teórico e aferidos no polo epistemológico, o que demonstra a interatividade da investigação quadripolar. O melhor exemplo de ação deste polo é este trabalho, materialização de todas as tarefas e resultados atingidos durante a investigação. Trata-se, portanto, de um momento fundamental, o da representação, e da estruturação do objeto científico, pois [dans] “ce pôle figure le plan d’organisation des phénomènes, les modes d’articulation de l’expression théorique objectivée de la problématique de la recherche” (De Bruyne *et al.*, 1974, p. 151).

Para se perceber a originalidade e a importância da proposta quadripolar de De Bruyne e seus colaboradores, importa salientar a complexidade desta questão nas Ciências Sociais Aplicadas - a investigação e a construção do conhecimento científico não pode ser reduzida a uma sequência de operações baseadas em procedimentos ou etapas imutáveis, exige interpretação e interação entre as diferentes instâncias dos vários polos.

Os quatro polos referenciados anteriormente, em interação dinâmica, permitem a compreensão geral do objeto. Para se avançar em segurança na investigação, o ponto de partida deve ser a formulação teórica. Entre os polos técnico e teórico há uma forte relação, que passa pela formulação e validação constantes, próprias de um processo construtivo. Todo o processo está alicerçado num modelo, num paradigma superior que, à medida que vão surgindo os resultados de aplicação do método, vai evoluindo, numa reconstituição permanente do seu objeto de estudo. A verificação de todas estas relações entre os polos do método e os produtos da sua existência só é visível através da materialização que decorre no polo morfológico.

Acerca deste método, e partilhando opiniões de muitos autores consagrados, destaca-se a sua quadripolaridade. Esta apresenta uma configuração concetual específica

para a investigação qualitativa⁶⁰ e é imprescindível nas Ciências Sociais, em cujo vasto campo a CI se insere, desenvolvendo-se a sua aplicação em todas as fases da pesquisa. A relação dinâmica entre os diversos polos de investigação faculta a acumulação em espiral do conhecimento, permitindo a compreensão geral do objeto e o reinício do ciclo de investigação.

Anote-se, porém, que a exequibilidade deste método está ainda numa fase incipiente de afirmação na comunidade científica deste domínio, pois trata-se efetivamente de uma ciência recente. Todavia, são os resultados obtidos na prática científica que formam o critério da sua validade.

Assim, neste ponto do trabalho, procurou-se esclarecer os fundamentos teóricos e científicos da investigação, partindo-se de uma breve análise diacrónica do campo escolhido e, seguidamente, descreveram-se os seus desenvolvimentos.

Conclui-se que, até 1958, o termo CI raramente surgiu na literatura especializada, conquanto se possa estabelecer uma origem mais longínqua, recuando ao final do século XIX e aos estudos de Paul Otlet e Henri La Fontaine que determinaram a afirmação da Documentação. Apesar de a literatura publicada sobre a CI ter florescido ao longo da última metade do século XX, na verdade assistiu-se a profundas e intensas discussões em redor do seu carácter científico.

A existência de um campo de estudo próprio deve ser entendida e contextualizada no quadro do novo paradigma científico e pós-custodial, em oposição ao paradigma técnico e custodial, associado a uma visão historicista e patrimonialista.

Nas duas últimas décadas, a existência de uma CI (e não de várias) surge claramente dominada por uma perspetiva social centrada no estudo “das propriedades do objeto/fenómeno [informação] e do processo em que o fenómeno se transforma quando ocorrem situações marcadas pela dinâmica sócio-comunicacional” (Silva & Ribeiro, 2002, p. 43).

Verificando-se que as representações mentais (e emocionais) estão estruturadas e funcionam no interior de sistemas de informação específicos, em processos diversos que têm como objetivo a sua organização, representação, comunicação e uso, enumeraram-se as propriedades intrínsecas da informação, demonstrando que esta pode ser conhecida cientificamente.

⁶⁰ Ver Lessard-Hébert, Goyette, & Boutin, 1994.

Do ponto de vista teórico, a CI encontra-se ligada à teoria e pensamento sistémicos e, metodologicamente, ao Método Quadripolar (De Bruyne *et al.*, 1974), baseado em quatro polos – epistemológico, teórico, técnico e morfológico –, que intervêm na elaboração do conhecimento científico da área.

1.4 Uma Ciência pluridisciplinar, interdisciplinar e/ou transdisciplinar?

Não é consensual, ainda hoje, em meados da segunda década do século XXI, o entendimento de que a CI constitui um campo disciplinar com plena identidade e com caráter de cientificidade inquestionável, como o testemunham os trabalhos de autores como Hawkins (2001), Webber (2003) e Robinson (2009), dedicados em particular, à visão geral desta importante questão.

Na verdade, a CI tem sido considerada uma ciência social, uma metaciência, uma interciência, uma ciência pós-moderna, uma ciência superior, uma ciência do conhecimento ou um campo multidisciplinar de estudo (Robinson, 2009).

Como se aludiu anteriormente, este trabalho parte da assunção de que a CI é uma ciência, com um objeto claramente identificado e caracterizado, e com um método de investigação científico.

Outra questão que não está resolvida é a que se refere à relação existente entre a CI e outras disciplinas, com incidência particular na discussão sobre a conexão com disciplinas "adjacentes", tais como a Arquivística, a Biblioteconomia, os Sistemas de Informação e a Computação. Este debate também se centra na questão de saber se existe, ou não, alguma ligação significativa entre o conceito de informação em diferentes domínios: Bates (2006) e Bawden (2007), por exemplo, vêem essa possibilidade de ligação, enquanto Hjørland (2007) a rejeita.

Em face das divergências e controvérsias conhecidas, assinala-se a dificuldade que reside no estabelecimento de um consenso científico sobre o próprio campo disciplinar, e este está relacionado com diversos aspetos plasmados na literatura da área, como sejam os que se enumeram:

- Pensar a prática conduziu à afirmação disciplinar da Arquivística, da Biblioteconomia e da Documentação, “a teoria seguiu a prática, não a dirigiu nem a guiou” (Delgado López-Cózar, 2002, p. 24). Foi o exercício profissional que estimulou a reflexão sobre a praxis e fez surgir a necessidade de uma formação adequada;

- Na sequência do ponto anterior, a teorização e os trabalhos de investigação foram essenciais para a construção do conhecimento científico em torno do objeto de estudo;

- A construção científica da CI não ocorreu simultaneamente e da mesma forma em todos os países e contextos, o que torna muito variável o seu grau de desenvolvimento;

- Não havendo um consenso científico sobre a unidade epistemológica da área, surgem posições de entendimento da CI como uma interdisciplina;

- Subsistem, também, visões alicerçadas pelo paradigma tradicional, que aceita apenas a Informação registada (Documentação) como objeto de estudo (López Yepes, 1995, 1996, 2004);

- No âmbito do paradigma científico-informacional, regista-se a posição em favor de uma CI assumida como um campo de saber uno e transdisciplinar, o qual congrega e dá suporte teórico a diversas disciplinas aplicadas, desde a Arquivística e a Biblioteconomia/Documentação aos Sistemas Tecnológicos de Informação (Silva & Ribeiro, 2002, p. 80);

- A CI assumida como um campo de saber uno e transdisciplinar, inscrito na vasta área das ciências sociais e humanas, evidencia uma clara dimensão transdisciplinar e, em simultâneo, as relações interdisciplinares da CI com outras áreas do conhecimento (Silva, 2006a, p. 28).

Perante esta multiplicidade diferenciada de posicionamentos, o debate sobre se a CI é uma ciência social pluridisciplinar, interdisciplinar e/ou transdisciplinar⁶¹ é bastante atual. Assim, neste ponto, procura-se contribuir para uma clarificação da problemática em causa.

⁶¹ O prefixo *pluri* aponta para uma lógica de multiplicidade, o prefixo *inter* remete para a convergência, a complementaridade, o cruzamento, o prefixo *trans* aponta para a aspiração à homogeneização. Concordando com Pombo (2003, pp. 4-5), “é à etimologia dos prefixos que, em cada caso, antecedem a palavra disciplina que, a meu ver, há que recorrer. Recordar que os prefixos *pluri*, *inter* e *trans*, por razões etimológicas que nos ultrapassam porque estão na raiz daquilo que somos, da língua que falamos, carregam inevitavelmente fortes indicações. Ora, é justamente com base nessas indicações que, penso eu, há a possibilidade de avançar uma proposta terminológica assente em dois princípios fundamentais: a) aceitar estes três prefixos: *multi* ou *pluri*, *inter* e *trans* (digo três e não quatro porque, do ponto de vista etimológico, não faz sentido distinguir entre *pluri* e *multi*) enquanto três grandes horizontes de sentido e, b) aceitá-los como uma espécie de *continuum* que é atravessado por alguma coisa que, no seu seio, se vai desenvolvendo.”

A questão basilar consiste na tarefa difícil de se conseguir delimitar bem conceitos próximos, todavia distintos – interdisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade⁶². A literatura especializada⁶³ reflete claramente essa indeterminação conceitual.

Como refere Japiassú (1976, p. 30), “o saber chegou a tal ponto de esmigalhamento, que a exigência interdisciplinar mais parece em nossos dias a manifestação de um lamentável estado de carência.” Por sua vez, Pombo (2003) apresenta a seguinte proposta de entendimento face à flutuação de conceitos:

A ideia é a de que as tais três palavras, todas da mesma família, devem ser pensadas num *continuum* que vai da coordenação à combinação e desta à fusão. Se juntarmos a esta continuidade de forma um *crescendum* de intensidade, teremos qualquer coisa deste gênero: do paralelismo *pluridisciplinar* ao perspectivismo e convergência *interdisciplinar* e, desta, ao holismo e unificação *transdisciplinar*.

Se esta proposta tivesse aceitação entre a comunidade daqueles que pensam estas questões, teríamos aqui uma forma simples de nos entendermos. Quando estivéssemos a falar de pluridisciplinaridade ou de multidisciplinaridade, estaríamos a pensar naquele primeiro nível que implica pôr em paralelo, estabelecer algum mínimo de coordenação. A interdisciplinaridade, pelo seu lado, já exigiria uma convergência de pontos de vista. Quanto à transdisciplinaridade, ela remeteria para qualquer coisa da ordem da fusão unificadora, solução final que, conforme as circunstâncias concretas e o campo específico de aplicação, pode ser desejável ou não (Pombo, 2003, pp. 5-6).

⁶² Todas as palavras têm uma mesma raiz: disciplina. E, “esse comum radical, ao invés de funcionar como elemento de aproximação, constitui um novo procedimento de dispersão de sentido. Na verdade, na sua equivocidade, a palavra disciplina pode ter, pelo menos, três grandes significados. Disciplina como *ramo do saber*: a Matemática, a Física, a Biologia, a Sociologia ou a Psicologia são disciplinas, ramos do saber ou, melhor, alguns desses grandes ramos. Depois, temos as sub-disciplinas e assim sucessivamente. Disciplina como *componente curricular*: História, Ciências da Natureza, Cristalografia, Química Inorgânica, etc. Claro que, em grande medida, muitas das disciplinas curriculares se recortam sobre as científicas, acompanham a sua emergência, o seu desenvolvimento, embora, como sabemos, sempre com desfasamentos temporais e inexoráveis efeitos de desvio. Finalmente, disciplina como *conjunto de normas* ou leis que regulam uma determinada actividade ou o comportamento de um determinado grupo: a disciplina militar, a disciplina automobilística ou a disciplina escolar, etc. Há pois uma flutuação de conceitos mesmo no interior da palavra disciplina. Dito de outro modo, o facto de as quatro palavras referidas [pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade] terem a mesma raiz não ajuda muito a resolver a equivocidade de que todas elas padecem já que essa raiz remete ela mesma para três horizontes diferentes” (Pombo, 2003, p. 4).

⁶³ Olga Pombo (2004) considera que os esforços mais sistemáticos, com vista a fixar uma definição consistente, são ainda os dos pioneiros como Heckhausen (1972), Palmade (1979) e Resweber (1981).

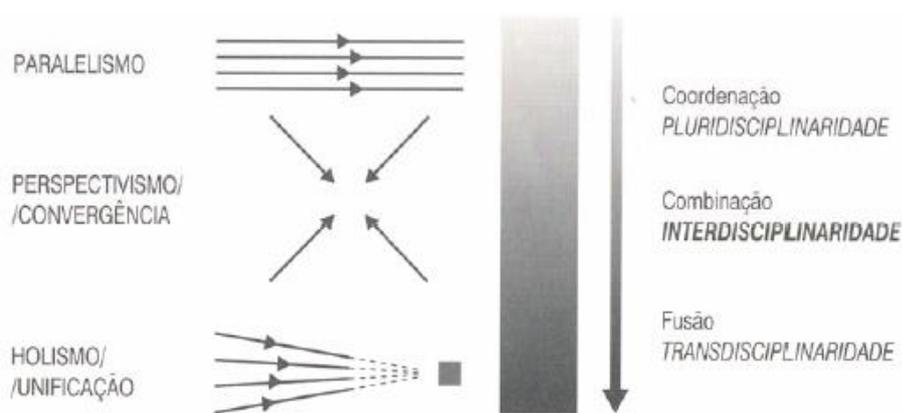


Figura 7: Pluridisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade

Fonte: (Pombo, 2003, p. 6)

Naturalmente há inúmeras definições entre os principais especialistas destas questões. Para lá de todas as diferenças, a interdisciplinaridade é o conceito primeiramente invocado perante a definição dos limites de uma área de conhecimento, face a uma nova disciplina ou diante de problemas complexos, cuja solução exige múltiplas e diferentes perspetivas.

A presença de uma ampla interdisciplinaridade na génese e evolução da CI não parece ter sido suficiente para a tornar consensual, pelo menos até ao momento presente. A definição a que se chegou nas conferências do *Georgia Institute of Technology*, aperfeiçoada depois por H. Borko (1968), influenciou inquestionavelmente a conceção unitária e interdisciplinar enunciada por Yves Le Coadic: “A interdisciplinaridade traduz-se por uma colaboração entre diversas disciplinas, que leva a interações, isto é, uma certa reciprocidade, de forma que haja, em suma, enriquecimento mútuo” (Le Coadic, 1996, p. 22).

Esta aposta na interdisciplinaridade da CI, aparece subscrita por vários autores⁶⁴, para além de Le Coadic (1996) e de Blanca Rodríguez Bravo (2002), uma perspetiva dominante na Europa e no Mundo.

Há, contudo, visões opostas, como a de Guy A. Marco (1996, p. 11) que, partindo da análise de várias definições de CI, apresenta “two false beliefs about information science: that there is a distinct discipline of information science; and that librarians need

⁶⁴ Ver também Robredo (2003, p. 62 e seguintes).

to study it". Uma das questões que sustenta o seu discurso crítico e redutor é precisamente a interdisciplinaridade, afirmando que a "information science is no more than a gathering of findings from communication, computer science and librarianship - it is not interdisciplinary, since it uses only products of the other fields, not their principles and methods".

Com uma visão oposta, Holland (2008, p. 9), considera que a "interdisciplinary research has longer-term benefits for information science, but multidisciplinary research can also fulfil valid collaborative roles in information science". Sobre a natureza multidisciplinar e interdisciplinar da CI acrescenta que as inconsistências na aplicação dos termos tem impacto na prática profissional, todavia há uma distinção clara entre ambos. Para este autor, a "investigação interdisciplinar requer que a integração de conhecimento e/ou de métodos de várias disciplinas cresçam em uníssono para resolver uma questão ou problema".

Para o conceito multidisciplinar segue a proposta de Joe Moran (2002), afirmando que "o trabalho multidisciplinar refere-se à justaposição de duas ou mais disciplinas ligadas pela sua proximidade, mais do que pelo esforço transformador para produzir novas formas de conhecimento". Sobre estas duas abordagens considera que, por norma, a colaboração entre diversas áreas de conhecimento verifica-se a um nível multidisciplinar, todavia o mais útil, construtivo e enriquecedor para a CI seria o trabalho sob a perspectiva interdisciplinar⁶⁵.

Não obstante o que se expõe, parece confirmar-se um impacto muito reduzido no trabalho de pesquisa realizado em contexto universitário sobre Documentação e Informação.

Pode dizer-se que o peso do corporativismo profissional, muito patente na área da obtenção, conservação e mediação de livros, periódicos e documentos os mais diversos, teve e continua tendo precedência sobre a preocupação identitária de cariz mais teórico e epistemológico (Silva, 2007, p. 23).

Olga Pombo sumaria os sete critérios que distinguem uma disciplina científica de outra: "(1) o domínio material ou objecto de estudo; (2) o conjunto possível de

⁶⁵ "I take interdisciplinarity to mean any form of dialogue or interaction between two or more disciplines: the level, type, purpose, and effect of this interaction remain to be examined" (Moran, 2010, p. 14).

fenómenos observáveis; (3) o nível de integração teórica; (4) os métodos; (5) os instrumentos de análise; (6) as aplicações práticas; e (7) as contingências históricas” (Pombo, 2004, p. 164).

Enquanto a pluridisciplinaridade remete para a convergência plural de disciplinas convocadas para a solução de um problema, a transdisciplinaridade remete para o estudo de um objeto análogo.

Se cada disciplina propõe um caminho de aproximação ao saber, se cada aproximação revela um aspecto da verdade global, a transdisciplinaridade aponta para um objecto comum, situado além do horizonte da investigação epistemológica, nesse ponto imaginário em que todas as paralelas acabam por se encontrar (Pombo, 2004, p. 171).

De acordo com Nicolescu (2000, p. 15), a interdisciplinaridade é a transferência de métodos de uma disciplina para outra, que pode ocorrer em três graus: a) de aplicação – na solução de problemas de uma disciplina pelos métodos de outra; b) epistemológico – análise de determinado assunto de uma disciplina utilizando a maneira característica empregada por outra; c) geração de novas disciplinas – geração de uma nova disciplina através da transferência de método de uma para outra. A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo do objeto de uma disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo. A transdisciplinaridade está relacionada com o que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. O seu objetivo é a compreensão do mundo presente e da cada vez maior complexidade dos seus sistemas, os quais têm de ser permanentemente geridos numa lógica de adaptabilidade e de equilíbrio entre a ordem e a desordem ou o caos.

Pombo define interdisciplinas como “as novas disciplinas que aparecem com autonomia académica a partir de 1940/50 e que surgem do cruzamento de várias disciplinas científicas com o campo industrial e organizacional” (Pombo, 2006, p. 211).

Sobre as ambições e limites da interdisciplinaridade, a mesma autora explicita: esta “projecta-se na emergência constante de novas disciplinas que não são mais do que a estabilização institucional e epistemológica de rotinas de cruzamento de disciplinas” (Pombo, 2004, p. 75).

A interdisciplinaridade e transdisciplinaridade característica da CI não corresponde ao somatório ou à justaposição de diversas disciplinas que estudam um fenómeno de natureza complexa e partilhado por várias áreas do conhecimento.

Recorde-se que, sendo a Informação um fenómeno cuja génese está no cérebro humano, em estreita relação com a ação de cada sujeito socialmente contextualizada, o seu estudo não pode deixar de remeter para abordagens cognitivistas e sociológicas, numa evidente interdisciplinaridade com a CI.

A CI tem, portanto, uma natureza interdisciplinar flagrante, porque necessita do contributo de outras ciências, humanas e sociais (ex. Sociologia, História, Gestão e Economia, Direito), exatas e naturais (ex. Informática, Matemática), e simultaneamente exige delas um sólido intercâmbio, no que toca a metodologias, teorias e resultados que se relacionam com o fenómeno infocomunicacional.

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo em todas as disciplinas, remete para a fusão/unificação; a CI congrega e dá suporte teórico a várias disciplinas aplicadas como a Arquivística, a Biblioteconomia, a Documentação, os Sistemas Tecnológicos de Informação, a Museologia.

Em suma:

O fortalecimento transdisciplinar liberta-a do perigoso especialismo tecnicista ou instrumental e confere-lhe um outro fôlego para as práticas interdisciplinares que se situam em dois níveis: um central ou nuclear e outro complementar⁶⁶. [A nível central ou nuclear a CI precisa] do contributo directo da Lógica e da Matemática, das Neurociências, da Cibernética, da Inteligência Artificial (com incidência na pesquisa avançada sobre a interação homem - máquina), da Psicologia (com especial destaque para a Psicologia Cognitiva, a Psicolinguística, a Psicologia Social e a Psicologia da Comunicação), da Sociologia (das Organizações, da Cultura e da Comunicação), da Semiologia e da Medialogia (acha-se, neste elenco, o core das denominadas Ciências da Comunicação⁶⁷). O intercâmbio com estas disciplinas faz-se, na óptica da C.I., através da assimilação de resultados, metodologias e teorias que têm a ver directamente com o objecto infocomunicacional que a C.I. estuda (...); e, em troca, essas disciplinas recebem o produto contínuo desta abordagem específica e, num plano mais aplicacional, lucram com os dispositivos que agilizam o fluxo informacional para proveito operacional de cada pessoa,

⁶⁶ Sublinhado da doutoranda.

⁶⁷ Ciências da Comunicação (Sociologia, Semiótica, Psicologia e Informática, Inteligência Artificial e Multimédia).

grupo ou instituição (...). [A nível complementar, a CI desenvolve práticas interdisciplinares] com ciências que ajudam a contextualizar quer a informação produzida quer o correlativo processo comunicacional ou de recuperação/uso — a História, a Administração e o Direito, a Gestão e Economia e a Auditoria e Contabilidade. As questões relacionadas com a preservação do suporte material simples ou o dispositivo tecnológico de registo/processamento dos conteúdos (informação) implicam relações com ciências naturais (Física e Química) e com a engenharia electrotécnica e informática (Silva, 2006c, pp. 28-29).

Nesta perspetiva, a CI deixa de ser o somatório de disciplinas que operam entre si (interdisciplina) ou em conjunto (pluridisciplina) para se assumir como um campo fundamentalmente trans e interdisciplinar, com objeto e método próprios, ainda que em relação com outros domínios científicos complementares.

Concluindo, reconhece-se, todavia, que a racionalidade científica não garante a formação do consenso. Contudo, a consolidação da CI como área científica, unificada pelo objeto informação, definido na sua dupla faceta de fenómeno e processo, permite afirmar a sua identidade.

2. A NATUREZA E A EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

2. A natureza e a evolução dos Sistemas de Informação

"...não somos estudantes de assuntos, mas estudantes de problemas. E os problemas constituem os recortes de qualquer assunto ou disciplina."

(Popper, 1972, cit. por Saracevic, 1996, p. 41).

2.1 Origens e enquadramento histórico da Arquivística, da Biblioteconomia, da Museologia e da Documentação

Numa abordagem muito linear, Le Coadic afirma que a biblioteconomia ou "ciência das bibliotecas", a arquivística ou "ciência dos arquivos", a museologia ou "ciência do museu" e a "ciência dos media, da comunicação" mais não são que meras "pratiques empiriques d'organisation" (Le Coadic, 1997, p. 517).

O surgimento da Arquivística, da Biblioteconomia, da Museologia e da Documentação, enquanto disciplinas, é muito posterior à criação do objeto de estudo que esteve na sua génese.

A própria análise da evolução etimológica das palavras revela que Arquivos, Biblioteca, Museus e Centros de Documentação têm muitos pontos em comum.

Arquivo deriva do grego ἀρχεῖον (arkheion) - "centro de poder ou governo" - e através do latim *archivum* passa a significar um "conjunto documental, depósito de documentos".

Biblioteca, do grego βιβλιοθήκη, composto por βιβλίον (biblion) - "livro", e θήκη (theca) - "caixa", teve como significado inicial "caixa de livros"; através do latim *bibliotheca* passa a designar a "coleção de livros, edifício ou sala para alojar a coleção de livros"⁶⁸.

Museu também deriva do grego μουσεῖον (*mouseion*)⁶⁹ - "templo das musas" - e do latim *museum* e referia-se "às musas, estabelecimento onde estão guardadas coleções

⁶⁸ Para uma análise detalhada da evolução dos conceitos de biblioteca e de museu, e da sua " historia entremezclada" ver López de Prado (2003, pp. 6-10).

⁶⁹ O termo *mouseion* surgiu no século III a.C., para caracterizar o centro de irradiação cultural em Alexandria (Hernández Hernández, 2006, p. 22).

de várias artes e ciências de que as musas eram orago”. A palavra museu, com o sentido que tem hoje, data apenas de 1813⁷⁰.

Documentação, do latim *documentationem, documentum (docere + mentem - "ensinar a mente" ou doctus + mentem - "mente treinada")*, referia-se a um “objeto destinado a reproduzir ou representar algo, guardar a memória ou servir de prova”, tinha um significado híbrido, confundindo-se muitas vezes com os conceitos referenciados anteriormente.

Ora, daqui se infere a existência de um denominador comum subjacente ao surgimento destas três organizações milenares - a satisfação das necessidades sentidas pela humanidade ao longo dos tempos:

Essa foi a prioridade de todas as sociedades, desde a Antiguidade pré-clássica até aos tempos em que vivemos e, naturalmente, os valores culturais de cada civilização marcaram e marcarão substancialmente o processo evolutivo das várias organizações, as quais surgem para desempenhar uma função que é sentida como necessária em termos sociais (Marques, 2012, p. 25).

Perfilhando esta visão, identifica-se a impossibilidade de estudar a história destas instituições de memória⁷¹, independentemente da história geral da humanidade.

No caso dos Arquivos e das Bibliotecas, o seu marco existencial remonta ao aparecimento da escrita, na Mesopotâmia e no Egito, passando a predominar para a eternidade o registo das atividades das civilizações pré-clássicas. “The earliest physical evidence of repositories of clay tablets in the Near East suggests that documents were created, collected, and stored to serve pragmatic purposes” (Hedstrom & King, 2004, p. [12]).

Portanto, as descobertas arqueológicas permitiram identificar, em Nippur, Lagash, Nimrud, Elba, Mari, Ninive, Ugarit, etc., alguns dos mais diversos vestígios, em diferentes

⁷⁰ De acordo com o “Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa” (Machado, 1977): «do gr. museîon; “Templo das Musas” (...) era a designação da parte do palácio de Alexandria onde Ptolomeu I havia reunido os mais célebres sábios e filósofos para lhes permitir entregar-se à cultura das ciências e das letras, e na qual estava colocada a célebre biblioteca, mais tarde incendiada pelos árabes; houve um intermédio do lat. *museum*; «Lugar consagrado às musas»; aos estudos; museu; biblioteca, academia; no séc. XVI, com a aceção de «templo das Musas»; o sentido moderno em 1813.”

⁷¹ “(...) an important aspect of their mission is to participate in construction of collective memory of communities they serve. (...) In these institutions, communication of memory is performed by means of its cultural mediator: cultural heritage. Communication of memory reveals important aspects of the institutional identity of archives, libraries and museums” (Manžuch, 2009).

suportes (tabuinhas/placas de argila, papiro, entre outros), das atividades do ser humano⁷².

Tendo como sustentáculo a sua herança helénica, o mundo romano continuou a criar e a desenvolver estas organizações, conduzindo ao estabelecimento de redes públicas de arquivos⁷³ e de bibliotecas.

No que se refere aos Museus, o seu aparecimento reporta-se ao hábito de colecionar das grandes civilizações da Antiguidade Clássica. Todavia, André Leroi-Gourhan (1964), etnólogo, arqueólogo e historiador francês, especialista no estudo do homem pré-histórico, verificou nas escavações efetuadas, que os mortos eram acompanhados pelas suas relíquias (hábito de colecionar, ainda que a título individual e apenas com fins de natureza religiosa)⁷⁴.

Durante a Antiguidade Clássica e ao longo da Idade Média não havia distinção entre Arquivos, Bibliotecas e Museus (Ortega, 2004, p. 3). A partir da Idade Moderna dão-se os primeiros passos para o aparecimento de organizações com autonomia e individualidade própria.

No século XVI⁷⁵ surgem os Arquivos de Estado⁷⁶ e, já na Época Contemporânea, após a Revolução Francesa (1789) os Arquivos da Nação⁷⁷, tendo-se formalizado o propósito da liberalização de acesso aos arquivos pela generalidade da população⁷⁸.

⁷² "The origins of libraries and archives are intertwined with the emergence of writing, the development of commerce and accounting, the establishment of the rule of law, and the genesis of scholarly discourse. (...) Records commonly found in ancient archives include the laws of the land, evidence of administrative transactions, financial and accounting records, and documents that enforced ownership and control over property and people, reflecting constants in records creation regardless of the nature of governmental, religious, and economic institutions" (Hedstrom & King, 2004, p. [12]).

⁷³ Sobre o desenvolvimento das redes de arquivos ver Silva *et al.* (1999, pp. 61-70).

⁷⁴ Ver as seguintes obras: "Les Religions de la Préhistoire" (1964) e "Le Geste et la Parole" (1964-1965).

⁷⁵ De que é exemplo a criação do *Archivo de Simancas* em 1540, em Espanha. "Es Carlos V quien, sofocado el movimiento comunero, afianzado el poder real y desarrollado el aparato administrativo de la monarquía, ordena, el 16 de septiembre de 1540, guardar en uno de los cubos o torres, acondicionados para ello, un importante conjunto de documentos. Pero la acción del emperador no pasó de recoger en el naciente archivo un pequeño conjunto de documentos dispersos por la Corona de Castilla. El verdadero ejecutor del Archivo de Simancas, plenamente consciente de la transcendencia y significado de su proyecto archivístico, es Felipe II, quien claramente percibe que la administración de un imperio debe descansar en el control de la escritura, único medio receptor de informaciones y emisor de órdenes. Para cumplir este objetivo construye un edificio y promulga un reglamento. En 1572 manda a Juan de Herrera que haga las trazas de lo que se convertiría en el primer edificio construido para archivo de la época moderna, y en 1588 firma una instrucción considerada el primer reglamento de archivos del mundo." Informação disponível em: <http://www.mecd.gob.es/cultura-mecd/areas-cultura/archivos/mc/archivos/ags/presentacion/historia.html>.

⁷⁶ Esta noção já existia na Antiguidade Clássica; o conceito de Estado e a sua organização foram naturalmente sofrendo modificações ao longo dos séculos.

A evolução das três áreas – Biblioteconomia, Arquivística e Museologia – obedeceu à ordem cronológica das seguintes publicações: “*Advis pour dresser une bibliothèque*”, de Gabriel Naudé (1627), “*De re diplomática*”, de Dom Jean Mabillon (1681) e “*Museographia*”, de Gaspar F. Neickel (1727). Do ponto de vista institucional, a sua afirmação e consolidação impõe-se definitivamente a partir de 1789, com a Revolução Francesa. As três disciplinas formalizam-se no século XIX, na órbita da História erudito-metódica e positivista, tendo as práticas de custódia e de organização sempre precedido a compreensão teórica.

No que se refere aos Centros de Documentação, estes são uma criação da primeira metade do século XX.

O Centro de Documentação representa uma mescla das entidades anteriormente caracterizadas [Arquivo, Biblioteca, Museu], sem se identificar com nenhuma delas. Reúne, por compra, doação ou permuta, documentos únicos ou múltiplos de origens diversas (sob a forma de originais ou cópias) e/ou referências sobre uma área específica da atividade humana. Esses documentos e referências podem ser tipificados como de arquivo, biblioteca e/ou museu (Tessitore, 2003, p. 14).

Para Bellotto (1991, p. 4): “Arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus têm co-responsabilidade no processo de recuperação da informação, em benefício da divulgação científica, tecnológica, cultural e social, bem como do testemunho jurídico e histórico.”

A partir dos alvares do século XX, fruto da evolução histórica, político-administrativa, cultural, socioeconómica e tecnológica, está em curso um movimento que aponta para um novo paradigma, em que se desloca a atenção do “documento” para o objeto científico “informação”.

A aproximação de áreas disciplinares como a Arquivística, a Biblioteconomia e a Museologia, “cujos elementos de distinção são em número muito inferior às afinidades detetadas” (Marques & Vicente, 2015, p. 8), verifica-se no contexto de uma Sociedade em

⁷⁷ De que é exemplo a criação dos *Archives Nationales* de França, com a Lei de 7 Messidor. O arquivo central do Estado passa a ser entendido como o Arquivo da Nação.

⁷⁸ Este princípio levará tempo a consolidar-se; só em meados do século XIX são criadas salas para consulta nos arquivos. A legislação saída da Revolução Francesa teve aspetos inovadores, em particular, menciona-se a criação de um órgão nacional e independente para superintendência dos arquivos e a intenção de liberalizar o acesso a todos os cidadãos (Lei de 7 Messidor, ano II da Revolução, art.º 3, art.º 37 e art.º 38).

rede e no âmbito da consolidação da CI, cujas origens remontam ao final do século XIX⁷⁹ e que se afirmou na década de 50 e inícios dos anos 60⁸⁰ do século passado.

Na história destas áreas, há diversos pontos de contato. (...) No início do século XX o movimento de criação de associações profissionais e também de associações internacionais parecia ser o da diferenciação das três áreas. Contudo, no âmbito dos organismos internacionais, após a década de 1960 voltou a haver um movimento de integração, pautado, principalmente, pela idéia de equipamentos culturais voltados para o patrimônio e a memória com fins educacionais (Araújo, 2010, p. 183).

Silva (2002) faz remontar o aparecimento destes três campos do conhecimento científico ao século XIX, inseridos num paradigma patrimonialista, caracterizado pela:

- sobrevalorização da custódia, guarda, conservação e restauro do suporte como função basilar da actividade profissional de arquivistas, bibliotecários e museólogos;
- ênfase da memória como fonte legitimadora do Estado-Nação moderno e como construção intelectual de passado(s) fundador(es) (...);
- importância crescente do acesso ao “conteúdo” dos documentos e aos próprios objectos (...) [todavia mantém-se] o acesso fortemente condicionado pela matriz custodial, historicista e patrimonialista;
- distinção formal e profissional do arquivista, do bibliotecário e do museólogo, [no entanto], todos conservam, preservam, coligem, ordenam, classificam e difundem *documentação* em sentido amplo (Silva, 2002, pp. 577-578).

Este autor afirma ainda que, muito devido ao desenvolvimento das TIC ao longo do século XX, tal paradigma deu lugar a outro em torno da “noção operatória de informação” (Silva, 2002, p. 573), com as seguintes características:

- a. a valorização da informação;
- b. o dinamismo informacional em oposição ao imobilismo documental;
- c. os modelos teórico/científicos em oposição a um conjunto uniforme e acrítico de modos/regras de fazer (Araújo, 2010, pp. 184-185).

⁷⁹ Os belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine fundam o Instituto Internacional de Bibliografia (1895), que teve um papel fundamental nos procedimentos de carácter técnico para tratamento da informação e no desenvolvimento da Classificação Decimal Universal (CDU); em 1905 publicam o “Manuel du Répertoire Bibliographique Universel”, título da 1.ª edição da futura CDU; realização da I Conferência Internacional de Bibliografia, em 1895.

⁸⁰ Conferência Internacional sobre Informação Científica, 1958; Conferências no *Georgia Institute of Technology*, 1961 e 1962.

Este novo paradigma confere a estes três campos de conhecimento o estatuto de fazerem parte integrante de um *corpus* científico unificado pelo mesmo objeto – a informação, enquanto fenómeno e enquanto processo⁸¹ –, capaz de aproximar diferentes áreas e de correlacionar a noção de informação e os conceitos de cultura, documento, conhecimento e comunicação (Silva, 2006a).

Ribeiro (2002b) refere que este novo paradigma, designado por científico-informacional tem diversas características identificadoras:

- a) valorização da informação (fenómeno/processo humano e social), residindo nela e não no suporte (material externo ao sujeito) a sua própria historicidade (orgânico-contextual) e a sua riqueza patrimonial/cultural;
- b) afirmação do incessante e natural dinamismo informacional oposto ao imobilismo documental, traduzindo-se aquele no trinómio criação-selecção natural-acesso/uso e o segundo na antinomia artificial "vida" efémera - permanência/conservação;
- c) impossibilidade de manter a compartimentação documentalista da informação pelo espaço institucional e tecnológico onde se conserva (serviço de arquivo, serviço de biblioteca e sistema informático/software de computador), porque este critério é superficial e não abrange o dinâmico contexto de produção (organicidade), de retenção/memória e de uso/consumo (funcionalidade);
- d) necessidade de conhecer (indagar, compreender e explicitar) a informação social através de modelos teórico-científicos cada vez mais exigentes e eficazes em vez do universo rudimentar e fechado da prática informacional empírica composta por um conjunto uniforme e acrítico de modos/regras de fazer, de procedimentos só aparentemente "assépticos" ou "objectivos" de criação, classificação, ordenação e recuperação;
- e) substituição da lógica instrumental patente nas expressões "gestão de documentos" e "gestão da informação" pela lógica científico-compreensiva da informação na gestão, isto é, a informação social está implicada no processo de gestão de qualquer entidade organizacional e assim sendo as práticas/procedimentos informacionais decorrem e articulam-se com as concepções e práticas dos gestores e actores e com a estrutura e cultura organizacionais, devendo o arquivista ou até o documentalista, em vez de estabelecer ou impor regras operativas, compreender o sentido de tais práticas, como se exige, por exemplo, a um sociólogo das organizações e apresentar dentro de certos

⁸¹ Sobre o conceito de informação como uma coisa (aspeto físico), informação como conhecimento (significado) e informação como processo (sentido), consultar o triângulo semiótico de Charles Peirce.

modelos teóricos as soluções (retro ou) prospectivas mais adequadas (Ribeiro, 2002b, p. 16).

Esta breve sinopse histórica do aparecimento e desenvolvimento destas três organizações milenares permite compreender a sua evolução até aos dias de hoje, enquanto “places where we learn about ourselves, the world around us, and what came before us. They inspire us to make a better future by helping us remember and understand the past” (Dupont, 2007, p. 13).

Nesta perspetiva, procura-se seguidamente especificar com maior detalhe o quadro evolutivo das referidas disciplinas, numa linha diacrónica, uma vez que as “instituições e serviços Arquivo, Biblioteca e Museu estão na raiz e na designação das respetivas disciplinas profissionais e alegadas ciências” (Silva, 2015, p. 104).

Os resultados da investigação desenvolvida permitem afirmar que os arquivos surgiram fruto de um processo natural, tendo os registos escritos dominado a materialização da memória individual e coletiva, durante milénios. As origens dos arquivos parecem confundir-se com o nascimento da própria escrita, em resultado da necessidade de o Homem das antigas civilizações pré-clássicas do Médio Oriente registar e comunicar os seus atos, sentimentos e conhecimentos.

A prática arquivística, mesmo mantendo o seu cariz empírico-pragmático, foi-se tornando cada vez mais complexa à medida que as sociedades evoluíram e as necessidades dos produtores e consumidores da informação assim o exigiram.

Sobre a constituição da Arquivística como disciplina científica regista-se uma relação inicial próxima da Paleografia e da Diplomática. Paul Otlet, na sua obra “*Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*”, refere: “La ciencia de los archivos, creada por Mabillon⁸² con el nombre de diplomática no ha dejado desarrollarse” (Otlet, 1996, p. 348)

As principais linhas de força que prepararam a viragem essencial nesta disciplina recente⁸³ emergiram na sequência da Revolução Francesa. A uma Arquivística de pendor

⁸² Referência à obra “*De re Diplomatica*” (1681), de Jean Mabillon, monge beneditino, erudito e historiador francês, considerado o fundador da Paleografia e da Diplomática (disciplinas auxiliares da História).

⁸³ Sobre o período que medeia entre o século XVI e meados do século XIX pode consultar-se Bautier (1968, pp. 139-150).

auxiliar do trabalho historiográfico, no seio da História metódico-erudita e positivista, sucedeu uma disciplina técnica (voltada para a resolução de problemas teórico-práticos dos arquivos administrativos e definitivos), em finais do século XIX, mais precisamente em 1898, após a publicação de um manual técnico de arquivistas holandeses (Muller, Feith, & Fruin, 1898).

A Arquivística vai ser definida por Theodore R. Schellenberg (1958) como a ciência “que trata de los archivos, de su conservación, administración, clasificación, ordenación, interpretación, etc.; [assim como] de las colecciones de documentos que en los archivos se conservan como fuente para su conocimiento ulterior y servicio público”. Uma definição mais atualizada é apresentada por Fuster Ruiz (1999):

Archivística es la ciencia que se ocupa de los archivos en sus aspectos teóricos y prácticos, estableciendo principios inalterables y estudiando técnicas adecuadas de gestión de documentos, administración y tratamiento técnico de archivos, así como la función jurídica, administrativa y científica de los mismos, desde un punto de vista archivístico o de ciencias y técnicas diversas, y su relación con las entidades productoras de los conjuntos orgánicos de documentos, a fin de manejar y hacer accesible la información de los fondos documentales (Fuster Ruiz, 1999, p. 117).

Nestas definições adota-se, de forma natural, a conceção da Arquivística como ciência, aceção que toma forma no século XIX e que teve como importante ponto de partida a obra dos holandeses S. Muller, J. A. Feith e R. Fruin (1898) – “Handleiding voor het ordenen en beschrijven van archieven”.

No entanto, a conceção arquivística tradicional e ainda hoje de certo modo dominante, herdeira da matriz francesa, que configura o paradigma histórico-tecnicista, custodial, patrimonialista, caracteriza-se, em traços gerais, pelos seguintes aspetos⁸⁴:

- Existência de arquivos históricos, concebidos para conservar e possibilitar o acesso à documentação, essencialmente de carácter patrimonial, enquanto fonte para a historiografia;

- Fundamentação teórica assente na noção oitocentista de fundo⁸⁵, considerado como o objeto da disciplina, ou seja, como sinónimo de arquivo;

⁸⁴ Para uma perspetiva mais desenvolvida das características do paradigma histórico-tecnicista pode consultar-se Ribeiro (2002a, pp. 98-101).

- Adoção de princípios baseados na evidência e no pragmatismo, como o “princípio do respeito pelos fundos” ou “princípio da proveniência” e o “princípio da ordem original”;
- Valorização da componente técnica e ênfase da normalização;
- Entendimento do documento como objeto material constitutivo do arquivo.

A partir dos alvares do século XX, a evolução histórica, político-administrativa, cultural, socioeconómica e tecnológica trouxe mudanças significativas que acentuaram a vertente técnica da Arquivística.

O aparecimento de novos suportes, o crescimento exponencial da produção informacional e das conseqüentes massas documentais acumuladas, em particular a partir do período que medeia entre as duas guerras mundiais, intensificaram esta vertente, tendo surgido paralelamente aos arquivos históricos os arquivos correntes das administrações, onde os gestores, *records managers*, passam a desenvolver uma atividade profissional pragmática e eficaz na gestão dos documentos. No pós-guerra, afirmam-se dois conceitos - o de *record group* (estabelecido em 1941, no *National Archives* de Washington, como adaptação americana do princípio da proveniência que possibilitou uma flexibilidade na organização dos documentos produzidos por diferentes entidades) e o de *records management* (intervenção na gestão de documentos na fase da sua produção e tramitação nos serviços administrativos que passam a desenvolver uma atividade profissional pragmática e eficaz na gestão dos documentos correntes) (Pinkett, 1981, pp. 219-222).

Após a 2ª Guerra Mundial, a evolução social, económica e tecnológica (Bell, 1977) das últimas décadas transformou a sociedade industrial em Sociedade de Informação (Castells, 2002-2003), com novos desafios e problemas ainda mais complexos para os profissionais dos arquivos (Silva *et al.*, 1999, pp. 129-185).

⁸⁵ De modo a compreender-se a formalização do conceito através do termo “fundo”, ocorrida no século XIX, bem como a formulação do “princípio de respeito pelos fundos” de forma explícita, deve-se recuar até ao século XVII e aos contributos de Thomas Powell (1622) e Nicolò Giussani (1684). Adolf Brenneke considera que a formulação do “princípio de respeito pelos fundos”, em 1841, não foi histórica e orgânica, mas sim mecânica. Elio Lodolini refere que o princípio da proveniência foi pela 1.ª vez aplicado na Dinamarca, em 1791. Antonia Herredia Herrera afirma que, em Espanha, já se aplicava o “respeito pela origem e ordem natural” desde tempos anteriores ao século XIX (Silva *et al.*, 1999). Michel Duchein e a moderna escola canadiana procuraram adaptar o conceito a novas realidades e dar-lhe novos contornos que lhe assegurassem a sobrevivência. Veja-se a este propósito os trabalhos de Duchein (1998, pp. 87-100) e de Eastwood (1992).

Tal como afirma Ribeiro (2002b):

O paradigma histórico-tecnicista e custodial evidencia, sobretudo desde a década de oitenta do século XX, sintomas de nítida crise por efeito óbvio da génese e do desenvolvimento da Sociedade da Informação, que o sociólogo David Lyon considera ser algo mais do que *um pós-industrialismo reciclado* pelo impacte sócio-económico e cultural das novas tecnologias da informação (micro-electrónica e informática)⁸⁶ (Ribeiro, 2002b, p. 13).

A escola canadiana de Carol Couture e Jean-Yves Rousseau (1998), a perspetiva de Terry Cook (1992) face a novos critérios para a avaliação da informação, e as investigações conduzidas por Terry Eastwood, Luciana Duranti (1995) e Heather McNeil (1996), no sentido de validação e preservação do contexto de produção dos documentos eletrónicos, são exemplos ilustrativos da mudança que se verifica no quadro da Sociedade de Informação, em Rede (Castells, 2002-2003).

No confronto entre o paradigma documental, técnico e custodial clássico e o paradigma científico e pós-custodial⁸⁷ emergente, a Arquivística configura-se, como se referiu no capítulo 1 desta tese, como disciplina aplicada ou ramo específico da CI “que estuda os arquivos (sistemas de informação (semi-) fechados), quer na sua estruturação interna e na sua dinâmica própria, quer na interação com os outros sistemas correlativos que coexistem no contexto envolvente” (Silva *et al.*, 1999, p. 214).

Como refere Fuster Ruiz (1999, p. 109): “La palabra archivo generalmente tiene tres acepciones: como contenido documental, como institución y como continente o lugar de conservación.” De facto, a criação de um léxico específico, que se constitua como fiel tradutor dos conceitos e das práticas inerentes à própria Arquivística, não tem sido fácil de concretizar. Este assunto recebeu a atenção do Conselho Internacional de Arquivos ou *International Council on Archives* (ICA), criado em 1948, e a partir da década de 50 regista-se um surto assinalável de publicações relativas à terminologia.

Não cabendo aqui enunciar todos os dicionários vindos a público nos diversos países⁸⁸, assinala-se a polissemia do conceito arquivo identificada.

⁸⁶ Ver Lyon (1992, pp. 8-9).

⁸⁷ Para uma caracterização aprofundada do paradigma científico-informacional ver Ribeiro (2001, pp. 295-310).

⁸⁸ A partir dos anos 50 do século XX, identificam-se publicações relativas a terminologia arquivística em língua alemã, inglesa, francesa e nas de raiz eslava. Destaca-se, a partir dos anos 60: “Elsevier’s lexicon of

No “Glossary of Archival and Records Terminology” (Pearce-Moses, 2005) registam-se as seguintes definições para arquivo:

1. Materials created or received by a person, family, or organization, public or private, in the conduct of their affairs and preserved because of the enduring value contained in the information they contain or as evidence of the functions and responsibilities of their creator, especially those materials maintained using the principles of provenance, original order, and collective control; permanent records.
2. The division within an organization responsible for maintaining the organization's records of enduring value.
3. An organization that collects the records of individuals, families, or other organizations; a collecting archives.
4. The professional discipline of administering such collections and organizations.
5. The building (or portion thereof) housing archival collections.
6. A published collection of scholarly papers, especially as a periodical⁸⁹ (Pearce-Moses, 2005, p. 30).

Na terminologia arquivística (NP 4041), arquivo é definido como:

Conjunto orgânico de documentos, independentemente da sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou colectiva, ou por um organismo público ou privado, no exercício da sua actividade e conservados a título de prova ou informação. É a mais ampla unidade arquivística. A cada proveniência corresponde um arquivo (NP 4041, 2005, p. 5).

Para Silva *et al.* (1999) e Silva (2006a) não se deve confundir Serviço de Arquivo (departamento orgânico de uma entidade/instituição) com Arquivo (sistema de informação), pois o conceito tem duas aceções:

1. serviço criado organicamente numa determinada entidade e/ou instituição cultural (Arquivo de âmbito nacional, distrital ou municipal, público ou privado) destinada a

archival terminology” (1964); “Dictionary of archival terminology: english and french with equivalents in dutch, german, italian, russian and spanish” (ICA, 1984); “Vocabulaire des archives: archivistique et diplomatique contemporaine” (1987); “Dicionário de termos arquivísticos: subsídios para uma terminologia arquivística brasileira” (1989); “Diccionario de terminología archivística” (1993); “Dicionário de terminologia arquivística” (1993).

⁸⁹ “Within the professional literature, archives are characterized by an organic nature, growing out of the process of creating and receiving records in the course of the routine activities of the creator (its provenance). In this sense, archivists have differentiated archives from artificial collections. Many archivists, especially those in the United States who are influenced by the thinking of Theodore Schellenberg, follow an inclusive definition of archives, which encompasses a wide variety of documents and records. (...) Other archivists follow the writing of Hilary Jenkinson, who argues that archives are ‘documents which formed part of an official transaction and were preserved for official reference’ (Pearce-Moses, 2005, pp. 30-31).

incorporar e tornar acessível informação produzida/recebida por terceiros (Silva, 2006a, p. 137)

2. sistema (semi-)fechado de informação social⁹⁰ materializada em qualquer tipo de suporte, configurado por dois factores essenciais – a natureza orgânica (estrutura) e a natureza funcional (serviço/uso) – a que se associa um terceiro – a memória – imbricado nos anteriores (Silva *et al.*, 1999, p. 214).

Nesta perspetiva, que se perfilha, o arquivo já não é encarado como uma entidade dual⁹¹, composta por documentos produzidos organicamente e por instituições ou serviços que recebem, organizam, conservam e divulgam esses documentos.

Portanto, para haver conhecimento arquivístico, o objeto da arquivística não é a mera soma de fundo (conjunto orgânico de documentos) mais serviço (instituição ou serviço responsável), mas apenas, isso sim, uma unidade integral e aberta ao contexto dinâmico e histórico que lhe está subjacente, é o arquivo total⁹², “sin distinción entre la vocación administrativa e histórica” (Fuster Ruiz, 1999, p. 117).

Do ponto de vista epistemológico, considera-se que a CI trans e interdisciplinar resulta e permite a “dinâmica de integração do legado técnico e prático das disciplinas Arquivística, Bibliotecologia (Biblioteconomia/Documentação) e Museologia, legado esse essencial para estudo sistemático, problematizador e científico do objecto informação “ (Silva, 2015, p. 103).

Assim, em resultado da investigação sobre aquelas disciplinas explicita-se seguidamente a seguinte análise - Bibliotecologia, Bibliologia ou Biblioteconomia: da Bibliografia à disciplina científica.

Para se compreender a afirmação da Biblioteconomia como disciplina científica parte-se de outro conceito, Bibliografia, utilizado com um duplo sentido, de *lista de livros* e de *ciência do livro*. Uma adequada contextualização e definição do mesmo pode ser consultada no “Diccionario enciclopédico de ciencias de la documentación”:

⁹⁰ Documentação/informação produzida/recebida e acumulada, por uma entidade (ativa ou desativada) no decurso da sua atividade.

⁹¹ Tal como era preconizado por Thomassen (2001), que se refere à dualidade do objeto da Arquivística.

⁹² Conceito que tem subjacente a “Idéia de informação social estruturada, dinamizada e sistematizada” (Duarte, 2006-2007, p. 144).

En nuestros días sigue vigente el uso de la palabra bibliografía tanto para designar las listas de libros - los denominados repertorios bibliográficos, obras de consulta integradas por informaciones ordenadas de acuerdo con un sistema determinado, en las que se contiene la descripción de un texto escrito - como a la ciencia que los estudia y redacta, la Bibliografía que algunos autores identifican como la Ciencia del Libro en sentido amplio. Efectivamente, junto a “lista de libros”, las dos acepciones de la voz bibliografía, que han gozado de mayor fortuna y que perduran hasta hoy son “Ciencia del libro” y “Ciencia de los Repertorios”. Ambas se adjudican a Bibliografía como ciencia, y se encuentran en la base de las dos tendencias en las que, tras varias centurias de reflexión, se consolida la disciplina en el siglo XX (Lópes Yepes, 2005).

Em relação à origem do termo Bibliografia, o próprio Paul Otlet afirma que ele “nace en tiempos de los griegos postclásicos”, e que naquela época significava a escrita ou a cópia, ou seja, a produção de livros e, até o século XVIII, era assumida como “estudio de los antiguos libros manuscritos” (Otlet, 1996, p. 12).

Ora, para se abordar os fundamentos e a evolução da Bibliografia há que situar a sua origem na existência de repertórios bibliográficos, destacando-se o papel de Conrad Gessner (1516-1565). Considerado o “pai da Bibliografia”⁹³, com a obra editada em 1545, “Bibliotheca universalis”, Gessner teve o intuito de realizar uma lista dos livros impressos no mundo. Uma ideia enciclopédica que, séculos mais tarde, renasce com a Bibliografia Universal de Otlet.

A elaboração das bibliografias teve que esperar até o século XVI para adquirir um novo impulso, provocado pelo progresso da imprensa, introduzida na Europa por Johann Gutenberg no século XV e impulsionada por Aldo Manuzio, principalmente no séc. XVI. No século XVII, também o termo bibliografia é utilizado pela mão do bibliotecário da biblioteca de Mazarin, Gabriel Naudé, na sua obra “Bibliographia Política”, publicada em 1633.

No século XVIII, a Bibliografia definia-se como “conocimiento e interpretación de los antiguos manuscritos” e, com esta visão erudita, ligava-se a outras duas “ciências”, a Diplomática (1), e a Paleografia (2):

⁹³ Alguns autores citam o abade alemão Johannes Trithemius como seu precursor. Publicou, em 1494, “De scriptoribus ecclesiasticis liber”.

1. ciência que juzga de la autenticidad o falsedad de los documentos antiguos por medio del estudio de sus caracteres, incluyendo entre estos no sólo la letra sino también la materia soporte, su forma, las tintas e instrumentos con las que se trazaron, los sellos y signos con los que los autorizan, su idioma y sus cláusulas (Muñoz Ribero, 1981, p. 34).
2. arte de leer la escritura y signos de los libros y documentos antiguos (Diccionario Enciclopédico Abreviado, 1955, p. 195).

Todavía, ainda no mesmo século, ocorreu uma fragmentação dessas disciplinas, unindo-se a Diplomática e a Paleografia à Arquivística e separando-se da Bibliografia e da sua evolução posterior.

Bibliografia e Bibliologia⁹⁴ vão ter, igualmente, uma união histórica. Para Buonocore (1978), a Bibliologia define-se como o estudo geral do livro, nos seus aspetos históricos e técnicos, que se realiza sob uma dupla vertente: a de tipo histórico, que tem por objetivo o estudo da origem e evolução do livro, desde as tabuinhas de argila ao livro impresso; e a segunda vertente, a de tipo descritivo, que estuda a estrutura e as partes do livro.

No início do século XIX, a obra de Gabriel Peignot, “Dictionnaire raisonné de Bibliologie” (Paris, 1802)⁹⁵, esclarece que a Bibliologia era a ciência do livro⁹⁶, enquanto a Bibliografia seria um ramo desta, refletida no estudo de repertórios bibliográficos.

Embora o termo bibliografia tenha mantido sempre o seu significado como lista de livros (de referências bibliográficas, segundo uma ordem específica⁹⁷), no século XVIII vai também ser aceite como “ciência” da história e composição dos livros⁹⁸ (Gómez Gómez, 1998).

No que respeita à evolução da Bibliologia, Pérez Pulido e Herrera Morillas (2006, p. 57) afirmam que:

⁹⁴ “Estudo das técnicas de produção e difusão do livro; abrange o estudo da evolução do livro, da sua edição, fabrico e comercialização” (Faria & Pericão, 1988, p. 40).

⁹⁵ A obra pode ser consultada em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54969220>

⁹⁶ “Historiquement (...) avec Gabriel Peignot, le champ d'étude de la bibliologie, la catégorie construite mentalement des phénomènes étudiés, était le livre. La bibliologie était la science du livre. Vers les années 1934, Paul Otlet parlait de science du livre et du document” (Estivals, 2004, p. 4).

⁹⁷ Neste sentido, trata-se de um documento secundário que “pode apresentar-se quer sob a forma de um documento autónomo, repertório bibliográfico, quer sob a forma de um documento ou de uma parte de um documento”; num livro “consigna a lista de obras consultadas para o redigir; é em geral ordenada alfabeticamente, por autores ou por títulos de obras” (Faria & Pericão, 1988, p. 39).

⁹⁸ Esta definição passará, mais tarde, para o conceito de Bibliologia, na linha de Buonocore (1978).

Realmente el desarrollo de la Bibliología como disciplina científica se produce en Francia, sobre todo de la mano de Roberts Estivals, que introduce un cierto matiz en su definición, al considerarla ciencia de la comunicación escrita en contraposición a los criterios que la ceñían a la ciencia del libro.

De facto, Roberts Estivals teve um reconhecido papel no desenvolvimento da “science de l’écrit et de la communication écrite” (Estivals, 2004, p. 2). Para o professor emérito da Universidade de Bordéus 3 Michel Montaigne (França), fundador e presidente honorário da Associação Internacional de Bibliologia (AIB), a Bibliologia é:

(...) l’une des sciences de l’information et de la communication. Durant une longue période, la bibliologie a assumé une mutation radicale. D’une discipline historique et littéraire attachée à l’érudition, elle est devenue une science, susceptible comme toute science d’expliquer par des théories les phénomènes de l’écrit et de la communication écrite. Plus même, comme toute science, elle est également devenue une science appliquée, capable, grâce à ses méthodes, de présenter des bilans de fonctionnement d’institutions bibliologiques et de proposer des programmes de développement (Estivals, 2004, p. 2).

E acrescenta, para uma adequada compreensão do desenvolvimento da Bibliologia em França e da sua inserção nas Ciências da Informação e da Comunicação:

La mutation récente de la bibliologie n’a pu être obtenue sans que cette discipline se sépare de l’enseignement de l’histoire et de la formation des bibliothécaires où elle sert de base d’érudition nécessaire à la bibliothéconomie conçue comme un art et une technique d’organisation des bibliothèques (Estivals, 2004, p. 3).

A análise do conceito biblioteconomia tem que partir, necessariamente, da rotura com o conceito bibliografia, sendo recorrente para o seu estudo a divisão em etapas.

Orera Orera (2002) traça uma linha divisória entre a Biblioteconomia pré-científica (desde a Antiguidade até ao século XIX, que se caracteriza por uma praxis erudita e conservadora) e a Biblioteconomia científica (situada no século XIX, com o nascimento de um novo modelo de biblioteca no contexto dos países anglo-saxónicos; teve nesse século e também naquele ambiente social os sintomas do nascimento de uma disciplina

científica – a criação da *American Library Association* (ALA), a implementação da escola de bibliotecários criada por Melvin Dewey e a existência das primeiras publicações na área, ex. *Decimal Classification*)⁹⁹.

Pérez Pulido e Herrera Morillas (2006, p. 16) estabelecem três etapas ou períodos históricos da Biblioteconomia: a *Biblioteconomia pré-científica*¹⁰⁰ (das origens até o século XV), a *Biblioteconomia protocientífica*¹⁰¹ (entre os séculos XVI¹⁰² e XVIII) e a *Biblioteconomia científica* (que nasce no século XIX e que continua até aos nossos dias).

No século XIX, a Biblioteconomia foi definida como a “ciência” das bibliotecas¹⁰³. Destaca-se, neste século, Léopold Auguste Constantin Hesse que publica

⁹⁹ A referida autora também inclui, como etapas, a denominada *Biblioteconomia especializada* e a *Biblioteconomia internacional*. A primeira terá como objeto de estudo os diferentes tipos de bibliotecas, já no século XX; destaca a figura de John Cotton Dana, pois em 1908 usou aquele termo e criou a *Special Libraries Association* (entidade que rompe com a ALA). A segunda corresponde a uma fase final, dedicada ao estudo do quadro operacional em que as operações biblioteconômicas dos diversos países contam com os princípios e métodos que facilitam o intercâmbio e o acesso à informação.

¹⁰⁰ A gênese da *Biblioteconomia pré-científica* deve ver-se ligada à criação de bibliotecas ou locais destinadas à conservação das tabuinhas de argila. Casson (2003) descreve as primeiras tabuinhas: contêm simples anotações de quantidades relativas a questões limitadas e pontuais da atividade quotidiana, mas esse conteúdo vai-se ampliando com o tempo até chegar a refletir uma variedade de atividades e um maior nível de detalhe e complexidade, passando da simples representação da quantidade de gado a complexos documentos de caráter burocrático. Este autor refere que, entre as tabuinhas que datam de meados do terceiro milénio a.C., conservadas perto de Nippur, a sul da Mesopotâmia, foram encontradas duas datadas de 2000 a.C., cujo conteúdo se destacava por ser diferente das restantes - continham uma lista ou catálogo de obras sumérias. A este respeito, Casson (2003, p. 18) afirma: “un catálogo, incluso de un tipo tan primitivo como el que aparece en las tablillas de Nippur, un mero listado de títulos sin orden ni criterio, constituía un considerable avance hacia la sistematización de los fondos.” Outros sinais desta atividade apareceram também nos depósitos de Hattusa, localizada a trezentos quilómetros a sudeste de Ancara, onde se recuperaram tabuinhas datadas do século XIII a.C. Também tinham entradas bibliográficas, desta vez mais elaboradas e detalhadas. Na biblioteca de Assurbanipal (governou entre 668-627 a.C) não só se descobriu uma considerável coleção, maior do que a conhecida até então, como também se encontraram elementos de registo de aquisições de obras, obtidas por diversas vias, desde a confiscação de coleções privadas à apropriação das tabuinhas da biblioteca Tiglapileser, em Asurn (Casson, 2003). A Biblioteca de Alexandria (cerca de 300 a.C.) teve outra dimensão, com livros provenientes de todo o mundo, era pública e aberta a eruditos, e a todos os que provassem ter qualificações literárias. Foi nesta biblioteca que Calímaco (310-324 a.C.) elaborou o *Pinakes*, um catálogo constituído por 120 volumes, “ordenado por temas e autores e continha também uma nota biográfica destes últimos” (Ribeiro, 2005, p. 3).

¹⁰¹ Diversos autores vão contribuir para o desenvolvimento da Biblioteconomia, desde a chamada etapa pré-científica até à denominada *Biblioteconomia protocientífica*. A obra “*Biblionomía*” de Richart de Fournival (século XIII) apresenta um conjunto de regras e instruções para a organização das bibliotecas; no século XIV, Richard de Bury, fundador da biblioteca da Universidade de Oxford, regista na sua obra “*Philobiblon*”, instruções e orientações para o empréstimo.

¹⁰² No século XVI assinala-se a criação de bibliotecas com coleções importantes, o que originou uma intensa atividade de criação de catálogos. No século XVII, Gabriel Naudé esboçou os princípios da Biblioteconomia moderna, na sua obra “*Advis pour dresser une bibliothèque*”, apresentando uma visão da biblioteca menos ligada à conservação de tesouros e mais interligada com o serviço ao leitor.

¹⁰³ Nesta linha, Malclés (1963) estabelece a diferenciação entre Bibliografia e Biblioteconomia, focando esta distinção no seu âmbito de atuação e no resultado da sua atividade. Assim, enquanto a primeira se vai centrar na elaboração de repertórios bibliográficos, a segunda centra-se no catálogo e no conjunto de atividades que envolvem a sua confeção.

“Bibliothéconomie: instructions sur l' arrangement, la conservation et l' administration des bibliothèques” (1839), obra em que a Bibliografia e a Biblioteconomia começam a desligar-se e a identificar-se como saberes autónomos¹⁰⁴.

Contudo, em paralelo, enquanto a Biblioteconomia se delimita como uma “ciência”, coexistem diferentes perspetivas em relação ao seu carácter científico.

No século XX, esta área disciplinar vai centrar-se na procura da sua identidade científica e, tal como refere Moreiro González (2005), isso é particularmente visível nos anos 30, quando os trabalhos de P. Butler e Jesse H. Shera tentam articular uma visão científica, sem esquecer o contributo de Ranganathan que, na mesma época, falava de uma Biblioteconomia como ciência social e estabelecia princípios fundamentais para a gestão bibliotecária, “las cinco leyes de la Biblioteconomía” (Moreiro González, 2005, p. 257).

É igualmente importante assinalar o debate gerado na Convenção de Colónia, realizada em 1969, onde se torna evidente o confronto entre as posições que aceitam a perspetiva científica da Biblioteconomia e as que a ela se opõem radicalmente. Esta última perspetiva tinha como sustentáculo o problema da dicotomia semântica, reflexo de posições epistemológicas relacionadas com o uso da palavra Bibliotecologia.

O termo Bibliotecologia, definido como ciência da biblioteca, foi proposto por Ernesto G. Gietz na sua obra de 1940, “Biblioteca y elementos bibliográficos”. Esta nova designação foi amplamente adotada, particularmente na América Latina. Buonocore (1952, p. 3) define-a como “el conjunto sistemático de conocimientos relativos al libro y a la biblioteca”, considerando-o um conceito mais amplo, que inclui várias disciplinas relacionadas com o livro, a Bibliologia, a Bibliotecnia e a Bibliografia, e as ciências da biblioteca, como a Biblioteconomia e a Bibliotecografia, tendo como ciências auxiliares a Diplomática, a Filologia, a Paleografia e a Metodologia Histórica.

Emilia Currás (1988), por seu turno, considera a Biblioteconomia e a Bibliotecologia como *Ciencias de la Documentación*¹⁰⁵. É também uma defensora do uso do termo Bibliotecologia, dotando-o de conotações científicas generalistas.

¹⁰⁴ Importa, igualmente, citar a obra de Martin Schrettinger, “Versuch eines vollständigen Lehrbuchs der Bibliothek-Wissenschaft: oder Anleitung zur vollkommenem Geschäftsführung eines Bibliothekars”, publicada em 1808. Considerado o “pai da Biblioteconomia científica”, marcou um ponto de viragem e abriu o debate em relação ao nome da ciência - *Bibliothek (biblioteca) - Wissenschaft (ciência)*. De igual forma, na consolidação da *Biblioteconomia científica* vai estar a obra de Domenico Rossetti di Scander, “Saggio di bibliotecnia”, publicada em Trieste, em 1832.

Ciertamente que, tanto en la Bibliotecología como en la Archivología o en la Documentación o en el proceso informativo se pueden aplicar siempre los mismos principios teóricos, las mismas técnicas, los mismos aparatos, las mismas formas de difusión. Son tres ciencias de similares características que solamente difieren en el tipo de documentos que manejan y el tipo de usuarios a quienes sirven. Se trata de un tronco común con varias especializaciones (Currás, 1988, p. 156).

A modern librarianship enfatiza “the importance of the library as an information access mechanism because of the extraordinary growth that has occurred in the volume, complexity and cost of the information sources (...)” (Rayward, 1996b, p. 72). Orera Orera (2002) confirma o conceito *Library Science* com o significado de ciência e não de técnica, pelo que indica:

Es en Estados Unidos donde, dentro de la Escuela de Chicago, nacerá el concepto de Library Science, Ciencia de la Biblioteca. Es P. Butler quien enumera una serie de condiciones para que la Biblioteconomía alcance el carácter de ciencia [...]. Quizá el más brillante de los autores de la Escuela de Chicago, Jesse H. Shera, considera la Biblioteconomía como ciencia social, a la vez que la más interdisciplinar de todas las disciplinas. J. Z. Nitecki considera la Biblioteconomía como una disciplina científica, tanto por sus métodos como por su objeto (Orera Orera, 2002, p. 28).

Ora, Bibliotecologia, termo equivalente a *Library Science* (utilizado no universo anglo-saxónico) é “a ciência que tem por objecto o estudo da formação e do funcionamento das bibliotecas”. Biblioteconomia, por sua vez, significa “teoria, actividades e técnicas relativas à organização e gestão de bibliotecas, assim como à aplicação de legislação sobre as mesmas” (Faria & Pericão, 1988, p. 42).

Segundo Silva (2006a, pp. 139-140), Bibliotecologia “seria, à letra, a Ciência das Bibliotecas” e abrangeria o conceito de Biblioteconomia. Contudo, “uma ciência das Bibliotecas faz tanto ou nenhum sentido como uma ciência dos Hospitais, dos Tribunais (...), mas com isto não se nega que tais estabelecimentos convoquem áreas do saber (...) diversas” (ex. Direito, Economia, Gestão) para o seu adequado funcionamento.

¹⁰⁵ O conceito geral de Ciências da Documentação foi defendido com ênfase por Emilia Currás, que estudou a natureza e a evolução das disciplinas Bibliologia, Bibliografia, Biblioteconomia, Bibliotecologia e Arquivística, culminando na *Documentación* e na *Documentación científica*, como resultado do desenvolvimento da ciência e da sociedade (Currás, 1982). Em 1988 ratifica a sua tese.

Biblioteconomia é, pois, o termo mais comum em Portugal, Espanha e Brasil, comumente associado às políticas, procedimentos técnicos e atividades de organização e gestão das bibliotecas. Na confrontação entre a teoria e a praxis, não se identificam substanciais diferenças entre os dois conceitos.

Por último, tendo sido identificadas dezenas de definições para a palavra biblioteca, reproduz-se a da UNESCO, que define a biblioteca pública como “the local gateway to knowledge, provides a basic condition for lifelong learning, independent decision-making and cultural development of the individual and social groups” (UNESCO, 1994).

Seguidamente, procura explicitar-se a afirmação da Documentação, em resultado da “ruptura” epistemológica com a Biblioteconomia.

A Bibliografia vai chegar ao século XX como “parte de la Documentación que se ocupa de los impresos” (López Yepes, 2005, p. 149). Mas, é em Paul Otlet e Henry La Fontaine que se vai produzir o que poderia ser definido como um equilíbrio perfeito entre a Bibliografia e uma nova disciplina, a Documentação. Deverá ver-se aqui um ponto de ligação histórica, desenhado a partir da obra referida anteriormente, a “*Bibliotheca Universalis*” de Gessner, até ao projeto, igualmente universal e enciclopédico, do “*Répertoire bibliographique universel*” de Otlet e La Fontaine. Como refere Rayward (1991):

Otlet was concerned to analyse the nature of Documents and to understand the organisational requirements needed to facilitate access to the information that was their freight. But the document Otlet conceives of in a new way, as being anything that conveys information, principally writings of all kinds but also "things" as well depending upon the uses to which conceptually they were put. For him a document was something having "evidentiary" value and so included objects themselves as well as graphic and other representations of objects and ideas. With this theoretical perspective he conceptualised a field of study and research that is concerned not with separate institutions but with the related functions that a number of different kinds of institutions perform (Rayward, 1991).

Na conceção de Paul Otlet, uma nova “ciência” nasceu no século XX sob a designação de Documentação, com natural conexão com a Bibliologia, termo que

também usa de forma indistinta, mas que se afasta do seu sentido mais tradicional e purista. A explicação para essa nova conceção da Bibliologia vem de uma reformulação do conceito livro, que explicita da seguinte forma:

Libro (biblión o documento o gramma) es el término convencional empleado aquí para expresar toda clase de documentos. Comprende no sólo el libro propiamente dicho, manuscrito o impreso, sino las revistas, los periódicos, los escritos y reproducciones gráficas de toda especie, dibujos, grabados, cartas, esquemas, diagramas y fotografías, etc. La documentación en sentido amplio del término comprende: libro, elementos que sirven para indicar o reproducir un pensamiento considerado bajo no importa qué forma (Otlet, 1996, p. 9).

A Documentação, ao contrário da Biblioteconomia e da Arquivística, é um ramo que nasce já definido como disciplina científica. Na obra “Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique”, item 114 – “Condiciones de la constitución de la bibliología en ciência”, verifica-se que a base de sustentação do estatuto científico da Documentação estaria em conformidade com as oito condições ou características necessárias para a definição de uma ciência completa:

1. Un objeto general o especial (seres, entidades, hechos).
2. Un punto de vista específico u objeto intelectual distinto para considerar estos hechos y coordinarlos.
3. Generalización, hechos, conceptos fundamentales, leyes.
4. Sistematización, resultados coordinados, clasificación.
5. Método: con lo que ello comporta: a) métodos de investigación, procedimientos lógicos o de razonamiento; b) clasificación, terminología; c) sistema de medidas; d) instrumentos; e) registro y conservación de los datos adquiridos (fuentes, bibliografía).
6. Organización del trabajo (división del trabajo, cooperación, organismos nacionales e internacionales, asociaciones, comisiones, congresos, institutos que cubran la función de investigación, discusión, decisión de los métodos, enseñanza y difusión).
7. Historia.
8. Aplicaciones de los diversos órdenes de estudios y actividades (Otlet, 1996, pp. 10-11).

Esta argumentação de Paul Otlet e, em particular, esta nova forma de designar uma área disciplinar foram aceites em várias partes do mundo.

Nos Estados Unidos da América, parece ter sido no campo laboral que começou a estabelecer-se um movimento em que alguns profissionais tentam diferenciar-se dos *special librarians*, e que se materializou na associação destes na *Special Libraries Association* e daqueles no *American Documentation Institute (ADI)*¹⁰⁶, criado em 1937.

Para concluir a análise das diferenças entre a Biblioteconomia e a Documentação, reproduz-se a seguinte afirmação que enfatiza, ao invés, as semelhanças e bases comuns:

Although both documentation and librarianship stand on the common basis of providing effective access to all types of information, their methods of operation and in some cases the varieties of information they handle have singular differences. It is discouraging to the leaders in both groups, librarianship and documentation, to find that at times more emphasis is given to differences rather than to similarities and common bases (Mohrhardt, 1966, p. 211).

Logo, verifica-se que neste contexto alguns autores vão trabalhar na afirmação da Documentação como “ciência”, enquanto outros consideram o aprofundamento da análise das relações ou diferenças desta com a Biblioteconomia.

Para López Yepes (1996, p. 5), a Documentação possui uma dupla vertente, a de unidade na diversidade (*unidad en la diversidad*)¹⁰⁷ e a de diversidade na unidade (*diversidad en la unidad*)¹⁰⁸, sendo o seu objeto de estudo a informação documental – “un tipo especial de información que se genera y se transmite en el llamado proceso informativo-documental”. Debruça-se sobre o processo informativo de adequação e transmissão das fontes para a obtenção de um novo conhecimento – função mediadora

¹⁰⁶ Em 1968, o ADI mudou o seu nome para *American Society for Information Science*; em 2000 passa a designar-se *American Society for Information Science and Technology (ASIS&T)*; em 2013, a Sociedade muda novamente de nome para *Association for Information Science and Technology (ASIS&T)*. Informação disponível em: <https://www.asis.org/history.html>

¹⁰⁷ “En un principio, en su momento fundacional otletiano, la Documentación era una en la diversidad por cuanto perseguía la correcta transmisión de las fuentes del conocimiento sobre la base de actuaciones predocumentarias derivadas de la función tradicional de los depósitos de documentos (archivos, bibliotecas, museos, etcétera) o de las incipientes formas de difusión de información (bibliografías, resúmenes de las publicaciones periódicas de carácter científico, etcétera)” (López Yepes, 1996, p. 5).

¹⁰⁸ Considera que, “caminamos hacia una convergencia de saberes documentarios que han de desembocar en la configuración pragmática de nuestra disciplina” (...) que é “autónoma, como área independiente de conocimientos e instrumental al servicio del resto de los saberes” (López Yepes, 1996, p. 5).

entre o criador da informação e o seu utilizador. E, para corroborar a sua posição acrescenta que:

- a) La Documentación es la disciplina del documento;
- b) La Documentación es ciencia integradora de otras anteriores como la Archivología, la Biblioteconomía, la Museología, etcétera, las que presta la función informativa dinámica de los documentos custodiados;
- c) La Documentación es una ciencia para la ciencia, al ser un instrumento de crecimiento y transmisión de todos los saberes” (López Yepes, 1996, p. 5).

Contudo, verifica-se que o conceito de ciência integradora de Otlet se fragmentou e deu lugar a diversas perspetivas delimitadoras da Documentação.

Para López Yepes, o termo *Documentación* tem um duplo sentido:

En el primer sentido, es decir, *Documentación* como Ciencias de la Documentación, representa el conjunto de disciplinas que tienen por objeto de estudio de un proceso informativo en el que se da una actividad de recuperación de mensajes emitidos en procesos anteriores y que, mediante análisis y tratamiento técnico, se comunican transformados con la finalidad de que sirvan de fuente de información para la obtención de nuevo conocimiento o para la toma de decisiones.

En segundo sentido, Documentación es una de las Ciencias de la Documentación que tiene como objeto de estudio aquella parte del proceso documental consistente en la recuperación y difusión de mensajes documentarios y su aprovechamiento por parte del sujeto receptor o usuario a fin de que sirvan de base para la obtención de nuevo conocimiento o para la toma de decisiones (López Yepes, 2004, p. [10]).

No primeiro sentido, o referido autor considera que o termo Documentação equivale a Ciências da Documentação e, num segundo sentido, corresponde à disciplina que estuda uma parte do processo documental. Trata-se de um reconhecido contributo para a afirmação progressiva da Documentação em Espanha, como campo disciplinar¹⁰⁹, caracterizada por uma perspetiva patrimonialista que domina a formação e a profissão.

¹⁰⁹ (...) “hay que considerar un amplio espectro a partir de la desaparición de la Escuela de Diplomática: la Cátedra de Bibliografía de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Complutense de Madrid; La Escuela de Bibliotecarias de la Diputación Provincial de Cataluña, fundada en 1911, cuyos trabajos se han congregado en la citada revista Biblioteconomía; los Cursos de Formación Técnica de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos (1952), convertidos, en 1962, en la Escuela de Documentalistas, ambos dependientes de la extinta Dirección General de Archivos y Bibliotecas, con sede en la Biblioteca Nacional;

A partir dos anos 60 do século XX assinala-se que, “there was a strong desire for the provision of information services to become scientific, to move from librarianship, bibliography, and documentation to an information science” (Buckland, 2012, p. 1). Efetivamente, a implantação da CI, enquanto área disciplinar, no panorama da formação académica, verifica-se na década de 70 do mesmo século, em linha com o surgimento dos cursos e faculdades de *library and information science* ou de *library and information studies*.

No que respeita à Museologia, de acordo com Rayward (1996a, p. 73): “The objects collected by museums theoretically have no limit” (...). The major use to which the museum puts the objects in its collection is exhibition.”

O adjetivo colecionador¹¹⁰ identifica aquele que “reúne objectos da mesma natureza por algum interesse especial; que colecciona”. Do resultado deste processo, através da ação de adquirir, juntar e conservar um conjunto de peças/objetos constitui-se a coleção: “reunião, por parte de uma pessoa, entidade colectividade... de objectos da mesma natureza, por um interesse estético, científico, histórico, lúdico...” (Academia das Ciências de Lisboa, 2001, p. 863).

O colecionismo de objetos de arte “es una práctica que se remonta a la antigüedad: los templos, tumbas, palacios y hasta casas particulares almacenaban con frecuencia piezas de este tipo (López de Prado, 2003, p. 10).

No século XV, de acordo com Zubiaur Carreño (2004, pp. 19-20), a ideia de entesourar foi sendo progressivamente substituída pela valorização histórica, artística e documental dos objetos. As coleções vão adquirindo cada vez mais um valor científico e pedagógico, reunidas pela alta aristocracia, pela Igreja e pela burguesia mais culta que procura o deleite pelo belo e o exótico, tendo algumas das grandes bibliotecas e museus tido origem em coleções de reis ou da aristocracia:

(...) colecciones reales – Museo del Prado y Biblioteca Nacional de Madrid, Museo del Louvre y Biblioteca Nacional de París, Kunsthistorisches Museum y Biblioteca Imperial de

la Escuela de Bibliotecarias de la Universidad de Navarra, en 1968; los Cursos sobre Técnicas de Archivos, Bibliotecas y Documentación organizados por el Fondo para la Investigación Económica y Social, desde 1971, con carácter anual, y outros Cursos o actividades docentes impartidas por diversas instituciones oficiales y privadas con carácter esporádico o permanente (López Yepes, 1995, pp. 260-261).

¹¹⁰ Ver também os vocábulos “coleccionismo” e “coleccionador”. O verbo “coleccionar” encontra-se inscrito, desde 1877, no “Dicionário Houaiss da língua portuguesa” (Houaiss & Villar, 2005).

Viena—, como instrumento para reforzar el poder real: es el caso de España, Francia, Austria o Rusia. Otras veces fue la aristocracia —Uffizi de Florencia— o de mecenas y coleccionistas —British Museum, Cluny—, y, en algunos casos, de la burguesía, como pasó en Holanda. En principio, biblioteca y museo solían formar un único conjunto que, con el tiempo, terminaría por dar lugar a dos instituciones diferente: en muchos casos, el museo retuvo los fondos bibliográficos que más se identificaban con las colecciones (López de Prado, 2003, p. 11).

De acordo com Pearce (2003, p. x [10]): “The modern notion of a museum and its collections runs back into the sixteenth or even fifteenth centuries, and the origins of the earliest surviving museums belong to the period soon after.”

A partir do século XVIII, e também como consequência dos ideais da Revolução Francesa, o acesso a muitas das coleções particulares, constituídas por documentos de natureza diversa – livros, manuscritos, quadros, etc. –, deixa de ser apanágio de uma elite de privilegiados e estas passam a estar abertas a todos os cidadãos. É neste contexto do Estado-Nação que surgem, do ponto de vista do seu enquadramento institucional, as primeiras bibliotecas¹¹¹ e museus públicos.

Assim, verifica-se que:

Entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, museus, bibliotecas e arquivos assumiram um conjunto de funções para além do simples coleccionar livros, documentos ou objectos. (...) O museu da primeira metade do século XX foi fundado num propósito disciplinar e enciclopédico, cujo benefício público se traduzia no acesso por parte das populações à observação das colecções de arte, arqueologia, história natural ou ciência guardadas, inventariadas e conservadas pelas elites intelectuais (I. C. Marques, 2010, pp. 19, 3).

Com origem no desejo humano inato de coleccionar artefactos, as funções do museu alargam-se, a partir da década de 1980, para além das tradicionais (conservar, exhibir, educar) a fim de contribuir para o desenvolvimento e bem-estar das populações. De acordo com o Conselho Internacional dos Museus (*International Council of Museums (ICOM)*, *Conseil International des Musées* ou *Consejo Internacional de Museos*):

¹¹¹ A criação da Biblioteca Nacional de Portugal surge com o Alvará Régio de 1796, que fundou a Real Biblioteca Pública da Corte, e recebeu como núcleo original da sua coleção a Biblioteca da Real Mesa Censória, criada em 1768.

A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment (ICOM, 2007)¹¹².

Os museus são instituições multifacetadas, que existem para servir o público através da educação e da fruição, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade. Nesta linha, a definição de museu apresentada na Lei-quadro dos Museus Portugueses (Lei nº 47/2004, de 19 de Agosto, art.º 3.º)¹¹³ expressa a mesma ótica quanto à definição:

- 1 - Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:
 - a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos;
 - b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.

Os Museus assistiram a uma espécie de “revolução teórica” a partir da segunda metade do século XX, que culmina em 1984 com a chegada dos princípios da *Nova Museologia*, designação que traduz a viragem teórica e reflexiva concretizada, e que teve como sustentáculo o conceito de ecomuseu¹¹⁴ e a relação estreita entre os museus e as comunidades, atuando aqueles como atores sociais ao serviço destas últimas.

Segundo Hernández Hernández (1998, p. 72), o princípio básico da *Nova Museologia* é o de sair de uma conceção de Ciência do Museu para uma conceção de que

¹¹² De acordo com os Estatutos do ICOM, adotados pela 22.ª Assembleia Geral em Viena, Áustria, em 24 de agosto 2007. Desde sua criação em 1946, o ICOM atualiza esta definição, que tem evoluído em linha com a evolução da sociedade, no sentido de uma maior precisão, mas também abrangência.

¹¹³ No ponto 2 do art.º 3.º da Lei nº 47/2004, de 19 de agosto, acrescenta-se: “Consideram-se museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na presente lei para o museu, ainda que o respectivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais, assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico.”

¹¹⁴ “The word “ecomuseum” was created by H. de Varine-Bohan” [1971 – *IX General Conference of Museums*, Grenoble] “to translate a set of new ideas developed by G. H. Rivière” [1966 – *Journées Nationales d’Études sur Les Parcs Naturels Régionaux*, Lursen-Provence]. “G. H. Rivière defends that Parks should include “museographically explored compounds”, where constructions displaced from their original environments would be located, according to the Scandinavian model of plein air museum” (Duarte, 2012, pp. 85, 87).

tudo pode ser musealizável, isto é, deixar de entender o museu como um fim em si mesmo e assumi-lo, antes, como uma das formas possíveis da relação homem/sociedade. Os museus perdem o seu caráter elitista, erudito e historicista e, democratizando-se, passam a estar virados para o público e para a sociedade em geral¹¹⁵.

Nesta perspetiva, impôs-se gradualmente uma nova conceção da Museologia que assenta na função social, nas narrativas e nas estratégias expositivas da instituição museológica. Todas as atividades do museu se tornam objeto de reflexão (teórica, política, sociocultural)¹¹⁶, surgindo novas narrativas expositivas¹¹⁷, cada vez mais materializadas através de diversos suportes.

Como refere Duarte (2010, p. 55), a mudança do enfoque do Museu dos objetos para as pessoas “deve querer dizer a inclusão do conhecimento das práticas e significados do património sustentados pelas suas comunidades de praticantes, numa base de criação e renovação constantes.” Nesta linha de pensamento afirma:

A consolidação da função social do museu pressupõe, quer o abandono do seu tradicional isolamento em relação a entidades como escolas, bibliotecas ou associações locais, com as quais importa estabelecer parcerias tendo em mente o interesse das populações, quer a redefinição da sua organização, que deixa de estar centrada nas coleções, para passar a focar-se em temáticas e histórias que façam sentido para as respetivas populações (Mairesse *et al.*, 2010, cit. por Duarte, 2013, p. 113).

¹¹⁵ Neste contexto, em 1985, é fundado em Lisboa o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM). “This official foundation was the result of the 1st International – Ecomuseums / New Museology Workshop in Quebec (Canada) in 1984, when museologists from 15 countries adopted The Quebec Declaration as a reference point for the movement. Its ideological origins are found in the Santiago Declaration adopted in 1972 in Chile.” Informação disponível em: <http://www.minom-icom.net/about-us>

¹¹⁶ Como sublinham Hedstrom e King (2004, p. [10]): “Many museums today are major centers of research, but they also play an important role in shaping social discourse regarding contemporary controversies. Part of this influence occurs through the very act of selecting what will be displayed, and how those displays will be presented. Most museums have collections far larger than their space available for display, so what gets displayed can make a statement. For example, a display of artifacts of Southern Pacific island societies might be read as a statement about what has come to be called “Polynesia.” (...) Museums, almost without intending to do so, provide a political context for their collections that affects public perception. The contextual commentary included in the narratives about displays offers yet another means by which museums affect the public’s understanding of collections and what they mean. A museum of technology such as the Deutsches Museum in Munich can display a combination of train locomotives, trucks, and automobiles to signify forms of land transport (a focus on functionality), or to signify progress in the design of propulsion technology (a focus on the means by which the functionality is achieved). Only the explicit guidance of the curator will construct a consistent frame of mind in the visitor.”

¹¹⁷ “Museums provide a good example of the emerging discussion of the construction of “narratives” in collection and display. Narratives are the means by which artifacts are pulled into the foreground or pushed into the background in ways that create a story for the visitor that cannot emerge simply from the presence of the artifacts themselves” (Hedstrom & King, 2004, p. [11]).

Esta nova visão sobre a realidade museológica estriba-se em dois eixos essenciais: o primado do indivíduo/visitante sobre o do objeto e a consideração de que o museu é um instrumento ao serviço da sociedade (Alonso Fernández, 2003, p. 16).

Assim, por mais valiosa que seja a coleção de um museu, este não pode ser encarado como um armazém de “reliquias”, como um “cardal” de peças ou objetos museológicos únicos e/ou raros, recolhidos de acordo com um qualquer critério estabelecido aprioristicamente e objeto de contemplação, que tem de ser protegido e conservado, física e intelectualmente, para as gerações vindouras.

Por estas razões, conforme prescreve a Museologia enquanto unidade disciplinar do conhecimento científico, não é exequível dissociar as coleções dos museus da informação arquivística e bibliográfica que as justificam e explicam, do ponto de vista informacional. Ou seja, não é possível conhecer uma obra (um quadro, uma escultura, etc.), sem conhecer o seu criador, de onde veio, qual é o enquadramento cultural do respetivo pintor ou escultor¹¹⁸.

De facto, desde o final do século XIX que a biblioteca¹¹⁹ era parte integrante de muitos museus, “como unidad con presencia propia. En algunos casos, fue la propia actividad museística la que terminó generando una biblioteca; en otros casos, incrementó la que ya existía desde la fundación (López de Prado, 2003, p. 12).

Kavakli e Bakogianni (2003, [1]) referem que os museus “as cultural organisations, generate and hold vast amounts of information” e propõem três categorias de informação, que consideram geralmente presentes e dominantes nos museus: “collections, museological and business information”¹²⁰.

Isabel da C. Marques, influenciada pela abordagem sistémica da CI, adota “uma visão integradora do museu partindo do conceito de Sistema de Informação”, e explicita:

- A informação produzida no âmbito do exercício das funções do museu é resultante da interacção da informação proveniente das demais colecções.

¹¹⁸ O *Germanisches Nationalmuseum* (Museu Nacional Germânico), fundado em 1852, criou uma biblioteca e um arquivo com o intuito de incorporar documentação sobre a história da arte alemã.

¹¹⁹ Sobre o conceito e evolução das bibliotecas de museu consultar López de Prado (2003).

¹²⁰ “Collections information refers to all of the documentation about museum objects. Museological information concerns the documentation about the activities that have some relationship to the objects such as conservation, exhibition, scholarly research and education materials. Finally, business information is all of the documentation about the institution housing the object and its administration, including financial and human resource records, names and addresses of donors, members, consultants and the museum’s communications with all these entities” (Kavakli & Bakogianni, 2003, p. [1]).

- Uma visão integradora do acervo do museu implica um maior enfoque nas potencialidades informativas do acervo, contribuindo assim para que a informação (administrativa, científica, técnica, etc. relacionada com o património cultural) seja devidamente contextualizada, registada, armazenada, inter-relacionada, recuperada, reproduzida e acedida.
- Pensar o museu como um sistema de informação implica superar divisões convencionais ainda vigentes como é o caso da distinção entre colecção museológica, bibliográfica e arquivística.
- Implica tomar consciência da possibilidade de quebrar as barreiras estabelecidas pelo peso histórico da categorização das colecções e permitir uma maior reflexão sobre novas abordagens de inter-relações informacionais dos objectos.
- Implica ainda uma reavaliação das práticas habituais (gestão, inventariação, incorporação, documentação, exposição, administração, etc.) no sentido de se tornarem mais eficientes e mais operacionalizáveis num contexto integrador das funções e objectivos do museu enquanto instituição cultural (I. C. Marques, 2008-2009, p. 280).

Portanto, adotando o conceito operativo de SI, a autora engloba as duas facetas da realidade que o museu integra – instituição cultural e colecções (totalidade informacional) que conserva e disponibiliza – não as separando nem distinguindo. Trata-se de uma conceção que, certamente, o tempo validará: a de que o Museu é, de facto, um sistema composto de várias partes, uma instituição e simultaneamente um SI que abarca a informação no seu conjunto heterogéneo – a colecção.

Na atualidade, e tal como afirmam Hedstrom e King (2004, p. [1]): “There are good reasons why libraries, archives, and museums have evolved on separate paths, but the information age arising around new information and communications technologies brings them together as never before.”

2.2 Arquivos, Bibliotecas e Museus: especificidades e convergências

Pelo que ficou exposto, identifica-se claramente um paradigma¹²¹ ainda dominante, no qual se inscreveram e se desenvolveram a Arquivística, a Bibliotecologia/Biblioteconomia, a(s) “Ciência(s)” da Documentação e a Museologia.

Tal como referido anteriormente, os primeiros arquivos surgem de forma natural e automática para testemunhar e defender necessidades, direitos e interesses dos cidadãos. A esta criação não é alheio o conceito de *pólis* grega (comunidade ou sociedade organizada).

Concomitantemente, pode afirmar-se também que a natureza e a proveniência da informação existente nas Bibliotecas e nos Museus é fruto do ato voluntário de constituir coleções das mais variadas origens, materiais e temáticas.

Todavia, os documentos de arquivo não derivam de atos voluntários, antes espontâneos e naturais, e o seu valor é de natureza probatória ou testemunhal.

La finalidad que hace surgir los documentos archivísticos es eminentemente práctica, jurídica, administrativa, y no una finalidad literaria o científica. Sólo después podrán desprenderse de los documentos de archivo otros valores secundarios como los informativos o científicos, sobre todo en la última etapa del ciclo vital de los documentos, cuando pasan a un archivo permanente o histórico (Fuster Ruiz, 1999, p. 117).

Os Museus, na maioria das suas coleções, são constituídos em regra por objetos únicos e/ou originais que testemunham, de acordo com as suas tipologias e âmbitos temáticos, a atividade das comunidades humanas. As coleções museológicas têm, portanto, também valor de natureza testemunhal.

No que diz respeito à funcionalidade (uso externo), as Bibliotecas e os Museus são sistemas predominantemente abertos, ainda que as primeiras privilegiem o uso e os segundos a contemplação de obras, em exposições, não permitindo, regra geral, mais nenhuma experiência sensorial, para além da visual¹²². Por seu lado, os Arquivos são sistemas semifechados de informação social, produzida “no quadro de uma máxima

¹²¹ Designado de diversas formas: historicista, histórico-tecnista, empírico-tecnista, documentalista, patrimonialista, etc.

¹²² Deve-se, no entanto, referir que a crescente criação dos designados ecomuseus pretende incrementar a funcionalidade e o uso das vivências e/ou experiências do ser humano e das coleções.

organicidade”, que “pressupõem também funcionalidade (uso interno e, posteriormente, externo)” (Silva *et al.*, 1999, p. 38).

Concebida a informação como objeto de estudo, identifica-se uma diferença substancial entre a dupla Biblioteconomia/Arquivística e a Museologia:

A informação é, portanto, instrumental no trabalho museológico¹²³, ao contrário do que se passa com a Biblioteconomia e a Arquivística, as quais fundam a sua razão de ser na simples existência de informação social materializada em suportes físicos e implicada numa dinâmica, também ela eminentemente social, de comunicação (Silva *et al.*, 1999, p. 37).

Estes três SI não nasceram separados, mas foram-se afastando no decurso do tempo.

Ao que tudo indica, as primeiras instituições acumulavam tanto materiais bibliográficos quanto documentos de natureza arquivística (relações de propriedades de terras e respectivos impostos) (MARTINS, 1996; WITTY, 1973). Somente com a invenção da imprensa e a duplicação mecânica de textos, (...) os documentos foram adquirindo sua feição atual. A distinção entre bibliotecas e arquivos, em particular, originou-se certamente neste momento, pois baseada numa associação automática e indiscutível entre os tipos documentais e a função da informação neles contida (Smit, 2003, p. [4]).

Para responder às necessidades da sociedade, configurou-se uma separação das áreas disciplinares e locais de trabalho, sendo a tradição e a prática que separam as categorias profissionais, e que enfatizam e alimentam as diferenças ignorando, conseqüentemente, as suas semelhanças.

Como refere López de Prado (2003, p. 10):

Bibliotecas y museos tuvieron en muchos casos un origen común. No sólo es el ejemplo de la Biblioteca de Alejandría: el British Museum estaba formado por una gran colección de antigüedades y una biblioteca de carácter general, y así se mantuvo, desde su fundación en 1753 hasta 1972, cuando se separó la biblioteca mediante la promulgación de la British Library Act. Todavía hoy el Victoria and Albert Museum y la Art National Library son dos instituciones en una sola y ésta actúa como biblioteca de aquella.

¹²³ A museologia “colige, classifica e inventaria/cataloga, ou seja, representa os mais diversos artefactos museográficos (...) em bases de dados informativas, como passo indispensável para uma melhor apresentação e evidenciação dos testemunhos da vida económica, social e simbólica das comunidades humanas” (Silva *et al.*, 1999, p. 37).

Para além de terem a sua origem e razão de ser no campo epistémico da História, também têm como denominador comum as suas funções de recolha e/ou aquisição, conservação física e/ou intelectual e difusão/mediação da informação que constitui a memória e o património da humanidade. Assim, no domínio desta abordagem, partilham entre si conceitos, teorias, métodos e técnicas de organização e representação da informação¹²⁴.

Também Rayward (1991), no artigo intitulado “The case of Paul Otlet, pioneer of information science, internationalist, visionary: reflections on biography”, refere que:

He saw libraries, archives, museums and the new kinds of special bibliographical and information services, he and his colleagues were defining and attempting to set up, as all related institutional manifestations of a single, central social need. These organisations expressed functions that had devolved upon "The Document".

Tal como afirma Dupont (2007, p. 13), “as cultural heritage institutions, libraries, archives, and museums share common goals to acquire, preserve, and make accessible artifacts and evidences of the world’s social, intellectual, artistic, even spiritual achievements.”

Contudo, a tipologia do “continente” ou suporte físico foi utilizada, durante muito tempo, como o elemento diferenciador dos vários SI (quer ao nível da organização interna quer ao nível da classificação institucional).

Empiricamente (senso comum) é usual confundir-se “Arquivo/instituição com Arquivo/fundo, Biblioteca/instituição com colecção de documentos, Museu/instituição-espaco físico com objectos bi/tridimensionais e (...) Centro de Documentação (...) como um tipo de Biblioteca” (Silva, 2002, p. 575). Todavia, cientificamente a confusão permanente entre o “conteúdo” e o “continente” é logicamente discutível.

E, tal como refere Silva (2015, p. 123): “Seja qual for a visão ou perspectiva enfatizada, o conceito operativo de sistema em CI pode chegar à esfera institucional e organizacional, mas começa e termina sempre balizado pelo fenómeno info-comunicacional.”

Esta nova realidade implica a adoção de uma atitude proativa, no sentido de levar a uma aproximação e a uma articulação entre as tradicionalmente designadas *instituições*

¹²⁴ Ver Marques (2010, pp. 39-48).

de memória – os Arquivos, as Bibliotecas e os Museus.

Concomitantemente, a inevitável racionalização e otimização dos SI não se consubstancia em relações precárias e atividades pontuais, pois só “deeper collaborations trend toward convergence, a transformative process that eventually will change behaviors, processes and organizational structures, and leads to a fundamental interconnectedness and interdependence among the partners” (Waibel, 2010, p. 7).

Como refere a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA):

Normalmente, las bibliotecas, archivos y museos son socios naturales en la colaboración y cooperación, en el sentido que acostumbran a servir a la misma comunidad de maneras parecidas... apoyan y aumentan oportunidades de aprendizaje para toda la vida, conservan el patrimonio de la comunidad y protegen y proporcionan acceso a la información... Las bibliotecas, museos y archivos pertenecen al corazón de la vida de las personas y aportan placer e inspiración, valores culturales, aprendizaje, prosperidad económica y equidad social. Estas instituciones desempeñan un papel en el desarrollo y en la preservación del bienestar cultural, social, educativo y económico (Yarrow, Clubb, & Draper, 2009, pp. 5-6).

Desde o ano 2000 que se assinalam múltiplas iniciativas que indicam um crescente interesse na exploração de novas formas de colaboração e convergência entre bibliotecas, arquivos e museus: reuniões e conferências, nacionais e internacionais; publicação de artigos científicos e bibliografia temática; grupos ou projetos de trabalho¹²⁵, entre outras.

Esther G. Bierbaum (2000), na segunda edição da obra “*Museum Librarianship*”, recorda a necessidade de cooperação entre instituições que têm como objetivo comum a preservação da memória:

Libraries, museums, and archives – or rather, their collections – are the community’s memory. But they do more than collect: they are stewards of our culture and history, of the world and our place in it; they help us understand what otherwise would remain a mystery. They capture for us things we could never know, allow us to experience what we otherwise can only dream (Bierbaum, 2000, p. 5).

¹²⁵ Vejam-se os seguintes exemplos: o *Institute of Museum and Library Services* e o grupo de trabalho *Libraries, Archives, Museums, Monuments & Sites* (LAMMS), constituído pela IFLA, pelo ICA, pelo ICOM, pelo ICOMOS e pelo CCAA (arquivos audiovisuais).

Os pontos de convergência ao nível dos objetivos, da organização e representação da informação nestas *instituições de memória*, foram também objeto de estudo pela Secção de Bibliotecas Públicas da IFLA, dando origem ao relatório intitulado “Bibliotecas públicas, archivos y museos: tendencias de colaboración y cooperación” (Yarrow, Clubb, & Draper, 2009)¹²⁶.

“Museology exploring the concept of MLA (Museums-Libraries-Archives)” foi o tema da conferência anual do *International Committee for Museology (ICOFOM)*¹²⁷, realizada em 2015.

Reconhece-se, cerca de um ano depois, a atualidade e pertinência do tema da referida conferência:

In a world where social relations and knowledge are more and more mediated by data, institutions like museums, libraries and archives recognized for conveying information and sometimes transforming it have been confronted with the role of enabling individuals' access to information and information literacy. Museums, libraries and archives are institutions that create, maintain and alter different kinds of information systems for their specific purposes.

To explore the differences and similarities between these institutions and the academic disciplines that study them, should be a profitable exercise. All three institutions provide information resources for their visitors and users, but they do it in different ways (ICOFOM, 2015).

Em jeito de súmula, partindo da análise de Bellotto (1991), Silva (2002) estabelece as principais especificidades e convergências entre estes três SI:

- Quanto ao tipo de suporte: o museu possui objectos bi/tridimensionais e exemplares únicos; a biblioteca inclui impressos, manuscritos, audiovisuais e exemplares múltiplos; o arquivo possui manuscritos, impressos, audiovisuais, exemplares únicos;

¹²⁶ Cf. IFLA. Bibliotecas públicas, archivos y museos: tendencias de colaboración y cooperación. IFLA Professional Report n.º 113, 2009. Tradução do IFLA Professional Report n.º 108, 2008.

¹²⁷ Trata-se de um dos comités internacionais do ICOM, dedicado à investigação em Museologia. A conferência realizou-se em Tsukuba (Japão), entre os dias 14 e 18 de setembro 2015. Os seus promotores procuraram explorar as diferenças e semelhanças entre Bibliotecas, Arquivos, Museus e as disciplinas académicas que os estudam, focando-se nos seguintes temas: “1. Interdisciplinary dialogues of museology; 2. Re-defining museology's subject of study; 3. The specificity of the museum in the MLA field; 4. Museology and the social: from the information production to the interpretation of society; 5. Museums, Libraries and Archives in cyberspace.” Informação disponível em: http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ENG_ICOFOM_2015_CALL_FOR_ABSTRACTS.pdf

- Quanto ao tipo de conjunto: o museu inclui colecção, isto é, documentos unidos pelo conteúdo ou pela função; a biblioteca inclui colecção, isto é, documentos unidos pelo conteúdo; o arquivo inclui fundos, isto é, documentos unidos pela origem;
- Quanto ao produtor: o museu é provido pela actividade humana e pela natureza; a biblioteca é abastecida pela actividade humana individual ou colectiva; no arquivo é [pela] máquina administrativa;
- Quanto aos fins de produção: os do museu são culturais, artísticos e funcionais; os da biblioteca são culturais, científicos, técnicos, artísticos e educativos; os do arquivo são administrativos, jurídicos, funcionais e legais;
- Quanto ao objectivo: ao museu compete informar e entreter; à biblioteca compete instruir e informar; o arquivo pretende provar e testemunhar;
- Quanto à entrada de documentos: no museu provêm da compra, doação, permuta de fontes múltiplas; na biblioteca ocorre a compra, doação, permuta de fontes múltiplas; no arquivo são incorporados pela passagem natural da fonte que os gerou;
- Quanto ao processamento técnico: no museu efectua-se o registo, a catalogação, os inventários e os catálogos; na biblioteca faz-se o registo, a classificação, a catalogação e os ficheiros; no arquivo realiza-se o registo, o arranjo, a descrição, os guias, os inventários, os catálogos, etc.
- Quanto ao público: o público do museu e da biblioteca são o grande público e pesquisador ao passo que no arquivo é o administrador e pesquisador (Silva, 2002, pp. 66-67).

No âmbito da colaboração entre Arquivos, Bibliotecas, Museus que se tem vindo a sedimentar nos últimos anos, existem diferentes trabalhos de natureza científica que podem ser citados, entre outros (Duff, *et al.*, 2013; Given & McTavish, 2010; Kirchhoff, Schweibenz, & Sieglerschmidt, 2009; Pastore, 2009; Waibel & Erway, 2009; Zorich, Waibel & Erway, 2008; Dupont, 2007; Gibson, Morris, & Cleeve, 2007).

Neste novo cenário, multiplicam-se os esforços de organismos nacionais¹²⁸ e, sobretudo, internacionais, que se encontram diretamente associados à construção de políticas de informação global. O trabalho que tem vindo a ser desenvolvido centra-se na

¹²⁸ Em Portugal, a Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD), criou, em 2012, o Grupo de Trabalho Sistemas de Informação em Museus – GT-SIM, reunindo em torno de um objetivo comum um leque de profissionais de informação: museólogos, bibliotecários e arquivistas. Informação disponível em: <http://www.bad.pt/noticia/category/informacaomuseus/>. Sobre os projetos de integração de coleções dentro da mesma instituição, de que é exemplo pioneiro em Portugal a Fundação Calouste Gulbenkian, ver Marques (2010, p. 85-88).

preservação e difusão do património cultural da humanidade, sendo para tal essencial a gestão integrada da informação existente em Bibliotecas, Arquivos e Museus e a cooperação institucional que permita o estabelecimento de projetos comuns e de parcerias¹²⁹.

A nível internacional destaca-se o papel da IFLA, do ICOM e do ICA.

A IFLA criou, em 2014, o grupo de trabalho “Libraries, Archives, Museums, Monuments & Sites” (LAMMS)¹³⁰ com o objetivo de incrementar as relações de cooperação entre as cinco organizações internacionais responsáveis pela herança cultural da humanidade - IFLA, ICA, ICOM¹³¹, *International Council on Monuments and Sites* (ICOMOS) e *Co-ordinating Council of Audiovisual Archives Associations* (CCAAA).

Nos Estados Unidos da América foram desenvolvidos vários projetos comuns entre estas três áreas, que integraram a *American Association of Museums* (AAM), a *American Library Association* (ALA) e a *Society of American Archivists* (SAA). Também neste país foram desenvolvidas outras experiências, de âmbito menos alargado, como é o caso do *Institute of Museum and Library Services* (IMLS)¹³² e do *Committee on Archives, Libraries and Museums* (CALM).

Regista-se, igualmente, o desenvolvimento de projetos de cooperação e colaboração entre diferentes instituições culturais, sobretudo nos países do norte da Europa, destacando-se:

- Reino Unido (*Museums, Libraries and Archives Council*, 2000);
- Alemanha (*BAM, das gemeinsame Portal zu Bibliotheken, Archiven, Museen*, 2001);
- Dinamarca (*Nordjyllands Kulturhistoriske Søgbase*, 2002);

¹²⁹ Ver Marques & Vicente (2015).

¹³⁰ Informação disponível em: <http://www.ifla.org/lamms>

¹³¹ O Comité Internacional de Documentação do ICOM produziu o CIDOC CRM: “The CIDOC Conceptual Reference Model (CRM) provides definitions and a formal structure for describing the implicit and explicit concepts and relationships used in cultural heritage documentation. The CIDOC CRM is intended to promote a shared understanding of cultural heritage information by providing a common and extensible semantic framework that any cultural heritage information can be mapped to. It is intended to be a common language for domain experts and implementers to formulate requirements for information systems and to serve as a guide for good practice of conceptual modelling. In this way, it can provide the “semantic glue” needed to mediate between different sources of cultural heritage information, such as that published by museums, libraries and archives. The CIDOC CRM is the culmination of over 10 years work by the CIDOC Documentation Standards Working Group and CIDOC CRM SIG which are working groups of CIDOC. Since 9/12/2006 it is official standard ISO 21127:2006. On December 2014 a new version (based on version 5.0.4 of the CIDOC CRM) became available: ISO 21127:2014.” Informação disponível em: <http://www.cidoc-crm.org/>

¹³² IMLS disponível em: <http://www.ims.gov/applicants/default.aspx>

- Noruega (*ABM – utvikling – Statenssenter for arkiv, bibliotek og museum, 2003*) ;
- Suécia (*ABM-centrum, 2004-2010*).

Também na União Europeia (Manžuch, 2009) têm sido desenvolvidos projetos que espelham a ligação entre Arquivos, Bibliotecas e Museus. A colaboração entre estes três SI, que começou com a compreensão inicial das diferenças entre as disciplinas, poderá levar à completa convergência, no âmbito da prestação de serviços partilhados e da criação e disponibilização de conteúdos digitais.

3. A GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO NOVO MILÉNIO

3. A Gestão da Informação no novo milénio

3.1 Gestão da Informação e Gestão de Conhecimento

“(...) 'knowledge management' is an umbrella term for a variety of organizational activities, none of which are concerned with the management of knowledge. Those activities that are not concerned with the management of information are concerned with the management of work practices, in the expectation that changes in such areas as communication practice will enable information sharing” (Wilson, 2002).

É amplamente citado que as organizações modernas necessitam de aplicar vários procedimentos e técnicas, visando a correta gestão da informação e/ou de conhecimento (Davenport, 1998; Choo, 2003a,b; Jamil, 2013).

Objetiva-se, assim, neste ponto desta tese o estudo de conceitos elementares do processo de GI e de GC¹³³, sempre tendo como base matricial a configuração epistemológica da CI em processo evolutivo.

Dado que se trata de um tema complexo, “se evidencia una polémica sobre el alcance y objetivo de ambas que genera una duda razonable sobre la autonomía de la una y la outra” (Férrandez Marcial, 2006, p. 49).

A GC tem-se revelado cada vez mais apelativa no meio académico e empresarial, tendo despertado particular interesse e atenção: “the idea that knowledge can somehow be managed has great appeal...” (Alvesson & Karreman, 2001, p. 996).

No “Harrod’s Librarians’ Glossary”, GI define-se como “un imprecise term for the various activities” orientadas para a geração, coordenação, armazenamento ou conservação, busca e recuperação da informação, tanto interna como externa, contida em qualquer suporte (Prytherch, 2005, p. 372).

¹³³ “Ponzi ha realizado un estudio bibliométrico que sostiene que ya en el año 1991 aparecen publicaciones con este término, pero que hacia mediados de esta década se sitúa el nacimiento de la disciplina, momento en que se incrementa el número de publicaciones. “Knowledge management was born in the mid-1990s...”, p. 10 (Knowledge Management: Lessons Learned). En esta misma obra, Srikantiah afirma que la gestión del conocimiento es una actividad propia de la década de los noventa. Bouthillier y Shearer (2002, p.10) exponen que Beckman afirma que la expresión Knowledge Management fue definida por Karl Wiig en 1986 en su obra Knowledge Management Foundations publicada en 1993” (Férrandez Marcial, 2006, p. 49).

Na mesma obra, GC define-se como:

The process of collecting, organizing, storing and exploiting the information and data that is held within an organization, particularly information known to individual (tacit knowledge), as well as the general store of known information and data (explicit knowledge). The process depends on electronic storage and access, typically through an Intranet (Prytherch 2005, p. 424).

Destas definições ressalta a ideia de que a GI abrange todo o ciclo informacional, enquanto a GC, em contexto organizacional, remete para os conceitos de conhecimento tácito e explícito, bem como para as novas tecnologias de armazenamento e acesso informacional. A imprecisão nas significações permite identificar, conseqüentemente, uma diversidade de sentidos para as expressões.

Partindo da vertente prática e empresarial, Choo (2003) conceitualiza a GI como:

(...) um ciclo de actividades de informação interligadas que devem ser planeadas, concebidas e coordenadas (...). O modelo processual de gestão de informação devia abarcar toda a cadeia de valor da informação, começando pela identificação das necessidades de informação, passando pela aquisição, organização e armazenamento, produtos e serviços, distribuição de informação e fechando o ciclo com a utilização de informação (Choo, 2003).

Nesta perspectiva, a GI compreende um conjunto de atividades encadeadas e relacionadas com todo o ciclo informacional, em suportes analógicos e/ou digitais.

Zorinho (1991) define-a como uma função desempenhada ao mais alto nível da estrutura organizacional sendo o gestor de informação um *controller* estratégico. Para este autor, a definição de GI surge encadeada com a de Sistemas de Informação (Informáticos) e relacionada com a de GC que, nas práticas ligadas à Gestão Organizacional é entendida como:

(...) o conjunto de atividades que busca desenvolver e controlar todo o tipo de conhecimento em uma organização, visando à utilização na consecução de seus objetivos. Este conjunto de atividades deve ter como principal meta o apoio ao processo decisório em todos os níveis. Para isso, é preciso estabelecer políticas, procedimentos e tecnologias que sejam capazes de coletar, distribuir e utilizar efetivamente o conhecimento, representando fator de mudança no comportamento organizacional (Moresi, 2001, p. 37).

Citando Choo (2003, p. 57):

(...) uma organização aprende se, através do seu processamento de informação, o âmbito dos seus potenciais procedimentos é alterado. Assim, o objectivo principal da gestão de informação é aproveitar recursos de informação e capacidades de informação de modo a que a organização aprenda e se adapte ao seu meio ambiente em mudança.

Neste sentido, a prática da GI traduz-se na criação de canais e meios para transmitir e para aceder à informação, bem como acrescentar valor à mesma. A GC tem como objetivo principal o desenho de estratégias, processos, estruturas e sistemas que permitam à organização fazer uso do que conhece, isto é, do conhecimento que os seus membros possuem. E acrescenta:

(...) gestionar el conocimiento no es trabajar con “artefactos tales como documentos y bases de datos, sino también con reglas y rutinas, con el conocimiento tácito de los individuos, y en las creencias y esquemas mentales de la organización” (Choo, 2002, p. 259, cit. por Fernández Marcial, 2006, p. 50).

Pérez-Montorro (2016, p. 527), considera que a GC é a disciplina “encargada de diseñar e implementar sistemas con el objetivo de identificar, capturar y compartir el conocimiento de una organización de forma que pueda ser convertido en valor para la misma”.

Não sendo tarefa fácil definir GC, Pinto Molina e Gómez Camarero (2004) consideram que, em linhas gerais, esta pode ser definida como:

(...) la capacidad de una organización para generar valor, basándose en las personas y en una gestión eficaz del capital intelectual. En consecuencia, la gestión del conocimiento estaría constituida por todas aquellas actividades y procesos orientados a buscar y descubrir el conocimiento existente en una organización, sistematizarlo y organizarlo para ponerlo finalmente a disposición de toda la organización, basándose en las TIC, y especialmente en Internet y en su versión privada, las intranets corporativas (Pinto Molina & Gómez Camarero, 2004, p. 115).

Valentim (2002) e Valentim *et al.* (2003) definem GI (1) e GC (2) da seguinte forma:

1. Conjunto de estratégias que visa identificar as necessidades informacionais, mapear os fluxos formais de informação nos diferentes ambientes da organização, assim como sua

coleta, filtragem, análise, organização, armazenagem e disseminação, objetivando apoiar o desenvolvimento das atividades cotidianas e a tomada de decisão no ambiente corporativo.

2. Conjunto de estratégias para criar, adquirir, compartilhar e utilizar ativos de conhecimento, bem como estabelecer fluxos que garantam a informação necessária no tempo e formato adequados, a fim de auxiliar na geração de idéias, solução de problemas e tomada de decisão.

Na mesma linha, GC “refers to the practices, skills, and technologies associated with creating, organizing, storing, presenting, retrieving, using, preserving, disposing of, and re-using information resources to help identify, capture, and produce knowledge” (Gilliland-Swetland, 2000, p. 26).

Com efeito, a aproximação conceitual entre a GI e a GC é também identificada na literatura científica:

Según Mackenzie (1999), se puede hablar de gestión de la información en dos sentidos: por un lado, cuando el punto tratado sea el de los recursos tecnológicos y, por otro, cuando se aborde la gestión de los recursos de información dentro de una organización, aspecto que sí presenta una fuerte relación con el concepto de GC (...). A tenor de esta segunda perspectiva, el gestor de información se convertirá en un gestor de documentos con la misión especial de crear canales que optimizaran la creación de ideas, contenidos y conocimientos mediante el acceso a la información adecuada, y conociendo el papel del conocimiento en cada departamento de la organización (García Jiménez, 2002, pp. 64-65).

Assinala-se, portanto, que algumas correntes fundem ou confundem os dois modelos de gestão. “En el plano teórico y práctico se refleja un conflicto entre GI y GC que abarca no sólo los límites y alcance de ambas sino también las relaciones de jerarquía y dependencia entre ambos términos” (Fernández Marcial, 2006, p. 54). Por esse motivo, é muito comum encontrar referências sobre a GC em empresas, quando na realidade o que fazem é GI.

Pérez-Montorro (2016) explicita o contexto de surgimento e a evolução da GC (com base no interesse que despertou nas últimas décadas, na produção científica

anual¹³⁴ e na formação académica), destacando duas perspectivas de entendimento da referida disciplina, a saber:

1) Se entiende el conocimiento como un proceso, como lo denomina Karl Sveiby (2001). Es la escuela oriental (o japonesa —derivada de las ideas defendidas, entre otros, por Nonaka y Takeuchi (1995), por citar algunas cabezas visibles— y centra sus investigaciones en el conocimiento tácito y su creación. Se nutre de disciplinas teóricas como la psicología, sociología y pedagogía. Dentro de esta escuela o *knowledge-process group*, se concibe la empresa no de una manera mecanicista sino como un organismo vivo que interacciona con el entorno. En este contexto, el conocimiento se entiende más como un proceso psicológico, relacionándolo con la experiencia. Se defiende la posibilidad del conocimiento y su socialización como operaciones centrales para la gestión del mismo (Nonaka, 1991; Nonaka; Konno, 1998). Dentro de este enfoque, las acciones encaminadas a la gestión del conocimiento suelen realizarse desde el departamento de recursos humanos.

2) La otra escuela entiende el conocimiento como un objeto, como lo denomina también Karl Sveiby (2001). Se trata de la escuela más occidental —derivada de las ideas defendidas por Davenport y Prusak (1998), por citar sólo un par de autores— y centra sus investigaciones en el conocimiento explícito y la gestión del mismo; nutriéndose de disciplinas teóricas como la teoría y la gestión de la información (Davenport, 1997). Dentro de esta segunda escuela o *knowledge-object group* se identifica la empresa como un mecanismo de procesar información. En este contexto, el conocimiento se entiende como una producción obtenida a partir de la gestión adecuada de la información y el valor del mismo se consigue cuando se logra transformar en conocimiento explícito representado en documentos que pueden ser tratados y gestionados. Dentro de este enfoque alternativo, las acciones encaminadas a la gestión del conocimiento suelen realizarse desde el departamento de sistemas y gestión de información (Pérez-Montorro, 2016, p. 527).

¹³⁴ Da análise concretizada, este autor conclui: “El interés general por la disciplina de la gestión del conocimiento presenta un patrón similar al de otras propuestas que, tras un fuerte ascenso en popularidad, han ido perdiendo la atención general y diluyéndose poco a poco. Desde mediados de la década de los 90, el término *knowledge management* se convirtió en una verdadera *buzz word* (palabra de moda) con la que se nombraban varias estrategias, algunas veces contradictorias entre sí, de innovación en la gestión organizacional. Sin embargo, ese interés comienza a decaer a partir de 2004 reduciéndose de forma paulatina la atención por esas propuestas hasta nuestros días. En el campo de la producción científica ocurre algo muy similar al interés general mostrado por la disciplina. En la producción anual de monografías, el descenso comienza también en 2004 en el corpus de libros en inglés y dos años más tarde, en el 2006, en el fondo en lengua española. (...) Sin embargo, en la producción de artículos científicos indizados en las dos principales bases de datos, el año de inflexión donde comienza el descenso de la producción es 2009 (Pérez-Montorro, 2016, p. 533).

Com efeito, a teoria do conhecimento de Michael Polanyi (1958, 1966), designadamente os conceitos de conhecimento tácito e explícito por ele desenvolvidos, tem constituído um alicerce essencial à construção de modelos de GC.

Polanyi, com a obra “The Tacit Dimension” (1966), discute e desenvolve o conceito de conhecimento tácito, cuja origem latina *tacitus* significa silencioso. Partindo da constatação da importância decisiva deste tipo de conhecimento refere:

I shall reconsider human knowledge by starting from the fact that *we can know more than we can tell*. This fact seems obvious enough; but it is not easy to say exactly what it means. Take an example. We know a person’s face, and can recognize it among a thousand, indeed among a million. Yet we usually cannot tell how we recognize a face we know. So most of this knowledge cannot be put into words. But the police have recently introduced a method by which we can communicate much of this knowledge. They have made a large collection of pictures showing noses, mouths, and other features. From these the witness selects the particulars of the face he knows, and the pieces can then be put together to form a reasonably good likeness of the face. (...) But the application of the police method does not change the fact that previous to it we did know more than we could tell at the time (Polanyi, 1966, pp. 4-5).

Segundo o autor, o conhecimento tácito é difícil de ser formalizado ou explicado a outra pessoa, é subentendido ou implícito, subjetivo, não escrito, aquele que o indivíduo adquiriu ao longo da vida pela experiência, valioso mas difícil de capturar, de transmitir e de registar. Opõe-se ao conhecimento explícito, do latim *explicitus*, que significa explicado, declarado.

Explicit knowledge on the other hand is that which can be expressed clearly, fully and leaves nothing implied. An example might be knowledge that can be formally expressed and transmitted to others through manuals, specifications, regulations, rules or procedures (Hildreth & Kimble, 2002).

As bases de um debate em torno de diferentes assunções permitem analisar o binómio GI / GC com base na literatura disponível – autores de CI e da vasta área da Gestão (ver tabela 3).

| Informação e Conhecimento / Gestão da informação e Gestão do conhecimento: diferentes perspetivas | |
|--|--|
| <p>NONAKA e TAKEUCHI, 1997</p> | <p>Consideram que “através do processo de captura de informações e conhecimentos do ambiente externo, as organizações buscam identificar alguma pista ou nova idéia que incremente seu negócio. Tal processo ocorre por meio da interação organizacional com diversos atores (governo, concorrentes, fornecedores, clientes, distribuidores). Após a coleta de informações e conhecimentos externos, ambos são absorvidos, incorporados e adequados ao meio organizacional. (...) as informações coletadas externamente são adaptadas de forma que orientem a organização estrategicamente, direcionando-a em ações efetivas. (...) no ambiente interno, a criação de novos conhecimentos ocorre a partir de um processo interativo intensivo e laborioso entre os membros da organização via comunicação formal e informal, representada, por exemplo, através de reuniões, debates, seminários, dentre outros. Logo, o fluxo de informações e conhecimentos que envolvem o meio interno e externo possibilita que sejam criados novos conhecimentos, e conseqüentemente que a organização inove e torne-se diferenciada no mercado” (Nonaka & Takeuchi cit. por Schons & Costa, 2008).</p> |
| <p>KLUGE, STAIN e LICHT, 2002</p> | <p>“O conhecimento consiste em compreender as relações e as causalidades, pelo que se revela fundamental para tornar as operações eficazes, elaborar processos de negócio ou prever os resultados dos modelos de negócio”.</p> <p>“A maior parte do trabalho que é feito sobre gestão do conhecimento discute exaustivamente a distinção entre conhecimento explícito (possível de ser estruturado e documentado) e conhecimento tácito (relacionado com os sentidos e a experiência). Esta pode ser uma forma prática de olhar para as coisas, mas a situação é, na verdade, bem mais complexa. As duas categorias estão tão fortemente interligadas que, na prática, não é possível separá-las com facilidade. Por exemplo, para compreender cabalmente um documento escrito (conhecimento explícito) é, por vezes, necessária muita experiência (conhecimento tácito): uma receita sofisticada pode não ter nenhum significado para uma pessoa que nunca teve de cozinhar; um texto sobre leis pode ser totalmente incompreensível para quem não tenha prática e formação nesta área” (Kluge, Stein, & Licht, 2002, pp. 14-15).</p> |
| <p>NEHMY e PAIM, 2003</p> | <p>“Polanyi estava preocupado em desenvolver uma teoria que denunciase o desprezo ou a tentativa de ignorar o componente pessoal na produção do conhecimento científico típica da ciência moderna”. (...) A explicitação do ‘conhecimento tácito’ de maneira alguma aparece como meta ou objetivo a ser alcançado. Ao contrário, o componente tácito é um processo inacessível em sua natureza. Mesmo que elementos do componente tácito possam ser expressos em linguagem descritiva, o conjunto, a forma desse conhecimento, permanece impenetrável pela linguagem. (...) Não se encontra referência a um saber explícito da forma considerada pela gestão do conhecimento. Saberes tácito e explícito nem sequer são</p> |

| | |
|--------------------------------|---|
| | <p>complementares no sentido de que não se alinham num contínuo (ou numa escala) de modo que haja conhecimento mais ou menos tácito ou implícito. (...) O tipo de argumento usado para a definição de conhecimento tácito na gestão do conhecimento é o de oposição entre, em um pólo extremo, o saber tácito e, em outro, o conhecimento explícito” (Nehmy & Paim, 2003, pp. 285, 287-288).</p> |
| <p>CRIVELLARI, 2003</p> | <p>Concordando com Dominique Foray, “um conhecimento é mais do que uma informação, por ser capaz de extrapolar determinado conhecimento anterior e dele inferir novas informações e novos conhecimentos. Foray mostra que o conhecimento pode ser codificado, o que quer dizer reduzido – à informação – e convertido em mensagem para ser transmitida de um sujeito a outro, ou para ser estocada. A codificação da informação cria, então, um ‘bem’ ambivalente, que possui certas propriedades da informação: torna-se coisificado, manuseável, mas também torna-se um ‘bem público’, o que implica a necessidade de proteção e sujeição à legislação sobre propriedade intelectual” (Crivellari, 2003, p. 249).</p> |
| <p>VALENTIM, 2008</p> | <p>“A informação pode ser considerada objeto, pois é a partir de uma informação explicitada em algum suporte, que visualizamos o conhecimento construído por um indivíduo ou grupo de indivíduos. Um relatório somente poderá existir, a partir da explicitação do conhecimento de alguém ou de um grupo. Por outro lado, a informação, também, pode ser um fenômeno, isto é, o indivíduo ou o grupo que elaborou o relatório necessitou realizar um processo cognitivo variável, após proceder diferentes ações cognitivas individuais e coletivas, como por exemplo, relacionar, isolar, associar, dissociar, analisar e sintetizar, obtendo ao final do processo o conhecimento explicitado, no formato de relatório” (Valentim, 2008, p. 20).</p> |
| <p>DRUCKER, 2008</p> | <p>“Por si só, o conhecimento especializado não produz qualquer desempenho. O cirurgião só é eficaz se houver um diagnóstico e não é sequer da competência do cirurgião. Os que realizam estudos de mercado, sozinhos, apenas produzem dados. Para converter os dados em informação, quanto mais torná-los eficazes na acção do conhecimento, são necessárias pessoas ligadas ao marketing, à produção e à assistência. Como um solitário na sua investigação e escrita, um historiador pode ser muito eficaz. Mas para gerar a instrução dos alunos, muitos outros especialistas têm de contribuir (...). Isso exige que o especialista tenha acesso a uma organização” (Drucker, 2008, p. 334).</p> |
| <p>CÔRTEZ, 2010</p> | <p>(...) “em geral, os termos dado e informação são tomados como sinônimos, sem maiores problemas. Mesmo assim, é necessário que seja feita uma distinção entre esses termos, o que será fundamental para a compreensão de como se desenvolvem o conhecimento, a inteligência e a sabedoria”. (...) “Quando os dados passam por algum tipo de relacionamento, avaliação, interpretação ou organização, tem-se a geração de informação.</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>A partir do momento que os dados são transformados em informações, decisões podem ser tomadas” (Côrtes, 2010, p. 26).</p> <p>Afirma a “existência de uma inteligência coletiva como um substrato capaz de fomentar o desenvolvimento de competências individuais” (...). A sabedoria gera-se quando “a inteligência disponível sobre determinado tema é ampliada, ocorrendo a geração de conhecimento adicional pelo acúmulo seletivo de informações complementares que são cruzadas, interrelacionadas e complementadas pela experiência acumulada” (Côrtes, 2010, pp. 42, 44).</p> |
| <p>ARAÚJO e ALBUQUERQUE, 2010</p> | <p>(...) “o conhecimento humano é criado e difundido por intermédio da “conversão do conhecimento”, que é a interação social entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito”. (...) A “conversão do conhecimento” verifica-se de quatro formas: a socialização (uma pessoa pode adquirir conhecimento tácito diretamente de outra – este converte-se em novo conhecimento tácito), a externalização (processo que permite a conversão do conhecimento tácito em explícito), a combinação (conhecimento explícito gera conhecimento explícito) e a internalização (incorporação do conhecimento explícito ao conhecimento tácito, através da verbalização, da sistematização, e da documentação do conhecimento) (Araújo & Albuquerque, 2010, pp. 53-54).</p> |

Tabela 3: Informação e Conhecimento / Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento: diferentes perspectivas

Fonte: Elaboração própria, após consulta da bibliografia citada.

Nehmy e Paim (2003), numa adequada análise e interpretação, afirmam que a apropriação da noção de conhecimento tácito pela GC distorceu o sentido original e integral presente na argumentação de Polanyi.

Segundo Nonaka e Takeuchi (1995, 1997), as organizações recebem informações e conhecimentos do meio, adaptam-se e criam, de dentro para fora, novo conhecimento, que é disseminado em processos, sistemas, produtos e serviços. As habilidades e aprendizagens, extraídos do meio externo, são modificadas, enriquecidas e traduzidas, no sentido de se ajustarem à identidade da organização. A ideia central preconizada é a de que a GC reflete a capacidade organizacional para gerar novo conhecimento¹³⁵, disseminá-lo por toda a organização e integrá-lo nos seus processos e resultados

¹³⁵ Nesta perspectiva, tendo em consideração que o processo de criação de conhecimento constitui a essência, os autores propõem um modelo composto por três elementos, em permanente interação: o modelo SECI (socialização; explicitação, combinação e implicação), o *ba* – (contexto partilhado) e os recursos do conhecimento (experienciais, concetuais, sistémicos e de rotina) (Nonaka, Toyama, & Konno, 2001).

realçando-se, como força motriz dos processos criativos, as pessoas. O modelo proposto por estes autores foi amplamente seguido por gestores e consultores (Quel, 2006; Rascão, 2008).

Todavia, Wilson (2002) questiona e argumenta: “How did the idea that tacit knowledge could be 'captured' arise? The guilty party appears to be Nonaka, (1991) and Nonaka and Takeuchi (1995), who appear to have either misunderstood Polanyi's work, or deliberately distorted it (...)”.

Na área da gestão, Peter Drucker (2008, p. 334) afirma que a economia global viria a estar sustentada no conhecimento, transformando-se as organizações de mercado em “organismos geradores de conhecimento”.

Araújo e Albuquerque (2010), partindo da ideia de Drucker, confirmam Nonaka e Takeuchi como os formuladores da teoria da criação do conhecimento organizacional.

No âmbito da informática de gestão, de acordo com Côrtes (2010, pp. 26, 41), os dados constituem “unidades básicas, a partir das quais informações poderão ser elaboradas ou obtidas”, ou seja, a informação é obtida a partir do processamento de dados. “Para se gerar conhecimento são necessários dados e informações devidamente relacionados e estruturados”.

Os autores alemães, Kluge, Stein e Licht (2002) consideram a categorização - conhecimento tácito e explícito-, simplista e redutora, frisando que elas estão “fortemente interligadas”, e que o conhecimento pressupõe a capacidade de compreender (capacidades cognitivas e emocionais do ser humano).

Já na área da CI, a diferenciação entre informação e conhecimento apresentada por Marta Lúcia Pomim Valentim (2008) é refutada, na perspetiva de Tom Wilson (2002), de Armando Malheiro da Silva e de Fernanda Ribeiro (2005, 2009a). Importa por isso explicitar o importante contributo de Thomas Daniel Wilson.

No artigo publicado sob o título “The nonsense of the knowledge management” (Wilson, 2002), o autor apresenta criticamente as origens e a base da GC, analisa a distinção entre informação e conhecimento, e mostra como foi sendo assumido o conceito de conhecimento tácito em revistas, *websites* de empresas de consultoria e em escolas de gestão.

Segundo Tom Wilson “conhecimento” é definido como o que sabemos: conhecimento envolve os processos mentais de compreensão, entendimento e aprendizagem que vai na

mente e só na mente, por mais que envolvam interação com o mundo fora da mente, e a interação com os outros. Sempre que queremos expressar o que sabemos, só podemos fazê-lo proferindo mensagens de uma forma ou de outra – oral, escrita, gráfica, gestual ou até mesmo através da “linguagem corporal”. Tais mensagens não transportam “conhecimento”, constituem “informação”, que é o que a mente pode saber assimilar, entender, compreender e incorporar em suas estruturas de conhecimento próprio. Estas estruturas não são idênticas para a pessoa emissora de mensagem, nem para o recetor, porque as estruturas de conhecimento de cada pessoa são, como Schutz (1967) observou, “biograficamente determinadas». Portanto, o conhecimento construído, a partir das mensagens, não pode ser exatamente o mesmo que a base de conhecimento a partir do qual as mensagens foram proferidas. (...)

Dados, informação e recursos de informação podem, porque externos à mente do sujeito, podem ser geridos, mas o conhecimento propriamente dito (“o que nós sabemos”) nunca pode ser gerido, exceto pelo sujeito cognoscente e, mesmo assim, apenas de modo imperfeito, uma vez que, na verdade, mostramos ter muito pouco controlo sobre o que sabemos (Wilson, 2002, cit. por Silva, 2013, p. 30).

Ainda segundo Wilson, em resultado do trabalho de pesquisa que realizou (análise de artigos publicados em periódicos¹³⁶, de sites de consultoria¹³⁷ e de escolas de gestão¹³⁸), são evidentes as dificuldades de definição do termo GC, sendo usado muitas vezes, como sinónimo de GI: “o efeito moda pesou bastante, na troca de informação por

¹³⁶ Pesquisa de artigos (com incidência na expressão “gestão de conhecimento” no título) nos índices de citação da *Web of Science*, no período de 1981 a 2002. Wilson concluiu: “first, is curious that the vast majority of papers are in special issues of journals and that, in some cases, no other paper has been published on this topic in the same journal since 2001. This suggests that the topic has not entered the normal stream of papers in these journals using the same terminology - although papers on the same subjects - expert systems, decision making, decision support systems, etc., - have continued to be published. The second point reflects the first: there is absolutely no agreement on what constitutes 'knowledge management' and, in the case of the special issues there is a suspicion that the papers have adopted this terminology simply to be published in that issue. Thirdly, those papers that seriously address the question of whether knowledge can be managed generally conclude that it cannot and that the topic breaks down into the management of information and the management of work practices” (Wilson, 2002).

¹³⁷ “The conclusion to this brief exploration of consultancy Web sites is that 'knowledge management' means different things to different companies and that one or two of them that have previously dabbled with the idea have moved on to other things” (Wilson, 2002).

¹³⁸ “One's overall impression, from this review of business school sites is that the most prestigious steer well away from 'knowledge management', other than in the statements of interest of faculty. Nor does the subject appear to enter significantly into the teaching programmes. The sites often include documents in the form of reports, working papers, or draft papers and these reveal the same difficulties with the concept as shown in the review of journals” (Wilson, 2002).

conhecimento, por entenderem (os mentores e atores desta alteração) que, assim, se “vendia melhor” as soluções já existentes” (Silva, 2013, p. 35).

Para explicitar a base teórica da GC, Wilson apoiou-se em Polanyi (1958), analisou a noção de conhecimento tácito e o seu processo de captura para chegar à distinção entre conhecimento tácito e implícito, a saber:

Implicit knowledge is that which we take for granted in our actions, and which may be shared by others through common experience or culture. For example, in establishing a production facility in a foreign country, a company knows it needs to acquire local knowledge of 'how things are done here'. Such knowledge may not be written down, but is known by people living and working in the culture and is capable of being written down, or otherwise conveyed to those who need to know. The knowledge is implicit in the way people behave towards one another, and towards authority, in that foreign culture, and the appropriate norms of behaviour can be taught to the newcomers. Implicit knowledge, in other words, is expressible: tacit knowledge is not, and Nonaka would have saved a great deal of confusion had he chosen the more appropriate term. The critical reader might ask him/herself: 'Does it make any difference to the argument if, in the diagram¹³⁹, we replace "tacit knowledge" with "knowledge" and "explicit knowledge" with "information"? (Wilson, 2002).

A fundamental análise crítica de Tom Wilson permite perceber a perspectiva de Silva (2005, 2009a) e de Silva e Ribeiro (2009a) sobre a GI, configurada no âmbito da CI trans e interdisciplinar.

Segundo Silva (2013, p. 19), configuram-se três perspectivas na literatura disponível:

- 1) “Gestão do conhecimento organizacional/consultoria”, fortemente influenciada pela literatura de consultoria em Gestão, que, por sua vez, é devedora da distinção entre conhecimento tácito e conhecimento explícito, iniciada por Michael Polanyi (...) e apropriada, entre outros, por Ikujiro Nonaka e Hirotaka Takeuchi (NONAKA; TAKEUCHI, 1997);
- 2) “Fenomenológica e informacionalista” de Tom Wilson;
- 3) “Cognitivista, Infocomunicacional e sistêmica” (Silva e Ribeiro).

¹³⁹ Referência ao diagrama elaborado por Nonaka e Takeuchi (1995) – “Tacit knowledge from explicit knowledge / Tacit knowledge to explicit knowledge”.

Para ser possível compreender e explicitar esta última perspetiva é necessário entender, em primeiro lugar, o posicionamento da GI no quadro epistemológico da CI.

A proposta inicial de Silva, baseada em pressupostos epistemológicos, foi no sentido de diluir a GI na área da produção de informação (do fluxo informacional), considerando a GI ou o conhecimento explícito como segmento do objeto da CI. Em artigos posteriores (2005, pp. 89-113; 2009a, pp. 233-252), este investigador considera que a GI consiste na dimensão aplicacional da CI, atravessando todas as áreas do campo de estudo desta ciência, sendo também composta por outras abordagens científico-técnicas diferentes e complementares.

De modo a compreender-se melhor a mudança no discurso científico e os motivos que a determinaram, cita-se seguidamente o referido autor:

E postas as inter-relações disciplinares com a maturidade e complexidade com que hoje as consigo perceber, não parece haver dúvida que a GI, bem, como a GC e as formas de actividade profissional mais sectoriais e estratégicas como a Inteligência Competitiva (IC) e a Económica (IE) (PAIM, 2003; TARAPANOFF, 2006; e SANTOS; LEITE; FERRARESI, 2007), constituem não uma disciplina científica propriamente dita, mas uma “plataforma” essencialmente prática de aplicação de idéias, de teorias, de modelos e de soluções várias, condensadas em múltiplos e diferentes “pacotes” de consultoria. Significa isto, em termos mais claros, que a GI se constitui uma tópica em rota de afastamento da visão tradicional e instrumental das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Com efeito, grande parte do ensino da gestão da informação, não existe ou tem tido uma ênfase muito grande na informação codificada e armazenada nas tecnologias da informação (RASCÃO, 2008: 14-15). Urge, por isso, segundo este autor, para quem a GI se tornou, para o melhor ou para o pior, uma disciplina académica (isto não significa que seja, naturalmente, uma disciplina científica), deixar essa visão tradicional para, em alternativa, ser construída uma síntese preenchida com as contribuições da Economia, da Gestão, da Gestão Estratégica e da Comunicação, as quais sinalizam outras formas de olhar para a gestão da informação. Estes campos têm uma visão menos tecnológica da gestão da informação e fazem a separação da informação codificada, armazenada e acedida através das tecnologias da informação e da comunicação, da informação em geral, isto é, em termos latos e abrangentes no processo da tomada de decisão (RASCÃO, 2008: 15).

Sendo a GI (e variantes correlatas) uma tópica a mover-se no sentido da síntese dinâmica, parece radicar-se, mais claramente, na interciência SI e do campo interdisciplinar das

[Ciências da Comunicação], convocando aí uma abordagem cada vez mais forte das Ciências Sociais aplicadas, espaço epistêmico onde a CI tem de reclamar com crescente força a sua pertença e espaço próprio (SILVA, 2009: 235-236) (Silva, 2013, pp. 17-18).

Em suma, conclui-se que:

- i) A ligação da GI à CI trans e interdisciplinar não gera dúvidas;
- ii) Analisar a referida ligação implica definir um enquadramento epistemológico entre ambas;
- iii) A resposta inicial: colocar a GI ou o conhecimento explícito como segmento do objeto da CI, ou seja, diluindo-a na área da produção informacional;
- iv) A resposta atual: sustenta que a GI não pode ser identificada como uma das áreas do objeto da CI, associada à produção do fluxo informacional; trata-se de uma **área transversal e interdisciplinar** que tem para a CI uma dimensão aplicacional - atravessa todas as áreas do seu campo de estudo.

Seguidamente procura-se explicitar a supramencionada perspetiva “cognitivista, infocomunicacional e sistémica” (Silva, 2013, pp. 38-46) – transversalidade da GI (a informação cruza-se com outros “objetos” de estudo, no âmbito da gestão estratégica global, em qualquer entidade ou contexto). Para a sua compreensão esquematiza-se (ver tabela 4):

| Definição de Informação | Interpretação/descodificação da definição de Informação |
|---|--|
| <p>“Conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interacção social,</p> | <p>Na primeira parte da definição ressalta “a relação mente e meio (ambiente), sem que se reduza a cognição a uma faculdade intrínseca do humano e intocável pela influência do meio – esta influência é naturalmente modeladora”. Acrescenta-se, ainda, que nesta parte da definição de informação, “é absorvido o conhecimento explícito, porque, na raiz, conhecer é representar mental/ emocionalmente, e da faculdade de representar resultam “competências” várias, como a de compreender/perceber, aprender, descobrir, inovar, etc.”</p> |
| <p>passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.)</p> | <p>Nesta segunda parte da definição “há uma separação subtil, mas efetiva, entre conteúdo e continente. As representações codificadas formam-se na mente, materializando-se fora do sujeito cognoscente e “informador”, fora da esfera mental, através da função de registo ou de inscrição” – o documento.</p> |
| <p>e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multi-direccionada.”</p> | <p>“Havendo documento, potencia-se a comunicação” (...), “mas fica apenas potenciada, porque a comunicação é a partilha plena de sentido, o que significa algo mais que a função transmissora. Esta é imprescindível, mas não suficiente: a assimilação de informação transforma-se em nova informação, que traz ou devolve a “compreensão correta do sentido transmitido” (ou não...) e assim se processa continuamente a interação dialética entre os comunicantes.”</p> |

Tabela 4: Perspetiva "cognitivista, infocomunicacional e sistémica"- definição de informação e sua descodificação

Fonte: Elaboração própria, após consulta de Sila & Ribeiro (2002, p. 37) e Silva (2006a, p. 25; 2013, p. 39).

De acordo com a esquematização apresentada acerca da definição de informação em CI, deixa de fazer sentido qualquer distinção efetiva entre informação e conhecimento (explícito). Em paralelo, é preciso compreender e não esquecer que há, em contexto

organizacional, uma variedade de tipos informacionais dependentes naturalmente do contexto de produção e de uso.

“O elo documental promove a simbiose de dois fenómenos específicos – a informação e a comunicação – gerando um fenómeno simbiótico que é complexo e é nitidamente social” – fenómeno infocomunicacional. A modernização e sofisticação tecnológica é fundamental neste contexto, e “ajuda a explicar que a gestão de informação agrega o velho e o novo” – documento em suporte papel e “docmedia, ou plataforma digital, ou sistema tecnológico de informação (= hardware + software + uso humano e social)” (Silva, 2013, pp. 41-42).

Em relação ao atributo “sistémico” desta perspetiva, este relaciona-se com o que acaba de ser apresentado, e “tem a ver com uma conceção de Sistema de Informação (SI) que tem escapado um pouco ao entendimento dos informáticos e dos especialistas em informática de gestão”. Silva conclui, afirmando a distinção “artificial e desnecessária, entre gestão de informação e gestão de conhecimento”, pois:

(...) no quadro epistemológico da CI trans e interdisciplinar, o profissional formado em nível de graduação e pós-graduação recebe uma visão e competências de gestor de informação, palavra que significa o mesmo que conhecimento, o que obriga a que optemos por uma ou outra expressão e deixemos de tentar conciliações e articulações acrobáticas que mais confundem do que esclarecem (Silva, 2013, p. 43).

Tendo este trabalho como ponto de partida um modelo teórico que assume o pensamento sistémico, holístico e complexo, epistemologicamente alicerçado na área da CI, o estudo realizado neste capítulo reforça a proposta de uma mudança de paradigma baseada numa perspetiva informacional e científica que constitui a base teórica fundamental para suportar a discussão de conceitos, modelos e o próprio processo de GI.

Não ignorando a sua estreita ligação à Economia, à Gestão e aos *Sistemas de Informação* (Informática), na sequência da proposta de Silva (2005, 2009a, 2013) assume-se, no âmbito da CI, o estudo científico da GI¹⁴⁰ (ou do conhecimento explícito), face à necessidade do enfoque científico na informação e em todas as fases do seu ciclo de vida.

¹⁴⁰ Menciona-se, a título de exemplo, a proposta de modelo SI-AP (Pinto & Silva, 2005). Trata-se de um modelo sustentado na teoria sistémica e no método quadripolar, alternativo a metodologias empíricas e que constitui a base teórico-metodológica para abordar um ciclo de gestão de informação. Este ciclo abarca a fase de planeamento da informação, a sua produção, captura e recolha, o seu

Os termos GI e GC podem ser considerados contemporâneos. Ao longo do tempo verificar-se-á, certamente, uma utilização concetual mais precisa e ajustada, em consonância com a maturidade das pesquisas e estudos em CI.

processamento/organização, a sua circulação, a sua avaliação, o seu armazenamento, o seu uso, disseminação e interpretação, bem como a sua gestão/manutenção.

3.2 Gestão da Informação na perspectiva da Ciência da Informação

Ampliar os estudos relacionados com a CI é um desafio para os investigadores deste campo da ciência. Observam-se, portanto, as múltiplas dimensões de abordagens científicas que exploram o aprofundamento da gestão estratégica nas organizações e da análise diagnóstica da gestão da informação organizacional (Pinto & Silva, 2005; Silva, 2013; Fernandes, 2014; Estrela, 2014; Pinto, 2016).

Os trabalhos citados, e outros que têm vindo a ser produzidos, ilustram bem a relação que a área da GI estabelece com a gestão organizacional no seu todo e especificam o modo como a abordagem da CI enriquece e valoriza essa conexão.

“Expressões como gestão da informação, gestão do conhecimento, inteligência competitiva, informação corporativa significam, com diferenças e similitudes, uma área aplicada de convergência de alguns olhares diferentes ainda que complementares” (Silva & Ribeiro, 2009a, p. 32).

No escopo usual da prática da CI, a GI tem um ciclo que nitidamente inicia com a produção/recolha de informação e desenvolve-se por uma série articulada de etapas - organização, uso e difusão, reprodução, armazenamento e preservação. Por essa razão, qualquer entidade, pessoal ou institucional, individual ou coletiva, precisa sempre de investir em procedimentos eficientes nas diversas fases para que não venha a perder informação que lhe é indispensável nem fique incapaz de a recuperar quando ela atinge massas muito consideráveis.

Partindo da premissa de que o conhecimento existe nas pessoas e se transmite através das pessoas, verifica-se também o desenvolvimento de uma linha de investigação que assume o ser e o saber humanos, a aprendizagem, o conhecimento e os aspetos comportamentais da sua gestão como objeto de estudo, no âmbito da Psicologia do Trabalho e das Organizações (Cardoso, 2003).

Assim, com o enfoque na informação, enquanto fenómeno humano e social, nela se identifica o objeto de estudo e de trabalho, o qual tende a ser partilhado com áreas diversas como a Gestão, as Organizações e os STI, acabando por se lhes juntar e convergir o Conhecimento.

Com efeito, “the immaterial nature of the knowledge society shifts the focus of management processes for the management of people, from the material to the intellectual capital, from the management of resources to the management of information and knowledge (...)” (Marques, 2015b, p. 226).

Por forma a situar e delimitar o estudo da GI na perspetiva da CI, relembra-se que esta investigação partiu do conceito operativo de informação que identifica o objeto científico, isto é:

(...) conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidireccionada (Silva, 2006a, p. 150).

Com este foco, esta investigação distancia-se, nomeadamente, do que adota a tríade formada por *dados, informação, conhecimento*, muito disseminada nas áreas da Gestão e das Tecnologias.

A nível científico, a GI é invocada pela Gestão Organizacional, pelos STI e pela CI, que na sua enunciação inicial é assumida como *Library and Information Science* (LIS):

(...) in the areas of economics, management, organisational theory, information systems, library and information science served as a basis for further theoretical development in these fields. All this had a significant influence on information management work and research. (...) Information management programmes are found in business and management schools as well as in schools and departments of librarianship and information science (Macevičiūtė & Wilson, 2002).

Para compreender o percurso diacrónico da Gestão aplicada à Informação, partiu-se, como se mencionou anteriormente, das áreas tradicionais (Arquivística, Biblioteconomia, Documentação) que estão na base da construção da CI, ocorrida em meados do século XX.

Rayward (1991) referencia o final do século XIX e o início do século XX como o período em que “the document is at the centre of a complex process of communication, of the cumulation and transmission of knowledge, of the creation and evolution of institutions.”

Para a compreensão do papel que é conferido à informação, e à respetiva gestão no século XX, destacam-se marcos importantes como: a fundação, em 1895, do *International Institute of Bibliography* (IIB), por Otlet e La Fontaine; a publicação do Manual dos Arquivistas Holandeses (Muller, Feith & Fruin, 1898); a publicação, em 1905, do “Manuel du Répertoire Bibliographique Universel”, de Otlet e La Fontaine, título da primeira edição da futura Classificação Decimal Universal (CDU); a criação do *Mundaneum*¹⁴¹ (1910); a publicação da obra, “*Traité de documentation: le livre sur le livre, théorie et pratique*”, em 1934; a introdução, em 1945, do *Memex*, por Vannevar Bush, com a ideia da automatização dos processos de armazenamento, indexação e recuperação de informação, sendo considerado o precursor da navegação hipertextual.

Com efeito, estes são marcos consensuais, orientados para a necessidade de responder aos crescentes problemas de organização, representação e recuperação da informação que culminaram, nos anos 30 do século passado, com a afirmação da área da Documentação. No pós 2.ª Guerra Mundial, devido à explosão informacional, a necessidade de organizar, controlar e aceder à informação científica e técnica torna-se premente. Ao surgimento da CI, em meados do século XX, está também associada a crescente necessidade de “gerir a informação”.

Black, Muddiman e Plant (2007) fazem remontar a emergência do conceito de GI ao período pós 1ª Guerra Mundial, associando-a à constituição dos *information bureaux*, no âmbito da *Association of Special Libraries and Information Bureaux*, criada no Reino Unido, em 1924.

Buckland (1997), por sua vez, situa o surgimento do termo “gestão da informação” a partir de 1950, na sequência do alargamento do âmbito teórico e conceitual da Documentação, ocorrendo a primeira menção a ela apenas no relatório da *US Commission on Federal Paperwork* (1977). Este autor assinala também que a sua evolução se dá na década de 80 do século XX, em estreita ligação às organizações (gestão da informação como recurso organizacional) e à tecnologia (gestão de sistemas de informação).

Na mesma linha de pensamento, Silva e Ribeiro (2009b) afirmam:

¹⁴¹ Criado pelos advogados belgas, Paul Otlet e Henri La Fontaine, teve como objetivo reunir todo o conhecimento do mundo e classificá-lo, de acordo com o sistema que desenvolveram, a CDU.

(...) a GI nasceu e se desenvolveu como efeito directo da aliança entre os especialistas em Sistemas da Informação e os investigadores e consultores da Administração e da Gestão de Organizações, gerando trajectórias híbridas de consultoria e actividade académica, como é o caso da Gestão do Conhecimento nas empresas (Silva & Ribeiro, 2009, p. 32).

Macevičiūtė e Wilson (2002) constataam o progressivo desenvolvimento da GI na década de 90, mas não ainda no âmbito da CI. Advogam a sua consolidação, face à persistência dos problemas sentidos pelas organizações em torno da informação, e opinam que a emergência da GC não constitui uma nova área de estudos. Consideram mesmo que, no que respeita à relação da GI com a CI, nos anos 80 do século XX, aquela era uma área “emergent and perceived by some to be simply a re-write of traditional librarianship. However, it has continued to thrive and much of what is now included is far removed even from modern information science (...)”.

Assim, verifica-se que atualmente a GI é estudada a partir de três campos científicos: os Sistemas de Informação (Informáticos), a Economia/Gestão empresarial/organizacional e a CI.

Com o impacto da Sociedade da Informação, o utilizador, o sistema de informação e a informação como recurso constituem o foco das atenções dos profissionais de CI, bem como de outras áreas:

(...) the charge of the profession under the impact of new technology; globalization of markets, and increasing social and economic pressures is evident in the writings of library and information science (LIS) professionals, but it is expressed practically in the same words by the representatives of business and computer fields. The LIS representatives advocate stronger orientation towards the perspective of management in new flexible organizations and use of technology in them (Dressang & Robbins, 1999) (Macevičiūtė & Wilson, 2002).

Fruto da afirmação da CI no último quartel do século XX, Silva (2001) adita um elemento fundamental para esta investigação quando refere que:

(...) o termo conhecimento reporta-se a duas situações diversas designadas na literatura como “conhecimento explícito” e “conhecimento implícito”. Duas expressões que caracterizam fenómenos distintos, porque a complexidade processual intelectual e emocional que ocorre na psique humana é objeto de análise da Psicologia e disciplinas

cognitivas complementares, enquanto as diferentes formas de representação codificada (discurso verbal, gestual e escrito, números, desenho geométrico, imagem, etc.) capazes de serem registadas num suporte material externo ao sujeito produtor/decodificado constituem um fenómeno/processo específico que só a C.I. pode estudar na íntegra, ao invés da Linguística, da Sociologia, da Literatura, etc., que se debruçam apenas sobre segmentos ou parcelas do fenómeno informacional (Silva, 2001, p. 282).

Diferentes perspetivas sobre a GI coexistem, mesmo no âmbito da CI. No Reino Unido, Wilson¹⁴² (1997) considera que a GI corresponde a:

The application of management principles to the acquisition, organization, control, dissemination and use of information relevant to the effective operation of organizations of all kinds. 'Information' here refers to all types of information of value, whether having their origin inside or outside the organization, including data resources, such as production data; records and files related, for example, to the personnel function; market research data; and competitive intelligence from a wide range of sources. Information management deals with the value, quality, ownership, use and security of information in the context of organizational performance.

O supramencionado autor desenvolve a sua investigação no âmbito da CI, perspectivando o uso da informação em duas linhas principais – a do comportamento informacional, desde a década de 70 do século XX, e a da GI, na década de 90 – que lhe permite explicitar o conceito basilar de informação (todas as tipologias com valor, sejam internas ou externas).

Da análise das diferentes propostas/perspetivas/modelos de *records life-cycle*, Wilson (2002) conclui que se trata de uma “visualização conceitual” e não de uma “compartimentação da vida dos documentos/registos em espaços e tempos distintos”. Em oposição ao que definem os seguidores do modelo australiano do “*Records Continuum*”, a *framework* do *records life-cycle* não fixa fases na gestão dos documentos/registos, nem atribui um grupo profissional específico para as mesmas.

Wilson convoca a teoria e o pensamento sistémico para argumentar que, olhando para o sistema como um todo que é maior do que a soma das partes (Senge, 1990), as

¹⁴² Destacam-se os estudos que publica no “*Journal of Information Management*” e no “*Information Research*”, dos quais Wilson foi fundador, e o verbete “*Information Management*”, integrado na “*International Encyclopedia of Information and Library Science*”.

etapas do ciclo de vida são “subsistemas” que integram o modelo e não “compartimentos”. Assim, o “sistema” é o “modelo de ciclo de vida dos documentos/registos” (*records life-cycle model*).

Nesta linha, desenvolve uma proposta de “ciclo de vida da informação”, na qual considera a GI como uma de três áreas:

1. Criação da informação – enquanto ato individual ou produção informacional de uma Organização;
2. Gestão da informação – envolve os processos e atividades desenvolvidas ao nível da aquisição, organização, armazenamento, recuperação e disponibilização da informação; estes processos são desenvolvidos, quer por bibliotecas/serviços de informação quer pela área dos STI, no âmbito da gestão dos suportes/meios de registo (documentos, bases de dados, ficheiros, etc.), sendo também passível de enquadrar a “gestão de conteúdos”;
3. Uso da informação – abrangendo os processos e atividades de utilização, partilha e aplicação da informação registada, quer em suportes tradicionais quer em meio digital.

Os processos que integram o “ciclo de vida da informação”, particularmente a sua aquisição, serão concretizados de acordo com a estratégia de informação definida: plano que equaciona a compreensão do contributo da informação para os objetivos e atividades da Organização e dos seus colaboradores, os aspetos informacionais e tecnológicos, aliando estrategicamente os recursos de informação, os sistemas e os serviços.

Também no campo da CI, Silva e Ribeiro (2002) delimitam o campo científico e as relações disciplinares, afirmam a distinção entre ciência e profissão, e delineiam um modelo formativo, partindo das áreas tradicionais ligadas à Informação/Documentação. Apresentam uma (re)construção científica, sob uma perspetiva unitária e sistémica, aperfeiçoando a abordagem do seu objeto e do seu método quadripolar, sem esquecer o esboço de duas linhas de investigação, uma fundamental (substantiva e eclética) e outra aplicada (teórico-problemática e casuístico-dispersiva).

Considerando a vasta produção bibliográfica sobre os fundamentos e ramificações de aplicação teórico-prática da CI e dos Sistemas (tecnológicos) de Informação identifica-

se, no que concerne ao posicionamento disciplinar da GI, o “afastamento da visão tradicional e instrumental” das TIC e a necessidade de convocar “uma abordagem cada vez mais forte e substanciada das Ciências Sociais aplicadas”, campo epistémico onde a CI se posiciona (Silva & Ribeiro, 2009a, p. 34).

Pinto e Silva (2005), por seu turno, desenvolvem como proposta de modelo de GI, o “Modelo Sistémico e Integral de Informação Activa e Permanente - SI (integral)AP”¹⁴³, que se sustenta em estudos de caso desenvolvidos em diferentes contextos organizacionais.

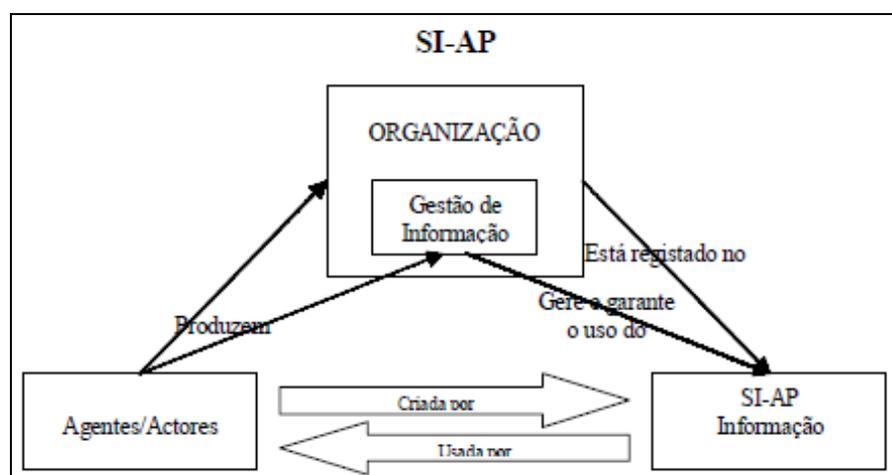


Figura 8: Sistema Integral de Informação Ativa e Permanente

Fonte: (Pinto & Silva, 2005, p. 8).

Este modelo (ver figura 8), construído a partir da aplicação da teoria sistémica ao estudo da informação e seus problemas (desde a sua génese ao uso e transformação da mesma), é composto por módulos¹⁴⁴, demanda um rigoroso estudo orgânico-funcional e exige uma monitorização exaustiva, no momento e após a sua implantação.

Assim, como área de estudo científico dos profissionais da informação, GI

¹⁴³ (...) “um SISTEMA DE INFORMAÇÃO integral ACTIVA E PERMANENTE – SI-AP - traz ao pragmatismo da Gestão da Informação o capital simbólico, potenciador de ganhos a médio e longo prazos incalculáveis — o capital simbólico da MEMÓRIA ORGANIZACIONAL OU INSTITUCIONAL, sem o qual não é possível lançar ou projectar para os modelos (todos os que andam no mercado no âmbito das diversas componentes da Gestão das Organizações) uma matriz científica e retrospectiva (contextualizadora) (...)” (Pinto & Silva, 2005, p. 8).

¹⁴⁴ Para uma adequada compreensão do enunciado geral e especificações de cada um dos quatro módulos que conferem inteligibilidade e utilidade ao SI(integral)AP ver Pinto & Silva (2005, pp. 10-13).

(...) significa lidar, administrar, encontrar soluções práticas desde a génese até ao efeito multiplicador do fluxo da informação e compreende um conjunto diversificado de actividades, a saber: produção, tratamento, registo e guarda, comunicação e uso da informação (Silva, 2006a, pp. 148-149).

Em 2009, numa visão retrospectiva que se debruça sobre a Arquivologia e a GI, Silva salienta que:

(...) as afinidades práticas e teóricas entre a Arquivística, a Biblioteconomia e a Documentação, tornam inevitável e, especialmente, na Era da Informação em que vivemos, uma dinâmica transdisciplinar geradora de uma metamorfose disciplinar, ou seja, a concretização da Ciência da Informação definida, nos EUA, em 1961-62 e por Harold Borko em famoso artigo publicado no ano de 1968 (...) definições bastante ambiciosas, mas que, afinal, não determinaram minimamente a linha de especialização profissionalizante que a evolução da CI foi tendo até hoje, sobretudo nos países de influência anglo-americana (...) (Silva, 2009b, p. 48).

O mesmo autor, que confinou com maior rigor a proposta de definição de GI, destaca: a área da Produção Informacional (produção de informação em qualquer contexto), na sua ligação à organicidade e à memória; a GI, com a problemática inerente ao ciclo de operações e atos em torno da informação (as formas e estratégias de organização da informação); e a GI face à GC, sendo que esta última se funda na Gestão/Tecnologia, com a associação ao capital intelectual dos recursos humanos:

A área da produção tem directamente a ver com a organicidade (toda a Informação é orgânica) e *memória orgânica*, com *contexto e meio ambiente*.

A expressão Gestão da Informação tem a ver com o ciclo de operações e actos que vão, numa Organização/Empresa, da produção ao uso para tomada de decisões inteligentes. Na perspectiva da C.I. integradora que propomos, Gestão da Informação compreende uma vasta problemática ligada à produção da informação (do meio ambiente à estrutura produtora, a operacionalização e utilidade da memória orgânica, os actores, os objectivos, as estratégias e os ajustamentos à mudança) em contexto orgânico institucional e informal.

E Gestão de Conhecimento? Expressão posta em uso por economistas e gestores e por informáticos, algo simplista e equívoca. Ela tem muito a ver com o capital intelectual dos

recursos humanos e no modo como as Empresas podem aproveitá-lo para se tornarem mais competitivas.

Em C.I., toda a informação ou conhecimento explícito, existente em qualquer contexto, tem de ser levado em conta e estudado, mas é necessário ter em conta outra coisa, estranha ao campo da C.I., que são os mecanismos psicológicos da cognição, emoção e motivação existentes na mente das pessoas (Silva, 2009b, p. 51).

Ora, a compreensão dos mecanismos psicológicos da cognição, emoção e motivação sai do campo da CI, mas não das relações das Ciências Cognitivas com a CI, como se pode verificar no excerto seguinte:

Information as a human and social phenomenon, is the object of study of an emergent scientific field named Information Science (IS), which we put forward as unitary and transdisciplinary and open to a rich interdisciplinarity with other fields of knowledge. In face of the new reality, baptized the “Information Society”, and the emergence of a new paradigm, that we name “post-custodial, scientific and informational”, as opposed to the previous one, “historicist, custodial and technicist”, it is urgent to consolidate the theoretical and methodological foundations of IS in order to develop research, both pure and applied, and to contribute to a definition of its boundaries as a scientific area in the scope of Social Sciences. Starting from an operative definition of Information, this paper aims to discuss the cognitive and emotional dimension of the info-communicational phenomenon and, for that it is crucial to start a profound and hard dialogue with Cognitive Sciences. The label of “cognitivist” given, in IS literature, to some authors like Bertram Brookes, because of the emphasis he put on the passage from a state of knowledge to a new state through an addition of knowledge coming from an increase of information, sounds quite equivocal, because knowledge and cognition are not synonymous and cognitive and emotional activity is not reducible to formalities. It is necessary to compare concepts and to understand the neuropsychological roots of the production, the organization and the info-communicational behaviour, so the contribution of Neurosciences and Cognitive Sciences namely Cognitive Psychology, is indispensable (Silva, Ribeiro, & Martins, 2010)

O contributo da CI no campo da investigação aplicada da GI:

(...) é essencialmente teórico e pode dizer-se que se dilui bastante, não deixando até ao momento marcas claras do seu próprio viés teórico-metodológico diante dos casos e

problemas que este campo específico concentra em si. Mesmo assim, é possível mostrar e demarcar a especificidade da abordagem de CI e, ao mesmo tempo, sublinhar como ela se enriquece e pode valorizar a natureza interdisciplinar da Gestão da Informação (Silva & Ribeiro, 2009a, p. 32).

A GI “pode, ainda, ser vista na sua vertente aplicacional, devidamente ajustada aos diversos contextos orgânicos/organizacionais” (Silva & Ribeiro, 2009, p. 32). Nesta linha, estes autores definem “um guia de pesquisa que, afinal, consubstancia a actividade de GI”, organizado em dois planos: a “abordagem orientada a problemas¹⁴⁵ e a orientada a casos concretos e singulares¹⁴⁶”, não havendo incompatibilidade ou separação entre ambas (Silva & Ribeiro, 2009a, pp. 35-39).

O canadiano Brian Detlor (2010), numa visão tendencialmente orientada a processos e que rejeita o determinismo tecnológico, identifica três perspetivas principais sobre a problemática da GI: “the organizational, library and personal perspectives”. E acrescenta: “Each deals with the management of some or all of the processes involved in the information lifecycle. Each concerns itself with the management of different types of information resources” (Detlor, 2010, p. 103).

Na análise que faz das três perspetivas de GI – Organizações (1), Bibliotecas (2) e Indivíduos (3) –, explicita:

1. Direcionada para a gestão de todos os processos envolvidos no ciclo de vida da informação, com vista a apoiar a Organização na sua competitividade e na concretização dos seus objectivos estratégicos. A GI envolve a gestão de um conjunto variado de recursos de informação, desde dados (*raw facts*) a informação, com destaque para as tecnologias;
2. Consiste na gestão das coleções com o objetivo de garantir e permitir o acesso dos utilizadores aos recursos e serviços de informação; destaca a função de

¹⁴⁵ Estudo científico, pelos atuais profissionais da informação, de problemáticas específicas relacionadas com o fluxo e uso da informação, a saber: “produção”, “tratamento”, “registo e guarda ou o problema da memória” e a “problemática da comunicação e do uso” (Silva & Ribeiro, 2009, pp. 35-37).

¹⁴⁶ (...) “estudo científico da GI integrada no respetivo contexto institucional e no meio ambiente envolvente”, e a “subsequente aplicação prática de um ‘modelo’ que permita a resolução dos problemas, a monitorização geral do fluxo infocomunicacional na instituição e a antecipação de novos problemas ou situações de bloqueio tanto na parte do fluxo analógica (baseada nos suportes tradicionais), como na informática e digital” (Silva & Ribeiro, 2009a, p. 38).

disponibilização de informação, tendo as bibliotecas que gerir um subconjunto dos processos envolvidos no ciclo de vida da informação;

3. Compreende a gestão de todos os processos no ciclo de vida da informação; distingue-se da perspectiva organizacional por se direcionar ao que é relevante e de interesse para o indivíduo (*personal information management*) (Detlor, 2010, pp. 104-107).

Detlor identifica, ainda, na GI a existência de vários “modelos de processos de informação”¹⁴⁷, devendo a “gestão destes processos” permitir a obtenção de informação correta, para as pessoas certas, nas formas e nos momentos certos e a custos razoáveis (Choo, 2002; Robertson, 2005, cit. por Detlor, 2010). Estes processos, que integram o ciclo de vida da informação, têm que ser geridos adequadamente, destacando-se a definição de GI que alia processos a sistemas:

(...) the management of the processes and systems that create, acquire, organize, store, distribute and use information. The goal of information management is to help people and organizations access, process and use information efficiently and effectively. Doing so helps organizations operate more competitively and strategically, and helps people better accomplish their tasks and become better informed (Detlor, 2010, p. 104)

Segundo Detlor, a GI na perspectiva das bibliotecas:

(...) concerns the management of information collections, such as books and journals. The goal of information management from a library perspective is to help library patrons access and borrow information items help in the collection policies and materials budgets, the selections of collection items, the analysis of collection usage and end-user collection needs, training of collection staff, preservations of collection items, and the development of cooperative collection with other institutions (Branin, 1993) (Detlor, 2010, p. 106)

Considera, assim, o processo de gestão de coleções em bibliotecas como complexo, refere a pressão da digitalização extensiva dos recursos, a necessidade de

¹⁴⁷ Sobre a abordagem linear dos processos de informação (criação, aquisição, organização, armazenamento, distribuição e uso de informação) que, todavia, exclui a avaliação ou a preservação da informação, ver Detlor (2010, p. 104).

assegurarem a gestão das recentes bibliotecas digitais e de darem resposta às expectativas e necessidades dos utilizadores:

In order to manage the transition and reliance on digital information collections, it is important more than ever for libraries to consider the expectations and needs of end-users, as well as limitations in library staff and budget adaptability (Branin et al., 2000). These are critical factors in rolling out any successful information management program from a library perspective (Detlor, 2010, p. 107).

Para Pinto (2016, p. 547), a GI, na perspetiva da CI: “Consiste no estudo, conceção, implementação e desenvolvimento dos processos e serviços inerentes ao fluxo infocomunicacional, permitindo a construção de modelos de operacionalização de máxima eficiência e rentabilização.”

Na tese de doutoramento intitulada “A gestão da informação nas universidades públicas portuguesas: reequacionamento e proposta de modelo”, Pinto (2016) faz uma extensa abordagem da GI como área de estudos “transversal e aplicada” em CI, em permanente interação e interseção científica, ao nível intradisciplinar, com a “Produção Informacional”, com a “Organização e Representação da Informação” e com o “Comportamento informacional” (Silva, 2009a, 2009b, 2013). Assim, considerando a GI “como ponto de partida, mas também ponto de confluência das três áreas” referidas (figura 9), explicita:

A associação do *movimento em espiral* e *expansão em rede* procura representar a dinâmica existente entre as diferentes áreas de estudos em CI, quer na sua relação com o objeto de estudo (vértice) [a Informação, fenómeno infocomunicacional na sua totalidade] quer nos domínios interdisciplinares (interdisciplina CCI¹⁴⁸ e outras) e intercientíficos que a envolvem, nomeadamente os Sistemas de Informação (tecnológicos) e as Ciências Cognitivas (Pinto, 2016, p. 546).

¹⁴⁸ Ciências da Comunicação e Informação.

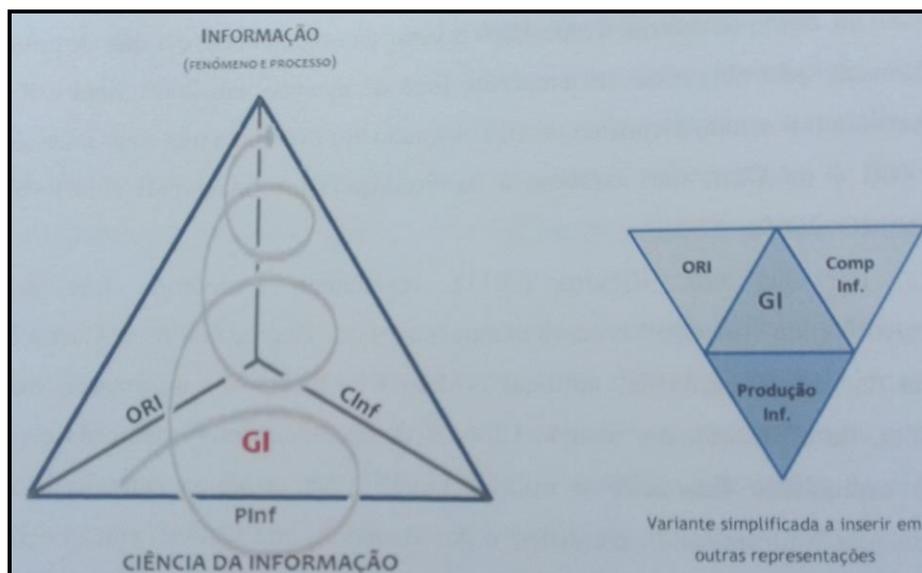


Figura 9: A GI como área de estudos transversal e aplicada em CI

Fonte: (Pinto, 2016, p. 546).

Na perspetiva da supramencionada autora, que convoca os domínios de investigação das Organizações/Gestão, das Tecnologias e da CI, a proposta de intervenção em GI “corporiza-se no Modelo de Gestão do Sistema de Informação Ativa e Permanente (MGSI-AP)”¹⁴⁹ (Pinto, 2016, p. xi [11]). Trata-se, portanto, de um instrumento ou “Modelo de Intervenção descritivo que foca o dinâmico fluxo infocomunicacional no contexto sistémico identificado (...)” (Pinto, 2016, p. 852), que só o tempo permitirá a implementação e a validação prática. Com efeito, a elaboração “de um modelo teórico-prático é, ela própria, objecto de estudo científico e de monitorização” (Silva & Ribeiro, 2009a, p. 38).

No final da primeira década do século XXI, Detlor (2010) reconhecia como um enorme desafio para a GI pôr o enfoque na gestão das atividades que produzem alterações nos padrões de comportamento dos clientes (pessoas e organizações), e na informação que conduz a mudanças na forma como esta é usada.

De facto, considera-se que a GI é cada vez menos a gestão das atividades relacionadas com a recolha, armazenamento, segurança e acessibilidade da informação

¹⁴⁹ Pinto (2016, p. 853) explicita e conclui com (...) “o desenho de um plano de intervenção que visa potenciar as forças e colmatar as fragilidades identificadas através do MGSIU-AP, o Modelo de Gestão do Sistema de Informação Universitária – Ativa e Permanente que, com a aplicação à U.Porto, se especifica no MGSI-AP.UP para o qual se enunciam (...) os princípios fundadores e se traçam os principais vetores de atuação.” Ver também (Pinto, 2016, pp. 604-610, 854-877).

através do recurso às tecnologias, sendo “cada vez mais uma atitude dos gestores que ambicionam resolver um número cada vez maior de problemas práticos, tendo em vista melhorar a rendibilidade das organizações” (Rascão, 2008, p. 271).

Todavia, acrescenta-se, não apenas melhorar a *rendibilidade das organizações*, mas “support useful decisions for the development of human beings and social organizations” (Marques, 2014, p. 134).

Centrada na interrelação e interdependência entre as partes de uma organização e o ambiente externo no qual a mesma está inserida, assume-se a premência de gerir a informação numa perspectiva sistémica, considerando esse processo dentro de um todo absolutamente integrado.

Em meados da segunda década do século XXI, a GI deve afirmar-se no campo da CI, porque justamente se focaliza no fenómeno infocomunicacional, em toda a sua complexidade e dinâmica.

Assumindo-se a CI como uma ciência social, de natureza trans e interdisciplinar, que vai muito além do imperativo tecnológico que dominou a sua génese, realça-se a contextualização sistémica da informação bem como o estabelecimento de relações (pluridisciplinares, interdisciplinares ou transdisciplinares) entre as principais disciplinas circunscritas tradicionalmente ao tratamento da informação, e a outras ciências.

**PARTE II – ESTUDO DE CASO:
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

4. DIACRONIA E CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA

4. Diacronia e contextualização da instituição universitária

“Ao longo de sete séculos de existência, a Universidade de Coimbra vem prestando relevantes serviços à Nação com a promoção dos genuínos valores espirituais, culturais e científicos, com reflexos evidentes tanto no País como noutros territórios e continentes, em especial no Brasil e nas terras de África e do Oriente, onde, com a cultura e a língua portuguesa, se ia divulgando a luz do Evangelho e dilatando a Cristandade.”

Extrato da mensagem do Papa João Paulo II (2 de julho de 1990) dirigida ao Reitor da Universidade de Coimbra por ocasião do sétimo Centenário da Bula de Nicolau IV “De Statu Regni Portugalliae” (Orvieto, 9 de agosto 1290), a qual confirmava o “Estudo Geral”, criado por D. Dinis (Rodrigues, 1991, p. 281).

4.1 Breve evolução histórica

As Escolas Catedrais, Urbanas e Conventuais do século XII, como instituições de ensino e cultura, antecedem o surgimento das Universidades.

Na Baixa Idade Média, erguem-se as primeiras Universidades europeias, criadas por Breves ou Bulas papais, com origem na autoridade pontifícia¹⁵⁰ ou com posterior solicitação de confirmação Papal, mas também de criação imperial ou real¹⁵¹ ou ainda de índole espontânea¹⁵², surgindo à margem do Poder.

Como se pode verificar no mapa *infra* (ver figura 10), as Universidades criadas antes de 1300¹⁵³ situam-se, em número significativo, em território italiano e na Península Ibérica. Em Itália, Bolonha (1088), em Espanha, Salamanca (1218), e, em Portugal,

¹⁵⁰ 1229 – Toulouse (Rodrigues, 1991, p. 11).

¹⁵¹ Destaca-se: Palência (1178), Salamanca (1218), Nápoles (1224) e em 1346, Valladolid (Rodrigues, 1991, pp. 11, 259).

¹⁵² Destaca-se: Bolonha (1088), Oxford (1167), Paris (1200) e Montpellier (1289); “Pádua (1222), Cambridge (1229), Orléans (1306) e Angers (1337), com mestres e escolares idos de Bolonha, Oxford e Paris, respectivamente” (Rodrigues, 1991, p. 11).

¹⁵³ Em Salermo e Parma foram criadas Escolas Superiores antes do surgimento, em 1088, do “Studium Bononiense” (Rodrigues, 1991, pp. 259-260).

Coimbra (1290), encontramos as Universidades mais antigas de cada um dos países referidos.



Figura 10: Universidades fundadas até 1500

Fonte: (Rodrigues, 1991, p. 260)

Na sequência do exposto na parte I deste trabalho - Quadro teórico e concetual-, deve-se ter em conta que um SI é, portanto, sempre “constituído pelos diferentes tipos de informação registada ou não externamente ao sujeito” e, “não importa qual o suporte (material e tecnológico), de acordo com uma estrutura”, a da entidade produtora/recetora, “prolongada pela acção na linha do tempo”¹⁵⁴ (Silva, 2006a, p. 162).

O SI da UC está, pois, dinamicamente dependente do seu universo orgânico desde sempre, com a complexidade que se foi naturalmente gerando, e esta realidade deve ser reconhecida, numa perspetiva diacrónica, como aquela que serviu e serve de contexto sistémico envolvente.

¹⁵⁴ Não se deve confundir com o sistema tecnológico de informação ou informático.

A identificação dos setores orgânicos produtores é, portanto, imprescindível, para contextualizar a informação no sistema que lhe deu origem.

Não tendo como objetivo fazer uma abordagem de cariz histórico sobre a origem e evolução multissecular da UC, importa, contudo, apresentar em traços gerais uma breve nota histórica do quadro de desenvolvimento da instituição.

Neste enquadramento, sabe-se que já antes de 1290 existiam em Portugal centros religiosos que se dedicavam também ao ensino e à difusão da cultura medieval que favoreceram o aparecimento da Universidade. Entre outros, podem ser citados: o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra¹⁵⁵ (fundado em 1131 pela Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho), o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (Mosteiro dos Cistercienses, fundado em 1153), o Mosteiro beneditino da Vacariça, o Convento de religiosas cistercienses em Lorvão, o Mosteiro de S. Jorge de Coimbra dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, a Escola Catedralícia da Sé Velha de Coimbra (Dias, 2002, pp. 99-106; Rodrigues, 1991, p. 6).

A Universidade que hoje conhecemos em Coimbra (ver figura 11) teve a sua origem na criação do “Estudo Geral”, pela carta régia “Scientiae thesaurus mirabilis”¹⁵⁶, de D. Dinis, rubricada no dia 1 de março de 1290¹⁵⁷, em Leiria, e confirmada pela bula “De Statu Regni Portugalliae”, do papa Nicolau IV, assinada em Orvieto no dia 9 de agosto do mesmo ano.

¹⁵⁵ O mosteiro foi fundado graças ao arcebispo da Sé de Coimbra, D. Telo, ao Mestre-Escola da mesma catedral, D. João Peculiar, ao primeiro Prior do Mosteiro e Santo de Portugal, S. Teotónio, e ao próprio Rei, D. Afonso Henriques. A sua escola foi uma das melhores instituições de ensino, destacando-se a sua vasta biblioteca e o seu ativo *scriptorium*. A instituição recebeu muitos privilégios papais e doações dos primeiros reis de Portugal, e nele se encontram sepultados D. Afonso Henriques e D. Sancho I. A igreja foi reconhecida como Panteão Nacional pela Lei n.º 35/2003, de 22 de agosto (Direção-Geral do Património Cultural, 2014).

¹⁵⁶ O documento da fundação da Universidade, descoberto pelo Doutor António de Vasconcelos e incorporado no Arquivo em 1912, foi publicado pela primeira vez nesse ano (Revista da Universidade de Coimbra, 1912, pp. 363-392).

¹⁵⁷ É no Arquivo que se encontra a riquíssima documentação produzida e recebida pela UC. Este Arquivo integra ainda os fundos do Arquivo Distrital (criado pelo Decreto n.º 19952, de 27 de junho de 1931). Sobre o Arquivo da Universidade de Coimbra pode consultar-se: (Vasconcelos, 1902-1903, pp. 3-51), (Vasconcelos, 1991), e diversos artigos publicados no *Boletim do Arquivo* (Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, 1973-), da autoria de Abílio Queirós, Ana Maria Leitão Bandeira, Júlio de Sousa Ramos e Ludovina Cartaxo Capelo. A lista global atualizada do acervo está disponível em: http://www.uc.pt/auc/fundos/cadastro_fundos



Figura 11: Polo I - Via Latina

Fonte: © PIMC_UC 2015

A Universidade que começou a funcionar em Lisboa integrava as faculdades de Artes, de Cânones (Direito Canónico), de Leis (Direito Civil) e de Medicina.

O “Estudo Geral”, transferido para a Alcáçova Real de Coimbra em 1308, foi alternando entre as duas cidades, Coimbra e Lisboa, sendo definitivamente instalado na cidade do Mondego em 1537, no reinado de D. João III (ver figura 12). Data desta altura a reforma dos estudos e a fundação de uma rede de colégios, muitos deles ligados às ordens religiosas, como o Colégio das Artes¹⁵⁸, que começou a funcionar em princípios de 1548.

¹⁵⁸ Atualmente, é uma unidade orgânica de ensino e investigação da UC, “no domínio da arte e das disciplinas com ela conexas, e goza de autonomia científica, pedagógica e cultural”. No atual contexto pedagógico-científico “configura-se como uma unidade singular, de tipo novo, e não uma duplicação, assimilação ou simples complemento das demais estruturas da Universidade de Coimbra que incluem as artes entre os seus objectos de estudo. Visa, por consequência, o diálogo articulado com as estruturas já existentes (na Universidade ou fora dela) e a projecção desse diálogo para um plano de organização e articulação pedagógico-científico próprio. O Colégio opera essencialmente no campo da arte contemporânea, numa perspectiva marcada pela transversalidade e pela interdisciplinaridade, e situa a sua acção na confluência entre a investigação científica, a produção de saber e a prática criativa”. Deliberação n.º 3062/2009, de 9 de novembro [Estatuto do Colégio das Artes].

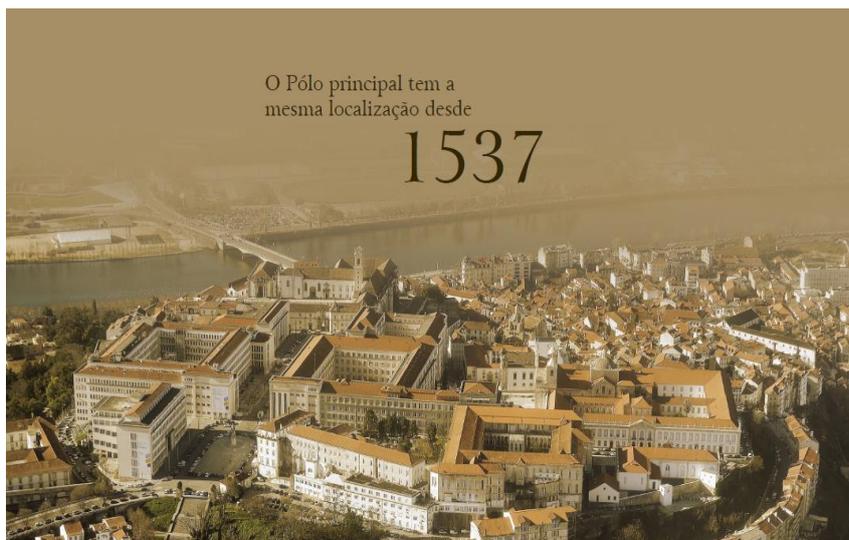


Figura 12: Polo principal da UC (zona histórica)

Fonte: © PIMC_UC 2015

Até ao final do século XVI, a UC consolidou a sua posição enquanto centro de formação de elites letradas.

No século XVIII, no reinado de D. José, dá-se uma reforma profunda. A Universidade recebe os “Estatutos Pombalinos” (1772), os quais, entre outros aspetos, criam as Faculdades de Matemática e de Filosofia (a Filosofia Natural) e reformam os estudos da Medicina. Em 1836, por Decreto de 5 de dezembro, foi extinta a Faculdade de Cânones, passando a Faculdade de Leis a designar-se Faculdade de Direito. A necessidade de novos estabelecimentos científicos originou a construção de novos edifícios: Laboratório Químico, Observatório Astronómico, Imprensa da Universidade e instalação do núcleo inicial do Jardim Botânico.

A Faculdade de Medicina da UC¹⁵⁹ manteve-se como única escola médica de Portugal até 1825, altura em que foram criadas as Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto.

¹⁵⁹ “O ensino médico em Portugal iniciou-se em Coimbra, no ano de 1132. Era então ministrado no Mosteiro de Santa Cruz, escola que viria a participar na fundação da Universidade (...). Até 1911 a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra foi mesmo a única do País, tendo estado na génese de diversas outras escolas médicas nos antigos territórios portugueses de além-mar. *Estatutos da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra*. Declaração de retificação n.º 2657/2009. *Diário da República*, 2.ª série, N.º 210, 29 de outubro de 2009.

No final do século XIX e primeiros anos do século XX, ia crescendo a consciência dos ideais republicanos e da necessidade de reestruturar a Universidade e o ensino, em geral.

Após a proclamação da República, em 5 de outubro de 1910, legislação diversa foi promulgada com esse objetivo. Em 1911, por Decreto com força de Lei de 19 de abril, foi extinta a Faculdade de Teologia e foi criada a Faculdade de Letras. Com a criação das Universidades de Lisboa e do Porto¹⁶⁰, Coimbra deixou de ser a única do País. Esta, além das seis faculdades já existentes, incluía também a anexa Escola de Farmácia. Em 1912, foi criada a Faculdade de Letras; as Faculdades de Filosofia Natural e de Matemática foram convertidas em Faculdade de Ciências, sendo ainda instituída a Escola Normal Superior¹⁶¹, anexa às Faculdades de Letras e de Ciências, para formação dos futuros professores.

A Universidade teve jurisdição privativa¹⁶² e teve também o direito de padroado¹⁶³, tendo-lhe sido anexadas diversas igrejas do padroado régio e do padroado de outras instituições: “Chegaram a ser 103 igrejas (curatos, abadias, priorados, reitorias) dos bispados de Aveiro, Bragança, Porto, Lamego, Viseu, Coimbra, Guarda, Portalegre e também do arcebispado de Braga e do patriarcado de Lisboa” (Paiva, 2015, p. 220).

A UC possui uma Imprensa com edifício próprio, desde 1773, e um vasto património, com origem em doações régias (ex. bens da extinta Companhia de Jesus, bens dos antigos hospitais de Coimbra - Hospital Real e Hospital de São Lázaro) e em edificação própria.

A implantação da República deu lugar à Ditadura, após o movimento de 28 de maio de 1926, e depois ao “Estado Novo”, em 1933. Foi durante o governo de Salazar¹⁶⁴

¹⁶⁰ Pelo Decreto de 22 de março de 1911, o Governo Provisório da República tomou a decisão de criar as universidades do Porto e de Lisboa.

¹⁶¹ Decreto com força de Lei de 21 de maio de 1911; veio a ser extinta por Decreto de 16 de outubro de 1930.

¹⁶² O foro privativo “permitia dirimir as questões judiciais no seio da instituição e demandas em locais onde a Universidade possuía bens patrimoniais, através de um juiz conservador “privativo”. Por Portaria de 23 de maio de 1834 foi extinto o Juízo da Conservatória da Universidade, na sequência da reforma judicial do país e da extinção do foro privilegiado, por Decreto de 16 de maio de 1832 (Paiva, 2015, p. 220).

¹⁶³ O direito de padroado foi extinto por Decreto de 5 de agosto de 1833.

¹⁶⁴ António de Oliveira Salazar (1889-1970). Concluiu, em 1914, o curso de Direito na UC; na sequência da Revolução de 28 de maio de 1926 foi escolhido pelos militares para Ministro das Finanças, durante um curto período de duas semanas; foi de novo Ministro das Finanças, entre 1928 e 1932; vê reconhecida, em 1932, “aquela que era já uma situação de facto, sendo nomeado presidente do Conselho de Ministros, cargo em que permanecerá, sem qualquer interrupção, até 1968”; figura de destaque e promotor do Estado Novo (1933-1974); foi o estadista que mais tempo governou Portugal, desempenhando funções em

que se realizou a alteração arquitetónica da cidade universitária: “Foi destruída grande parte da “alta” coimbrã com as suas antigas ruas e edifícios de valor histórico e artístico, entre os quais se destacavam vários colégios universitários, para aí se traçarem novas artérias e se erguerem novos prédios de gosto duvidoso e alguns até sem funcionalidade. Surgiram, desta forma, as atuais instalações da Faculdade de Letras, da Biblioteca Geral, do Arquivo (ver figura 13), da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Ciências” (Prospecto da Universidade de Coimbra, 1996-1997, p. 12).

Com o 25 de abril de 1974 inicia-se um novo período da vida portuguesa e, portanto, também da Universidade, que detém na atualidade um regime de autonomia consagrado no Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES)¹⁶⁵.

As oito faculdades da Universidade são discriminadas nos Estatutos¹⁶⁶, publicados pela primeira vez pela própria UC em 1989, alterados e revistos em 2004 e em 2008:

- Faculdade de Letras;
- Faculdade de Direito;
- Faculdade de Medicina;
- Faculdade de Ciências e Tecnologia;
- Faculdade de Farmácia;
- Faculdade de Economia;
- Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação;
- Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

A estrutura própria da UC está plasmada em diversas normas regulamentares e Estatutos, pelo que não se pode omitir as seguintes referências: a célebre “Charta Magna Privilegiorum”, datada de 15 de fevereiro de 1309, a que se dá o nome de Primeiros Estatutos; os chamados Segundos Estatutos, sob o reinado de D. João I, datam de 16 de julho de 1431; no século XVI, os Estatutos de 1503, de 1544 (perdidos), de 1559, de 1565,

ditadura, e de forma autoritária, até ser exonerado do cargo, a 27 de setembro de 1968, pelo Presidente da República Américo Tomás (Nova Enciclopédia Larousse, 1999, pp. 6176-6178).

¹⁶⁵ O RJIES introduziu um novo enquadramento de opções de modelos e estruturas de governação nas Instituições de Ensino Superior em Portugal. Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro. *Diário da República*, 1.ª série, N.º 174. pp. 6358-6389.

¹⁶⁶ Os *Estatutos da Universidade de Coimbra* (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008, pp. 38329-38340) estabelecem a natureza e sede, a missão, os fins, os princípios de governação, a estrutura orgânica, os símbolos, a identidade visual, as distinções e cerimónias académicas, o governo da Universidade e das suas unidades orgânicas. A referência completa a todas as normas regulamentares relativas à UC, publicadas nos séculos XX e XXI, pode ser consultada no Anexo II.

de 1591 e de 1597 (conhecidos por Filipinos); os Estatutos de 1654 (conhecidos como Estatutos Velhos); os Estatutos de 1772 (conhecidos por Estatutos Pombalinos – ver figura 14); a Constituição Universitária de 19 de abril de 1911, ampliada pelo Estatuto Universitário de 6 de julho de 1918; os Estatutos da Instrução Universitária de 1926, 1929 e 1930; e ainda legislação avulsa relativa à vida da Universidade (Rodrigues, 1991, pp. 11, 28, 59, 87).



Figura 13: Arca - Cartório (séc. XVI)
Fonte: AUC

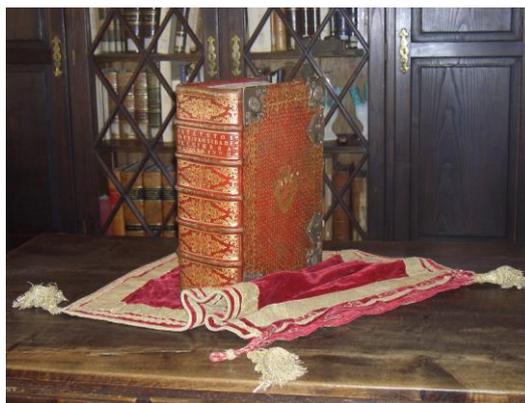


Figura 14: Estatutos Pombalinos (1772)
Fonte: AUC

A UC pode hoje ser caracterizada, em termos quantitativos, do seguinte modo: mais de 300 cursos adaptados a Bolonha, 25.434 estudantes, dos quais 3755 são estudantes internacionais e 2313 são estudantes dos países de Língua Portuguesa (2012-2014), distribuídos pelas oito faculdades, frequentam cursos de 1.º, 2.º, 3.º ciclos e cursos não conferentes de grau (Universidade de Coimbra. Projeto Especial Imagem, Média e Comunicação, 2015).

Com um legado histórico multissecular a UC está aberta ao mundo, à cooperação e à interação das culturas. As consequências desta trajetória de desenvolvimento manifestam-se de muitas formas. Por exemplo, a UC entrou em 2013, pela primeira vez, no prestigiado ranking que avalia a qualidade das universidades de todo o mundo, o *Academic Ranking of World Universities* (ARWU)¹⁶⁷ e, em 2014, melhorou substancialmente a sua posição.

¹⁶⁷ O ARWU, vulgarmente conhecido como ranking de Xangai, é elaborado, desde 2003, pelo *Center for World-Class Universities* (CWCU) da Escola Superior de Educação (ex-Instituto de Ensino Superior) de Universidade de Jiao Tong de Xangai, na China, sendo atualizado numa base anual (*Academic Ranking of World Universities*, 2014). Disponível em: <http://www.shanghairanking.com>

A promoção e desenvolvimento das relações internacionais continua a ser central para a UC, destacando-se os acordos, convénios e protocolos¹⁶⁸ com instituições estrangeiras e a participação nos dois Grupos de Coimbra¹⁶⁹, europeu e brasileiro, bem como na Associação de Universidades Europeias¹⁷⁰.

A comemorar, no dia 1 de março 2017, os 727 anos sobre a sua fundação, conta com um património material e imaterial único, um legado fundamental na história da cultura científica europeia e mundial. O seu impacto foi universal, em particular no período da história em que Portugal e Espanha estruturavam os primeiros impérios de escala mundial com a expansão e os descobrimentos marítimos.

A UC foi a única universidade de Língua Portuguesa no mundo até ao fim da primeira década do século XX, uma referência para a língua e cultura portuguesas, com um estatuto reforçado pela classificação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)¹⁷¹, em 2013, como património da humanidade¹⁷².

De acordo com o Comité do Património Mundial:

Coimbra oferece um excelente exemplo de uma cidade universitária integrada, com uma tipologia urbana específica, bem como as suas próprias tradições cerimoniais e culturais que foram mantidas vivas através dos tempos. Os edifícios da universidade tornaram-se uma referência no desenvolvimento de outras instituições de ensino superior no mundo lusófono, onde também exerceu uma grande influência na aprendizagem e na literatura (UNESCO, 2013).

¹⁶⁸ A lista pode ser consultada em: <http://www.uc.pt/administracao/gta/protocolos>

¹⁶⁹ O Grupo de Coimbra foi criado em 1990 e “constitui uma rede integrada de universidades europeias, que visa o estabelecimento de especiais relações académicas e culturais, a obtenção de facilidades de trabalho concretas e dinâmicas, bem como a criação de canais privilegiados de informação e intercâmbio”. *Declaração de princípios do Grupo de Coimbra* (Rodrigues, 1991, pp. 265-267).

¹⁷⁰ A *European University Association* resulta de uma fusão entre a Associação de Universidades Europeias (CRE) e a Confederação de Conferências de Reitores da União Europeia (Salamanca, 31 de março 2001). Representa e apoia instituições de ensino superior de 47 países em matéria de educação superior e investigação (European University Association, 2015). Informação disponível em: <http://www.eua.be/about/at-a-glance.aspx>

¹⁷¹ A UNESCO reconheceu ao bem “Universidade de Coimbra, Alta e Sofia” três critérios que justificam a sua classificação: Critério II - “Testemunhar uma troca de influências consideráveis durante um dado período ou numa área cultural determinada, sobre o desenvolvimento da arquitetura, ou da tecnologia das artes monumentais, da planificação das cidades ou da criação de paisagens”; Critério IV – “Oferecer um exemplo excecional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetónico ou tecnológico ou de paisagem ilustrando um ou vários períodos significativos da história humana”; Critério VI – “Estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, a ideias, a crenças, ou a obras artísticas e literárias com um significado universal excecional”. Informação disponível em: <http://worldheritage.uc.pt/pt/criterios/>

¹⁷² A Universidade de Coimbra, Alta e Sofia foi inscrita na Lista do Património Mundial em junho 2013. Informação disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/1387>

4.2 Atual configuração organizacional: missão, valores e visão

O entendimento da missão das universidades nos dias de hoje patenteia um confronto com uma multiplicidade de solicitações e de exigências. Salienta-se, de igual modo, o crescente reconhecimento, em todo o mundo, do papel que as universidades podem desempenhar para o crescimento económico e para o desenvolvimento social na moderna Sociedade da Informação e/ou do Conhecimento.

O projeto de estratégia europeia para a próxima década – UE 2020 (European Commission, 2010a), mantém a visão da Europa do Conhecimento, na sequência da “Estratégia de Lisboa”¹⁷³.

A Comissão Europeia identificou, em 2010, três fatores-chave para o crescimento, a serem implementados através de ações concretas a nível comunitário e nacional: “smart growth (fostering knowledge, innovation, education and digital society), sustainable growth (making our production more resource efficient while boosting our competitiveness) and inclusive growth (raising participation in the labour market, the acquisition of skills and the fight against poverty)” (European Commission, 2010b).

Com o propósito de atingir as metas de crescimento, de modo a que o espaço europeu adquira uma economia competitiva, geradora de rendimentos que reforcem a capacidade de desenvolvimento económico e social, a Comissão propõe a implementação de diversas iniciativas¹⁷⁴ como prioridade comum, a diferentes níveis: organizações a nível da UE, Estados-Membros, autoridades locais e regionais.

A Inovação e o Conhecimento foram identificados como sendo os pilares de sustentação para este processo e os motores para a sua implementação. Neste contexto, as universidades têm um papel fundamental, na produção, difusão e preservação de informação, na construção e valorização do Conhecimento, contribuindo assim para o crescimento inteligente, sustentável e inclusivo.

Na Europa, é tradicionalmente reconhecido que as duas principais missões das universidades são o ensino e a investigação. No entanto, nos últimos anos, outra missão

¹⁷³ Estratégia definida em 2000 para a União Europeia. Teve como objetivo tornar a Europa na economia do conhecimento mais competitiva e dinâmica do mundo, capaz de gerar um crescimento económico sustentável com mais e melhores empregos e maior coesão social.

¹⁷⁴ Informação adicional sobre a estratégia de crescimento Europa 2020 disponível em: http://ec.europa.eu/europe2020/index_en.htm

está a ser considerada para refletir todas as outras contribuições das universidades para a sociedade, a designada "terceira missão"¹⁷⁵.

A primeira missão corresponde à função principal da universidade; a segunda é uma função essencial para a individualização da universidade como instituição; a terceira constitui a ligação da universidade à sociedade, que resulta do seu potencial científico e tecnológico e das solicitações específicas da sociedade (Caraça, Conceição, & Heitor, 1996, pp. 142-143).

Não sendo objetivo analisar a problematização da missão e funções da universidade, ressalva-se que se trata de um aspeto importante para revelar as relações e as articulações profundas existentes entre a universidade e a sociedade.

A Missão (do lat. *missione*, que significa encargo, incumbência, desempenho de um dever) de um individuo ou de uma organização é a razão de ser da sua existência.

Na tentativa de definição da missão da Universidade, verifica-se que o tema se desdobra imediatamente numa pluralidade de subtemas: a missão científica, a missão pedagógica, a missão profissional, a missão social, a missão cultural. Talvez a missão resulte de uma síntese de todas estas "missões". Certo é que, a Universidade tem de funcionar para realizar as ações correspondentes à sua matriz identitária.

Para além da razão de ser da sua existência, uma organização desenvolve desde a sua criação até ao presente e/ou até à sua inatividade, um conjunto de valores que são determinantes para o seu pleno desenvolvimento.

"Os valores de um indivíduo e/ou de uma organização, entendidos como um conjunto de crenças ou princípios, são determinantes para o desenvolvimento da moral e da ética social" (Marques, 2012, pp. 105-106). E, sabemos que "os organismos vivos encontram-se em constante modificação" (Damásio, 1996, p. 102).

Assim sendo, a questão seguinte mantém a sua pertinência:

(...) aquilo que se constitui como eterno serão os valores e não a Missão? Ou então, estamos perante dois conceitos distintos mas unidos umbilicalmente, sendo que a

¹⁷⁵ O interesse pela avaliação da Terceira Missão levou ao surgimento e desenvolvimento (2009-2012) do projeto E3M – *European Indicators and Ranking Methodology for University Third Mission* (www.e3mproject.eu), financiado pela Comissão Europeia ao abrigo do *Lifelong Learning Program*. Partindo da existência de vários sistemas de classificação para o ensino e para a investigação, para a terceira missão foi decidido que as dimensões a observar seriam a educação contínua, a transferência de tecnologia e o empenho social.

alteração dos valores de uma comunidade influi decisivamente na adaptação da Missão das organizações e *vice-versa*? (Marques, 2012, p. 107).

Na tentativa de responder a estas questões, é possível afirmar que a missão e os valores de uma organização estão intrinsecamente relacionados com os seus objetivos e com o desenvolvimento da sua ação na sociedade em que está inserida.

Desde a sua criação até à contemporaneidade, a UC consolidou a sua posição e confirmou o seu grande prestígio como instituição de ensino superior. A sua **missão**, nos termos dos Estatutos em vigor, homologados pelo Despacho Normativo n.º 43/2008, de 1 de setembro (artigo 2.º) é a seguinte:

1- A Universidade de Coimbra é uma instituição de criação, análise crítica, transmissão e difusão de cultura, de ciência e de tecnologia que, através da investigação, do ensino e da prestação de serviços à comunidade, contribui para o desenvolvimento económico e social, para a defesa do ambiente, para a promoção da justiça social e da cidadania esclarecida e responsável e para a consolidação da soberania assente no conhecimento.

2- A Universidade tem o dever de contribuir para:

a) A compreensão pública das humanidades, das artes, da ciência e da tecnologia, promovendo e organizando ações de apoio à difusão da cultura humanística, artística, científica e tecnológica, disponibilizando os recursos necessários a esses fins;

b) O desenvolvimento de atividades de ligação à sociedade, designadamente de difusão e transferência de conhecimento, assim como de valorização económica do conhecimento científico;

c) A promoção da mobilidade efetiva de docentes e investigadores, estudantes e diplomados, tanto a nível nacional como internacional, designadamente no espaço europeu de ensino superior e no espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008, pp. 38329-38330)

A história com mais de sete séculos é parte indelével da matriz da UC, a mais antiga das universidades portuguesas e uma das mais antigas do mundo. É uma pessoa coletiva de direito público que goza de autonomia estatutária, científica, pedagógica, cultural, patrimonial, administrativa, financeira e disciplinar, nos termos da Constituição da República Portuguesa, da Lei n.º 67/2007, de 10 de setembro (RJIES) e dos respetivos Estatutos (artigo 3.º), bem como nos regulamentos internos das suas unidades e nos regimentos de funcionamento.

No cumprimento da sua missão, a UC deve contribuir para a difusão e transferência do conhecimento, em interligação com a sociedade e, para tal, prossegue os seguintes fins (artigo 5.º dos Estatutos):

- a) A formação humanística, filosófica, científica, cultural, tecnológica, artística e cívica;
- b) A promoção e valorização da língua e da cultura portuguesas;
- c) A realização de investigação fundamental e aplicada e do ensino dela decorrente;
- d) A contribuição para a concretização de uma política de desenvolvimento económico e social sustentável, assente na difusão do conhecimento e da cultura e na prática de atividades de extensão universitária, nomeadamente a prestação de serviços especializados à comunidade, em benefício da cidade, da região e do país;
- e) O intercâmbio cultural, científico e técnico com instituições congéneres nacionais e estrangeiras;
- f) A resposta adequada à necessidade de aprendizagem ao longo da vida;
- g) A preservação, afirmação e valorização do seu património científico, cultural, artístico, arquitetónico, natural e ambiental;
- h) A contribuição, no seu âmbito de atividade, para a cooperação internacional e para a aproximação entre os povos, com especial relevo para os países de expressão oficial portuguesa e os países europeus, no quadro dos valores democráticos e da defesa da paz (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008, p. 38330).

No presente, o futuro da UC assenta, indubitavelmente, nas bases sólidas do seu passado. Recetiva aos lemas do humanismo, do positivismo científico, do personalismo e da democracia, reflete a sua génese, a tradição e a modernidade. Sendo a única no país até 1911, tornou-se um ponto de referência para a cidade de Coimbra, para o país (continente e ilhas), para os países lusófonos e para o mundo.

Como referiu Hervé Carrier (1990, p. 278):

A Europa construiu-se graças a esta concepção humanista da educação, da escola e da Universidade. Nada permite prever que esta função se atenuará numa Europa voltada para o futuro. Pelo contrário, pensamos nós, porque a Universidade aparece sempre como o fermento indispensável de toda a cultura que aspira aos valores mais altos.

De acordo com a respetiva **matriz identitária** (art. 4.º, n.º 1 dos Estatutos), a UC é uma instituição “desde sempre aberta ao mundo, à cooperação entre os povos e à interacção de culturas, no respeito pelos valores da independência, da tolerância e do diálogo, proclamados na Magna Carta das Universidades Europeias” (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008, p. 38330).

A estes **valores** juntam-se outros (artigo 4.º, n.º 3 dos Estatutos), como o rigor intelectual, a ética, a valorização do trabalho (de professores, investigadores, estudantes e de todos os outros trabalhadores), a liberdade de opinião, o espírito de tolerância e de humildade científica, o estímulo à criatividade, à inovação, o reconhecimento e a promoção do mérito (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008, p. 38330).

O breve estudo feito anteriormente sobre o contexto evolutivo da UC, completado com a análise dos seus Estatutos, permite verificar que a sua Missão é definida de acordo com o contexto social (nacional e internacional) em que a organização está inserida. “As suas funções serão estabelecidas em função dos valores que lhe estão subjacentes, e esses estarão também em constante mutação” (Marques, 2012, p. 107).

De acordo com os atuais Estatutos, a investigação, o ensino e a transferência de conhecimento são os *pilares da missão* da UC. Sem esquecer a necessária ligação à sociedade e meio envolvente, nacional e internacional, a difusão e transferência de conhecimento verte-se na prestação de serviços à comunidade, na inovação e criação de empresas, na Cultura e Artes.

Os *pilares de missão* (diretamente relacionados com os fins essenciais da Universidade) e os *pilares de recursos* (englobam os meios necessários para atingir aqueles fins), em estreita relação com o planeamento e seu acompanhamento (ver figura 15), mantêm-se em contínua evolução ou em constante mutação, permitindo assim à UC desenvolver a sua estratégia para atingir os objetivos que pretende alcançar.

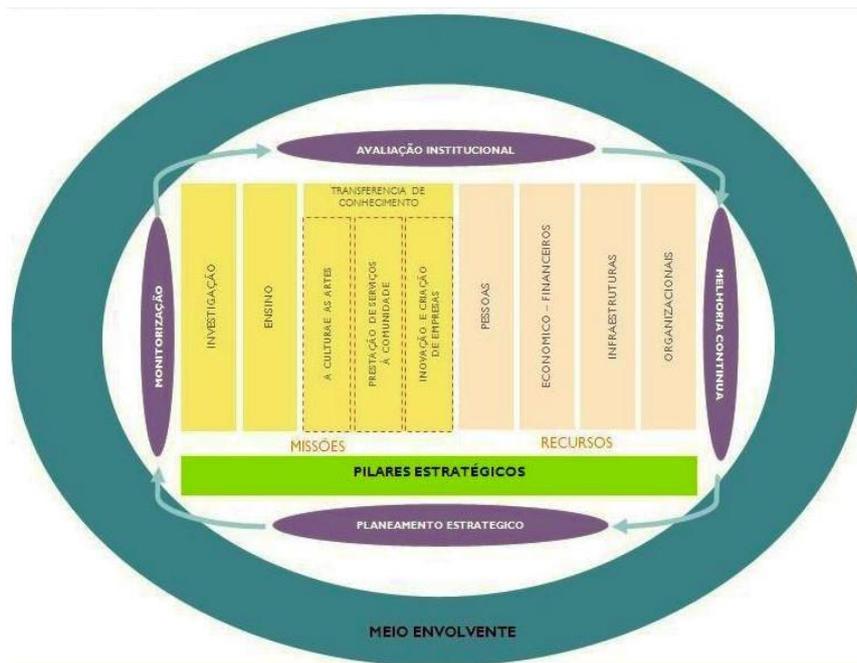


Figura 15: Quadro de definição estratégica da UC (2011-2015)

Fonte: (Universidade de Coimbra, 2011, p. 33)

Após análise do quadro de definição estratégica da UC constata-se que os *pilares de missão* da UC (ensino, investigação e transferência de conhecimento) estão indiscutivelmente ligados à informação produzida/recebida no passado e no presente. Logo, a gestão adequada da informação não pode ser apenas um mero apoio à gestão institucional corrente, trata-se, na ótica desta investigação, de um requisito obrigatório, pois constitui um recurso fundamental para delinear uma visão estratégica e prospetiva.

Ora, no âmbito do processo de planeamento estratégico, que se concretizou na elaboração do *Plano estratégico e de ação da Universidade de Coimbra 2011-2015*¹⁷⁶, a UC definiu a sua visão: “afirmar-se como instituição europeia de referência, sendo reconhecida como a universidade portuguesa de maior qualidade” (Universidade de Coimbra, 2011, p. 32). No quadriénio seguinte, consagra-se como **visão** a afirmação da UC “como a melhor Universidade de língua portuguesa, protagonista de grandes avanços do

¹⁷⁶ Documento que complementa a leitura do *Plano estratégico 2011-2015*, apresentando, de forma mais exhaustiva, a análise de contexto efetuada (inclui a análise das partes interessadas, a descrição do processo de auscultação e a análise SWOT), a identificação das linhas de orientação a seguir, procurando concretizar a forma de implementação e de acompanhamento da estratégia definida para a UC no quadriénio 2011-2015. Documentos disponíveis para consulta em: <http://www.uc.pt/planeamento/peauc>

conhecimento, capaz de atrair os melhores estudantes e professores, e contribuindo decisivamente para o progresso e bem-estar da sociedade” (Universidade de Coimbra, 2015, p. 17).

O *Plano estratégico 2015-2019*¹⁷⁷ apresenta os seguintes pilares estratégicos da UC (ver figura 16): *pilares de missão* (a investigação, o ensino e a comunidade) e *pilares de recursos* (as pessoas, os recursos económico-financeiros e as infraestruturas¹⁷⁸).

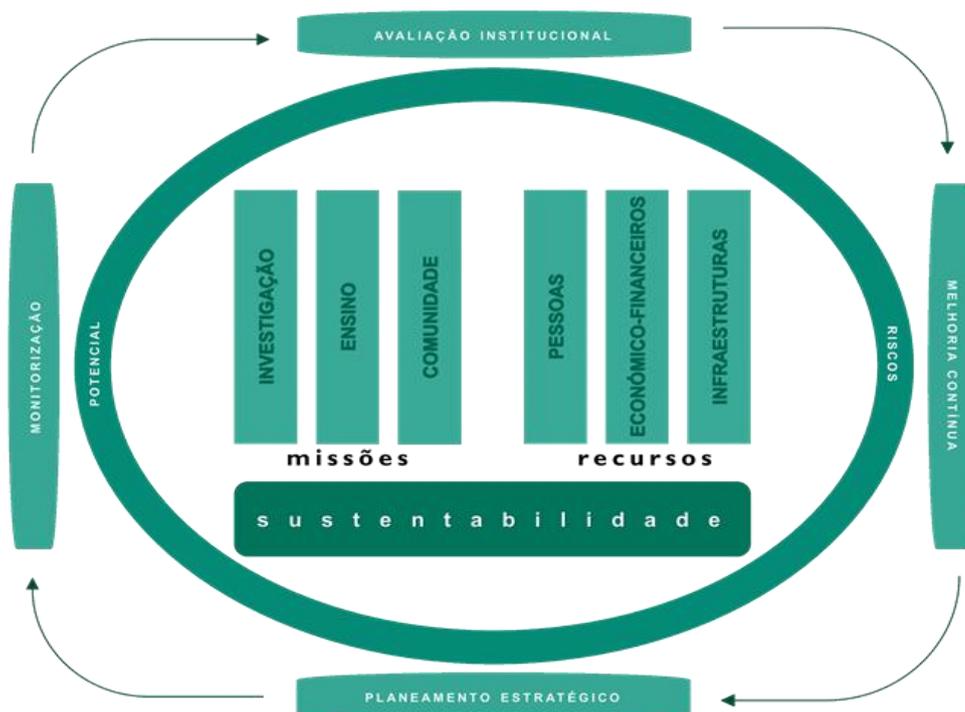


Figura 16: Quadro de definição estratégica da UC (2015-2019)

Fonte: (Universidade de Coimbra, 2015, p. 33).

Mantém-se, no essencial, a estrutura base do plano anterior, sendo todavia de destacar a eliminação do *pilar de recursos organizacionais* e a alteração do pilar de

¹⁷⁷ Estabelece as principais linhas de orientação para o quadriénio 2015-2019, dando início a um novo ciclo de planeamento e avaliação. Trata-se de um documento que é complementado pelo Plano de Ação institucional, que sistematiza as principais ações destinadas a concretizar as iniciativas estratégicas apresentadas. O “Plano Estratégico 2015-2019” (versão integral) e os “Planos de Ação” (ação Reitoral, Unidades Orgânicas, UECAFs, Administração e SASUC), destinados a concretizar as iniciativas estratégicas da UC, estão disponíveis para consulta restrita da comunidade académica em: <http://www.uc.pt/planeamento/pe20152019>. A versão pública do referido Plano pode ser acedida em: http://www.uc.pt/planeamento/2015_2019_ficheiros/plano_estrategico_UC20152019_vpublica_web.pdf

¹⁷⁸ O pilar de recursos *Infraestruturas* apresenta uma iniciativa estratégica definida explicitamente para uma parte do SI da UC, as bibliotecas: “Reorganizar as bibliotecas de forma integrada, promovendo a sua complementaridade e procurando dotar os espaços de melhores condições” (Universidade de Coimbra, 2015, p. 65).

missão *transferência de conhecimento para comunidade*. Esta última alteração surge justificada do seguinte modo:

Mais do que a transferência ou disseminação de conhecimentos em sentido estreito, o pilar de comunidade compreende todas as áreas de interação da Universidade com o exterior, para além da investigação e do ensino, abrangendo a inovação e o empreendedorismo, as redes e parcerias, o património, a cultura, o turismo e o desporto. É ainda neste pilar que se insere a consolidação da posição da Universidade como referência para a língua e cultura portuguesas, a importante relação com a comunidade local ou o papel de destaque atribuído aos antigos estudantes (Universidade de Coimbra, 2015, p. 31).

No supramencionado Plano, explicita-se, ainda, a vertente da sustentabilidade, transversal e basilar a todos os pilares estratégicos, englobando as áreas da internacionalização, de cidadania e inclusão, da marca “Universidade de Coimbra”, da comunicação e do ambiente.

O desafio real colocado às organizações é portanto, muito abrangente. As universidades no geral, e a UC em particular, têm que inovar e reagir aos constantes desafios, de modo a sobreviverem estruturalmente, enquanto sistemas, integradas no macrossistema social em que estão inseridas. De acordo com Chiavenato (1999, p. 25) toda a organização tem como fundamento primeiro, “ser capaz de produzir, num dado momento ou lugar, algo que ninguém está em condições de produzir ou, pelo menos, de produzir tão bem. Tal implica que qualquer organização deve apresentar vantagens competitivas tais, que lhe permita não ser substituída por terceiros.”

Na UC, o ano 2015 ficou assinalado pelo desenvolvimento da sua estratégia para um horizonte temporal mais alargado, potenciado com a componente de análise prospetiva e exploração de cenários de enquadramento do ambiente onde irá competir e cooperar.

O meio envolvente em que se insere, e com que interage permanentemente, gera oportunidades e ameaças, influenciando e determinando as suas decisões estratégicas, sendo fundamental a integração de elementos estruturantes da envolvente global no referencial estratégico. A Universidade tem de estar atenta às forças de mudança, às tendências e às incertezas do contexto, avaliando, a cada momento, o potencial e os riscos que a rodeiam (Universidade de Coimbra, 2016, p. 14).

4.3 Órgãos de governo, de gestão e organização estrutural efetiva

De acordo com os respetivos Estatutos (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008), o Governo da UC é exercido pelo Reitor (equipa reitoral), pelo Conselho Geral e pelo Conselho de Gestão.

O Reitor é o órgão superior de governo e de representação externa da Universidade. O Conselho de Gestão é responsável pela gestão administrativa, patrimonial, financeira e dos recursos humanos. Das competências do Conselho Geral destaca-se: a eleição (substituição, suspensão ou destituição) do Reitor, a apreciação dos atos do Reitor e do Conselho de Gestão, a apresentação de propostas necessárias ao bom funcionamento da instituição e a aprovação das alterações aos Estatutos da UC, ouvido o Senado. O Senado é um órgão de natureza consultiva que coadjuva o Reitor na gestão da Universidade e o Provedor do Estudante na defesa e promoção dos direitos dos estudantes.

A UC integra na sua estrutura, dez unidades orgânicas de ensino e investigação, duas unidades de investigação e outras unidades, e serviços voltados essencialmente para o apoio às atividades científicas, pedagógicas, culturais, desportivas, administrativas, sociais e de relação com a comunidade, nomeadamente: Administração, Serviços de Ação Social (SASUC), unidades de extensão cultural e de apoio à formação (UECAFs), serviços de apoio direto aos órgãos de governo (Gabinete do Reitor, Gabinete de Auditoria e Controlo Interno) e estruturas de carácter temporário (Projetos especiais e Observatórios).

A gestão corrente da Administração (serviço de apoio central à governação da UC) e dos SASUC (ação social universitária) é exercida pelos respetivos administradores. As unidades orgânicas têm os seus próprios órgãos de governo (ex.: nas Faculdades temos a Assembleia, o Diretor, o Conselho Científico e o Conselho Pedagógico).

Constituem unidades orgânicas de ensino e investigação: a Faculdade de Letras (FLUC), a Faculdade de Direito (FDUC), a Faculdade de Medicina (FMUC), a Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCTUC), a Faculdade de Farmácia (FFUC), a Faculdade de Economia (FEUC), a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCEUC), a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEFUC), o Instituto de Investigação

Interdisciplinar (IIIUC)¹⁷⁹ e o Colégio das Artes (CAUC)¹⁸⁰. São unidades de investigação: o Instituto de Ciências Nucleares Aplicadas à Saúde (ICNAS)¹⁸¹ e o Tribunal Universitário Judicial Europeu (TUJE)¹⁸².

No conjunto de UECAFs da UC identifica-se a Biblioteca-Geral (BGUC), o Arquivo da Universidade (AUC), a Imprensa (IUC)¹⁸³, o Centro de Documentação 25 de Abril (CD25 de Abril), o Museu da Ciência (MCUC), o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), o Estádio Universitário, a Biblioteca das Ciências da Saúde (BCSUC) e o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (JBUC)¹⁸⁴.

O núcleo mais antigo da Universidade está localizado no Paço das Escolas e corresponde, essencialmente, à mais antiga morada régia do país, o antigo Paço Real de Coimbra.

Trata-se, efetivamente, de uma estrutura complexa e de grande dimensão, englobando dezenas de unidades e serviços, fisicamente descentralizados e localizados em três polos (ver figura 17) na cidade de Coimbra (polo I correspondente à zona histórica; polo II no Pinhal de Marrocos; polo III em Celas, junto ao Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra) e num polo em Alcobça – Centro de Estudos Superiores da UC)¹⁸⁵.

¹⁷⁹ De acordo com o art.º 17.º, n.º 3, o IIIUC “é uma unidade orgânica que congrega unidades de investigação públicas e privadas da Universidade, com vista a favorecer e valorizar as atividades de investigação de natureza interdisciplinar e a assegurar a sua representação nos órgãos da Universidade” (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008, p. 38332).

¹⁸⁰ De acordo com o art.º 17.º, n.º 4, o CAUC “é uma Escola de Estudos Avançados que dá coesão institucional à reflexão científica interdisciplinar nos domínios artísticos e desenvolve o espírito criativo, em diálogo permanente com o conjunto dos saberes cultivados nas várias Faculdades” (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008, p. 38332).

¹⁸¹ De acordo com o art.º 18.º, n.º 2, o “ICNAS é uma unidade orgânica de investigação com carácter multidisciplinar, que tem como objetivo desenvolver novas técnicas de investigação básica e clínica, bem como prestar serviços especializados de saúde no domínio das aplicações biomédicas das radiações” (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008, p. 38332).

¹⁸² De acordo com o art.º 18.º, n.º 3, o “TUJE é uma unidade orgânica de investigação com carácter multidisciplinar que convoca vários saberes relacionados com a actuação de um Tribunal e aproveita e estimula as competências de várias Faculdades com o objectivo de ajudar a melhorar o ensino do Direito e a prestação de serviços de Justiça, junto da qual funcionará, sob a responsabilidade do Ministério da Justiça, segundo os esquemas de competência constitucional e legalmente instituídos, um Tribunal de 1.ª instância nos mesmos moldes dos tribunais judiciais normais” (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008, p. 38332).

¹⁸³ Com origem no século XVI, a IUC foi encerrada por António de Oliveira Salazar, em 1934, e reaberta em 1998, sendo atualmente a maior editora universitária portuguesa.

¹⁸⁴ Deliberação (extrato) n.º 76/2015.

¹⁸⁵ Centro de extensão da UC que funciona em Alcobça, desde 2001, e dedica-se à “divulgação científica e pedagógica, através da realização de palestras e da participação em eventos de divulgação da oferta

Dispõe ainda de outras estruturas dispersas na cidade, particularmente as instalações da FEUC, na avenida Dias da Silva, e as da FCDEFUC, na avenida Conimbriga, junto ao Estádio Universitário.

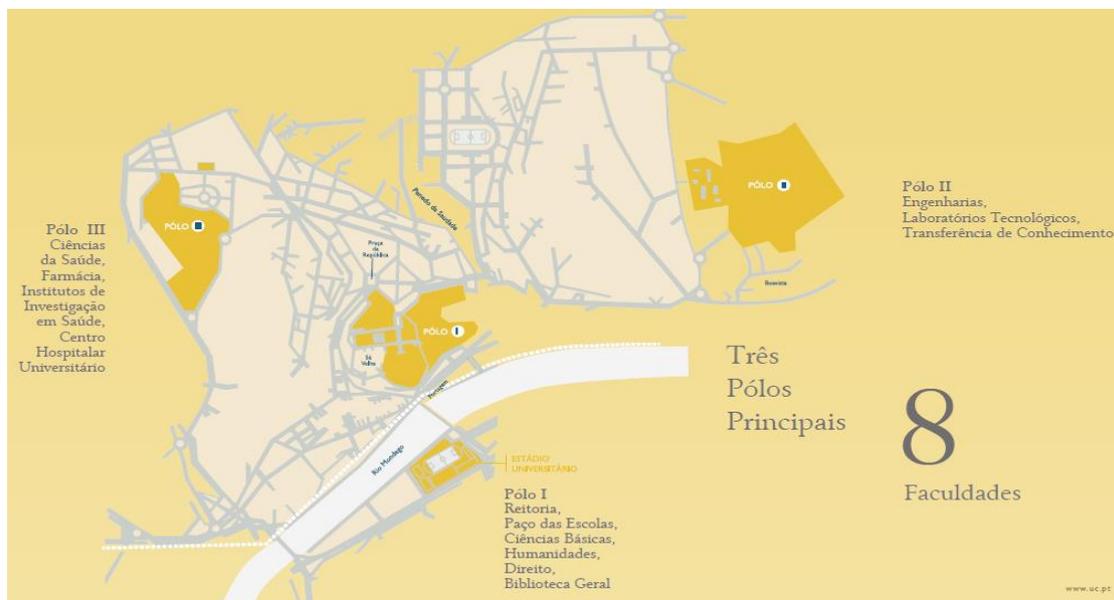


Figura 17: Polos universitários da UC

Fonte: © PIMC_UC 2015

No âmbito da prossecução dos seus objetivos foram criadas pela UC, em 2007, a Fundação Cultural da Universidade de Coimbra¹⁸⁶ (extinta em 2013) e a Fundação Museu da Ciência. A UC pode também constituir ou participar noutras entidades de natureza pública ou privada (ex. associações, sociedades)¹⁸⁷, com intervenção em diversos domínios como a investigação, o empreendedorismo ou a cultura.

Assim, integram o macrossistema da UC diversas entidades de direito público e privado (ver figura 18).

formativa da Universidade, promovendo também, ações de natureza cultural,” cursos de curta-duração e formação pós-graduada. Informação disponível em: <http://www.uc.pt/cesuca>

¹⁸⁶ Criada no dia 28 de setembro de 2007. Anúncio n.º 8227/2007.

¹⁸⁷ Ver artigos 14.º e 15.º dos Estatutos da UC, publicados em anexo ao Despacho Normativo n.º 43/2008, de 1 de setembro.

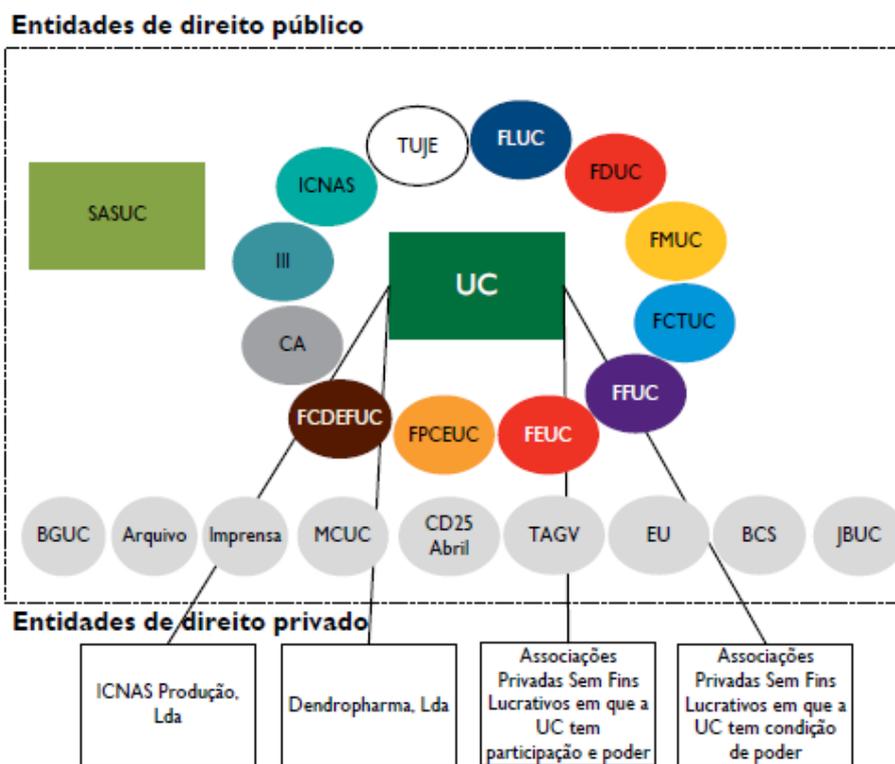


Figura 18: Grupo Público UC

Fonte: Relatório de gestão e contas consolidado 2015 (Universidade de Coimbra, 2016, p. 94)

Em 2016, as entidades privadas da UC são o ICNAS Produção Unipessoal, Lda. e a Dendropharma-Investigação e Serviços de Intervenção Farmacêutica, Lda. A consolidação de contas do Grupo Público UC¹⁸⁸ foi alargada a entidades privadas, relativamente às quais existe uma posição de controlo real (ou potencial) por parte da UC¹⁸⁹; existindo, ainda, cerca de sessenta entidades, basicamente associações privadas sem fins lucrativos, em que a UC participa com vista à prossecução dos seus objetivos.

¹⁸⁸ Constituído por dezassete entidades (a 31 de dezembro de 2015): UC; SASUC; ICNAS Produção Unipessoal, Lda.; Dendropharma, Lda.; Associação Exploratório Infante D. Henrique; Centro de Neurociências e Biologia Celular; Centro de Estudos Sociais (CES); IPN – Associação para a Inovação e Desenvolvimento em Ciência e Tecnologia; Associação para o Desenvolvimento da Aerodinâmica Industrial (ADAI); IPN – Incubadora; Associação para o Desenvolvimento da Engenharia Civil (ACIV); Centro de Estudos de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente; Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores de Coimbra; Instituto de Investigação e Desenvolvimento Tecnológico em Ciências da Construção; Associação UC InProPlant – Investigação, Desenvolvimento, Tecnológico e Internacionalização; Associação UC Tecnimed – Investigação, Desenvolvimento Tecnológico e Internacionalização; SerQ – Centro de Inovação e Competências da Floresta – Associação (Universidade de Coimbra, 2016, p. 17).

¹⁸⁹ “São elas os laboratórios associados CES e CNC e as associações IPN e Exploratório Infante D. Henrique (integradas no perímetro desde 2011), o IPN – Incubadora e a ADAI (desde 2012), e o INESC Coimbra, o ITeCons, o CEDOUA e a ACIV (desde 2013). Em 2015, passam a integrar também o perímetro a UC Tecnimed, a UC InProPlant e o SerQ-Centro de Inovação e Competências da Floresta” (Universidade de Coimbra, 2016, p. 17). No mesmo documento, página 95, podem-se encontrar outros dados sobre as referidas entidades, nomeadamente o objeto e sede de cada uma.

De referir, igualmente, as estruturas que se encontram intrinsecamente ligadas à UC: a Associação Académica de Coimbra (AAC)¹⁹⁰ e o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC)¹⁹¹.

O organograma e diagrama (ver figuras 19 e 20) que se apresentam seguidamente permitem uma melhor compreensão da estrutura orgânica efetiva, bem como das respetivas relações hierárquicas e funcionais, sendo evidente a dimensão e complexidade da estrutura organizacional.

Em 2016, a estrutura de governo (Conselho Geral, Reitor e Conselho de Gestão) e organizativa da UC mantém-se inalterada, em relação ao ano anterior. Os serviços de apoio direto aos órgãos de governo dependem do Reitor, coexistindo com estruturas de caráter temporário – observatórios e projetos especiais. O Senado e o Provedor do Estudante integram também a estrutura organizativa. Desta, fazem igualmente parte, dez unidades orgânicas de ensino e investigação, duas unidades de investigação e nove UECAFs. A Administração é o serviço de apoio central à governação da UC, e os Serviços de Ação Social constituem também um serviço de apoio à governação, com atuação direcionada para a ação social da Universidade. No governo e gestão, as atividades desenvolvidas são suportadas e apoiadas pelos diversos serviços da Administração e pelos serviços de apoio das diferentes unidades orgânicas.

¹⁹⁰ Fundada a 3 de novembro de 1887, a AAC é a mais antiga associação de estudantes em Portugal. Está localizada na Rua Padre António Vieira, em Coimbra. Nos termos dos seus estatutos, tem os seguintes fins: “Representar os estudantes da Universidade de Coimbra e defender os seus interesses; promover a formação física, intelectual, cultural e cívica dos estudantes, garantindo a ligação da Escola à sociedade; promover a melhoria de condições dos estudantes, em particular dos economicamente mais desfavorecidos, de modo a que o ensino seja acessível a todos; cooperar com as estruturas da Academia com que a AAC partilha um património físico, histórico e cultural, designadamente os Organismos Autónomos, o Conselho de Repúblicas e o Conselho de Veteranos, salvaguardando a autonomia destas; cooperar com outras organizações nacionais, estrangeiras ou internacionais, cujos princípios contrariem os da AAC; orientar a sua ação com vista à concretização de um ensino público, democrático, de qualidade e gratuito; defender e promover os princípios democráticos como garantes da liberdade, solidariedade e igualdade de oportunidades; prosseguir o exercício de atividades de comunicação social, designadamente a radiodifusão, teledifusão, imprensa escrita e produção de conteúdos para a Internet; colaborar com os representantes estudantis nos órgãos de Governo da Universidade de Coimbra e nos órgãos de gestão das Faculdades, para a prossecução dos seus fins” (Estatutos da Associação Académica de Coimbra, 2011, pp. 1-2).

¹⁹¹ A UC criou com o CHUC “o consórcio Centro Académico Clínico de Coimbra, através de portaria assinada pelos ministros da Saúde e da Educação e Ciência, em setembro de 2015, na Biblioteca Joanina”. No mesmo ano formou, ainda, “um outro consórcio, com a Universidade Aberta, com a missão de “promover uma ampla e qualificada oferta de ensino à distância, predominantemente em língua portuguesa, para pessoas situadas em qualquer lugar do mundo”, contribuindo “para a valorização da comunidade de língua portuguesa no mundo” (Universidade de Coimbra, 2016, p. 17).

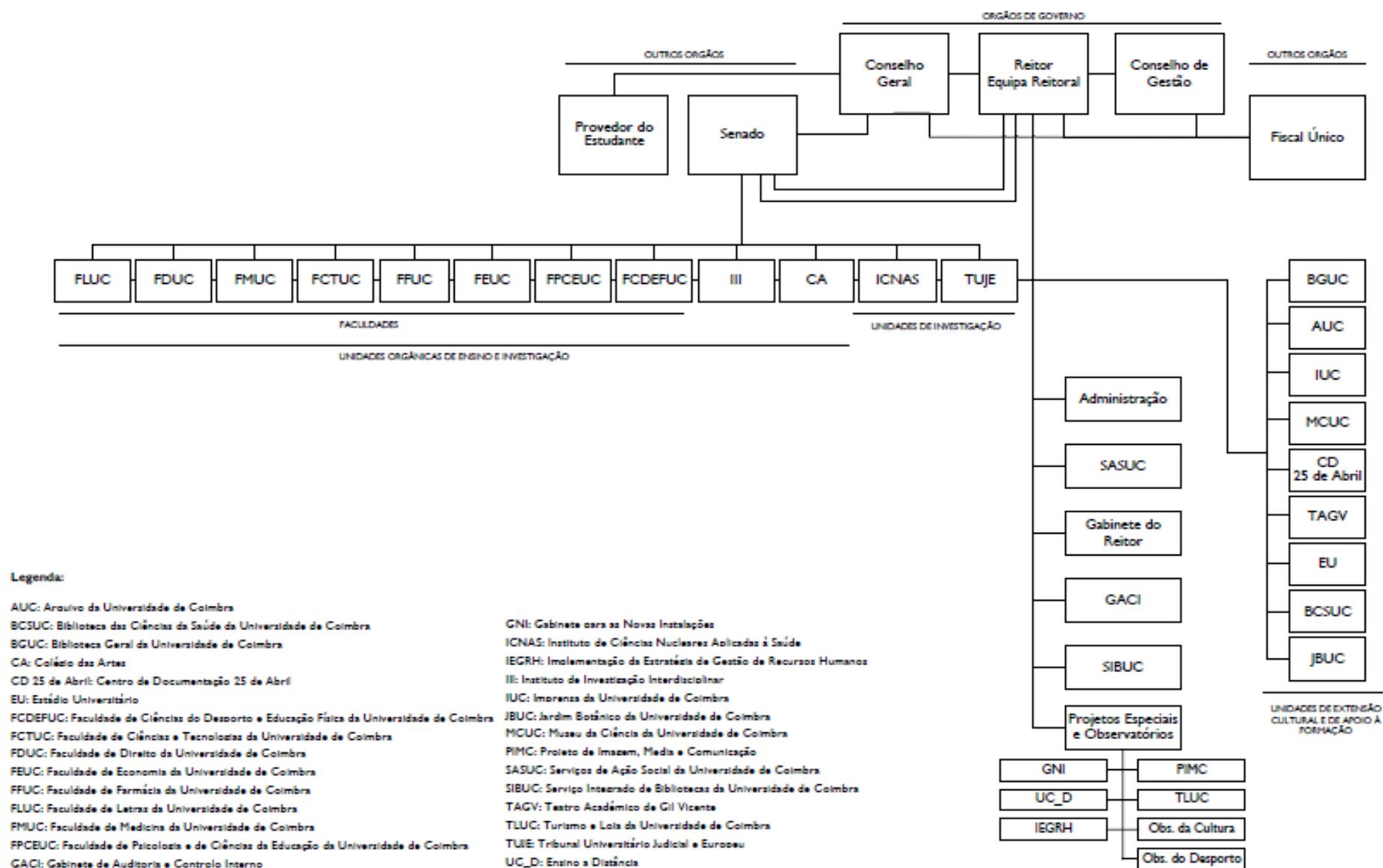


Figura 19: Organograma da UC (2016)
 Fonte: <http://www.uc.pt/sobrenos/estatutos>

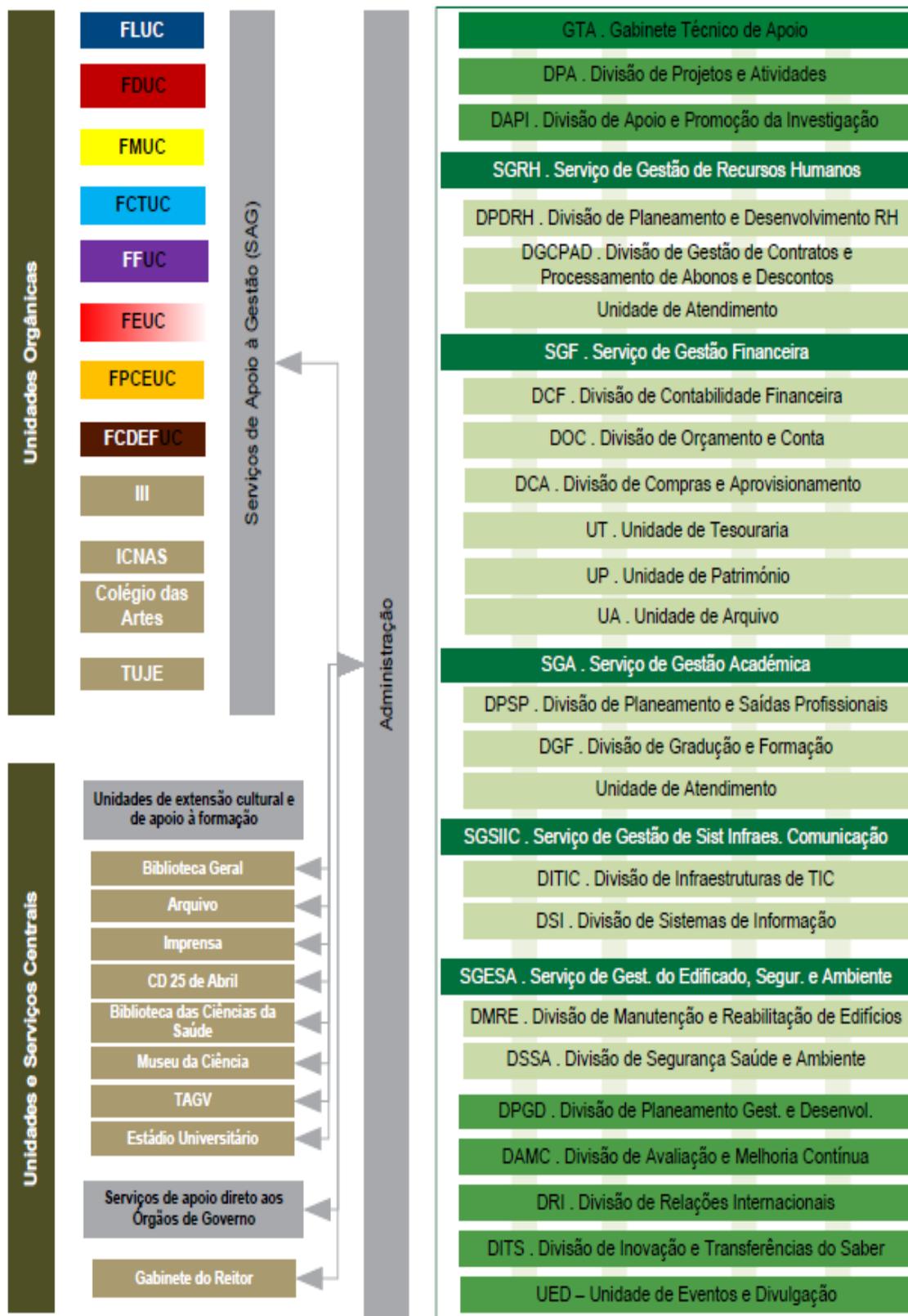


Figura 20: Estrutura organizacional e funcional da UC: relação entre as unidades orgânicas, outras unidades e serviços centrais, e serviços da Administração

Fonte: (Universidade de Coimbra, 2014, p. 56)

5. O SISTEMA DE INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE

5. O sistema de informação da Universidade

It is clear that, if electronic sources of information are to be effectively managed for future access (...), differences between libraries, archives, and museums will largely have to disappear (...) (Rayward, 1993, p. 207).

5.1 Estrutura organizacional e sua evolução: o desenvolvimento do estudo orgânico e funcional (1911-2016)

É no *Regulamento das Secretarias Geraes e Thesourarias das Universidades*, datado de agosto de 1911, que encontramos definidas as competências e atividades dos serviços administrativos¹⁹², relativas ao arco temporal definido para o estudo da evolução orgânica e funcional da UC (1911-2016)¹⁹³. Outros diplomas legais posteriormente publicados - Decreto-Lei n.º 38.692, de 21 de março de 1952, e o Decreto-Lei n.º 536/79, de 31 de dezembro - confirmam a progressiva regulamentação da estrutura administrativa da UC.

Em 1988, a promulgação do Decreto-Lei n.º 148/88, de 27 de abril, a *Lei da Autonomia Universitária*, vem permitir que as instituições universitárias possam gozar de autonomia científica, pedagógica, disciplinar, administrativa e financeira, de acordo com o estipulado nos respetivos Estatutos.

Pelo Despacho Normativo n.º 79/89, de 28 de julho, são então homologados os *Estatutos da Universidade de Coimbra*. Inicia-se, assim, a inversão da tendência encetada

¹⁹² Pode-se verificar que as funções académicas são atribuídas à Repartição do Expediente Literário (redação dos termos de matrícula, de inscrição e de exames, passagem de certidões, organização de pautas), enquanto à Repartição de Contabilidade são cometidas funções diversificadas no âmbito da gestão orçamental e contabilística da Universidade e em matéria de pessoal. Art. 6.º do *Regulamento das Secretarias Geraes e Thesourarias das Universidades* (Decreto de 19 de agosto de 1911).

¹⁹³ Em 1911, ano da instauração do regime republicano em Portugal, foi promulgada a Constituição Universitária (Decreto de 19 de abril de 1911. *Collecção official de legislação portuguesa*. Lisboa: na Imprensa Nacional, 1843-1972. pp. 688-693) e aprovado o *Regulamento das Secretarias Geraes e Thesourarias das Universidades* (Decreto de 19 de agosto de 1911. Op. cit. pp. 1.630-1.634), diplomas que regulamentam o funcionamento dos serviços administrativos. O ano 2016, pela sua proximidade, surge como fronteira natural ditada pela necessidade de apresentar os resultados da investigação.

mais de trinta anos antes, que veio a culminar com a centralização dos serviços administrativos e de gestão financeira¹⁹⁴.

A estrutura dos Serviços Centrais da UC, reestruturada nos anos noventa¹⁹⁵, mantém-se estável por mais de dez anos, sofrendo apenas pequenas mudanças orgânicas e funcionais, até à aprovação e publicação, em 2003, do *Regulamento dos Serviços Centrais da Universidade de Coimbra*.¹⁹⁶

A estrutura representada no organograma de 2003 foi significativamente alterada, com a publicação, em 2009, do Regulamento da Administração¹⁹⁷, invertendo-se a tendência descentralizadora dos serviços administrativos e de gestão financeira.

No ano seguinte, foi implantada esta nova estrutura, com a criação do Centro de Serviços Comuns (CSC), do Centro de Serviços Especializados (CSE) e do Gabinete Técnico de Apoio. O CSC exerce as suas atribuições no âmbito da prestação de serviços de suporte às unidades da UC (gestão académica, financeira, patrimonial, de recursos humanos, da segurança, ambiente e segurança e saúde no trabalho, promoção da investigação, gestão de projetos), e o CSE no âmbito dos estudos, elaboração de propostas de intervenção transversais à Universidade e seu planeamento, monitorização e avaliação da sua execução. Com pequenos ajustamentos, é esta a estrutura atual, em evolução contínua, no sentido de a relação entre a administração e os serviços a que dá suporte ser cada vez mais harmoniosa.

No que respeita às Faculdades, de 1994 a 2010, a FCTUC e a FMUC detiveram autonomia administrativa e financeira. Em 2011, ao abrigo dos Estatutos da UC, cessou a

¹⁹⁴ A reforma de 1952 (Decreto-Lei n.º 38.692, de 21 de março) confirmou a progressiva regulamentação da estrutura administrativa. É na Secretaria da Universidade que passam a estar concentradas as funções administrativas pois, no dizer do próprio diploma, a centralização «permite alcançar a desejada uniformização e simplificação de processos, (...) susceptível de evitar perdas de tempo e inúteis incómodos aos alunos e público interessado». Com o Decreto-Lei n.º 536/79, de 31 de dezembro, constata-se a complexificação das funções de natureza académica e a dimensão alcançada pelos serviços de pessoal e de administração financeira e patrimonial; o Gabinete Técnico, com competências nos domínios da coordenação e fiscalização de obras de construção e remodelação de instalações universitárias, passa a constituir uma secção orgânica da Secretaria-Geral, onde o Secretário cede lugar ao Administrador.

¹⁹⁵ O Administrador fica responsável pela área dos serviços de gestão financeira e patrimonial e o Secretário-Geral pela área dos serviços académicos, sendo ainda criado um serviço de pessoal na direta dependência da Administração.

¹⁹⁶ Despacho n.º 15 949/2003, de 16 de agosto.

¹⁹⁷ Regulamento n.º 423/2009, de 27 de outubro, alterado pelo Despacho n.º 10570/2012, de 6 de agosto, pelo Despacho n.º 6520/2013, de 20 de maio, pelo Despacho n.º 16419/2013, de 18 de dezembro e pelo Despacho n.º 4760/2014, de 2 de abril; Regulamento n.º 4/2011, 5 de janeiro, alterado pelo Despacho n.º 10571/2012, de 6 de agosto, pelo Despacho n.º 6521/2013, de 20 de maio, pelo Despacho n.º 16420/2013, de 18 de dezembro e pelo Despacho n.º 4761/2014, de 2 de abril.

referida autonomia, iniciando-se um novo ciclo na gestão estratégica das diversas Faculdades.

Como resultado do estudo da evolução orgânica e funcional, apresenta-se:

- Lista de referências dos diplomas legislativos e textos regulamentares compilados, que têm regulado a organização e o seu funcionamento (Anexo II);
- Organogramas¹⁹⁸ representativos da evolução diacrónica da estrutura orgânica da UC nos séculos XX e XXI (Anexo III).

Os organogramas elaborados correspondem, cada um deles, a momentos em que se verificaram alterações orgânico-funcionais significativas, por via legislativa¹⁹⁹. Elegeu-se, assim, a representação da evolução diacrónica da estrutura orgânica referenciada anteriormente e recorreu-se à ferramenta informática *Visio* da Microsoft para a sua concretização.

Esta representação esquemática permite, sem dúvida, ter uma adequada perceção da evolução e complexificação da estrutura orgânica da UC, fundamental para a compreensão do atual SI organizacional.

¹⁹⁸ Organograma – “m.q. [mesmo que] *ORGANIGRAMA*”; Organigrama – “gráfico da estrutura hierárquica de uma organização social complexa, que representa simultaneamente os diferentes elementos do grupo e as suas ligações” (...) (Houaiss & Villar, 2005, pp. 5950, 5952).

¹⁹⁹ A estrutura orgânica representada é o resultado da análise organizacional referida na regulamentação existente, podendo nalguns casos não traduzir com exatidão a realidade passada, uma vez que, na prática, nem sempre era aplicado o que a Lei determinava. Assinala-se nos organogramas, por retângulos a tracejado, os casos em que se sabe que determinados elementos da estrutura orgânica previstos na Lei não chegaram a ter existência ou quando alguns elementos da mesma estrutura já existiam, apesar de ainda não ter sido efetivada a sua legalização.

5.2 Arquivo, Bibliotecas, Museus e Centros de Documentação

Contextualizados que estão, no capítulo 4 deste trabalho, a criação e desenvolvimento multissecular da UC, e concretizada a descrição da atual estrutura organizacional, importa neste ponto aferir o modo como a instituição universitária emprega o quadro teórico e concetual explicitado (parte I), e como se compreende/gere a informação no SI organizacional.

Passamos, por isso, agora, a analisar e descrever o SI da UC. Neste âmbito, as questões de partida a que se procurou responder são as seguintes:

- i) Na legislação/regulamentação que modela a estrutura organizacional e funcional da UC, como se estabelece o papel do arquivo, das bibliotecas, dos museus e dos centros de documentação?
- ii) O SI da UC é entendido e gerido de forma integrada e transversal à organização, assente numa visão sistémica?

A investigação realizada e antes explicitada no capítulo anterior e no ponto 5.1 do presente capítulo permite, desde já, assinalar o seguinte:

- Para se alcançar o real conhecimento da estrutura orgânica e funcional da UC e a sua articulação com a informação, foi necessário concretizar um estudo sólido da respetiva organização ao longo do tempo; só através dele se pode chegar à caracterização do SI organizacional na sua globalidade;

- No SI da UC, a permanente interação dos fatores natureza orgânica (estrutura produtora) e natureza funcional (serviço/uso) é um aspeto fundamental e, como tal, deve ser apreendido e compreendido, nunca esquecendo que a informação que flui no SI contém a funcionalidade (existe para ser recuperada) e é moldada pela estrutura que a produz/produziu, sendo essencial um equilíbrio entre a valorização dos contextos de ação e de produção informacional e o seu uso e comunicação.

As disposições estatutárias e todos os diplomas legais e regulamentares assumem um papel fundamental não só para a compreensão da organicidade deste complexo sistema, mas também da sua funcionalidade. A profusão e diversidade de dependências

orgânicas e de disposições regulamentares internas consubstanciam fins e objetivos que norteiam a ação que, em última análise, é o que estrutura a própria informação.

Assim, no presente, pode-se explicitar e descrever como se compreende a gestão do SI da UC partindo da consulta e estudo das seguintes fontes: legislação/regulamentação que modela a estrutura orgânica e funcional, informação institucional (relatórios, planos, documentos internos, dados estatísticos, registos áudio e vídeo, entre outros), publicações/bibliografia e informação disponível no domínio uc.pt.

À análise e estudo das fontes aludidas acrescenta-se a observação (direta e indireta) e a realização de entrevistas semiestruturadas, sempre que se tornou necessário esclarecer os elementos/dados (identificados ou omissos) registados no instrumento descritivo de recolha dos mesmos.

Apresenta-se seguidamente o tratamento de dados qualitativo que precede a discussão do estudo de caso.

A análise orgânico-funcional realizada permite aferir que, no presente, é no conjunto de UECAFs (ver figura 21), na direta dependência da Reitoria, que se integra o AUC, a BGUC, o CD25 de Abril, o MCUC e a BCSUC.

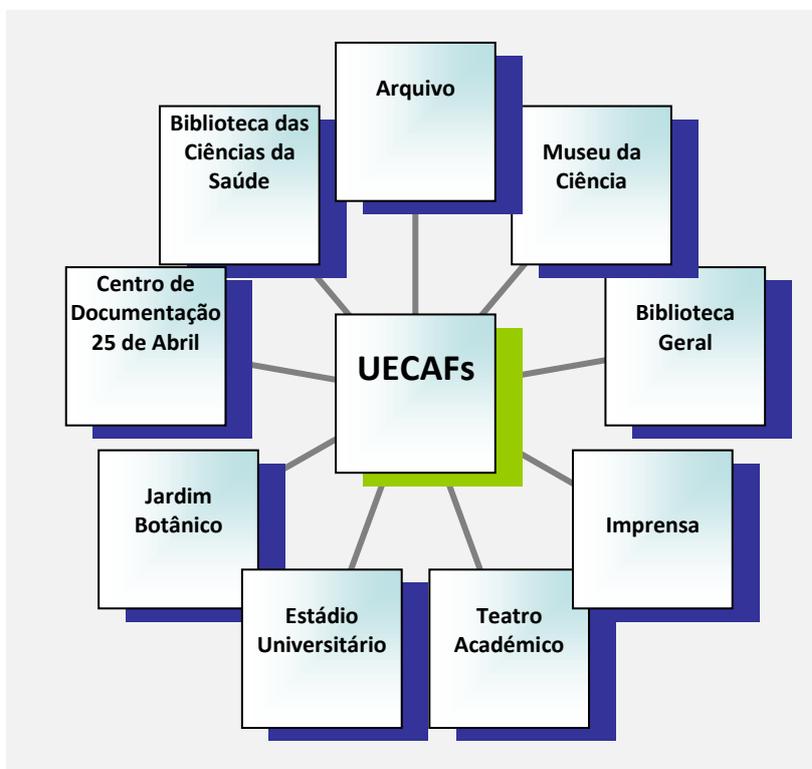


Figura 21: Unidades de Extensão Cultural e de Apoio à Formação da UC

Fonte: Elaboração própria.

Nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 25.º dos Estatutos da UC, as UECAFs estão “voltadas, essencialmente, para o apoio às actividades científicas, pedagógicas, culturais, desportivas, sociais e de relação com a comunidade.” As unidades AUC, BGUC, IUC e MCUC surgem identificadas (art.º 26.º, n.º 4) com as seguintes funções:

(...) estruturas universitárias responsáveis pela coordenação dos meios e dos recursos que asseguram a gestão racional do espólio bibliográfico e documental, arquivístico, de museologia científica e da actividade editorial, respectivamente, bem como pela concretização da estratégia de coordenação definida nestas matérias pelos órgãos competentes da Universidade (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008, p. 38333).

O AUC é a unidade orgânica que detém e gere a riquíssima documentação produzida e recebida pelas unidades orgânicas e demais serviços da Universidade (documentação de conservação permanente ou definitiva).

Na Carta régia de 27 de dezembro de 1540, ordenava-se ao reitor da Universidade que mandasse fazer uma arca com três fechaduras, para recolha de documentos universitários, ficando as chaves da mesma arca depositadas nas mãos do reitor, do lente de Prima de Cânones ou de Leis e do escrivão do conselho universitário (Paiva, 2015, p. 221).

O cartório, instalado junto à secretaria da Universidade, passou a ser designado por Arquivo, tendo sido o serviço criado como repartição autónoma (formada pelo Arquivo da Secretaria e pelo Arquivo da Fazenda) apenas em 1901²⁰⁰ (Decreto n.º 4 de 24 de dezembro)²⁰¹, sob a designação de Arquivo e Museu de Arte da UC.

Inicialmente, o Arquivo (sistema semifechado de informação) desempenhou funções, apenas e só, para recolha da documentação da Universidade. Contudo, ao longo dos séculos “a massa documental foi-se avolumando, de forma gradual e variada,

²⁰⁰ O primeiro diretor do Arquivo, nomeado em 25 de abril de 1900, foi o Doutor António de Vasconcelos, professor da Faculdade de Teologia e depois da Faculdade de Letras.

²⁰¹ De acordo com o Art. 9.º do *Regulamento das Secretarias Geraes e Thesourarias das Universidades* (Decreto de 19 de Agosto de 1911), «todos os livros, documentos e processos que não forem necessários para o serviço de expediente serão enviados para o Archivo, a fim de serem convenientemente catalogados e archivados», pelo que nas Universidades de Lisboa e do Porto «guardar-se-hão no respectivo Archivo todos os livros e documentos antigos». Em Coimbra, o Arquivo enquanto serviço era uma repartição autónoma desde 1901.

acompanhando e reflectindo o desenvolvimento da instituição”²⁰². Como exemplos do incremento documental pode-se referir os arquivos provenientes do Seminário diocesano, do Cabido e da Mitra de Coimbra, das Ordens e Colégios Religiosos, de Associações, de Confrarias, Irmandades e Misericórdias, da Universidade de Évora, da Administração central e local, entre outros.

Integra, ainda, os fundos documentais relativos ao Arquivo Distrital de Coimbra, que tem a si agregado (desde 1917, de facto, e desde 1931 *de jure*). Assim, acresce à gestão do acervo acima referenciado, na qualidade de serviço especializado com funções de Arquivo Distrital, a gestão dos acervos que nele são integrados no âmbito referido²⁰³.

Do ponto de vista institucional, pode-se afirmar que o serviço é criado bastante tardiamente, muito tempo depois da criação da Biblioteca. Do ponto de vista orgânico-funcional, o Arquivo (enquanto sistema semifechado de informação) existe desde que foi criada a Universidade, na cidade de Lisboa (1 de março 1290), ou mesmo antes (se fosse considerado o ano 1288 – data da súplica de vários eclesiásticos dirigida ao Papa Nicolau IV a solicitar a autorização pontífica para a criação de um Estudo Geral)²⁰⁴.

O Arquivo manteve-se durante muito tempo ligado exclusivamente aos “valores patrimoniais”²⁰⁵ da memória da organização e da comunidade do distrito, inerente à sua ação identitária, funcional e/ou legal. Consequentemente, pautado pela ausência de uma política de divulgação dos seus serviços e de processos de valorização do seu contributo para a comunidade, situação alterada, no entanto, já no século XXI.

²⁰² Ver Preâmbulo do Regulamento n.º 574/2010, de 2 de julho.

²⁰³ Elenca-se o acervo arquivístico do AUC (universidade e distrital): Administração Central; Administração Central Desconcentrada; Administração Local; Associações; Coleções; Confrarias, Irmandades e Misericórdias; Diocesanos; Empresas; Escolas, Liceus e Universidades; Hospitais; Judiciais; Monástico-Conventuais; Notariais; Paroquiais; Pessoais e Familiares; Registo Cível (Paiva, 2015, p. 24).

²⁰⁴ A data de criação da Universidade Portuguesa tem sido objeto de discussão. Antes da publicação, pelo Doutor António de Vasconcelos, em 1912, do documento com o selo dionisino, “os autores dividiam-se geralmente em duas posições”: os que, como os Doutores Mota Veiga, Marcelo Caetano ou Artur Moreira de Sá, “atribuíam a iniciativa ao clero e colocavam a fundação nos fins de 1288, sustentando que Nicolau IV, em 9 de Agosto de 1290, se limitou a confirmar a criação da Universidade e a dar-lhe a autoridade pontífica, privilégios e concessões dos graus académicos”; e os que, como Teófilo Braga e o Doutor António de Vasconcelos, defendiam que “ao dirigirem-se os eclesiásticos ao papa (...), já o Estudo Geral estava organizado, dotado e funcionando activamente em Lisboa” (Costa, 1991, p. 71).

²⁰⁵ Até finais do século XIX o “arquivista-paleógrafo” impôs-se como profissional modelo e os arquivos eram entendidos como laboratórios da História, por influência conjugada das correntes positivista e historicista. A recolha de fontes e a produção intensiva de instrumentos de pesquisa contribuíram para a primazia do valor dos documentos de interesse histórico e para a criação de arquivos destinados a incorporar esse tipo de documentos, afastados das administrações produtoras (SILVA *et al.*, 1999, pp. 206-207).

De acordo com o Regulamento n.º 574/2010, de 2 de julho, são hoje atribuições fundamentais do AUC:

- a) a conservação, o enriquecimento, a valorização, o tratamento técnico e a difusão do património arquivístico da UC e das instituições do distrito de Coimbra, no âmbito das suas funções como arquivo distrital;
- b) o apoio ao ensino e à investigação universitários e extra-universitários, disponibilizando o acesso à sua documentação e à informação real ou virtual;
- c) a promoção de actividades de natureza cultural, tais como exposições, colóquios, conferências, visitas de estudo, debates, palestras e publicações.

O arquiteto Alberto Pessoa foi o autor do atual edifício²⁰⁶ do AUC, inaugurado em 1948, o primeiro e único a ser construído no país para esse fim. Mantendo a função para a qual foi projetado, compreende atualmente cerca de 10.000 metros lineares de documentação (ver figura 22).



Figura 22: Arquivo da UC (fachada exterior do edifício e depósito)

Fonte: <http://worldheritage.uc.pt/pt/arquivouniversidade/> e galeria de imagens do AUC.

O conhecimento do acervo arquivístico da UC, constituído ao longo dos séculos, permite, por um lado, evidenciar a ligação essencial entre as estruturas orgânicas da Universidade (produtoras e recetoras da documentação/informação), mas salienta-se

²⁰⁶ O edifício do Arquivo, “de forte feição classicista, está dividido em duas secções distintas. A principal é composta por quatro pisos e está destinada à administração, aos serviços de consulta e atendimento ao público, através das salas de Leitura, de Catálogo e de Conferências e Exposições temporárias. A segunda secção, composta por seis pisos, funciona como depósito das várias espécies documentais, livros e pergaminhos. Segundo os cálculos realizados em 1944, e como se viria a verificar, o edifício fora delineado para receber documentação durante um período de 50 anos.” Informação disponível em: <http://worldheritage.uc.pt/pt/arquivouniversidade/>

também, por outro, os aspetos de tipo funcional das referidas estruturas, que condicionam e determinam, a organização dos seus arquivos.

Importa ainda referir que, todas as unidades orgânicas e serviços da UC, anteriormente nomeados na sua estrutura orgânica, produzem/recebem, gerem e conservam documentação/informação, não se verificando, todavia, uma plena articulação dos serviços produtores com o AUC, um assunto já identificado e problematizado (Gomes & Ramos, 2014, pp. 427-430).

Em relação às bibliotecas da UC, identificam-se e descrevem-se seguidamente as suas especificidades – nomeadamente quanto ao número, dispersão, dependência orgânica, importância patrimonial e natureza diversificada.

Às bibliotecas universitárias, enquanto unidades especializadas que estão ao serviço da universidade e da comunidade, “cabe-lhes organizar, tornar acessível e difundir o conhecimento mais avançado, tendo em vista a aprendizagem, a docência, a investigação e a difusão de cultura que caracterizam essas instituições de ensino superior” (J. C. Marques, 2006, p. 5).

No entanto, na Sociedade da Informação e/ou do Conhecimento, torna-se premente uma nova visão das bibliotecas universitárias, centrada nos interesses dos seus utilizadores e na sua satisfação, pois:

(...) a prestação de serviços de informação de qualidade e o facultar o acesso à informação, já não é, *per se*, suficiente para satisfazer as necessidades da comunidade universitária no domínio da formação, do ensino e da investigação, mormente quando se pretende preparar cidadãos com competências, conhecimentos e resultados de aprendizagem que os valorizem individualmente como elementos cruciais para o desenvolvimento económico, social e cultural sustentável (Marques, 2015, p. 177).

Devido à sua história, missão e atividade atual, a UC dispõe de um conjunto notável de bibliotecas, único à escala nacional, com primordial importância na prestação de serviços à comunidade – estudantes, docentes, investigadores, funcionários, público em geral.

A mais antiga referência à biblioteca da Universidade é um documento de 1513²⁰⁷ que certifica a existência da “Casa da Livraria”. Constituída inicialmente por um acervo bibliográfico para uso de mestres e escolares, foi-se ao longo dos séculos verificando o progressivo incremento das coleções: com a compra de livros por ordem régia; com as bibliotecas dos colégios universitários (como a do colégio de S. Pedro); com as incorporações provenientes de outros colégios e conventos extintos em 1834; com o Depósito Legal, a partir de 1932; com a atividade editorial e com as aquisições, por compra ou doação de valiosos acervos bibliográficos e espólios documentais.

Hoje, a BGUC reparte-se por dois edifícios: a Biblioteca Joanina²⁰⁸ e o edifício principal (Biblioteca Geral – ver figura 23).

Pelo seu valioso acervo (rondando dois milhões de livros, manuscritos e incunábulo), a [BGUC] é hoje a maior Biblioteca universitária de todo o mundo lusófono. Foi e é frequentada por gerações sucessivas de investigadores, nacionais e estrangeiros, e constitui ponto de confluência privilegiado de toda a comunidade académica (Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, 2013).

²⁰⁷ “Data de 12 de Fevereiro de 1513 o primeiro documento, até hoje conhecido, que certifica a existência da Casa da Livraria da Universidade. Assim se chamava então à biblioteca. Nesse texto, o Reitor João Alvarez ordena ao responsável pela livraria, Fernão d’Afonso, que se faça um cano para escoamento de águas e que se faça inventário dos livros, que eram pouco mais de uma centena. Esse documento, do tempo de D. Manuel, não constitui prova da fundação da Biblioteca universitária (a criação da Biblioteca pode nunca ter ocorrido formalmente, tendo acompanhado a cronologia dos próprios Estudos Gerais) mas atesta a sua existência e a sua importância no âmbito de uma Universidade que, já então, não podia passar sem livros. Ao longo dos séculos, a Casa da Livraria veio a conhecer vários lugares, em Lisboa e em Coimbra, alguns dos quais se encontram identificados”. Informação disponível em: <http://www.uc.pt/bguc/500anos/Apresentacao>

²⁰⁸ “No início do século XVIII, o reitorado de Nuno da Silva Teles foi um período áureo na história da Biblioteca, marcado pela construção de novo edifício, a Biblioteca Joanina, autorizada por provisão régia de 31 de Outubro de 1716, e cuja construção terminou cerca de dez anos depois. D. João V mandou comprar grandes quantidades de livros sobre várias áreas do conhecimento. Destas e de outras medidas pode ter-se uma ideia aproximada através da consulta do catálogo manuscrito elaborado em 1769”. Ver Preâmbulo do Regulamento n.º 487/2009, de 10 de dezembro.



Figura 23: Biblioteca Geral da UC (fachada exterior do edifício e sala de leitura)

Fonte: <http://worldheritage.uc.pt/pt/bibliotecageral/>

De acordo com o Regulamento n.º 487/2009, de 10 de dezembro, a BGUC tem como atribuições fundamentais:

- a) A preservação, o enriquecimento, o tratamento técnico e a difusão do seu património bibliográfico e documental.
- b) O apoio ao ensino e à investigação universitários e extra-universitários, disponibilizando serviços de informação bibliográfica e documental, e o acesso aos seus fundos, reais ou virtuais.
- c) A gestão da Biblioteca Joanina.

2 – Compete à BGUC colaborar com o Serviço Integrado de Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC)²⁰⁹ na normalização e na coordenação técnica do Sistema Integrado de Informação Bibliográfica (SIIB/UC), contribuindo para o aumento da sua qualidade e consistência, assim como, ainda em colaboração com o SIBUC, realizar projectos e tarefas comuns e que requeiram as competências e a experiência dos serviços da BGUC.

Fundada como livraria de estudo, reservada ao serviço da comunidade universitária, assume-se hoje como uma das mais deslumbrantes e importantes bibliotecas do mundo (contribuindo para tal, quer a riqueza decorativa da Biblioteca Joanina quer o seu valioso acervo bibliográfico).

²⁰⁹ Regulamento n.º 488/2009, de 10 de dezembro.

É na Biblioteca Joanina²¹⁰ (ver figura 24), construída entre os anos de 1717 e 1728, hoje classificada como Monumento Nacional (aberta a visitas culturais e turísticas), que se encontra o principal depósito de Livro Antigo que inclui, convencionalmente, obras até ao início do século XIX. Atualmente, o seu acervo é composto por cerca de 57.000 volumes²¹¹ e integra exemplares das mais raras coleções dos sécs. XVI, XVII e XVIII. O Piso Nobre “começou a receber os primeiros livros depois de 1750”, e “foi utilizado como local de estudo desde 1777 até meados do séc. XX, com a entrada em funcionamento da atual Biblioteca Geral.” O Piso Intermédio da Biblioteca “foi sempre o depósito da Casa da Livraria, o qual era vedado o acesso aos estudantes e outros funcionários – o acesso seria sempre e somente dos Bibliotecários” (Universidade de Coimbra. Biblioteca Joanina, 2016).



Figura 24: Biblioteca Joanina

Fonte: www.uc.pt e <http://visit.uc.pt/biblioteca/>

Na atual biblioteca universitária (BGUC), a sua antiguidade, as suas coleções, a dimensão física, a riqueza patrimonial, bem como os seus recursos (pessoas, processos e tecnologias) confluem (ou deveriam confluir) para o assinalar de “uma evolução paradigmática do seu objeto de investigação – da conservação das coleções ao acesso à

²¹⁰ “Ficará conhecida como Biblioteca Joanina em honra e memória do Rei D. João V (1707-1750), que patrocinou a sua construção e cujo retrato, da autoria de Domenico Duprà (1725), domina categoricamente o espaço. É composta por três pisos: o Piso Nobre, espaço ricamente decorado, a face mais emblemática da Casa da Livraria; o Piso Intermédio, local de trabalho e funcionou como casa da Guarda; a Prisão Académica, que de 1773 até 1834 foi o local de clausura dos estudantes.” Informação disponível em: <http://www.uc.pt/informacaopara/visit/paco/biblioteca>

²¹¹ Informação disponível em: <http://visit.uc.pt/biblioteca/>

informação e do acesso à informação ao seu processamento, uso e transformação” (Marques, 2015, p. 180).

Tal como a BGUC, também as restantes bibliotecas universitárias especializadas, partes integrantes da estrutura e da estratégia da Universidade, assumem uma função de mediação de informação (explícita, ou maioritariamente implícita), entendida como “toda la acción de interferência - realizada por el profesional de la información -, directa o indirecta; conciente o inconsciente; individual o colectiva; que propicia la apropiación de la información que atienda, plena o parcialmente, una necesidad informacional” (Júnior, 2007, p. 30).

Nas oito Faculdades²¹² da UC reconhece-se a existência de doze bibliotecas (ver figura 25): Biblioteca da FCDEFUC, Biblioteca da FEUC, Biblioteca da FDUC, Biblioteca da FPCEUC, Biblioteca da FLUC, Biblioteca do Polo II (Engenharias e Ciências da Terra), Biblioteca de Física e de Química, Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida (DCV), Biblioteca do Departamento de Matemática, Biblioteca do Departamento de Arquitetura (disponibiliza também o acervo da CAUC), Biblioteca das Ciências da Saúde (referida anteriormente, pois integra as UECAFs) e a Biblioteca do Observatório Geofísico e Astronómico²¹³ (OGAUC - serviço interdepartamental da FCTUC).

²¹² De acordo com o art. 31.º dos Estatutos da UC (Despacho normativo n.º 43/2008, de 1 de setembro): “1 - São símbolos da Universidade de Coimbra o selo, a bandeira e o hino (...). 2 - O selo representa a *Sapientia* coroada, em pé, com um livro aberto na mão esquerda e um ceptro terminado em esfera armilar na direita. No chão, encontram-se alguns livros e um crivo, do lado direito, e um mocho, do esquerdo. Este conjunto está enquadrado por um pórtico gótico e tem à volta, na metade inferior, a legenda *Insignia Vniversitatis Conimbrigensis*. 3 - As cores do selo são: verde para a Reitoria e suas dependências imediatas; azul-escuro para a Faculdade de Letras; vermelho para a de Direito; amarelo para a de Medicina; azul-claro e azul-claro e branco para a de Ciências e Tecnologia; roxo para a de Farmácia; vermelho e branco para a de Economia; cor de laranja para a de Psicologia e Ciências da Educação; castanho e pérola para a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.”

²¹³ “Em 2013 foi criado o Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra resultante da fusão entre o Observatório Astronómico da UC (fundado em 1772) e o Instituto Geofísico da UC (fundado em 1864), sendo presentemente um serviço interdepartamental da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, partilhado pelos Departamentos de Ciências da Terra, Física e Matemática.” Informação disponível em: <http://www.astro.mat.uc.pt/novo/observatorio/site/historia.html>. Apesar da referida fusão num mesmo serviço, ambos mantêm a sua localização física (em junho 2016): o Instituto Geofísico (IGUC) na Cumeada (avenida Dias da Silva) e o Observatório na antiga freguesia de Santa Clara (lugar de Almas de Freire), tal como a(s) sua(s) biblioteca(s).

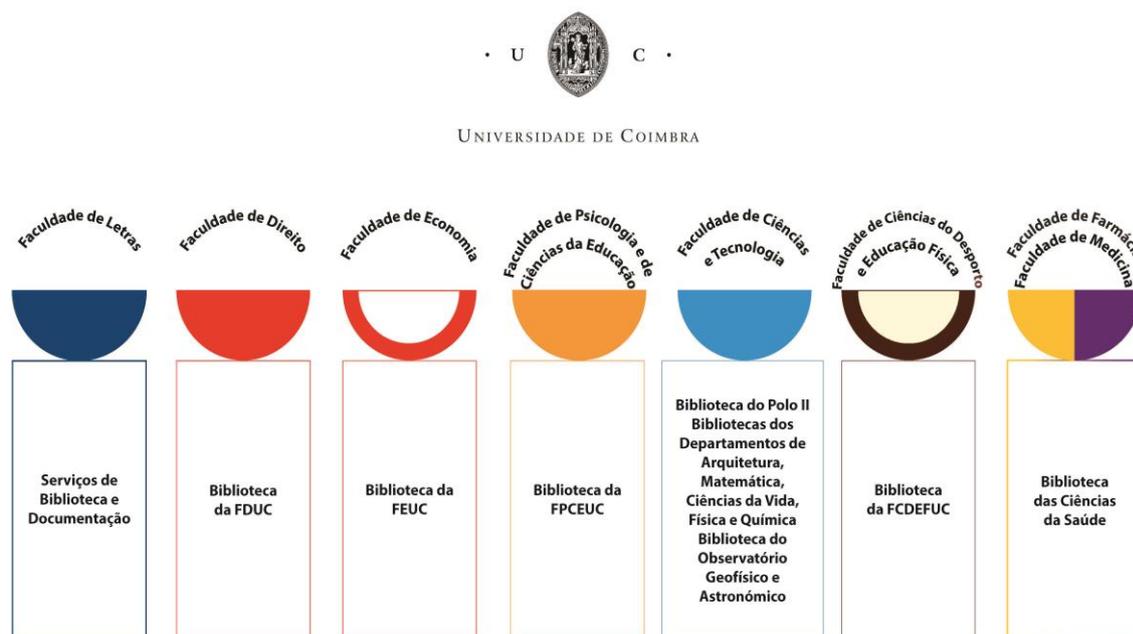


Figura 25: Bibliotecas das Faculdades da UC

Fonte: Elaboração própria.

O CAUC é uma unidade orgânica de ensino e investigação da UC que opera no campo da arte contemporânea. “Como apoio à investigação e ao ensino, funcionam no Colégio das Artes os Serviços de Biblioteca e Documentação” (art.º 26.º da Deliberação n.º 3062/2009, de 9 de novembro), que integram todos os fundos bibliográficos aí existentes. Apesar de regulamentado o funcionamento dos supramencionados serviços, na prática, o acervo do CAUC é disponibilizado na biblioteca do Departamento de Arquitetura (DARQ) da FCTUC.

Na UC existem também bibliotecas ligadas a centros de investigação, como a Biblioteca Norte/Sul (BN/S) do Centro de Estudos Sociais (CES) e a Biblioteca do Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX (CEIS20).

O CES, criado em 1978 como associação de natureza privada sem fins lucrativos, “é um Laboratório Associado do MEC, desde 2002, vocacionado para a investigação e formação avançada nas diversas áreas das ciências sociais e humanas” (Universidade de Coimbra. Centro de Estudos Sociais, 2016).

De acordo com o art.º 2.º dos respetivos Estatutos, trata-se de “uma instituição científica vocacionada para a investigação interdisciplinar e transdisciplinar e tem por

missão principal a investigação no âmbito das ciências sociais e das humanidades, abrangendo ainda, sempre que adequado, outros domínios científicos”²¹⁴.

O Centro é membro do IIIUC (unidade orgânica de ensino e investigação). O projeto da BN/S (ver figura 26) teve início em 1998, sendo atualmente parte integrante do referido Laboratório Associado, que:

(...) pretende oferecer um acervo bibliográfico alternativo – prioritariamente, mas não exclusivamente constituído por monografias e publicações periódicas - resultante da produção científica realizada nos países do hemisfério Sul (o chamado "terceiro mundo") na área das ciências sociais e humanas, a qual, em geral, é pouco conhecida nos países do Norte. (...) Inclui ainda produção científica dos países do Norte sobre os países do Sul e é um projeto em fase de expansão (...) (Carvalho, 2015, p. 366).



Figura 26: Biblioteca Norte/Sul do CES

Fontes: <https://www.ces.uc.pt/biblioteca/> e <https://guiamultimedia.wordpress.com>

O CEIS20, “organizado em 1997, é uma unidade de investigação interdisciplinar de investigação financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) desde 1998”, vinculada atualmente ao IIIUC. No âmbito da sua missão, “tem por objetivo a realização de investigação científica, em articulação com tarefas de ensino e formação, divulgação,

²¹⁴ “Tem ainda por missão o desenvolvimento de atividades de formação em estudos avançados, nomeadamente programas de doutoramento e pós-doutoramento, a participação em redes de investigação interdisciplinares e transdisciplinares, nacionais e internacionais, o desenvolvimento de atividades de formação contínua, nos domínios profissional e académico, a promoção e difusão da cultura científica e a realização de atividades culturais” (art.º 2.º dos Estatutos do CES, que podem ser consultados em: <https://www.ces.uc.pt/ces/>).

extensão e prestação de serviços no âmbito dos saberes ligados às ciências sociais e humanas” (art.º 2.º dos respetivos Estatutos)²¹⁵.

Localiza-se em Coimbra, na rua Augusto Filipe Simões, n.º 33 (junto ao Penedo da Saudade) e integra uma biblioteca especializada no âmbito da investigação desenvolvida, bem como a biblioteca Seabra Dinis (por doação da família)²¹⁶ (ver figura 27).

O Centro começou por enriquecer a sua biblioteca através da oferta de livros e da “permuta de revistas científicas e/ou culturais, em especial referentes ao século XX” (...) (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, 2001, p. [1])²¹⁷.

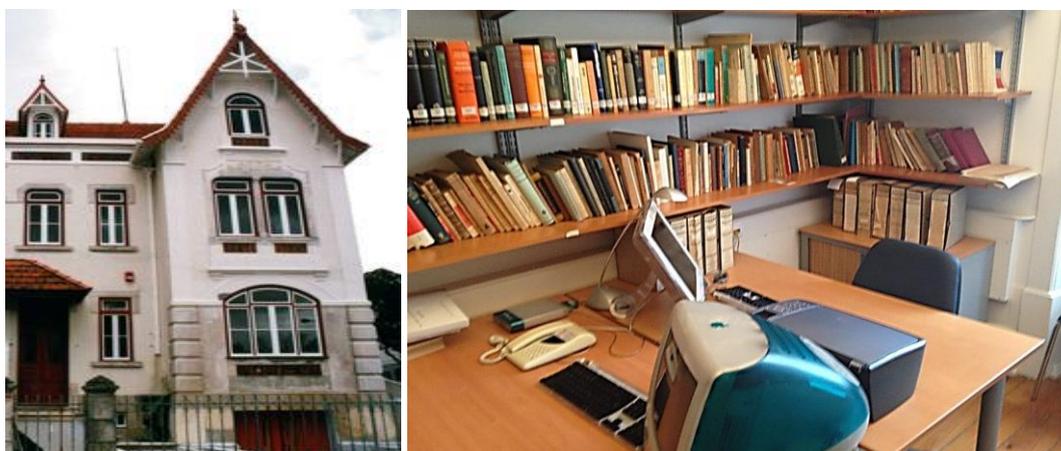


Figura 27: CEIS20 (fachada do edifício e sala da coleção Seabra Dinis)

Fonte: <http://www.uc.pt/iii/ceis20>

O RÓMULO - Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra (RÓMULO - CCVUC), criado em 2008, com dependência orgânica do IIIUC²¹⁸, localiza-se no Departamento de

²¹⁵ Estatutos do CEIS20 disponíveis em: <http://www.uc.pt/iii/ceis20/Apresentacao/EstatutosCEIS20>

²¹⁶ Joaquim Seabra-Dinis (1914-1996) formou-se em Medicina pela UC. “O Grupo de História e Sociologia da Ciência e Tecnologia do CEIS20 propõe-se motivar a comunidade científica portuguesa a apresentar projectos de investigação sobre Joaquim Seabra-Dinis (o médico, o cientista e o cidadão) no quadro da cultura humanística-científica da sua época, tendo como ponto de partida o espólio bibliográfico e documental doado pela família (Dr^a Lina Seabra Dinis e Dr. Armando Myredores) ao CEIS20. Este espólio, inaugurado em 4 de Março de 2004 em cerimónia pública integrada na Semana Cultural da Universidade de Coimbra – Ciência e Sociedade (A cultura científica em Portugal e no mundo), é oficialmente denominado Biblioteca Joaquim Seabra-Dinis” (...). Informação disponível em: http://www.uc.pt/iii/ceis20/Biblioteca/Biblioteca_SeabraDinis

²¹⁷ O CEIS20 publica os “Cadernos do Ceis20” desde 2000, e a revista “Estudos do século XX” desde 2001.

²¹⁸ O IIIUC constitui, perante a UC, a sede orgânica do Centro, “proporcionando suporte à gestão em geral, bem como suporte a iniciativas e gestão de projectos, com autonomia da direcção do Centro. O Centro, por sua vez, constitui um importante instrumento da UC, organicamente intermediado pelo IIIUC, para a

Física (DF) da FCTUC e é um “centro de recursos para o ensino e aprendizagem das ciências e difusão da cultura científica”²¹⁹ integrado na Rede Nacional de Centros Ciência Viva²²⁰.

Com o objetivo de contribuir para o alargamento da cultura científica e tecnológica, atraindo os mais jovens para a ciência, desenvolve diversas atividades de divulgação científica, recebe alunos das escolas básicas e secundárias portuguesas e disponibiliza a Biblioteca Rómulo de Carvalho (ver figura 28). Integrada no SIBUC, esta biblioteca apresenta:

“acesso livre a documentos de diferentes áreas do conhecimento relacionadas com a cultura científica, em diferentes suportes, desde livros, revistas, DVD, CD, VHS, com software e filmes (documentários) e oito computadores Machintosh com acesso livre à Internet” (RÓMULO - Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra, 2016).



Figura 28: RÓMULO - CCVUC

Fontes: <http://noticias.uc.pt/universo-uc/dialogos-com-ciencia-apresentado-no-romulo/>;
<http://www.uc.pt/iii/romuloccv/apresentacao>

concretização do seu objectivo de disseminação da cultura científica”. Informação disponível em: <http://www.uc.pt/iii/ccvrc>

²¹⁹ RÓMULO – Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra. Informação disponível em: <http://nautilus.fis.uc.pt/rc/?cat=12>

²²⁰ “A Ciência Viva - Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica foi criada em 1996 para promover a cultura científica e tecnológica na sociedade portuguesa, com especial ênfase nas camadas mais jovens da população. Um dos seus eixos de actuação é a Rede Nacional de Centros Ciência Viva, constituída actualmente por 20 Centros Ciência Viva que percorrem todo o território nacional. Estes Centros são espaços interactivos de divulgação científica e tecnológica e funcionam como plataformas de desenvolvimento regional - científico, cultural e económico - através da dinamização dos actores regionais mais activos nestas áreas”. Informação disponível em: <http://www.cienciaviva.pt/centroscv/>

A 24 de novembro de 2012, “foi inaugurada uma segunda sala do Centro, que passou a incorporar todo o fundo bibliográfico do extinto Museu Nacional da Ciência e da Técnica (1976-2012), fundado pelo Doutor Mário Silva”²²¹. Posteriormente, “parte do fundo de Matemática da biblioteca” do supramencionado museu foi incorporado na Biblioteca Matemática, no “início de 2015, por proposta do professor Carlos Fiolhais”, diretor do RÓMULO - CCVUC (Universidade de Coimbra. Biblioteca Matemática, 2015, p. 3).

No que respeita aos Centros de Documentação da UC, identificam-se três unidades: o CD25 de Abril, o Centro de Documentação Europeia (CDE) e o Centro de Documentação Áudio e Braille (CDAB).

O CD25 de Abril foi criado no âmbito da Reitoria da UC, em dezembro de 1984, por proposta de um grupo de docentes ligados ao CES,

(...) e visa recuperar, organizar e pôr à disposição da investigação científica o valioso material documental disperso pelo país e estrangeiro sobre a transição democrática portuguesa (o 25 de Abril de 1974, os acontecimentos preparatórios e as suas principais consequências), mas também sobre toda a segunda metade do século vinte português (Universidade de Coimbra. Centro de Documentação 25 de Abril, 2015).

Segundo os Estatutos da UC (Despacho Normativo nº43/2008, de 1 de setembro), o referido Centro adquiriu o estatuto de UECAF. Desde a sua fundação teve como missão, recuperar um imenso material disperso pelo país, na posse de pessoas ou organizações sociais, políticas, culturais e religiosas, e a organizá-lo de modo a poder torná-lo disponível para os interessados em conhecer e compreender tanto os acontecimentos preparatórios como o período posterior ao 25 de Abril de 1974. Tornou-se pioneiro em Portugal, na recolha sistemática de arquivos e fundos documentais privados, dispondo hoje de um acervo documental muito rico e volumoso, proveniente das ofertas feitas por cerca de trezentos doadores (Centro de Documentação 25 de Abril, 2014, p. [1]).

Localizado em Coimbra, inicialmente na rua Antero de Quental, nº 195, mudou em 1989 para a rua Augusta, n.º 25, e acaba de concretizar (junho 2016) a mudança de

²²¹ Informação disponível em: <http://www.uc.pt/iii/romuloccv/apresentacao>. O Museu Nacional da Ciência e da Técnica Doutor Mário Silva foi integrado na UC em 2012 (Decreto-Lei n.º 28/2012, de 8 de fevereiro).

instalações para o edifício recuperado do Colégio da Graça (ver figura 29) – colégio universitário do séc. XVI, localizado na rua da Sofia, n.º 138 – área classificada Património Mundial – Universidade de Coimbra Alta e Sofia.



Figura 29: Centro de Documentação 25 de Abril (fachada e interior do edifício)

Fonte: https://www.facebook.com/cd25a/photos_stream

O CD25 de Abril disponibiliza uma biblioteca especializada (monografias e publicações periódicas), acervo arquivístico (fundos e coleções de documentos de arquivos privados), coleções especiais (fotografias, cartazes, recortes de imprensa, panfletos, comunicados, registos áudio e vídeo) e objetos de tipologia variada²²² que constituem um pequeno núcleo museográfico.

Assim, ele é sobretudo uma biblioteca especializada vocacionada para apoiar investigadores e alunos universitários (7000 títulos de monografias e 300 títulos de jornais e revistas). Colecciona livros e material não livro (microfichas, registos vídeo e sonoro) mas também material impresso e manuscrito diverso (panfletos e comunicados), iconografia variada e rara, o que o aproxima de um museu documental. Por outro lado, sempre acolheu doações de arquivos privados, o que o tornou rapidamente num dos mais ricos arquivos de história portuguesa, o principal arquivo nacional sobre os acontecimentos de 25 de Abril de 1974. Mas como centro de documentação

²²² Na primeira edição do “Catálogo do Núcleo Museográfico do Centro de Documentação 25 de Abril” surgem inventariadas cerca de 170 peças (Universidade de Coimbra. Centro de Documentação 25 de Abril, 2016). Este núcleo “não é uma coleção fácil de descrever ou de interpretar. Este facto resulta de os vários objectos que constituem este acervo não se resumirem apenas ao 25 de Abril de 1974, mostrando de igual modo a história do antes, do depois e do próprio Centro de Documentação. De igual modo, a coleção resulta de várias doações e aquisições, criando um espólio diversificado onde é difícil criar correlações entre os vários objectos” (Centro de Documentação 25 de Abril, 2013, p. 5). O referido catálogo pode ser consultado em: https://issuu.com/ucd25/docs/catalogo_nm_cd25a_?e=5572664/6734612

especializado, é ainda utilizado por um conjunto significativo de leitores do ensino secundário, ou simples curiosos da história local e política recente, que procuram as obras de síntese, as enciclopédias especializadas, os recortes de imprensa, os registos vídeo. E nessa medida o Centro funciona também como biblioteca escolar ou mesmo biblioteca de leitura pública” (Centro de Documentação 25 de Abril, 2013, p. 3).

Trata-se, na realidade, de um subsistema de informação da UC, que associa características de diferentes tipos de serviços: arquivo, biblioteca, museu e centro de documentação²²³.

O CDE é um “Centro europeu de informação²²⁴ - o primeiro a ser criado em Portugal, em 1974²²⁵ -, ao abrigo do estatuto concedido pela Comissão das Comunidades Europeias ao Centro Interdisciplinar de Estudos Jurídico-Económicos (CIEJE)”. Localizado na rua de Aveiro, Conchada, tem como objetivo principal “apoiar a Universidade na promoção e desenvolvimento de estudos e investigação em matérias comunitárias. O CDE (ver figura 30) faculta ainda, ao público em geral, o acesso à informação sobre a União

²²³ “É uma *biblioteca erudita* vocacionada para apoiar investigadores e alunos universitários. Colecciona livros e material não livro (registos vídeo e sonoros) mas também material impresso e manuscrito diverso (panfletos, comunicados, recortes de imprensa), iconografia rara variada e objectos, o que o aproxima de um *museu documental*. Por outro lado, e porque não há em Portugal nem uma política oficial nem uma prática institucionalizada de recolha sistemática de arquivos e papéis privados considerados de interesse público, sempre acolheu doações de arquivos privados o que o tornou rapidamente num dos mais ricos arquivos de história portuguesa do século 20, o principal *arquivo* nacional sobre os acontecimentos políticos de 25 de Abril de 1974, seus antecedentes – a oposição e resistência à ditadura sobretudo a partir do final da década de 50 – e consequências – do pós 25 de Abril ao período constitucional, que culmina com a eleição do primeiro Governo em 1976. Mas, como centro de documentação especializado, é muito utilizado por alunos do ensino secundário, ou por simples curiosos da história social e política recente, que procuram as obras de síntese, as enciclopédias especializadas, os recortes de imprensa, os registos vídeo. E nessa medida o Centro funciona também como *biblioteca escolar* ou mesmo *biblioteca de leitura pública*. Não se limitou a recolher, conservar e catalogar a documentação produzida mas, conhecendo cada vez melhor as suas colecções e confrontando-se com o facto de detectar importantes zonas lacunares de informação, dá início, em 1990, ao Projecto de História Oral sobre o 25 de Abril. Com cerca de 200 horas de entrevistas já gravadas tornou-se também um *arquivo de história oral*. Aproveitando o aparecimento das novas tecnologias e a explosão e a disseminação de documentos electrónicos, logo em 1994 o Centro criou um sítio na Internet e, no mundo virtual, instalou o catálogo bibliográfico em linha e disponibilizou documentos em texto integral, tornando-se assim num dos primeiros *arquivos e bibliotecas digitais*” (Centro de Documentação 25 de Abril, 2014, pp. [2-3]).

²²⁴ “Os Centros de Documentação Europeia estão vocacionados para ajudar os estabelecimentos de ensino superior e de investigação a promover e desenvolver o ensino e a investigação sobre temas europeus”. Os Centros “têm um papel especial no apoio a estudantes, docentes universitários e investigadores, estando no entanto abertos ao público em geral” (EUROCID, 2016).

²²⁵ Em Portugal, existem dezanove Centros de Documentação Europeia, sendo cerca de 390 na União Europeia. A rede nacional de Centros pode ser consultada em: http://www.euroid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p_cot_id=7426

Europeia e suas políticas.” Em julho de 2010 passou a integrar os serviços da FDUC, “estando juridicamente associado à Faculdade” (Universidade de Coimbra. Centro de Documentação Europeia, 2016).



Figura 30: Centro de Documentação Europeia

Fonte: Galeria de fotos - CDE Coimbra.

O acervo do CDE é constituído pelas publicações oficiais das várias Instituições da União Europeia (UE)²²⁶ (monografias, publicações periódicas, documentos audiovisuais, obras de referência, mapas, cartazes), possibilitando o acesso à sua base de dados, constituída desde 1988, que inclui documentação europeia em texto integral. Uma vez que a UE passou a editar, maioritariamente, as suas publicações em suporte digital, este Centro encontra-se presentemente (setembro 2016) encerrado para reorganização.

O CDAB, localizado no Colégio de São Jerónimo (polo I – ver figura 31), integra, desde 2012, o Núcleo de Integração e Aconselhamento (NIA) - na área de apoio ao estudante com necessidades educativas especiais (AENEE)²²⁷ dos SASUC.

²²⁶ Lista de Instituições e outros organismos da UE disponibilizada em: http://europa.eu/about-eu/institutions-bodies/index_pt.htm

²²⁷ O AENEE “tem por missão a inclusão destes estudantes no contexto académico, contribuir para um ensino de qualidade, bem como a identificação de barreiras físicas, de comunicação e informação que obstem à integração social e escolar destes estudantes.” Informação disponível em: http://www.uc.pt/sasuc/Pesquisa_Rapida/Nucleo_Integracao_Aconselhamento/nee

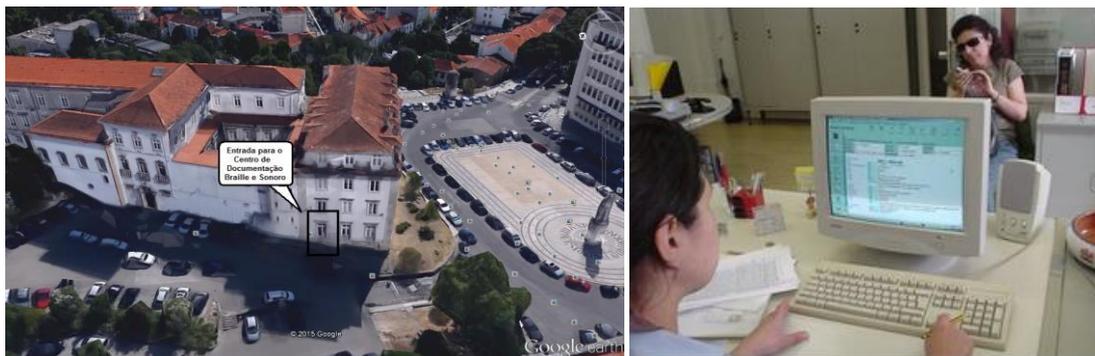


Figura 31: Centro de Documentação Áudio e Braille (localização do Centro e sala de trabalho)

Fonte: Google earth e www.deec.uc.pt

A sua origem “deve-se à capacidade organizativa e reivindicativa de um grupo de estudantes universitários com deficiência visual e à sensibilidade do Secretário-Geral da Universidade para os problemas dos estudantes que, de imediato, concretizou um modelo de resposta às necessidades mais prementes por eles sentidas” (Universidade de Coimbra. Departamento Académico, 2015). Regista-se, em traços gerais, a génese e evolução do serviço da UC:

1985 - é organizado, na dependência dos Serviços Académicos da Universidade, um Núcleo de Apoio ao Estudante Deficiente Visual para produção de textos em linguagem Braille e em áudio, bem como a reprodução de cassetes (fonocópia). (...)

1989 - reformulação do Núcleo de Apoio, sendo então criado o “Serviço de Apoio ao Estudante Deficiente”. O seu público-alvo passa a englobar todos os estudantes com deficiência - visual, motora, auditiva e situações de incapacidade geradas por doença orgânica. Alargamento da sua área de intervenção aos domínios didáticos e pedagógicos. (...) Dinamização de um centro produtor de obras em Braille e suporte áudio, criando matrizes para depósito vivo. (...) Criação de um centro de documentação Braille e sonoro. (...)

1993 - o Serviço de Apoio é oficialmente criado pelo Senado da Universidade, passando a designar-se por “Gabinete de Apoio Técnico-Pedagógico ao Estudante Deficiente”. Desde então, ampliaram-se as instalações, informatizou-se a produção de Braille; carregou-se na base de dados da PORBASE o catálogo do espólio existente (cerca de 1.000 títulos); adquiriu-se equipamento informático para um posto de trabalho (autónimo) dos estudantes cegos e amblíopes; ministrou-se formação aos estudantes deficientes visuais para utilização dos equipamentos. (...)

2003 - com a reestruturação dos Serviços da Administração, o Gabinete passou a designar-se “Apoio Técnico-Pedagógico a Estudantes com Deficiência” (ATPED), integrado na Divisão Técnico-Pedagógica (...) (Universidade de Coimbra. Departamento Académico, 2015)²²⁸.

Atualmente, no âmbito do apoio prestado pela UC aos seus estudantes com deficiência ou com necessidades educativas especiais, a ação do AENEE “organiza-se em torno de quatro áreas de intervenção”: Acolhimento e acompanhamento personalizado; Centro de produção de materiais didáticos em formato alternativo; Formação em Novas Tecnologias de Informação e Comunicação; Centro de Documentação ou Centro de Consulta Bibliográfico.

Assim, o NIA compreende um Centro de Produção de Materiais Didático-Pedagógicos²²⁹ (CPMDP) – “em suporte alternativo ao livro convencional para todos os estudantes com deficiência visual (cegos e amblíopes), em braille (suporte papel ou digital), áudio, caracteres ampliados e relevos” – e o CDAB ou Centro de Consulta Bibliográfico.

O NIA “disponibiliza aos estudantes cegos um catálogo em suporte digital (RTF, PDF e MP3), em constante atualização, do espólio produzido pelo Centro de Produção.” Deste catálogo fazem parte as obras que constam do acervo do Centro de Documentação (Universidade de Coimbra. Núcleo de Integração e Aconselhamento. Necessidade Educativas Especiais, 2016). A UC participa na Biblioteca Aberta do Ensino Superior (BAES)²³⁰ através da cooperação entre o SIBUC e o NIA.

²²⁸ Qualquer cidadão que consulte a informação disponibilizada na página web do ATPED, disponível em http://www.uc.pt/depacad/atped/historico_atped/, conclui que este serviço pertence ao Departamento Académico da UC. Todavia, integra, desde 2012, o NIA – SASUC (cuja página web pode ser consultada em: http://www.uc.pt/sasuc/Pesquisa_Rapida/Nucleo_Integracao_Aconselhamento). Esta situação deve-se ao facto de continuarem a coexistir no domínio uc.pt páginas que não são atualizadas/eliminadas.

²²⁹ “A atividade do Centro de Produção aumentou significativamente, registando-se 250 pedidos, maioritariamente no âmbito de pedidos de suporte digital (51,2%) e de materiais em braille (31,2%). Em 2015, o Centro de Produção abriu a sua atividade a entidades externas à UC” (Universidade de Coimbra, 2016, p. 62).

²³⁰ “A BAES é uma biblioteca digital com conteúdos acessíveis à comunidade de utilizadores com necessidades especiais”, disponibiliza atualmente “mais de 3000 títulos em Braille, áudio e texto integral, na área das Ciências Sociais e Humanas.” Resulta de um projeto “em parceria entre as Universidades do Porto, Minho, Aveiro, Coimbra, Évora, Lisboa - Reitoria, Faculdades de Letras e de Ciências da Universidade de Lisboa e Trás-os-Montes e Alto Douro.” O NIA “dispõe de postos de acesso para invisuais e amblíopes, softwares específicos para leitura e escrita de música em Braille, equipamentos mecânicos para deficientes motores tais como um teclado inteligente, um braço articulado, dispositivo para virar folhas de livros, manípulo e simulador de rato, entre outros.” Informação disponível em: <http://www.uc.pt/sibuc/BAES>

No que respeita aos Museus, explicita-se seguidamente a complexidade e realidade estrutural identificada na UC.

O MCUC é uma unidade que integra um acervo museológico único, a nível nacional, e de grande valor internacional, que compreende cerca de 240.000 objetos “distribuídos por quatro categorias principais - História Natural, Etnografia, Instrumentos Científicos, Modelos [didáticos] - e ainda mais de duas mil obras em papel que incluem livro antigo, cartografia, painéis pedagógicos e arquivos” (Universidade de Coimbra. Museu da Ciência, 2016).

As coleções de ciência da UC são as mais antigas e significativas do país, tendo o seu núcleo forte tido origem na Reforma Pombalina da Universidade ocorrida no último quartel do século XVIII e que estabeleceu as bases para o ensino e investigação científica moderna em Portugal. A intervenção do Marquês de Pombal criou novas faculdades, a Faculdade de Filosofia e a de Matemática, e construiu equipamentos apropriados ao ensino das ciências utilizando os edifícios jesuítas que reconstruiu e recriou. Assim nasceu o primeiro museu universitário português, o Gabinete de História Natural, localizado no Colégio de Jesus²³¹, juntamente com o Gabinete de Física²³², o Teatro Anatómico e o Dispensatório Farmacêutico. Foram também criados noutros locais o Laboratório Chimico, o Observatório Astronómico e o Jardim Botânico (Universidade de Coimbra. Museu da Ciência, 2016).

²³¹ Com a expulsão da Companhia de Jesus em 1759, o Colégio foi remodelado para acolher as novas Faculdades de Filosofia Natural e Matemática, sendo ali que se encontra a Galeria de História Natural. A Sala Vandelli homenageia Domenico Vandelli (1735-1816), fundador do Museu e do Jardim Botânico da UC. Na Sala do Mar encontram-se os esqueletos de uma baleia-comum com 20 metros de comprimento e de uma orca, e ainda uma coleção de tubarões da costa portuguesa (final do séc. XIX). Evoca-se, ainda, o rei D. Carlos, enquanto pioneiro da oceanografia em Portugal. Na Sala de África encontram-se vários espécimes representativos da fauna africana, nomeadamente de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Madagascar e Cabo. A sala da Galeria de História Natural onde se encontram todos os grupos de espécies minerais é dedicada a José Bonifácio de Andrade e Silva, professor em Coimbra que participou na resistência durante as invasões francesas e foi figura central do processo de independência no Brasil.

²³² O Gabinete de Física, criado em 1772 durante a Reforma Pombalina e classificado Sítio Histórico pela Sociedade Europeia de Física em 2016, é o cenário da banda desenhada “O Segredo de Coimbra” da autoria de Étienne Schréder.



Figura 32: Museu da Ciência da UC. *Laboratório Chimico* e Galeria de Zoologia

Fonte: Museu da Ciência.

Este museu (ver figura 32) localiza-se no renovado *Laboratório Chimico*²³³ (Laboratório Químico) (inaugurado em dezembro 2006)²³⁴, em grande parte do edifício do Colégio de Jesus²³⁵, do Colégio S. Bento e na cave do edifício do DF da FCTUC.

De acordo com o art.º 2.º do respetivo regulamento interno²³⁶, o Museu “iniciou funções a 5 de Dezembro de 2006. A 5 de Julho de 2007, foi constituída a Fundação Museu da Ciência, pessoa colectiva de direito privado, com sede no edifício do Laboratório Chimico, na Praça Marquês de Pombal, em Coimbra”. A Fundação instituída tem o seguinte fim:

²³³ Edifício neoclássico construído para o ensino da Química, entre 1773 e 1777. Sofreu a sua última remodelação em 2006, com vista à instalação da sede do MCUC. Trata-se do mais antigo laboratório do país e um dos mais antigos da Europa, remodelado e adaptado como espaço museológico. “Esta construção materializa a ideologia iluminista do ensino prático da ciência em que o trabalho laboratorial se tornou central na formação de médicos, farmacêuticos e estudantes da recém criada Faculdade de Filosofia”. Informação disponível em:

<http://www.museudaciencia.pt/index.php?module=content&option=museum&action=project&mid=5>

²³⁴ O Museu recebeu “a Menção Honrosa para Museu do Ano da APOM [Associação Portuguesa de Museologia] em 2007, assim como o Prémio Micheletti de melhor museu europeu do ano na categoria de ciência, tecnologia e indústria, pelo Fórum Europeu dos Museus em 2008”. Informação disponível em: <http://www.museudaciencia.pt/index.php?module=content&option=museum&action=project>. Destaca-se também, entre outros, o prémio que a Sociedade Europeia de Física atribuiu ao Gabinete de Física da UC em 2016 - nomeação de Sítio Histórico EPS (European Physical Society, criada em 1968). “The EPS Historic Sites Award commemorates places in Europe important for the development and the history of physics”. Informação disponível em: http://www.eps.org/?page=distinction_sites

²³⁵ Encontra-se em fase de projeto a segunda fase da adequada instalação do Museu no referido colégio. “Construído inicialmente pela Companhia de Jesus (jesuítas) a partir de 1542 – o que o torna no colégio jesuíta mais antigo do mundo – é transferido para a Universidade em 1759, aquando da expulsão da Companhia de Jesus de Portugal, pelo Marquês de Pombal. Vai tornar-se o centro de toda a Reforma Pombalina da Universidade, a partir de 1772. São criadas duas novas Faculdades, Filosofia Natural e Matemática, e o Colégio é profundamente remodelado para as acolher. Ainda e no local do antigo refeitório do Colégio, manda construir o Laboratório Chimico, hoje o Museu da Ciência”. Informação disponível em: <http://www.uc.pt/informacaopara/visit/paco/colegio>

²³⁶ Disponível em: http://www.museudaciencia.org/uploads/files/museu_da_ciencia_regulamento_interno.pdf

(...) a administração e exploração do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, como pólo educativo e centro interdisciplinar de produção e divulgação científica e cultural, instalado no edifício do Laboratório Chimico e em parte do Colégio de Jesus, ao qual cabe a gestão integrada das colecções e peças de museologia científica pertencentes à Universidade de Coimbra (art.º 4.º dos Estatutos da Fundação Museu da Ciência)²³⁷.

Em 2009, aquando da publicação dos Estatutos da FCTUC (art.º 55.º do Regulamento n.º 235/2009, de 8 de junho) ainda pode ler-se: “Mantêm-se os actuais Museu de Física e Museu de História Natural até à passagem para a gestão da Fundação do Museu da Ciência das colecções museológicas à sua guarda.” Tratou-se e trata-se, efetivamente, de um processo em curso que levou algum tempo a concretizar.

Tendo o MCUC como missão “a constituição de um grande centro nacional de difusão da cultura científica e tecnológica, contribuir para inspirar e motivar os cidadãos para a ciência e contribuir para o conhecimento científico e de história da ciência, baseado nas colecções da Universidade de Coimbra” (art.º 5.º do respetivo regulamento interno), apresenta as seguintes exposições permanentes:

- *Segredos da Luz e da Matéria*, no edifício do *Laboratorio Chimico*.
- *Gabinete de Física*, no edifício do Colégio de Jesus.
- *Galeria de Zoologia*, no edifício do Colégio de Jesus.
- *Galeria de Geologia e Mineralogia*, no edifício do Colégio de Jesus.
- *Galeria de Botânica*, no edifício do Colégio S. Bento.
- *Reservas de Antropologia*, no edifício do Colégio S. Bento²³⁸.

O Museu Académico²³⁹ constituiu-se como Galeria Académica do MCUC. “O primeiro núcleo museológico dedicado à vida académica na UC foi criado em 1951”. Funciona desde 1987 no Colégio de S. Jerónimo, e integra:

(...) testemunhos históricos ligados à vida académica, à Universidade e à cidade de Coimbra, entre os quais se destaca o Núcleo da Canção de Coimbra com instrumentos,

²³⁷ Anúncio n.º 3289/2008, de 9 de maio.

²³⁸ As exposições permanentes *Segredos da Luz e da Matéria* e *Gabinete de Física* podem ser visitadas sem marcação prévia ou acompanhamento técnico; as restantes carecem de marcação prévia e de acompanhamento técnico. Estão ainda patentes ao público exposições temporárias, no edifício do *Laboratorio Chimico*, que podem ser visitadas sem acompanhamento técnico, no horário de funcionamento do Museu (de terça-feira a domingo, das 10h00 às 18h00) e inscrevem-se no respetivo plano de atividades.

²³⁹ Informação disponível em: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=events&option=calendar&id=583>

discos, gravações, partituras, o Núcleo dos Troféus Desportivos da Associação Académica de Coimbra e o Núcleo Camoniano, entre outros (Universidade de Coimbra. Museu da Ciência, 2016).

Paulatinamente, procura-se juntar no MCUC (física e/ou virtualmente) todas as coleções científicas da UC²⁴⁰; para além das categorias principais referidas anteriormente, assinala-se a existência de diversas outras, como as de Antropologia, Astronomia²⁴¹, Botânica, Farmácia, Física, Medicina, Mineralogia e Geologia, Química e Zoologia, Antropologia, Botânica, Etnográficas, Geologia, Mineralogia e Zoologia²⁴².

De modo a perceber-se um pouco melhor este vasto acervo museológico da UC, procurou-se sistematizar a informação recolhida (ver tabela 5).

²⁴⁰ O atual projeto deste Museu procura reunir as coleções acumuladas que deram origem aos museus de ciência da Universidade. Informação disponível em: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=content&option=museum&action=project>

²⁴¹ Destaca-se o valioso acervo de instrumentos científico-tecnológicos. “O Observatório Geofísico e Astronómico dispõe de um acervo museológico constituído por um vasto número de instrumentos de observação e medição astronómica e geofísica. Conta ainda na sua coleção com mapas e cartas celestes. A maioria do espólio é constituído por peças dos séc. XVIII e XIX”. Informação disponível em: <http://www.astro.mat.uc.pt/novo/observatorio/site/index2.html>

²⁴² Na página web do Museu é possível consultar uma breve descrição destas coleções: <http://www.museudaciencia.pt/index.php?module=content&option=collections&action=description>

| Coleção científica | Breve Descrição |
|--------------------------------|---|
| Antropologia | Coleções etnográficas e de osteologia humana (cerca de 4000 objetos), que tem como núcleo inicial a coleção recolhida na Viagem Philosophica à Amazónia por Alexandre Rodrigues Ferreira, no séc. XVIII. As coleções etnográficas, recolhidas na sua maioria durante o séc. XIX, representam Portugal e os países de expressão portuguesa: Brasil, Angola, Moçambique, S. Tomé, Guiné, Macau, Timor e Goa, entre outros. A coleção de osteologia humana inclui um conjunto de 500 esqueletos completos e cerca de 2000 crânios (exemplares com documentação sobre a origem e as características de cada indivíduo). Existe, também, uma coleção de modelos de frenologia. |
| Astronomia | O núcleo mais antigo desta coleção deriva da atividade científica do Observatório Astronómico ²⁴³ , situado no Paço das Escolas desde 1799 (transferido para Santa Clara em 1951), que incidia no estudo da astronomia e da matemática para a geografia e navegação. Integra cerca de 1000 objetos que incluem mais de 200 instrumentos de observação, na sua maioria de média e grande dimensão, complementados por um conjunto de acessórios e ferramentas; um arquivo de mais de 30.0000 espectros solares; uma coleção de desenhos, mapas e cartas celestes e um núcleo de livro antigo. |
| Botânica | Coleção de mais de 3000 exemplares de frutos, sementes e ramos, conservados em seco ou em líquido, e produtos vegetais (resinas, gomas, fibras, cascas e madeiras) do Brasil e países africanos de expressão portuguesa. Destaca-se uma coleção de cerca de 400 modelos de flores e frutos, em cera e papier-maché, de finais do séc. XIX, das casas produtoras de modelos na Europa: Ziegler, Brandel, Vasseur e Auzoux. Inclui uma coleção de fósseis de plantas, de instrumentos (microscópios e lupas), e artefatos produzidos com materiais vegetais. Não inclui o Herbário ²⁴⁴ da UC. |
| Farmácia ²⁴⁵ | Coleção de cerca de 1000 objetos e instrumentos científicos, a maioria do séc. XX, |

²⁴³ O Observatório Astronómico da UC foi demolido na década de 50 do século XX. Parte do seu acervo encontra-se no MCUC.

²⁴⁴ Coleção “de plantas, desde pequenas algas a grandes árvores. As plantas (ou parte delas) são prensadas e secas, montadas em folhas de cartolina (30x42 cm), identificadas, etiquetadas e dispostas ordenadamente segundo classificações internacionalmente reconhecidas” (Universidade de Coimbra. Herbário da Universidade de Coimbra, 2016).

²⁴⁵ Esta coleção corresponde apenas a parte do acervo farmacêutico da UC. “O património histórico-farmacêutico compreende um número significativo de peças (mais de dois milhares). Este património pode ser segmentado em diversas áreas: fármacos vegetais, animais e minerais, coleções de referência, matérias-primas para a produção de medicamentos, medicamentos preparados, dispositivos médicos, aparelhos e utensílios para higiene e saúde pública, mobiliário, documentação e meios audiovisuais, documentação em papel e finalmente por instrumentos e aparelhos usados na produção de medicamentos. Nestes últimos incluem-se: instrumentos laboratoriais de aplicação farmacêutica, aparelhos e instrumentos de medida, aparelhos de aquecimento e esterilização, aparelhos e instrumentos para controlo analítico,

| | |
|-------------------------------|--|
| | que se encontrava nos laboratórios dos departamentos de Bioquímica, Bromatologia, Farmacognosia, Farmacologia, Métodos Instrumentais de Análise, Microbiologia e Química Farmacêutica, mas sobretudo no Laboratório de Galénica e Tecnologia Farmacêutica. Inclui equipamentos de grande dimensão (estufas, autoclaves e máquinas de fabrico de comprimidos). |
| Física | Coleção com mais de 3000 objetos (instrumentos científicos e didáticos de física dos séculos XVIII e XIX), e livro antigo (cerca de 500). Nas salas originais do <i>Gabinete de Fysica Experimental</i> ²⁴⁶ , criado em 1772, podem-se apreciar os instrumentos que outrora fizeram parte do ensino e da investigação ²⁴⁷ . |
| Medicina | A coleção médica tem como núcleo organizado o acervo de anatomia patológica (criado em 1865), que inclui mais de 1000 espécimes de lesões em patologia humana e animal, conservados a seco e em meio líquido, e 200 modelos de patologia humana em cera e materiais diversos, assim como equipamento usado nesta disciplina. Coleções de outros departamentos: Anatomia normal, Bacteriologia, Biologia médica, Farmacologia, Fisiologia, Higiene, Histologia, Medicina Legal, Oftalmologia, Terapêutica, entre outros. Estima-se que a coleção médica, no seu conjunto, atinja mais de 5000 peças, e inclui espécimes anatómicos como esqueletos e modelos humanos de autoria de artistas franceses (Auzoux, Tramond, Vasseur e Baretta), um herbário de plantas medicinais, preparações histológicas, equipamento diversificado e instrumentos científicos do séc. XIX e do séc. XX, e algum mobiliário histórico. |
| Mineralogia e Geologia | Coleções de mineralogia, geologia e paleontologia de cerca de 20.000 exemplares, com origem nas coleções criadas no fim do séc. XVIII. O acervo mineralógico constitui uma importante coleção de minerais portugueses e estrangeiros com cerca de 5000 espécimes, organizado de acordo com as classificações de Strunz e Dana, assim como um conjunto de modelos cristalográficos. As coleções de rochas de Portugal e estrangeiras contêm mais de 6000 amostras. A coleção paleontológica, de cerca de 10.000 fósseis, é a mais numerosa. Existe ainda cartografia geológica e respetivo equipamento cartográfico. Das cartas, de diferentes tipos e escalas de representação, destacam-se os mapas em relevo do séc. XIX e XX. |

instrumentos de vidro diversificados e por recipientes de acondicionamento.” Informação disponível em: http://www.uc.pt/ffuc/patrimonio_historico_farmaceutico/colecao

²⁴⁶ “Era nessa altura parte da Faculdade de Filosofia e funcionava no Colégio de Jesus, na Alta de Coimbra”. Informação disponível em: <http://fisica.uc.pt/ax/DF/apresentacao.php>. Nas salas do *Gabinete de Fysica* passou a funcionar o Museu da Física, atualmente integrado no MCUC.

²⁴⁷ “Pelas suas características, esta coleção de instrumentos de Física é uma das mais notáveis e raras no mundo. Os instrumentos do século XVIII, que deram origem a um dos mais completos Gabinetes para o estudo da Física Experimental, são hoje considerados verdadeiras obras de arte. Os instrumentos do século XIX são bem representativos do desenvolvimento da Física Experimental (Universidade de Coimbra. Departamento de Física, 2016).

| | |
|-----------------|--|
| Química | Colecção que deriva da atividade de ensino e investigação que foram implementados após a construção do Laboratorio Chimico em 1772. Neste edifício persistem vestígios de chaminés, grelhas de ventilação e um forno originais incorporados nas suas paredes. Destaca-se, pela sua raridade, uma coleção de fornos cerâmicos de reverbero fabricados no próprio laboratório, assim como um conjunto de sete potes de botica em faiança do fim do séc. XVIII, da fábrica de Domingos Vandelli. A coleção reúne, para além das raridades da química do séc. XVIII, mais de 1000 peças maioritariamente datadas do séc. XIX e XX. Deste núcleo faz parte um conjunto de mobiliário químico de bancadas e hottes ou nichos de evaporação, e um grande número de balanças, retortas, frascos e estufas. |
| Zoologia | Colecção de cerca de 200.000 exemplares. Contém o maior objeto, um esqueleto montado de baleia franca de 20m de comprimento, e os de menores dimensões do grupo dos insetos. A coleção de vertebrados representa 5% do total e é composta por: peles de espécimes de mamíferos, aves e peixes, conservadas em seco e montadas para exposição; espécimes completos de répteis, anfíbios e anomalias conservados em líquido; uma coleção osteológica de esqueletos montados e crânios. Destaca-se a coleção de aves pela representação de espécies a nível mundial, associada a uma coleção de ovos e ninhos. Entre os mamíferos encontram-se exemplares únicos a nível nacional (ex. exemplar de urso e um casal de cabras do Gerês, ambos extintos em Portugal). Os invertebrados representam o resto da coleção, dos quais 75% são insetos; destacam-se: escaravelhos (coleópteros), borboletas (lepidópteros) e conchas (moluscos). Refere-se também uma coleção de borboletas exóticas nos seus armários originais, do fim do séc. XIX. |

Tabela 5: Descrição das coleções científicas do Museu da Ciência da UC

Fontes: (Universidade de Coimbra. Museu da Ciência, 2016)²⁴⁸; (Universidade de Coimbra. Departamento de Física, 2016); (Universidade de Coimbra. Faculdade de Farmácia, 2016)

A coleção de Botânica supramencionada, que não inclui o Herbário²⁴⁹ (coleções biológicas de plantas, algas, fungos e líquenes, cuidadosamente preparadas e organizadas) de Botânica da UC, formado por cerca de 800.000 exemplares, e constitui “de longe a maior do país e a segunda da Península Ibérica” (Universidade de Coimbra. Herbário da Universidade de Coimbra, 2016).

²⁴⁸ Consultou-se a descrição das coleções, no dia 16/06/2016, na página web do MCUC: <http://www.museudaciencia.pt/index.php?module=content&option=collections&action=description>. A referida consulta permitiu recolher parte da informação selecionada; optou-se por não se considerar alguns elementos apresentados na referida descrição, em particular por se tratar de informação histórica sobre as faculdades ou devido à sua falta de atualização (ex. Farmácia e Medicina).

²⁴⁹ É possível consultar on-line o Herbário da UC em: https://www.uc.pt/herbario_digital

O *Herbário COI* (atual acrónimo internacional) foi iniciado por Júlio Henriques²⁵⁰, localiza-se no Colégio de S. Bento (DCV), e é constituído por:

1. a maior colecção de plantas do mundo em Portugal;
2. plantas africanas (ex-colónias e outros países), colecção especialmente valiosa;
3. de longe a maior colecção de material de herbário de Portugal Continental;
4. Herbário histórico de Moritz Willkomm (1821-1895), professor em Praga, co-autor da primeira *Flora da Península Ibérica*, só agora actualizada com a publicação da obra *Flora ibérica editada em Espanha*²⁵¹. Esta colecção, conservada numa sala separada, é particularmente valiosa pelo número de exemplares tipo que possui;
5. colecção de Cryptogamia especialmente valiosa pelos seus fungos e líquenes, pois possuímos um número apreciável de exemplares tipo;
6. colecção valiosa de duplicados para troca de material com as melhores instituições estrangeiras da especialidade;
7. herbários históricos sob a forma encadernada;
8. colecção única e histórica de Rubus do especialista Henri Sudre (1862-1918), no qual baseou a sua obra *Rubi europae* (1908-1913);
9. um Seminário (colecção botânica de sementes) de 3072 espécies, todas identificadas;
10. uma colecção carpológica (de frutos) complementar a muitos exemplares de herbário (Universidade de Coimbra. Herbário da Universidade de Coimbra, 2016).

Fundamental para a investigação e divulgação da biodiversidade, o Herbário da UC tem gradualmente vindo a ser atualizado e disponibilizado globalmente, através da consulta dos catálogos on-line: Catálogo Geral, Herbário de Willkomm, Coleção de Gossweiler, Batotheca de Henri Sudre, Seminarium e Caligrafias Antigas²⁵².

²⁵⁰ Júlio Augusto Henriques (1838-1928) formou-se na UC “em Direito e depois em História Natural, tendo-se doutorado também nesta área”. Em 1873 passou a dirigir o Jardim Botânico e a reger a cadeira de Botânica. “Durante 40 anos foi o 14º director desta Instituição, tendo-se jubilado em 1918. Mercê do seu grande entusiasmo, numerosos foram os desenvolvimentos operados na Instituição que dirigiu, quer a nível do Jardim quer a nível do Herbário. Este foi verdadeiramente iniciado como resultado da sua iniciativa de troca de *Excicatae* (plantas secas montadas, ou seja, exemplares de Herbário) entre os sócios da sociedade botânica também por si fundada, a Sociedade Broteriana. Júlio Augusto Henriques foi ainda o motor do ensino da botânica em Portugal”. Informação consultada em: http://www.uc.pt/herbario_digital/hist_botanica/

²⁵¹ “O herbário da área Mediterrânica (e Canárias) do botânico de Praga H. M. Willkomm (1821-1895) constitui uma colecção à parte de mais de 30.000 exemplares dentro do herbário (...). Esta colecção serviu de base à elaboração da obra *Prodromus Florae Hispanicae* (Willkomm & Lange, 1861-1880), a qual constituiu a primeira Flora de Espanha e contém muitos exemplares tipo de taxa Ibéricos”. Informação disponível em: http://www.uc.pt/herbario_digital/Willkomm

²⁵² Catálogos disponíveis em: https://www.uc.pt/herbario_digital/catalogues

Na FLUC, de acordo com os respetivos Estatutos (Despacho n.º 6799/2015, de 17 de junho), regista-se também a existência de três núcleos museológicos: Núcleo Etnográfico Amorim Girão, Gabinete de Numismática e Museu Didático de Arqueologia.

Destes, o primeiro, Núcleo Etnográfico Amorim Girão²⁵³, foi constituído em meados do século XX e integra peças de olaria, cerâmica, cestaria e objetos decorativos. O Departamento de Geografia e Turismo da FLUC está instalado no Colégio de S. Jerónimo, sendo aí, em quatro armários, que se encontra este Núcleo (ver figura 33).



Figura 33: Núcleo Etnográfico Amorim Girão (armários)

Fonte: Doutoranda.

O Gabinete de Numismática e o Museu Didático de Arqueologia integram o Instituto de Arqueologia²⁵⁴, da Secção de Arqueologia do Departamento de História,

²⁵³ Aristides de Amorim Girão (1895-1960) licenciou-se em Ciências Históricas e Geográficas na FLUC, tendo sido docente da mesma Faculdade, onde se doutorou. Deixou uma vasta obra (material cartográfico e monografias) (Oliveira, 2000, pp. 25-32); com base nos seus estudos sobre a divisão regional de Portugal (publicados entre 1927 e 1930), foi traçada a divisão administrativa do continente em províncias, em 1936.

²⁵⁴ “Em sessão ordinária de 23 de Novembro de 1954, o Conselho Escolar da Faculdade de Letras de Coimbra aprovou, por unanimidade, a criação do Instituto de Arqueologia. (...) Desde o início, ficou na dependência do Instituto uma galeria de réplicas, em gesso, de inscrições romanas e medievais portuguesas, organizada nos inícios do século XX pelo Doutor António de Vasconcelos. Esta galeria constituiu o núcleo de uma coleção, valiosamente acrescentada em 1958 com a oferta, pelo Prof. Doutor Francisco Gentil, de um espólio [coleção arqueológica] procedente da necrópole de Alcácer do Sal [necrópole do Olival do Senhor dos Mártires]. As instalações do Instituto foram solenemente inauguradas em 6 de Março de 1958, com a abertura da exposição dessa coleção arqueológica. (...) O acréscimo do número de docentes e discentes e o incremento da biblioteca, graças sobretudo à coleção de revistas obtidas por permuta, tornaram insuficientes as instalações de que o Instituto dispunha na Faculdade de Letras. Assim, foi decidida a sua instalação em edifício autónomo: o Palácio de Sub-Ripas, residência do séc.

Estudos Europeus, Arqueologia e Artes (DHEEAA) (art.º 11.º do Despacho n.º 6799/2015, de 17 de junho).

O embrião desse museu existe, pelo menos, desde a segunda década do século XX. Aquando da publicação do opúsculo intitulado “A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao País” (1919, p. 50), no capítulo “Material de ensino e instalações da Faculdade” referem-se, expressamente, “as colecções de *Epigrafia*, de *Esfagística*, de *Numismática*, organizadas umas, outras em vias de organização”.

A importância que já então se dava a um ensino prático, em contacto com os materiais, é, no segundo quartel do século XX, incrementada com a realização de réplicas de objetos arqueológicos pré-históricos e inscrições²⁵⁵.

Sob a designação oficiosa de “Museu Didáctico”, detém o Instituto de Arqueologia uma colecção arqueológica, constituída por materiais autênticos e por réplicas de inscrições romanas, cristãs e medievais, assim como de materiais pré-históricos e romanos (Encarnação, 2016, p. 15).

De acordo com Encarnação (1982, p. 53), aquando da criação do Instituto de Arqueologia, em 1954, “embora não se fale explicitamente no Museu, o certo é que deve ser a partir dessa altura que a simples galeria passa a designar-se Museu Didáctico”, enriquecido com a colecção arqueológica do Prof. Doutor Francisco Gentil (proveniente da necrópole de Alcácer do Sal), e com outras ofertas de particulares.

No entanto, ao longo dos anos, “não se fez uma publicação sistemática do espólio do Museu, nem há inventário completo”, embora se identifiquem estudos e publicações²⁵⁶ sobre as colecções guardadas no Museu, que se encontra encerrado e “continua a ser *armazém* de materiais”. Contudo, “a sua função mantém-se: apoio às aulas de Arqueologia, Epigrafia e Numismática, proporcionando aos alunos o contacto directo com os materiais” (Encarnação, 1982, pp. 54-55). Existindo uma ligação próxima

XVI, adquirida pela Universidade (...). Aqui se encontra instalado desde Janeiro de 1987 o Instituto de Arqueologia”. Informação disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/iarg/historia/>

²⁵⁵ “Por deliberação de 16 de Junho de 1930, constitui o Senado Universitário o Fundo Sá Pinto, alimentado com os juros da verba que o benemérito Alexandre de Sá Pinto legara à Universidade. Regulamentaram-se os critérios de concessão dos subsídios com base nesse Fundo, entre os quais a “aquisição de material didáctico” ocupou lugar de destaque (sessão do Senado de 13 de Fevereiro de 1933). (...) Fruto, por conseguinte, de uma relevante tradição didáctica, as réplicas (...) constituem exemplares valiosos quer pelo seu significado quer, inclusive, pela excelência da sua execução, na senda do melhor que, nesse domínio, se fazia” (Encarnação, 2016, pp. 15-16).

²⁵⁶ Ver Encarnação (1982, p. 54).

entre o Instituto de Arqueologia e o Museu, já em 1978 o Professor Doutor José d'Encarnação delineava um programa para a sua instalação, no Palácio de Sub-Ripas, que poderia incluir:

- a galeria epigráfica (originais e moldes);
- salas de exposição das peças mais significativas, por períodos: pré-história, antiguidade clássica, arqueologia medieval;
- reserva: armazém de peças para estudo e exemplificação; arquivo documental;
- sala anexa para esse estudo;
- sala de exposições temporárias;
- sala de aula e conferências (Encarnação, 1982, p. 56).

Volvidas mais de três décadas, o acervo encontra-se depositado nas instalações do Instituto de Arqueologia da FLUC, encontrando-se o referido Museu encerrado.

Atualmente, o supramencionado Instituto, integra a Secção de Arqueologia do DHEEAA, e agrega ainda:

- Biblioteca – monografias e revistas²⁵⁷, “na maior parte estrangeiras e obtidas por permuta com a *Conimbriga*²⁵⁸ (...), a que se juntou, a partir de 1982, a publicação do Ficheiro Epigráfico”; as obras entradas na biblioteca são catalogadas pelo serviço central de catalogação da FLUC;
- Gabinete de Numismática – compreende um “considerável número de moedas que se foram reunindo no Instituto (4773, na sua quase totalidade, romanas)”; o gabinete, “instalado nos inícios da década de 1970, foi equipado com medalheiros, um cofre-forte, balança de precisão e biblioteca especializada”;
- Mapoteca – cartas do território nacional em diferentes escalas, Carta Geológica, Carta de Capacidade de Solos, Carta Mineira de Portugal, Carta das Nascentes Minerais de Portugal, Carta Litológica de Portugal, Réseau Routier de l'Afrique Romaine, Carte Géologique du Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique;

²⁵⁷ Na página web do Instituto encontra-se a seguinte informação: “A biblioteca tem, actualmente, 8297 volumes e recebe 341 revistas (...)”. O “Relatório de Actividades do Instituto de Arqueologia” (2003-2004, p. 25), disponível em <http://www1.ci.uc.pt/iauc/div/riarg0304.pdf>, menciona: Volumes (em 30.9.2003) - 7911; Total (em 30.09.2004) – 8297; Revistas: em 30.09.2004 - Permuta: 333; Novas permutas: 8. Nos anos subsequentes a coleção da biblioteca foi incrementada, até ao presente, pelo que a informação disponibilizada carece de atualização.

²⁵⁸ Revista de arqueologia editada pelo Instituto, desde 1959. ISSN 0084-9189.

- Diapoteca - formada basicamente “para apoio das aulas, conta com 2859 diapositivos no formato 4 x 4, e um reduzido número de diapositivos noutros formatos”;
- Fototeca – “compreende mais de 600 negativos”. Contém ainda uma coleção “de provas de 18 x 24 cm, de todas as peças de escultura romana de Portugal e de todas as inscrições romanas do *Conventus Pacensis*”;
- Arquivo Documental - inclui diversos núcleos: Ficheiro de notas de leitura, Arquivo de plantas, desenhos e gravuras e Arquivo de trabalhos de alunos²⁵⁹ (Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras. Instituto de Arqueologia, 2016).

Com esta descrição conclui-se, assim, a caracterização dos atuais serviços de informação da UC, seguido-se a explicitação dos resultados e discussão do estudo de caso.

²⁵⁹ Ver descrição detalhada em <http://www.uc.pt/fluc/iarg/funcionamento/>, ou em <http://www1.ci.uc.pt/iauc/org/org.html>. Trata-se de duas páginas web para o mesmo Instituto, à data da consulta (01/07/2016), no domínio uc.pt.

5.3 Resultados e discussão do estudo de caso

Só com uma visão diacrónica da UC e da forma como se desenvolveu se criam as adequadas condições para se observar, o mais fiel e rigorosamente possível, a evolução das suas características orgânicas e funcionais.

Por isso, foi necessário levar a cabo um trabalho de investigação que, embora em traços gerais, procurou conhecer a realidade estrutural e compreender as vicissitudes ocorridas ao longo da vida da Universidade, quer no seu incremento organizacional quer na complexificação crescente e progressiva das suas componentes.

Analisando a lista de referências legislativas em anexo e identificando a legislação geral aplicável a todas as universidades do país, só posteriormente se verifica haver regulamentação específica para a organização em estudo. Realça-se ainda a publicação de diplomas legais referentes a aspetos distintos da estrutura organizacional da Universidade, nomeadamente em três vertentes: a gestão ou governo da instituição, a estrutura e o funcionamento dos serviços, e a organização dos estudos e da investigação. Esta identificação confirma a multiplicidade de suportes legais em vigência simultânea.

Em síntese, evidenciam-se os aspetos seguintes:

- No período dos últimos 30 anos, a ocorrência de diversas alterações orgânico-funcionais, com a ampliação dimensional e a maior complexidade da atual estrutura organizacional;
- A publicação da *Lei de Autonomia Universitária*, em 1988, e a consequente descentralização, nos anos 90, dos serviços administrativos e de gestão financeira da Universidade;
- Desde 2010, a inversão na política de gestão da UC, materializada no regresso à centralização dos serviços na Administração, num processo de mudança que determinou a existência de um conjunto de serviços transversais a toda a Universidade (serviços comuns e serviços especializados);
- Também a existência de unidades que espelham uma realidade estrutural singular, destacando-se: o Estádio Universitário, a IUC, o TAGV, o CD25 de Abril, o CAUC, o IIIUC, o TUJE e o JBUC;

- É no conjunto das UECAFs que se integra o Arquivo, a Biblioteca Geral, o CD25 de Abril, o MCUC, a BCSUC e o JBUC;
- Nas oito Faculdades da UC, reconhece-se a existência de doze bibliotecas;
- Existem também bibliotecas ligadas a centros de investigação da UC: a biblioteca do CES e a biblioteca do CEIS20;
- Em relação aos centros de documentação, atualmente, o CDAB depende do NIA (SASUC); o CD25 de Abril faz parte das UECAFs e depende diretamente da Reitoria; o CDE depende organicamente da FDUC;
- Em fase de projeto está o futuro Museu da UC – de acordo com o atual projeto do MCUC, procura-se reunir as coleções acumuladas que deram origem aos museus de ciência da Universidade.

Como se referiu na metodologia deste trabalho, para a obtenção dos dados fundamentais que possibilitassem aprofundar a análise do SI atual da UC elaborou-se um instrumento de recolha de dados (ver figura 3) e explicitaram-se as seguintes questões:

- Qual a missão e competências dos serviços de informação na UC?
- Quais as políticas orientadoras da ação destes serviços?
- Que informação gerem e que tecnologias usam (acervos analógicos e digitais)?
- Quais as práticas de gestão da informação?
- Qual a sua ação face à informação e repositórios digitais?

A análise dos dados recolhidos no âmbito do estudo de caso incidiu na verificação/pesquisa dos atuais vinte e dois serviços²⁶⁰ - 1 arquivo, 16 bibliotecas, 2 museus e 3 centros de documentação (ver gráfico 1).

²⁶⁰ Quando da realização da recolha de dados verificou-se que, no CAUC, o respetivo acervo é disponibilizado na biblioteca do DARQ. Esta informação não surge explicitada na página web do Colégio ou na da referida biblioteca, pelo que apenas a visita *in loco* permitiu confirmar esta situação. Assim, decidiu-se manter o registo da informação na respetiva ficha, uma vez que os serviços de Biblioteca e Documentação estão organicamente criados. No que respeita à análise de dados, consideraram-se apenas os serviços efetivamente existentes.

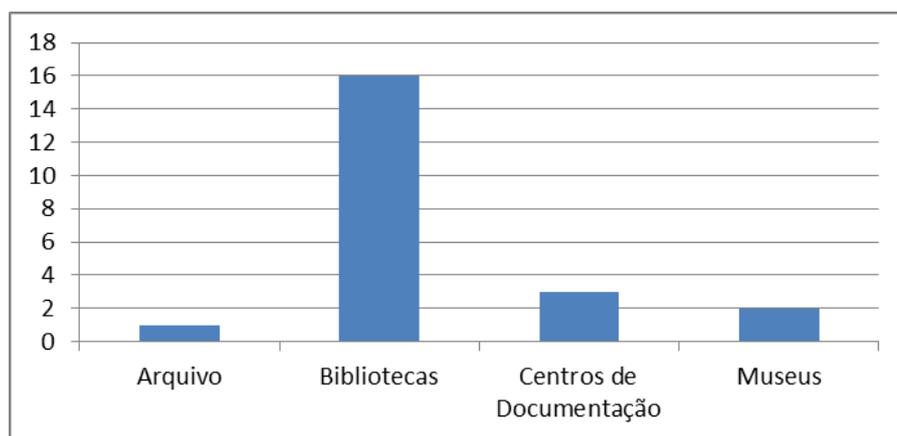


Gráfico 1: Tipologia de serviços de informação (UC)

Fonte: Elaboração própria.

a) Enquadramento orgânico na UC

Comprova-se uma grande dispersão ao nível das dependências de órgão de direção, a saber:

- Na direta dependência da Reitoria da UC estão a BGUC, o AUC, o CD25 de Abril, o MCUC e a BCSUC (consideradas UECAFs);
- O RÓMULO - CCVUC está na subordinação orgânica do IIIUC (unidade orgânica de ensino e investigação);
- As 8 Faculdades da UC têm sob a sua direção 11 bibliotecas (a exceção é a BCSUC, que tem o estatuto de UECAF); o OGAUC é um serviço interdepartamental da FCTUC; a sua biblioteca, corresponde na realidade a duas bibliotecas (a do Observatório Astronómico e a do Instituto Geofísico, com localização física distinta, em julho 2016);
- A BN/S e a biblioteca do CEIS20 dependem organicamente de centros de investigação, o CES e o CEIS20, respetivamente (ambos membros do IIIUC);
- O CDAB integra o NIA, que está organicamente subordinado dos SASUC (serviço que desenvolve a ação social universitária na UC);
- O CDE está juridicamente associado à FDUC;
- Previstos no Estatuto do CAUC estão os respetivos Serviços de Biblioteca e Documentação; contudo, o acervo encontra-se na biblioteca do DARQ, local onde é passível a sua consulta;
- O Museu Didático de Arqueologia depende organicamente da FLUC.

b) Localização

As unidades de informação da UC caracterizam-se pela sua grande disseminação espacial, em consonância, aliás, com a atual dimensão e desmultiplicação geográfica da Universidade na cidade de Coimbra (3 polos).

Vejam-se os seguintes exemplos:

1. A FCTUC integra 6 bibliotecas, 4 situadas na Alta (polo I), 1 no Pinhal de Marrocos (polo 2), 1 em Santa Clara e na Cumeada/avenida Dias da Silva (Observatório Geofísico e Astronómico)²⁶¹; os Centros de Documentação estão localizados em três locais bastante afastados uns dos outros (polo I, rua da Sofia²⁶² e Conchada);

2. Na FLUC, além da Biblioteca Central, existem mais de três dezenas de núcleos documentais, disseminados por todos os pisos do edifício, incluindo os que se situam noutros imóveis. Concretamente, os SBD da FLUC²⁶³ integram uma coleção geral que se distribui pelos 7 pisos da Faculdade (Biblioteca Central e bibliotecas especializadas) e por edifícios localizados no exterior da mesma (biblioteca do Cinema na Casa das Caldeiras, biblioteca de Geografia e biblioteca da Secção de Comunicação no Colégio de S. Jerónimo, biblioteca de Arqueologia no Palácio de Sub-Ripas); incluem igualmente diversas coleções particulares (ex. Carolina Michäelis, Herculano de Carvalho, Paulo Quintela, Vítor de Matos, entre outros);

3. Na FDUC, os serviços da biblioteca estão dispersos por toda a faculdade (sala do catálogo, sala de leitura dos alunos, sala de revistas, sala dos Institutos/Centros e sala das obras de referência);

4. Há ainda na UC outros núcleos/coleções da responsabilidade de Institutos e Centros de Investigação, que dispõem de financiamentos próprios, os quais estão dispersos, por vezes em espaços com acessibilidade restrita.

Em relação às bibliotecas da UC, o “Plano Estratégico 2015-2019” da UC menciona o problema já identificado:

²⁶¹ O Observatório Geofísico e Astronómico da UC situa-se na periferia da cidade de Coimbra, na margem esquerda do rio Mondego. Criado em 2013, resulta da fusão do Observatório Astronómico com o Instituto Geofísico (que mantém as suas instalações na Cumeada/avenida Dias da Silva).

²⁶² O CD25 de Abril, entre os meses de maio e junho de 2016, deixou o espaço que ocupava na rua Augusta (Celas) para se instalar no Colégio da Graça (rua da Sofia) – num edifício recuperado que partilha com o CES.

²⁶³ Consultar descrição detalhada na respetiva folha de recolha de dados (Anexo IV).

As bibliotecas da UC, atendendo às suas especificidades – nomeadamente quanto ao número, dispersão e autonomia (embora partilhando um catálogo integrado²⁶⁴), quanto à sua importância patrimonial, quanto à natureza diversificada e características dos acervos que preservam e quanto ao seu papel central no apoio a toda a comunidade académica -, requerem especial atenção. A limitação do espaço físico impõe a necessidade de implementar um processo reorganizativo global, melhorando as condições para os seus utentes e promovendo a complementaridade e o aproveitamento de sinergias entre elas (Universidade de Coimbra, 2015, p. 63).

Efetivamente, a atual organização do conjunto das bibliotecas (em particular na FCTUC, FLUC e FDUC) e o seu número (em particular na FCTUC) não é consentânea com a missão e visão da UC que, pelas razões apresentadas acima, podem facilmente ser postas em causa. A este problema, que reconhecidamente não é de fácil solução por envolver aspetos relacionados com estruturas físicas e tecnológicas, está, no entanto, atenta a UC que tem vindo a ponderar e a discutir este assunto, pelo menos, desde 2006:

É necessário por isso reorganizar e reestruturar os serviços de biblioteca da UC, juntando os serviços de algumas delas, um processo que nalguns casos tem a ver com a procura de novos espaços e edifícios ou alterações dos existentes e que noutros casos se poderá fazer apenas virtualmente.

Por exemplo, a BGUC situa-se num edifício absolutamente não funcional (não permite sequer acesso directo às estantes por parte do utilizador como é comum nas bibliotecas modernas) que atingiu já o seu estado de saturação (o espaço para novas entradas do depósito legal, a que tem direito, aproxima-se rapidamente do fim – previsivelmente daqui a dois ou três anos)²⁶⁵ (J. C. Marques, 2006, p. 6).

²⁶⁴ Sublinhado da doutoranda. “Catálogo em que não está limitada a incorporação de novos registos bibliográficos e no qual se procuram ajustar os cabeçalhos [pontos de acesso] resultantes do uso de um código antigo ou esquema de catalogação e os que resultam da adopção de um novo” (Faria & Pericão, 1999, p. 109). O catálogo integrado da UC “corresponde ao catálogo colectivo resultante da cooperação entre a maioria das bibliotecas” (...) (SIBUC, s.d.. p. [6]).

²⁶⁵ A BGUC, face à necessidade de encontrar uma solução rápida que lhe permitisse obter espaço de depósito para guardar as monografias e publicações periódicas que recebe, sobretudo por via legal (o Depósito Legal deveria ser racionalizado, em conjunto com a Câmara Municipal), adquiriu e instalou algumas estantes compactas em espaços compatíveis com essa solução. Os problemas do Arquivo, no que ao espaço de depósito diz respeito, poderão ser tratados de forma similar. Contudo, afigura-se premente e essencial que se discuta uma solução de mais longo prazo.

Regista-se, porém, o necessário processo de transformação das bibliotecas, que já está a ocorrer na FCTUC (biblioteca do DCV, biblioteca de Física e de Química, biblioteca do OGAUC), por fusão das pequenas bibliotecas em estruturas maiores, mais modernas e com maior viabilidade, seguindo o bom exemplo BCSUC ou da biblioteca do polo II.

c) Endereço página web

Todos os serviços têm uma página no domínio uc.pt. Nem todos, porém, disponibilizam informação sobre as unidades em estudo, como é o caso da biblioteca do OGAUC, da biblioteca do CEIS20, da biblioteca do DARQ (no que ao acervo do CAUC diz respeito) e do Museu Didático de Arqueologia (FLUC).

d) Horário de funcionamento

Existe uma enorme variedade de horários praticados. O AUC, os Centros de Documentação, o OGAUC e o MCUC praticam o horário normal da administração pública (7/8 horas por dia).

Nas bibliotecas regista-se um horário de funcionamento mais alargado (10, 11, 12 ou 13 horas, sem interrupção) praticado na maior parte do ano. De referir que este horário tem por objetivo, fundamentalmente, a disponibilização do serviço de leitura presencial, em que se verifica a utilização do espaço físico como sala de estudo para a comunidade académica.

e) Acervo/Coleção

A BGUC é a maior biblioteca universitária do país, a segunda maior de Portugal a seguir à Biblioteca Nacional. A recolha de dados efetuada permitiu, desde logo, aferir a considerável dimensão dos acervos/coleções da UC, facto que se pode confirmar no Anexo IV.

A lista de bibliotecas que surge no catálogo integrado ou coletivo da UC²⁶⁶ corresponde ao registo do acervo que se encontra no *ILS Millennium (Millennium integrated library system)*, desde o seu início²⁶⁷, refletindo a biblioteca de origem²⁶⁸.

De modo a ser possível aferir, com maior exatidão, a dimensão do acervo bibliográfico da UC, para além dos dados inscritos nas folhas de recolha de cada uma das unidades/serviços, procedeu-se à solicitação do número total de registos no *ILS Millennium*. Estes dados, disponibilizados pelo SIBUC, correspondem ao registo dos documentos existentes nas bibliotecas da UC, à data de 29 de julho 2016 (ver tabela 6).

²⁶⁶ Disponível em: http://webopac.sib.uc.pt/search*por~S0

²⁶⁷ De acordo com a informação disponibilizada pelo SIBUC, em setembro de 2012, “a versão do sistema Millennium que estava a ser utilizada nas Bibliotecas da UC (de 2007), foi atualizada para a última versão disponibilizada pela INNOVATIVE, datada de 2011. Para tal foi necessário efetuar duas migrações do sistema: uma primeira, para a versão de 2009 (intermédia) e desta, para a versão 2011 (versão final).” Informação disponível em: <http://www.uc.pt/sibuc/newsletter/Set2012/siibuc>

²⁶⁸ Nos casos em que determinada biblioteca deixou de funcionar de modo autónomo, tendo sido integrada/fundida noutra, correspondendo a uma nova designação (por exemplo, as bibliotecas dos departamentos da FCTUC), manteve-se a denominação de origem, preservando-se a sua integridade, do ponto de vista intelectual.

| BIBLIOTECA | NÚMERO TOTAL DE DOCUMENTOS |
|--|---|
| BGUC | 675.066 |
| Biblioteca da FCDEFUC | 8.889 |
| Biblioteca da FDUC | 150.975 |
| Biblioteca da FEUC | 68.700 |
| Biblioteca da FLUC | 327.381 |
| Biblioteca da FPCEUC | 33.111 |
| Biblioteca das Ciências da Saúde (BCSUC) | 88.115 |
| Biblioteca de Física e de Química | 19.180 (Física); 11.979 (Química) |
| Biblioteca do AUC | 1.666 |
| Biblioteca do CAUC | 631 |
| Biblioteca do CEIS20 | 2.959 |
| Biblioteca do CES | 28.946 |
| Biblioteca do DARQ | 10.182 |
| Biblioteca do DCV (Antropologia, Bioquímica, Botânica e Zoologia) | 34.203 |
| Biblioteca do Polo II (Ciências da Terra e Engenharias - Civil, Electrotécnica, Informática, Mecânica e Química) | 61.408 |
| Biblioteca Matemática (incluí obras do OGAUC) | 40.128 (sem o Observatório); 41.298 (com o Observatório) |
| CD25 de Abril | 2.730 |
| CDE (integrado na biblioteca da FDUC) | 14.916 |
| Centro de Documentação Braille e Sonoro (CDAB) | 878 |
| RÓMULO - CCVUC | 16.415 |

Tabela 6: Número total de documentos registados no *ILS Millennium*

Fonte: SIBUC (29 de julho 2016).

Destaca-se, em relação ao registo de documentos no sistema *ILS Millennium*, a dimensão do acervo da BGUC (675.066 documentos), seguindo-se a biblioteca da FLUC (327.381 documentos), a biblioteca da FDUC (150.975 documentos) e a BCSUC (88.115 documentos).

Nas respetivas folhas de recolha de dados registou-se a seguinte informação: o acervo da BGUC ronda os “2 milhões de livros”, manuscritos e incunábulo; o acervo da FLUC compreende “cerca de 500 mil volumes e dezenas de títulos de publicações periódicas”; a biblioteca da FDUC tem um acervo com “cerca de 400 mil volumes”; na BCSUC identificam-se 63.220 registos (Livro de Registos, novembro 2015), cerca de 70.000 no final do ano 2016, para um total de cerca de 100.000 volumes.

Fazendo o confronto dos dados (os que foram registados nas folhas de recolha e os do *ILS Millennium*) verificam-se algumas divergências. Ainda que se constate a utilização de diferentes critérios para registo da dimensão dos acervos, no decurso do trabalho *in loco* foi necessário anotar, sem uma preocupação de uniformização, os dados fornecidos, nem sempre fáceis de obter, de acordo com o critério de cada biblioteca.

A explicação para as divergências registadas parece, efetivamente, residir no facto de o registo informatizado de recursos/documentos ser recente e, por esse motivo, não englobar todo o acervo bibliográfico das bibliotecas da UC.

Salienta-se, também, o caso da biblioteca do DCV: aparente número reduzido de documentos registados no *ILS Millennium* (34.203), em comparação com a dimensão do acervo das bibliotecas de origem (Antropologia, Bioquímica, Botânica e Zoologia)²⁶⁹.

Assinala-se, igualmente, o facto de os maiores acervos corresponderem, naturalmente, à antiguidade das respetivas bibliotecas, bem como a referência oral, registada nas entrevistas, acerca da existência de diversos recursos por catalogar.

A reconversão retrospectiva dos catálogos manuscritos e dactilografados, que permite aumentar o número de registos bibliográficos (fichas convertidas) e o número de registos de exemplar (isto é, volumes), é também mencionado em diversas bibliotecas como um trabalho em curso (ex. na BGUC, nos SBD da FLUC, na biblioteca da FDUC, na

²⁶⁹ Anexo IV – Folha de recolha de dados da biblioteca do DCV. Antropologia: monografias (22.668 volumes, incluindo o livro antigo), publicações periódicas (26.524 volumes), 35 CDs; coleções especiais - Diamang (monografias - 2366 volumes; publicações periódicas - 1487 volumes) e Marie-Louise Bastin (monografias - 1124 títulos, publicações periódicas - 115 títulos). Bioquímica: 287 obras, 93 teses de doutoramento, 50 dissertações de mestrado, 35 relatórios de estágio, cerca de 40 títulos de publicações periódicas, 24 CDs). Botânica: cerca de 34.000 monografias (sendo 12.865 separatas), cerca de 3691 títulos de publicações periódicas, 11.149 microfichas (2856 de 52 obras, 579 de 2 publicações periódicas, 7.714 do Herbário) e Coleções especiais: Livro Antigo (cerca de 260, entre 1576-1800), Documentos cartográficos (mapas/plantas). Zoologia: monografias (cerca de 11.000), publicações periódicas (cerca de 1850 títulos), livro antigo (424), material não livro - 105 CD'S e DVD'S, 3 dossiers comtransparências, 5 caixas de vídeo, 3 caixas de slides, 1 pasta com acetatos, 1 dossier com slides, 89 filmes (a maioria de bobines). Atual biblioteca do DCV (975 monografias).

BCSUC, na biblioteca do DCV, na biblioteca do polo II, na biblioteca de Física e de Química, no OGAUC).

Em relação às bibliotecas dos Centros de Documentação da UC, os dados disponibilizados pelo SIBUC permitem perceber qual o número de documentos registados no *ILS Millennium*: 14.916 no CDE, 878 no CDAB, 2.730 no CD25 de Abril. Neste último caso, é significativa a diferença entre o número de registos e a dimensão do acervo bibliográfico explicitada: cerca de 8400 títulos de monografias; publicações em série (correntes) 56; publicações em série (findas) cerca de 3430. De facto, foi possível verificar que este Centro tem uma base de dados própria, o que justifica o reduzido número de registos no catálogo integrado.

No que respeita ao AUC, a respetiva biblioteca especializada, de apoio interno ao trabalho arquivístico, corresponde a 1666 documentos registados no referido sistema.

No caso do MCUC, os recursos da biblioteca especializada não se encontram disponibilizados no referido sistema, sendo bastante recente a sua catalogação interna. Trata-se, portanto, de uma pequena biblioteca que inclui material bibliográfico relacionado com as exposições realizadas e com as áreas temáticas de especialização desse museu.

f) Regulamento interno

As seguintes unidades dispõem de regulamento interno aprovado pelos órgãos próprios da UC (ver gráfico 2): AUC, BGUC, BCSUC, biblioteca da FDUC²⁷⁰, Biblioteca Matemática²⁷¹ e MCUC²⁷² (6 serviços – 27,2%). As UECAFs – AUC, BGUC e BCSUC – têm os seus regulamentos publicados em *Diário da República*²⁷³.

²⁷⁰ Regulamento da Biblioteca, da Sala de Revistas, da Sala dos Institutos/Centros, da Sala das Obras de Referência (desativada em janeiro 2016) e da Sala de Leitura dos Alunos disponível em: <http://www.uc.pt/fduc/biblioteca/pdf/regulamentobiblioteca.pdf>

²⁷¹ Regulamento aprovado na reunião da Comissão Científica do Departamento de Matemática, no dia 5 de maio de 2010, disponível em: <http://www.uc.pt/fctuc/dmat/departamento/bibliomat/regulamento>

²⁷² Regulamento interno, estabelecido de acordo com os Estatutos da Fundação, disponível em: http://www.museudaciencia.org/uploads/files/museu_da_ciencia_regulamento_interno.pdf

²⁷³ AUC - Regulamento n.º 574/2010, de 2 de julho; BGUC - Regulamento n.º 487/2009, de 10 de dezembro; BCSUC - Regulamento n.º 856/2010, de 24 de novembro.

Nos demais serviços analisados, regista-se a inexistência de regulamento interno (16 serviços – 72,8%).

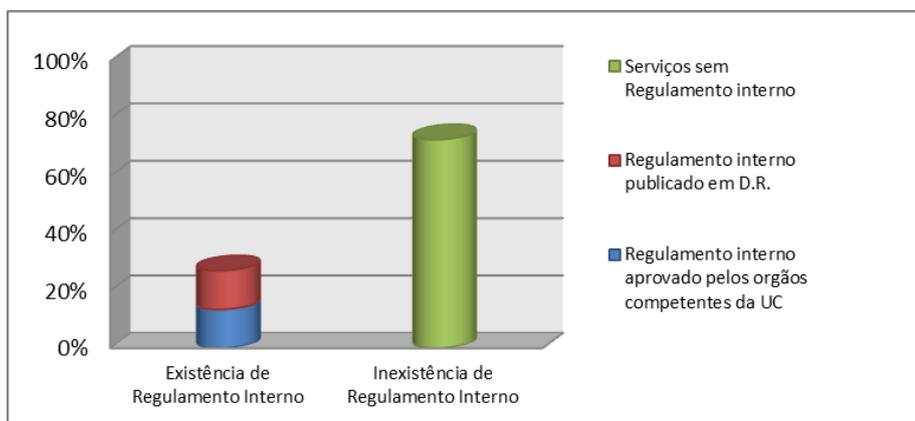


Gráfico 2: Regulamento interno

Fonte: Elaboração própria.

Mencionam-se, ainda, os regulamentos identificados na FPCEUC (da Mediateca e da Testoteca - unidades integradas no Centro de Documentação e Informação)²⁷⁴ e o regulamento da sala de leitura do AUC. De referir, ainda, o caso da BN/S que, não dispondo de regulamento interno, disponibiliza-se o “Guia de utilização da Biblioteca Norte/Sul (BN/S)”²⁷⁵ destinado a orientar o utilizador dos serviços e a dotá-lo de competências para a otimização das pesquisas; este Guia explicita todas as regras de funcionamento e serviços disponibilizados.

Nesta BCSUC, regista-se também, a existência de um regulamento de reprodução de documentos e de utilização dos gabinetes de investigação.

Nos serviços de biblioteca e nos centros de documentação com acervo bibliográfico (19 serviços) devem vigorar os Regulamentos das Bibliotecas da UC - Empréstimo Interbibliotecas (REI) e Empréstimo Domiciliário (RED)²⁷⁶.

No entanto, em relação ao RED e ao REI, verifica-se que 6 serviços (31,6%) disponibilizam na respetiva página web ambos os regulamentos e outros 6 serviços (31,6%) disponibilizam apenas o RED (destes, 4 mencionam implicitamente o serviço de empréstimo interbibliotecas mas não remetem o utilizador para o respetivo REI e 1

²⁷⁴ Regulamentos disponíveis em: <http://www.uc.pt/fpce/biblioteca/mediateca/regulamento.pdf>, <http://www.uc.pt/fpce/biblioteca/testoteca/regulamento.pdf>.

²⁷⁵ Disponível em: http://www.ces.uc.pt/biblioteca/BNS_GUIA_DE_UTILIZACAO_2013.pdf

²⁷⁶ Regulamentos disponíveis em: <http://www.uc.pt/sibuc/areabibliotecas/regulamentos>

serviço (a BN/S) tem um regulamento próprio, adaptado a partir do REI). Os restantes 7 serviços (36,8%) não mencionam os supramencionados regulamentos na respetiva página web (ver gráfico 3).

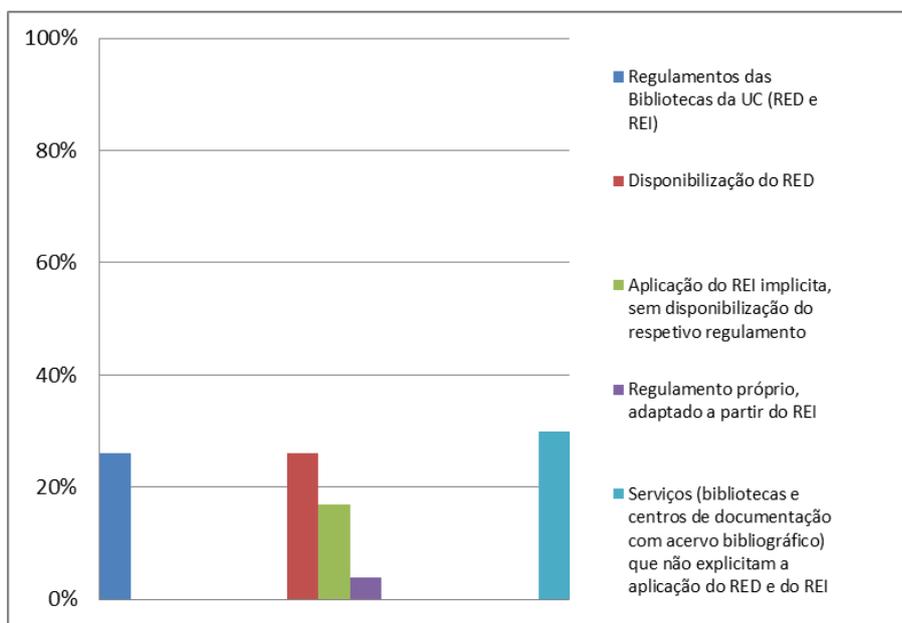


Gráfico 3: Regulamentos das bibliotecas da UC (RED e REI)

Fonte: Elaboração própria.

g) Missão

A missão de cada um dos serviços que se tem vindo a tratar é diferente em cada caso; no entanto identifica-se uma similitude dentro das tipologias de unidades.

Como se pode verificar no gráfico 4, 15 serviços (68,1%) explicitam a sua missão (nos casos da biblioteca da FDUC, no RÓMULO-CCVUC e na BN/S – não está definida em regulamento interno ou surge explanada na respetiva página web, todavia, foi possível obter esta informação através de menção oral e/ou identificação noutras fontes consultadas); esta não surge explicitada na respetiva página web ou nos documentos consultados, nos seguintes 7 (31,9%): biblioteca da FCDEFUC, biblioteca do DCV, biblioteca do DARQ, biblioteca do CEIS20, biblioteca do OGAUC, no CDAB e no Museu Didático de Arqueologia.



Gráfico 4: Missão dos serviços de informação

Fonte: Elaboração própria.

No caso do AUC, patente na respetiva missão e competências, destaca-se a função dual, ao serviço da Universidade que lhe deu origem (1290) e que criou o serviço organicamente (1901), e como serviço especializado com funções de custódia (Arquivo Distrital de Coimbra, desde 1917, de facto, e desde 1931 *de jure*).

h) Atribuições que complementam a missão

No âmbito das atribuições e competências que complementam a missão identifica-se a sua explicitação nos seguintes casos: AUC, BGUC, biblioteca da FEUC, biblioteca da FPCEUC, biblioteca da FLUC, BN/S e MCUC (31,9%). Nos restantes serviços (68,1%) não há uma identificação das atribuições/competências. Existindo uma relação direta entre a missão e as atribuições que a complementam, nas unidades que dispõem de regulamento interno ambas estão claramente explanadas.

Assinala-se, contudo, a evidente necessidade de definição, para todos os serviços, quer da respetiva missão quer das atribuições/competências, pois tal é fundamental para a concretização da ação.

i) Breve história

As fontes de informação consultadas, a respetiva página web, documentos normativos internos, relatórios de atividade e bibliografia permitiram registar uma breve nota histórica relativa a cada serviço da UC (ver anexo IV).

Nos casos em que esta informação se encontrava omissa foi necessário um trabalho adicional de pesquisa e consulta bibliográfica. Tratou-se, portanto, de uma necessidade, pois, apesar do tempo dispendido na sua concretização, era essencial compreender o surgimento de cada biblioteca, uma vez que em relação ao AUC, à BGUC, aos Museus e Centros de Documentação da UC foi relativamente célere o preenchimento deste elemento.

j) Estrutura orgânica interna

Os dados registados surgem explicitados na respetiva regulamentação interna e/ou na página web nas seguintes unidades/serviços: AUC, BGUC, biblioteca da FEUC, biblioteca da FPCEUC, Biblioteca Matemática, biblioteca do DCV, BCSUC, biblioteca da FCDEFUC, biblioteca da FLUC, biblioteca da FDUC, biblioteca de Física e de Química, biblioteca do polo II, biblioteca do DARQ, CD25 de Abril, CDE, MCUC, RÓMULO-CCVUC, BN/S (81,9%). Na biblioteca do CEIS20 e do OGAUC, no CDAB e no Museu Didático de Arqueologia (18,1% dos serviços) esta informação é omissa, pelo que apenas a visita *in loco* permitiu identificar a respetiva estrutura orgânica interna.

Apenas a BGUC e o AUC disponibilizam o respetivo organograma interno; todavia identifica-se um desfazamento entre a realidade estrutural atual destes serviços e o que se encontra preconizado no regulamento.

Verifica-se, igualmente, a nível interno, uma tendência ao nível da Direção das bibliotecas, com a figura do Professor Bibliotecário ou de um Professor Doutorado da respetiva Faculdade/Departamento.

k) Serviços disponibilizados

Identificaram-se os serviços de apoio ao utilizador e os restantes serviços disponibilizados, apresentando-se a percentagem de unidades analisadas que os assinalam (ver gráfico 5):

- Acesso a gabinetes de investigação (9%);
- Acesso a livros eletrónicos (9%);
- Ações de formação para utilizadores (45,4%);
- Agendamento e realização de visitas de estudo (18,1%);
- Atividades de divulgação científica, cultural e pedagógica (22,8%);
- Cedência de instalações para ações culturais, científicas e pedagógicas (27,2%);
- Consulta/Leitura presencial (86,3%);
- Disponibilização, em linha, de instrumentos de acesso à informação (95,4%)
- Emissão de certidões (4,6%)
- Empréstimo de documentos e/ou peças para exposições (13,7%);
- Empréstimo domiciliário (59%);
- Empréstimo interbibliotecas (41%);
- Exposição permanente (4,6%);
- Materiais didáticos para estudantes com deficiência visual (4,6%);
- Receção de incorporações, doações, ofertas (13,7%);
- Renovação do empréstimo domiciliário on-line (45,4%);
- Reprodução de documentos/recursos (54,6%);
- Sala de leitura, com livre acesso a recursos (59%);
- Serviço de informação e referência (59%);
- Serviço de videoconferência (4,6%);
- Serviço educativo (4,6%);
- Venda de publicações e outros produtos (13,7%).

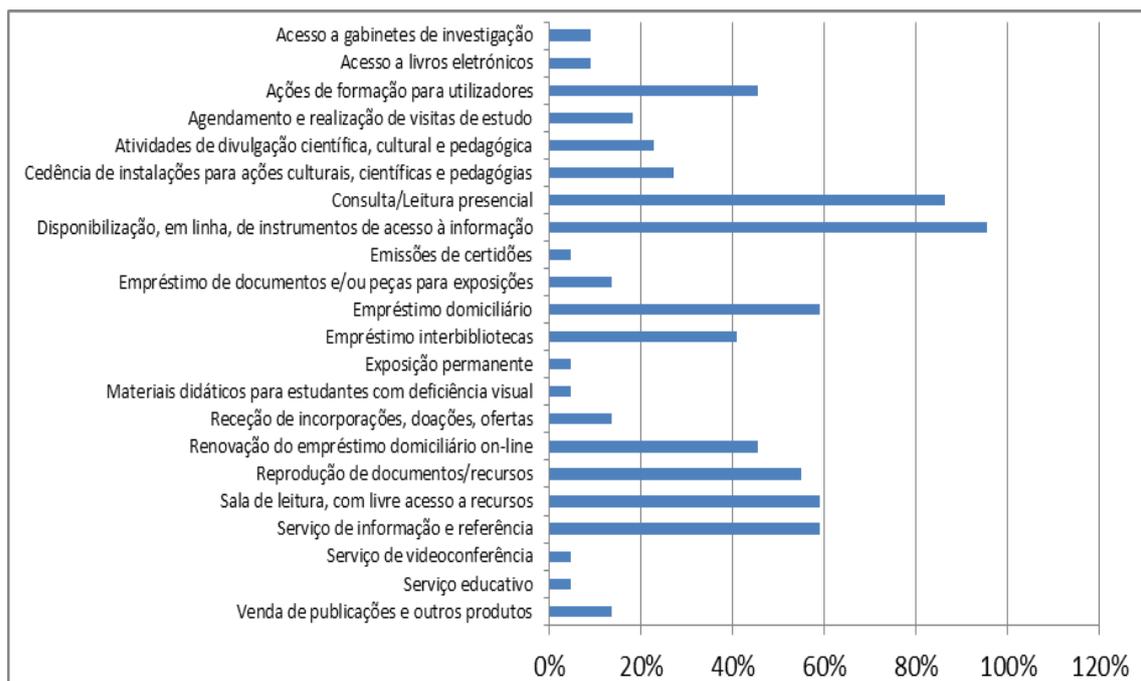


Gráfico 5: Serviços disponibilizados ao utilizador

Fonte: Elaboração própria.

I) Perfil do utilizador

Quanto ao perfil do utilizador de cada uma das unidades que se tem vindo a reportar, identifica-se uma similitude: estudantes, docentes, investigadores, maioritariamente, sendo pontualmente mencionados os funcionários da UC; este perfil alarga-se à comunidade civil/público em geral nos casos do AUC, BGUC, MCUC, BCSUC e SBD da FLUC; o perfil do utilizador investigador é, em particular, destacado nas bibliotecas associadas a centros de investigação, no CD25 de Abril e no OGAUC; no CDAB, o perfil dos utilizadores vai, naturalmente, ao encontro do seu público-alvo (estudantes com deficiência ou com necessidades educativas especiais).

m) Instrumentos de controlo e de recuperação da informação

Neste domínio, o utilizador acede remotamente a todos os recursos bibliográficos da UC em http://webopac.sib.uc.pt/search*por~S0, onde pode autonomizar o catálogo de qualquer biblioteca²⁷⁷ (ver figura 34).

²⁷⁷ No plano da informatização das bibliotecas universitárias de Coimbra, destacam-se os seguintes marcos: 1987-1988 – “1ª fase de informatização das bibliotecas” da UC; “início do tratamento catalográfico

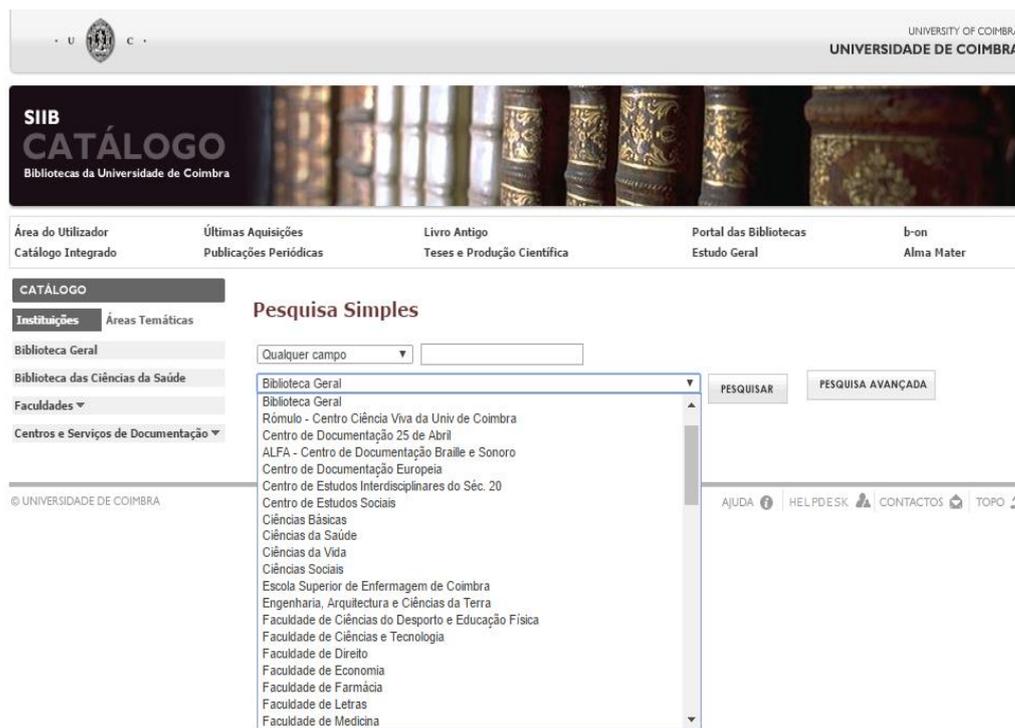


Figura 34: Catálogo coletivo das bibliotecas da UC

Fonte: http://webopac.sib.uc.pt/search*por~S0

O catálogo²⁷⁸ é, assim, o principal instrumento de controlo e de recuperação da informação bibliográfica. A UC dispõe do Catálogo Geral (WebOPAC)²⁷⁹, de um Catálogo de Teses e de um Catálogo de Livro Antigo. Em suma, identificam-se os seguintes catálogos (ver tabela 7).

informatizado, em colaboração com a PORBASE”; 1995 – 2ª fase de informatização - “Aquisição, parametrização e implementação do primeiro sistema integrado, modular e em linha (*Libertas*) que serviu as bibliotecas” da UC “e foi o passo decisivo para a informatização do seu Catálogo Coletivo”; 1997 – “Inauguração do 1º Catálogo Público em Linha da Universidade de Coimbra - SIIB/UC”; 2000-2006 – 3ª fase da informatização - “Aquisição de novo sistema informático que envolveu e empenhou, directamente e pela primeira vez, a Reitoria da Universidade; Parametrização e implementação do sistema *Millennium*; Formação de bibliotecários e técnicos das bibliotecas da UC; 2007-2010 – “Gestão biblioteconómica, uniformização e controlo de autoridades da Base SIIB/UC, que passou a ser gerida em colaboração com o novo Serviço Integrado de Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC)” (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 2010, [pp. 15-16]).

²⁷⁸ “Documento secundário que apresenta e descreve documentos reunidos permanente e temporariamente; conjunto de notícias catalográficas dos documentos num ou vários fundos documentais, dispostas segundo os vários tipos de cabeçalhos e suas funções e apresentadas segundo certas regras que permitem a sua recuperação”. Podemos ter o catálogo alfabético, o de assuntos ou de matérias (ideográfico), o de autores (onomástico), o coletivo, entre outros (Faria & Pericão, 1988, pp. 62-63).

²⁷⁹ Catálogo coletivo ou integrado, que contém registos bibliográficos pertencentes a diversas bibliotecas (da UC, do Hospital, da Escola Superior de Enfermagem). O WebOPAC é o interface público do catálogo em linha, disponível na *World Wide Web*.

- Arquivo da Universidade [biblioteca]
- BCSUC
- BGUC
- Biblioteca da FCDEFUC
- Biblioteca da FDUC
- Biblioteca da FEUC
- Biblioteca da FLUC (SBD da FLUC)
- Biblioteca da FPCEUC
- Biblioteca do CEIS20
- Biblioteca do CES
- Biblioteca do RÓMULO - CCVUC
- CD25 de Abril
- CDE
- Centro de Documentação Braille e Sonoro (atual CDAB)

Na FCTUC:

- Biblioteca do Instituto Geofísico (atual Observatório Geofísico e Astronómico)
- Biblioteca do Observatório Astronómico (atual Observatório Geofísico e Astronómico)
- Departamento de Antropologia (atual biblioteca do DCV)
- Departamento de Arquitetura
- Departamento de Bioquímica (atual biblioteca do DCV)
- Departamento de Botânica (atual biblioteca do DCV)
- Departamento de Ciências da Terra (atual biblioteca do polo II)
- Departamento de Engenharia Civil (atual biblioteca do polo II)
- Departamento de Engenharia Electrotécnica (atual biblioteca do polo II)
- Departamento de Engenharia Informática (atual biblioteca do polo II)
- Departamento de Engenharia Mecânica (atual biblioteca do polo II)
- Departamento de Engenharia Química (atual biblioteca do polo II)
- Departamento de Física (atual biblioteca de Física e de Química)
- Departamento de Matemática
- Departamento de Química (atual biblioteca de Física e de Química)
- Departamento de Zoologia (atual biblioteca do DCV)

Tabela 7: Catálogos de bibliotecas e centros de documentação da UC

Fonte: Elaboração própria.

Nos terminais de pesquisa instalados nas bibliotecas, bem como nos computadores ligado à rede da UC, estão disponíveis, para além do catálogo bibliográfico, diversos recursos eletrónicos subscritos pela UC (ver tabela 8) e outros recursos seleccionados, disponíveis em acesso livre na Internet.

| Recursos eletrónicos subscritos | Disponibilização e acessibilidade |
|--|---|
| Biblioteca do Conhecimento online | No domínio uc.pt ou através de acesso via VPN à rede da UC. |
| Web of Science/Web of Knowledge | Integrado nos recursos disponibilizados pela b-on. Disponível no domínio uc.pt ou via VPN. |
| Ebooks da Biblioteca Nacional | Coleção de ebooks (96 títulos) adquirida pela BGUC e acessível em todo o campus universitário. |
| Ebooks Springer | Assinados pela biblioteca da FPCEUC, mas disponíveis no domínio da UC. |
| Proquest | Disponível no domínio da FPCEUC. |
| ABI/Inform Global (com acesso à EconLit) | Disponível no domínio da FEUC e da FDUC. |
| OvidSP | Disponível no domínio da FPCEUC. |
| Ovid | Contém periódicos assinados na área das Ciências e disponíveis no domínio da BCSUC. |
| SocINDEX | No domínio da FPCEUC e da FEUC. |
| Criminal Justice Abstract Full Text | No domínio da FPCEUC e da FDUC. |
| SportDiscus with Full Text | No domínio da FCDEFUC. |
| Communication Source | No domínio da FLUC. |
| HR, Learning & Organization Studies | No domínio da FPCEUC. |
| Health & Social Care | No domínio da FPCEUC. |
| Education | No domínio da FPCEUC. |
| Working Papers, National Bureau of Economic Research – NBER | No domínio da FEUC. |
| BDJUR - Base de dados jurídica Almedina | Disponível nos computadores das salas de Serviço ao Leitor da FDUC. |
| DATAJURIS - Base de dados jurídicos | Disponível na Sala de Alunos da FDUC. |
| HEINONLINE | No domínio da FDUC. |
| INFORMAWORLD | No domínio da FDUC (títulos com acesso online a partir de 1997). |
| JustNet - Base de dados jurídica | No domínio da FDUC. |
| LexisNexis Academic | No domínio da FDUC. |
| JSTOR - Arts & Sciences III | Disponível na Biblioteca Norte/Sul do CES (Projeto Alberti Digital) em parceria com o Departamento de Arquitetura, e na FLUC. |
| JSTOR - Mathematics & Statistics | No domínio do Departamento de Matemática da FCTUC. |

| | |
|---|--|
| Library & Information Science Source | No domínio da FLUC. |
| Dentistry & Oral Sciences Source | No domínio uc.pt. |
| ScienceDirect | No domínio uc.pt ou via VPN. |
| MathEduc Database | No domínio do Departamento de Matemática da FCTUC. |

Tabela 8: Recursos eletrónicos disponíveis na UC

Fonte: Elaboração própria (maio 2016), após consulta da informação disponível no domínio uc.pt em:

<http://www.uc.pt/sibuc/PesquisaGeral/BasesDados>,

<http://www.uc.pt/fctuc/dmat/departamento/bibliomat/bases>.

Veja-se, a título exemplificativo, a lista de recursos de informação em livre acesso disponibilizada pelo SIBUC (RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, Scientific Research Publishing, Promouvoir et Diffuser la Recherche, Nature, Publicações da "Royal Society of London", Encyclopedia of Life Sciences, SciELO, Wiley-Blackwell)²⁸⁰, bem como a lista de recursos disponíveis gratuitamente (bases de dados e publicações periódicas) disponibilizada pelos SBD da FLUC²⁸¹.

Existem ainda bases de dados em CD-ROM. Menciona-se o caso da BGUC, onde estão disponíveis as seguintes bases:

Catálogo de Obras Raras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, The History of Korea, Deutsche Bibliographie, Humanities Source, ERIC (Educational Research), Myriade – Catalogue Collectif Nationale de Publications en Série, BNI-Bibliografia Nazionale Italiana, Humanities Índex, Dissertation Abstract on disc, International Bibliography of Maps and Atlases, International Bibliography of Printed Music, Music Manuscripts and Recordings entre outras²⁸².

Os membros da UC podem também aceder ao portal da Biblioteca do Conhecimento On-Line (b-on). Os recursos pagos disponíveis no portal estão acessíveis nas instalações físicas das bibliotecas ou através de acesso remoto²⁸³, sendo, portanto, de acesso restrito à rede da universidade.

²⁸⁰ Informação disponível em: <http://www.uc.pt/sibuc/PesquisaGeral/BasesDadosGerais>

²⁸¹ Consultar a lista disponibilizada em: <https://alpha.sib.uc.pt/?q=category/tipo-de-acesso/acesso-livre>

²⁸² Informação disponível em: <http://www.uc.pt/bguc/FAQ>

²⁸³ A UC “disponibiliza acesso externo à rede da UC a todos os membros da comunidade universitária, que pretendam pesquisar no conjunto de publicações de várias editoras científicas reunidas sob o portal b-on e

O AUC disponibiliza os seguintes instrumentos: Guia de Fundos disponível em http://www.uc.pt/auc/fundos/2015_GuiaFundos; Cadastro de Fundos disponível em http://www.uc.pt/auc/fundos/cadastro_fundos; Pesquisa on-line na plataforma Archeevo em: <http://pesquisa.auc.uc.pt/>; Inventários, Catálogos, Listas de unidades de instalação e Índices.

No MCUC, regista-se a existência de catálogos e inventários.

n) Parte(s) do acervo/fundo/coleção em suporte digital, com ou sem consulta online

No AUC, foi realizada a digitalização de: registos paroquiais e registo civil; registos de passaportes; documentos para emissão de passaportes; testamentos da Provedoria; livros paroquiais manuscritos com registos de batismos, casamentos e óbitos. Subsequente disponibilização online em: <http://pesquisa.auc.uc.pt/>²⁸⁴. Em curso, estão a ser objeto de digitalização os processos de casamentos que fazem parte da Câmara Eclesiástica, a serem disponibilizados, futuramente, no site da *FamilySearch*.

No MCUC, o acervo digital é disponibilizado na plataforma *inweb* em <http://museudaciencia.inwebonline.net/>, onde o utilizador pode consultar o inventário e optar por pesquisar em História Natural, Instrumentos Científicos, Etnografia ou Modelos didáticos.

O CD25 de Abril disponibiliza um arquivo digital²⁸⁵ onde se encontram diversas fontes documentais digitalizadas e os principais documentos produzidos pelo Movimento dos Capitães e pelo Movimento das Forças Armadas. No *Arquivo Eletrónico da*

a outros sites que sejam certificados pela rede IP da Universidade de Coimbra, através de uma ligação VPN (Virtual Private Network)". Informação disponível em: <http://www.uc.pt/sibuc/PesquisaGeral/acessoremoto>

²⁸⁴ A pesquisa na base de dados da Family Search (<https://familysearch.org/search>) permite completar a consulta às imagens digitais (Registos paroquiais, Registo civil, Governo Civil de Coimbra - passaportes, Provedoria da Comarca de Coimbra - testamentos).

²⁸⁵ "Aproveitando o aparecimento das novas tecnologias e a explosão e a disseminação de documentos electrónicos logo em 1994 o Centro criou um sítio na Internet e, no mundo virtual, instalou o catálogo bibliográfico em linha e disponibilizou documentos em texto integral, tornando-se assim num dos primeiros arquivos e bibliotecas digitais. A partir de 2005 e com o apoio de financiamento oficial surgido com o Programa Para a Sociedade do Conhecimento (POSI) pôde dar início ao projecto sistemático de digitalização selectiva de documentos de arquivo, tendo no final de 2008 cerca de 200 000 páginas de conteúdos digitalizados disponíveis a partir da página Internet" (Centro de Documentação 25 de Abril, 2014, p. [3]).

Democracia Portuguesa pode-se encontrar informação selecionada sobre a Revolução de 25 de Abril de 1974 e a transição para a democracia.

No âmbito das bibliotecas, identificam-se na UC as seguintes coleções em suporte digital, com consulta on-line:

- Biblioteca Digital da Faculdade de Direito;
- Biblioteca Digital da Faculdade de Letras;
- Biblioteca Digital de Botânica;
- Biblioteca Geral Digital;
- Classica Digitalia.

A UC tem vindo a digitalizar e disponibilizar²⁸⁶, de modo gratuito e universal, importantes obras do seu valioso património, concretizando uma estratégia de conservação e difusão de documentação disponível na sua rede de bibliotecas.

UC DIGITALIS (ver figura 35) é um projeto global da UC “para a agregação e difusão de conteúdos digitais”. O projeto inclui a Alma Mater, a UC Pombalina, e a UC Impactum.

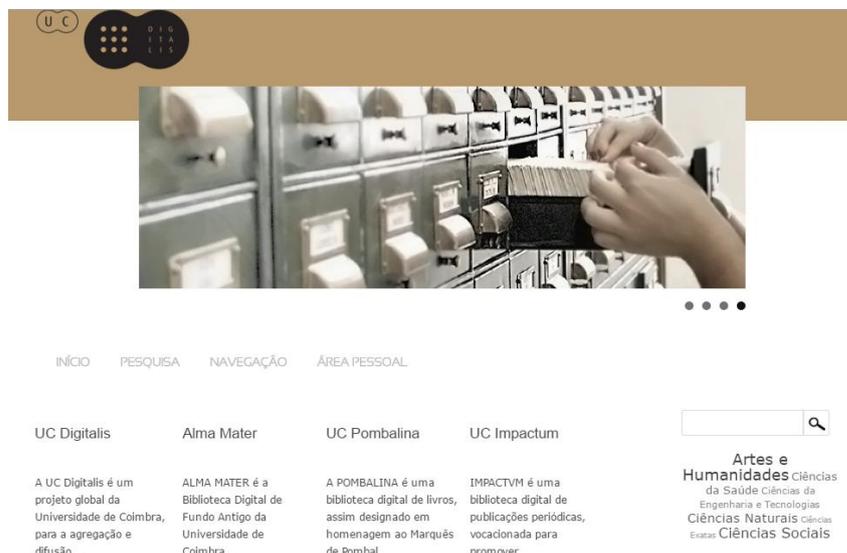


Figura 35: UC DIGITALIS

Fonte: <https://digitalis.uc.pt/>

²⁸⁶ UC Digitalis, Alma Mater, UC Pombalina e UC Impactum disponíveis em: <https://digitalis.uc.pt/>, <https://almamater.sib.uc.pt/>, <https://pombalina.uc.pt/>, <https://impactum.uc.pt/>.

A Alma Mater é a biblioteca digital do Fundo Antigo da UC, “constituída por um vasto acervo de obras, em geral publicadas antes de 1940”, da BGUC e das bibliotecas de diversas faculdades (perto de 4000 itens, aos quais correspondem cerca de 500.000 imagens)²⁸⁷.

A Pombalina, ligada diretamente à atividade editorial da IUC, é uma “biblioteca digital de livros” (homenagem ao Marquês de Pombal, a quem se deve a decisão de criar a Imprensa da Universidade, em 1772), “procurando assumir-se como uma plataforma de difusão da cultura e ciência produzidas em espaço lusófono”.

Impactvm é a “biblioteca digital de artigos científicos e publicações periódicas, vocacionada para promover a ciência produzida em espaço lusófono e incentivar a qualificação editorial dos títulos referenciados” (Universidade de Coimbra. UC Digitalis, 2016).

A biblioteca on-line Classica Digitalia - Vniversitatis Conimbrigenis²⁸⁸ visa difundir a cultura científica na área dos Estudos Clássicos.

Existe na UC um entendimento ambíguo acerca do significado dos conceitos *arquivo digital* e *biblioteca digital*. Há vários serviços de informação que utilizam, indistintamente, os dois termos, nas respetivas páginas web; contudo, o sentido que lhe atribuem é diverso. Vejam-se os seguintes exemplos:

i) Na FPCEUC, a *Biblioteca Digital*²⁸⁹ (ver figura 36) corresponde a uma biblioteca de ebooks²⁹⁰;

²⁸⁷ Nesta biblioteca digital pode-se encontrar: “livros antigos, manuscritos, cartas, fotografias, desenhos, etc. e parte de espólios de autores formados pela Universidade de Coimbra, e outros que passaram por Coimbra, e aqui deixaram a sua produção intelectual”. Informação disponível em: https://almamater.sib.uc.pt/pt-pt/alma_mater

²⁸⁸ A Classica Digitalia resulta da colaboração entre a IUC e o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da UC, “visa criar um grande espaço de difusão da cultura científica para a área dos Estudos Clássicos, dando especial atenção ao desenvolvimento de sinergias dentro do espaço lusófono. As colaborações cobrem um leque variado de temas e perspetivas de abordagem (literatura, cultura, história antiga, arqueologia, história da arte, filosofia, língua e linguística), mantendo embora como denominador comum os Estudos Clássicos e sua projeção na Idade Média, Renascimento e receção na atualidade.” Informação disponível em: http://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/classicadigitalia. Biblioteca online disponível em: <https://classicadigitalia.uc.pt/>

²⁸⁹ O acesso ao serviço requer, por parte do utilizador: 1. um “endereço de email do domínio da Instituição”; 2. a instalação, no computador pessoal, do “software de leitura ADE (Adobe Digital Editions)” – programa de leitura de ebooks disponibilizado gratuitamente; 3. o registo do ADE com o endereço de correio eletrónico mencionado anteriormente. Posteriormente, realiza-se uma requisição/reserva, confirma-se a requisição e faz-se o download do ebook. Informação disponível em: http://www.iacervo.com/fpceuc/18/service_manual

Introdução à biblioteca digital

A página principal da biblioteca tem dez zonas de informação:



Figura 36: Biblioteca Digital (FPCEUC)

Fonte: http://www.iacervo.com/fpceuc/18/service_manual

ii) Na FCDEFUC, a *Biblioteca Digital* (ver figura 37) corresponde a uma página web onde são apresentados todos os serviços disponibilizados em linha e o acesso a diversos recursos digitais;



Figura 37: Biblioteca Digital (FCDEFUC)

Fonte: <http://www.uc.pt/fcdef/documentosbiblioteca/Bibliotecadigital>

²⁹⁰ E-book ou ebook, “palavra inglesa, redução de electronic book, livro electrónico”; livro electrónico – “edição em formato digital do texto de um livro” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013).

iii) O SIBUC, que tem como missão principal a gestão de tarefas comuns a todas as bibliotecas da UC, identifica na respetiva página web diversas *Bibliotecas Digitais* (ver figura 38), na UC e outras, a nível nacional e internacional.

No que respeita à UC, afigura-se de difícil entendimento a lista apresentada, por elencar o AUC, o CD25 de Abril (“Arquivo Eletrónico da Democracia Portuguesa”) ou o projeto “História da Ciência na Universidade de Coimbra” como *Bibliotecas Digitais*.

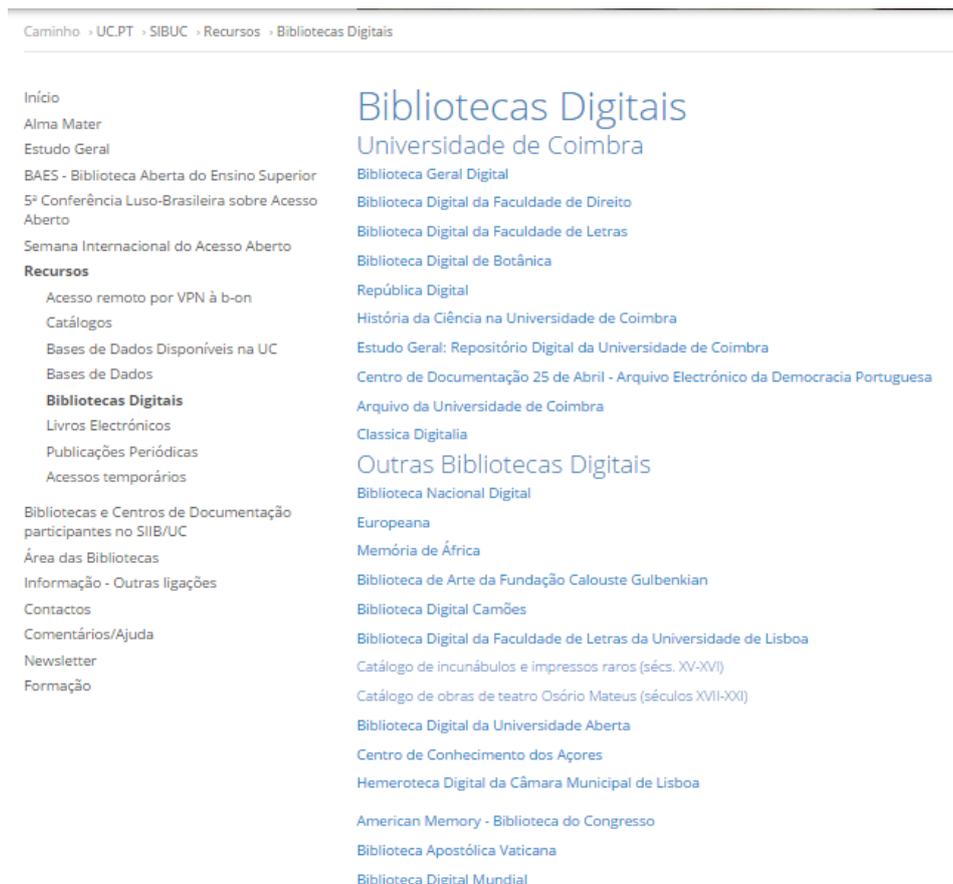


Figura 38: Lista de Bibliotecas Digitais da UC apresentada pelo SIBUC

Fonte: http://www.uc.pt/sibuc/PesquisaGeral/Biblioteca_Digital

De referir ainda que, o “ESTUDO GERAL é a designação do repositório digital da produção científica” da UC, cujo objetivo “consiste em divulgar conteúdos digitais de natureza científica de autores ligados” à referida Universidade (Universidade de Coimbra. Estudo Geral, 2016).

o) Atividades complementares de difusão da informação

Registam-se as atividades de divulgação/difusão do acervo e dos serviços, com a respetiva percentagem de unidades que as indicam (ver gráfico 6):

- Atividade editorial/Publicações (13,7%);
- Atividades de apoio ao ensino/investigação - conferências, visitas de estudo, palestras (22,8%);
- Atividades de natureza científico-cultural - colóquios, conferências, conversas com cientistas, comemoração de efemérides, projetos (27,2%);
- Cursos de formação avançada (9%);
- Disponibilização de acesso a tutorias (27,2%);
- Disponibilização, na respetiva página web, de informação sobre normas e gestores bibliográficos²⁹¹ (13,7%);
- Disponibilização de informação técnica e/ou informativa de apoio aos utilizadores e de divulgação do serviço (vídeos²⁹², folhetos²⁹³, manuais/instruções de pesquisa) - (36,3%);
- Disponibilização, na respetiva página web, de ligações úteis na pesquisa a recursos de referência - bases de dados, repositórios, plataformas, bibliotecas/arquivos digitais, dicionários e enciclopédias on-line, editores, livreiros, outros organismos, catálogos de outras bibliotecas - (59%);
- Divulgação de notícias/destaques/novidades on-line (18,1%);
- Divulgação periódica de listas de aquisições/registos no catálogo (45,4%);
- Estágios (18,1%);

²⁹¹ Salienta-se a informação disponibilizada pela BCSUC (“Apoio na elaboração de Bibliografias”; “Gestores de referências bibliográficas”; “Guias e tutoriais de apoio à pesquisa e recuperação da informação”; “Vocabulário controlado em Ciências da Saúde” - http://www.uc.pt/bcsuc/Apoio_utilizador/Servico_referencia), pela biblioteca da FPCEUC (“Normas de referência bibliográfica da Associação Americana de Psicologia” - <http://www.uc.pt/fpce/prodco/apa>) e pela biblioteca da FCDEFUC (“Normas de Referência Bibliográfica”; “NP 405” - <http://www.uc.pt/fcdef/documentosbiblioteca/Bibliotecadigital>). Assinala-se, ainda, o facto de existirem na FLUC três níveis de ensino em CI, todavia, os respetivos SBD não disponibilizam este tipo de informação aos seus utilizadores. Por último, menciona-se também a informação disponibilizada pela BN/S: “Passos para exportação de referências bibliográficas do histórico de leitura”, disponível em: http://www.ces.uc.pt/biblioteca/documentos/Exportacao_do_Historico_de_Leitura.pdf

²⁹² Destaca-se o vídeo de apresentação da biblioteca da FEUC, disponível em: http://www.uc.pt/feuc/biblioteca/divulgacao/docs/2015-2/biblioteca_FEUC_2015.mp4

²⁹³ Destaca-se o desdobrável de apresentação da BCSUC, que pode ser consultado em: <http://www.uc.pt/bcsuc/Documentos/arquivo/flyerAP>

- Exposições temporárias (41%);
- Parcerias com instituições públicas ou privadas (9%);
- Presença em redes sociais (45,4%);
- Publicitação das aquisições recentes em expositores (27,2%);
- Recolha e divulgação on-line de notícias sobre o serviço (9%).

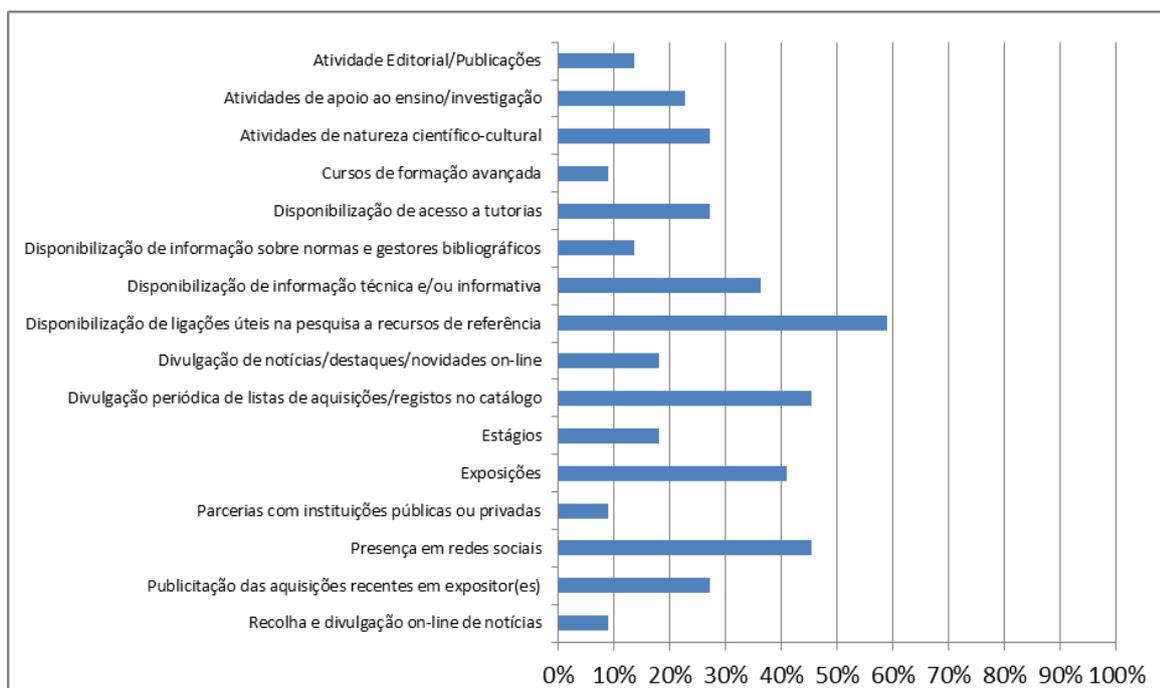


Gráfico 6: Atividades complementares de difusão da informação

Fonte: Elaboração própria.

Destaca-se, neste âmbito a ação e dinamização promovida pelo AUC, pela BGUC, pela biblioteca da FEUC, pela biblioteca da FPCEUC, pela Biblioteca Matemática, pela BCSUC, pela biblioteca da FCDEFUC, pelos SBD da FLUC, pela biblioteca da FDUC, pela BN/S, pelo CD25 de Abril, pelo RÓMULO - CCVUC e pelo MCUC.

Considerando as questões de partida a que se procurou responder, conclui-se que:

- A legislação/regulamentação que modela a estrutura organizacional e funcional da UC explicita o papel do arquivo, das bibliotecas, dos museus e dos centros de documentação;

- As disposições estatutárias e todos os diplomas legais e regulamentares assumem um papel fundamental para a compreensão da organicidade deste complexo sistema mas também da sua funcionalidade. A profusão e diversidade de dependências orgânicas e de disposições regulamentares internas consubstanciam fins e objetivos que norteiam a ação que, em última análise, é o que estrutura a própria informação;

- Numa entidade com mais de 726 anos de História, de tão vasta complexidade, o SI é, portanto, constituído pelos diferentes tipos de informação, registada em diversos suportes, ao longo do tempo, de acordo com a estrutura da entidade produtora/recetora e não deve ser confundido com o sistema tecnológico de informação ou informático. O SI da UC é hoje o reflexo da sua história e evolução institucional, persistindo, todavia, a perspetiva redutora da GI, que não considerou ainda a aplicação da visão sistémica na sua gestão;

- A perspetiva sistémica que sustenta o estudo realizado e a abordagem holística que presidiu ao seu desenvolvimento permitem afirmar que na UC, a informação (mais do que um conjunto de dados ou processos), entendida como fenómeno (humano e social) - conjunto de representações (mentais e emocionais) codificadas, humana e socialmente inteligíveis -, está estruturada e funciona no interior de subsistemas específicos [Arquivo, Bibliotecas, Museus, Centros de Documentação], em processos diversos que têm como objetivo a sua organização, representação, comunicação e uso.

Os resultados do estudo realizado apontam para a assunção da perspetiva sistémica na GI, em toda a sua complexidade, no presente e futuro, de modo a que, por essa via, se atinja a melhoria da eficiência e da eficácia na organização, no armazenamento e posterior recuperação da informação disponibilizada, sem esquecer a salvaguarda da memória organizacional.

6. PROPOSTA DE MODELO PARA A GESTÃO DA INFORMAÇÃO, HOLÍSTICA E SISTÉMICA, NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

6. Proposta de modelo para a gestão da informação, holística e sistémica, na Universidade de Coimbra

6.1 Visão estratégica

A UC, fundada em 1290, integra o conjunto de quinze universidades ativas na Europa, no final do século XIII. Após um período de alternância entre as cidades de Lisboa e Coimbra, a transferência definitiva para a “Cidade do Conhecimento”²⁹⁴ ocorre em 1537, tendo o rei D. João III cedido o próprio Paço Real para a sua instalação, hoje Paço das Escolas. Sendo a única Universidade em todo o território português até 1911, exceção feita ao período entre 1559 e 1759, em que coexistiu com a Universidade de Évora, teve a UC durante vários séculos o exclusivo de influência cultural e científica no país.

Com mais de sete séculos de existência, o nome e a marca UC são sobejamente conhecidos, em Portugal e no mundo²⁹⁵, representando este facto um enorme valor na sociedade em que vivemos. O número de estudantes internacionais inscritos na UC tem vindo a aumentar²⁹⁶, concomitantemente a difusão da cultura e língua portuguesa, o seu património, a notoriedade e projeção internacional constituem uma clara vantagem competitiva.

²⁹⁴ Coimbra é designada “Cidade do Conhecimento” por ter uma das mais antigas e prestigiadas universidades da Europa, herdeira do Estudo Geral, estabelecido inicialmente em Lisboa. Para além da UC, com as suas 8 faculdades, existem outras escolas e institutos de ensino superior, públicos e privados, na cidade: o Instituto Politécnico de Coimbra, a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, a Escola Universitária Vasco da Gama, o Instituto Superior Miguel Torga, o Instituto Superior Bissaya Barreto e a Escola Universitária das Artes de Coimbra.

²⁹⁵ De acordo com a informação disponibilizada pela Divisão de Relações Internacionais, atualmente a UC “tem mais de 500 acordos bilaterais Erasmus com várias universidades europeias de mais de 30 países e cerca de 200 acordos bilaterais [com] instituições de ensino superior de outros países.” Efetivamente, uma parte muito considerável das atividades de ensino e investigação realiza-se “no âmbito de uma extensa rede de contactos e parcerias internacionais com instituições de ensino superior de todo o mundo, desde a Europa, África, América do Norte e do Sul, à Ásia, Médio Oriente e Austrália.” Informação disponível em: <http://www.uc.pt/driic/Acordos/>

²⁹⁶ De acordo com os dados apresentados no “Relatório de gestão e contas consolidado 2015”, aprovado pelo Conselho Geral em 27 de junho 2016 [Deliberação n.º 10/2016]: “No ano letivo 2014/2015, 9,4% dos estudantes inscritos em cursos conferentes de grau e em pós-graduação/especialização – excluindo estudantes em mobilidade *incoming* –, eram de nacionalidade estrangeira. Maioritariamente, estes estudantes são provenientes dos “países da CPLP (80,4%), com destaque para o Brasil.” (...) “Quando analisamos o total de estudantes de nacionalidade estrangeira considerando a mobilidade *incoming*, o número ascende a 3.486 (2014/2015), representando 14,80% do total de estudantes em cursos conferentes de grau e em pós-graduação/especialização (com mobilidade *incoming*).” (...) “A maioria dos estudantes *incoming* é proveniente da Europa (59,1%) e da América (39,5%), destacando-se, em termos de países, o Brasil, de onde são naturais 36,5% dos estudantes. De seguida, estes estudantes são maioritariamente provenientes de Itália (14,8%) e de Espanha (14,7%)” (Universidade de Coimbra, 2016, pp. 47-48).

Uma Universidade de matriz clássica que reúne tradição, atualidade e inovação, de elevado prestígio praticamente em todo o espectro amplo de saberes, e com renome internacional²⁹⁷ consolidado.

Por razões históricas, regulamentares e funcionais, como se explicitou nos capítulos anteriores desta tese, o modelo atual da UC, no que à GI diz respeito, corresponde à própria evolução individual e distinta das disciplinas Arquivística, Bibliotecologia (Biblioteconomia/Documentação) e Museologia. Cada unidade de informação gere-se por si própria ou sob orientação de um serviço que procura superintender na execução das tarefas comuns (ex. bibliotecas - SIBUC) mas, como se afirmou antes, a visão sistémica está absolutamente ausente dos princípios que fundamentam e modelam o trabalho prático quotidiano preconizado pelo paradigma científico e pós-custodial. Nesta linha de entendimento, pelos equívocos apontados, confirma-se que o SI da UC é hoje o reflexo de uma abordagem da GI que tem de classificar-se, inevitavelmente, como redutora.

Não obstante a ausência sistémica mencionada, a verdade é que a realidade revela que o SI da UC, sendo, por natureza, ativo e permanente, é efetivamente um sistema com memória:

A permanente interação dos fatores natureza orgânica (estrutura produtora) e a natureza funcional (serviço/uso) é um aspeto fundamental e, como tal, deve ser apreendido e compreendido, nunca esquecendo que a informação que flui no sistema de informação da organização contém a funcionalidade (existe para ser recuperada) e é moldada pela estrutura que a produz, convocando um efetivo equilíbrio entre a valorização dos contextos de ação e de produção informacional e o seu uso e comunicação, nas suas diversas manifestações (Pinto, 2014, p. 53).

²⁹⁷ Esta dimensão reflete-se também na participação em redes e associações de cooperação internacional. “As redes são centros de reflexão e de partilha de ideias e de união de esforços na concretização de atividades e projetos de ensino e investigação que beneficiam das sinergias criadas pelos seus membros. Programas de mobilidade de estudantes, docentes e investigadores, mas também eventos culturais, seminários, conferências, publicações e divulgação de boas práticas no ensino superior internacional são alguns dos resultados mais visíveis do trabalho conjunto destas redes e associações.” Informação disponível em: <http://www.uc.pt/driic/redes/>. A UC integra as seguintes redes e associações: *Asociación Universitaria Iberoamericana de Postgrado*, *Associação de Universidades de Língua Portuguesa*, *Coimbra Group*, *Euraxess (Researchers in Motion)*, *European Association for International Education*, *European University Association*, *FORGES - Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países e Regiões de Língua Portuguesa*, *Grupo de Coimbra de Universidades Brasileiras*, *Leonardo Network for Academic Mobility*, *Rede Ibero-americana de Universidades de Pesquisa*, *SUN: The Silk-road Universities Network*, *Ryoichi Sasakawa Young Leaders Fellowship Fund*, *Utrecht Network*.

Pode, pois, afirmar-se que o SI da UC é constituído pelos diferentes tipos de informação registada em diversos suportes²⁹⁸ ao longo do tempo, de acordo com a estrutura da entidade produtora/recetora, e não pode ser confundido ou identificado com o STI.

Do ponto de vista epistemológico, como se referiu nos capítulos precedentes, considera-se que a CI se situa claramente no campo das Ciências Sociais, tendo como base a confluência transdisciplinar interativa de disciplinas como a Arquivística, a Biblioteconomia, a Documentação, e a Informática/Tecnologias aplicadas à GI nas diversas Organizações. A CI resulta da dinâmica de integração do legado técnico e prático das supramencionadas disciplinas, o qual é essencial para o estudo sistemático e científico do objeto informação.

Saracevic (1996, pp. 41-42) afirma que:

Qualquer campo, incluindo a CI, não pode ser entendido ou explorado através apenas de definições léxicas ou ontológicas... daí que a criação e a evolução da CI deve ser entendida a partir de três eixos centrais: a sua natureza interdisciplinar, a sua ligação intrínseca à tecnologia da informação e o seu contributo determinante para a evolução da Sociedade da Informação.

É, pois, a partir destes pressupostos que urge encontrar respostas para as seguintes perguntas:

A partir de qual [que] enfoque, ou em que bases devem ser colocados os problemas: humana ou tecnológica? A tecnologia constitui, por si mesma, um problema ou uma solução? ou ambos? A tecnologia é, sem dúvida, central em CI, mas é também fundamental, por exemplo, para a ciência da computação? Ou são os aspectos humanos (conhecimento, registros do conhecimento, comunicação, contextos individual, institucional e social, necessidade e uso da informação...) fundamentais como alicerces sobre os quais as soluções tecnológicas devem ser construídas? (Saracevic, 1996, p. 55).

Por isso, é tendo por pano de fundo questões como as que se sublinharam que, neste capítulo, procura pensar-se a mudança e perspetivar a sua aplicação prática

²⁹⁸ Qualquer documento corresponde a uma materialização (registo num suporte físico) da Informação potenciadora de comunicação.

concreta (visão estratégica e operativa). Neste sentido, propor-se-á um modelo que otimize a gestão, holística e sistémica, da informação na UC.

Pensar prospetivamente a UC e a sua afirmação num horizonte temporal mais alargado pressupõe o reforço de dimensões com impacto transversal em todos os seus pilares (missão²⁹⁹ e recursos). Perspetivar a gestão sustentável das suas atividades e dos seus recursos, a médio e longo prazo, implica determinar as vertentes em que assenta a estratégia definida pela equipa reitoral como um todo³⁰⁰.

No quadriénio 2015-2019, no âmbito do planeamento estratégico, foram identificadas as seguintes áreas: a internacionalização, a cidadania e inclusão, a marca “Universidade de Coimbra”, a comunicação e o ambiente (Universidade de Coimbra, 2015). Contudo, para que a ponte entre a estratégia e a ação se materialize, é necessário planear e concretizar as estratégias definidas a partir da iniciativa reitoral. Para tal, cada unidade orgânica e outras unidades da UC devem alinhar as ações propostas e as metas a atingir com a ação estratégica institucional, de modo a ser possível alcançar o sucesso³⁰¹.

É, pois, na conjugação de cada um dos pilares de missão e de recursos³⁰² e das áreas de sustentabilidade³⁰³ apresentadas no quadro de referência estratégica da UC

²⁹⁹ A missão e os valores da UC estão estatutariamente definidos, tal como se explicitou no ponto 4.2 desta tese (art.º 2.º e art.º 4.º dos respetivos Estatutos (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2008, pp. 38329-38330). A visão da UC surge explicitada no “Plano Estratégico 2015-2019”, que estabelece as principais linhas de orientação para este quadriénio, dando início a um novo ciclo de planeamento e avaliação na UC (Universidade de Coimbra, 2015, p. 17).

³⁰⁰ A este respeito considera-se de particular interesse a consulta dos diversos programas das listas que se apresentaram, no passado dia 6 de dezembro de 2016, às eleições ao Conselho Geral, órgão constituído por consultores internos e externos à UC, a quem compete, para além da eleição do Reitor, debater a estratégia da Universidade. As diferentes visões apresentadas, disponíveis em http://www.uc.pt/candidatos_conselho_geral/2016, poderão contribuir para um debate inclusivo, nomeadamente no que diz respeito à temática versada por esta dissertação - a GI.

³⁰¹ A título de exemplo cita-se o Manifesto eleitoral de uma das listas candidatas, onde se afirma: “Valorizamos a circulação da informação por toda a Universidade, dispersa por vários polos distantes, de modo a reforçar a sua coesão e o sentimento de pertença de todos os docentes, cujas oportunidades de encontro e colaboração devem ser propiciadas.” Informação disponível em: http://www.uc.pt/candidatos_conselho_geral/2016/professores_investigadores/lista_E/manifesto_eleitora

³⁰² Recorde-se que os pilares de missão estão diretamente relacionados com os fins essenciais da Universidade e os pilares de recursos englobam os meios necessários para atingir aqueles fins. O Plano estratégico 2015-2019 apresenta os seguintes pilares estratégicos da UC: pilares de missão (a investigação, o ensino e a comunidade) e pilares de recursos (as pessoas, os recursos económico-financeiros e as infraestruturas) (Universidade de Coimbra, 2015).

³⁰³ A vertente da sustentabilidade, transversal e basilar a todos os pilares, engloba as áreas da internacionalização, de cidadania e inclusão, da marca “Universidade de Coimbra”, da comunicação e do ambiente (Universidade de Coimbra, 2015).

(Universidade de Coimbra, 2015), que deve ser considerada a gestão, transversal e integrada, do fenómeno infocomunicacional.

Nos atuais contextos de mudança e da Sociedade da Informação e/ou do Conhecimento, as entidades públicas ou privadas são confrontadas com necessidades diversas, podendo-se evocar, a título exemplificativo, as seguintes:

- Centralizar ou descentralizar as suas atividades e os postos de trabalho/atendimento;
- Racionalizar processos e distribuir atividades de modo equitativo;
- Controlar custos;
- Documentar as políticas, decisões, ações e resultados;
- Eliminar a redundância de informação;
- Conceber e gerir um sistema de informação (suportes analógicos e digitais);
- Garantir a autenticidade, a fiabilidade e a integridade das transações e do sistema de informação;
- Cumprir os requisitos normativos e legais;
- Assegurar o uso da informação a médio e longo prazo;
- Prestar um serviço de qualidade;
- Preservar a memória institucional (Pinto, 2005, p. 7).

Estas não são também necessidades da UC? O estudo levado a cabo permite uma resposta inequivocamente afirmativa. Informação e Conhecimento são, de facto, alicerces da gestão estratégica, retro e prospetiva, da instituição universitária. Por exemplo, no âmbito da produção e transferência de conhecimento para a sociedade, reconhece-se que a UC não dispõe ainda de um sistema que permita dar visibilidade e que incremente a difusão do conhecimento que nela é produzido³⁰⁴. Com efeito, a presença de investigadores em sistemas de identidade digital³⁰⁵ é também fundamental na promoção da investigação e transferência de conhecimento para a comunidade global, sem esquecer que:

(...) un verdadero planteamiento de una estrategia institucional debe evolucionar hacia la adopción de medidas orgánicas y estratégicas que articulen y coordinen todos los servicios de apoyo a la investigación y, a la vez, se ponga en marcha un plan de marketing interno con vistas a sensibilizar a la comunidad investigadora sobre la importancia de la

³⁰⁴ A UC disponibiliza, desde 2008, o “Estudo Geral”, o repositório digital da produção científica; adotou, também, o sistema “DeGóis”, como repositório dos currícula de docentes e investigadores.

³⁰⁵ Por exemplo, *Orcid*, *ResearcherID*, *Scopus Author*, *Google Scholar Citations* e *ResearchGate*.

gestión de su identidad y reputación digital (Fernández Marcial & González Solar, 2015, p. 663).

Relembra-se que a Informação, enquanto fenómeno e processo que se impõe nas organizações, está cada vez mais relacionada com o referencial estratégico. Como muito bem referem Wersig e Nevelin, o termo informação “can be understood only if it is defined in relation to these information needs³⁰⁶ (...) for a specific clientele” (Wersig & Nevelin, 1975, p. 134).

O estabelecimento de alianças ou de parcerias estratégicas entre os serviços de informação só é possível de concretizar através de uma partilha racional, dos recursos (humanos, tecnológicos, materiais e informativos), que permita uma redução de custos e um aumento de benefícios mútuos, desenvolvendo-se, para alcançar tal desiderato, mecanismos democráticos de partilha e de disseminação do conhecimento disponível.

Esta perspetiva, que alicerça a proposta metodológica relativa ao SI da UC, é também a visão sistémica e holística da Informação e do Conhecimento, pelo que o estudo do todo em função das partes dá lugar ao estudo e análise de cada uma das partes em relação ao todo.

A análise concretizada aos atuais serviços de informação de matriz tradicional – arquivo, bibliotecas, museus e centros de documentação –, permite afirmar que estes se constituem como autênticos subsistemas do SI da UC. No âmbito da conceção sistémica das organizações, considera-se que a excelência do seu funcionamento depende da capacidade de gerir os subsistemas, de forma integrada, através do planeamento, implementação e avaliação permanente do seu SI.

Esta visão global privilegia a totalidade e as suas partes componentes, pois o importante é ver o todo e não cada parte isoladamente. Num SI, *lato sensu*, que gera e gere informação, a sua maior ou menor complexidade depende, essencialmente, da sua estrutura, das suas competências, funções e atividades. Recorde-se que à complexidade estrutural vai corresponder a complexidade informacional, que se verte na quantidade e na qualidade dos fluxos de informação existentes.

³⁰⁶ “either as reduction of uncertainty caused by communicated data or as data used for reducing uncertainty” (Wersig & Nevelin, 1975, p. 134).

A dimensão investigativa da GI em CI, orientada para problemas e/ou casos, caracteriza-se pela transversalidade, complexidade e interação na abordagem da realidade em estudo. A proposta de abordagem sistémica assumida permitiu definir uma matriz de análise orientadora da operacionalização desta investigação ao nível do posicionamento científico (a GI em CI), do foco na informação (génese e fluxo infocomunicacional) e do modelo teórico-metodológico (percurso investigativo e proposta de modelo para a GI).

No âmbito da visão estratégica que aqui se procura explicitar, considera-se, como ponto de partida, a necessidade de se estabelecer **uma estrutura de apoio técnico e de coordenação do SI organizacional**, que facilite o desenvolvimento da Universidade neste domínio, na dependência direta da reitoria³⁰⁷.

Tendo em linha de conta que a atual equipa reitoral da UC é constituída por sete elementos: o reitor e seis vice-reitores, tendo cada um as respetivas áreas de ação³⁰⁸, entende-se que na estrutura orgânica vigente seria necessário (re)pensar a divisão das presentes áreas de ação da equipa reitoral e afetar a um dos vice-reitores a incumbência de coordenar toda a ação do que poderia designar-se como **Política de Comunicação e Visibilidade da Informação, Investigação e Transferência de Conhecimento**. Neste âmbito, seriam as seguintes as áreas de ação a considerar:

- Planeamento Estratégico e Gestão do SI organizacional;
- Arquivo;
- Bibliotecas;
- Centros de Documentação;
- Museus;
- Repositório(s)³⁰⁹;

³⁰⁷ Os órgãos de governo da Universidade são: o Conselho Geral, o Reitor e o Conselho de Gestão.

³⁰⁸ Áreas de ação dos atuais vice-reitores: a) Investigação Inovação, Fundos Estruturais, Desporto, Bibliotecas; b) Recursos Humanos, Ação Social, Turismo, Museus; c) Assuntos Académicos, Ensino a Distância, Planeamento e Qualidade; d) Edificado, Sustentabilidade; e) Relações Internacionais, Estudantes Internacionais; 6. Cultura, Comunicação, Património, Antigos Estudantes. Informação sobre a equipa reitoral da UC e respetivas áreas de ação disponível em: <http://www.uc.pt/governo/reitoria>

³⁰⁹ "Repositórios disciplinares ou temáticos são sistemas [tecnológicos] de informação que arquivam resultados de I&D de uma dada disciplina, de acordo com os princípios do *open access* (acesso aberto). (...) Repositórios institucionais são sistemas de informação que servem para armazenar, preservar e difundir a produção intelectual de uma dada instituição, normalmente uma comunidade universitária. Podem ser criados e mantidos de forma individualizada, ou por grupos de instituições que trabalhem numa base cooperativa" (Ferreira *et al.*, 2012, p. 27). No caso da UC, identifica-se: 1. o repositório institucional *Estudo Geral*, constituído com o objetivo de armazenar, preservar, divulgar e dar acesso à produção científica da UC em formato digital, disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/>; 2. o *Repositório de Regulamentos da UC*, "uma plataforma que reúne, preserva e permite o acesso a todos os regulamentos que regem o

- Imprensa;
- Investigação e Comunicação de Ciência;
- Tecnologias de Informação e Comunicação.

Esta proposta deriva da verificação de que, na atual configuração de base hierárquica linear em que se inserem quer os tradicionais serviços de informação quer outros serviços com aumento progressivo da componente tecnológica (Informática), a implementação de um modelo de GI holística e sistémica ficaria inviabilizado. Aqui, a GI encontra-se diluída e/ou confinada a níveis de gestão e a “partes” do todo orgânico analisado (ver capítulos 4 e 5). Também não se perspectiva que modelos organizativos mais recentes, como o de Serviços Partilhados³¹⁰, possa ser a resposta, pois estes não reconhecem sequer a função de GI.

Face à crescente premência da área da Gestão de Serviços estritamente ligada às Tecnologias, ganha relevo o enfoque na operacionalização da GI neste contexto, apontando-se para a gestão comum do fenómeno infocomunicacional, necessariamente integradora do arquivo, das bibliotecas, dos museus, dos centros de documentação, da imprensa, do repositório (o temático e o de acesso aberto) e das bases de dados.

A **nível da estrutura orgânica da UC** propõe-se a criação de um serviço/uma unidade abrangente, na direta dependência de um vice-reitor³¹¹, que seria responsável pela gestão integrada das componentes **informacional, humana e tecnológica** do SI organizacional. Este serviço teria como missão:

- A Gestão de informação (analógica e digital) – gerada por toda a estrutura organizativa e pelos processos jurídico-administrativos decorrentes das atividades da UC (cada vez mais transversais), bem como pelas redes funcionais, científicas, profissionais e outras que, formal ou informalmente, são o resultado da ação da Universidade;

funcionamento da Universidade”, disponível em: <http://www.uc.pt/regulamentos>; 3. Conteúdos temáticos produzidos por unidades orgânicas, outras unidades e serviços da UC, disponibilizados no domínio uc.pt (Moodle, Bibliotecas Digitais, Arquivo Digital), sem contudo se definir uma estratégia institucional para o seu armazenamento e preservação, em particular para os conteúdos pertinentes para a memória da UC.

³¹⁰ Baseiam-se na identificação de processos considerados transversais à atividade das organizações (por exemplo, compras, logística, tesouraria, contabilidade, recursos humanos), com a consequente conceção e implementação de serviços, associados a tecnologias, com ganhos de eficiência, eficácia e qualidade na sua gestão.

³¹¹ Partindo da necessidade explicitada de se (re)pensar a divisão das presentes áreas de ação da equipa reitoral, considera-se premente afetar a um dos vice-reitores (e não no âmbito de ação atual dos seis vice-reitores) a incumbência de coordenar toda a ação no âmbito da Política de Comunicação e Visibilidade da Informação, Investigação e Transferência de Conhecimento.

- A Gestão de serviços de informação;
- A Gestão de Tecnologias e Infraestruturas tecnológicas de informação e comunicação.

Este Serviço teria as seguintes competências:

- a) Analisar e (re)organizar todos os subsistemas de informação da UC;
- b) Planificar e executar tarefas de preservação, de controlo e segurança de todos os acervos;
- c) Conceber e elaborar um portal comum de acesso à informação, que possibilite de forma rápida e eficaz a sua identificação, localização e disponibilização;
- d) Organizar, gerir e comunicar conteúdos.

A nível de recursos, seria também necessário:

- Adquirir e instalar, de forma centralizada, produtos ou serviços - internamente, o software de gestão do arquivo, das bibliotecas e repositório digital, dos museus e centros de documentação e, externamente, o acesso integrado aos mesmos;
- Administrar globalmente as diversas funções ligadas a esses produtos e serviços;
- Ministras formação e monitorizar permanentemente os recursos humanos, pois a adoção de novas soluções técnicas exige a adequada preparação especializada dos vários profissionais da informação, bem como a resposta tempestiva às questões suscitadas, seja por estes últimos seja pelos utilizadores;
- Constituir uma equipa de trabalho, que integre profissionais de informação de todos os serviços da UC, para execução das tarefas/atividades decorrentes das competências enumeradas.

Este modelo de gestão, cuja aplicação prática seguidamente se propõe na sua componente operacional, corresponde a uma abordagem paradigmática nova, em linha com a parte I desta tese, em que se perspetiva sistemicamente o fenómeno infocomunicacional e se identifica e assume a GI como área de estudos transversal e aplicada em CI. O seu enfoque está, portanto, na Informação, enquanto fenómeno

humano (indivíduo(s) e sua ação) e social (grupo/organização e sua ação), tendo como componentes essenciais os elementos sistémicos enunciados: a Organização, a Informação e a Tecnologia, permanentemente conexas e interatuantes.

6.2 Visão operativa

Como ponto de partida para esta proposta de modelo de GI na UC, na sua componente operativa, selecionaram-se algumas referências, entre outras que poderiam eleger-se, por se considerar que as escolhidas ilustram bem o que se preconiza. Assim:

- O projeto *Biblioteca Digital de Botânica* “tem por objetivo a construção e disponibilização na web, de modo gratuito e universal, de recursos existentes na Biblioteca do Departamento de Botânica” da FCTUC [atual biblioteca do DCV] – livro antigo, livros manuscritos, espólios de botânicos (compostos por “correspondência manuscrita, fotografias, desenhos, etc.”). “Pretende-se também iniciar a interação entre recursos variados existentes em bases de dados diferentes: a Biblioteca Digital e o Herbário On-line”³¹²;
- “Na Biblioteca Digital de Botânica poderá encontrar inúmeros livros e documentos relacionados com esta coleção”³¹³ [de Botânica do MCUC];
- No arquivo do Professor Doutor Manuel dos Reis (1900-1992), conservado no AUC, encontra-se documentação produzida e/ou recebida no âmbito da sua atividade profissional, enquanto professor e investigador de Matemática. A elaboração da descrição arquivística e catálogo deste arquivo (A. M. D. Silva, 2016, pp. 133-268) permite identificar a relação deste acervo com diversos recursos informativos presentes na UC: documentação de outros fundos custodiados pelo Arquivo³¹⁴, publicações existentes nas bibliotecas, instrumentos científicos que integram os núcleos museológicos e com outra informação disponibilizada no sítio web da Universidade³¹⁵;

³¹² Informação disponível em: <http://bibdigital.bot.uc.pt/>

³¹³ Informação disponível na página web do MCUC (ver descrição das coleções científicas da UC) em: <http://www.museudaciencia.pt/index.php?module=content&option=collections&action=description>

³¹⁴ “Unidades de descrição relacionadas: Portugal, Universidade de Coimbra (F). Processos individuais de professores (SR). Manuel dos Reis. Portugal, Instituto de Coimbra (F). Direção (SC). Registo de sócios (SR). Portugal, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra: a Coleção de Astronomia contém alguns dos instrumentos pertencentes ao Observatório Astronómico e que são citados na documentação (ex: espectroheliógrafo, fotoheliógrafo, equatorial, barógrafo, higrógrafo, instrumento de passagens, telescópio, celostato).” Ver também a descrição do elemento seguinte, *Nota de publicação* (SILVA, A. M. D., 2016, p. 142).

³¹⁵ Veja-se a informação disponibilizada no projeto “História da Ciência na UC” sobre o Professor da Faculdade de Ciências, Manuel dos Reis (1900-1992), em: http://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/REIS_manueldos

- Sob o título “O regresso do espólio da Imprensa à Universidade de Coimbra” pode ler-se na página web da IUC: “A Imprensa da Universidade, desde o reinício de atividades [dezembro 1998 - julho 1999], teve como intenção recuperar o que fosse possível do seu passado.” (...) Em 2001, regressou à UC “parte do seu antigo espólio, que se encontrava, desde 1934, à guarda daquela instituição” [Imprensa Nacional]. Neste acervo, para além de diversos documentos, encontram-se “gravuras em cobre, tipos em madeira, tipos em metal e vinhetas, sendo que, algumas destas são, presumivelmente, restos do material oriundo da antiga imprensa dos Jesuítas” (Universidade de Coimbra. Imprensa da Universidade, 2016);

- O projeto intitulado “História da Ciência na UC”³¹⁶ centra-se na investigação da temática que lhe dá nome e, necessariamente, no “estudo do rico acervo científico da UC”, desde a edificação do Colégio de Jesus (1547), “até 1933, quando começa o Estado Novo.” Neste projeto “multidisciplinar e interdisciplinar, que reúne investigadores de diversas Faculdades e centros da UC”, assim como de outras instituições, compreende a elaboração de sínteses históricas “com base na extensa bibliografia existente”, bem como “trabalhos de digitalização de fontes documentais e de objectos e instrumentos científicos, que poderão servir de base a novas investigações” (Universidade de Coimbra. História da Ciência na UC, 2016);

Os excertos apresentados evidenciam, claramente, a ligação existente entre a informação disponibilizada por distintos serviços de informação da UC, bem como a necessidade de a relacionar, para contextualizar, justificar, explicar, comunicar e difundir o Conhecimento.

Assim, na presente tese preconiza-se a GI, holística e sistémica, independentemente do SI que a recolhe/adquire, organiza e dissemina, em qualquer contexto orgânico/organizacional. Para o SI da UC, será, portanto, o modelo holístico e sistémico a dar substância ao trabalho de gestão integrada da informação.

A visão holística do modo como a estruturação do referido SI foi feita, o foco no fluxo infocomunicacional dinâmico e a perspetiva de operacionalização suportada por componentes e variáveis de análise identificadas são a base da proposta de modelo de gestão do SI organizacional da UC (ver figura 39).

³¹⁶ Pode-se consultar no domínio uc.pt os seguintes resultados: “Galeria de Imagens”, “Sínteses Históricas”, “Publicações”, “Índice de autores”. Informação disponível em: http://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/apresentacao



Figura 39: Modelo de gestão do SI organizacional: componentes e variáveis

Fonte: Elaboração própria.

Na perspetiva da CI, propõe-se que a investigação de casos/problemas no âmbito da GI compreenda a análise de **cinco vetores fundamentais**, em torno de um eixo central, o Sistema organizacional: as componentes SI e STI; e as variáveis – as Humanas/Sociais, as Informacionais e as de Gestão. Só numa sequência articulada de todos se terá a adequada compreensão, que se pode explicitar da forma seguinte:

- O **Sistema organizacional** – sistema de origem humana e social com génese própria e uma estrutura orgânica interna em evolução diacrónica constante;
- O **SI** – gerado, materializado em diversos suportes, com fluxo infocomunicacional, passível de uso e difusão/comunicação – garante essencial à visibilidade e construção do conhecimento;
- O **STI** – tecnologias e infraestruturas tecnológicas de informação e comunicação;
- **Humanas/Sociais** – o Ambiente (externo), o Contexto organizacional e a Ação;
- **Informacionais** – propriedades da Informação, Organicidade, Funcionalidade e Memória;
- **Gestão** – económico-financeira, pessoas, processos/fluxos informacionais, tecnologias.

Com esta base, avança-se, então, para a proposta de um Modelo de Gestão do Sistema de Informação Organizacional da UC (MGSIUC) que integra os vetores supramencionadas. Esquematicamente, a sua configuração pode ser apresentada da forma seguinte (ver figura 40):

Teoria Sistémica e abordagem holística

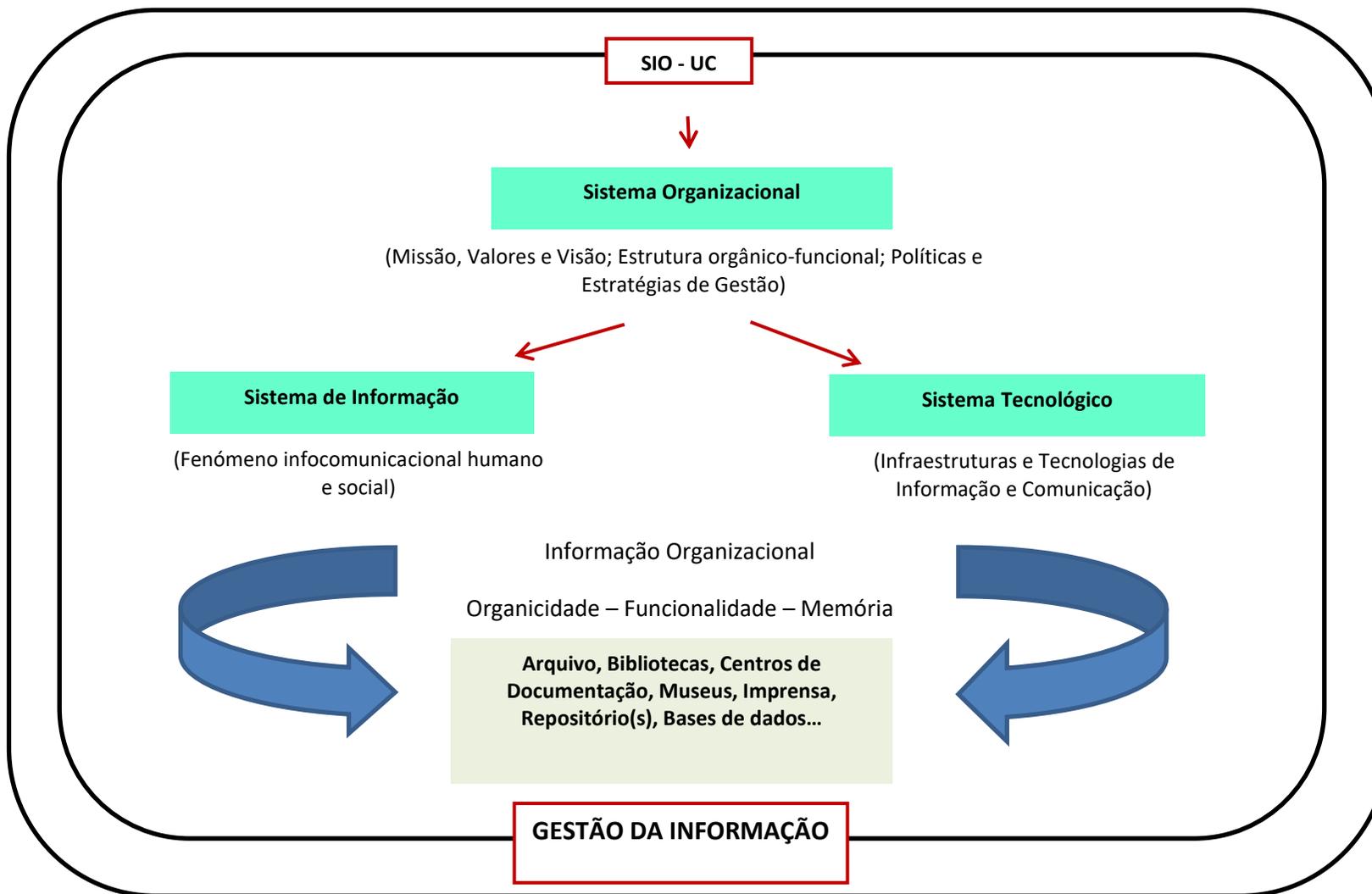


Figura 40: Modelo de gestão do SI organizacional da UC
Fonte: Elaboração própria.

No caso do universo sistémico da UC, o Sistema Organizacional posiciona-se no topo e nele entroncam os dois componentes: o SI e o STI. A variável Humana/Social compreende o Ambiente (externo à UC, em que a organização opera), o Contexto organizacional (a missão, valores e visão próprios/identitários, um conjunto de pilares estratégicos - ensino, investigação e comunidade -, e de recursos), corporiza a especificidade do caso em estudo e espelha a Ação da Universidade. A variável informacional engloba a génese e o fluxo infocomunicacional (a sua materialização, uso, difusão, avaliação e preservação). A variável de Gestão abrange, por sua vez, as funções tradicionalmente desenvolvidas no processo de gestão (planear, organizar, dirigir, decidir e controlar) de recursos económico-financeiros, humanos, de processos/fluxos informacionais e de tecnologias.

Com recurso à teoria sistémica, que obriga a uma abordagem holística, preconiza-se a gestão integrada da informação organizacional, que compreende a articulação e a administração conjunta dos serviços de informação da UC tradicionais, bem como da informação produzida/recebida pela Universidade que se encontra dispersa por plataformas, repositórios³¹⁷, bases de dados científicos, etc.

O meio digital e a pluridimensionalidade das unidades informacionais em toda a UC vêm também reforçar a imprescindibilidade da abordagem sistémica da preservação³¹⁸, quer como variável intrínseca à GI quer nos processos de gestão do SI

³¹⁷ A preservação digital é também uma preocupação gradual dos repositórios, a nível nacional e internacional. Com efeito, constata-se que “apesar da crescente consciencialização e interesse no que concerne às questões relacionadas com a preservação digital, o número de repositórios com políticas, estratégias e ações consolidadas ainda é residual” (Ferreira *et al.*, 2012, p.4).

³¹⁸ Não cabendo aqui o desenvolvimento desta temática assinalam-se dois aspetos a considerar, todavia distintos: 1. Prover estrategicamente a preservação das espécies em suportes tradicionais, através de ações de conservação preventiva que investem na transferência de suporte, disponibilizando, assim, uma diferente forma de acesso e comunicação da informação custodiada (nomeadamente através da sua divulgação através da disponibilização de conteúdos em meios digitais); 2. Preservar a informação digital, um processo complexo que deverá partir de uma abordagem sistémica da “preservação da informação”, perspetivada ao nível estratégico e operacional como variável intrínseca à GI, devendo esta abarcar todo o SI organizacional, tendencialmente híbrido. Como refere Pinto (2014, p. 50), “a preservação começa desde logo na conceção e implementação da plataforma tecnológica na qual será produzida, organizada, armazenada e difundida a informação, nomeadamente no software utilizado, nos formatos adotados, na recolha, na fase e momento próprio, da meta-informação administrativa, técnica, estrutural, descritiva ou de preservação que permita a sua futura referência e o desencadear das diferentes estratégias de preservação que agirão sobre as diferentes dimensões, seja a bidimensionalidade do documento analógico, seja a pluridimensionalidade do “objeto” digital. Um papel que não poderá ser imputado a “informáticos”, mas que convoca permanentemente parcerias entre o gestor da informação e os diferentes atores, informáticos incluídos.”

organizacional. As questões relacionadas com a preservação digital³¹⁹ surgem como uma das preocupações, seguramente prementes, da UC, de modo a que possa acompanhar a rápida evolução das tecnologias e, conseqüentemente, não se deixe ultrapassar pela obsolescência tecnológica. Por conseguinte, “é imprescindível e urgente que a UC defina políticas e concretize ações que visem a preservação da informação no longo prazo e que deverão acompanhar todo o seu ciclo de vida e de gestão” (Gomes & Ramos, 2014, p. 428).

Uma vez que, “providing relevant services for Web users requires to seek convergence, and to bridge the gap between libraries, museums, archives and other cultural institutions” (Bermès, 2011, p. 1), a interoperabilidade, a convergência e a usabilidade evidenciam-se também como fundamentais. Portanto, deve-se procurar colocar a dinâmica da transferência do conhecimento gerado na UC ao serviço do desenvolvimento social, económico e cultural, fortalecendo-se, necessariamente, a ligação da Universidade com o meio envolvente, a nível nacional e internacional.

Considera-se, em primeiro lugar, premente promover o uso da informação na UC, interna e externamente, com uma solução tecnológica, que cubra o universo UC e que facilite, num ponto único, o acesso a todos os recursos de informação da organização.

Classifica-se, por isso, como urgente o desenvolvimento da mencionada solução tecnológica, já que só por esta via será possível a disponibilização de uma interface gráfica comum de pesquisa do Arquivo, Bibliotecas, Museus, Centros de Documentação, Imprensa, Repositório Institucional, UC Digitalis³²⁰, etc., evitando, dessa forma, a necessidade de se aceder a cada um dos subsistemas individualmente para obter a informação pretendida.

Esta solução, a curto prazo, poderá ser um portal agregador de conteúdos, capaz de pesquisar no catálogo coletivo das bibliotecas, no repositório institucional *Estudo Geral*, nas plataformas e sistemas tecnológicos que permitem a descrição e difusão da informação dos distintos serviços de informação da UC, ou em qualquer outra fonte de

³¹⁹ “*Digital preservation* consists of the processes aimed at ensuring the continued accessibility of digital materials. To do this involves finding ways to re-present what was originally presented to users by a combination of software and hardware tools acting on data. To achieve this requires digital objects to be understood and managed at four levels: as physical phenomena; as logical encodings; as conceptual objects that have meaning to humans; and as sets of essential elements that must be preserved in order to offer future users the essence of the object” (UNESCO, 2003, p. 34).

³²⁰ Trata-se de um projeto da UC para a agregação e difusão de conteúdos digitais, considerada a maior plataforma de informação académica em língua portuguesa (Universidade de Coimbra, 2015, p. 27).

informação orgânica disponibilizada. A ideia subjacente é muito simples: o cliente³²¹ que pesquisa sobre uma determinada temática na UC deve poder encontrar no mesmo interface comum agregador de conteúdos toda a informação existente na Universidade, ainda que esta se encontre fisicamente em distintos serviços (num documento de arquivo, num objeto museológico, num livro impresso ou num e-book, num conteúdo digital disponibilizado numa plataforma, repositório ou no próprio domínio uc.pt).

A implementação do referido portal apresenta as seguintes vantagens: acesso federado a todos os recursos de informação da organização; disponibilização de um único interface de pesquisa ao utilizador; funcionalidades de pesquisa simples e avançada, filtragem de resultados, *tags*³²² e comentários, *RSS feeds*³²³, integração com redes sociais; fornecimento de informação que pode ser integrada com agregadores internacionais³²⁴; compatibilidade com protocolos específicos como o *Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting* (OAI-PMH)³²⁵, o Z39.50³²⁶, bem como com *gateways* de acesso aos dados³²⁷. Como desvantagens assinala-se:

(...) la constitution de portails fournissant un accès fédéré à plusieurs bases de données présente le double inconvénient d'offrir une expérience de recherche appauvrie aux

³²¹ Designado durante séculos como leitor, o utilizador dos serviços de informação “vê-se, a partir daqui [século XXI], designado como cliente, passando a participar e a envolver-se diretamente no processo de gestão das organizações, assumindo-se como o único juiz da qualidade dos seus produtos e/ou serviços” (...) (Marques, 2012, p. 184). Por razões de natureza estratégica, perfilha-se a opinião desta autora: “a nossa opção é pelo termo cliente para designar aquele que direta ou indiretamente, física ou virtualmente, real ou potencialmente, constitui o propósito do nosso trabalho, ainda que possamos também e por uma questão de hábito e/ou costume, identifica-lo (...) com o termo de utilizador, o qual é de facto (...) o mais neutral de todos, ainda que o menos estratégico” (Marques, 2012, p. 186).

³²² Do inglês *tag* (etiqueta). Na internet e na web 2.0 são palavras-chave utilizadas para organizar e relacionar informações semelhantes.

³²³ A tecnologia RSS (padrão desenvolvido em linguagem XML) permite que os utilizadores da internet se inscrevam em sites que fornecem *RSS feeds*, por norma aqueles que mudam ou atualizam o seu conteúdo regularmente, de modo a que recebem as atualizações, resumos de conteúdos, links para as versões completas e outros metadados.

³²⁴ Por exemplo, a *Europeana* (biblioteca virtual desenvolvida pelos países da União Europeia), *Repositório Europeu* e *APENet* (Portal Europeu de Arquivos).

³²⁵ “The Open Archives Initiative develops and promotes interoperability standards that aim to facilitate the efficient dissemination of content. OAI has its roots in the open access and institutional repository movements. Continued support of this work remains a cornerstone of the Open Archives program. Over time, however, the work of OAI has expanded to promote broad access to digital resources for eScholarship, eLearning, and eScience.” Informação disponível em: <https://www.openarchives.org/>

³²⁶ Protocolo e norma ISO 23950:1998 “developed by the library community and used to create a client application that allows users to search and retrieve records within a bibliographic database. Z39.50 was originally developed to allow libraries to search each other's OPACs, even when they were provided by different vendors. In the past few years, the use of Z39.50 has been expanded to access A&I database (like those on EBSCOhost) as well as full text resources (also like those on EBSCOhost).” Informação disponível em: https://help.ebsco.com/interfaces/EBSCOhost/EBSCOhost_FAQs/What_is_Z3950

³²⁷ Permitem a ligação entre diferentes arquiteturas e ambientes.

usagers, et de les obliger à se connecter sur le portail pour faire une recherche, ce qui suppose donc de connaître a priori son existence. De plus, le fonctionnement de ces portails repose sur l'utilisation de protocoles spécifiques comme le Z39.50 pour les bibliothèques ou, plus récemment et plus largement répandu, l'OAI-PMH. Or, l'expérience a montré le peu d'intérêt des acteurs du Web, comme les moteurs de recherche, pour ces technologies trop complexes et trop spécifiques pour justifier l'investissement que représenterait pour eux leur implémentation (Bermès, 2012, p. 45).

Todavia, regista-se que a eventual decisão a tomar deve ser baseada em questões estratégicas, e não apenas em vantagens ou desvantagens circunstanciais, carecendo esta questão de um aprofundamento ao nível da investigação. Para além disso, a longo prazo, não se ignora que a *World Wide Web*, hoje apenas "a Web", proporciona um ambiente sem descontinuidades, onde o utilizador pode e pretende, cada vez mais, navegar através de recursos, independentemente da sua proveniência. Veja-se o seguinte exemplo que ilustra as dificuldades sentidas:

(...) une bibliothèque dispose en général d'un site Web qui est accessible et relié, via un certain nombre de liens hypertextes, à l'ensemble plus global du Web. Cependant, les données de la bibliothèque comme le catalogue, font généralement partie du Web dit profond, ou caché: c'est-à-dire que ces données sont stockées dans une base de données, accessible à travers d'un formulaire de recherche, et donc ne peuvent pas être parcourues de lien en lien notamment par des agents logiciels tels que les moissonneurs (crawlers) des moteurs de recherche. Ainsi, un usager qui souhaite prendre connaissance de ces données doit obligatoirement accéder à ce formulaire et saisir une recherche. Si les ressources qui l'intéressent sont disséminées dans les bases de plusieurs bibliothèques, il devra recommencer autant de fois cette opération (Bermès, 2011, p. 3).

No contexto universitário comprova-se também, com regularidade, que na pesquisa de recursos (Gardner & Eng, 2005), um crescente número de estudantes ignora o(s) catálogo(s) da(s) biblioteca(s), em detrimento de motores de pesquisa, como o *Google*.

Ora, é sobejamente conhecido que a Internet nasceu em plena Guerra Fria, no final da década de 1960, no âmbito do projeto militar norte-americano ARPANET³²⁸, e só

³²⁸ Rede criada pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA).

nos anos 80 se tornou pública, de início num universo apenas académico e usando uma multiplicidade de serviços (*Goopher, Newsgroups, Email, FTP, etc.*). A *World Wide Web*, inventada pelo físico britânico Timothy [Tim] John Berners-Lee, surgiu inicialmente apenas em modo de texto, e só em 1992 se lhe associa o primeiro navegador da web, o *Mosaic*. A partir daí, regista-se a evolução que se conhece (Choudhury, 2014, pp. 8096-8100), acelerada já neste milénio (ver figura 41).

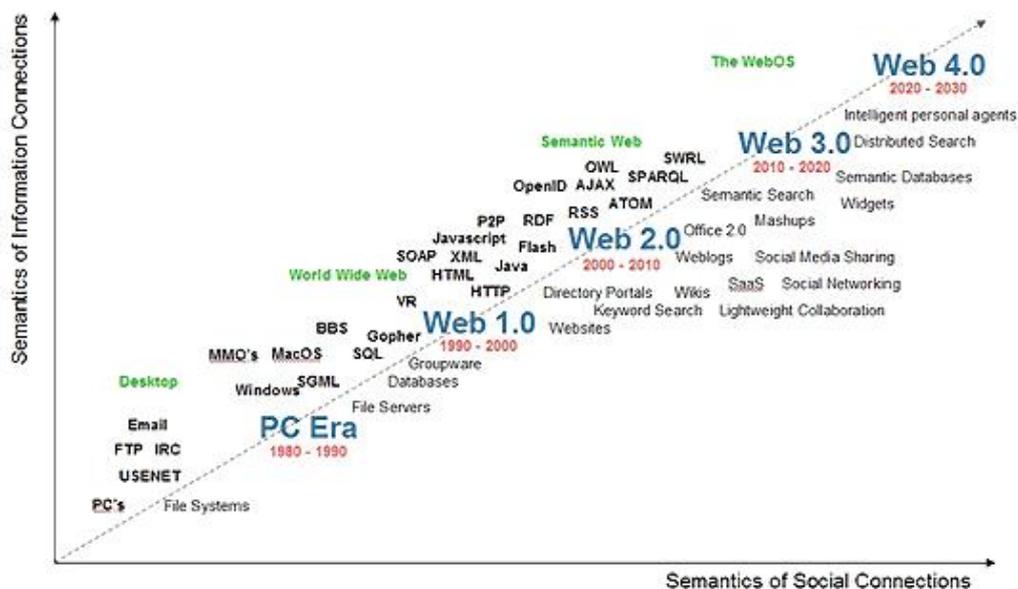


Figura 41: Evolução da Web

Fonte: <http://www.semanticfocus.com/media/insets/radar-networks-towards-a-web-os.png>

De facto, os recentes desenvolvimentos tecnológicos apontam para a convergência de dados e sua disponibilização na *Web*. O desafio da interoperabilidade e da convergência, e as perspetivas oferecidas pelos *linked data*³²⁹ (Hooland & Verborgh,

³²⁹ “Linked Data is about using the Web to connect related data that wasn't previously linked, or using the Web to lower the barriers to linking data currently linked using other methods. More specifically, Wikipedia defines Linked Data as “a term used to describe a recommended best practice for exposing, sharing, and connecting pieces of data, information, and knowledge on the Semantic Web using URIs and RDF.” Informação disponível em: <http://linkeddata.org/>. Para uma adequada compreensão, acrescenta-se: “**Open Data** refers to data or metadata that is made freely available to the public with the express permission to reuse freely for any purpose, though publishers may require attribution. **Linked Data** refers to data or metadata that is made available on the web in a format that utilizes generally accepted markup and World Wide Web protocol, much the way web pages utilize a code that allows them to be read by web browsers. Finally, **Linked Open Data** refers to data or metadata made freely available on the World Wide Web with a standard markup format” (Voss, 2012).

2014)³³⁰ trazem novas questões, que carecem de uma reflexão mais aprofundada, não podendo a mesma ser realizada no escopo desta tese. Todavia, os desafios enunciados também permitirão, certamente, novos desenvolvimentos, pois a evolução para a Web Semântica³³¹ já teve o seu início. Para uma adequada mas breve compreensão desta extensão da *Web*, também conhecida como Web 3.0 ou Web dos Dados, cita-se Tim Berners-Lee:

The Semantic Web isn't just about putting data on the web. It is about making links, so that a person or machine can explore the web of data. With linked data, when you have some of it, you can find other, related, data.

Like the web of hypertext, the web of data is constructed with documents on the web. However, unlike the web of hypertext, where links are relationships anchors in hypertext documents written in HTML, for data they links between arbitrary things described by RDF. The URIs identify any kind of object or concept. But for HTML or RDF, the same expectations apply to make the web grow:

1. Use URIs as names for things;
2. Use HTTP URIs so that people can look up those names;
3. When someone looks up a URI, provide useful information, using the standards (RDF, SPARQL);
4. Include links to other URIs so that they can discover more things (Berners-Lee, 2006).

Embora a possibilidade de ter *linked open data* seja encorajadora, existe um longo caminho ainda a percorrer³³², pautado por experiências e obstáculos, desenvolvimentos

³³⁰ Nesta obra, os autores abordam conceitos-chave de padrões de metadados e dados interligados, o seu valor e o seu processo de criação para bibliotecas, arquivos e museus. Apresentam estudos de caso de instituições mundiais com o objetivo de demonstrar como ferramentas que se encontram disponíveis em livre acesso podem ser utilizadas com sucesso em diferentes contextos.

³³¹ Semântica - ramo da linguística que estuda o significado das palavras (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2016). “O termo “Web Semântica” refere-se à visão do W3C da Web dos Dados Conectados. A Web Semântica dá às pessoas a capacidade de criarem repositórios de dados na Web, construir vocabulários e escreverem regras para interoperarem com esses dados. A linkagem de dados é possível com tecnologias como RDF, SPARQL, OWL, SKOS.” Informação disponível em: <http://www.w3c.br/Padroes/WebSemantica>

³³² “Sur le web de données (...) il est possible de créer des liens entre des ressources décrites suivant divers modèles, à partir du moment où la grammaire de base, commune à tous ces modèles, est le RDF. L'emploi de divers vocabulaires ou ontologies permet ensuite d'exprimer la spécificité de chaque domaine. Les Dublin Core metadata terms sont un bon exemple d'un tel vocabulaire: ils forment un cadre de référence pour exprimer les principales notions documentaires et peuvent être exprimés en RDF. D'autres vocabulaires, non spécifiques au domaine culturel, jouent un rôle similaire: Foaf pour la description des personnes, Skos pour la description de thésaurus... En outre se développent actuellement des vocabulaires spécifiques aux bibliothèques, archives et musées: l'Iflla (...) propose désormais une version RDFS du modèle

em projetos concretos, casos de aplicação e uso³³³ que demonstrem as suas potencialidades nos serviços de informação. Neste contexto, arquivos, bibliotecas, museus também necessitam da convergência dos seus dados e da interoperabilidade com outros, a partir de uma nova abordagem paradigmática que desloca o enfoque da conservação para a difusão de conteúdos/informação, avocando um papel ativo e fulcral na construção do Conhecimento.

FRBR et de certains vocabulaires développés traditionnellement par cet organisme. Le projet Locah, dont l'objectif est la publication de données archivistiques dans le web de données, a travaillé sur la création d'une version RDF de l'EAD. Il existe également une version en RDFS du CRM-Cidoc" (Bermès, 2012, p. 46). Sobre as ontologias e vocabulários para a web semântica ver também Bermès (2011, pp. 7-9) e Moreiro González (2013, pp. 173-177).

³³³ Citam-se alguns exemplos: Biblioteca do Congresso – “Bibliographic Framework Initiative” (<http://www.loc.gov/marc/transition/news/framework-103111.html>); “W3C Library Linked Data Incubator Group” (<https://www.w3.org/2005/Incubator/lld/>); “Centre Pompidou Virtuel” (<https://www.centrepompidou.fr/media/document/9c/54/9c54ad5a6c29193e50fcf7e78d1f3482/normal.pdf>); Europeana (<http://pro.europeana.eu/web/guest/linked-open-data>) e “Getty Vocabularies as Linked Open Data” (<http://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/lod/index.html>). Ver também a informação disponibilizada pelo rede informal “Linked Open Data in Libraries, Archives, and Museums” (LODLAM), disponível em: <http://lodlam.net/>.

CONCLUSÃO



CONCLUSÃO

O programa de doutoramento eleito para o desenvolvimento da presente investigação pressupôs, desde o seu início, a possibilidade de estudar e desenvolver o “conocimiento del estado de la cuestión en uno o varios ámbitos temáticos abordados”, bem como obter “sinergias y transferencia de conocimiento entre ámbitos disciplinares diversos, para lograr la interdisciplinariedad, la multidisciplinariedad y, en su caso, la transdisciplinariedad” (Universidade da Coruña, 2016). Com efeito, foram estas vertentes singulares que se consideraram fundamentais para a sua escolha e para a elaboração da presente tese, pois a CI só tem a ganhar com o estabelecimento de relações inter, pluri e transdisciplinares com outras áreas científicas, sem todavia perder a sua identidade própria.

Simultaneamente fica, desde já, patente que toda a investigação se baseia em opções determinadas pelo sujeito investigador, enquanto indivíduo ou enquanto elemento de determinada comunidade científica.

Refletindo sobre a metodologia adotada, considera-se que esta permitiu o cumprimento dos objetivos definidos. De facto, a assunção pelo modelo de processo investigativo de base quadripolar desenhado e o recurso a outros contributos metodológicos foi fundamental para o percurso de investigação da GI em CI, pois este tornava evidente, desde o início, a interdisciplinaridade que a temática em estudo convoca e, mais que isso, não se restringia ao plano teórico, exigia também o conhecimento operacional. Com a definição e análise de um caso de aplicação singular (a UC), procurou-se perceber com detalhe a sua realidade, de modo a definir prospetivamente o modelo de operacionalização da GI.

A elaboração do plano de investigação permitiu clarificar o âmbito deste estudo - a GI como área transversal e aplicada no âmbito da CI -, definir os objetivos, delimitar o problema/questão de pesquisa, fixar a metodologia, bem como elaborar o cronograma e selecionar a bibliografia a consultar, naturalmente muito incrementada no decurso do trabalho. Assim, neste ponto, pretende-se apresentar as conclusões que se podem extrair desta tese. Procura-se, agora, portanto, sintetizar de forma global e integradora o percurso de investigação que se estrutura em conclusões gerais, expor as limitações ao

estudo que se prosseguiu e antecipar as perspectivas futuras de desenvolvimento da investigação no domínio da GI.

No que respeita às conclusões gerais, apresenta-se seguidamente uma última reflexão e um balanço sobre os resultados alcançados.

Neste domínio, procurou-se inicialmente enquadrar a temática em apreço no respetivo programa doutoral, na área científica da CI, e definir os limites da investigação centrada na Informação (enquanto fenómeno humano e social). Clarificar os conceitos fulcrais da pesquisa (Informação, Documento, Conhecimento, SI e STI) revelou-se desde logo essencial, pois a sua definição rigorosa e a distinção semântica dos termos, embora comprove a clareza do seu étimo, não amputa a polissemia de cada termo, podendo gerar eventuais equívocos interpretativos, em particular, no discurso científico das distintas áreas. A explicitação da diferença entre os processos da cognição humana e os seus produtos - o conhecimento e/ou a informação -, aliada à compreensão dos mecanismos psicológicos da cognição, emoção e motivação humanas permite concluir que estes saem do campo de estudo da CI, mas não das relações das Ciências Cognitivas e das Neurociências com aquela.

A Teoria Sistémica estabeleceu o referente interpretativo da análise a que se procedeu e permitiu a adoção da noção operatória de sistema que, no quadro da CI, permitiu configurar o estudo de um SI organizacional. A visão global das organizações privilegia a totalidade e as suas partes componentes, em que o importante é ver o todo e não cada parte isoladamente para observar o ambiente sistémico global. No âmbito da CI, um SI:

1. Tem como núcleo central a informação e como finalidade a sua gestão, naturalmente, sistémica;
2. É um todo formado pela interação dinâmica das suas partes, com uma determinada estrutura própria (entidade produtora/recetora) que pode ser autónoma e indissociável da informação em si;
3. É constituído por diferentes tipos de informação registada, ou não, externamente ao(s) sujeito(s), independentemente do seu suporte;
4. Integra o STI, assumido este como a plataforma tecnológica que sustenta e permite agilizar a gestão da informação de forma mais rápida e eficaz, pelo recurso às tecnologias;

5. As saídas do sistema são os serviços de informação e os seus produtos.

Portanto, no estudo de qualquer SI organizacional importa não confundir os conceitos de SI e de STI, no campo da CI (Ciência Social), com a disciplina *Sistemas de Informação* (estes, de base tecnológica). A análise da relação interdisciplinar estreitíssima entre a CI e o campo dos Sistemas [Tecnológicos] de Informação permite aferir que o enfoque principal da CI se situa na dimensão humana e social da Informação, enquanto o dos STI se centra apenas na dimensão tecnológica, pelo que o mais correto será colocar a CI como uma das várias ciências que integram este campo intercientífico, abordando tópicos/problemas do fenómeno/processo infocomunicacional em qualquer contexto, analógico ou digital.

A breve retrospectiva sobre as origens e evolução da CI autorizam a situar a sua emergência em plena segunda década do século XX, e a caracterizá-la como ciência social aplicada, de tipo trans e interdisciplinar, dotada de identidade própria e alicerçada num *corpus* teórico-metodológico consistente. A CI resulta de uma dinâmica de integração do legado técnico e prático das tradicionais disciplinas ligadas à guarda e conservação dos documentos, legado esse essencial para o estudo científico do objeto informação.

A análise da natureza e da evolução histórica e científica de cada área disciplinar (Arquivística, Biblioteconomia, Museologia e Documentação) permitiu compreender os respetivos SI, identificar as suas especificidades e os seus pontos de convergência, tendo estes últimos dado origem a uma intensa e profícua colaboração entre Arquivos, Bibliotecas e Museus que se tem vindo a sedimentar progressivamente nos últimos anos.

Não obstante a aproximação das áreas indicadas, persiste a nítida identificação de um paradigma ainda dominante, designado de diversas formas (historicista, histórico-tecnicista, empírico-tecnicista, documentalista, patrimonialista, etc.), no qual se inscreveram e se desenvolveram aquelas disciplinas. Todavia, o conceito operatório de sistema em CI permite ultrapassar a tradicional compartimentação documentalista da informação pelo espaço institucional e tecnológico onde se conserva (serviço de arquivo, serviço de biblioteca ou sistema informático, entre outros), possibilita estudar e compreender o contexto de produção dinâmico (organicidade), o de retenção/memória e o de uso (funcionalidade) e, finalmente, conhecer e compreender a informação

(fenómeno/processo humano e social, e não apenas o seu suporte) implicada no processo de gestão de qualquer entidade.

A GI, como área transversal e aplicada em CI, exige a necessidade de se compreender o percurso diacrónico da Gestão aplicada à Informação. Efetivamente, no âmbito organizacional, o estudo do objeto científico convoca sempre um trinómio constituído pelas Instituições/Organizações, pela Gestão e pelas TIC/STI.

Na sua componente aplicacional, devidamente ajustada aos diversos contextos orgânicos, a GI compreende uma vasta panóplia de questões ligadas à gestão contextualizada da informação (meio ambiente, estrutura produtora, operacionalização de fluxos, memória orgânica, agentes, objetivos, estratégias e ação/mudança). Assim, considerando-se que a GI está em permanente interação e interseção científica com a “Produção Informacional”, com a “Organização e Representação da Informação” e com o “Comportamento informacional”, há que explicitar esta relação, a sua projeção e os seus desenvolvimentos em CI: a área da “Produção Informacional” (produção de informação em qualquer contexto), na sua conexão à organicidade e à memória; a GI, com a problemática inerente ao ciclo de operações e atos em torno da informação (as formas e estratégias de organização da informação); e a GI face à GC, sendo que esta última está imbricada na Gestão/Tecnologia, com a associação aos recursos humanos.

Concomitantemente, partindo da premissa de que o conhecimento existe nas pessoas e se transmite através destas, corrobora-se que a GC está relacionada com o capital intelectual dos recursos humanos e com o modo como as organizações podem aproveitar o Conhecimento para se tornarem mais competitivas.

No que respeita ao estudo de caso, elegeu-se uma entidade complexa, com mais de sete séculos de História (a UC). A evolução histórica diacrónica e a contextualização da instituição universitária, com particular ênfase na atual configuração organizacional, permitiram evidenciar a indispensabilidade de se enveredar em estudos idênticos a este pela abordagem sistémica do SI organizacional, confirmando-se que o fenómeno infocomunicacional pode ser mais bem conhecido e compreendido no contexto de sistemas específicos. Na verdade, aplicar o método de investigação quadripolar que se adotou põe a tónica nas operações observação e análise/avaliação retrospectiva e prospetiva. Aqui, a análise orgânica e funcional é crucial, assumindo-se como um requisito indispensável para se chegar ao conhecimento rigoroso da estrutura do sistema

e das funções/competências dos vários setores que o compõem, uma vez que só assim é possível caracterizar, com o maior rigor possível, a realidade informacional. Alia-se, portanto, o estudo do contexto da ação e o estudo da informação efetivamente produzida/recebida, ambos fundamentais na investigação da GI em qualquer contexto organizacional.

O recurso à visão sistémica e holística da GI no contexto organizacional da UC pôs em evidência a importância capital que os serviços de informação tradicionais (arquivo, bibliotecas, museus e centros de documentação) têm na resposta aos desafios e oportunidades na era digital. A análise particular aos referidos serviços permitiu também aferir as seguintes conclusões:

- Numa entidade de tão vasta complexidade, o SI é, portanto, constituído pelos diferentes tipos de informação, registada em diversos suportes, ao longo do tempo, de acordo com a sua estrutura, e não deve ser confundido com o STI;

- Na UC, a informação – conjunto de representações (mentais e emocionais) codificadas, humana e socialmente inteligíveis –, está estruturada e funciona no interior de subsistemas específicos [Arquivo, Bibliotecas, Museus, Centros de Documentação], em processos diversos que têm como objetivo a sua organização, representação, comunicação e uso;

- O SI da UC é, hoje, o reflexo da sua história e evolução institucional, persistindo, todavia, a perspetiva redutora da GI, que corresponde à própria evolução separada e individualizada da Arquivística, da Bibliotecologia (Biblioteconomia/Documentação) e da Museologia –, e que não considera, ainda, a aplicação de um método que esteja conforme com a visão sistémica na sua gestão;

- Os diversos exemplos apresentados nos capítulos 5 e 6 desta tese, bem como a análise das respetivas folhas de recolha de dados (ver anexo IV) evidenciam, claramente, a ligação entre a informação disponibilizada por distintos serviços de informação da UC, bem como a necessidade de a relacionar, para contextualizar, justificar, explicar, comunicar e difundir o conhecimento.

Com efeito, as TIC trouxeram novos desafios a quem produz e gere o SI da UC. No entanto, a crença de que a solução para a gestão informacional reside na mera aquisição de produtos informáticos cai por terra, quando se percebe que estes apenas reproduzem os padrões de gestão utilizados tradicionalmente, com todas as suas potencialidades e

lacunas. A tecnologia não é o único pilar da mudança, ela é apenas mais um instrumento de suporte na planificação que tem de considerar meios técnicos, recursos humanos e objetivos estratégicos.

A dimensão investigativa da GI em CI, orientada para problemas e/ou casos, caracteriza-se pela transversalidade, complexidade e interação na abordagem da realidade em estudo. Esta visão global privilegia a totalidade e as suas partes componentes, pois o importante é ver o todo e não cada parte isoladamente.

Nesta linha de pensamento, a proposta de um modelo que optimize a GI na UC corresponde a uma abordagem paradigmática nova, configurada com a parte I desta tese, na qual se considerou o fenómeno infocomunicacional sistemicamente, e em que os elementos Organização, Informação e Tecnologia sobressaem como componentes sistémicos essenciais. Cumpre-se, assim, o desiderato do diagnóstico e do plano de ação, este último centrado na investigação realizada e na visão prospetiva que sustenta a proposta para a operacionalização da GI na Universidade (visão estratégica e operacional).

Assim, com recurso à teoria sistémica, que obriga a fazer uma abordagem holística do SI organizacional da UC, com o foco no fluxo infocomunicacional dinâmico e com a perspetiva de operacionalização suportada por componentes (o SI e o STI) e variáveis de análise identificadas (as Humanas/Sociais, as Informacionais e as de Gestão), elaborou-se a proposta metodológica apresentada – o MGSIUUC. Nela se preconiza a gestão integrada da Informação na UC, que compreende a articulação e a administração conjunta dos serviços de informação tradicionais, bem como da informação produzida/recebida pela Universidade, dispersa por plataformas, pelo repositório, por bases de dados científicos, etc.

Da referida proposta metodológica infere-se um aumento da eficiência e da eficácia na gestão dos recursos informacionais, de vários tipos e em vários suportes, com a conseqüente otimização de recursos económicos e, na medida em que a GI é otimizada, o impacto social da Universidade certamente também aumentará. O MGSIUUC consubstancia uma parte considerável das conclusões que podem ser extraídas desta investigação, afigurando-se premente que a UC não desperdice a oportunidade de pensar estrategicamente a GI e projetar, de forma holística, a criação do conhecimento e a sua disseminação, no contexto de internacionalização e de abertura ao mundo.

Os condicionalismos desta investigação estão relacionados com três aspetos comuns a qualquer investigador(a): o exercício de uma atividade profissional durante todo o percurso de investigação, o contexto de desenvolvimento do trabalho e o limite temporal disponível. Destes, são, os dois últimos aspetos que permitem apontar as limitações do estudo realizado. A necessidade de apresentar os resultados da investigação no período do programa doutoral determinaram escolhas, ao nível da bibliografia consultada (ainda que se pretendesse alargar esta consulta a outras referências, certamente também relevantes, foi necessário definir limites). No estudo de caso selecionado, a UC, os principais entraves foram indiscutivelmente de ordem operativa e prenderam-se, por um lado, com a dimensão e complexidade da atual estrutura organizacional e, por outro, com o tempo dedicado ao planeamento e recolha de dados, por vezes incompreendido pelos sujeitos diretamente envolvidos.

A presente investigação apresenta, em si mesma, um caminho aberto ao desenvolvimento de novas linhas de trabalho; por essa razão, o seu desenvolvimento continuado justifica algumas sugestões sobre as perspetivas futuras de estudo da GI no quadro da CI, a saber:

- Utilizar estes resultados como ponto de partida para um estudo do SI organizacional da UC, que terá necessariamente de ser aprofundado com um exaustivo inventário de todos os acervos existentes;
- Desenvolver o estudo e tipificação da componente digital do SI organizacional da UC;
- Partindo do MGSIOUC proposto, refletir e pensar estrategicamente a Política de Comunicação e Visibilidade da Informação, Investigação e Transferência de Conhecimento na UC;
- Analisar o indispensável estabelecimento de alianças ou parcerias estratégicas entre os serviços de informação, identificando as ameaças e agindo de modo a que estas se transformem em oportunidades inerentes a este processo;
- Replicar esta metodologia de investigação noutros estudos similares, pois os seus resultados podem ser extrapolados para outras universidades.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao País. Coimbra: Tipografia França Amado, 1919.

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA (2001). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo.

ACADEMIC RANKING OF WORLD UNIVERSITIES (2014). *ShanghaiRanking's*. Consult. 20 Jan. 2015. Disponível em: <http://www.shanghairanking.com/>

ALONSO FERNÁNDEZ, L. (2003). *Introducción a la nueva Museología*. Alianza: Madrid.

ALVESSON, M., & KARREMAN, D. (2001). Odd couple: making sense of the curious concept of knowledge management. *Journal of management studies*, 38 (7), 995-1029.

ANTUNES, A. I. (2015). *Encontrar a informação na biblioteca do DARQ*. Consult. 20 Dez. 2015. Disponível em: http://www.uc.pt/fctuc/darq/departamento/biblioteca/formacao_biblioteca

ARAÚJO, A. P., & ALBUQUERQUE, L. G. (2010). Gestão do conhecimento: o desafio da interação com conceitos paralelos. In S. A. Santos, A. T. R. Guimarães, M. A. Gaspar, & F. A. S. Almeida (Org.), *Fronteiras da administração 3* (pp. 43-77). São Goiânia: Contato.

ARAÚJO, C. A. A. (2010). Ciência da informação como campo integrador para as áreas da biblioteconomia, arquivologia e museologia. *Informação Londrina*, 15(1), 173-189.

ARÉVALO JORDÁN, V. H. (1987). La Archivología y la teoría de sistemas. *Cuadernos: Archivologia*, 1(1), 1-10.

BARRETO, A. de A. (1994). A questão da informação. *Revista São Paulo em Perspectiva*, 8(4), 3-8. Consult. 11 Dez. 2013. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/index.php?men=rev&cod=2050>

BARWISE, J., & PERRY, J. (1999). *Situations and attitudes*. Stanford: CSLI Publications.

BAWDEN, D. (2007). Organised complexity, meaning and understanding: an approach to a unified view of information for information science. *Aslib Proceedings*, 59(4/5), 307-327.

BAUTIER, R.-H. (1968). La phase cruciale de l'histoire des archives: la constitution des dépôts d'archives et la naissance de l'archivistique (XVIe - début du XIXe siècle). *Archivum*, 18, 139-150.

BATES, M. J. (2006). Fundamental forms of information. *Journal of the American Society for Information Science*, 57(8), 1033-1045.

BELKIN, N. J., & ROBERTSON, S. E. (1976). Information Science and the phenomena of information. *Journal of the American Society for Information Science*, 27(4), 197-204.

BELL, D. (1977). *O advento da sociedade Pós-Industrial: uma tentativa de previsão social*. São Paulo: Editora Cultrix.

BELLOTTO, H. L. (1991). *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T.A. Queiroz.

BERMÈS, E. (2011). Convergence et interopérabilité: l'apport du Web de données. In *77th IFLA General Conference and Assembly: World Library and Information Congress: Libraries beyond libraries: Integration, Innovation and Information for all*. Consult. 19 Jun. 2016. Disponível em: <http://www.ifla.org/past-wlic/2011/149-bermes-fr.pdf>

BERMÈS, E. (2012). Bibliothèques, archives et musées: l'enjeu de la convergence des données du patrimoine culturel. *Documentaliste - Sciences de l'information*, 48 (4), 45-47. Consult. 19 Jun. 2015. Disponível em: <http://www.adbs.fr/web-semantic-web-de-donnees-pole-2-bibliotheques-archives-et-musees-l-enjeu-de-la-convergence-des-donnees-du-patrimoine-culturel-112544.htm?RH=REVUE>

BERNERS-LEE, T. (2006). *Linked Data*. Consult. 15 Nov. 2016. Disponível em: <https://www.w3.org/DesignIssues/LinkedData.html>

BERTALANFFY, L. v. (1973). *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Editora Vozes.

BERTALANFFY, L. v. (1979). *Perspectiva en la teoría general de los sistemas*. Madrid: Alianza.

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (2010). *Serviço público da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Consult. 11 Set. 2015. Disponível em: <http://www.uc.pt/bguc/Documentos2010/CausaPublica>

BIERBAUM, E. G. (2000). *Museum librarianship*. 2nd ed. Jefferson, N.C.: McFarland.

BIRKS, M., & MILLS, J. (2011). *Grounded theory: a practical guide*. London: Sage Publications.

BLACK, A., PLANT, H., & MUDDIMAN, D. (2007). *The early information society: information management in Britain before the computer*. Burlington: Ashgate.

Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra (1973-). Coimbra: A.U.

BORKO, H. (1968). Information science: what is it? *American Documentation*, 19(1), 3-5.

BOULDING, K. (1956). General Systems Theory. The skeleton of Science. In L. v. Bertalanffy (Ed.), *General Systems. Yearbook of the Society for the Advancement of General Systems Theory* (pp. 11-17). Los Angeles: University of Southern California Press.

BRAGA, G. M. (1973). Relações bibliométricas entre a frente de pesquisa (research front) e revisões da literatura: estudo aplicado a Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, 2(1), 9-26. Consult. 12 Jan. 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1626/1235>

BRUYNE, P., SCHOUTHEETE, M., & HERMAN, J. (1974). *Dynamique de la recherche en sciences sociales: les poles de la pratique methodologique*. Paris: P. U. de France.

BRYANT, A. (2009). Grounded theory and pragmatism: the curious case of Anselm Strauss. *Forum: Qualitative Social Research*, 10(3), 1-38. Consult. 10 ago. 2015. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs090325>

BUCKLAND, M. (1991). Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, 45(5), 351-360.

BUCKLAND, M. (1997). What is a "document"? *Journal of the American Society of Information Science*, 48(9), 804-809. Consult. 16 ago. 2014. Disponível em: <http://www.columbia.edu/cu/libraries/inside/units/bibcontrol/osmc/bucklandwhat.pdf>

BUCKLAND, M. (2012). What kind of science can Information Science be? *Journal of Information Science and Technology*, 63(1), 1-7.

BUCKLAND, M. K., & HAHN, T. B. (Eds.) (1997). Special topic issue: history of Documentation and Information Science. *Journal of the American for Information Science*, April 48(4), 285-379; September 48(9), 773-842.

BUNGE, M. (1995). *Sistemas sociales y Filosofía*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.

BUONOCORE, D. (1952). *Elementos de Bibliotecología*. Santa Fe: Castelvi.

BUONOCORE, D. (1978). *Diccionario de Bibliotecología*. Buenos Aires: Maymar.

CACALY, S. (Dir.) (1997). *Dictionnaire encyclopédique de l'information et de la documentation*. Paris: Éditions Nathan. ISBN 2-09-190528-3.

CAPURRO, R., & HØJRLAND, B. (2003). The concept of information. In B. Cronin (Ed.), *Annual Review of Information Science and Technology*, 37, 343-411. Consult. 12 Jan. 2015. Disponível em: <http://www.capurro.de/infoconcept.html>

CAPURRO, R., & HØJRLAND, B. (2007). O conceito de informação. [Tradução do capítulo 8 publicado no *Annual Review of Information Science and Technology*, 37]. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 12(1), 148-207.

CAPURRO, R. (2003). *Epistemología y ciencia de la información*. Consult. 12 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib.htm>

CARAÇA, J. M. G., CONCEIÇÃO, P., & HEITOR, M. V. (1996). Uma perspectiva sobre a missão das universidades. *Análise Social*, 31(139), 1201-1233.

CARRERAS GARGALLO, A. (1984). Evolución y teoría de los sistemas. In M. H. Blánquez (Coord.), *Actas II Congreso de la Sociedad Española de Historia de las Ciencias*, Vol. 1 (pp. 351-364). Jaca: Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas.

CARDOSO, L. (2003). *Gerir conhecimento e gerar competitividade: estudo empírico sobre a gestão do conhecimento e seu impacto no desempenho organizacional* (Tese de Doutorado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra).

CARRIER, H. (1990). *Évangélisation et développement des cultures*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana.

CARVALHO, J. Á. (2000). Information system?: which one do you mean? In E. Falkenberg, K. Lyytinen, & A. Verrijnstuart (Eds.), *ISCO 4, Leiden, 1999 – Information systems concepts: an integrated discipline emerging: IFIP TC8/WG8: proceedings...* (pp. 259-280). Boston: Kluwer Academic Publishers.

CARVALHO, M. J. P. F. (2010). Os estudos africanos no desenvolvimento da biblioteca Norte/Sul (BN/S) do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. In *7º Congresso Ibérico de Estudos Africanos - 50 anos das independências africanas: Desafios para a modernidade: Actas* (pp. 1-11). Consult. 12 Set. 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/2286>

CARVALHO, M. J. P. F. (2015) Vivências, vozes e testemunhos dos alunos dos programas de doutoramento em parceria com o Centro de Estudos Sociais (CES). In J. A. C. Bernardes, A. M. E. Miguéis, & C. A. S. Ferreira (Coord.), *A biblioteca da Universidade: permanência e metamorfoses* (pp. 365-381). Consult. 18 Fev. 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1045-0_25

CASSON, L. (2003). *Las bibliotecas del mundo antiguo*. Barcelona: Bellaterra.

CASTELLS, M. (2001). Universities as dynamic systems of contradictory functions. In J. Muller, N. Cloete, & S. Badat (Eds.), *Challenges of globalisation: South African debates with Manuel Castells*. Pinelands, Cape Town: Maskew Miller Longman.

CASTELLS, M. (2002-2003). *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 3 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 9723109840, 9723110083, 9723110555.

CASTELLS, M. (2005). A sociedade em rede. In G. Cardoso *et al.*, *A sociedade em rede em Portugal* (pp. 9-29). Porto: Campo das Letras Editores. ISBN 9726109205.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO 25 DE ABRIL (2013). *Núcleo museográfico do CD25A: catálogo*. Consult. 10 Jul. 2016. Disponível em: https://issuu.com/ucd25/docs/catalogo_nm_cd25a_?e=5572664/6734612

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO 25 DE ABRIL (2014). *História*. Consult. 10 Mai. 2016. Disponível em: <http://www.cd25a.uc.pt/media/pdf/historiaCd25A/Historia%20do%20Cd25A.pdf>

CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO SÉCULO XX (2001). *Estéticas do Século. Estudos do século XX*, 1. Consult. 1 Jul. 2016. Disponível em: http://www.uc.pt/iii/ceis20/Publicacoes/revistas/revista_1

CHARMAZ, K. (2006). *Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis*. Thousand Oaks, CA, USA: Sage.

CHECKLAND, P. & HOLWELL, S. (1998). *Information, Systems and Information Systems: making sense of the field*. New York: John Wiley & Sons. ISBN:0471958204.

CHIAVENATO, I. (1999). *Administração nos novos tempos: os novos horizontes em Administração*. São Paulo: Makron Books. ISBN 8534609268.

CHOO, C. W. (2002). *Information management for the intelligent organization: the art of scanning the environment*. 3rd ed. Medford: Information Today.

CHOO, C. W. (2003a). *Gestão de informação para a organização inteligente: a arte de explorar o meio ambiente*. Lisboa: Editorial Caminho. ISBN 972-21-1506-5.

CHOO, C. W. (2003b). *The knowing organization: how organizations use information to construct meaning, create knowledge and make decisions*. 2nd. Oxford: Ed. Oxford University Press.

CHOUDHURY, N. (2014). World Wide Web and its journey from Web 1.0 to Web 4.0. *International Journal of Computer Science and Information Technologies*, 5(6), 8096-8100. Consult. 9 Abr. 2016. Disponível em: <http://www.ijcsit.com/docs/Volume%205/vol5issue06/ijcsit20140506265.pdf>

COOK, T. (1992). Documentation strategy. *Archivaria*, 34, 181-191.

CÔRTEZ, P. L. (2010). *Administração de sistemas de informação*. São Paulo: Editora Saraiva. ISBN 978-85-02-06450-8.

COSTA, A. D. de S. (1991). Considerações à volta da fundação da Universidade Portuguesa no dia 1 de Março de 1290. In *Universidade(s): história, memória, perspectivas: actas do Congresso "História da Universidade" no 7º centenário da sua Fundação* (pp. 71-82). Coimbra: Comissão Organizadora do Congresso "História da Universidade".

CRESWELL, J. W. (2009). *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. S.I.: SAGE Publications.

CRESWELL, J. W. (S.d.). *The selection of a research design*. Cap. 1 (pp. 3-21). Consult. 1 Ago. 2015. Disponível em: http://www.sagepub.com/upm-data/55588_Chapter_1_Sample_Creswell_Research_Design_4e.pdf

CRESWELL, J. W., & CLARK, V. L. P. (2007). *Designing and conducting mixed methods research*. Thousand Oaks, Calif.: Sage.

CRIVELLARI, H. M. T. (2003). Gestão do conhecimento e codificação de saberes: novas ferramentas para velhas concepções. In I. Paim (Org.), *A gestão da informação e do conhecimento* (241-266). Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação/UFMG.

CURRÁS, E. (1982). *Las ciencias de la documentación: Bibliotecología, Archivología, Documentación e información*. Barcelona: Mitre.

CURRÁS, E. (1988). *La información en sus nuevos aspectos. Ciencias de la Documentación*. Madrid: Paraninfo.

DAMÁSIO, A. R. (1996). *O erro de descartes*. São Paulo: Companhia das Letras.

DAVENPORT, H., & PRUSAK, L. (1998) *Working knowledge: how organizations manage what they know*. Boston: Harvard Business School Press.

DAVENPORT, T. (1998). *Ecologia da Informação*. São Paulo: Futura.

DAY, R. (1997). Paul Otlet's book and the writing of social space. *Journal of the American Society for Information Science*, 48(4), 310-317.

DE BRUYNE, P. et al. (1974). *Dynamique de la recherche en sciences sociales de pôles de la pratique méthodologique*. Paris: P.U.F.

DEBONS, A. (1986). Information science. In *ALA world encyclopedia of library and information services*. 2nd ed. Chicago: American Library Association. ISBN 0-8389-0427-0.

DELGADO LÓPEZ-CÓZAR, E. (2002). *La Investigación en biblioteconomía y documentación*. Gijón: Ediciones Trea. ISBN 84-9704-041-4.

DETLOR, B. (2010). Information Management. *International Journal of Information Management*, 30(2), 103-108. doi: 10.1016/j.ijinfomgt.2009.12.001.

DEVLIN, K. (2000). *Info-senso: como transformar a informação em conhecimento*. Lisboa: Livros do Brasil. ISBN 972-38-1733-0.

DIAS, P. (2002). *Coimbra: guia para uma visita*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Diccionario Enciclopédico Abreviado (1955). 6ª ed. Tomo VI. Madrid: Espasa-Calpe.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013). Consult. 20 Set. 2015. Disponível em: <https://www.priberam.pt/DLPO/Default.aspx>

DICK, B. (1993). *You want to do an action research thesis? — How to conduct and report action research*. Consult. 23 Fev. 2015. Disponível em: http://www.aral.com.au/DLitt/DLitt_P50arth.pdf

DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL (2014). *Mosteiro de Santa Cruz, compreendendo os túmulos de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I*. Consult. 28 Nov. 2014. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69813/>

DRUCKER, P. F. (2008). *O essencial de Drucker: uma seleção das melhores teorias do pai da gestão*. Lisboa: Actual Editora. ISBN 978-989-8101-34-1.

DUARTE, J. (2008). Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. *Revista Lusófona de Educação*, 11, 113-132.

DUARTE, A. (2010). O desafio de não ficarmos pela preservação do património cultural imaterial. In *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, vol. 1 (pp. 42-61). Consult. 11 Set. 2016. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/23630>

DUARTE, A. (2012). Ecomuseum: one of the many components of the New Museology. In *Ecomuseum 2012: 1st International Conference on Ecomuseums, Community Museums and Living Communities*, Seixal, (19-21 September), pp. 85-94. Consult. 12 Set. 2016. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/63922>

DUARTE, A. (2013). Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. *Revista Museologia e Patrimônio*, 6(1), 99-117. Consult. 12 Set. 2016. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/72755>

DUARTE, Z. (2006-2007). Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, I Série, vol. V-VI, 141-151.

DUCHEIN, M. (1998). Le principe de provenance et la pratique du tri, du classement et de la description en archivistique contemporaine. *Janus: revue archivistique*, 1, 87-100.

DUFF, W., et al. (2013). From coexistence to convergence: studying partnerships and collaboration among libraries, archives and museums. *Information Research*, 18(3). Consult. 24 Jun. 2015. Disponível em: <http://www.informationr.net/ir/18-3/paper585.html>

DUPONT, C. (2007). Libraries, Archives, and Museums in the twenty-first century: Intersecting missions, converging futures? *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts,*

and *Cultural Heritage*, 8(1), 13-19. Disponível em: <http://rbm.acrl.org/content/8/1/13.full.pdf>

DURANTI, L., & EASTWOOD, T. (1995). Protecting electronic evidence: a progress report on a research study and its methodology. *Archivi & Computer*, 3, 213-250.

DURANTI, L., & McNEIL, H. (1996). The protection of the integrity of electronic records: an overview of the UBC-MAS research project. *Archivaria*, 42, 46-67.

EASTWOOD, T. (1992). *The archival fonds: from theory to practice*. [Canada]: Bureau of Canadian Archivists.

ENCARNAÇÃO, J. d' (1982). O Museu Didático do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra: realidades e perspectivas. In Associação Portuguesa de Museologia (Ed.), *Actas do Colóquio APOM 78 - Museus universitários: sua inserção activa na cultura portuguesa* (pp. 53-57).

ENCARNAÇÃO, J. d' (2016). Museu Didático do Instituto de Arqueologia. In *O Instituto de Arqueologia: fragmentos da sua colecção* (pp. 15-17). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Estatutos da Associação Académica de Coimbra (2011). Consult. 12 Mai. 2016. Disponível em: <http://www.nefaac.pt/images/ficheiros/Estatutos%20AAC.pdf>

ESTIVALS, R. (2004). La Bibliologie: historique et situation actuelle. In *18e Colloque international de bibliologie de l'Association internationale de Bibliologie (AIB); 1er Colloque congolais de bibliologie du Comité congolais de l'Association Internationale de Bibliologie*, Kinshasa (27 novembre – 3 décembre 2004). Consult. 12 Set. 2016. Disponível em: <http://www.aib.ulb.ac.be/colloques/2004-kinshasa/fulltext/02.pdf>

ESTRELA, S. C. L. (2014). *A gestão da informação na tomada de decisão das PME da região centro: um estudo exploratório e de multicaseos no âmbito da Ciência da Informação* (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/25956>

EUROCID (2016). *Centros de Documentação Europeia em Portugal*. Consult. 27 Jan. 2016. Disponível em: http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p_cot_id=7426

EUROPEAN COMMISSION (2010a). *Europe 2020. A strategy for smart, sustainable and inclusive growth. Communication from the Commission. COM (2010) 2020 final, 3 March 2010* [EU Commission - COM Document]. Consult. 28 Jan. 2015. Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/en/ALL/?uri=CELEX%3A52010DC2020>

EUROPEAN COMMISSION (2010b). *Europe 2020: Commission proposes new economic strategy in Europe*. Brussels, 3rd March. Consult. 28 Jan. 2015. Disponível em: http://europa.eu/rapid/press-release_IP-10-225_en.htm

European Indicators and Ranking Methodology for University Third Mission (2012). Consult. 28 Out. 2014. Disponível em: www.e3mproject.eu

FACULDADE DE LETRAS DA UC (2016). *Não te livres do livro: biblioteca central da FLUC*. Consult. 25 Jun. 2016. Disponível em: <https://soundcloud.com/user-255523487/nao-te-livres-do-livro-biblioteca-central-da-fluc>

FALKENBERG, E. D., & P. LINDGREEN (Eds.) (1989). *Information systems concepts: an in-depth analysis*. North-Holland.

FALKENBERG, E. D. et al. (Eds.) (1992). *Information systems concepts: improving the understanding*. North-Holland. ISBN: 9780444895073.

FALKENBERG, E. D. et al. (1998). *FRISCO: A framework of information systems concepts*. IFIP WG 8.1 Task Group FRISCO. Consult. 1 Mar. 2015. Disponível em: <http://www.mathematik.uni-marburg.de/~hesse/papers/fri-full.pdf>

FARIA, M. I., & PERICÃO, M da G. (1988). *Dicionário do livro*. Lisboa: Guimarães Editores.

FAYET-SCRIBE, S. (1997). The cross-fertilization of the U.S. Public Library Model and the French Documentation Model (IIB, French Correspondent of FID) through the French Professional Association between World War I and World War II. *Journal of the American for Information Science*, 48(9), 782-793.

FERNANDES, J. C. (2014). Contributos para um modelo teórico de gestão de informação em redes de ação coletiva transnacionais. In *Coletânea Luso-brasileira V/ Gestão da Informação, Cooperação em Redes e Competitividade*. Porto: Universidade do Porto. ISBN 978-989-8648-31-0.

FERNÁNDEZ MARCIAL, V. (2006), *Gestión del conocimiento versus gestión de la información*. *Investigación Bibliotecológica*, 20(41), 44-62.

FERNÁNDEZ MARCIAL, V., & GONZÁLEZ SOLAR, L. (2015). Promoción de la investigación e identidad digital: el caso de la Universidade da Coruña. *El profesional de la información*, 24(5), 656-664. Consult. 9 Feb. 2016. Disponível em: <http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2015/sep/14.html>

FERNÁNDEZ MARCIAL, V., GOMES, L. I. E., & MARQUES, M. B. (2015). Perspetiva teórica e metodológica em sistemas de informação complexos. *Páginas a & b – Arquivos e Bibliotecas*, 4, 3-21. Consult. 28 Jan. 2016. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/995>

FERREIRA, M. et al. (2012). *Estado da arte em preservação digital*. Consult. 9 Mar. 2016. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/17049>

FOSKETT D. J. (1980). Informática. In H. E. Gomes (Org), *Ciência da informação ou Informática* (pp. 5-51). Rio de Janeiro: Calunga.

FUSTER RUIZ, F. (1999). Archivística, arquivo, documento de arquivo... necessidade de clarificar los conceptos. *Anales de Documentación*, 2, 103-120. Consult. 09 Jun. 2014. Disponível em: <http://revistas.um.es/analesdoc/article/view/2631>

GABLE, G. G. *et al.* (2008). *The Information Systems Academic Discipline in Australia*. [S.l.]: ANU E Press.

GADOTTI, M. (2005). Informação, conhecimento e sociedade em rede: que potencialidades? *Educação, Sociedade & Culturas*, 23, 43-57.

GARCÍA JIMÉNEZ, A. (2002). *Organización y gestión del conocimiento en la comunicación*. Gijón: Ediciones Trea, 2002. ISBN 84-9704-046-5.

GARDNER, S., & ENG, S. (2005). What students want: Generation Y and the changing function of the academic library. *Libraries and the Academy*, 5(3), 405-420.

GIBSON, H., MORRIS, A., & CLEEVE, M. (2007). Links between Libraries and Museums: investigating Museum-Library collaboration in England and the USA. *Libri*, 57 (2), 53-64.

GILLILAND-SWETLAND, A. J. (2000). *Enduring paradigm, new opportunities: the value of the archival perspective in the digital environment*. Washington, D.C: Council on Library and Information Resources. ISBN 1-887334-74-2.

GIVEN, L. M. & McTAVISH, L. (2010). What's old is new again: the reconvergence of libraries, archives, and museums in the digital age. *The Library Quarterly*, 80(1), 7-32.

GLARE, P. G. W. (1997). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford, 2ª ed. Rep.

GLASER, B. G. (2010). The future of Grounded Theory. *The Grounded Theory Review*, 9(2), 1-15. Consult. 16 Ago. 2016. Disponível em: <http://groundedtheoryreview.com/wp-content/uploads/2012/06/GT-Review-vol-9-no-21.pdf>

GLASER, B. G. (1978). *Theoretical sensitivity: advances in the methodology of grounded theory*. Mill Valley, CA: Sociology Press.

GLASER, B. G., & STRAUSS, A. (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine.

GOMES, H. E. (1974). Experiência do IBBD em programas de pós-graduação. *R. Esc. Biblioteconomia UFMG*, 3 (1), 13-26.

GOMES, L. I. E. (2007). Tribunal Judicial de Condeixa-a-Nova: estudo orgânico-funcional. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Coimbra, XXIII-XXIV, 197-219.

GOMES, L. I. E. (2012a). *A estrutura orgânica e funcional da Administração da Universidade de Coimbra e a sua projecção no respectivo arquivo* (Dissertação de

Mestrado em Ciências da Documentação e Informação - Arquivística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/12280>

GOMES, L. I. E. (2012b). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Conimbriga (1911-1962): um contributo para a memória dos trabalhos de exploração e escavação arqueológicos. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XXV, 215-232. Consult. 28 Jan. 2013. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/5517/4/BAUC25_artigo10.pdf?ln=pt-pt

GOMES, L. I. E. (2013, julho). *Sistemas de informação (s. i.) arquivo na Era pós-custodial: o caso da Universidade de Coimbra*. Comunicação apresentada no Workshop Arquivos Universitários, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Consult. 28 Jul. 2014. Resumo e apresentação disponíveis em: <http://arquivosuniversitarios.fct.pt/apresentacoes/>

GOMES, L. I. E. (2015, novembro). *A abordagem sistémica na gestão da informação na Universidade de Coimbra: potencialidades e desafios, presente e futuro*. Comunicação apresentada no 9.º Congresso da SOPCOM: Comunicação e Transformações Sociais, Universidade de Coimbra/Escola Superior de Educação de Coimbra. Consult. 13 de Jun. 2016. [No prelo. Resumo disponível em: <https://www.pdf-archive.com/2015/11/12/9sopcom-resumos-v05/9sopcom-resumos-v05.pdf>]

GOMES, L. I. E., & RAMOS, J. (2013, outubro). *Gestão, preservação e acesso à informação digital no Arquivo da UC*. Comunicação apresentada no II Encontro de Arquivos Contemporâneos. Investigação e Arquivos Digitais, Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal.

GOMES, L. I. E., & Ramos, J. S. (2014). Gestão, preservação e acesso à informação digital no Arquivo da UC. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XXVII, 419-431. Consult. 28 Jun. 2015. Disponível em: <http://iduc.uc.pt/index.php/boletimauc/article/view/1768>

GÓMEZ GÓMEZ, M. (1998). La Bibliología como disciplina: historia y tendencias actuales. In R. Pacheco Sampedro & C. Sáez Sánchez (Coord.), *Conceptos: Actas del III Congreso de Historia de la Cultura Escrita* (pp. 7-26). Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.

GONZÁLEZ SUARÉZ, E. (2011). Conocimiento empírico y conocimiento activo transformador: algunas de sus relaciones con la gestión del conocimiento. *Revista Cubana de ACIMED*, 22(2), 110-120.

GRONHAUG, K., & OLSON, O. (1999). Action research and knowledge creation: merits and challenges. *Qualitative Market Research*, 2(1), 6-16.

HAG, B. D. (1995). Grounded Theory as scientific method. *Philosophy of Education*, 28 (1), 1-11.

HAPKE, T. (1998). History of scholarly information and communication: a review of selected german literature. *Journal of the American for Information Science*. Forthcoming. ISSN: 0002-8231.

HAWKINS, D. T. (2001). Information science abstracts: tracking the literature of information science. Part 1: definition and map. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 52, 44-54.

HAYES, R. M. (1986). Information Science Education. In R. Wedgeworth (Ed.), *World Encyclopedia of Library and Information Services* (pp. 368-370). Chicago: ALA.

HEDSTROM, M., & KING, J. L. (2004). *On the LAM: Library, archive, and museum collections in the creation and maintenance of knowledge communities*. Consult. 18 Set. 2014. Disponível em: <http://www.oecd.org/edu/innovation-education/32126054.pdf>

HEILPRIN, L. B. (1989). Foundations of information science re-examined. *Annual Review of Information Science and Technology*, 24, 343-372.

HERMAN, J. (1983). *Les langages de la sociologie*. Paris: P.U.F.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F. (1998). *El museo como espacio de comunicación*. Gijón: Ediciones Trea, 1998.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F. (2006). *Planeamientos teóricos de la museología*. Gijón: Ediciones Trea, 2006.

HILDRETH, P. J., & KIMBLE, C. (2002). The duality of knowledge. *Information Research*, 8(1), paper no. 142. Consult. 11 Set. 2014. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/8-1/paper142.html>

HJØRLAND, B. (2007). Information: objective or subjective/situational? *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 58(1), 1448-1456.

HJØRLAND, B. (2014). Information science and its core concepts: levels of disagreement. In F. Ibekwe-SanJuan, & T. M. Dousa (Eds.), *Theories of information, communication and knowledge: a multidisciplinary approach* (pp. 205-235). New York, NY: Springer.

HOLLAND, G. A. (2008). Information science: an interdisciplinary effort? *Journal of Documentation*, 64(1), 7-23. doi: <http://dx.doi.org/10.1108/00220410810844132>

HOOLAND, S. v., & VERBORGH, R. (2014). *Linked Data for Libraries, Archives and Museums: how to clean, link and publish your metadata*. ISBN 978-1-85604-964-1.

HOUAISS, A., & VILLAR, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. CD-ROM.

HOUAISS, A., & VILLAR, M. S. (2005). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.

ICOFOM (2015). 38th Annual ICOFOM symposium. Museology exploring the concept of MLA (Museums-Libraries-Archives). Consult. 09 Jun. 2016. Disponível em: [http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ICOFOM SYMPOSIUM 2015 GENERAL INFO.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ICOFOM_SYMPOSIUM_2015_GENERAL_INFO.pdf)

INGWERSEN, P. (1992). Conceptions of information science. In P. Vakkari, & B. Cronin (Ed.), *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives: proceedings...* London [etc.]: Taylor Graham.

INSTITUTO PORTUGUÊS DA QUALIDADE (2005). *Norma portuguesa NP 4041: Informação e documentação: Terminologia arquivística: Conceitos básicos*. Caparica: IPQ.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (2007). *Museum definition*. Consult. 7 Jul. 2016. Disponível em: http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx

JAMIL, G. L. (2013). Gestão da informação e do conhecimento como base metodológica para exame de processos informacionais: uma proposição observando a inteligência de mercado. *Anais do EDICIC 2013*, VI Encontro Ibérico EDICIC, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JAPIASSÚ, H. (1976). *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.

JARDIM, J. M. (1995). *Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil*. Niterói, RJ: EDUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense. ISBN 85.228-0166-5.

JERPHAGNON, L. (dir.) (1979). *Dicionário das grandes filosofias*. Lisboa: Edições 70.

JÚNIOR, O. F. de A. (2007). Mediación e información. *Ibersid: revista de sistemas de información y documentación*, 1, 27-35. Consult. 6 Jun. 2015. Disponível em: <http://ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/3251>

KARWOWSKI, W., RIZZO, F., & RODRICK, D. (2003). Ergonomics. In H. Bidgoli (Ed.), *Encyclopedia of Information Systems* (pp. 185-202). Amsterdam: Academic Press.

KAVAKLI, E. & BAKOGIANNI S. (2003). *Building museum information systems: A knowledge management approach*. Consult. 7 Ago. 2014. Disponível em: [http://www.academia.edu/1169429/Building Museum Information Systems A Knowledge Management Approach](http://www.academia.edu/1169429/Building_Museum_Information_Systems_A_Knowledge_Management_Approach)

KEMMIS, S. (1980). Action Research in retrospect and prospect. *Annual Meeting of the Australian Association for research in education*, Sydney, Australia, November 6-9. Consult. 14 Jun. 2014. Disponível em: <http://eric.ed.gov/?id=ED200560>

KEMMIS, S., & MCTAGGART, R. (1988). *Cómo planificar la investigación-acción*. Barcelona: Editorial Laerts.

KING, W. R., & GALLETTA, D. (2010). *Association for Information Systems (AIS)*. Consult. 11 Mar. 2015. Disponível em: [http://history.aisnet.org/images/ISHistory/PDF/Association for Information Systems.pdf](http://history.aisnet.org/images/ISHistory/PDF/Association%20for%20Information%20Systems.pdf)

KIRCHHOFF, T., SCHWEIBENZ, W., & SIEGLERSCHMIDT, J. (2009). Archives, libraries, museums and the spell of ubiquitous knowledge. *Archival Science*, 8(4), 251–266.

KLUGE, J., STEIN, W., & LICHT, T. (2002). *Gestão do conhecimento segundo um estudo da McKinsey & Company*. Cascais: Principia, Publicações Universitárias e Científicas. ISBN 972-8500-87-4.

LAROCHE, C. (1971). *Que signifie le respect des fonds? Esquisse d'une Archivistique structurale*. Paris: Association des Archivistes Français.

LE COADIC, Y.-F. (1996). *A Ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos.

LE COADIC, Y.-F. (1997). Science de l'information. In S. Cacaly (Dir.), *Dictionnaire encyclopédique de l'information et de la documentation*. Paris: Éditions Nathan.

LE MOIGNE, J. L. (1993). *La théorie du système général*. Paris: P.U.F.

LESSARD-HÉBERT, M., GOYETTE, G., & BOUTIN, G. (1994). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN 972-9295-75-1.

LÉVI-STRAUSS, C. (1962). *La pensée sauvage*. Paris: Plon.

LEWIN, K. (1946). Action research and minority problems. *Journal of Social Issues*, 2, 34-46.

LOCKE, K. & GOLDEN-BIDDLE, K. (2002). An introduction to qualitative research: it's potential for industrial and organizational Psychology. In S. Rogelberg (Ed.), *Handbook of research methods in industrial and organizational Psychology*. Oxford: Blackwell Publishers.

LÓPEZ DE PRADO, M. del R. (2003). Bibliotecas de museos en España: características específicas y análisis DAFO. *Revista general de información y documentación*, 13 (1), 5-35. Consult. 09 Jun. 2015. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/RGID0303120005A>

LÓPEZ YEPES, J. (1995). *La Documentación como disciplina: teoría e historia*. 2ª ed. actualizada y ampliada. Pamplona: Ediciones Universidade de Navarra.

LÓPEZ YEPES, J. (1996). El concepto de ciencia de la documentación: unidad en la diversidad o diversidad en la unidad. *Investigación Bibliotecológica*, 10 (21), 4-6. Consult.

05 Jun. 2016. Disponível em: <http://www.ejournal.unam.mx/ibi/vol10-21/IBI001002101.pdf>

LÓPEZ YEPES, J. (2004). Características de la Documentación y su reflejo en la formación de los profesionales e investigadores de la disciplina. In *Congreso Nacional de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas - Nas encruzilhadas da informação e da cultura: (re)inventar a profissão: actas* (pp. [1-20]). Consult. 05 Jun. 2015. Disponível em: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/issue/view/13>

LÓPEZ YEPES, J. (Ed.) (2005). *Diccionario enciclopédico de Ciencias de la Documentación*. Madrid: Síntesis.

LUSSATO, B. (1995). *Informação, comunicação e sistemas: Teoria da imprinting e elementos para uma teoria da informação psicológica*. Lisboa: Dinalivro, 1995. ISBN 972-576-085-9.

LYON, D. (1992). *A Sociedade da informação: Questões e ilusões*. Oeiras: Celta Editora.

MACEVIČIŪTĖ, E., & WILSON, T. D. (2002). The development of the information management research area. *Information Research*, 7 (3). Consult. 12 Ago. 2015. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/7-3/paper133.html>

MACHLUP, F., & MANSFIELD, U. (Eds.) (1983). *The study of information: interdisciplinary messages*. New York, John Wiley & Sons.

MACHADO, J. P. (1977). *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. 3.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.

MAGALHÃES, R. (1997). Sistemas de informação: Definição, origens e perspectivas para Portugal. *Sistemas de informação: revista da Associação Portuguesa de Sistemas de Infomação*, 6, 53-56.

MALCLÉS, L.-N. (1963). *Manuel de bibliographie*. Paris: Presses Universitaires de France.

MANŽUCH, Z. (2009). Archives, libraries and museums as communicators of memory in European Union projects. *Information Research*, 14(2) paper 400. Consult. 10 Mai. 2014. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/14-1/paper400.html>

MARCO, Guy A., (1996). Two false dogmas of information science. *New Library World*, 97(7), 11-14. doi: <http://dx.doi.org/10.1108/03074809610148766>

MARQUES, I. da C. (2008-2009). O Museu como sistema de informação. *Mvsev*, 17, 267-290.

MARQUES, I. da C. (2010). *O Museu como sistema de informação* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55282>

MARQUES, J. C. (Coord.) (2006). *Reorganização e reestruturação das bibliotecas da Universidade de Coimbra* (Relatório [versão electrónica]). Consult. 1 Set. 2014. Disponível em: <http://www.uc.pt/sibuc/Pdfs/relatorio>

MARQUES, M. B., & Vicente, R. (2015). Desafios e oportunidades da gestão integrada de sistemas de informação. In J. Z. Vázquez, R. S. Jiménez, & M. A. G. Moreno (Coords.), *Desafíos y oportunidades de las Ciencias de la Información y la Documentación en la era digital: actas del VII Encuentro Ibérico EDICIC 2015* (pp. 1-17). Consult. 11 Jan. 2016. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/34635/>

MARQUES, M. B. P. de S. M. (2012). *A satisfação do cliente de serviços de informação: as bibliotecas públicas da Região Centro* (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/20462?mode=full>

MARQUES, M. B. (2015a). A determinação do valor das bibliotecas universitárias na Sociedade da Informação e do Conhecimento. In J. A. C. Bernardes, A. M. E. Miguéis, & C. A. S. Ferreira (Coord.), *A biblioteca da Universidade: permanência e metamorfoses* (pp. 177-196). Consult. 18 Jan. 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1045-0_10

MARQUES, M. B. (2015b). Innovation Management Based on Customer Satisfaction: the Grounds for Decisions in Scenario of the Knowledge Society. In G. Jamil, S. Lopes, A. Malheiro da Silva, & F. Ribeiro (Eds.), *Handbook of Research on Effective Project Management through the Integration of Knowledge and Innovation* (pp. 226-256). Hershey, PA: IGI Global. doi:10.4018/978-1-4666-7536-0.ch013

MARQUES, M. B. (2014). The Value of Information and Information Services in Knowledge Society. In G. Jamil, A. Malheiro, & F. Ribeiro (Eds.), *Rethinking the Conceptual Base for New Practical Applications in Information Value and Quality* (pp. 134-161). Hershey, PA: IGI Global. doi:10.4018/978-1-4666-4562-2.ch007

MARQUES, M. B., & GOMES, L. I. E. (2014). A comunicação da produção científica em Ciência da Informação: Um estudo das publicações em línguas ibéricas indexadas na WoS (Web of Science) e na Scopus. In M. Martins & M. Oliveira (Eds.), *Comunicação ibero-americana: os desafios da Internacionalização: livro de atas do II Congresso Mundial de Comunicação ibero-americana* (pp. 491-507). Braga: CECS-Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho).

MARQUES, M. B., GOMES, L. I. E., & RAMOS, J. (2013, outubro). *As implicações da visão sistémica no tratamento dos sistemas de informação arquivo: o caso da UC*. Comunicação apresentada no Encontro Internacional de Arquivos. Universidade do Algarve.

MATURANA, H. R. (1981). Autopoiesis. In Zeleny, M., *Autopoiesis, a theory of living organization*. North Holland: Elsevier.

MCGARRY, K. J. (1984). *Da Documentação à informação: um contexto em evolução*. Lisboa: Editorial Presença.

MELLA, P. (1997). *Dai sistemi al pensiero sistemico: per capire i sistemi e pensare con i sistemi*. Milano: FrancoAngeli.

MIDDLETON, M. (1999). De la gestión de la información a la gestión del conocimiento. *El profesional de la información*, 8(5), 10-17.

MIKHAILOV, A. I. (1967). Informatics - A Scientific Discipline. *Documentação e Informação Científica*, 10(53), 239-242.

MIKHAILOV, A. I., CHERNYI, A. I., & GILYAREVSKY, R. S. (1969). Informatics: Its scope and methods. In *FID/RI. International Federation for Documentation. Study Committee Research on Theoretical problems of Informatics*, 7-24. Moscow: ALL-Union for Scientific and Technical Information.

MIKHAILOV, A. I., CHERNYI, A. I., & GILYAREVSKY, R. S. (1980). Estrutura e principais propriedades da informação científica. In H. E. Gomes (Org.), *Ciência da informação ou informática?* Rio de Janeiro: Calunga.

MIKHAILOV, A. I., CHERNYI, A. I., & GILYAREVSKY, R.S. (1967). Development of Information Science in the USSR. *Automatic Documentation and Mathematical Linguistics*, 1(5), 18-26.

MILLS, J. et al. (2006). The development of Constructivist Grounded Theory. *International Journal of Qualitative Methods*, 5(1), 1-10. Consult. 10 set. 2015. Disponível em: https://sites.ualberta.ca/~iigm/backissues/5_1/PDF/MILLS.PDF

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR (2008). Despacho normativo n.º 43/2008 de 1 de setembro: Estatutos da Universidade de Coimbra. *Diário da República*, 2.ª série, n.º 168, 38329-38340.

MOHRHARDT, F. E. (1966). Librarianship and Documentation: Relationship in the United States. *Libri*, 16(3), 211-215.

MOLINA CAMPOS, E. (1995). *Teoría de la biblioteconomía*. Granada: Universidad de Granada. ISBN 84-338-2116-4.

MORAN, J. (2010). *Interdisciplinarity*. 2nd edition. London; New York: Routledge. ISBN 0-203-86618-5.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. (1995). ¿Qué fue del concepto soviético de "Informatika"? *Documentación de las ciencias de la información*, 18, 173-182. Consult. 20 Mai. 2014. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/DCIN/article/view/DCIN9595110173A>

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. (2002). Aplicaciones al análisis automático del contenido provenientes de la teoría matemática de la información. *Anales de Documentación*, 5, 273-286. Consult. 23 Mai. 2014. Disponível em: <http://revistas.um.es/analesdoc/article/view/2101/2091>

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. (2005). *Conceptos introductorios al estudio de la información documental*. Salvador: EDUFBA/Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. (2013). Hacia la primacía de los conceptos sobre los términos en los vocabularios para la web semántica. *Anuario ThinkEPI*, 1, 173-177.

MORESI, E. A. D. (2001). Inteligência organizacional: um referencial integrado. *Ciência da Informação*, 30(2), 35-47. Consult. 27 Mai. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652001000200006

MORVAN, P. (1988). *Dicionário de informática*. [Lisboa]: Círculo de Leitores.

MULLER, S., FEITH, J. A., & FRUIN, R. (1898). *Handleiding voor het ordenen en beschrijven van archieven*. Groningen: Erven B. van der Kamp. [Tradução brasileira: WANDERLEY, M. A. (1973). *Manual de arranjo e descrição de arquivos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, Arquivo Nacional].

NEHMY, R. M. Q., & PAIM, I. (2003). Gestão do conhecimento, a “doce barbárie”. In I. Paim (Org.), *A Gestão da informação e do conhecimento* (pp. 267-306). Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação/UFMG.

NICOLESCU, B. (2000). *Um novo tipo de conhecimento – transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO.

NONAKA, I., & TAKEUCHI, H. (1995). *The knowledge-creating company: how japanese companies create the dynamics of innovation*. New York: Oxford University Press.

NONAKA, I., & TAKEUCHI, H. (1997). *Criação de conhecimento na empresa*. Rio de Janeiro: Elsevier.

NONAKA, I. (1991). The knowledge creating company. *Harvard Business Review*, 69 (6), 96-104.

NONAKA, I. (1998). The knowledge-creating company. *Harvard Business Review on Knowledge Management*, 21-46. Boston: Harvard Business School Press.

NONAKA, I., TOYAMA, R., & KONNO, N. (2001). SECI and leadership: a unified model of dynamic knowledge creation. In I. Nonaka & D. Teece (Eds.), *Managing Industrial Knowledge: Creation, transfer and utilization* (pp. 13-43). London: Sage Publications.

Nova Enciclopédia Larousse (1999). Vol. 20. Lisboa: Círculo de Leitores.

OJEDA AMADOR, F. (1972). La teoría de sistemas y el management como sistema. *Revista española de financiación y contabilidad*, 1 (2), 281-296.

ORERA ORERA, L. (2002). Concepto de Bibliotecnomía. In *Manual de Biblioteconomía* (pp. 19-41). 3.ª ed. Madrid: Síntesis.

ORTEGA C. D. (2004). Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, 5 (5).

OTLET, P. (1996). *El tratado de documentació: el libro sobre el libro: teoría y práctica*. Trad. María Dolores Ayuso García. 2.ª ed. Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones.

PAIVA, J. P. (Coord.) (2015). *Guia de fundos do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. doi: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1021-4>

PASTORE, E. (2009). *The Future of Museums and Libraries: a discussion guide*. Washington, D.C.: Institute of Museum and Library Services. Disponible em: <http://www.ims.gov/assets/1/AssetManager/DiscussionGuide.pdf>

PEARCE, S. M. (Ed.) (1994). *Interpreting objects and collections*. Routledge: London and New York.

PEARCE-MOSE, R. (2005). *A glossary of archival and records terminology*. Chicago: Society of American Archivists, 2005.

PÉREZ-MONTORO, M. (2016). Gestión del conocimiento: orígenes y evolución. *El profesional de la información*, 25 (4), 526-534.

PÉREZ PULIDO, M., & HERRERA MORILLAS, J. L. (2006). *Teoría y nuevos escenarios de la Biblioteconomía*. 2ª ed. Buenos Aires: Alfagrama.

PETTIGREW, K. E., & McKECHNIE, L. (2001). The use of theory in information science research. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 52(1), 62-73.

PINHEIRO, L. V. R., & LOUREIRO, J. M. M. (1995). Traçados e limites da Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, 24(1).

PINKETT, H. T. (Summer 1981). American archival theory: the state of the art. *The American Archivist*, 44(3), 217-222.

PINTO MOLINA, M., & GÓMEZ CAMARERO, C. (2004) *La ciberadministración española en la sociedad de la información: retos y perspectivas*. Gijón: Ediciones Trea, 2004. ISBN 84-9704-121-6.

PINTO, M. M. G. A. (2005). A formação de arquivistas no quadro da ciência da informação: o caso da Universidade do Porto. In *4.º Seminário internacional de arquivos de tradição ibérica*. Consult. 28 Jan. 2013. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3089.pdf>

PINTO, M. M. G. de A. (2014). *Da preservação de documentos à preservação da informação*. Consult. 1 Dez. 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/70843>

PINTO, M. M. G. de A. (2016). *A Gestão da Informação nas Universidades Públicas Portuguesas: reequacionamento e proposta de modelo* (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

PINTO, M. A., & SILVA, A. M. da (2005). Um modelo sistémico e integral de gestão da informação nas organizações. In *CONTECSI - Congresso Internacional de gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*. Consult. 11 Fev. 2015. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3085.pdf>

POLANYI, M. (1958). *Personal knowledge: towards a post-critical philosophy*. London: Routledge & Kegan Paul.

POLANYI, M. (1966). *The tacit dimension*. London: Routledge & Kegan Paul.

POLANYI, M. (1997). Tacit knowledge. In L. Prusak (Ed.), *Knowledge in organizations* (pp. 135-146). Boston: Butterworth-Heinemann.

POMBO, O. (2003). Epistemologia da interdisciplinaridade. In *Colóquio Interdisciplinaridade, Humanismo e Universidade*. Consult. 11 Jan. 2016. Disponível em: <http://webpages.fc.ul.pt/~ommartins/investigacao/portofinal.pdf>

POMBO, O. (2004). *Interdisciplinaridade: ambições e limites*. Lisboa: Relógio D'Água Editores. ISBN: 9789727088140.

POMBO, O. (2006). Práticas interdisciplinares. *Sociologias*, 15, 208-249. Consult. 11 Jan. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/5570/3181>

PRYTHERCH, R. (2005). *Harrod's librarians' glossary and reference book: a directory of over 10,200 terms, organizations, projects and acronyms in the areas of information management, library science, publishing and archive management*. 10th ed. Aldershot; Burlington: Ashgate, 2005.

Prospecto da Universidade de Coimbra (1996-1997). Coimbra: Serviço de Documentação e Publicações da Universidade de Coimbra.

PRUSAK, L. (1997). *Knowledge in organizations*. Boston: Butterworth-Heinemann.

QUEL, L. F. (2006). *Gestão de conhecimentos e os desafios da complexidade nas organizações*. São Paulo: Editora Saraiva. ISBN 85-02-05865-7.

RASCÃO, J. P. (2008). *Novos desafios da gestão da informação*. Lisboa: Edições Sílabo. ISBN 978-972-618-513-0.

RAYWARD, W. B. (1991). *The case of Paul Otlet, pioneer of information science, internationalist, visionary: reflections on biography*. Consult. 1 Mai. 2014. Disponível em: http://people.ischool.illinois.edu/~wrayward/otlet/PAUL_OTLET_REFLECTIONS_ON_BIOG.HTM

RAYWARD, W. B. (1993). *Electronic information and the functional integration of libraries, museums and archives*. Consult 2 Jun. 2014. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/9474/Rayward_electronic.pdf?sequence=2

RAYWARD, W. B. (1996a). Libraries, museums, and archives in the digital future: the blurring of institutional boundaries. In *Multimedia preservation: capturing the rainbow: proceedings of the Second National Conference of the National Preservation Office* (pp. 71-86). Canberra: National Library of Australia.

RAYWARD, W. B. (1996b). The History and Historiography of Information Science: some reflections. *Information Processing & Management*, 32(1): 3-18.

RAYWARD, W. B. (1997). The origins of Information Science and the International Institute of Bibliography / International Federation for Information and Documentation (FID). *JASIS – Journal of the American Society for Information Science*, 48(4), 289-300.

REEVES, T. C. (2006). Design research from a technology perspective. In J. Van Den Akker, K. Gravemeijer, & N. Nieveen (Eds.), *Educational design research*, 52-66. London: Routledge.

REEVES, T. C. (2011). Can educational research be both rigorous and relevant? *Educational Designer*, 1(4). Consult. 18 ago. 2015. Disponível em: <http://www.educationaldesigner.org/ed/volume1/issue4/article13>

Revista da Universidade de Coimbra (1912). Vol. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade.

RIBEIRO, F. (2001). Archival Science and changes in the paradigm. *Archival Science: international journal on recorded information*, 1(3), 295-310. ISSN 1389-0166.

RIBEIRO, F. (2002a). Da arquivística técnica a arquivística científica: a mudança de paradigma. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, I série, 1, 97-110.

RIBEIRO, F. (2002b). *O desafio da formação profissional: novo paradigma, novo modelo formativo*. Consult. 1 Mai. 2015. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1241.pdf>

RIBEIRO, F. (2005). Organizar e representar informação: apenas um meio para viabilizar o acesso. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, 4, 83-100. Consult. 11 Jun. 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9019?locale=pt>

RIEUSSET-LEMARIÉ, I. (1997). P. Otlet's Mundaneum and the international perspective in the history of documentation and Information Science. *JASIS – Journal of the American Society for Information Science*, 48(4), 301-309.

ROBINSON, L. (2009) Information Science: communication chain and domain analysis. *Journal of Documentation*, 65(4), 578-591.

ROBINSON, L., & KARAMUFTUOGLU, M. (2010). The nature of Information Science: changing models. *Information Research*, 15(4). Consult. 16 Nov. 2015. Disponível em: <http://www.informationr.net/ir/15-4/colis717.html>

ROBREDO, J. (2003). *Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação*. Brasília, DF: Thesaurus Editora/SSRR Informações.

RODRIGUES FILHO, J. & LUDMER, G. (2005). Sistema de Informação: que ciência é essa? *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação/JISTEM: Journal of Information Systems and Technology Management*, 2(2), 151-166.

RODRIGUES, M. A. (1991). *A Universidade de Coimbra: marcos da sua história*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.

RODRÍGUEZ BRAVO, B. (2002). *El documento: entre la tradición y la renovación*. Gijón: Ediciones Trea, 2002.

RÓMULO – CENTRO CIÊNCIA VIVA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (2016). *Rómulo – Centro de Ciência Viva da Universidade de Coimbra*. Consult. 13 Jan. 2016. Disponível em: <http://nautilus.fis.uc.pt/rc/>

ROUSSEAU, J.-Y. & COUTURE, C. (1998). *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

ROWLEY, J. (2003) Action research: An approach to student work based learning. *Education + Training*, 45(3), 131-138.

SÁNCHEZ-BRAVO CENJOR, A. (1992). *Manual de estructura de la información*. Madrid: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces. ISBN 84-8004-024-6.

SARACEVIC, T. (1992). Information Science: origin, evolution and relations. In P. Vakkari, & B. Cronin (Eds.), *Conceptions of library and information science: Historical, empirical and theoretical perspectives. Proceedings of the International Conference held for the celebration of 20th Anniversary of the Department of Information Studies, University of Tampere, Finland, 26-28 August, 1991*. London: Taylor Graham.

SARACEVIC, T. (1996). Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 1 (1), 41-62.

SAUSSURE, F. (1977). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix.

SCHELLENBERG, T. R. (1958). *Archivos modernos: principios y técnicas*. La Habana: Instituto Panamericano de Geografía e Historia.

SENGE, P. M. (1990). *The fifth discipline: the art and practice of the learning organization*. New York: Doubleday/Currency.

SHERA, J. H. & CLEVELAND, D. B. (1977). History and foundations of Information Science. *Annual Review of Information Science and Technology*, 12, 249-275.

SIBUC (s.d.). *Manual de instrução webpac*. Consult. 13 jan. 2015. Disponível em: <http://www.uc.pt/sibuc/Pdfs/webPAC>

SILVA, A. B. M. da (2006). Documento e informação: as questões ontológica e epistemológica. In *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*, 327-355. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.

SILVA, A. M. da (2001). [Recensão de] TARAPANOFF, K. (Org.), Inteligência Organizacional e competitiva. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 25(2), 277-282. Consult. 10 jan. 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/39338>

SILVA, A. M. da (2002). Arquivística, biblioteconomia e museologia: do empirismo patrimonialista ao paradigma emergente da Ciência da Informação. In *1.º Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus* (pp. 573-607). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

SILVA, A. M. da (2003). Conhecimento/Informação: sinonímia e/ou diferenciação? In G. M. Rodrigues, & I. L. Lopes (Org.), *Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus.

SILVA, A. M. da (2005). A Gestão da informação abordada no campo da Ciência da Informação. *Páginas A&B: Arquivos & Bibliotecas*, 16, 89-113.

SILVA, A. M. da (2006a). *A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento e CETAC.COM. ISBN 972-36-0859-6.

SILVA, A. M. da (2006b). Documento e informação: as questões ontológica e epistemológica. In *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques* (pp. 327-355). Consult. 15 Fev. 2014. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4815.pdf>

SILVA, A. M. da (2006c). Informação e Comunicação: as duas faces de Jano. *Prisma.com*, 2, 1-31. Consult. 18 Fev. 2015. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/606>

SILVA, A. M. da (2007). Ciência da Informação e Sistemas de Informação: (re) exame de uma relação disciplinar. *Prisma.com*, 5, 2-47. Consult. 17 Jan. 2015. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/657>

SILVA, A. M. da (2009a). A Gestão da Informação na perspectiva da pesquisa em Ciência da Informação: retorno a um tema estratégico. In F. A. S. de Almeida, A. T. R. Guimarães, M. J. B. Franco, & J. C. C. Leitão (Org.), *Coletânea Luso Brasileira: governança estratégica, redes de negócios e meio ambiente: fundamentos e aplicações* (pp. 233-252). Anápolis: Universidade Estadual de Goiás. ISBN 978-85-63192-00-4.

SILVA, A. M. da (2009b). Arquivologia e gestão da informação/conhecimento. *Informação & Sociedade: Estudos*, 19 (2) 47-52. Consult. 17 Jan. 2014. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3712/3024>

SILVA, A. M. da (2013). A gestão da informação como área transversal e interdisciplinar: diferentes perspectivas e a importância estratégica da tipologia informacional. In *Coletânea Luso-brasileira / Gestão da Informação, Inovação e Logística*. Goiânia: FATESG.

SILVA, A. M. da (2015). Arquivo, biblioteca, museu, sistema de informação: em busca da clarificação possível... *Cadernos BAD*, 1, 103-124. Consult. 13 Abr. 2016. Disponível em: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1482>

SILVA, A. M. D. da (2016). Descrição arquivística e catálogo do arquivo do professor doutor Manuel dos Reis (1919-1986). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XXIX, 133-268. Consult. 28 Jun. 2016. Disponível em: <http://iduc.uc.pt/index.php/boletimauc/article/view/2754>

SILVA, A. M. da, & RIBEIRO, F. (2002). *Das "Ciências" Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento.

SILVA, A. M. da, & RIBEIRO, F. (2009a). A Gestão da Informação na administração pública. *Interface*, 161, 32-39.

SILVA, A. M. da, & RIBEIRO, F. (2009b). Perspectivar a avaliação como operação metodológica no âmbito da ciência da Informação. In CONGRESSO DEL CAPÍTULO ESPAÑOL DE ISKO, 9º, Valência, *Nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento: Actas del congreso*, 288-307. Valência: Universitat Politècnica de València. ISBN 978-84-8363-396-0.

SILVA, A. M. da, RIBEIRO, F., & MARTINS, F. (2010). Information Science and Cognitive Psychology: a theoretical approach. In INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON INFORMATION MANAGEMENT IN A CHANGING WORLD, 2nd, Ankara, *Technological convergence and*

social networks In information management: proceedings, 189-199. Berlin; Heidelberg: Springer. ISBN 1865-0929.

SILVA, A. M. *et al.* (1999). *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Edições Afrontamento. (Biblioteca das Ciências do Homem. Plural; 2). ISBN 972-36-0483-3. vol. 1.

SMIT, J. W. (2003). Arquivologia/Biblioteconomia: interfaces das Ciências da Informação. *Informação & Informação*, 8 (2). Consult. 13 Abr. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1713>

STAKE, R. E. (1998). Case studies. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. Thousands Oaks: Sage.

STAKE, R. E. (2005). *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Morata.

STERN, P. N. (2007). Properties for growing grounded theory. In A. Bryant, & K. Charmaz (Eds.), *The Sage handbook of grounded theory*. Thousand Oaks, CA, USA: Sage.

STRAUSS, A. L., & CORBIN, J. M. (1998). *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory*. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: Sage.

SUDDABY, R. (2006). From the editors: What grounded theory is not. *Academy of Management Journal*, 49 (4).

TASHAKKORI, A., & TEDDLIE, C. (2010). Epilogue: current developments and emerging trends in integrated research methodology. In A. Tashakkori, C. Teddlie (Eds.), *SAGE handbook of mixed methods in social & behavioural research* (pp. 803-826). California: SAGE Publications.

TENREIRO, C. (2014). *A Biblioteca Matemática da Universidade de Coimbra: 1913-1969: génese, formação e desenvolvimento*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

TERRA, A. L. (2008). *As políticas de informação e de comunicação da União Europeia: uma leitura diacrónica e exploratória no âmbito da Ciência da Informação* (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/11215>

TESSITORE, V. (2003). *Como implantar centros de documentação*. São Paulo: Arquivo de Estado, Imprensa Oficial do Estado.

THOMASSEN, T. (2001). A first introduction to archival science. *Archival Science*, Amsterdam, 1, 373-385.

UNESCO (1994). *UNESCO Public Library Manifesto*. Consult. 11 Set. 2016. Disponível em: http://www.unesco.org/webworld/libraries/manifestos/index_manifestos.html

UNESCO (2003). *Guidelines for the preservation of digital heritage*. Consult. 31 mar. 2015. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001300/130071e.pdf>

UNESCO (2013). *University of Coimbra – Alta and Sofia*. Consult. 10 Dez. 2014. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/1387>

UNIVERSIDADE DA CORUÑA (2016). *Programa oficial de doctorado en sociedad del conocimiento: nuevas perspectivas en documentación, comunicación y humanidades*. Consult. 5 Nov. 2016. Disponível em: <http://estudios.udc.es/es/study/start/566V01>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (2011). *Plano estratégico 2011-2015*. Consult. 5 Dez. 2013. Disponível em: http://www.uc.pt/planeamento/PE_WEB_09122011.pdf

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (2011). *Plano estratégico e de ação 2011-2015*. Consult. 10 Dez. 2014. Disponível em: <http://www.uc.pt/planeamento/peauc>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (2014). *Relatório de gestão e contas consolidado 2013*. [Aprovado pelo Conselho Geral em 07 de julho de 2014 - Deliberação n.º 15/2014]. Consult. 15 Dez. 2014. Disponível em: http://www.uc.pt/dpgd/doc_gestao/relatorio_gestao_consolidado_uc_2013.pdf

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (2015). *Plano estratégico 2015-2019* [versão integral]. Consult. 10 Abr. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/planeamento/pe20152019>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (2015). *Plano estratégico 2015-2019*. Consult. 5 Dez. 2015. Disponível em: http://www.uc.pt/planeamento/2015_2019_ficheiros/plano_estrategico_UC20152019_publica_web.pdf

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (2016). *Relatório de gestão e contas consolidado 2015*. [Aprovado pelo Conselho Geral em 27 de junho 2016 - Deliberação n.º 10/2016]. Consult. 30 Jun. 2016. Disponível em: http://www.uc.pt/dpgd/doc_gestao/relatorio_de_gestao_e_contas_consolidado2015.pdf

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. ARQUIVO DA UNIVERSIDADE (2015). *Cadastro de fundos*. Consult. 10 Jan. 2015. Disponível em: http://www.uc.pt/auc/fundos/cadastro_fundos

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. ARQUIVO DA UNIVERSIDADE (2016). *Instituição*. Consult. 5 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/auc/instituicao>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. BIBLIOTECA DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE (2016). *Apresentação*. Consult. 3 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/bcsuc/Apresentacao>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA (2016). *Biblioteca do Departamento de Botânica*. Consult. 5 Jan. 2016. Disponível em: http://www.uc.pt/bib_dep_botanica

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. BIBLIOTECA GERAL (2013). *Quinhentos anos de Biblioteca da Universidade: uma celebração justa e necessária*. Consult. 15 Abr. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/bguc/500anos/Apresentacao>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. BIBLIOTECA GERAL (2016). *Instituição*. Consult. 6 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/bguc/BibliotecaGeral>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. BIBLIOTECA JOANINA (2016). *Biblioteca Joanina*. Consult. 6 Mar. 2016. Disponível em: <http://www.sri.uc.pt/informacaopara/visit/paco/biblioteca/print>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. BIBLIOTECA MATEMÁTICA (2015). *Fundo de Matemática do extinto Museu Nacional da Ciência e da Técnica*. Consult. 19 Mai. 2016. Disponível em: <http://www.mat.uc.pt/~bad/fundosespeciais/www-fundo-MNCT.pdf>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. BIBLIOTECA MATEMÁTICA (2016). *Biblioteca Matemática*. Consult. 2 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/fctuc/dmat/departamento/bibliomat>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. BIBLIOTECA NORTE/SUL (2016). *Biblioteca*. Consult. 11 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/biblioteca/>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO 25 DE ABRIL (2016). *Centro de Documentação 25 de Abril*. Consult. 14 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.cd25a.uc.pt/>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO EUROPEIA (2016). *Centro de Documentação Europeia - Faculdade de Direito UC*. Consult. 14 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/fduc/cde>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO SÉCULO XX (2016). *Biblioteca*. Consult. 11 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/iii/ceis20/Biblioteca>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. DEPARTAMENTO ACADÉMICO (2015). *Apoio técnico pedagógico a estudantes deficientes: histórico*. Consult. 5 Jan. 2015. Disponível em: http://www.uc.pt/depacad/atped/historico_atped/

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA (2015). *Apresentação*. Consult. 24 Jan. 2015. Disponível em: <http://www.uc.pt/fctuc/darq/apresentacao>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA (2016). *Biblioteca*. Consult. 24 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/fctuc/darq/departamento/biblioteca>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA (2016). *Biblioteca*. Consult. 5 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/fctuc/dcv/biblos>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. DEPARTAMENTO DE FÍSICA (2016). *A biblioteca*. Consult. 29 Jan. 2016. Disponível em: <http://fisica.uc.pt/ax/biblioteca/bibl.php>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. DEPARTAMENTO DE FÍSICA (2016). *O Museu de Física*. Consult. 16 Jun. 2016. Disponível em: http://fisica.uc.pt/ax/mf/mf_main.php

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA (2016). *Biblioteca*. Consult. 7 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/fcdef/documentosbiblioteca/>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. ESTUDO GERAL (2016). *Sobre o repositório*. Consult. 7 Jan. 2016. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA (2015). *História da faculdade*. Consult. 12 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/fcdef/apresentacao/historia>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UC (2016). *Biblioteca do Pólo II*. Consult. 22 Jan. 2016. Disponível em: http://www.uc.pt/fctuc/BibliotecasFCTUC/bibl_pololl

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UC (2015). *Bibliotecas departamentais*. Consult. 22 Jan. 2016. Disponível em: http://www.uc.pt/fctuc/BibliotecasFCTUC/bibl_depart

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FACULDADE DE DIREITO (2016). *Biblioteca*. Consult. 20 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/fduc/biblioteca/>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FACULDADE DE ECONOMIA (2015). *Apresentação*. Consult. 8 Jan. 2015. Disponível em: <http://www.uc.pt/feuc/apresentacao>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FACULDADE DE LETRAS (2015). *História da faculdade*. Consult. 25 Abr. 2015. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/faculdade/apresentacao/historia_faculdade

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FACULDADE DE LETRAS. INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA (2016). *Funcionamento* [do Instituto de Arqueologia, da Secção de Arqueologia do Departamento de Historia, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes]. Consult. 01 Jul. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/iarg/funcionamento/>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FACULDADE DE LETRAS. INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA (2016). *Instituto de Arqueologia*. Consult. 25 Jun. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/iarg>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (2015). *Nota histórica*. Consult. 27 Jan. 2015. Disponível em: <http://www.uc.pt/fpce/faculdade/nota>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FCTUC (2016). *Biblioteca de Física e de Química*. Consult. 29 Jan. 2016. Disponível em: http://www.uc.pt/fctuc/BibliotecasFCTUC/bibl_depart/bibl_FQ

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FEUC (2016). *A biblioteca da FEUC*. Consult. 8 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/feuc/biblioteca>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FLUC (2016). *Serviços de Biblioteca e Documentação*. Consult. 25 Abr. 2016. Disponível em: <https://alpha.sib.uc.pt/>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FPCEUC (2016). *Biblioteca, Testoteca e Mediateca*. Consult. 28 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.uc.pt/fpce/biblioteca>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. HERBÁRIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (2016). Consult. 27 Jun. 2016. Disponível em: http://www.uc.pt/herbario_digital

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. INSTITUTO GEOFÍSICO (2015). *Bem-vindo ao IGUC*. Consult. 5 Jun. 2015. Disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/iguc/benvindo.htm>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. MUSEU DA CIÊNCIA (2016). *O projeto do museu*. Consult. 16 Abr. 2016. Disponível em: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=content&option=museum&action=museum>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. OBSERVATÓRIO GEOFÍSICO E ASTRONÓMICO (2016). *História*. Consult. 5 Jun. 2016. Disponível em: <http://www.astro.mat.uc.pt/novo/observatorio/site/index.html>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. PROJETO ESPECIAL IMAGEM, MEDIA E COMUNICAÇÃO (2015). *Recursos. Apresentações institucionais*. Consult. 10 Fev. 2015. Disponível em: http://www.uc.pt/pimc/recursos/apresentacoes_institucionais

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. UC DIGITALIS (2016). *UC Digitalis, Alma Mater, UC Pombalina, UC Impactum*. Consult. 15 Mai. 2016. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/>

VALENTIM, M. L. P. (2002). Inteligência competitiva em organizações: Dado, informação e conhecimento. *DataGramaZero*, 3(4), 1-13.

VALENTIM, M. L. P. *et al.* (2003) O processo de inteligência competitiva em organizações. *DataGramaZero*, 4(3), 1-23.

VALENTIM, M. L. P. (2008). Informação e conhecimento em organizações complexas. In M. L. P. Valentim (Org.), *Gestão da informação e do conhecimento* (pp. 11-25). São Paulo: Editora Polis. ISBN 978-85-7228-028-0.

VAN DEN AKKER, J. (1999). Principles and methods of development research. In J. Van Den Akker, N. Nieveen, R. M. Branch, K. Gustafson, & T. Plompt (Eds.), *Design Methodology and development research in education and training* (pp. 1-14). The Netherlands: Kluwer Academic Publishers.

VASCONCELOS, A. (1902-1903). O Arquivo da Universidade. *Anuário da Universidade de Coimbra*, XCVII, 1-51.

VASCONCELOS, A. (1991). *O Arquivo da Universidade*. Coimbra: Arquivo da UC.

VICKERY, B. C. (1973). *Information Systems*. London: Butterworth, 1973.

VICKERY, B. C. (Ed.) (1994). *Fifty Years of Information Progress: A Journal of Documentation Review*. London, England: Aslib. ISBN: 0-85142-327-2.

VICKERY, B. C. & VICKERY, A. (2004). *Information science in theory and practice*. München: K.G. Saur.

VOSS, J. (2012). *Radically Open Cultural Heritage Data on the Web*. Consult. 30 Jun. 2016. Disponível em: <http://www.museumsandtheweb.com/mw2012/sessions.html>

WAIBEL, G. & ERWAY, R. (2009). Think global, act local: library, archive and museum collaboration. *Museum Management and Curatorship*, 24 (4), 323-335.

WAIBEL, G. (2010). *Collaboration contexts: Framing local, group and global solutions*. Ohio: OCLC Research.

WALSH, I. et al. (2015). What Grounded Theory is... A Critically Reflective Conversation Among Scholars. *Organizational Research Methods*, 18, 581-599.

WEBER, R. (1997). *Ontological foundations of Information Systems*. Australia: Coopers & Lybrand.

WEISMAN, H. M. (1972). *Information systems, services and centers*. New York: Becker and Hayes.

WERSIG, G. (1993). Information Science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*, 29(2), 229-239.

WERSIG, G., & NEVELING, U. (1975). The phenomena of interest to information science. *The Information Scientist*, 9(4), 127-140.

WHYTE, W. F., GREENWOOD, D. & LAZES, P. (1991). Participatory action research: through practice to science in social research. In W. F. Whyte (Ed.), *Participatory action research*, 19-56. Newbury Park, London, New Delhi: Sage Publications.

WILDEN, A. (2001). Informação. In *Enciclopédia Einaudi, Comunicação – Cognição*, 34, 12-77. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

WILLIAMS, R. V., WHITMIRE, L. & BRADLEY, C. (1997). Bibliography of the History of Information Science in North America, 1900-1995. *Journal of the American Society for Information Science*, 48, 373-379.

WILSON, T. (2002). The nonsense of 'knowledge management'. *Information Research*, 8(1). Consult. 2 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.informationr.net/ir/8-1/paper144.html>

WILSON, T. D. (1989). Towards an information management curriculum. *Journal of Information Science*, 15(4-5), 203-209.

WILSON, T. D. (1997). Information behavior: an interdisciplinary perspective. *Information processing and management*, 33(4), 551-572.

WILSON, T. D. (2002). *Information Management*. Consult. 18 set. 2015. Disponível em: http://www.informationr.net/tdw/publ/papers/encyclopedia_entry.html. [revised version of the entry 'Information management' in the International Encyclopedia of Information and Library Science, 2002].

WILSON, T. D. (2010). Information and information science: an address on the occasion of receiving the award of doctor honoris causa, at the University of Murcia, 30 September, 2010. *Information Research*, 15(4). Consult. 4 Jan. 2016. Disponível em: <http://www.informationr.net/ir/15-4/paper439.html>

WILSON, T.D. (2010). Review of: Grant, Kevin, Hackney, Ray and Edgar, David. (Eds.). *Strategic information systems management*. Andover, UK: Cengage Learning, 2010. *Information Research*, 15(1), review no. R363. Consult. 12 abr. 2014. Disponível em: <http://informationr.net/ir/reviews/revs363.html>

YARROW, A., CLUBB, B., & DRAPER, J.-L. (2009). *Bibliotecas públicas, archivos y museos: tendencias de colaboración y cooperación*. La Haya: oficina central de la IFLA.

YIN, R. K. (2003). *Case studies research: design and methods*. Thousands Oaks: Sage.

YIN, R. K. (2003). *Case study research*. Londres: Sage Publication.

YUEXIAO, Z. (1988). Definitions and sciences of information. *Information Processing & Management*, 24(4), 479-491.

ZINS, C. (2007). Conceptions of information science. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 58(3), 335-350.

ZORICH, D., WAIBEL, G., & ERWAY, R. (2008). *Beyond the silos of the LAMs: collaboration among libraries, archives and museums*. Consult. 18 Ago. 2014. Disponível em: <http://www.oclc.org/content/dam/research/publications/library/2008/2008-05.pdf>

ZORRINHO, C. (1991). *Gestão da informação*. Lisboa: Editorial Presença. ISBN 972-23-1390-0.

ANEXOS



ANEXO I – Resumo em Castelhana

En plena segunda década del siglo XXI, en una época en que la información constituye un recurso con reconocido valor y se erige como objeto de conocimiento susceptible de interesar a diversas disciplinas y áreas científicas, la aparición de nuevas formas de comunicación y acceso a la información han originado, de un modo general, profundos cambios en la sociedad y, muy particularmente, en las organizaciones. Es reconocida por todos la importancia adquirida por la información y por el conocimiento en el actual plano económico, social y político, así como el potencial transformador y enriquecedor subyacente en la utilización de las tecnologías en todos los aspectos de la vida.

En nuestros días los límites del alcance del marco de actuación de las entidades implicadas en la custodia, divulgación de información y la salvaguardia del patrimonio bibliográfico, documental, archivístico y de la memoria histórica— archivos, bibliotecas, centros de documentación y museos – se han visto, sin duda, desdibujados por la tecnología digital. En un escenario en el que se impone progresivamente la interoperabilidad entre diferentes sistemas, para el usuario de la información es irrelevante distinguir si lo que busca se encuentra en un archivo, en una biblioteca o en un museo. Es importante, por tanto, pensar y conocer hoy cómo el trabajo de los archivos, bibliotecas, museos y centros de documentación, a través de una visión creativa e innovadora, puede rebasar los límites de los territorios individuales y organizacionales, y se pueden enfocarse más al usuario y la comunidad.

En este contexto, abordar el tema de la **Gestión de la Información (GI)** en plena Era de la Información y examinarla a la luz de la **Ciencia de la Información (CI)** constituye el punto de partida esencial para la reflexión sobre algunos de los desafíos e interrogantes que se presentan en el siglo XXI, propiciando un marco de reflexión e investigación que contribuirá, ciertamente, a la consolidación de la citada área científica.

Al identificar este abordaje, teniendo como base la reflexión que viene desarrollándose a nivel nacional e internacional, se asume como marco teórico diversas propuestas situadas en el área científica de la CI, que apuntan hacia un nuevo paradigma poscustodial, científico e informacional. Es precisamente dicho marco el que condujo a

intentar dilucidar qué se puede considerar, efectivamente, como “gestión de la información”, “gestión del conocimiento”, “información” y “sistema de información”. Así emerge la necesidad de redefinición conceptual y operacional respecto de una realidad de actuación todavía hoy fuertemente influenciada por un paradigma de tendencia historicista, cultural y patrimonialista, centrado en la custodia, en el documento y en la técnica.

El desarrollo de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) ha permitido la agilización y ampliación de la producción continua de información y su pronta diseminación. A nivel organizacional, esta evolución es abordada como un problema que necesita propuestas integradas para ser viable, producir, recibir, almacenar, organizar y representar, recuperar, divulgar y preservar la información a corto, medio y largo plazo. El enfoque que, de forma inequívoca y transversal, se ha impuesto en la dotación tecnológica y en la accesibilidad de contenidos en soporte digital determina la necesidad acuciante de implementar una gestión integrada, continua y global de la información.

Con la adopción de las TIC y el desarrollo de estructuras cada vez más complejas a nivel organizativo, se revela la necesidad de una estrategia de gestión de la información (GI) que abarque todo el Sistema de Información (SI) organizacional, sin olvidar los sistemas tecnológicos de información (STI) ni los contextos en que ambos son estructurados y se desarrollan, principalmente en instituciones como la universidad.

Fue, pues, con este telón de fondo donde se desarrolló esta tesis doctoral en el ámbito del programa oficial de doctorado en *Sociedad del Conocimiento: nuevas perspectivas en Documentación, Comunicación y Humanidades*, centrado en el área de estudios de Biblioteconomía y Documentación.

El caso de aplicación seleccionado es la **Universidad de Coímbra (UC)**, una entidad de una gran complejidad tanto por sus dimensiones, su historia, con más de siete siglos de andadura, y la amplitud y variedad de productores de información y estructuras implicadas en la gestión de la información. El SI de la UC comprende su archivo, sus bibliotecas, sus museos y sus centros de documentación, espacios físicos y virtuales de acceso al conocimiento, los cuales constituyen recursos fundamentales para el funcionamiento y cumplimiento de la misión de la institución académica: la investigación, el proceso de enseñanza-aprendizaje y la comunidad.

Esta investigación tiene como **premisa** que cualquier visión reductora de la GI en un contexto orgánico institucional, tendrá consecuencias negativas para el aprovechamiento eficaz y eficiente de los recursos de información disponibles y para la construcción del conocimiento.

Los **objetivos de esta investigación** son los siguientes:

- Estudiar las bases conceptuales y los fundamentos de la GI y de la GC;
- Estudiar las políticas e instrumentos de GI, comprendiendo su importancia para la salvaguardia de la memoria organizacional y para la construcción del conocimiento, sin olvidar las TIC;
- Estudiar el comportamiento y los flujos de información en el contexto universitario de la UC, partiendo de la identificación y comprensión de la evolución de las estructuras orgánicas (administrativas, de gestión, científico-pedagógicas, de investigación, organismos de interfaz, etc.) que han integrado e integran la UC;
- Presentar una propuesta de modelo para la gestión del SI organizacional (estudio de caso), fundamentada en la perspectiva holística y sistémica, y una solución consistente para el problema de investigación.

Esta tesis, en última instancia, pretende presentar una propuesta metodológica para la GI en las universidades, si bien el estudio se realice en un contexto específico, la UC. El hecho de abordar la gestión de la información con una perspectiva holística y sistémica introduce una forma innovadora de estudiar la realidad informacional. Así, la relevancia de esta investigación puede ser resumida en los siguientes aspectos:

a) En la vertiente teórica representa un avance en el conocimiento, dado que trata, de forma integrada, la GI en una institución universitaria combinando los enfoques biblioteconómico, archivístico, museológico y de gestión del conocimiento;

b) El análisis de los flujos de información permite introducir mejoras en la gestión de la estructura y funcionamiento de la institución estudiada, puesto que posibilita saber dónde se produce, se transmite y cómo se utiliza la información;

c) Los resultados de la investigación y la propuesta metodológica de un sistema de gestión integrada de la información aumentarán la eficiencia y la eficacia en la gestión de los recursos informacionales, de varios tipos y en varios soportes, con la consiguiente optimización de recursos económicos;

d) En la medida en que la GI/conocimiento explícito es optimizada/o, el impacto social de la universidad aumenta;

e) Los resultados de esta investigación pueden ser extrapolados a otras universidades.

Por lo que respecta a la **estructura**, la tesis se divide en dos partes: una de naturaleza teórica y otra eminentemente práctica, en un total de seis capítulos. En la parte teórica se detalla el marco teórico y conceptual que ha servido de telón de fondo para la investigación. Se propone y desarrolla la estructura argumentativa que da cuerpo y fundamenta el objeto de estudio, la GI, en el campo de la CI. En la parte práctica se lleva a cabo el estudio de caso escogido.

El capítulo 1 versa sobre los conceptos operativos centrales de la investigación, seguidos de la presentación de la posición epistemológica tomada. Para tal efecto, realizamos una revisión de la literatura para llegar a la distinción entre Información y Documento, Información y Conocimiento, SI y STI. La Teoría General de Sistemas establece el referente interpretativo que orienta esta investigación, siendo adoptada la noción operativa de sistema que, en el marco de la CI, permite configurar el estudio de un SI organizacional. Tras un breve análisis diacrónico sobre el surgimiento y consolidación del área científica, se identifican las características de la CI como ciencia social aplicada, con una identidad propia, así como un *corpus* teórico-metodológico consistente.

En el capítulo 2, se analiza la naturaleza y evolución de los SI, teniendo en cuenta el modelo histórico y científico de desarrollo de cada disciplina en cuestión (Archivística, Biblioteconomía, Museología y Documentación). Partiendo de una revisión teórica de la literatura, se contextualiza su surgimiento y desarrollo, de modo que sea posible comprender e identificar especificidades y puntos de convergencia. El nuevo paradigma de la CI – científico y poscustodial –, cuestionado por diversos autores, pero sustentado por tantos otros, autoriza el recurso a la visión sistémica y holística de la Información y del Conocimiento, que evidenciará la importancia crucial que los tradicionales servicios de información poseen en la respuesta a los desafíos y oportunidades en la era digital.

La GI, como área transversal y aplicada en CI, es la temática elegida para el capítulo 3. Se ha considerado la necesidad de comprender la trayectoria diacrónica de la Gestión aplicada a la Información, en una línea de desarrollo que partió de las áreas

tradicionales ligadas a la guarda y conservación de los documentos (Archivística, Biblioteconomía, Documentación) que están en la base de la construcción de la CI a mediados del siglo XX. En el ámbito organizacional, el estudio del objeto científico en cuestión convoca un trinomio constituido por las Instituciones/Organizaciones, por la Gestión y por las TIC/STI. Siendo fundamental para definir y situar a la GI en la perspectiva de la CI y aclarar su relación con la GC, en creciente afirmación, se realiza un abordaje evolutivo diacrónico que ha permitido trazar el marco paradigmático, conceptual, teórico y aplicado que soporta la propuesta teórico-metodológica.

En el capítulo 4, se explicita la evolución histórica diacrónica y la contextualización de la institución universitaria, la Universidade de Coimbra, con particular énfasis en la actual configuración organizacional (misión, valores y visión, órganos de gobierno, de gestión y organización estructural).

En el capítulo 5 se estudia y presenta la visión actual de la UC, en lo que respecta a gestión del SI. Dado el enfoque sistémico de la información, se infiere que esta puede ser mejor conocida y comprendida en el contexto de sistemas específicos, siendo inevitable que el estudio del SI de cualquier organización deba realizarse teniendo siempre en cuenta factores orgánicos y funcionales. Así, se concreta el estudio de la estructura organizacional y su evolución (1911-2016), así como de los tradicionales servicios de información que lo integran en el presente: archivo, bibliotecas, museos y centros de documentación. A la explicación de los datos recogidos, sigue la presentación de resultados y discusión del estudio de caso.

El capítulo 6 se destina presentar un modelo que optimice la gestión, holística y sistémica, de la Información, delineando su aplicación práctica concreta (visión estratégica y operativa). Este modelo se corresponderá con un abordaje paradigmático nuevo, en el que se identifica y asume la GI como área de estudios transversal y aplicada en CI, se observa sistémicamente el fenómeno infocomunicacional, el cual tiene como elementos esenciales la Organización, la Información y la Tecnología.

Por último, se presentan conclusiones y reflexiones finales relativas al trabajo desarrollado, la bibliografía y cuatro anexos: I - resumen en castellano; II - lista de referencias legislativas y textos reglamentarios; III - organigramas representativos de la evolución diacrónica de la estructura orgánica de la UC en los siglos XX y XXI; IV – hojas de recogida de datos.

Por lo que concierne a las **conclusiones** generales, se presenta a continuación una reflexión y un balance sobre los resultados obtenidos.

Clarificar los conceptos cruciales de la investigación (Información, Documento, Conocimiento, SI y STI) se reveló esencial, ya que su definición rigurosa y la distinción semántica de los términos, a pesar de la claridad de su étimo, no elimina la polisemia de cada uno de ellos, pudiendo generar eventuales equívocos interpretativos, en particular, en el discurso científico de las distintas áreas.

La Teoría Sistémica ha establecido, como fue mencionado anteriormente, el referente interpretativo del análisis al que se procedió y permitió la adopción de la noción operativa de sistema que, en el marco de la CI, permitió configurar el estudio de un SI organizacional. La visión global de las organizaciones privilegia la totalidad y sus partes componentes, en que lo importante es ver el todo y no cada parte aisladamente para observar el ambiente sistémico global. En el ámbito de la CI, un SI:

1. Tiene como núcleo central la información y como finalidad su gestión, naturalmente, sistémica;

2. Es un todo formado por la interacción dinámica de sus partes, con una determinada estructura propia (entidad productora/receptora) que puede ser autónoma e indisoluble de la información en sí;

3. Está constituido por diferentes tipos de información registrada, o no, externamente al sujeto (o sujetos), independientemente de su soporte;

4. Integra el STI, tomado como la plataforma tecnológica que sustenta y permite agilizar la gestión de la información de manera más rápida y eficaz, por el recurso a las tecnologías;

5. Las salidas del sistema son los servicios de información y sus productos.

La breve retrospectiva sobre los orígenes y evolución de la CI permite situar su emergencia en plena segunda década del siglo XX y caracterizarla como ciencia social aplicada, de tipo trans e interdisciplinar, dotada de identidad propia y cimentada en un *corpus* teórico-metodológico consistente. La CI resulta de una dinámica de integración del legado técnico y práctico de las disciplinas tradicionalmente ligadas a la guarda y conservación de documentos, legado este esencial para el estudio científico del objeto información.

El análisis de la naturaleza y de la evolución histórica y científica de cada disciplina (Archivística, Biblioteconomía, Museología y Documentación) ha permitido comprender los respectivos SI, identificar sus particularidades y sus puntos de convergencia, habiendo dado estos últimos origen a una intensa y proficua colaboración entre archivos, bibliotecas y museos que se ha ido sedimentando progresivamente en los últimos años.

A pesar de la aproximación de las áreas indicadas, persiste la nítida identificación de un paradigma aún dominante, designado de diversas formas (historicista, histórico-tecnista, empírico-tecnista, documentalista, patrimonialista, etc.), en el cual se inscribieron y desarrollaron aquellas disciplinas. No obstante, el concepto operativo de sistema en CI permite sobrepasar la tradicional compartimentación documentalista de la información por el espacio institucional y tecnológico en el que se conserva (servicio de archivo, servicio de biblioteca o sistema informático, entre otros), posibilita estudiar y comprender el contexto de producción dinámico (organicidad), el de retención/memoria y el de uso (funcionalidad) y, finalmente, conocer y comprender la información (fenómeno/proceso humano y social, y no únicamente su soporte) implicada en el proceso de gestión de cualquier entidad.

La GI, como área transversal y aplicada en CI, exige la necesidad de comprender el recorrido diacrónico de la Gestión aplicada a la Información. Efectivamente, en el ámbito organizacional, el estudio del objeto científico convoca siempre un trinomio constituido por las Instituciones/Organizaciones, por la Gestión y por las TIC/STI.

En su componente instrumental y práctico, debidamente ajustado a los diversos contextos orgánicos, la GI está en permanente interacción e intersección científica con la "Producción Informacional", con la "Organización y Representación de la Información" y con el "Comportamiento Informacional", pudiéndose constatar los siguientes desarrollos en CI: el área de la "Producción Informacional" (producción de información en cualquier contexto), en su conexión con la organicidad y la memoria; la GI, con la problemática inherente al ciclo de operaciones y actos en torno a la información (las formas y estrategias de organización de la información); y la GI frente a la GC, esta última relacionada con el capital intelectual de los recursos humanos.

En lo que respecta al estudio de caso, la Universidade de Coimbra, se evidencia la necesidad e importancia de este estudio por el abordaje sistémico del SI organizacional. El análisis orgánico y funcional es crucial, erigiéndose como requisito indispensable para

llegar al conocimiento riguroso de la estructura del sistema y de las funciones/competencias de los diferentes sectores que lo componen, ya que solo así es posible caracterizar, con el mayor rigor posible, la realidad informacional.

El análisis particular de los servicios de información tradicionales de la UC (archivo, bibliotecas, museos y centros de documentación) ha permitido también extraer las siguientes conclusiones:

- En una entidad de una complejidad tan vasta, el SI está, por tanto, constituido por los diferentes tipos de información, registrada en diversos soportes, a lo largo del tiempo, de acuerdo a su estructura, y no debe confundirse con el STI;

- En la UC, la información – conjunto de representaciones (mentales y emocionales) codificadas, humana y socialmente inteligibles –, está estructurada y funciona en el interior de subsistemas específicos (archivo, bibliotecas, museos, centros de Documentación), en procesos diversos que tienen como objetivo su organización, representación, comunicación y uso;

- El SI de la UC es, hoy día, el reflejo de su historia y evolución institucional, persistiendo, sin embargo, la perspectiva reductora de la GI, que corresponde a la propia evolución separada e individualizada de la Archivística, la Bibliotecología (Biblioteconomía/Documentación) y la Museología;

- Los diversos ejemplos presentados en los capítulos 5 y 6 de la tesis doctoral, así como el análisis de las respectivas hojas de recogida de datos (ver anexo IV), evidencian, claramente, tanto la relación entre la información disponible por distintos servicios de información de la UC como la necesidad de relacionarla, para contextualizar, justificar, explicar, comunicar y difundir el conocimiento;

- En efecto, las TIC han traído consigo nuevos desafíos a quien produce y gestiona el SI de la UC. No obstante, la creencia de que la solución para la gestión informacional reside en la mera adquisición de productos informáticos se viene abajo cuando se comprende que estos solamente reproducen los patrones de gestión utilizados tradicionalmente, con todas sus potencialidades y lagunas.

La dimensión investigativa de la GI en CI, orientada hacia problemas y/o casos, se caracteriza por la transversalidad, complejidad e interacción en el abordaje de la realidad en estudio. En esta línea de pensamiento, la propuesta de un modelo que optimice la GI en la UC (visión estratégica y operacional) corresponde a un acercamiento paradigmático

nuevo. De este modo, recurriendo a la teoría sistémica, que obliga a llevar a cabo un abordaje holístico del SI organizacional de la UC, con el foco de atención puesto en el flujo infocomunicacional dinámica y con la perspectiva de operacionalización soportada por componentes (el SI y el STI) y variables de análisis identificadas (las Humanas/Sociales, las Informacionales y las de Gestión), se ha elaborado la propuesta metodológica presentada – el MGSIOUC. Este modelo tiene como eje central la gestión integrada de la Información en la UC, lo cual comprende la articulación y administración conjunta de los servicios de información tradicionales, así como de la información producida/recibida por la universidad, dispersa en plataformas, en el repositorio, en bases de datos, etc.

Un aspecto clave que se resalta en las conclusiones, y que se puede extraer de esta investigación, es la urgencia de que la UC no desaproveche la oportunidad para planificar estratégicamente la GI y proyectar la creación del conocimiento y su diseminación, en el contexto de internacionalización y apertura al mundo.

La presente investigación presenta en sí mismo un camino abierto a nuevas líneas de trabajo siendo algunas sugerencias sobre futuras perspectivas de estudio de la GI en el marco de la CI:

- Utilizar estos resultados como punto de partida para un estudio del SI organizacional de la UC, en el que se tendrá necesariamente que profundizar con un exhaustivo inventario de todos los acervos archivísticos, bibliográficos y museológicos existentes;
- Desarrollar el estudio y tipificación del componente digital del SI organizacional de la UC;
- Partiendo del MGSIOUC propuesto, reflexionar y pensar estratégicamente la Política de Comunicación y Visibilidad de la Información, Investigación y Transferencia de Conocimiento;
- Analizar el indispensable establecimiento de alianzas o colaboraciones estratégicas entre los servicios de información, identificando las amenazas y las oportunidades inherentes a este proceso;
- Replicar esta metodología de investigación en otros estudios similares, visto que sus resultados pueden extrapolarse a otras universidades.

ANEXO II – Lista de referências legislativas e textos regulamentares

⇒ 1911.04.19 – **Decreto** / Ministério do Interior. Direcção-Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial. 2ª Repartição.

Promulgação da Constituição Universitária.

Colecção oficial de legislação portuguesa. Lisboa. (1911) 688-693.

⇒ 1911.08.19 – **Decreto** / Ministério do Interior. Direcção-Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial.

Aprovação do Regulamento das Secretarias Geraes e Thesourarias das Universidades.

Colecção oficial de legislação portuguesa. Lisboa. (1911) 1.630-1.634.

⇒ 1918.07.06 – **Decreto n.º 4.554** / Secretaria de Estado de Instrução Pública. Repartição de Instrução Universitária.

Promulgação do Estatuto Universitário.

Colecção oficial de legislação portuguesa. Lisboa. (2.º sem. 1918) 42-50.

⇒ 1926.10.02 – **Decreto n.º 12.426** / Ministério da Instrução Pública. Direcção-Geral do Ensino Superior.

Promulgação de revisão do Estatuto da Instrução Universitária.

Diário do Governo. 1ª série. Lisboa. 220 (2 Out. 1926) 1.469-1.478.

Diário do Governo. 1ª série. Lisboa. 256 (16 Nov. 1926) 1.883.

⇒ 1926.10.14 – **Decreto n.º 12.492** / Ministério da Instrução Pública. Direcção-Geral do Ensino Superior.

Regulamentação da organização dos serviços administrativos das universidades.

Diário do Governo. 1ª série. Lisboa 229 (14 Out. 1926) 1.552-1.559.

Diário do Governo. 1ª série. Lisboa 256 (16 Nov. 1926) 1.883-1.884.

⇒ 1930.07.27 – **Decreto n.º 18.717** / Ministério da Instrução Pública. Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes.

Promulgação do Estatuto da Instrução Universitária.

Diário do Governo. 1ª série. Lisboa. 178 (2 Ago. 1930) 1.576-1.586.

⇒ 1952.03.21 – **Decreto-Lei n.º 38.692** / Ministério da Educação Nacional. Direcção do Ensino Superior e das Belas-Artes.

Concessão de autonomia administrativa às universidades de Coimbra, de Lisboa e do Porto, reorganização dos serviços das suas secretarias e constituição de um quadro único com o respetivo pessoal administrativo, à exceção dos secretários e dos dactilógrafos, para efeitos de ingresso, transferência e promoção.

Diário do Governo. 1ª série. Lisboa. 65 (21 Mar. 1952) 439-442.

⇒ 1952.11.20 – **Decreto n.º 39.001** / Ministério da Educação Nacional. Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes.

Promulgação do Regulamento dos Serviços Administrativos das Universidades de Coimbra, Lisboa e do Porto.

Diário do Governo. 1ª série. Lisboa. 261 (20 Nov. 1952) 1.154-1.162.

⇒ 1973.07.25 – **Decreto-Lei n.º 380/73** / Ministério da Educação Nacional. Direcção-Geral do Ensino Superior.

Criação de uma assessoria jurídica em cada Universidade, destinada a prestar apoio aos respetivos órgãos de governo, bem como aos órgãos das faculdades, escolas ou institutos nela integrados.

Diário do Governo. 1ª série. Lisboa. 173 (25 Jul. 1973) 1322.

⇒ 1979.06.21 – **Decreto-Lei n.º 186/79** / Presidência do Conselho de Ministros e Ministérios das Finanças e do Plano e da Educação e Investigação Científica.

Criação de serviços de apoio técnico, designados por assessorias de planeamento, nas Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto e na Universidade Técnica de Lisboa.

Integração na estrutura administrativa da universidade pelo Decreto-Lei n.º 536/79, de 31 de Dezembro.

Diário da República. 1ª série. Lisboa. 141 (21 Jun. 1979) 1355-1356.

⇒ 1979.12.31 – **Decreto-Lei n.º 536/79** / Ministério da Educação.

Promulgação de alterações orgânicas e administrativas nas universidades de Coimbra, de Lisboa, do Porto e Técnica de Lisboa e aumento dos quadros de pessoal.

Diário da República. Iª série. Lisboa. 300 (31 Dez. 1979) 3.478-(215-227).

⇒ 1980.05.13 – **Decreto-Lei n.º 118/80** / Ministério da Educação e Ciência.

Acrescenta o artigo 43.º-A ao Decreto-Lei n.º 536/79, de 31 de Dezembro, relativo ao provimento nos lugares dos quadros anexos ao referido diploma.

Diário da República. Iª série. Lisboa. 110 (13 Mai. 1980) 953.

⇒ 1984.10.09 – **Decreto-Lei n.º 323/84** / Presidência do Conselho de Ministros e Ministérios das Finanças e do Plano e da Educação.

Amplia as competências atribuídas aos reitores das universidades e institutos universitários.

Diário da República. Iª série. Lisboa. 234 (9 Out. 1984) 3086-3087.

⇒ 1988.09.24 – **Lei n.º 108/88** / Assembleia da República.

Autonomia das Universidades.

Diário da República. Iª série. Lisboa. 222 (24 Set. 1988) 3914-3919.

⇒ 1989.07.28 – **Despacho Normativo n.º 79/89** / Ministério da Educação.

Homologação dos Estatutos da Universidade de Coimbra.

Diário da República. Iª série. Lisboa. 197 (28 Ago. 1989) 3618-3624.

⇒ 1991.02.15 – **Deliberação do Senado aprovada em sessão de 5-02-91** / Universidade de Coimbra – Senado.

Reestruturação dos serviços centrais – pessoal dirigente.

Diário da República. IIª série. Lisboa. 38 (15 Fev. 1991) 1796.

⇒ 1992.12.16 – **Deliberação do Senado n.º 36/92** / Universidade de Coimbra – Senado.

Reestruturação dos Serviços Centrais da Universidade de Coimbra.

Diário da República. IIª série. Lisboa. 23 (28 Jan. 1993) 1016-(60) -1016(63).

⇒ 1997.10.13 – **Deliberação n.º 314/97** / Universidade de Coimbra – Reitoria.

Regulamento da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Diário da República. IIª série. Lisboa. 237 (13 Out. 1997) 12545-12547.

⇒ 1997.10.13 – **Deliberação n.º 314/97** / Universidade de Coimbra – Reitoria.

Regulamento do Arquivo da Universidade de Coimbra.

Diário da República. IIª série. Lisboa. 237 (13 Out. 1997) 12547-12551.

⇒ 1998.06.04 – **Deliberação n.º 305/98** / Universidade de Coimbra – Reitoria.

Criação do Serviço de Relações Internacionais da Reitoria da Universidade de Coimbra

(Deliberação do Senado n.º 44/97, de 3 de Dezembro).

Diário da República. IIª série. Lisboa. 129 (4 Jun. 1998) 7741.

⇒ 2003.08.16 – **Despacho n.º 15 949/2003** / Universidade de Coimbra – Reitoria.

Regulamento dos serviços da estrutura central da Universidade de Coimbra.

Diário da República. IIª série. Lisboa. 188 (16 Ago. 2003) 12720-12730.

⇒ 2004.06.16 – **Deliberação n.º 845/2004** / Universidade de Coimbra – Reitoria.

Regulamento do Senado da Universidade de Coimbra (Deliberação n.º 12/2004, de 3 de Março).

Diário da República. IIª série. Lisboa. 140 (16 Jun. 2004) 9123-9127.

⇒ 2004.06.19 – **Despacho Normativo n.º 30/2004** / Ministério da Ciência e do Ensino Superior.

Homologação da primeira alteração aos Estatutos da Universidade de Coimbra.

Diário da República. Iª série-B. Lisboa. 143 (19 Jun. 2004) 3769-3779.

⇒ 2007.05.24 – **Despacho Reitoral n.º 39/2007** / Universidade de Coimbra – Reitoria.

Transferência do serviço de Apoio aos Estudantes da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, da Divisão Técnico-Pedagógica para a Divisão de Relações Internacionais, Imagem e Comunicação.

Universidade de Coimbra – Reitoria. Coimbra. (24 Maio 2007).

⇒ 2007.04.11 – **Deliberação do Senado n.º 15/2007** / Universidade de Coimbra - Senado.
Criação da Fundação Universidade de Coimbra e aprovação dos respetivos Estatutos.
Universidade de Coimbra – Senado. Coimbra. (11 Abril 2007).

⇒ 2007.05.02 – **Deliberação do Senado n.º 30/2007** / Universidade de Coimbra - Senado.
Aprovação, na especialidade, dos Estatutos da Fundação Cultural da Universidade de Coimbra (TAGV, Estádio, Auditório, Palácio de S. Marcos).
Universidade de Coimbra – Senado. Coimbra. (02 Maio 2007).

⇒ 2007.09.10 – **Lei n.º 62/2007** / Assembleia da República.
Regime jurídico das instituições de ensino superior.
Diário da República. Iª série. Lisboa. 174 (10 Set. 2007) 6358-6389.

⇒ 2007.12.06 – **Anúncio n.º 8227/2007** / Cartório Notarial.
Constituição da Fundação Cultural da Universidade de Coimbra, no dia 28 de setembro 2007.
Diário da República. IIª série. Lisboa. 235 (06 Dez. 2007) 35110.

⇒ 2007.12.21 – **Despacho n.º 29092/2007** / Presidência do Conselho de Ministros.
Reconhecimento da Fundação Cultural da Universidade de Coimbra.
Diário da República. IIª série. Parte C. Lisboa. 246 (21 Dez. 2007) 36999.

⇒ 2008.09.01 – **Despacho normativo n.º 43/2008** / Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.
Homologação dos Estatutos da Universidade de Coimbra, após revisão e aprovação dos mesmos, de acordo com o novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES).
Diário da República. 2ª série. Lisboa. 168 (01 Set. 2008) 38329-38340.

⇒ 2009.04.22 – **Regulamento n.º 163/2009** / Universidade de Coimbra – Reitoria.
Estatutos da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 78 (22 Abr. 2009) 16306-16309.

⇒ 2009.04.22 – **Regulamento n.º 164/2009** / Universidade de Coimbra – Reitoria.
Estatutos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 78 (22 Abr. 2009) 16309-16313.

⇒ 2009.05.05 – **Regulamento n.º 180/2009** / Universidade de Coimbra – Reitoria.
Estatutos da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 86 (05 Maio 2009) 17672-17677.

⇒ 2009.05.28 – **Regulamento n.º 224/2009** / Universidade de Coimbra – Reitoria.
Estatutos do Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 103 (28 Maio 2009) 21356-21360.

⇒ 2009.10.27 – **Regulamento n.º 423/2009** / Universidade de Coimbra – Reitoria.
Regulamento da Administração da Universidade.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 208 (27 Out. 2009) 43708-43713.

⇒ 2009.10.29 – **Declaração de rectificação n.º 2657/2009** / Universidade de Coimbra – Reitoria.

Estatutos da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Estatutos publicados através do regulamento n.º 222/2009, no *Diário da República*, 2ª série, n.º 102, de 27 de maio de 2009 e republicados através da declaração de rectificação n.º 1570/2009, *Diário da República*, 2ª série, n.º 122, de 26 de junho de 2009.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 210 (29 Out. 2009) 44185-44190.

⇒ 2009.11.09 – **Deliberação n.º 3062/2009** / Universidade de Coimbra – Conselho Geral.
Estatuto do Colégio das Artes.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 210 (29 Out. 2009) 44185-44190.

⇒ 2009.12.10 – **Regulamento n.º 487/2009** / Universidade de Coimbra – Reitoria.
Regulamento da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 217 (09 Nov. 2009) 45626-45630.

⇒ 2009.12.10 – **Regulamento n.º 488/2009** / Universidade de Coimbra – Reitoria.

Regulamento do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC)

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 238 (10 Dez. 2009) 49902-49903.

⇒ 2010.07.02 – **Regulamento n.º 574/2010** / Universidade de Coimbra – Reitoria.

Regulamento do Arquivo da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 127 (02 Jul. 2010) 36201-36204.

⇒ 2010.10.20 – **Regulamento n.º 794/2010** / Universidade de Coimbra – Reitoria.

Regulamento do serviço de Gestão do Edificado, Segurança, Ambiente, Segurança e Saúde no Trabalho (GESASST) e do serviço de Gestão de Sistemas e Infra-Estruturas de Informação e Comunicação (GSIIC) do Centro de Serviços Comuns da Administração da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 204 (20 Out. 2010) 51967-51969.

⇒ 2011.01.05 – **Regulamento n.º 4/2011** / Universidade de Coimbra – Reitoria.

Regulamento do Centro de Serviços Comuns da Administração da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 3 (05 Jan. 2011) 442-448.

⇒ 2011.01.07 – **Regulamento n.º 11/2011**/ Universidade de Coimbra – Reitoria.

Regulamento dos cargos dirigentes da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 5 (07 Jan. 2011) 1014-1015.

⇒ 2012.02.08 – **Decreto-Lei n.º 28/2012**/ Ministério da Educação e Ciência.

Procede à integração do Museu Nacional da Ciência e da Técnica Doutor Mário Silva na Universidade de Coimbra.

Diário da República. 1ª série. Lisboa. 28 (08 Fev. 2012) 639-640.

⇒ 2012.02.17 – **Regulamento n.º 61/2012**/ Universidade de Coimbra – Reitoria.

Regulamento Geral dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 35 (17 Fev. 2012) 6049-6050.

⇒ 2012.03.16 – **Regulamento n.º 122/2012/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Regulamento Orgânico dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 55 (16 Mar. 2012) 9913-9917.

⇒ 2012.08.06 – **Despacho n.º 10570/2012/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Alteração ao Regulamento da Administração da Universidade de Coimbra, Regulamento n.º 423/2009, de 27 de Outubro.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 151 (06 Ago. 2012) 27480-27486.

⇒ 2012.08.06 – **Despacho n.º 10571/2012/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Alteração ao Regulamento do Centro de Serviços Comuns da Administração da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 151 (06 Ago. 2012) 27486-27494.

⇒ 2013.05.20 – **Despacho n.º 6520/2013/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Alteração ao Regulamento da Administração da Universidade de Coimbra

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 96 (20 Mai. 2013)

⇒ 2013.05.20 – **Despacho n.º 6521/2013/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Alteração ao Regulamento do Centro de Serviços Comuns da Administração da Universidade de Coimbra.

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 96 (20 Mai. 2013)

⇒ 2013.12.18 – **Despacho n.º 16419/2013/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Alteração ao Regulamento da Administração da Universidade de Coimbra

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 245 (18 Dez. 2013)

⇒ 2013.12.18 – **Despacho n.º 16420/2013/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Alteração ao Regulamento do Centro de Serviços Comuns da Administração da Universidade de Coimbra

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 245 (18 Dez. 2013)

⇒ 2014.04.01 – **Despacho n.º 4707/2014/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Alteração ao Regulamento Orgânico dos Serviços de Ação Social

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 64 (01 Abr. 2014) 8797-8803.

⇒ 2014.04.02 – **Despacho n.º 4760/2014/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Alteração ao Regulamento da Administração

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 65 (02 Abr. 2014)

⇒ 2014.04.02 – **Despacho n.º 4761/2014/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Alteração ao Regulamento do Centro de Serviços Comuns da Administração

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 65 (02 Abr. 2014)

⇒ 2014.06.30 – **Declaração de retificação n.º 664/2014/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Retificação do despacho n.º 4761/2014, de 2 de Abril, que altera o Regulamento do Centro de Serviços Comuns da Administração da Universidade de Coimbra

Diário da República. 2ª série. Lisboa. 123 (30 Jun. 2014)

⇒ 2015.01.20 – **Deliberação (extrato) n.º 76/2015/** Universidade de Coimbra – Conselho Geral.

Criação da Unidade de Extensão Cultural e de Apoio à Formação “Jardim Botânico da Universidade de Coimbra”

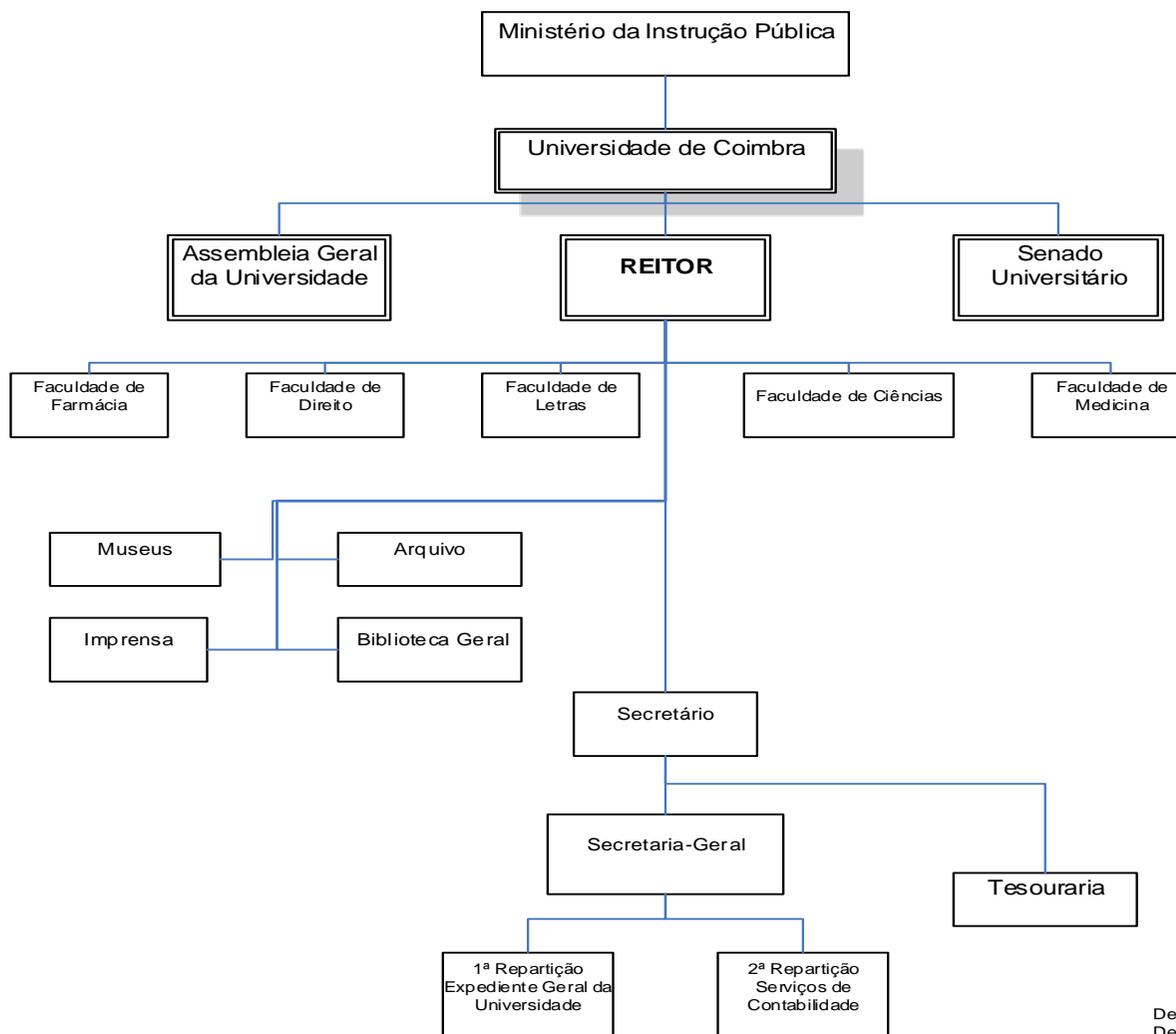
Diário da República. 2ª série. Lisboa. 13 (20 Jan. 2015) 2012.

⇒ 2015.06.17 – **Despacho n.º 6799/2015/** Universidade de Coimbra – Reitoria.

Alteração aos Estatutos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

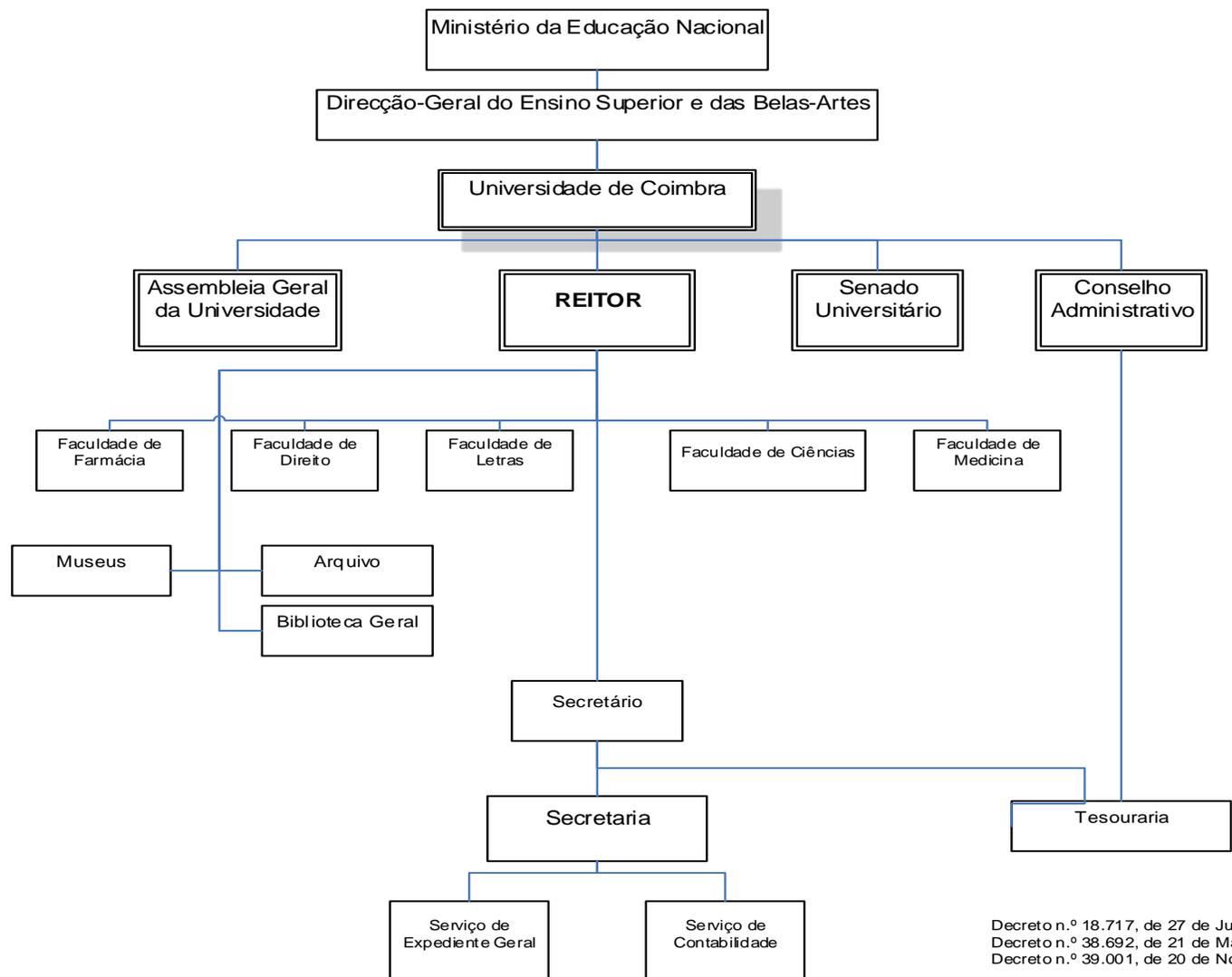
Diário da República. 2ª série. Lisboa. 116 (17 Jun. 2015) 16090-16103.

ANEXO III – Organogramas representativos da evolução diacrónica da estrutura orgânica da UC nos séculos XX e XXI



Decreto n.º 12.492, de 14 de Outubro de 1926;
Decreto n.º 18.717, de 27 de Julho de 1930.

Figura 42: Organograma da UC (1930)
Fonte: Elaboração própria.



Decreto n.º 18.717, de 27 de Julho de 1930;
 Decreto n.º 38.692, de 21 de Março de 1952;
 Decreto n.º 39.001, de 20 de Novembro de 1952..

Figura 43: Organograma da UC (1952)

Fonte: Elaboração própria.

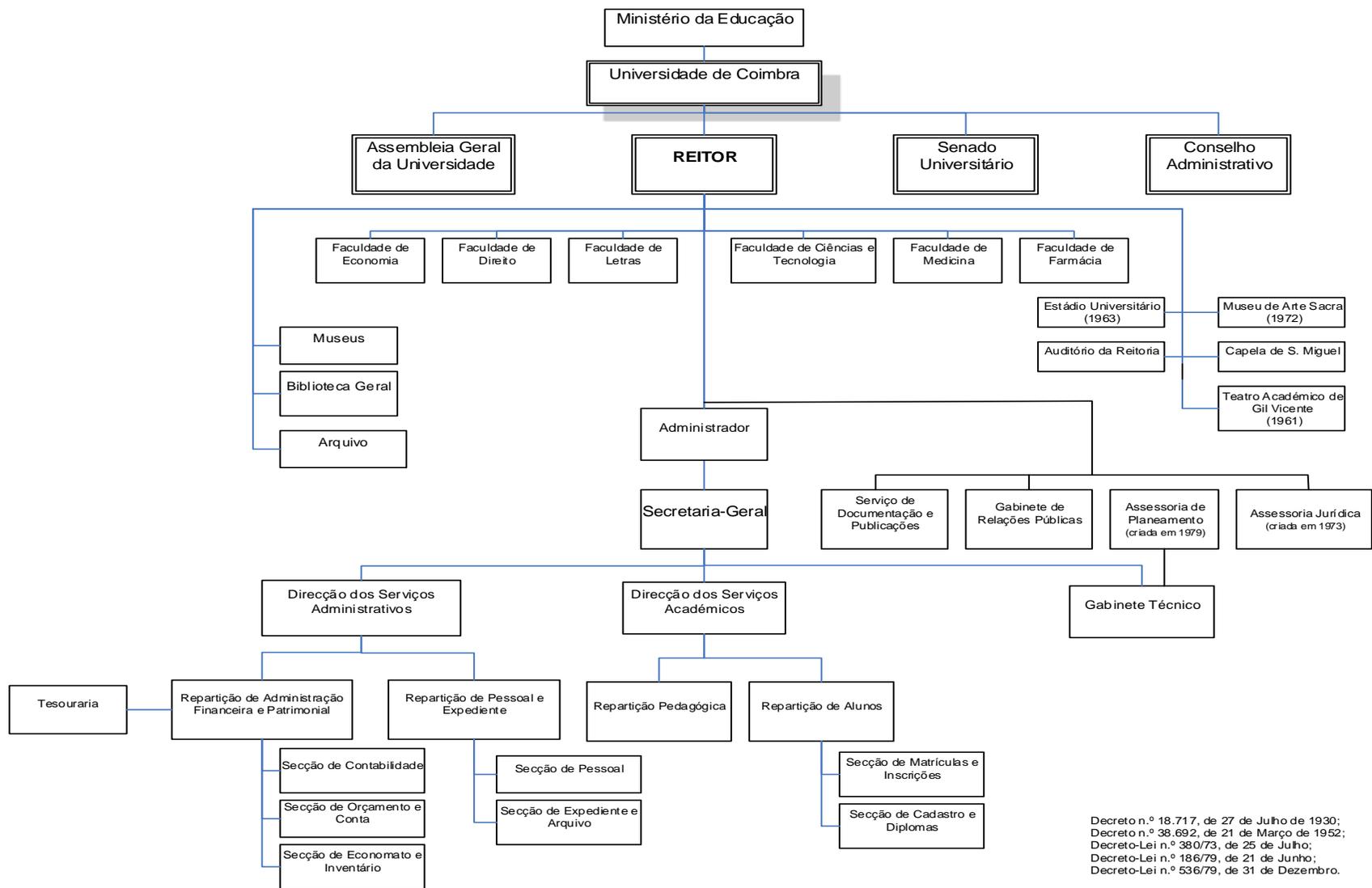


Figura 44: Organograma da UC (1979)

Fonte: Elaboração própria.

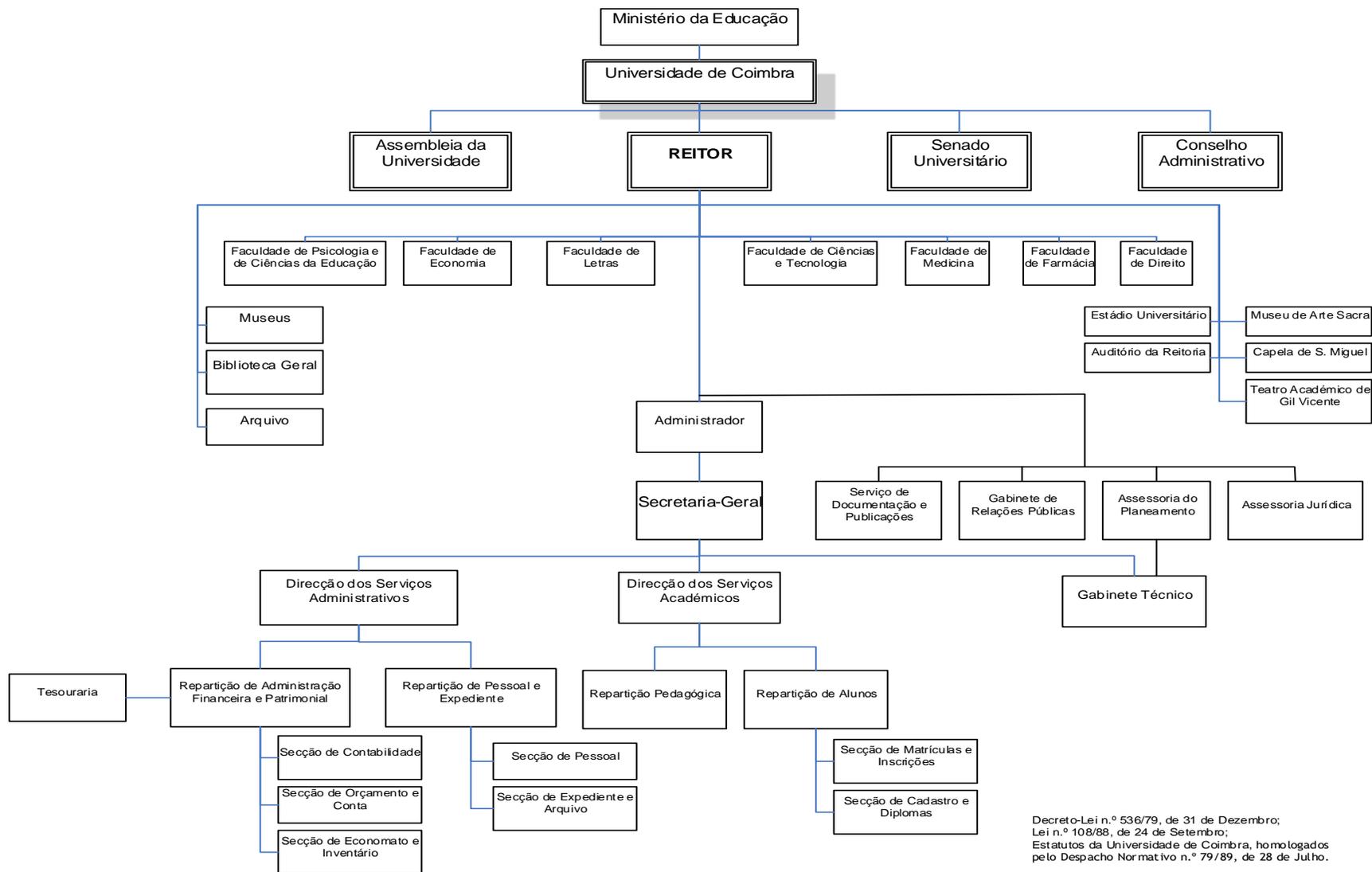


Figura 45: Organograma da UC (1989)

Fonte: Elaboração própria.

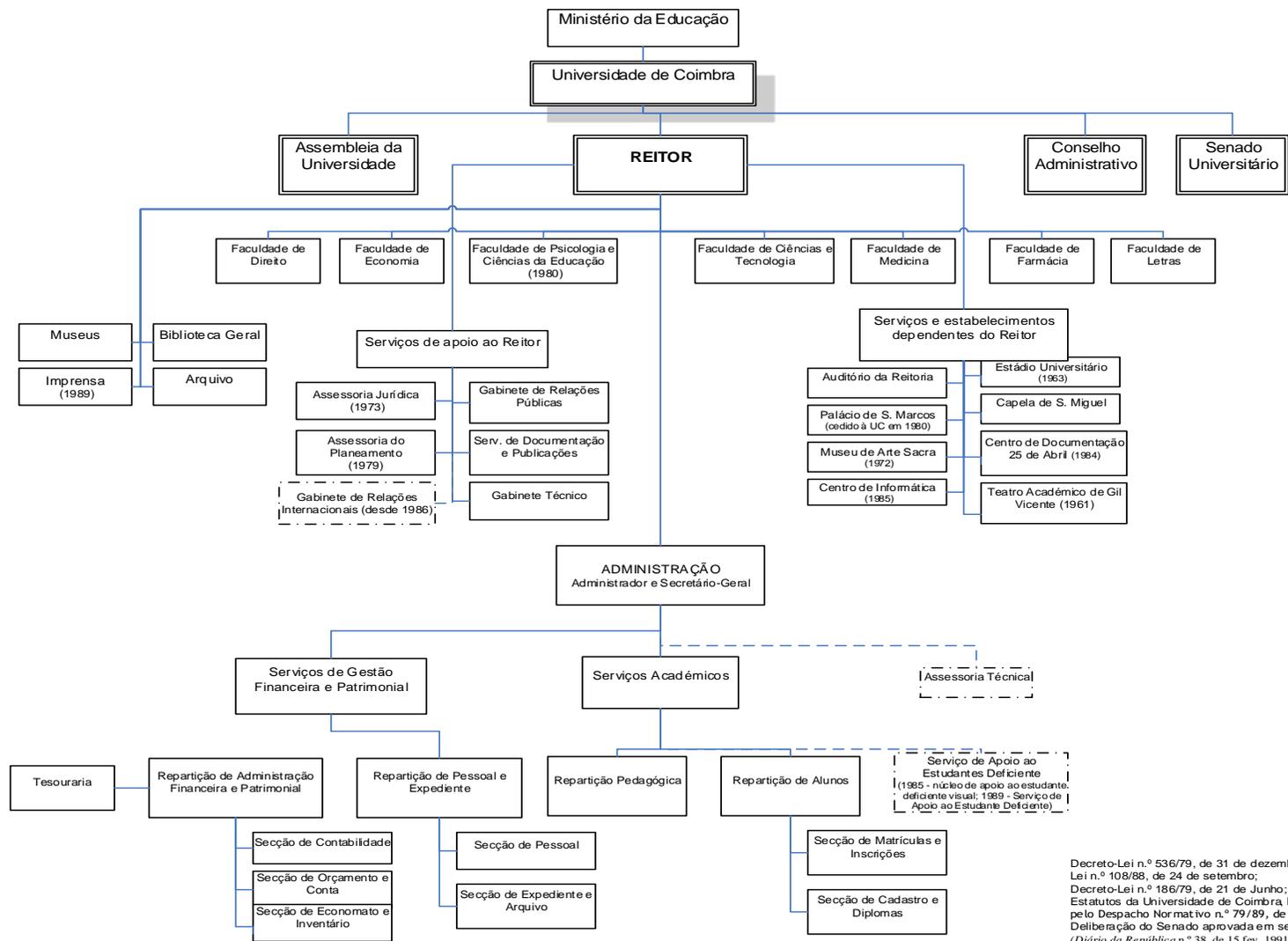
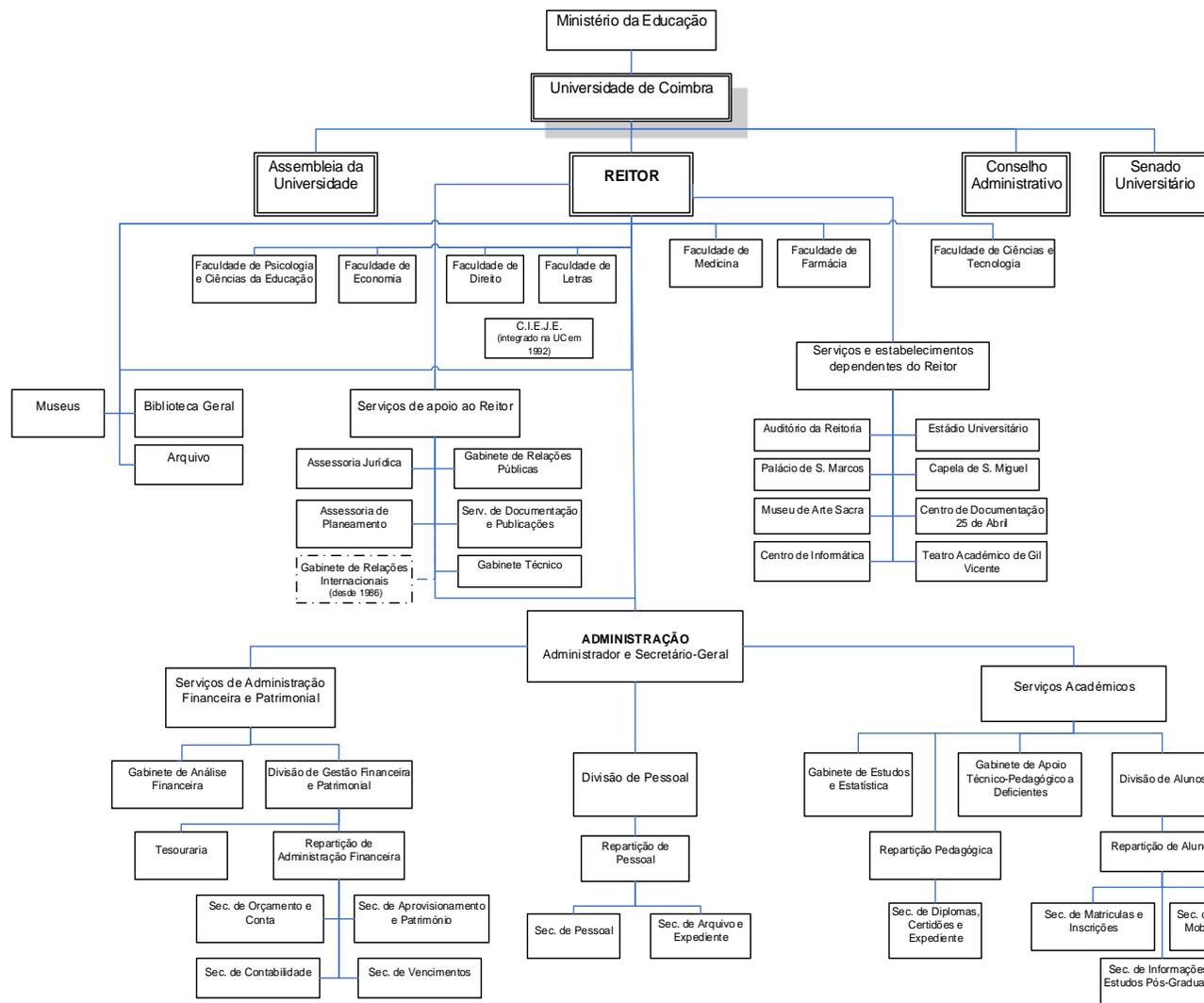


Figura 46: Organograma da UC (1991)

Fonte: Elaboração própria



Lei n.º 108/88, de 24 de Setembro;
 Estatutos da Universidade de Coimbra, homologados
 pelo Despacho Normativo n.º 79/89, de 28 de Julho;
 Deliberação do Senado n.º 36/92, de 16 de Dezembro
 (Diário da República n.º 23, de 28 de Janeiro de 1993).

Figura 47: Organograma da UC (1993)

Fonte: Elaboração própria

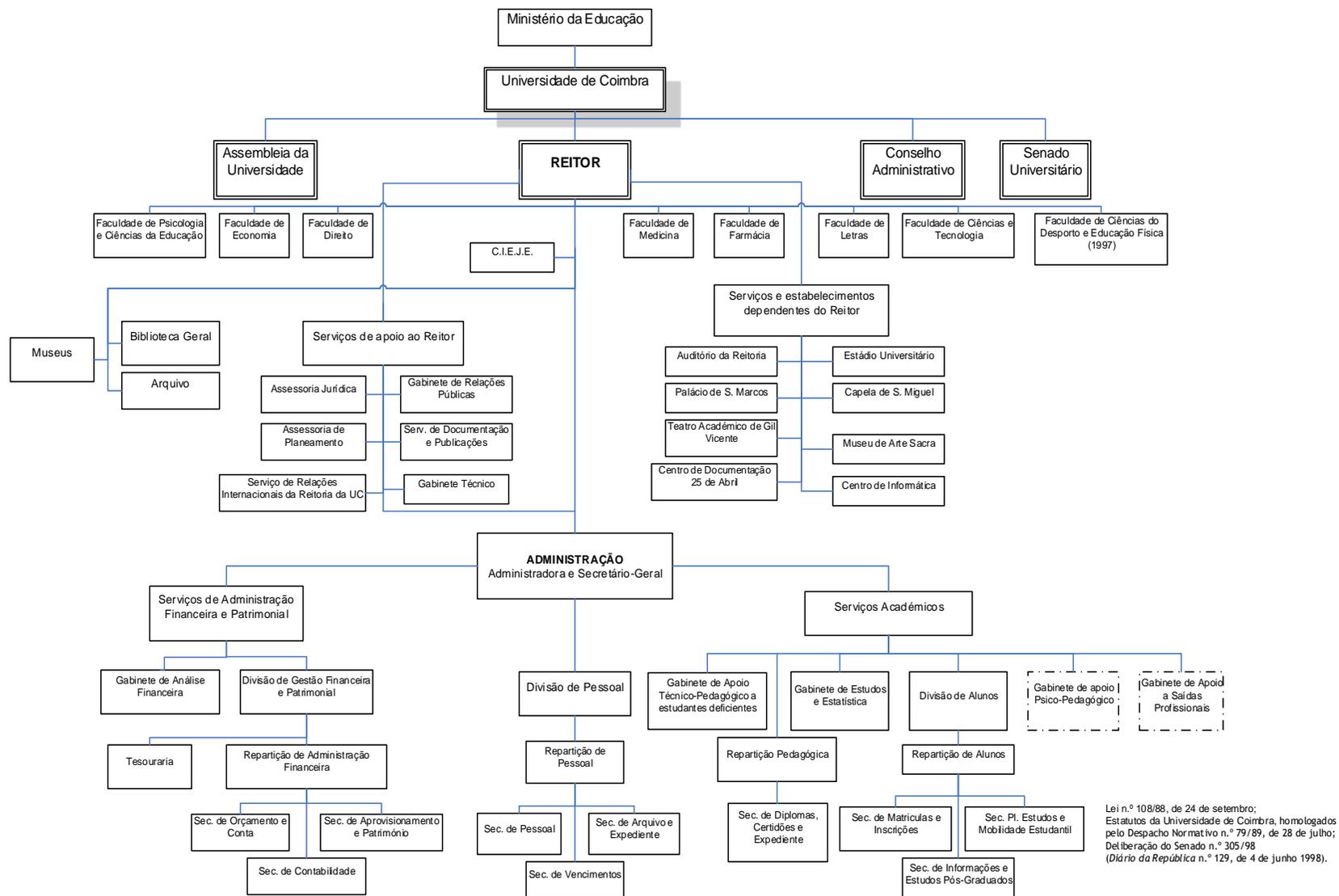


Figura 48: Organograma da UC (1998)

Fonte: Elaboração própria.

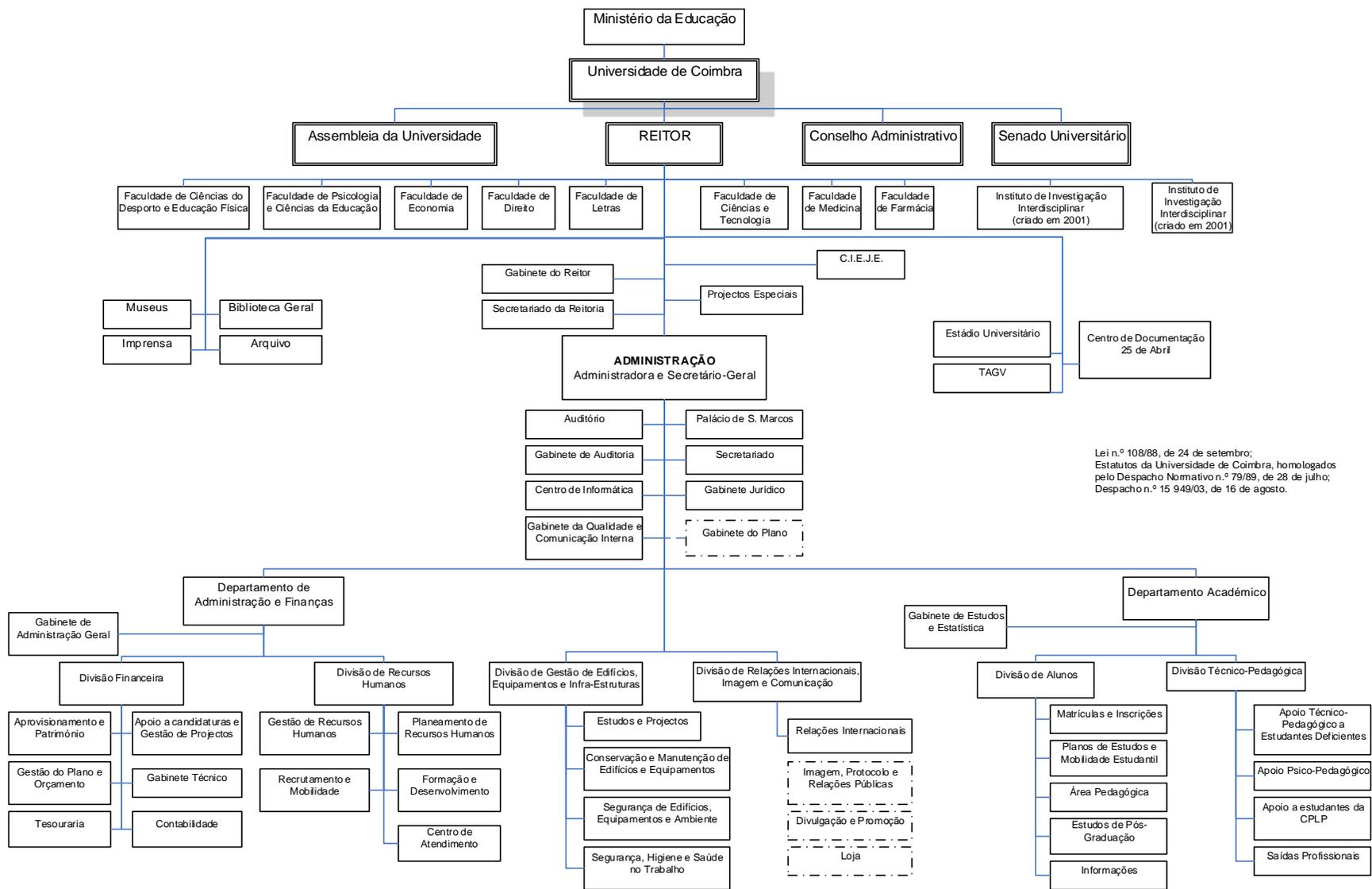


Figura 49: Organograma da UC (2003)
 Fonte: Elaboração própria.

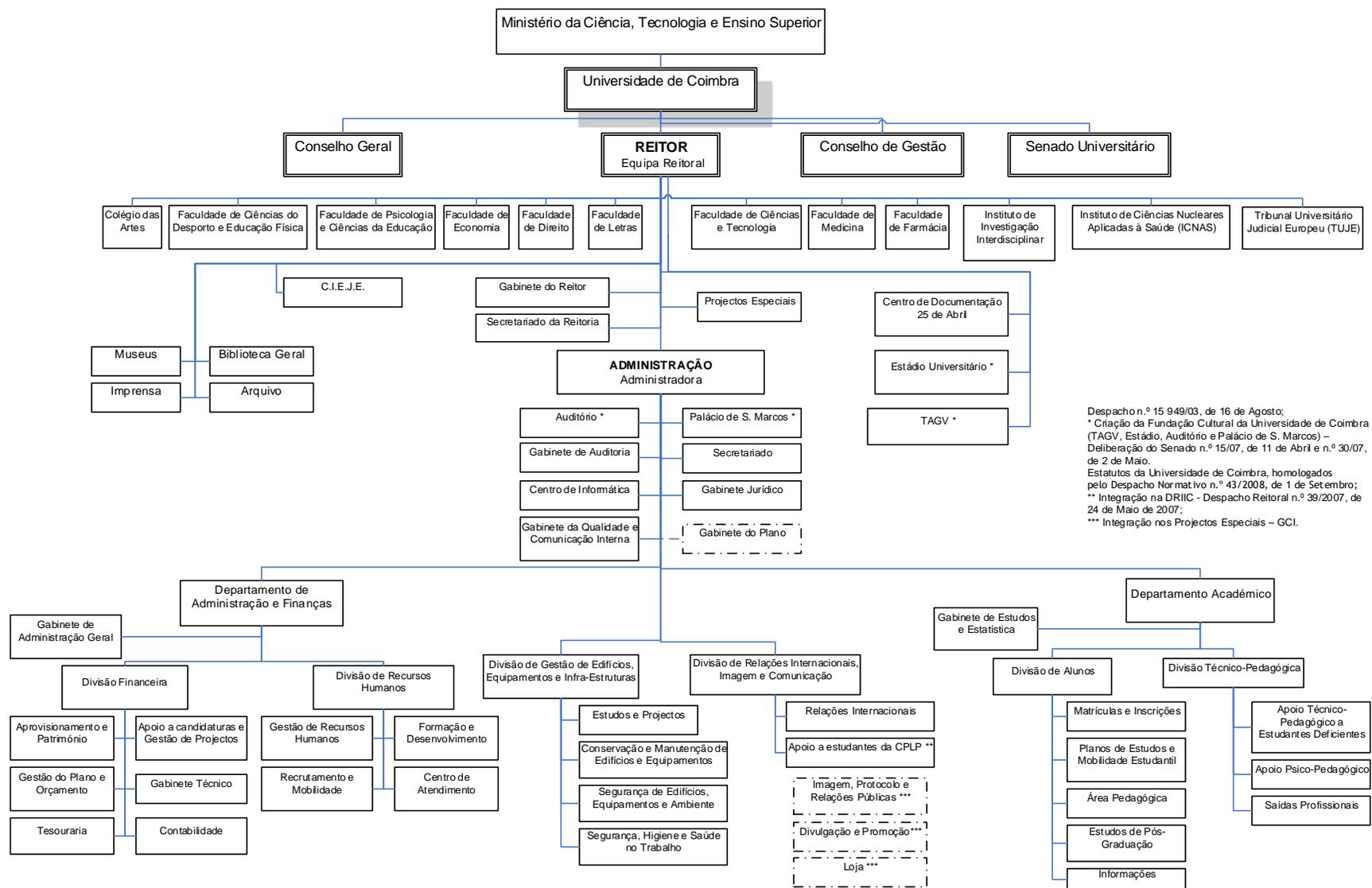


Figura 50: Organograma da UC (2008)

Fonte: Elaboração própria.

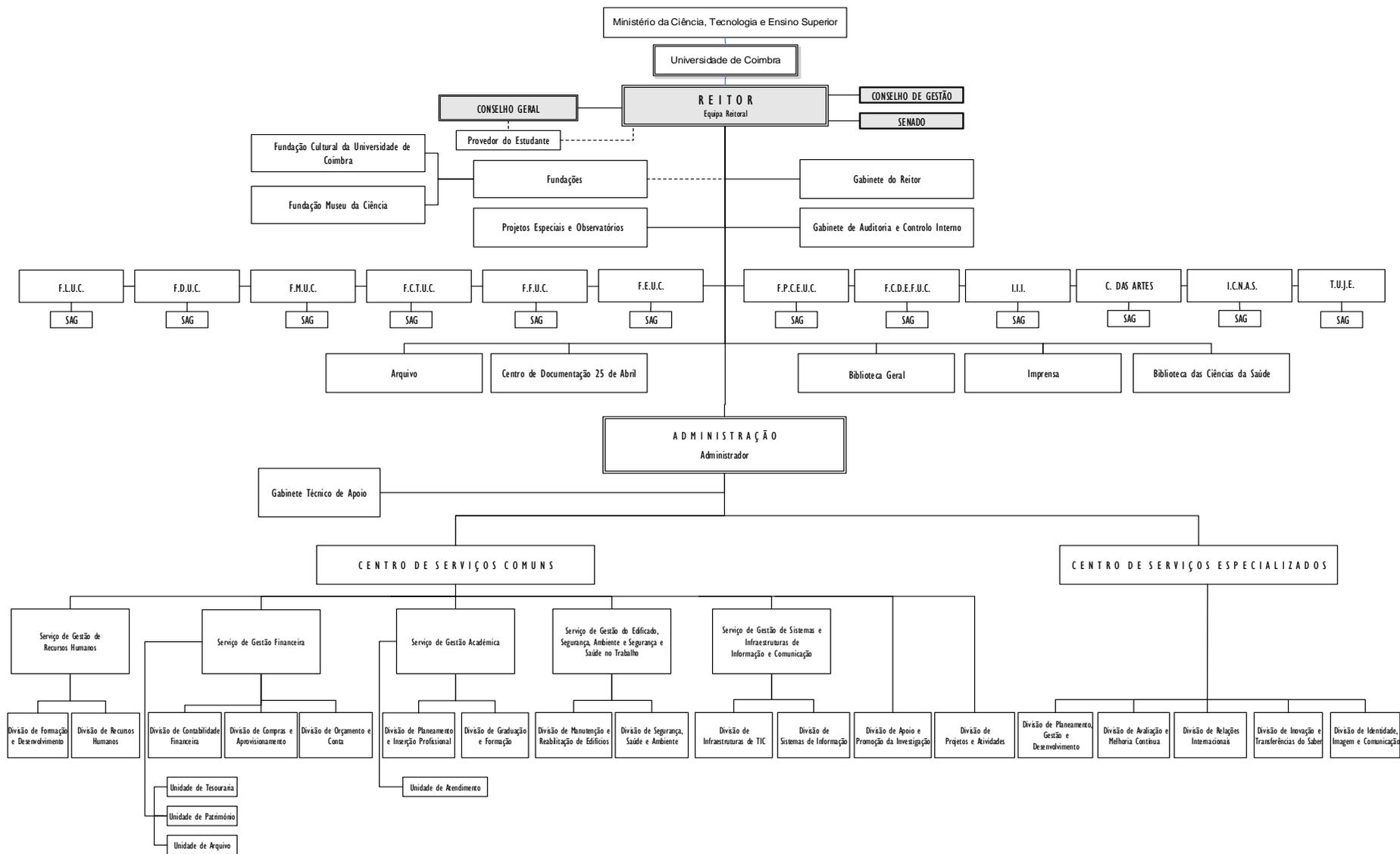


Figura 51: Organograma da UC (2012)

Fonte: Elaboração própria.

ANEXO IV – Folhas de recolha de dados

| Ficha de recolha de dados | |
|------------------------------|--|
| N.º | 1 |
| Data de preenchimento | 01/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Arquivo |
| Identificação | |
| Nome | Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC) |
| Enquadramento orgânico na UC | Reitoria - UECAF |
| Localização | Rua São Pedro, nº 2, 3000-370 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/auc |
| Horário | Funcionamento: 2ª a 6ª feira, 9:00-17:30; Sala de Leitura: 2ª a 6ª feira, 9:00-17:00, Ininterrupto; Sala do Catálogo: de 2ª a 6ª feira, 9:00-12:00, 14:00-17:00. |
| Acervo/Coleção | Grupos de Arquivos: Administração Central; Administração Central desconcentrada; Administração local; Associações; Coleções; Confrarias, Irmandades e Misericórdias; Diocesanos; Empresas; Escolas, Liceus e Universidades; Hospitais; Judiciais; Monástico-Conventuais; Notariais; Paroquiais; Pessoais e familiares; Registo Civil. Dimensão: cerca de 10.000 metros lineares de documentação. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento n.º 574/2010, de 2 de julho. <i>Diário da República</i> . 2ª série. Lisboa. 127 (02 jul. 2010) 36201-36204. Regulamento da Sala de Leitura Doutor António de Vasconcelos disponível em: http://www.uc.pt/auc/sala_leitura |
| Missão | "a) a conservação, o enriquecimento, a valorização, o tratamento técnico e a difusão do património arquivístico da UC e das instituições do distrito de Coimbra, no âmbito das suas funções como arquivo distrital; b) o apoio ao ensino e à investigação universitários e extra-universitários, disponibilizando o acesso à sua documentação e à informação real ou virtual; c) a promoção de actividades de natureza cultural, tais como exposições, colóquios, conferências, visitas de estudo, debates, palestras e publicações" (art.º 2.º do Regulamento n.º 574/2010, de 2 de julho). |

| | |
|---|---|
| <p>Atribuições que complementam a missão</p> | <p>"a) promover a recolha, a preservação e a divulgação da informação arquivística produzida pelas unidades orgânicas e demais serviços da Universidade incorporada no AUC; b) exercer os direitos patrimoniais sobre os arquivos de que é detentor; c) fomentar o intercâmbio com os outros Arquivos (...); d) colaborar com as unidades orgânicas e demais serviços da Universidade de Coimbra, bem como, em geral, com instituições de ensino e investigação em programas de investigação e de apoio à formação, em estudos de natureza arquivística, histórica, paleográfica, diplomática ou outros (...); e) promover o acesso aos arquivos e à informação neles contida (...); f) fornecer apoio técnico, em matéria arquivística, aos arquivos do distrito que o solicitem; g) promover a formação profissional e a valorização do pessoal ao seu serviço; h) cumprir outras funções cometidas aos arquivos distritais pela legislação aplicável; i) publicar obras de carácter arquivístico ou histórico relativas ao seu acervo, ou outras com este relacionadas (...); j) realizar exposições documentais (...); l) promover actividades científicas e culturais" (...) (art.º 2.º do Regulamento n.º 574/2010, de 2 de julho).</p> |
| <p>Breve história</p> | <p>O AUC é a unidade orgânica que detém e gere a "documentação produzida e recebida pela Universidade, criada por D. Dinis, em 1 de março de 1290. Integra ainda os fundos documentais relativos ao Arquivo Distrital, que tem a si agregado" (desde 1917, de facto, e desde 1931 de <i>jure</i> - Decreto n.º 19952, de 27 de julho 1931). "O documento mais antigo é o pergaminho da Colegiada de Guimarães do ano de 983." As vicissitudes sofridas pela universidade ao longo dos tempos foram múltiplas, até que D. João III, em 1537, a fixou definitivamente em Coimbra. "As referências mais remotas sobre o Arquivo são feitas indiretamente em traslado da Carta Régia de 17 de novembro de 1525 sobre a eleição do Reitor da Universidade, no fim da qual é dito que o "original jaz no ezcanino do cartorio do studo". Após a Reforma Pombalina da Universidade (1772), o cartório da Fazenda tornou-se distinto do cartório da Secretaria, este com documentos da vida académica. De cartório privado da instituição, tornar-se-á em 1848 Arquivo Público, pela Carta de Lei de 23 de maio do mesmo ano" (...). Em 1901, pelo decreto n.º 4, de 24 de dezembro, o Arquivo passa a ser uma repartição autónoma na Universidade. Em 1948 é transferido para o atual edifício, o primeiro e único no país com instalações para tal fim. Pelo Decreto-Lei n.º 46.350, de 22 de maio de 1965, passa a estabelecimento anexo à Reitoria. "Depois de seis anos sob a tutela do IPPC (1980-1986), o Decreto-Lei n.º 287/86, de 6 de setembro, devolve o AUC ao então Ministério da Educação e Cultura, através da Direção-Geral do Ensino Superior e da Universidade de Coimbra, situação que hoje mantém" (Universidade de Coimbra. Arquivo da Universidade, 2015).</p> |
| <p>Estrutura orgânica interna</p> | <p>Órgãos de gestão: Diretor e Comissão Executiva. O Conselho Consultivo é um órgão de aconselhamento técnico-científico. O Diretor é coadjuvado por um Diretor-Adjunto. O AUC compreende a seguinte <u>organização funcional</u>: 1. Serviço Arquivístico (abrangendo o Arquivo Universitário e o Arquivo Distrital); 2. Serviço de leitura, de referência e de apoio ao utente; 3. Serviço de Apoio Administrativo; 4. Núcleo de Informática (art.º 3.º a 12.º do Regulamento n.º 574/2010, de 2 de julho). A equipa integra 3 Técnicos Superiores de Arquivo, 2 Bolseiras de Ciência e Tecnologia, 1 Administrativo, 5 Assistentes Técnicos, 1 Assistente Operacional. Organograma disponível em: http://www.uc.pt/auc/instituicao/organigrama</p> |

| | |
|--|---|
| <p>Serviços disponibilizados</p> | <p>Consulta presencial de documentos na sala de leitura; Pesquisa e consulta de documentação on-line; Requisição on-line para consulta de documentação; Emissão de certidões (do registo civil, notarial e judicial, de documentação da Universidade ou do Distrito); Reprodução de documentos (papel ou formato digital); Visitas de estudo; Venda das suas publicações e outros produtos; Empréstimo de documentos e/ou peças do seu acervo para exposições; Cedência da Sala de Conferências e Exposições para ações de âmbito cultural ou de formação profissional; Serviços específicos de pesquisa (pesquisa propriamente dita, leitura e transcrição de documentos); Incorporações e doações.</p> |
| <p>Perfil do utilizador</p> | <p>Professores, investigadores e estudantes, comunidade civil.</p> |
| <p>Organização, representação e divulgação da informação</p> | |
| <p>Instrumentos de controlo e de recuperação de informação</p> | <p>Guia de Fundos disponível em http://www.uc.pt/auc/fundos/2015_GuiaFundos; Cadastro disponível em http://www.uc.pt/auc/fundos/cadastro_fundos; Plataforma Archeevo disponível em http://pesquisa.auc.uc.pt/; Inventários, Catálogos, Listas e Índices (disponíveis na sala de leitura e/ou on-line).</p> |
| <p>Parte(s) do acervo/ fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line</p> | <p>Foi realizada a digitalização de: livros paroquiais manuscritos (cerca de 13500) com registos de batismos, casamentos e óbitos (19.050 metros de microfilme e 75 metros lineares de livros - registos paroquiais e registo civil (50 mil imagens); registos de passaportes (cerca de 60 mil imagens); documentos para emissão de passaportes (724 caixas); testamentos da Provedoria (150 mil imagens). Subsequente disponibilização on-line em http://pesquisa.auc.uc.pt/. A pesquisa na base de dados da Family Search (https://familysearch.org/search) permite completar a consulta às imagens digitais (Registos paroquiais, Registo civil, Governo Civil de Coimbra - passaportes, Provedoria da Comarca de Coimbra - testamentos).</p> |
| <p>Atividades complementares de difusão da informação</p> | <p>Desenvolvimento de atividades culturais e editoriais próprias: atividade editorial (publicação de fontes, de trabalhos arquivísticos e de investigação relativos aos fundos custodiados), destacando-se a publicação do <i>Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra</i> (o primeiro número surgiu em 1973); realização de exposições documentais e edição de catálogos; parcerias com empresas e outras instituições públicas e privadas, cuja documentação está no AUC, visando a divulgação da mesma através da realização de exposições, catálogos e colóquios; promoção de atividades de natureza científico-cultural e de apoio ao ensino/investigação, tais como colóquios, conferências, visitas de estudo, debates ou palestras, apoio a seminários de licenciatura e mestrado das faculdades, realização de estágios profissionalizantes e de curta duração. Facebook: https://www.facebook.com/Arquivo-da-Universidade-de-Coimbra-183172421744338/</p> |

| Ficha de recolha de dados | |
|------------------------------|--|
| N.º | 2 |
| Data de preenchimento | 01/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) |
| Enquadramento orgânico na UC | Reitoria - UECAF |
| Localização | Largo da Porta Férrea, 3000-447 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/bguc/ |
| Horário | Sala de Leitura Geral - Período letivo (2.ª a 6.ª feira): 9:00-21:45; Férias: 9:00-12h:30, 14:00-17:30. Requisição de obras: 9:00-12:15, 14:00-17:00. Empréstimo Domiciliário: (2.ª a 6.ª feira) 9:00-12:15, 14:00-17:00. Sala de Leitura de Reservados e Fundos Especiais - 2.ª a 6.ª feira: 9:00-12:30, 14:00-17:30. Requisição de obras: 9:00-12:15, 14:00-17:00. Serviços Administrativos - 2.ª a 6.ª feira: 9:00-12:30, 14:00-17:30. Horário de funcionamento no período de exames: 2.ª a 6.ª feira - 9.00-24:00; Sábado - 9.00-13.00, 14.00-18.00. |
| Acervo/Coleção | O acervo integra, "para além do Fundo Geral (documentos adquiridos por compra, oferta e permuta), núcleos bem definidos, de proveniências várias, que consistem nos seguintes fundos especiais: Reservados; Manuscritos; Manuscritos e Impressos Musicais; Coleção de Miscelâneas; Biblioteca do Colégio de S. Pedro (séc. XVI a XIX); Livraria do Coronel Belisário Pimenta; Livraria do Doutor Luís de Albuquerque; Livraria do Doutor Manuel Lopes de Almeida; Livraria da Doutora Maria Augusta Barbosa (ciências musicais); Livraria do Dr. Pedro de Moura e Sá; Livraria de Oliveira Martins; Livraria do Tenente Manuel Joaquim (ciências musicais); Livraria do Visconde da Trindade (livro antigo); Espólio do Coronel-Médico José Pires da Silva; Fundo José Vicente Gomes de Moura (Abraveia); Espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Joaquim de Vasconcelos; Espólio Doutor Armando Cortesão; Fundo Documental do Instituto de Coimbra; Vida de Coimbra e Gabinete de Biblioteconomia - Jorge Peixoto. " Possui ainda coleções de "mapas, estampas, moedas, medalhas, ex-libris, postais, etc. É depositária de obras editadas por instituições internacionais, como ONU, OCDE, FAO e GATT" (Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, 2015). Dimensão: Vasto e valioso acervo que ronda os dois milhões de livros, manuscritos e incunábulos. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento n.º 487/2009, de 10 de dezembro. <i>Diário da República</i> . 2ª série. Lisboa. 238 (10 Dez. 2009) 49899-49902. Vigoram também os Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). |

| | |
|--|---|
| Missão | "a) A preservação, o enriquecimento, o tratamento técnico e a difusão do seu património bibliográfico e documental; b) O apoio ao ensino e à investigação universitários e extra-universitários, disponibilizando serviços de informação bibliográfica e documental, e o acesso aos seus fundos, reais ou virtuais; c) A gestão da Biblioteca Joanina" (art.º 2.º do Regulamento n.º 487/2009, de 10 de dezembro). |
| Atribuições que complementam a missão | "a) A disponibilização ao público universitário e não-universitário da bibliografia nacional que recebe por depósito legal, por doações ou por aquisições; b) A participação no SIIB/UC; c) A cooperação com a Base Nacional de Dados Bibliográficos (PORBASE), em colaboração com a Biblioteca Nacional de Portugal; d) O empréstimo interbibliotecas a nível nacional e internacional, assim como outras formas de colaboração com outras bibliotecas; e) A participação em órgãos ou comissões de carácter consultivo e ou deliberativo no sector das bibliotecas e da informação bibliográfica, de âmbito nacional ou internacional; f) Proporcionar ao Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC) condições de funcionamento adequadas e com ele colaborar no desempenho das suas funções" (art.º 2.º do Regulamento n.º 487/2009, de 10 de dezembro). |
| Breve história | "Já antes da transferência definitiva da Universidade para Coimbra em 1537, encontramos provas documentais de uma Livraria do Estudo, com funcionamento que foi sendo regulamentado pelos vários Estatutos" (...). A mais antiga referência documental à biblioteca é uma Ata de 1513 sobre a necessidade de consertar uns canos que deixavam entrar água. A biblioteca da Universidade chamava-se então "livraria do Estudo". Antes de 1503, teria "setenta livros de toda ciência que estavam na dita livraria nas Escolas velhas". No final desse século, teria 739 volumes". No início do século XVIII foi construída a Biblioteca Joanina, "autorizada por provisão régia de 31 de outubro de 1716" (...). D. João V mandou comprar grandes quantidades de livros sobre várias áreas do conhecimento". Em 1834, com a supressão das ordens religiosas, verificaram-se consideráveis incorporações provenientes dos conventos e colégios extintos. "Depois da implantação da República, a Reforma Universitária de 1911, deu início a um processo de recuperação do qual viria a resultar a instituição atual" (Biblioteca Geral), "com o fluxo bibliográfico proporcionado, a partir de 1932, pelo Depósito Legal" (...). A BGUC é a maior e a mais rica biblioteca universitária de todo o mundo lusófono, repartindo-se por dois edifícios: a Biblioteca Joanina, acabada de construir em 1728 (alberga um riquíssimo conjunto bibliográfico constituído por obras impressas do séc. XVI aos finais do séc. XVIII), e o edifício principal, que entrou em funcionamento pleno em 1962. O Depósito Legal, bem como as aquisições, doações e incorporações várias, trouxeram um progressivo e volumoso crescimento do acervo (Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, 2015; Preâmbulo do Regulamento n.º 487/2009, de 10 de dezembro). |
| Estrutura orgânica interna | Órgãos de gestão: Diretor e Comissão Executiva. O Conselho Consultivo é um órgão de aconselhamento técnico-científico. O Diretor é coadjuvado por um Diretor-Adjunto. A BGUC compreende a seguinte organização funcional: 1. Área de Tratamento Técnico Biblioteconómico; 2. Área de Leitura, Referência e Apoio ao Utilizador; 3. Serviços de apoio administrativo e informático (art. 3.º a 12.º do Regulamento n.º 487/2009, de 10 de dezembro). Organograma disponível em: http://www.uc.pt/bguc/BibliotecaGeral/Organograma |

| | |
|--|--|
| <p>Serviços disponibilizados</p> | <p>Referência e Informação Bibliográfica (apoio aos utilizadores, de forma personalizada, orientando na seleção das fontes de informação mais adequadas; resposta a pedidos de informação bibliográfica; Receção de sugestões e pedidos de aquisição bibliográfica); Leitura (atendimento aos utilizadores e apoio no acesso à informação, interna e externa; acesso à pesquisa; encaminhamento dos utilizadores de manuscritos e fundos especiais); Empréstimo Domiciliário; Empréstimo Interbibliotecas; Consulta e eventual reprodução de documentos microfilmados, digitalizados ou editados em suporte digital; Reprodução de obras consultadas (fotocópias e digitalização em auto-serviço); Gabinetes de investigação; Renovação de empréstimo domiciliário on-line; Cedência de instalações (ex. Biblioteca Joanina) para ações de âmbito cultural.</p> |
| <p>Perfil do utilizador</p> | <p>Estudantes, professores e investigadores, comunidade civil.</p> |
| <p>Organização, representação e divulgação da informação</p> | |
| <p>Instrumentos de controlo e de recuperação de informação</p> | <p>Catálogos convencionais em fichas (1. Autores e títulos, manuscrito, que inclui informação sobre bibliografia nacional e estrangeira, até 1957, inclusive; 2. Autores e títulos, dactilografado, que inclui informação sobre bibliografia nacional e estrangeira entrada na Biblioteca entre 1958 e 1987, inclusive; 3. Alfabético de matérias, dactilografado e reprografado, que inclui informação sobre o período cronológico do anterior; 4. Títulos de publicações em série, dactilografado, que inclui informação sobre bibliografia nacional e estrangeira editada entre 1970 e 1988). Catálogos impressos de Manuscritos, dos Reservados, da coleção de Miscelâneas, do Fundo Antigo do Liceu José Falcão, das Edições quinhentistas de Damião de Góis e André de Resende existentes na BGUC, da coleção Visconde da Trindade, de Publicações Periódicas Portuguesas (1641-1945). Lista de títulos de Publicações Periódicas Microfilmadas. Na Base SIIB/UC - catálogo on-line, disponível em: http://webopac.sib.uc.pt/search~\$17 (recursos adquiridos a partir de 1987 e parte da informação já convertida dos catálogos convencionais); Catálogos de Manuscritos e de Miscelâneas, disponíveis on-line em: http://bdigital.bg.uc.pt/cman/, http://bdigital.bg.uc.pt/cmisc/</p> |
| <p>Parte(s) do acervo/fundo/coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line</p> | <p>A Biblioteca Geral Digital compreende um vasto acervo de obras do Fundo Antigo, disponível em: http://bdigital.bg.uc.pt/, https://almamater.sib.uc.pt/search/site/Biblioteca%20Geral?f[0]=im_164_field_amcolecacao%3A12726</p> |
| <p>Atividades complementares de difusão da informação</p> | <p>Publicação do <i>Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra</i> em formato eletrónico; Organização de exposições, de conferências, de congressos, de colóquios, de visitas de estudo, estágios e bolsas profissionais; Iniciativas internas e de entidades exteriores à Universidade que permitam recuperar a parte do acervo que se encontra mais degradado (ex. campanha "SOS Livro Antigo"; eventos de carácter cultural, científico ou técnico); Recolha e divulgação on-line de notícias sobre a BGUC no <i>Dossier de Imprensa</i>, disponível em: http://www.uc.pt/bguc/DossierImprensa; Disponibilização de "ligações úteis" na respetiva página web a bases de dados, outros catálogos, repositórios de teses, ao INE, a bibliotecas digitais e normas técnicas (onde se encontra a documentação técnica de apoio aos utilizadores do Millennium). Facebook: https://pt-pt.facebook.com/Biblioteca-Geral-da-Universidade-de-Coimbra-158529484349951/</p> |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|--|
| N.º | 3 |
| Data de preenchimento | 02/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca Matemática |
| Enquadramento orgânico na UC | FCTUC - Departamento de Matemática |
| Localização | Universidade de Coimbra, Apartado 3008, 3001-501 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/fctuc/dmat/departamento/bibliomat |
| Horário | Período letivo - 2.ª a 6.ª feira: 8:30-20:00; Requisição e devolução de livros até às 19:45; Período de férias escolares - 2.ª a 6.ª feira: 9:00-17:30. |
| Acervo/Coleção | <p>Acervo constituído por "bibliografia portuguesa e estrangeira nas áreas temáticas da Matemática, Ciências da Computação, Geodesia e História da Náutica, (...) classificadas e arrumadas segundo a Mathematics Subject Classification". A biblioteca integra no seu acervo "fundos especiais", obtidos por compra ou doação, "sendo os mais significativos os de antigos professores da Faculdade de Matemática ou da Secção de Matemática da Faculdade de Ciências": doação de Francisco Gomes Teixeira (1851-1933); Espólio bibliográfico de Luís da Costa e Almeida (1841-1919); Espólio bibliográfico de Henrique de Figueiredo (1861-1922); Livraria de Luciano Pereira da Silva (1864-1926); Coleção de trabalhos de Pedro José da Cunha (1867-1945); Livraria de António Barbosa (1892-1946); Espólio bibliográfico de João Pereira Dias (1894-1960); Espólio bibliográfico de Armando Cortesão (1891-1977); Espólio bibliográfico de Manuel Marques Esparteiro (1893-1985); Espólio bibliográfico de José Vicente Gonçalves (1896-1985); Coleção de separatas de José Tiago de Oliveira (1928-1992); Fundo de Matemática do extinto Museu Nacional da Ciência e da Técnica [21.7.2015] (Universidade de Coimbra. Biblioteca Matemática, 2015).</p> <p>Dimensão: mais de 35.000 monografias, 100 títulos de publicações periódicas e diversas coleções especiais.</p> |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento aprovado na reunião da Comissão Científica do Departamento de Matemática, no dia 5 de maio de 2010, disponível em: http://www.uc.pt/fctuc/dmat/departamento/bibliomat/regulamento Vigora também os Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). |
| Missão | A Biblioteca Matemática "foi fundada em 1913 com o fim de fornecer aos professores, assistentes e alunos da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra meios de estudo e de investigação nas ciências matemáticas" (Universidade de Coimbra. Biblioteca Matemática, 2015). |
| Atribuições que complementam a missão | Informação não disponibilizada - consultou-se a respetiva página web e o Regulamento aprovado na reunião da Comissão Científica do Departamento de Matemática (05/05/2010). |

| | |
|--|--|
| Breve história | [Consultou-se a respetiva página web e bibliografia]. "Apesar da ideia de organização de uma biblioteca de matemática ter as suas raízes em data anterior a 1913" (Tenreiro, 2014, p. 49), é em janeiro desse ano que o Conselho da Secção de Matemática da recém-criada FCTUC nomeia "o professor Henrique de Figueiredo (1861-1922) para dirigir a sua biblioteca privativa, a qual, a partir de Abril desse ano, tomaria a designação de Biblioteca Matemática" (Universidade de Coimbra. Biblioteca Matemática, 2015). "Logo nos anos de 1913 e 1914 a Biblioteca Matemática adquire as suas primeiras publicações periódicas" (Tenreiro, 2014, p. 50). Regista-se, igualmente, a referência, "lavrada na acta da congregação da Secção de Matemática de 21 de Março de 1914, relativa à transferência de obras da biblioteca do Observatório Astronómico para a recém-criada Biblioteca Matemática" (Tenreiro, 2014, p. 52). Sobre a génese, formação e desenvolvimento da referida biblioteca pode-se consultar a obra de Tenreiro (2014). No período anterior a 1969, teve as suas instalações no edifício do Colégio de S. Pedro, no Paço das Escolas da UC; atualmente, a Biblioteca ocupa uma área de 840m ² no edifício do Departamento de Matemática (piso 0) (Universidade de Coimbra, Biblioteca Matemática, 2015). |
| Estrutura orgânica interna | Direção: Comissão da Biblioteca (3 docentes do Departamento de Matemática, presidida pelo Coordenador da Biblioteca - professor cujo nome é aprovado pela Comissão Científica sob proposta do Diretor do Departamento.). A equipa integra 1 Bibliotecária, 1 técnica profissional e 2 auxiliares. Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | Consulta/Leitura presencial; Empréstimo domiciliário; Acesso em linha ao catálogo, a bases de dados (ex. MathSciNet, Zentralblatt, MathEduc, Concise Encyclopedia of Mathematics) e a periódicos; Serviço de informação e referência; Empréstimo interbibliotecas; Reprodução de artigos; Serviço de fotocópias em regime de auto-serviço; Realização de ações de formação para utilizadores; Renovação de empréstimo domiciliário on-line. |
| Perfil do utilizador | Estudantes e docentes do departamento; Leitores externos, geralmente docentes ou investigadores, e estudantes estrangeiros. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Listas de títulos e/ou de registos bibliográficos, nomeadamente dos Fundos Especiais que integram o acervo; Lista de publicações periódicas (existências na biblioteca/acessos on-line); Lista de bases de dados; Catálogo convencional em fichas, válido para as obras mais antigas (não é atualizado desde 1992); na Base SIIB/UC - catálogo on-line da Biblioteca Matemática (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Produção científica do Departamento de Matemática no Repositório Digital da UC disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/259 |
| Atividades complementares de difusão da informação | <i>Boletim de Divulgação Bibliográfica</i> (onde constam os exemplares registados mensalmente no catálogo); Publicação digital de listagens dos registos bibliográficos de Fundos Especiais; Exposições; Disponibilização de biografias de matemáticos na página web; Colocação das aquisições recentes em expositores; Disponibilização de "Outras ligações", na respetiva página web, a bibliotecas, repositórios, OPACS, Sociedades/Associações/Institutos/Arquivos e Editores/Livreiros. |

| Ficha de recolha de dados | |
|------------------------------|---|
| N.º | 4 |
| Data de preenchimento | 04/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida |
| Enquadramento orgânico na UC | FCTUC - Departamento de Ciências da Vida (DCV) |
| Localização | Colégio de S. Bento, Calçada Martim de Freitas, 3000-393 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/fctuc/dcv/servicos/bibliotecas |
| Horário | Horário de funcionamento no período letivo - 2.ª a 6.ª feira: 9:00-19:30; Horário das requisições: 9:00-19:15; Horário da zona de tratamento técnico e consulta de reservados: 9:00-12:45, 14:00-17:45; Férias de Verão - 2.ª a 6.ª feira: 9:00-13:00, 14:00-17:30. |
| Acervo/Coleção | [Informação não disponibilizada na respetiva página web; consultou-se bibliografia e o Relatório da Biblioteca, de 2010]. Acervo constituído por bibliografia portuguesa e estrangeira nas temáticas da Antropologia, Bioquímica, Botânica e Zoologia. Coleções especiais: Manuscritos, Livro Antigo (das anteriores Bibliotecas de Antropologia, Botânica e Zoologia), Microformas, Documentos Cartográficos e Material não Livro. Principais domínios temáticos da Zoologia: Zoologia, Biologia Geral (Biologia Molecular e Celular, Bioquímica, Neurociências, Ecologia Animal e Sistemática). Principais domínios temáticos da Botânica: Citologia, Botânica, Fisiologia Vegetal, Taxonomia, Ecologia, Microscopia Eletrónica, Genética, Biologia Molecular. Principais domínios temáticos da Antropologia: Ciências Sociais, Antropologia Física/Biológica/Social, Arqueologia, Paleoantropologia, Sociologia, Demografia, Etnografia, Estudos Africanos, Genética. Dimensão: <u>Antropologia:</u> monografias (22.668 volumes, incluindo o livro antigo), publicações periódicas (26.524 volumes), 35 CDs; coleções especiais - Diamang (monografias - 2366 volumes; publicações periódicas - 1487 volumes) e Marie-Louise Bastin (monografias - 1124 títulos, publicações periódicas - 115 títulos). <u>Bioquímica:</u> 287 obras, 93 teses de doutoramento, 50 dissertações de mestrado, 35 relatórios de estágio, cerca de 40 títulos de publicações periódicas, 24 CDs). <u>Botânica:</u> cerca de 34.000 monografias (sendo 12.865 separatas), cerca de 3691 títulos de publicações periódicas, 11.149 microfichas (2856 de 52 obras, 579 de 2 publicações periódicas, 7.714 do Herbário) e Coleções especiais: Livro Antigo (cerca de 260, entre 1576-1800), Documentos cartográficos (mapas/plantas). <u>Zoologia:</u> monografias (cerca de 11.000), publicações periódicas (cerca de 1850 títulos), livro antigo (424), material não livro - 105 CD'S e DVD'S, 3 dossiers com transparências, 5 caixas de vídeo, 3 caixas de slides, 1 pasta com acetatos, 1 dossier com slides, 89 filmes (a maioria de bobines). <u>Atual biblioteca do DCV</u> (975 monografias). |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. Vigora o Regulamento das Bibliotecas da UC (Empréstimo Domiciliário) – informação transmitida oralmente, pois na respetiva página web não surge qualquer referência aos Regulamentos das Bibliotecas da UC. |

| | |
|---|---|
| Missão | Não definida - consultou-se a respetiva página web, a informação disponibilizada pelo DCV na web e os Estatutos da FCTUC. |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web, a informação disponibilizada pelo DCV na web e os Estatutos da FCTUC. |
| Breve história | [Informação não disponibilizada na página web; consultou-se bibliografia e o Relatório da biblioteca, de 2010]. Em 1873, Júlio Henriques, impulsor de investigação em Botânica, reorganizou o Instituto Botânico instalado no Colégio S. Bento e formalizou a "Livraria do Jardim", que evoluiu até à <u>Biblioteca do Departamento de Botânica</u> . A constituição do núcleo bibliográfico de antropologia remonta a 1885, consistindo num Núcleo Bibliográfico da área Antropológica integrado na "Biblioteca do Museu". Entre 1919 e 1949 assume a designação de Biblioteca do Museu e Laboratório Antropológico ou Biblioteca do Instituto de Antropologia. Em 1991 constitui-se como <u>Biblioteca do Departamento da Antropologia</u> e Museu Antropológico. A área da <u>Bioquímica</u> tinha um pequeno acervo de livros, não tendo sido possível apurar dados concretos. A <u>Biblioteca de Zoologia</u> resultou da divisão da biblioteca da antiga Faculdade de Filosofia pelas secções do Museu de Historia Natural, na sequência da Reforma Pombalina. Cerca de 1885, aquando da separação da antropologia da zoologia, a biblioteca terá tido a sua independência, embora a sua coleção só adquirisse verdadeira dimensão a partir de 1924, com a publicação de " <i>Memórias e estudos do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra</i> ", que permitiu ao museu receber um grande número de publicações nacionais e estrangeiras congéneres. Em 1991 passou a Biblioteca do Departamento de Zoologia. O atual DCV resulta da fusão dos Departamentos de Antropologia, Bioquímica, Botânica e Zoologia (art.º 54.º dos Estatutos da FCTUC - Regulamento n.º 235/2009, de 8 de junho). A biblioteca do DCV foi inaugurada no dia 10 de fevereiro de 2015, no Colégio de S. Bento, onde se concentram os acervos e as antigas salas de leitura de Antropologia, Bioquímica, Botânica e Zoologia. |
| Estrutura orgânica interna | Direção da Biblioteca; pessoal técnico e auxiliar (3 funcionários/as). Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | [Informação não disponibilizada na página web]. A visita permitiu identificar os seguintes serviços: Sala de leitura, com livre acesso a recursos; Consulta/Leitura presencial; Empréstimo domiciliário; Zona de consulta de reservados. |
| Perfil do utilizador | Estudantes, docentes e investigadores. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Catálogos convencionais em fichas; na Base SIIB/UC - catálogo on-line da Biblioteca do DCV (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Biblioteca Digital de Botânica (livros antigos, manuscritos e parte dos espólios de botânicos constituídos por correspondência manuscrita, fotografias, desenhos, etc.) disponível em: http://bibdigital.bot.uc.pt; https://almamater.sib.uc.pt/search/site/Biblioteca%20Digital%20de%20Bot%C3%A2nica?limit=face&ff[0]=im_164_filed_amcolec%3A13959 |
| Atividades complementares de difusão da informação | Divulgação, na página web, de listas mensais de aquisições; Divulgação mensal, via email, dos recursos adquiridos; Colocação das aquisições recentes em expositores; Disponibilização de "Outros links de interesse" (ex. Estudo Geral, Alma Mater, b'on). |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|---|
| N.º | 5 |
| Data de preenchimento | 05/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra (BCSUC) |
| Enquadramento orgânico na UC | Reitoria - UECAF |
| Localização | Polo das Ciências da Saúde, Azinhaga de Santa Comba, 3000-548 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/bcsuc |
| Horário | Horário de funcionamento no período letivo - 2.ª a 6.ª feira: 8:00-20:00; Férias escolares - 2.ª a 6.ª feira: 9:00-18:00. Horário no período de exames - 2.ª a 6.ª feira: 8:00-24:00. |
| Acervo/Coleção | Acervo constituído por "monografias (livros), publicações periódicas (revistas e jornais), analíticos de periódicos (artigos científicos), teses e dissertações, demais literatura cinzenta e materiais audiovisuais" nas áreas da Medicina e Farmácia (Universidade de Coimbra. Biblioteca das Ciências da Saúde, 2015). Dimensão: 63.220 registos (Livro de Registos, novembro 2015); existência de monografias em depósito não catalogadas; 88.115 registos no Millennium. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento n.º 856/2010, de 24 de novembro. <i>Diário da República</i> . 2ª série. Lisboa. 228 (24 nov. 2010) 57504-57506. Vigoram também os Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). Regulamento de utilização dos gabinetes de investigação: http://www.uc.pt/bcsuc/Estrutura_funcional/Gabinetes_Investigacao Regulamento de reprodução de documentos: http://www.uc.pt/bcsuc/Documentos/arquivo/Regulamento_reproducao_docs |
| Missão | "A BCSUC tem por missão manter organizado o seu espólio e disponibilizar o acesso a toda a comunidade universitária de Coimbra, bem como à restante comunidade científica nacional e internacional, proporcionando um serviço de elevado rigor, profissionalismo e qualidade " (art.º 3.º do Regulamento n.º 856/2010, de 24 de novembro). |
| Atribuições que complementam a missão | Informação não disponibilizada - consultou-se a respetiva página web e o Regulamento n.º 856/2010, de 24 de novembro. |

| | |
|--|---|
| <p>Breve história</p> | <p>A BCSUC é "uma unidade de extensão cultural e de suporte à formação científica e pedagógica" da UC. "Resultou da fusão das anteriores Bibliotecas das Faculdades de Medicina e de Farmácia" num novo edifício, no polo III, em funcionamento desde fevereiro de 2009 (Universidade de Coimbra, Biblioteca das Ciências da Saúde, 2015). Embora o ensino farmacêutico exista desde os finais do século XVI na UC, a Faculdade de Farmácia data de 1921. A instituição voltou a ter estatuto de Escola em 1932; em 1968 foi restaurada a Faculdade (referência oral à criação da biblioteca neste último período). Registam-se os seguintes marcos históricos relativos à biblioteca da FMUC: a primeira referência conhecida data dos anos 1859-1860 (dotação de verbas e distribuição pelos seus sete serviços - Anatomia, Fisiologia, Operações, Matéria Médica, Medicina Legal, Hospital e Biblioteca); em abril de 1879, o Doutor Augusto Filipe Simões propôs a constituição de uma comissão para estudar e organizar a biblioteca; em novembro do mesmo ano é informado o Conselho da Faculdade que se terminara a catalogação dos livros. A consulta dos instrumentos de controlo da informação da FMUC permite também assinalar o seguinte: data de 9 de fevereiro de 1874 o início da elaboração de um catálogo dos livros que existiam no Gabinete da Faculdade; em 1883 é elaborado um inventário dos livros da biblioteca da FMUC; conserva-se um livro de registo de obras oferecidas à FMUC, desde 1920; em 1978 o catálogo era já em fichas e, a partir de 1988, informatizado (Mini-Micro CDS/ISIS); em 2006 verifica-se a adesão ao catálogo coletivo das bibliotecas da UC.</p> |
| <p>Estrutura orgânica interna</p> | <p>A gestão da BCSUC é efetuada por uma Direção (1 diretor e 1 subdiretor, professores da FMUC e da FFUC; 2 técnicos superiores do mapa de pessoal da UC afetos à biblioteca); o Conselho da Biblioteca é um órgão consultivo da Direção. Estrutura funcional e serviços (de acordo com o Regulamento n.º 856/2010, de 24 de novembro) – a biblioteca encontra-se estruturada em três vertentes: serviços técnicos, serviços de apoio ao utilizador e serviço de extensão cultural (este último serviço não é mencionado na respetiva página web). A equipa integra 2 Bibliotecárias, 2 Assistentes Técnicas e 2 Assistentes Operacionais. Organograma não disponibilizado na respetiva página web.</p> |
| <p>Serviços disponibilizados</p> | <p>Serviço de Informação e Referência (inclui o apoio na elaboração de referências bibliográficas - normas, gestores de referências, vocabulário controlado, guias e tutoriais de apoio à pesquisa e recuperação da informação, marcação de pedidos de informação/referência, serviço de referência virtual via email ou <i>chat</i>); Serviço de empréstimo domiciliário; Serviço de empréstimo interbibliotecas; Sala de leitura com livre acesso a recursos; Consulta/Leitura presencial; Acesso em linha ao catálogo da biblioteca, a bases de dados, a publicações periódicas adquiridas e a publicações de editoras científicas; Acesso a livros eletrónicos (e-books); Serviço de fotocópias, impressão e digitalização; Serviço de vídeo-conferência; Acesso a sala de trabalhos de grupo, gabinetes de investigação e sala de informática; Apoio à investigação (através da disponibilização de recursos e ferramentas úteis na medição da produção e impacto científicos ou informação sobre a gestão de dados científicos); Formação de utilizadores; Renovação de empréstimo domiciliário on-line.</p> |
| <p>Perfil do utilizador</p> | <p>Estudantes de Farmácia e Medicina, docentes, investigadores e funcionários da UC; utilizadores da comunidade científica nacional e internacional; comunidade civil.</p> |

| Organização, representação e divulgação da informação | |
|--|---|
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Lista de publicações periódicas; Lista de bases de dados; Catálogos convencionais em fichas; na Base SIIB/UC - catálogo on-line da BCSUC (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Livros eletrónicos (e-books) adquiridos pela biblioteca disponíveis em: http://www.uc.pt/bcsuc/pesquisa/Livros_electronicos Produção científica da FMUC e FFUC no Repositório Digital da UC disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/22 , https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/264 |
| Atividades complementares de difusão da informação | Publicação digital de listas de aquisições (monografias e revistas); <i>Mailing list</i> ; Ligação com o núcleo de estudantes; Exposições; Elaboração e disponibilização de guias e desdobráveis informativos (ex. desdobrável e vídeo de apresentação da biblioteca e serviços disponibilizados, <i>flyer</i> do Serviço de Informação e Referência); Disponibilização, na respetiva página web, de ligações úteis na pesquisa (ex. repositórios nacionais e internacionais, catálogos de outras faculdades e institutos na área das ciências da saúde, bibliotecas digitais, outras bibliotecas, organismos oficiais de patentes, ensaios clínicos. Facebook: https://www.facebook.com/BCSUC?ref=hl ; Flickr: https://www.flickr.com/photos/bcsuc/ |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|---|
| N.º | 6 |
| Data de preenchimento | 07/08/2016; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física |
| Enquadramento orgânico na UC | Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF) |
| Localização | Estádio Universitário de Coimbra, Pavilhão 3 – 1º andar, 3040-256 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/fcdef/documentosbiblioteca |
| Horário | Horário de funcionamento no período letivo - 2ª a 6ª feira: 09:00-19:30; Período de férias: 9:00-12:30; 14:00-17:30. |
| Acervo/Coleção | Acervo constituído por documentação/informação nas áreas de Ciências do Desporto e Educação Física, nomeadamente: Anatomia, Aptidão Física, Biomecânica, Bioquímica, Ciências da Educação, Ciências Sociais, Cineantropobiologia, Desenvolvimento Motor, Didática da Educação Física, Desporto Infante-juvenil, Direito do Desporto, Educação Física, Filosofia, Gestão e História do Desporto, Fisiologia, Formação de Professores, Marketing do Desporto, Medicina do Desporto, Nutrição, Pedagogia, Populações Especiais, Promoção da Saúde, Psicofisiologia, Psicologia do Desporto, Sociologia do Desporto, Modalidades Desportivas, Recreação e Lazer, Sistema Educativo, Treino Desportivo. Coleções especiais: Fundo de Robert Malina (Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, 2016). Dimensão: 8889 registos no Millennium. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. Vigoram os Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). |
| Missão | Não definida - consultou-se a respetiva página web e os Estatutos da FCDEFUC. |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web e os Estatutos da FCDEFUC. |
| Breve história | [Informação não disponibilizada na página web da biblioteca. Consultou-se bibliografia e legislação]. "Dando cumprimento a uma aspiração diversas vezes manifestada pela Universidade, no sentido da criação de uma área de estudos no domínio da cultura física e do desporto, o Senado" da UC (Deliberação 7 de 19 de fevereiro de 1992), "aproveitando as condições indispensáveis para o ensino e aprendizagem na área do desporto e da educação física proporcionadas pelas instalações desportivas existentes no Estádio Universitário de Coimbra aprovou, por unanimidade, a criação da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física" (Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, 2015). A biblioteca é um dos serviços da Faculdade, "com caráter de permanência" (art.º 26.º do Regulamento n.º 163/2009, de 22 de abril) sendo, portanto, a mais recente das bibliotecas da UC. |

| | |
|--|---|
| Estrutura orgânica interna | O responsável da biblioteca é um Professor Bibliotecário. A equipa integra 2 técnicas(os). Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | Leitura/consulta presencial; Empréstimo domiciliário; Empréstimo interbibliotecas; Sala de leitura, com livre acesso a recursos; Orientação em pesquisas bibliográficas; Difusão seletiva de informação, segundo o perfil do utilizador; Serviços de impressões e fotocópias; Acesso em linha ao catálogo da biblioteca, a bases de dados e a publicações periódicas; Serviços on-line (empréstimo interbibliotecas, sugestões de aquisição, cópias de documentos); Ações de formação junto da comunidade académica. |
| Perfil do utilizador | Estudantes, docentes, investigadores. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Lista de publicações periódicas, existentes em papel, no acervo da biblioteca, até 2011; Lista de Publicações Periódicas on-line; Lista de bases de dados; Lista de Dissertações de Licenciatura, de Mestrado, Relatórios de Estágio do Mestrado e Teses de Doutoramento apresentadas à FCDEFUC; Lista da Produção Científica de docentes da FCDEFUC; Lista de Dissertações de Mestrado e Doutoramento de docentes e investigadores da FCDEFUC; na Base SIIB/UC - catálogo on-line da Biblioteca da FPCEUC (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Produção científica da FCDEF no Repositório Digital da UC disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/17 |
| Atividades complementares de difusão da informação | Divulgação de notícias on-line para os utilizadores; Expositor na biblioteca com as últimas novidades editoriais recebidas e produção científica da FCDEFUC; Publicitação digital das "últimas aquisições" (últimos conteúdos incorporados); Divulgação de informação sobre atividades, congressos, simpósios, jornadas, encontros e outro tipo de eventos de cariz técnico, científico, pedagógico, desportivo e lúdico; Disponibilização, na respetiva página web, de ligações úteis na pesquisa (ex. repositórios nacionais e internacionais, catálogos de outras bibliotecas nas áreas das ciências do desporto e educação física, ferramenta para pesquisa de artigos em editoras científicas) e de normas para elaborar referências bibliográficas; Destaques/novidades, na respetiva página web (ex. acesso gratuito a editoras, plataformas, acesso experimental a bases de dados). |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|--|
| N.º | 7 |
| Data de preenchimento | 09/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra |
| Enquadramento orgânico na UC | Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) |
| Localização | Avenida Dias da Silva, n.º 165, 3004-512 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/feuc/biblioteca |
| Horário | Horário de funcionamento no período letivo - 2ª a 6ª feira: 9:00-20:00; Sábado: 10:00-20:00. Horário em período de exames - 2ª a 6ª feira: 9:00-24:00; Sábado: 10:00-20:00. Período de férias: 2ª a 6ª feira: 09:30-13:00; 14:00-17:30. |
| Acervo/Coleção | Acervo constituído por documentação/informação nas áreas da Economia, Sociologia, Gestão, História, Direito, Relações Internacionais, Matemática e Cooperativismo. Fundos especiais: Ramos Pereira (FRP), António de Figueiredo (FAF), Calouste Gulbenkian (FCG) e Teixeira Ribeiro (FTR). Dimensão: mais de 70.000 volumes de monografias e cerca de 270 títulos de periódicos. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. Vigoram os Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). Na página web da biblioteca apenas é disponibilizado o "Regulamento de empréstimo domiciliário" das Bibliotecas da UC, contudo, a referência explícita ao "acesso à informação através do empréstimo interbibliotecas" pressupõe a aplicação do respetivo regulamento (Universidade de Coimbra. FEUC, 2016). |
| Missão | De acordo com os Estatutos da FEUC, "a Faculdade deve assegurar o funcionamento de serviços essenciais ao desenvolvimento da sua missão nas seguintes áreas: a) Biblioteca e documentação, para o acesso dos docentes, investigadores e estudantes aos recursos bibliográficos, audiovisuais ou outros nas áreas científicas da Faculdade" (...) (art.º 33.º do Regulamento n.º 180/2009, de 5 de maio). No panfleto de divulgação elaborado pela biblioteca surge explicitada a seguinte missão: "promover o acesso, uso e criação de informação de qualidade, de forma igualitária para todos os nossos utilizadores". |
| Atribuições que complementam a missão | "No âmbito das suas atribuições presta apoio a todos os setores de atividade da Faculdade nas suas funções de ensino, de investigação e de extensão universitária. Para o efeito, procede à recolha, tratamento técnico e difusão da informação e documentação qualquer que seja a natureza do suporte, privilegiando as ligações com sistemas e redes nacionais e internacionais de informação com interesse para os objetivos da Faculdade" (Universidade de Coimbra. FEUC, 2016). |

| | |
|--|--|
| Breve história | A Faculdade de Economia foi criada em 1972. "A licenciatura em Economia entrou em funcionamento no ano letivo de 1973/74, tendo-se-lhe seguido as restantes três do elenco atualmente oferecido pela FEUC: Sociologia, Gestão e Relações Internacionais" (Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia, 2015). A sua biblioteca funciona, desde 1995, "em edifício próprio, contíguo ao Bloco de Investigação, e distribui-se por três pisos, numa área total de 1.600 m ² " (Universidade de Coimbra. FEUC, 2016). |
| Estrutura orgânica interna | O responsável da biblioteca é um Professor Bibliotecário. A equipa integra 1 Bibliotecária, 4 colaboradores e 3 bolsistas de investigação. Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | [Informação não disponibilizada explicitamente na respetiva página web]. A consulta da referida página e a visita à biblioteca permitiu identificar os seguintes serviços: Leitura/Consulta presencial; Livre acesso às estantes classificadas; Empréstimo domiciliário; Empréstimo interbibliotecas; Serviço de reprografia em regime de auto-serviço; Acesso em linha ao catálogo, a bases de dados e recursos eletrónicos; Formação personalizada para utilizadores que necessitem de uma orientação mais específica, mediante contacto prévio com a bibliotecária; Renovação de empréstimo domiciliário on-line. |
| Perfil do utilizador | Estudantes, docentes e investigadores. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Lista de bases de dados acessíveis na biblioteca e rede da FEUC; Lista de recursos eletrónicos em livre acesso; na Base SIIB/UC - catálogo on-line da Biblioteca da FEUC (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Produção científica da FEUC no Repositório Digital da UC disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/263 |
| Atividades complementares de difusão da informação | Exposições no átrio da biblioteca; Disponibilização digital de catálogos de exposições; Divulgação digital de listas de bibliografia disponibilizada mensalmente; Elaboração e disponibilização de recursos informativos sobre a biblioteca e serviços (ex. vídeo de apresentação da biblioteca, panfletos); Disponibilização, na respetiva página web, de ligações úteis na pesquisa (por exemplo: repositórios nacionais e internacionais, bibliotecas académicas e nacionais). Facebook: https://www.facebook.com/FEUCBiblioteca/ |

| Ficha de recolha de dados | |
|------------------------------|---|
| N.º | 8 |
| Data de preenchimento | 10/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Serviços de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra |
| Enquadramento orgânico na UC | Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) |
| Localização | Largo da Porta Férrea, 3004-530 Coimbra |
| Endereço página web | https://alpha.sib.uc.pt/ |
| Horário | Horário de funcionamento no período letivo - 2ª a 6ª feira: 9:00-19:00; outras bibliotecas especializadas (abertura irregular) - 2ª a 6ª feira: 9:00-13:00; 14:00-18:00. Período de férias: aplica-se o mesmo horário. |
| Acervo/Coleção | [Informação não disponibilizada na página web dos SBD]. A consulta do catálogo permite identificar um acervo constituído por documentação/informação nas áreas da Arqueologia, Artes, História, Estudos Europeus, Ciência da Informação, Filosofia, Comunicação, Jornalismo, Geografia, Turismo, Línguas, Literaturas e Culturas (Estudos Anglo-Americanos, Clássicos, Espanhóis, Franceses, Germanísticos, Italianos, Portugueses, Russos e Tradução). "Para além da Biblioteca Central e dos fundos bibliográficos que tinham a designação dos antigos Institutos, existem ainda os seguintes fundos especiais: 1 - Centre de Littérature Belge de l'Université de Coimbra; 2 - Fundo Bibliográfico Bairro Oleiro; 3 - Fundo Bibliográfico Beau; 4 - Fundo Bibliográfico Carolina Michaelis; 5 - Fundo bibliográfico Eduardo Lourenço; 6 - Fundo Bibliográfico e Videográfico de Estudos Cinematográficos; 7 - Fundo Bibliográfico Fernandes Martins; 8 - Fundo Bibliográfico Ferrand de Almeida; 9 - Fundo Bibliográfico Ferreira Lima; 10 - Fundo Bibliográfico Gama Barros; 11 - Fundo Bibliográfico João Pedro Ribeiro; 12 - Fundo Bibliográfico Joaquim de Carvalho; 13 - Fundo Bibliográfico Jorge de Alarcão; 14 - Fundo Bibliográfico Jorge de Faria; 15 - Fundo Bibliográfico José Herculano de Carvalho; 16 - Fundo Bibliográfico e Fonográfico Manuel de Faria; 17 - Fundo Bibliográfico Marquês de Faria; 18 - Fundo Bibliográfico Miguel Baptista Pereira; 19 - Fundo Bibliográfico Paiva Boléo; 20 - Fundo Bibliográfico Providência e Costa; 21 - Fundo Bibliográfico Robert Étienne; 22 - Fundo Bibliográfico Silva Dias; 23 - Fundo Bibliográfico Victor de Matos; 24 - Fundo Fascista; 25 - Fundo Rei Humberto II; 26 - Inquérito Linguístico Paiva Boléo; 27 - Biblioteca Visconde de Lagoa" (Anexo 3 do Despacho n.º 6799/2015, de 17 de junho). Dimensão: Cerca de meio milhão de volumes e dezenas de títulos de publicações periódicas (Faculdade de Letras da UC, 2016). |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. Vigoram os Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). |

| | |
|--|--|
| Missão | Os SBD da FLUC "ajudam a cumprir uma parte essencial da missão de ensino e investigação da universidade e formam parte de uma rede maior que serve a comunidade académica onde se insere, a nacional e a internacional" (Universidade de Coimbra. FLUC, 2016). |
| Atribuições que complementam a missão | "Assegurar serviços de qualidade e de referência para os corpos docente e discente bem como para todos aqueles que a ela se dirijam; Fornecer acesso à informação contribuindo para a disponibilização dos recursos de informação em rede à escala global; Adquirir, gerir e preservar os recursos de informação a partir de uma grande variedade de formatos; Criar um ambiente conducente à aprendizagem e investigação; Incrementar o reconhecimento da importância da biblioteca como um lugar dotado de espaços confortáveis e com acesso à informação em rede para fins de aprendizagem e investigação; Apoiar na avaliação dos recursos de informação usando as tecnologias atuais e as emergentes; Construir uma organização que promova a diversidade cultural; Liderar projetos cooperativos que visem a promoção do acesso aos recursos de informação localizados intra e extra muros. Para além dos corpos discente e docente, os Serviços procuram satisfazer as necessidades de informação ao nível regional, nacional e internacional contribuindo, deste modo, para o desenvolvimento intelectual, cultural e social de diferentes comunidades. Os seus profissionais procuram assegurar que os serviços conseguem responder aos desafios de informação do séc. XXI" (Universidade de Coimbra. FLUC, 2016). |
| Breve história | [Informação não disponibilizada na página web dos SBD. Consultou-se bibliografia]. A FLUC completou 105 anos em 2016 e localiza-se no "atual edifício, junto à Porta Férrea, desde 22 de novembro de 1951". Além do edifício principal, a FLUC ocupa ainda o Palácio de Sub-Ripas, alguns espaços do antigo Colégio de S. Jerónimo e a Casa das Caldeiras (Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras, 2015). Assinalam-se os seguintes marcos históricos, para uma melhor compreensão das origens e dispersão espacial das bibliotecas especializadas: "A biblioteca da Faculdade será formada principalmente por obras e revistas que interessem às diversas disciplinas nela ensinadas (...)" (Decreto com força de Lei de 9 de maio de 1911); cedência de uma sala, no Paço das Escolas, para instalação da biblioteca da Faculdade (1/02/1912); cedência da magnífica biblioteca do extinto Colégio de S. Pedro à FLUC (2/03/1912); aprovação de verba destinada à aquisição de livros, a limpeza e catalogação da biblioteca do Colégio de S. Pedro (1/06/1912); necessidade de contratar um empregado permanente, que se encarregue também da biblioteca logo que esteja catalogada, receberá mensalmente 15000 réis (1/02/1913); criação da "Sala Americana" (23/10/1924); o Professor Edgar Prestage, do Kings College de Londres, deixa em testamento a sua biblioteca à FLUC (27/04/1934); "além da Biblioteca da Faculdade propriamente dita, que ocupa quatro salas no 3.º andar do edifício, há ainda a «Biblioteca de S. Pedro», a «Biblioteca de Ciências Pedagógicas» (antiga biblioteca da Escola Normal Superior), a «Biblioteca de Estudos Filosóficos», e as bibliotecas das salas e institutos estrangeiros" (9 salas) (6/05/1935) (Rodrigues, 1991). Atualmente, os SBD superintendem em todas as bibliotecas da FLUC (Biblioteca Central, bibliotecas especializadas e, ainda, em mais de duas dezenas de bibliotecas particulares compradas ou oferecidas) e nos serviços que proporcionam (Faculdade de Letras da UC, 2016). |
| Estrutura orgânica interna | Os SBD são dirigidos por uma docente da FLUC. A equipa integra 3 Bibliotecárias e 7 Assistentes Técnicos(as). Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |

| | |
|---|--|
| <p>Serviços disponibilizados</p> | <p>Leitura e empréstimo domiciliário (todos os livros da FLUC são requisitados na Biblioteca Central; desde o dia 14 de março 2016 está disponível um formulário eletrónico para a requisição de obras em duas modalidades: reserva através do catálogo e consulta no dia seguinte ou pedido no dia e disponibilização em "corredores horários" previamente definidos); Consulta/leitura de presença (em regime de livre acesso apenas às estantes localizadas na Biblioteca Central); Empréstimo interbibliotecas; Acesso em linha ao catálogo, a bases de dados e recursos eletrónicos; Sessões de formação para utilizadores (dar a conhecer os SBD, funcionalidades do catálogo, recursos disponíveis); Disponibilização de formulário eletrónico para contacto com os utilizadores via email; Renovação de empréstimo domiciliário on-line.</p> |
| <p>Perfil do utilizador</p> | <p>Utilizadores internos: Estudantes, docentes, investigadores, funcionários, grupo institucional (Projetos de investigação, serviços internos). Utilizadores externos: institucionais (em serviço temporário na UC) e público em geral (Universidade de Coimbra. FLUC, 2016).</p> |
| <p>Organização, representação e divulgação da informação</p> | |
| <p>Instrumentos de controlo e de recuperação de informação</p> | <p>Lista de recursos eletrónicos (geral e por área temática); Lista de bases de dados; Catálogos convencionais em fichas; na Base SIIB/UC - catálogo on-line da Biblioteca da FLUC (webopac).</p> |
| <p>Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line</p> | <p>Biblioteca Digital da Faculdade de Letras (permite o acesso ao texto integral de 112 volumes, entre os séculos XV e XX) disponível em: https://almamater.sib.uc.pt/search/site/Biblioteca%20Digital%20da%20Faculad%20de%20Letras?f[0]=im_164_field_amcolecacao%3A13056 Produção científica da FLUC no Repositório Digital da UC disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/263</p> |
| <p>Atividades complementares de difusão da informação</p> | <p>Divulgação digital de "Boletim Bibliográfico" (bibliografia disponibilizada mensalmente); Disponibilização de ligações a recursos de referência, disponíveis gratuitamente (bases de dados e publicações periódicas) e de ligações úteis na pesquisa (ex. bases de dados, bibliotecas digitais, catálogos, diretórios, repositórios digitais, outros); Disponibilização de vídeos sobre a biblioteca e serviços disponibilizados (ex. "Novas regras de acesso à informação na Biblioteca Central da FLUC", "Como reservar livros no OPAC da FLUC"); Destaque, na respetiva página web, para as novidades bibliográficas; Os utilizadores registados são autorizados a comentar, sob a moderação de um profissional da informação, pontuar ou etiquetar os conteúdos.</p> |

| Ficha de recolha de dados | |
|------------------------------|--|
| N.º | 9 |
| Data de preenchimento | 12/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra |
| Enquadramento orgânico na UC | Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC) |
| Localização | Colégio de Santo Agostinho, Rua do Colégio Novo, 3000-115 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/fpce/biblioteca |
| Horário | Horário de funcionamento da Biblioteca - 2ª a 6ª feira: 8:30-19:45; sábado: 9:00-17:00, época de exames - 9:00-19:30; mês de agosto - 8:30-17:30. Horário de funcionamento da Testoteca: 2ª e 3ª feira: 14:00-15:30; 4ª e 6ª feira: 11:00-12:30. Horário de funcionamento da Mediateca: 2ª a 6ª feira: 9:00-19:45; sábado: 9:30-13:00. |
| Acervo/Coleção | Acervo constituído por diversos recursos nas áreas da Psicologia, das Ciências da Educação e do Serviço Social: monografias; publicações periódicas; analíticos; trabalhos académicos (teses de doutoramento e dissertações de mestrado); material não livro que inclui vídeos, CDs-audio, CD-ROMs e DVDs (disponíveis na Mediateca); Fundos Émile Planchard, Sílvio Lima e Nicolau Raposo. A Testoteca disponibiliza um conjunto de instrumentos de medida e avaliação psicológica. Dimensão: Cerca de 30.000 recursos (a Mediateca tem 121 DVDs, 181 CDs; a Testoteca conta com 516 instrumentos de avaliação psicológica e programas de intervenção). |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno da biblioteca inexistente. Regulamento da Mediateca e da Testoteca disponíveis em: http://www.uc.pt/fpce/biblioteca/mediateca/regulamento.pdf ; http://www.uc.pt/fpce/biblioteca/testoteca/regulamento.pdf Vigoram os Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). |
| Missão | É uma biblioteca universitária especializada que "tem por missão apoiar o ensino e a investigação através de um conjunto de serviços que permite o acesso livre a um fundo documental diversificado e atualizado, disponibilizando recursos bibliográficos e informativos necessários ao desempenho das funções de investigação, ensino e educação" (Universidade de Coimbra. FPCEUC, 2016). |

| | |
|--|---|
| Atribuições que complementam a missão | "No âmbito das suas atribuições, a Biblioteca assegura a gestão documental através das atividades de seleção, aquisição, tratamento técnico e divulgação das diversas espécies documentais, desenvolvendo ações e serviços que promovam e facilitem o acesso a várias fontes de informação". A Testoteca disponibiliza à comunidade académica da FPCEUC "um conjunto de instrumentos de medida e avaliação psicológica, contribuindo, assim, para apoiar as atividades pedagógicas e investigacionais que se desenvolvem na instituição". A Mediateca "tem como objetivo divulgar informação técnica, pedagógica e científica de suporte às atividades de ensino, aprendizagem e investigação" (...) (Universidade de Coimbra. FPCEUC, 2016). |
| Breve história | [Informação não disponibilizada na respetiva página web. Consultou-se bibliografia e legislação]. A FPCEUC foi criada ao abrigo do Decreto-Lei n.º 529/80, de 5 de novembro, na sequência da entrada em funcionamento, no ano letivo de 1976/1977, do Curso Superior de Psicologia na UC (Decreto n.º 12/77, de 20 de janeiro). "As origens históricas da Faculdade datam de 1911/12, quando, no âmbito do Curso de Filosofia da Faculdade de Letras e do Curso de Habilitação ao Magistério Primário começou a ensinar-se, na UC, a Pedagogia e a História da Pedagogia" (Universidade de Coimbra. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2015). De acordo com o art.º 10.º dos Estatutos da Faculdade (Despacho n.º 4905-B/2015, de 11 de maio), a Biblioteca, Testoteca e Mediateca integram o Centro de Documentação e Informação, uma das estruturas de apoio técnico-científico e de promoção da qualidade pedagógica. As referidas unidades situam-se "no edifício do Colégio de St.º Agostinho, em duas antigas salas do claustro principal, numa área aproximada de 475m ² , distribuindo-se por três pisos" (Universidade de Coimbra. FPCEUC, 2016). |
| Estrutura orgânica interna | A equipa integra 1 Bibliotecária e 3 Assistentes Técnicas. A Testoteca encontra-se sob a responsabilidade de 1 Psicóloga (serviço que ainda não está totalmente integrado na Biblioteca). Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | Consulta/Leitura presencial; Livre acesso ao acervo; Acesso em linha ao catálogo da biblioteca, a revistas eletrónicas e a e-books; Acesso a recursos bibliográficos especializados; Empréstimo domiciliário; Reserva on-line de documentos; Renovação de empréstimo domiciliário on-line; Empréstimo interbibliotecas; Serviço de referência; Serviço de difusão da informação; Apoio/Formação ao utilizador; Serviço de fotocópias em regime auto-serviço (Universidade de Coimbra. FPCEUC, 2016). |
| Perfil do utilizador | Estudantes, docentes, investigadores e funcionários. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Lista de revistas em formato eletrónico; Lista de bases de dados; na Base SIIB/UC - catálogo on-line da Biblioteca da FPCEUC (webopac). |

| | |
|---|---|
| <p>Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line</p> | <p>A Biblioteca possui cerca de 480 e-books, disponíveis em: http://www.uc.pt/fpce/biblioteca/biblioteca/pesquisa/ebooks A Testoteca disponibiliza testes on-line em: https://www.fpce.uc.pt/testoteca/ Teses e dissertações da FPCEUC disponíveis em: http://www.fpce.uc.pt/teses/ Produção científica da FPCEUC no Repositório Digital da UC disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/266.</p> |
| <p>Atividades complementares de difusão da informação</p> | <p>Disponibilização de listas das últimas aquisições/entradas ("Serviço de difusão da informação"); Disponibilização de acesso a tutoriais (ex. "Como renovar as obras requisitadas"; "Como depositar no Estudo Geral"; Gestores bibliográficos); Disponibilização de informação para apoio a alunos em fase de preparação, redação e elaboração de trabalhos académicos ("Teses e Dissertações: produção do conhecimento"); Disponibilização de ligações a recursos de referência, na respetiva página web (ex. manual "Directrizes internacionais para a utilização de testes", Dicionários/Enciclopédias, repositórios, bases de dados, revistas, teses e dissertações).</p> |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|---|
| N.º | 10 |
| Data de preenchimento | 20/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra |
| Enquadramento orgânico na UC | Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC) |
| Localização | Pátio da Universidade, 3004-545 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/fduc/biblioteca |
| Horário | Horário de funcionamento da Sala do Catálogo - 2ª a 6ª feira: 9:00-12:30, 14:00-17:30. Horário de funcionamento da Sala dos Institutos - 2ª a 6ª feira: 9:00-13:00, 14:00-18:00. Horário de funcionamento da Sala de Revistas - 2ª a 6ª feira: 9:00-19:45. Horário de funcionamento da Sala de Leitura - 2ª a 6ª feira: 9:00-19:30. |
| Acervo/Coleção | Fundos bibliográficos gerais; Fundos especiais constituídos por bibliotecas que foram pertença de notáveis professores e juristas da FDUC (Alberto dos Reis, Beleza dos Santos, Paulo Merêa, Eduardo Correia, Ferrer Correia, Orlando de Carvalho), pela biblioteca dos Centros e Institutos, por Teses de Licenciatura e Mestrado e por Reservados (livros anteriores ao século XX). Principais domínios temáticos: Ciências Jurídico-Empresariais, Ciências Jurídico-Civilísticas, Ciências Jurídico-Criminais, Ciências Jurídico-Económicas, Ciências Jurídico-Filosóficas, Ciências Jurídico-Históricas, Ciências Jurídico-Políticas, Ciências Jurídico-Processuais. Dimensão: cerca de 400.000 volumes - livros e revistas - ocupando aproximadamente 7.000 metros de prateleiras (Universidade de Coimbra. Faculdade de Direito, 2016). |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento da Biblioteca, da Sala de Revistas, da Sala dos Institutos/Centros, da Sala das Obras de Referência (desativada em janeiro 2016) e da Sala de Leitura dos Alunos disponível em: http://www.uc.pt/fduc/biblioteca/pdf/regulamentobiblioteca.pdf Na página web da biblioteca não surge qualquer referência aos Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). |
| Missão | Não definida - consultou-se a respetiva página web, o regulamento da biblioteca e os Estatutos da FDUC. Na visita à biblioteca foi explicitada a seguinte missão: "difundir a informação na área das Ciências Jurídicas na comunidade". |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web, o regulamento da biblioteca e os Estatutos da FDUC. |

| | |
|---|--|
| Breve história | A biblioteca "tem a sua origem na criação, pelo decreto com força de lei de 18 de Abril de 1911, de um centro de investigação científica - à semelhança do que então se fazia em diversas outras universidades da Europa - ao qual foi dado o nome de Instituto Jurídico" (Universidade de Coimbra. Faculdade de Direito, 2016). Os serviços da biblioteca estão dispersos por toda a Faculdade de Direito, além da sala do catálogo "compreende os seguintes espaços de leitura e consulta: a) Sala de Leitura dos alunos (no 1º andar dos Gerais); b) Sala de Revistas (na cave dos Gerais); c) Sala dos Institutos/Centros (no piso térreo do Instituto Jurídico); d) Sala das Obras de Referência (no piso térreo do Instituto Jurídico)" (III, n.º 1 do Regulamento da Biblioteca). Foi considerada a quinta melhor biblioteca jurídica do mundo. |
| Estrutura orgânica interna | O diretor da biblioteca é um Professor Bibliotecário da FDUC. A equipa integra 1 Bibliotecária e 14 funcionários (técnicos profissionais e assistentes técnicos) distribuídos pelos serviços técnicos, sala do catálogo, sala de leitura e sala de revistas. Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | Consulta/Leitura presencial; Disponibilização do catálogo da biblioteca em linha - obras entradas a partir de 1992; Empréstimo domiciliário; Livre acesso a obras de referência (consulta presencial), a obras de maior consulta e/ou recomendadas pelos professores (consulta presencial e requisição domiciliária); Serviço de fotocópias, impressões e digitalizações em regime de auto-serviço e/ou serviço executado por funcionário; Disponibilização de acesso a bases de dados, biblioteca digital, revistas e enciclopédias on-line; Formação presencial de utilizadores; Workshops para os alunos de doutoramento. |
| Perfil do utilizador | Estudantes, docentes, investigadores, juristas, público em geral. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Catálogos convencionais, em fichas dactilografadas e manuscritas, de autores, de matérias, de títulos, de séries/coleções, de periódicos, de teses de licenciatura/pós-graduação/mestrado, de legislação e jurisprudência portuguesas; Listas de bases de dados, revistas e enciclopédias on-line; Catálogo on-line (Bibliobase), para documentação entrada na FDUC até 1 de agosto 2007, disponível em: http://www.uc.pt/fduc/biblioteca/pesquisa_catalogo ; na Base SIIB/UC - catálogo on-line da Biblioteca da FDUC (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | A Biblioteca Digital da FDUC disponibiliza um conjunto de obras da coleção de livro antigo constituída, na sua maioria, por obras recebidas da livraria do antigo Colégio de São Pedro - disponível em: http://bibdigital.fd.uc.pt , https://almamater.sib.uc.pt/search/site/Biblioteca%20Digital%20da%20Faculdade%20de%20Direito?f[0]=im_164_field_amcolecacao%3A13118 Produção científica da FDUC no Repositório Digital da UC disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/262 . |
| Atividades complementares de difusão da informação | Divulgação bibliográfica, na respetiva página web e por email - disponibilização mensal da lista das aquisições (monografias e artigos de publicações periódicas); Destaques/novidades, na respetiva página web (ex. <i>EBSCO Discovery Service</i> , acesso à versão eletrónica do <i>Boletim de Ciências Económicas</i>). |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|---|
| N.º | 11 |
| Data de preenchimento | 24/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca do Departamento de Arquitetura (DARQ) |
| Enquadramento orgânico na UC | FCTUC - DARQ |
| Localização | Edifício Colégio das Artes - Largo D. Dinis, 3000-143 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/fctuc/darq/departamento/biblioteca |
| Horário | Horário de funcionamento - 2ª a 6ª feira: 9:00-12:30, 14:00-17:30. |
| Acervo/Coleção | Acervo constituído por "bibliografia nacional e, essencialmente, estrangeira", nos seguintes domínios temáticos: "Arquitectura, Urbanismo, Projecto, Desenho, Arte (história e teoria), Construção, Geometria; outras áreas relacionadas com o tema principal: Filosofia, Sociologia, Antropologia, Engenharia Civil, História da Arte". Integra também desenhos de Arquitectura. Dimensão: "12.500 títulos de monografias, 31 títulos de publicações em séries correntes, num total de 700 volumes, Desenhos de Arquitectura" (Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitectura, 2016). |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. Vigoram os Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). Na página web da biblioteca apenas é disponibilizado o "Regulamento de empréstimo domiciliário" das bibliotecas da UC, contudo, a referência explícita ao serviço prestado - "Empréstimo inter-bibliotecas nacionais e internacionais" - implica a aplicação do respetivo regulamento (Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitectura, 2016). |
| Missão | Não definida - consultou-se a respetiva página web e os Estatutos da FCTUC. |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web e os Estatutos da FCTUC. |
| Breve história | [Informação não disponibilizada na página da biblioteca. Consultou-se a página web do Departamento]. O DARQ da FCTUC "é uma escola criada em 1988, com créditos já firmados no panorama nacional e internacional do ensino, da prática e da investigação em Arquitectura". O referido departamento e a sua biblioteca funcionam no edifício do Colégio das Artes (Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitectura, 2015). |
| Estrutura orgânica interna | O coordenador da Biblioteca é um Professor do DARQ; a responsável científica é uma docente do DFCI da FLUC; 1 assistente administrativa. Organograma não disponibilizado. |

| | |
|--|---|
| Serviços disponibilizados | Consulta/Leitura presencial; Empréstimo domiciliário; Empréstimo interbibliotecas; Sala de leitura com livre acesso a recursos, com exceção dos reservados; Acesso em linha ao catálogo da biblioteca; Pesquisa bibliográfica solicitada por correio, correio eletrónico, fax ou telefone; Fornecimento de fotocópias a utilizadores externos; Serviço de fotocópias e de digitalização em auto-serviço; Apoio à pesquisa de informação; Ações de formação para utilizadores; Acesso a bases de dados (Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitectura, 2016; Antunes, 2015). |
| Perfil do utilizador | Estudantes, docentes, investigadores. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Na Base SIIB/UC - catálogo da Biblioteca do DARQ (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Produção científica do DARQ no Repositório Digital da UC disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/249 |
| Atividades complementares de difusão da informação | Disponibilização, na página web da biblioteca, de ligações que permitem o acesso a catálogos de outras bibliotecas, nacionais e estrangeiras. |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|--|
| N.º | 12 |
| Data de preenchimento | 25/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca de Física e de Química |
| Enquadramento orgânico na UC | FCTUC - Departamento de Física (DF) e Departamento de Química (DQ) |
| Localização | Rua Larga, 3004-535 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/fctuc/BibliotecasFCTUC/bibl_depart/bibl_FQ |
| Horário | Horário de funcionamento do DF - 2.ª a 6.ª feira: 9:00-13:00, 14:00-17:30. Horário de funcionamento do DQ - 2.ª a 5.ª feira: 9:00-13:00, 14:00-18:00; 6.ª feira: 9:00-13:00, 14:00-17:00. |
| Acervo/Coleção | Acervo constituído por "bibliografia portuguesa e estrangeira nas áreas temáticas de Física e Química", embora existam, também, "muitas obras de Matemática, Astronomia, Ciências da Educação, etc." Dimensão: "cerca de 30000 monografias e 1700 títulos de publicações periódicas" (Universidade de Coimbra. FCTUC, 2016; Universidade de Coimbra. Departamento de Física, 2016). |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. Vigoram os Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). Na página web da biblioteca apenas é disponibilizado o "Regulamento de empréstimo domiciliário" das Bibliotecas da UC, contudo, a referência explícita ao "empréstimo interbibliotecas nacionais: havendo custos, são definidos pela Instituição solicitada e onerados ao Utilizador" implica a aplicação do respetivo regulamento (Universidade de Coimbra. FCTUC, 2016). |
| Missão | "Tem como missão, além de preservar o acervo documental, contribuir para potenciar o conhecimento no ensino e na investigação, desenvolvendo o sentido crítico, as competências técnico-científicas de pesquisa e acesso à informação, competindo-lhe a organização, gestão e administração dos procedimentos imprescindíveis a um acesso livre e sem limites ao saber" (Universidade de Coimbra. FCTUC, 2016). |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web e os Estatutos da FCTUC. |

| | |
|---|---|
| Breve história | "Herdeiras da Biblioteca da Faculdade de Filosofia, remonta a 1852 a origem da Biblioteca de Física e a 1859 a da Biblioteca de Química, cuja posição única no contexto nacional levou o Governo a conceder-lhe em 1980 o estatuto de Biblioteca Universitária Nacional do Ramo Científico de Química " (Universidade de Coimbra. FCTUC, 2016). A Biblioteca de Física "é uma das mais completas do país pela quantidade e qualidade dos seus fundos documentais" (...), "o acervo mais antigo encontra-se no Museu da Física, que dispõe de uma sala de reservados" (atualmente integrado no MCUC). "À Biblioteca da Física foi dado o nome de um destacado professor deste Departamento, João de Almeida Santos" (...) (Universidade de Coimbra. Departamento de Física, 2016). A atual Biblioteca resultou da integração, em 2014, dos núcleos documentais do DF e do DQ. No DF localiza-se a sala de leitura João de Almeida Santos, no 3º andar (sala F16). No DQ, a biblioteca ocupa dois pisos (entrada e piso inferior). |
| Estrutura orgânica interna | A equipa integra 1 Bibliotecária e 2 assistentes técnicas. Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | Consulta/Leitura presencial; Empréstimo domiciliário; Empréstimo interbibliotecas; Sala de leitura com livre acesso a recursos, com exceção das obras mais antigas e dos periódicos em acesso condicionado; Acesso em linha ao catálogo da biblioteca e a revistas/jornais científicos (o acesso integral aos artigos publicados está disponível apenas dentro da rede do DF); Pesquisa documental; Serviço de Informação e Referência: orientação, apoio e formação, mediando necessidades específicas na interação Utilizador/Biblioteca; Renovação de empréstimo domiciliário on-line. |
| Perfil do utilizador | Estudantes, docentes, investigadores. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Catálogos convencionais em fichas; Lista de revistas/jornais científicos de Física; Na Base SIIB/UC - catálogo da Biblioteca de Física e de Química (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Produção científica do DF e do DQ no Repositório Digital da UC disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/258 https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/260 |
| Atividades complementares de difusão da informação | Divulgação e difusão seletiva da documentação e informação; Disponibilização de acesso a tutorial ("Como renovar o empréstimo domiciliário no OPAC da UC") e ao manual de pesquisa no WebPAC; Disponibilização, na respetiva página web, de ligações a recursos úteis na pesquisa (ex. European Chemicals Agency, RCAAP, b-on, Web of Science, Open Access publisher of Scientific Books and Journal, AuthorMapper searches). |

| Ficha de recolha de dados | |
|------------------------------|--|
| N.º | 13 |
| Data de preenchimento | 26/08/2015; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca do Polo II |
| Enquadramento orgânico na UC | Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) |
| Localização | FCTUC - Edifício do Departamento de Engenharia Civil, Rua Luís Reis Santos, 3030-788 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/fctuc/BibliotecasFCTUC/bibl_pololl |
| Horário | Horário de funcionamento da Biblioteca - 2ª a 6ª feira: 9:15-19:30 (em período de aulas e de avaliações); 9:15-13:00, 14:00-18:00 (em períodos de férias escolares). |
| Acervo/Coleção | <p>Acervo constituído por diversos recursos nas áreas da Engenharia Civil, Engenharia Eletrotécnica e de Computadores, Engenharia Informática, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Mineralogia, Geologia e Engenharia de Minas.</p> <p>Dimensão: O acervo da biblioteca do polo II tem cerca de 80.000 títulos. A maior coleção é a do Departamento de Ciências da Terra que integra: "o <u>núcleo "Paul Choffat" (1849-1919) - 4.997 documentos (livros, cartas separatas), o <u>Núcleo ex-Secção Autónoma de Engenharia de Minas (1991) - 2.121 documentos (não estão contabilizados os títulos dos periódicos; Cartografia: 960, Monografias: 1.161), o <u>Núcleo do ex-Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico (1940 a 1956) - 3.327 documentos (Monografias: 1.014, Publicações em série: 1.727, Documentos cartográficos: 586), Núcleo do Departamento de Ciências da Terra (desde 1 de Junho de 1967 até 2008) - 34.809 documentos (Monografias: 18.429 (títulos), Separatas e fotocópias: 390, Publicações em série (correntes): 1.053 (títulos), Publicações em série (findas): 2.797 (títulos), Documentos cartográficos: 7.910, Documentos visuais gráficos (fotografias aéreas e estampas): 3.773, Microformas: 350, Cd-rom's e DVD's: 91, Cassetes de vídeo: 16) e o <u>Núcleo de Livro Antigo (até 1820) - estimado em cerca de 150 obras. O número dos grupos ascende a 45.554 documentos (...)</u> e refere-se a documentos inventariados por contagem de título e não de unidade. Saliente-se a existência de documentos por inventariar, tal é a dimensão do acervo da Biblioteca do Departamento de Ciências da Terra" (Universidade de Coimbra. Departamento de Ciências da Terra, 2016).</u></u></u></p> |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno da biblioteca inexistente. Vigoram os Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). Na página web da biblioteca apenas é disponibilizado o "Regulamento de empréstimo domiciliário" das Bibliotecas da UC. Contudo, a referência explícita ao empréstimo interbibliotecas "de outras instituições nacionais ou estrangeiras" implica a aplicação do respetivo regulamento. |

| | |
|---|---|
| Missão | "A biblioteca tem como objetivo fundamental facultar os recursos bibliográficos e informativos de apoio à investigação e ensino. Compete-lhe a gestão das tarefas necessárias ao cumprimento daquele objetivo e o desenvolvimento de atividades que promovam e facilitem o acesso dos utilizadores às mais diversas e atuais fontes de informação" (Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, 2016). |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web e os Estatutos da FCTUC. |
| Breve história | "A Biblioteca do Polo II resultou da fusão das bibliotecas de Engenharia Civil, Engenharia Eletrotécnica e de Computadores, Engenharia Informática, Engenharia Mecânica, Engenharia Química e Ciências da Terra, reunindo os respetivos espólios documentais" (Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, 2016). Esta biblioteca, localizada no Departamento de Engenharia Civil, foi inaugurada no dia 2 de dezembro de 2013. Com objetivo de melhorar a qualidade dos serviços prestados, reúnem-se aqui as bibliotecas existentes nos cinco Departamentos de Engenharia da FCTUC (pelo Decreto-Lei n.º 259/72, de 28 de Julho, foram criadas algumas das licenciaturas em engenharia hoje existentes), e a biblioteca do Departamento de Ciências da Terra (criado em 1991, é o herdeiro do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico, cuja origem remonta a 1911; os antecedentes do estudo e do ensino das Ciências da Terra na UC podem ser identificados na criação, em 1772, do Museu de História Natural, inicialmente incluído na Faculdade de Filosofia). |
| Estrutura orgânica interna | A equipa integra 2 Bibliotecárias e 4 Assistentes Técnicas(os). Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | Consulta/Leitura presencial; Serviço de referência (orientação e apoio aos utilizadores na pesquisa de informação); Livre acesso ao acervo, com exceção dos livros e revistas em depósito (publicações periódicas em papel, livros mais antigos) e dos documentos de acesso condicionado (documentos audiovisuais, especificações, normas e volumes de revistas que não se encontrem em livre acesso); Acesso em linha ao catálogo da biblioteca, a revistas eletrónicas, a bases de dados e a repositórios; Empréstimo domiciliário; Renovação de empréstimo domiciliário on-line; Empréstimo interbibliotecas; Formação de utilizadores (Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, 2016). |
| Perfil do utilizador | Estudantes, docentes, investigadores. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Catálogos convencionais em fichas; Ficheiro Excel com as Normas disponíveis para consulta na biblioteca (NP, EN, ENV, ISO, BS, etc.); na Base SIIB/UC - catálogo on-line da Biblioteca do Polo II (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Produção científica dos Departamentos da FCTUC (Ciências da Terra, Engenharia Civil, Engenharia Electrotécnica e de Computadores, Engenharia Informática, Engenharia Mecânica e Engenharia Química - biblioteca do polo II) disponível no Repositório Digital da UC em: https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/2 |
| Atividades complementares de difusão da informação | Disponibilização de acesso a tutorial ("Como renovar o empréstimo domiciliário no OPAC da UC"); Disponibilização na página web de ligações a recursos úteis na pesquisa (ex. b-on, editoras científicas, US Patent and Trademark Office, European Patent Office); Disponibilização de folheto de divulgação da biblioteca. |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|---|
| N.º | 14 |
| Data de preenchimento | 20/01/2016; revisão em junho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca do CEIS20 |
| Enquadramento orgânico na UC | IIIUC - CEIS20 |
| Localização | Rua Filipe Simões, nº 33, 3000-186 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/iii/ceis20/Biblioteca |
| Horário | Horário de funcionamento da biblioteca - 2ª a 6ª feira: 9:00-12:30; 14:00-17:30; Requisição de obras - 2ª a 6ª feira: 9:00-12:30. |
| Acervo/Coleção | [Informação não disponibilizada na respetiva página web]. A visita ao Centro permitiu identificar um acervo constituído por diversos recursos relevantes para o estudo da sociedade contemporânea, com ênfase nos séculos XX e XXI, principalmente nas seguintes áreas: História, Economia, Política, Educação, Direito, Relações internacionais e Arte. Dimensão: 2959 registos no Millennium. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno da biblioteca inexistente. Na respetiva página web não surge referência aos Regulamentos das Bibliotecas da UC. |
| Missão | Não definida - consultou-se a respetiva página web e os Estatutos do CEIS20. |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web e os Estatutos do CEIS20. |
| Breve história | [Informação não disponibilizada na página web da biblioteca. Consultou-se bibliografia e legislação]. O CEIS20 é uma unidade de investigação vinculada ao IIIUC e financiada, desde 1998, pela FCT. O Centro começou por enriquecer a sua biblioteca através da oferta de livros e da "permuta de revistas científicas e/ou culturais, em especial referentes ao século XX ou que incluam normalmente artigos sobre temas relativos a esse século" (Centro de Estudos Interdisciplinares do século XX, 2001, [p. 1]). |
| Estrutura orgânica interna | É incumbência da Direção do CEIS20 a orgânica da biblioteca; 1 bibliotecária e 1 assistente técnica (que dá apoio na biblioteca na ausência da bibliotecária). Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | [Informação não disponibilizada na respetiva página web]. A visita ao Centro permitiu identificar os seguintes serviços: Consulta/Leitura presencial; Empréstimo domiciliário; Acesso em linha ao catálogo da biblioteca do CEIS20 (o acervo da biblioteca Seabra Dinis não está disponível no catálogo em linha). |
| Perfil do utilizador | [Informação não disponibilizada na respetiva página web]. A visita ao Centro permitiu identificar o seguinte perfil de utilizador: docentes, estudantes do Ensino Superior, investigadores (integrados e colaboradores do CEIS20). |

| Organização, representação e divulgação da informação | |
|--|--|
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Na Base SIIB/UC - catálogo on-line da Biblioteca do CEIS20 (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | O CEIS20 edita a revista <i>Estudos do Século XX</i> e a série <i>Cadernos do CEIS20</i> que podem ser consultadas em pdf na página web do Centro: http://www.uc.pt/iii/ceis20/Publicacoes/Revista http://www.uc.pt/iii/ceis20/Publicacoes/Cadernos |
| Atividades complementares de difusão da informação | Não de identificaram atividades de difusão do acervo bibliográfico e dos serviços disponibilizados. |

| Ficha de recolha de dados | |
|------------------------------|---|
| N.º | 15 |
| Data de preenchimento | 21/01/2016; revisão em julho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca Norte/Sul (BN/S) |
| Enquadramento orgânico na UC | IIIUC - CES |
| Localização | Centro de Estudos Sociais, Colégio de S. Jerónimo, Largo D. Dinis, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.ces.uc.pt/biblioteca/ |
| Horário | Horário de funcionamento da Biblioteca - 2ª a 6ª feira: 9:30-20:00; sábado: 14:30-18:30. |
| Acervo/Coleção | <p>Acervo constituído "por monografias e publicações periódicas - resultante da produção científica realizada nos países do hemisfério Sul (o chamado "terceiro mundo") na área das ciências sociais e humanas, a qual, em geral, é pouco conhecida nos países do Norte. Comporta uma ampla variedade temática: povos indígenas; lutas contra-hegemónicas; identidades e etnicidades; direitos humanos e outros princípios de dignidade humana; questões económicas, organizacionais e empresariais; desenvolvimento democrático sustentável; conhecimentos alternativos e biodiversidade; alternativas à globalização neo-liberal; justiça social e inclusão social; estudos feministas e questões de diferença sexual. Inclui ainda produção científica dos países do Norte sobre os países do Sul" (Universidade de Coimbra. Biblioteca Norte/Sul, 2016).</p> <p>Dimensão: Em 2002, "contava com pouco mais de 2900 volumes", publicações periódicas - "808 títulos" (Carvalho, 2010, p. 5); em 2010, o "acervo monográfico conta com mais de 13600 volumes"; em Dezembro 2013 - acervo monográfico (20747 volumes) (Carvalho, 2015, p. 366); 28.946 registos no Millennium (julho 2016).</p> |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | <p>Regulamento interno da biblioteca inexistente. No entanto, disponibiliza-se o "Guia de utilização da Biblioteca Norte/Sul (BN/S)", destinado a orientar o utilizador dos serviços e a dotá-lo de competências para a otimização das pesquisas (este Guia explicita todas as regras de funcionamento e serviços disponibilizados), em: http://www.ces.uc.pt/biblioteca/BNS_GUIA_DE_UTILIZACAO_2013.pdf</p> <p>Vigora o Regulamento das Bibliotecas da UC (Empréstimo Domiciliário) e o "Regulamento de empréstimo inter-bibliotecas: adoptado a partir do regulamento das bibliotecas da Universidade de Coimbra" (Universidade de Coimbra. Biblioteca Norte/Sul, 2016), disponível em: https://www.ces.uc.pt/biblioteca/documentos/EIB_Bibliotecas_da_UC_e_CES-BNS.pdf</p> |

| | |
|--|--|
| Missão | Formalmente, a missão da biblioteca não está definida em regulamento interno ou nos Estatutos do CES. No entanto, a sua ação vai ao encontro da missão do CES, "uma instituição científica vocacionada para a investigação interdisciplinar e transdisciplinar e tem por missão principal a investigação no âmbito das ciências sociais e das humanidades, abrangendo ainda, sempre que adequado, outros domínios científicos" (art.º 2.º dos Estatutos do CES). Assim, a biblioteca "apoia a missão" do CES da FEUC "acompanhando o seu planeamento estratégico, tendo também o compromisso de apoiar a investigação dos projectos, dos núcleos e dos programas de doutoramento da instituição, alguns ministrados em parceria com as Faculdades de Direito, de Economia e de Letras" (Carvalho, 2010, p. 1). "A BN/S tem por missão o desenvolvimento de um acervo bibliográfico – prioritariamente, mas não exclusivamente constituído por monografias e publicações periódicas – resultante da produção científica realizada nos países do hemisfério Sul (o chamado "terceiro mundo") na área das ciências sociais e humanas" (Carvalho, 2010, p. 3). |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web e os Estatutos do CES. |
| Breve história | O CES da UC, dirigido desde a sua fundação (1978) por Boaventura de Sousa Santos, "é um Laboratório Associado do MEC, desde 2002, vocacionado para a investigação e formação avançada nas diversas áreas das ciências sociais e humanas" (Universidade de Coimbra. Centro de Estudos Sociais, 2015). A sua biblioteca "teve início em 1998, e encontra-se em fase de expansão" (Universidade de Coimbra. Biblioteca Norte/Sul, 2016). "A BN/S pretende criar um acervo – prioritariamente constituído por monografias e publicações periódicas – resultante da produção científica realizada nos países do hemisfério Sul – na área das ciências sociais e humanas, englobando um amplo espectro de temas" (Carvalho, 2010, p. 1). Atualmente inclui também produção científica dos países do Norte sobre os países do Sul. Criada em 1998, BN/S é "parte integrante do Laboratório Associado. A instalação e o funcionamento da BN/S exigiram um investimento considerável na criação de condições de espaço, de infra-estruturas bem como de contratação de pessoal especializado. A partir de 2001, a BN/S passou a contar com o apoio de uma Técnica Superior de Biblioteca, Arquivo e Documentação, tendo o quadro profissional sido alargado, em 2002, a mais um Técnico Superior e, em 2009, a mais uma Auxiliar (a tempo parcial), de forma a poder dar resposta às necessidades de pesquisa da comunidade CES" (...). "O projecto encontra-se em fase de expansão para poder apoiar o CES, potencializando as sinergias criadas pela investigação avançada que desenvolve" (Carvalho, 2010, pp. 2-3). |
| Estrutura orgânica interna | O responsável é um Professor Bibliotecário; a equipa integra 1 Bibliotecária responsável, 1 Bibliotecário e 1 Técnica Auxiliar. Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | Consulta/Leitura presencial; Livre acesso ao acervo (publicações mais antigas e exemplares duplicados estão em depósito); Acesso em linha ao catálogo da biblioteca, a publicações periódicas, a bases de dados, a repositórios e diretórios; Empréstimo domiciliário; Renovação de empréstimo domiciliário on-line; Empréstimo interbibliotecas; Formação de utilizadores; Serviço de impressão, fotocópia e digitalização; Serviço de referência (presencial e à distância) e apoio na pesquisa (Universidade de Coimbra. Biblioteca Norte/Sul, 2016). |
| Perfil do utilizador | Investigadores permanentes, investigadores juniores, doutorandos, pós-doutorados, alunos integrados em parcerias com universidades brasileiras (Carvalho, 2010, p. 1) e docentes. |

Organização, representação e divulgação da informação

| | |
|--|--|
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Lista de títulos de publicações periódicas; na Base SIIB/UC - catálogo on-line da Biblioteca Norte/Sul (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | O catálogo em linha inclui hiperligações para acesso ao texto integral (quando disponível) nos registos bibliográficos. |
| Atividades complementares de difusão da informação | Difusão seletiva mensal das listas de últimas aquisições via correio eletrónico (lista ALLCES e utilizadores registados no sítio da biblioteca); Disponibilização, na respetiva página web, das listas de monografias e publicações periódicas adquiridas ("Novidades bibliográficas"); Exposições bibliográficas temáticas; Cursos de formação avançada (ex. "Instrução avançada e Zotero"); projeto "Autores Amigos da Biblioteca Norte/Sul" (doação de um exemplar das publicações à biblioteca); Divulgação do(s) título(s) doado(s) na página web da biblioteca; Atividade "Café com livros" (sessões, 4 vezes por ano, em horário noturno, com convidados que falam dos livros que marcaram as suas vidas); Disponibilização de acesso a tutoriais ("Renovação de empréstimo", "Passos para exportação [de] referências bibliográficas do histórico de leitura"); Divulgação de recursos eletrónicos disponíveis na Internet, sempre que estes se afigurem pertinentes para a comunidade e respetivos projetos; Divulgação de títulos novos na área das Ciências Sociais através do envio de hiperligações dos catálogos on-line de diversas editoras. Facebook: https://pt-pt.facebook.com/centrodeestudossociais/ |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|---|
| N.º | 16 |
| Data de preenchimento | 23/01/2016; revisão em julho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca do Observatório Geofísico e Astronómico da UC (OGAUC) |
| Enquadramento orgânico na UC | O OGAUC é um serviço interdepartamental da FCTUC. |
| Localização | Rua do Observatório S/N, 3040-004 Coimbra [Observatório Astronómico da UC] Avenida Dr. Dias da Silva, 3000-134 Coimbra [Instituto Geofísico da UC - IGUC] |
| Endereço página web | Inexistência de página web da biblioteca. Identificam-se os sítios web do IGUC e do OGAUC, respetivamente: http://www1.ci.uc.pt/iguc/benvindo.htm http://www.astro.mat.uc.pt/novo/observatorio/site/index2.html |
| Horário | Horário de funcionamento - 2ª a 6ª feira: 9:00-13:00, 14:00-17:00. |
| Acervo/Coleção | O acervo do OGAUC integra monografias e publicações periódicas, cartas e mapas (cartografia celeste e terrestre), desenhos e gravuras, fotografias e outros documentos gráficos, e um arquivo de observações solares. <u>Acervo do Observatório:</u> Astronomia, Geofísica, Ciências Planetárias, Matemática, Física e Astrofísica. <u>Acervo do IGUC:</u> Meteorologia, Geofísica e Química da Atmosfera. Dimensão: Observatório Astronómico - 1170 registos no Millennium (parte do acervo do Observatório – Livro Antigo); cerca de 3000 livros e diversas publicações periódicas; cerca de 30.000 espectros solares (arquivo); Cartas e Mapas, Desenhos e Gravuras, Fotografias e outros documentos gráficos (8 arquivadores horizontais). No Observatório, o acervo bibliográfico ocupa 3 salas e no Instituto Geofísico 2 salas. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno da biblioteca inexistente. O OGAUC tem um Regulamento, homologado pelo Diretor da FCTUC, em 18/06/2013. |
| Missão | Não definida - consultou-se as respetivas páginas web, os Estatutos da FCTUC e o Regulamento do OGAUC. |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se as respetivas páginas web, os Estatutos da FCTUC e o Regulamento do OGAUC. |
| Breve história | "Em 2013 foi criado o Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra resultante da fusão, entre o Observatório Astronómico da UC (fundado em 1772) e o Instituto Geofísico da UC [IGUC] (fundado em 1864), sendo presentemente um serviço interdepartamental" da FCTUC, "partilhado pelos Departamentos de Ciências da Terra, Física e Matemática" (Universidade de Coimbra. Observatório Geofísico e Astronómico, 2016). Apesar da fusão em 2013, num mesmo serviço, em 2016 ambos mantêm a sua localização física, o IGUC na avenida Dr. Dias da Silva e o Observatório em Santa Clara, tal como a(s) sua(s) biblioteca(s). O acervo do IGUC remonta a 1864 (Universidade de Coimbra. Instituto Geofísico, 2015). O acervo do Observatório foi sendo constituído a partir da década de 1850: "a Faculdade de Matemática tomou posse de livros provenientes do depósito geral da |

| | |
|---|--|
| | <p>Biblioteca da Universidade, originalmente pertencentes às livrarias dos extintos conventos e colégios da cidade de Coimbra, para formar uma biblioteca privativa"; em 1865, "esses livros achavam-se no Observatório Astronómico «misturados nos armários com os instrumentos» "; seguiu-se a sua incorporação "na biblioteca do Observatório Astronómico, onde hoje podemos encontrar diversas obras provenientes das livrarias dos colégios e conventos de Coimbra, esse fundo bibliográfico acabou por não ser integrado na biblioteca da Secção de Matemática" (Tenreiro, 2014, pp. 40-41).</p> <p>À data de entrada em funcionamento do respetivo Regulamento (homologado em 18/06/2013), o acervo bibliográfico não se encontrava "devidamente catalogado e informatizado" (art. 13.º); em julho de 2016 regista-se o trabalho em curso para o adequado tratamento técnico, prevendo-se, posteriormente, a transferência da coleção existente no Instituto Geofísico para as instalações do Observatório, de modo a ser possível reunir no mesmo espaço físico todo o acervo.</p> |
| Estrutura orgânica interna | O diretor do IGUC é um Professor do Departamento de Matemática/subdiretor da FCTUC. Inexistência de técnicos profissionais ou pessoal auxiliar. O tratamento técnico do acervo, em curso, é realizado pela Bibliotecária do Departamento de Matemática. Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | Acesso em linha ao catálogo da biblioteca do Observatório (parte do acervo – Livro Antigo); Consulta/leitura presencial, mediante contacto prévio. |
| Perfil do utilizador | Investigadores. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Livro de Registos e Ficheiro Excel (biblioteca do IGUC); na Base SIIB/UC - catálogo on-line da biblioteca do Observatório Astronómico (webopac), disponibilizado pela Biblioteca Matemática da FCTUC (Livro Antigo); Observatório Astronómico - Catálogo convencional em fichas (monografias) e <i>Kardex</i> (publicações periódicas); Catálogos (1810 e 1824); Inventários (1934, 1940, 2000); Base de dados (protótipo do inventário geral da coleção museológica do Observatório, onde se identifica também o Livro Antigo, a cartografia celeste e terrestre, desenhos e gravuras, fotografias e outros documentos gráficos). |
| Parte(s) do acervo/fundo/coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | O OGAUC disponibiliza uma base de dados (http://193.137.102.29/ObservatorioAstronomicoMuseu/) que "constitui um protótipo do inventário geral do espólio museológico do Observatório a dividir em três secções: Instrumentos, Livros (antigos), documentos e móveis" (Universidade de Coimbra. Observatório Geofísico e Astronómico, 2016). Nesta base, para além da consulta da instrumentação, é possível aceder à digitalização da página de título da coleção de Livro Antigo do Observatório, acompanhada de uma breve descrição de cada exemplar, e à digitalização dos diversos documentos gráficos. |
| Atividades complementares de difusão da informação | Não se identificam atividades que tenham como objetivo principal a divulgação do acervo bibliográfico. Contudo, regista-se que o OGAUC organiza diversos eventos de carácter científico (para especialistas) e de carácter geral (para o grande público, por exemplo: visitas à cúpula astronómica, espetroheliógrafo e coleção museológica, visitas para os 2º e 3º ciclos do ensino básico e/ou secundário, sessões de telescópio, visitas guiadas para grupos). Facebook: https://pt-pt.facebook.com/ObservatorioGeofisicoAstronomicoUC/ |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|--|
| N.º | 17 |
| Data de preenchimento | 24/01/2016; revisão em julho 2016 |
| Serviço de Informação | Centro de Documentação |
| Identificação | |
| Nome | Centro de Documentação Europeia (CDE) |
| Enquadramento orgânico na UC | Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC) |
| Localização | Rua de Aveiro, n.º 11, 11º andar, 3000-065 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/fduc/cde |
| Horário | Encerrado para reorganização. |
| Acervo/Coleção | <p>O acervo (monografias, publicações periódicas, documentos audiovisuais, obras de referência, mapas, cartazes) "é constituído pelas publicações oficiais das várias Instituições da União Europeia e diz respeito a: Propostas de legislação; Legislação (Jornal Oficial, série L); Comunicações (Jornal Oficial, série C); Suplemento (Jornal Oficial, série S); Relatórios, debates, pareceres, actividades, informações; Jurisprudência (Actividades, Colectânea e Repertório do Tribunal de Justiça e do Tribunal de Primeira Instância); Estatísticas do EUROSTAT (diversas)". Integra, ainda, "publicações várias" das Instituições Europeias.</p> <p>Dimensão: mais de 15042 registos na base de dados (Universidade de Coimbra. Centro de Documentação Europeia, 2016).</p> |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. |
| Missão | "Este Centro tem como objectivo principal apoiar a Universidade na promoção e desenvolvimento de estudos e investigação em matérias comunitárias. O CDE faculta ainda, ao público em geral, o acesso à informação sobre a União Europeia e suas políticas" (Universidade de Coimbra. Centro de Documentação Europeia, 2016). |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web. |
| Breve história | O CDE da FDUC "é um Centro europeu de informação - o primeiro a ser criado em Portugal, em 1974 -, ao abrigo do estatuto concedido pela Comissão das Comunidades Europeias ao Centro Interdisciplinar de Estudos Jurídico-Económicos (CIEJE). (...) A partir de 2010 passou a integrar somente os serviços da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, estando juridicamente associado à Faculdade" (Universidade de Coimbra. Centro de Documentação Europeia, 2016). Atualmente o CDE encontra-se encerrado; a UE deixou de enviar publicações em suporte papel, passando os recursos a estarem disponíveis on-line. |
| Estrutura orgânica interna | O diretor é um Professor da FDUC; 1 Bibliotecária da FDUC, desloca-se pontualmente ao CDE. Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |

| | |
|--|---|
| Serviços disponibilizados | Acesso em linha ao catálogo bibliográfico e a bases de dados (ex. EUR-LEX, PRELEX, EUROPARL). |
| Perfil do utilizador | Estudantes, docentes e investigadores (atualmente acedem aos recursos on-line). |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Na Base SIIB/UC - catálogo on-line da biblioteca do CDE (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | A base de dados do CDE (constituída a partir de 1988, disponibilizada na internet em 1998) incluiu, a partir de janeiro de 2002, "alguma documentação europeia em texto integral - recolhida enquanto disponível livremente na Internet - com vista à constituição de um arquivo digital de apoio à investigação, à educação e à difusão da informação, sobre a União Europeia, sem quaisquer fins económicos ou comerciais" (Universidade de Coimbra. Centro de Documentação Europeia, 2016). Esta base de dados foi, entretanto, migrada para o Millennium. |
| Atividades complementares de difusão da informação | Disponibilização, na respetiva página web, de ligações a recursos úteis na pesquisa (ex. teses portuguesas sobre temas europeus, informações sobre a UE); Folhetos da União Europeia para distribuição gratuita (atualmente em número reduzido, pois a EU deixou de enviar); o CDE integra a rede de Centros de Documentação Europeia - facebook: https://www.facebook.com/rpcde |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|---|
| N.º | 18 |
| Data de preenchimento | 25/01/2016; revisão em julho 2016 |
| Serviço de Informação | Centro de Documentação |
| Identificação | |
| Nome | Centro de Documentação 25 de Abril |
| Enquadramento orgânico na UC | Reitoria - UECAF |
| Localização | Rua da Sofia, n.º 138, 3000-389 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.cd25a.uc.pt/ |
| Horário | Horário de funcionamento, a partir de setembro 2016 - 2.ª a 6.ª feira: 9:30-12:30, 14:30-17:30. |
| Acervo/Coleção | <p>Acervo bibliográfico: monografias e publicações em série, maioritariamente em língua portuguesa (nota: em dezembro de 2010 uma parte da coleção de livros foi deslocada para as instalações do CES). Acervo arquivístico: fundos e coleções de documentos de arquivos privados (ex. de militares e políticos portugueses; de partidos políticos; por protocolo de depósito firmado em 1987, o acervo documental da Associação 25 de Abril). Coleções especiais: fotografias, cartazes (coleção de cerca de 2.500), recortes de imprensa, panfletos, registos áudio e vídeo (gravações áudio, entre as quais 30 DVDs com notícias da rádio de 1974 e 1975, filmes, documentários de realizadores e produtores independentes, portugueses e estrangeiros). Núcleo museográfico: objetos de tipologia variada.</p> <p>Principais domínios temáticos dos acervos: História, Política e Economia de Portugal (o núcleo inicial de documentos é relativo ao período de 1974-1976; o Centro integra hoje informação que se reporta à 2.ª metade do século XX português); Oposição política ao Estado Novo (1958-1974); movimento estudantil.</p> <p>Dimensão do acervo bibliográfico: cerca de 8400 títulos de monografias; publicações em série (correntes) 56; publicações em série (findas) cerca de 3430; cerca de 25300 registos no catálogo bibliográfico (de livros, artigos, iconografia e multimédia). Dimensão do acervo arquivístico: cerca de 360 doações; cerca de 300 já inventariadas; cerca de 450 metros lineares. Dimensão do núcleo museográfico: encontram-se inventariadas cerca de 170 peças.</p> |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. [De acordo com a informação disponibilizada pela diretora-adjunta, o Regulamento aguarda aprovação da Reitoria da UC]. |
| Missão | Tem como missão "recuperar, organizar e pôr à disposição da investigação científica o valioso material documental disperso pelo país e estrangeiro sobre a transição democrática portuguesa (o 25 de Abril de 1974, os acontecimentos preparatórios e as suas principais consequências), mas também sobre toda a segunda metade do século vinte português" (Universidade de Coimbra. Centro de Documentação 25 de Abril, 2016). |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web. |

| | |
|--|---|
| Breve história | Criado no âmbito da Reitoria da UC, em dezembro de 1984 (Despacho Reitoral n.º 9/R/84), o CD25 de Abril é hoje uma das UECAFs da UC, que " visa recuperar, organizar e pôr à disposição da investigação científica o valioso material documental disperso pelo país e estrangeiro sobre a transição democrática portuguesa (o 25 de Abril de 1974, os acontecimentos preparatórios e as suas principais consequências), mas também sobre toda a segunda metade do século vinte português." É hoje um dos principais arquivos nacionais, quer pela riqueza do seu acervo (com cerca de 3 milhões de documentos), quer pela especificidade - foi pioneiro na recolha, conservação e catalogação de arquivos privados de políticos - quer pela quantidade de conteúdos que disponibiliza publicamente através da Internet (Universidade de Coimbra. Centro de Documentação 25 de Abril, 2016). |
| Estrutura orgânica interna | O Centro tem como fundador e diretor honorário Boaventura de Sousa Santos; o atual diretor é um docente da FLUC; a equipa integra 1 coordenadora técnica/diretora-adjunta (Técnica Superior), 1 Técnica Superior (Arquivo), 2 Assistentes Técnicas, 2 Assistentes Operacionais (1 a tempo parcial), 2 Voluntárias (Técnica Superior de Arquivo e Assistente Técnica). Organograma não disponibilizado na respetiva página web. |
| Serviços disponibilizados | Consulta/Leitura de presença; Pesquisa bibliográfica a pedido (solicitada por correio, correio eletrónico, fax ou telefone); Empréstimo interbibliotecas (nacionais e internacionais); Reprodução de documentos de acesso livre, pedidos localmente ou à distância; Reprodução de documentos de arquivo ou das coleções especiais (iconografia, audiovisuais, etc.) caso a caso e depois de autorizado o pedido; Acesso ao catálogo bibliográfico em linha; Acesso ao catálogo de arquivo e a fundos já digitalizados; Acesso à Porbase e Bibliotecas da UC. |
| Perfil do utilizador | Investigadores; profissionais das áreas do Jornalismo, Cinema e responsáveis por outras áreas de difusão cultural. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Guia de fundos de arquivo e Inventários disponíveis em: http://www.cd25a.uc.pt/index.php?r=site/page&view=itempage&p=176 ; SIRIUS (base de dados bibliográficos); Catálogo bibliográfico em linha disponível em: http://catalogocd25a.uc.pt/ ; Catálogo do núcleo museográfico disponível em: http://www.cd25a.uc.pt/index.php?r=site/page&view=itempage&p=1467 ; Listas (ex. comunicados e panfletos políticos, recortes de imprensa) disponíveis em: http://www.cd25a.uc.pt/index.php?r=site/page&view=itempage&p=3 |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Algumas obras e artigos da biblioteca do Centro foram digitalizados e podem ser consultados na Biblioteca Digital, disponível em: http://www.cd25a.uc.pt/index.php?r=site/page&view=itempage&p=1691 Diversos documentos do acervo arquivístico e das coleções especiais foram digitalizados, por exemplo, imagens selecionadas, fotografias, iconografia e logótipos partidários podem ser consultados em: http://www.cd25a.uc.pt/index.php?r=site/page&view=itempage&p=10 |
| Atividades complementares de difusão da informação | Exposições itinerantes; Edição de obras; Pequenos núcleos documentais para empréstimo (ex. cartazes, painéis, fotografias, cópias de síntese sobre o 25 de Abril); Exposições virtuais (ex. "O III Congresso da Oposição Democrática (1973)"); Divulgação periódica de listas de registos bibliográficos; Disponibilização de ligações úteis na pesquisa; Participação e/ou organização de diversas atividades (ex. eventos, projetos). Facebook: http://www.facebook.com/cd25a |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|---|
| N.º | 19 |
| Data de preenchimento | 26/01/2016; revisão em julho 2016 |
| Serviço de Informação | Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | Biblioteca do Colégio das Artes [Nota: o acervo do Colégio é disponibilizado na biblioteca do DARQ] |
| Enquadramento orgânico na UC | Colégio das Artes (CAUC) - unidade orgânica de ensino e investigação |
| Localização | Edifício Colégio das Artes - Largo D. Dinis, 3000-143 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/fctuc/darq/departamento/biblioteca |
| Horário | Horário de funcionamento - 2ª a 6ª feira: 9:00-12:30, 14:00-17:30. |
| Acervo/Coleção | Acervo constituído por monografias, publicações periódicas, dissertações e teses nos seguintes domínios temáticos: Arte, Planeamento territorial, Arquitectura, Desenho, Artes Plásticas, Pintura, Artes Gráficas, Fotografia, Divertimentos (Espetáculos), Língua (Linguística), Literatura. Dimensão: 631 registos no ILS Millennium. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. Vigoram os Regulamentos das Bibliotecas da UC (Empréstimo Interbibliotecas e Empréstimo Domiciliário). Na página web da biblioteca do DARQ (onde se encontra o acervo bibliográfico do CAUC) apenas é disponibilizado o "Regulamento de empréstimo domiciliário" das bibliotecas da UC, contudo, a referência explícita ao serviço prestado - "Empréstimo inter-bibliotecas nacionais e internacionais" - implica a aplicação do respetivo regulamento (Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitectura, 2016). |
| Missão | Não definida - consultou-se o Estatuto do CAUC. |
| Atribuições que complementam a missão | "Compete aos Serviços de Biblioteca e Documentação: a) A preservação e o tratamento do património bibliográfico do Colégio; b) A organização de exposições, por iniciativa própria ou a pedido de outros órgãos ou estruturas do Colégio; c) A preparação da edição de catálogos de exposições, boletins bibliográficos e bibliografias temáticas" (n.º 4, art.º 26.º da Deliberação n.º 3062/2009, de 9 de novembro). |
| Breve história | [Informação não disponibilizada na página web da biblioteca. Consultou-se bibliografia e legislação]. O Colégio das Artes foi "construído a partir de 1568 como parte integrante do conjunto jesuítico da Alta de Coimbra, a par do vizinho Colégio de Jesus" (Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitectura, 2015). "Como apoio à investigação e ao ensino, funcionam no Colégio das Artes os Serviços de Biblioteca e Documentação" (n.º 1, art.º 26.º da Deliberação n.º 3062/2009, de 9 de novembro), que "integram todos os fundos bibliográficos existentes no Colégio". "Os fundos bibliográficos que resultam de bibliotecas privadas oferecidas ao Colégio ou adquiridas em condições especiais podem ter o nome do doador (n.º 4 do art.º 26.º da |

| | |
|--|---|
| | Deliberação n.º 3062/2009, de 9 de novembro). Atualmente, o acervo bibliográfico do Colégio é disponibilizado na biblioteca do DARQ. |
| Estrutura orgânica interna | De acordo com o Estatuto do CAUC, o diretor dos Serviços é um docente ou investigador doutorado nomeado pelo diretor do Colégio, ouvido o conselho científico. A equipa técnica é a mesma da biblioteca do DARQ (1 responsável científica – docente do DFCI da FLUC e uma assistente administrativa). Organograma não disponibilizado. |
| Serviços disponibilizados | [Informação disponibilizada pela biblioteca do DARQ]. Consulta/Leitura presencial; Empréstimo domiciliário; Empréstimo interbibliotecas; Sala de leitura com livre acesso a recursos, com exceção dos reservados; Acesso em linha ao catálogo da biblioteca; Pesquisa bibliográfica solicitada por correio, correio eletrónico, fax ou telefone; Fornecimento de fotocópias a utilizadores externos; Serviço de fotocópias e de digitalização em auto-serviço; Apoio à pesquisa de informação; Ações de formação para utilizadores; Acesso a bases de dados (Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitectura, 2016; Antunes, 2015). |
| Perfil do utilizador | Estudantes, docentes, investigadores. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Na Base SIIB/UC - catálogo da Biblioteca do Colégio (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Produção científica do Colégio disponível no Repositório Digital da UC em: https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/28951 |
| Atividades complementares de difusão da informação | Disponibilização, na página web da biblioteca do DARQ, de ligações que permitem o acesso a catálogos de outras bibliotecas, nacionais e estrangeiras. |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|--|
| N.º | 20 |
| Data de preenchimento | 28/01/2016; revisão em julho 2016 |
| Serviço de Informação | Centro de Recursos/Biblioteca |
| Identificação | |
| Nome | RÓMULO Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra (RÓMULO - CCVUC) |
| Enquadramento orgânico na UC | Instituto de Investigação Interdisciplinar da UC (IIIUC) - unidade orgânica de ensino e investigação |
| Localização | Departamento de Física da FCTUC, Rua Larga, 3004-516 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/iii/romuloccv/apresentacao |
| Horário | Horário de funcionamento - 2ª a 6ª feira: 10:00-20:00. |
| Acervo/Coleção | Recursos de diferentes áreas do conhecimento relacionadas com a cultura científica, em diferentes suportes – livros e revistas (papel), DVD, CD, VHS, software. Dimensão: Entre 12.000 a 15.000 livros. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. Vigora o Regulamento das Bibliotecas da UC (Empréstimo Domiciliário). |
| Missão | “Contribuir para a divulgação da cultura científica e tecnológica nacional, atraindo e mantendo mais jovens para a ciência, valorizando a riqueza que emerge das sobreposições interdisciplinares, onde a física e a química aparecerão juntas com a história, poesia, biologia, geologia, sociologia, pedagogia, entre outras”. Informação disponibilizada em: https://pt-pt.facebook.com/ccvromulocarvalho . |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web. |
| Breve história | O RÓMULO – CCVUC foi inaugurado no dia 24 de novembro de 2008, Dia Nacional da Cultura Científica e dia de nascimento de Rómulo de Carvalho. É “um moderno centro de recursos para o ensino e aprendizagem das ciências e difusão da cultura científica integrado na Rede Nacional de Centros Ciência Viva.” Localizado no piso térreo do DF da FCTUC, “disponibiliza duas salas com agradáveis espaços de trabalho e de leitura, uma biblioteca” (a biblioteca Rómulo de Carvalho que se localizava no 3.º piso do DF foi integrada no Centro) “com acesso livre a documentos de diferentes áreas do conhecimento relacionadas com a cultura científica, em diferentes suportes, (...) e oito computadores Machintosh com acesso livre à Internet”. A 24 de novembro de 2012, “foi inaugurada uma segunda sala do Centro, que passou a incorporar todo o fundo bibliográfico do extinto Museu Nacional da Ciência e da Técnica (1976-2012), fundado pelo Doutor Mário Silva” (Universidade de Coimbra. RÓMULO-CCVUC, 2016). |
| Estrutura orgânica interna | O diretor do Centro é um docente do DF da FCTUC; a equipa integra 1 coordenadora de atividades e 3 bibliotecárias (bolseiras de Ciência e Tecnologia). Organograma não disponibilizado. |

| | |
|--|---|
| Serviços disponibilizados | <p>“O RÓMULO disponibiliza diversos serviços no âmbito da divulgação científica e do acesso à informação: Acesso aos registos bibliográficos disponíveis no OPAC (catálogo on-line); Consulta, visionamento e audição de documentos nas suas instalações; Consulta de revistas de divulgação científica, sociedade e educação; Livre acesso às estantes dos documentos; Empréstimo domiciliário de documentos; Espaços de trabalho; Espaços de leitura; Livre acesso a computadores; Livre acesso à Internet (...); Actividades diversas de promoção da cultura científica, do livro e da leitura; Recepção de visitas de escolas com actividades planeadas entre os responsáveis escolares e os coordenadores do RÓMULO; Páginas da Internet, incluindo o portal “Mocho” de apoio ao ensino e divulgação das ciências (http://www.mocho.pt)” (Universidade de Coimbra. RÓMULO-CCVUC, 2016). O Centro permite empréstimos à distância de livros e filmes de divulgação científica (por correio) e a renovação on-line do empréstimo domiciliário.</p> |
| Perfil do utilizador | Crianças, seniores, professores, estudantes, investigadores e público em geral. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Na Base SIIB/UC - catálogo da biblioteca (webopac). |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | O Centro disponibiliza acesso a diversos recursos multimédia em: http://www.uc.pt/iii/romuloccv/recursos_multimedia |
| Atividades complementares de difusão da informação | Disponibilização, na respetiva página web, de sinopses relativas aos exemplares recentemente integrados na coleção; Palestras/Tertúlias (no âmbito da ciência e da divulgação científica); Apresentações/Lançamento de Livros; Feiras do Livro; Workshops de divulgação científica; Exibição de Filmes (“Ciclos de Cinema” ou nas visitas das escolas); Recepção de visitas de escolas básicas e secundárias e de outras instituições. Facebook: https://www.facebook.com/Romuloccvuc |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|--|
| N.º | 21 |
| Data de preenchimento | 29/01/2016; revisão em julho 2016 |
| Serviço de Informação | Centro de Documentação |
| Identificação | |
| Nome | Centro de Documentação áudio e Braille (CDAB) |
| Enquadramento orgânico na UC | SASUC - Núcleo de Integração e Aconselhamento |
| Localização | Colégio de S. Jerónimo, Largo de D. Dinis, 3001-401 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/sasuc/Pesquisa_Rapida/Nucleo_Integracao_Aconselhamento |
| Horário | Horário de funcionamento - 2ª a 6ª feira: 09:00-12:30, 14:00-17:30. |
| Acervo/Coleção | O CDAB ou Centro de Consulta Bibliográfico disponibiliza obras ou extratos de obras em suporte alternativo ao livro convencional – áudio (cassetes), Braille, MP3, documentos em formato digital que podem ser acedidos através do <i>NonVisual Desktop Access</i> (NVDA). A maioria das obras em Braille, disponíveis no CDAB, foi doada pela Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO); a informação em áudio disponível encontra-se em cassetes e MP3. Dimensão: 878 registos no Millennium. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. |
| Missão | Não definida. |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas. No entanto, regista-se que a ação do CPMDP e do CDAB vai ao encontro da missão do NIA, a quem compete, entre outras atribuições: “Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à Universidade e para o sucesso académico; Identificar as necessidades educativas especiais apresentadas pelos estudantes e articular com os órgãos de gestão da Universidade/Faculdades, prestando informação sobre as medidas e instrumentos aptos a satisfazê-las; Promover a produção de materiais em suporte complementar/acessível destinados a estudantes com necessidades educativas especiais (...)” (Universidade de Coimbra. Núcleo de Integração e Aconselhamento, 2016). |
| Breve história | [Informação não disponibilizada na respetiva página web. Consultou-se bibliografia e a informação disponibilizada pelo Departamento Académico]. O CDAB, localizado no Colégio de São Jerónimo, integra desde 2012, o NIA dos SASUC. A sua origem “deve-se à capacidade organizativa e reivindicativa de um grupo de estudantes universitários com deficiência visual e à sensibilidade do Secretário-Geral da Universidade para os problemas dos estudantes que, de imediato, concretizou um modelo de resposta às necessidades mais prementes por eles sentidas” (Universidade de Coimbra. Departamento Académico, 2015). Regista-se, em traços gerais, a génese e evolução do serviço: 1985 - é organizado, na dependência dos Serviços Académicos da Universidade, um Núcleo de Apoio ao Estudante Deficiente Visual para produção de textos em linguagem Braille e em áudio, bem como a reprodução de cassetes |

| | |
|--|---|
| | <p>(fonocópia) (...). <u>1989</u> - reformulação do Núcleo de Apoio, sendo então criado o “Serviço de Apoio ao Estudante Deficiente”. O seu público-alvo passa a englobar todos os estudantes com deficiência - visual, motora, auditiva e situações de incapacidade geradas por doença orgânica. Alargamento da sua área de intervenção aos domínios didáticos e pedagógicos. (...) Dinamização de um centro produtor de obras em Braille e suporte áudio, criando matrizes para depósito vivo. (...) Criação de um centro de documentação Braille e sonoro. (...) <u>1993</u> - o Serviço de Apoio é oficialmente criado pelo Senado da UC, passando a designar-se por “Gabinete de Apoio Técnico-Pedagógico ao Estudante Deficiente”. Desde então, ampliaram-se as instalações, informatizou-se a produção de Braille; carregou-se na base de dados da PORBASE o catálogo (cerca de 1.000 títulos); adquiriu-se equipamento informático para um posto de trabalho (autónomo) dos estudantes cegos e amblíopes; ministrou-se formação aos estudantes para utilização dos equipamentos. (...) <u>2003</u> - com a reestruturação dos Serviços da Administração, o Gabinete passou a designar-se “Apoio Técnico-Pedagógico a Estudantes com Deficiência” (ATPED), integrado na Divisão Técnico-Pedagógica (...) (Universidade de Coimbra. Departamento Académico, 2015). Atualmente, o apoio prestado pela UC aos seus estudantes com deficiência ou com necessidades educativas especiais, “organiza-se em torno de quatro áreas de intervenção: Acolhimento e acompanhamento personalizado; <u>Centro de produção de materiais didáticos em formato alternativo</u>; Formação em Novas Tecnologias de Informação e Comunicação; <u>Centro de Documentação ou Centro de Consulta Bibliográfico</u>” (Universidade de Coimbra. Núcleo de Integração e Aconselhamento. Necessidades Educativas Especiais, 2016).</p> |
| Estrutura orgânica interna | 2 Técnicos superiores, 2 assistentes (técnica e operacional). Organograma não disponibilizado. |
| Serviços disponibilizados | Produção de Materiais didáticos em suporte alternativo ao livro convencional para todos os estudantes com deficiência visual – cegos e amblíopes, em Braille (suporte papel ou digital), áudio, caracteres ampliados e relevos; Apoio a instituições/organismos externos na produção de materiais em suporte alternativo ao livro convencional; Dinamização de um Centro de Documentação áudio e Braille com outros centros de produção; Disponibilização do catálogo dos materiais produzidos; disponibilização das obras completas produzidas no Centro na BAES; o Centro recebe e disponibiliza, de dois em dois meses sensivelmente, exemplares do “Jornal de Notícias” e, mensalmente, da revista “Poliedro”. |
| Perfil do utilizador | Estudantes. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Catálogo em suporte digital (RTF, PDF e MP3) dos materiais produzidos pelo CPMDP; na Base SIIB/UC - catálogo (webopac) |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Disponibilização das obras completas produzidas no Centro na BAES: https://bdigital.sib.uc.pt/jspuibaes/ |
| Atividades complementares de difusão da informação | Não se identificam atividades complementares de difusão da informação. |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|--|
| N.º | 22 |
| Data de preenchimento | 30/01/2016; revisão em julho 2016 |
| Serviço de Informação | |
| Identificação | |
| Nome | Museu da Ciência |
| Enquadramento orgânico na UC | Reitoria - UECAF |
| Localização | Laboratorio Chimico, Largo Marquês de Pombal, 3000-272 Coimbra (sede) [o MCUC ocupa ainda grande parte do Edifício do Colégio de Jesus, do Colégio S. Bento e a cave do edifício do DF da FCTUC]. |
| Endereço página web | http://www.museudaciencia.org/ |
| Horário | Horário do Laboratorio Chimico, Gabinete de Física e Galeria de História Natural- 3.ª a domingo: 10:00-18:00; de 1 de agosto até 30 de setembro- de 2.ª a domingo: 10:00-19:30. Horário da Galeria Académica- 3ª a 6ª feira: 10:00-18:00, apenas mediante marcação prévia. |
| Acervo/Coleção | As coleções científicas da UC “compreendem cerca de 240.000 objetos distribuídos por quatro categorias principais - História Natural, Etnografia, Instrumentos Científicos, Modelos - e ainda mais de duas mil obras em papel que incluem livro antigo, cartografia, painéis pedagógicos e arquivos. Cerca de 90% destes objetos são exemplares de História Natural das áreas da Zoologia, Geologia, Botânica e Antropologia.” A coleção académica “integra testemunhos históricos ligados à vida académica da UC” (Universidade de Coimbra. Museu da Ciência, 2016). Domínios científicos das coleções: Antropologia, Astronomia, Botânica, Farmácia, Física, Medicina, Mineralogia e Geologia, Química, Zoologia. Dimensão: cerca de 240.000 objetos. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno, estabelecido de acordo com os Estatutos da Fundação (http://www.uc.pt/museudaciencia/estatutos/estatutos_ficheiros/estatutos_FMC), disponível em: http://www.museudaciencia.org/uploads/files/museu_da_ciencia_regulamento_interno.pdf |
| Missão | “A missão do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra é a constituição de um grande centro nacional de difusão da cultura científica e tecnológica, contribuir para inspirar e motivar os cidadãos para a ciência e contribuir para o conhecimento científico e de história da ciência, baseado nas coleções da Universidade de Coimbra” (art.º 5.º do Regulamento Interno). |
| Atribuições que complementam a missão | “É objectivo do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra documentar, conservar, divulgar e investigar o património científico que tem à sua guarda: 1. promovendo a cultura científica através da interpretação das coleções; 2. constituindo um recurso educativo com actividades pedagógicas para o público, envolvendo a comunidade científica; 3. tornando as coleções acessíveis ao público através das suas exposições permanentes e temporárias; 4. garantindo a acessibilidade do acervo museológico à comunidade científica com vista à investigação; 5. desenvolvendo e promovendo a investigação científica sobre as |

| | |
|-----------------------------------|--|
| | <p>colecções, que constituem importantes infra-estruturas científicas; 6. promovendo actividades de divulgação científica como seminários, conferências e debates; 7. desenvolvendo a produção e comercialização de peças e outros elementos que contribuam para promover a cultura científica; 8. desenvolvendo actividades educativas, científicas e culturais de interesse para o grande público” (art.º 6.º do Regulamento Interno).</p> |
| Breve história | <p>“As colecções de ciência da Universidade de Coimbra são as mais antigas e significativas em Portugal tendo o seu núcleo forte tido origem na Reforma Pombalina da Universidade ocorrida no último quartel do século XVIII e que estabeleceu as bases para o ensino e investigação científica moderna em Portugal. A intervenção do Marquês de Pombal criou novas faculdades, a Faculdade de Filosofia e a de Matemática, e construiu equipamentos apropriados ao ensino das ciências utilizando os edifícios jesuítas que reconstruiu e recriou. Assim nasceu o primeiro museu universitário português, o Gabinete de História Natural, localizado no Colégio de Jesus, juntamente com o Gabinete de Física, o Teatro Anatómico e o Dispensatório Farmacêutico. Foram também criados noutros locais o Laboratorio Chimico, o Observatório Astronómico e o Jardim Botânico.</p> <p>As colecções acumuladas deram origem aos museus de ciência da Universidade, reunidas no atual projeto do Museu da Ciência, que se desenvolve em duas fases. “A primeira fase, inaugurada em Dezembro de 2006, pode ser visitada no Laboratorio Chimico que foi requalificado e adaptado à função museológica. A segunda fase, já em preparação, irá requalificar o edifício do antigo Colégio de Jesus, que se encontra face a face com o Laboratorio Chimico, onde se localizaram os gabinetes de Física e de História Natural. Trata-se de um projecto de grande dimensão envolvendo não apenas a requalificação de cerca de 13 mil m2, como também o projecto de digitalização de todo o inventário das colecções da Universidade de Coimbra e a sua disponibilização pública” (Universidade de Coimbra. Museu da Ciência, 2016).</p> <p>“O Museu Nacional da Ciência e da Técnica Doutor Mário Silva, com sede em Coimbra, foi criado em 1976 por iniciativa do Prof. Doutor Mário Silva (...). Numa primeira fase, até 1991, o Museu afirmou-se como uma instituição autónoma. Seguidamente, foi integrado na dependência do então designado Instituto Português de Museus, até que, em 1999, passou a revestir a natureza de instituição pública de investigação e desenvolvimento, com actividade essencialmente vocacionada para a área da investigação da história da ciência e da tecnologia, sem, contudo, perder a sua componente museológica, para, a partir de 2002, se redefinir como um serviço dotado de autonomia administrativa com atribuições no domínio da história da ciência e da técnica, no desenvolvimento de actividades de museologia, criação de exposições e inventariação, recolha, classificação, preservação, conservação e arquivo de espólio e património com interesse para o conhecimento e divulgação da história da ciência e da técnica. (...) Em 2012, o Museu Nacional da Ciência e da Técnica Doutor Mário Silva cessa a sua actividade, enquanto serviço dotado de autonomia administrativa com atribuições próprias no domínio da história da ciência e da técnica, e (...) procede-se à sua integração na Universidade de Coimbra” (Decreto-Lei n.º 28/2012, de 8 de fevereiro).</p> |
| Estrutura orgânica interna | <p>São órgãos da Fundação: a) O conselho de administração; b) A direção; c) O conselho científico e cultural; d) O conselho fiscal (art.º 10.º dos Estatutos da Fundação Museu da Ciência). A direção da Fundação é, simultaneamente, a direção do MCUC (três membros, 1 presidente e 2 vogais); Museologia e Colecções (5 Conservadores, 2 Auxiliares, estagiários e bolseiros em número variado); Serviço educativo e receção/loja (4 técnicos); Administração e finanças (1 técnico); Secretariado e</p> |

| | |
|--|---|
| | Comunicação (1 técnico). Organograma não disponibilizado. |
| Serviços disponibilizados | Exposição permanente “Segredos da Luz e da Matéria”; Exposições temporárias; Visitas guiadas; Serviço educativo; Mediateca on-line (onde é possível consultar vídeos e imagens); Produção e comercialização (na Loja do Museu) de edições, publicações, reproduções de peças e outros elementos que contribuam para promover a cultura científica; Programação de atividades de divulgação científica, como seminários, debates, palestras, ciclos de conversas e conferências; Desenvolvimento de atividades educativas, científicas e culturais de interesse para o grande público. |
| Perfil do utilizador | Público em geral, grupos escolares, famílias, turistas. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Catálogos e Inventários. |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | O projeto de digitalização das coleções do MCUC “procura tornar acessível ao grande público – através da pesquisa –, mas também aos especialistas e historiadores da ciência, este importante património cultural e científico da Universidade de Coimbra e do país” (Universidade de Coimbra. Museu da Ciência, 2016) - Acervo Digital na plataforma <i>inweb</i> , disponível em: http://museudaciencia.inwebonline.net/ |
| Atividades complementares de difusão da informação | O MCUC tem uma intensa atividade de divulgação, destacando-se, entre outras atividades de difusão da informação: Divulgação na comunicação social (desde o dia 3 de agosto de 2016, o “Diário das Beiras” divulga diariamente uma peça ou um exemplar das coleções, assim como informação relativa ao espaço visitável em que se encontra; o MCUC disponibiliza na sua página web as notícias publicadas); Divulgação internacional das coleções (em museus e exposições); <i>Newsletter</i> do Museu; Facebook: https://www.facebook.com/museudaciencia ; Twitter: https://twitter.com/museucienciauc |

| Ficha de recolha de dados | |
|---------------------------------------|--|
| N.º | 23 |
| Data de preenchimento | 31/01/2016; revisão em julho 2016 |
| Serviço de Informação | Museu |
| Identificação | |
| Nome | Museu Didático de Arqueologia |
| Enquadramento orgânico na UC | FLUC - Instituto de Arqueologia, da Secção de Arqueologia do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes (DHEEAA) |
| Localização | Palácio de Sub-Ripas, Rua de Sub-Ripas, 3000-395 Coimbra |
| Endereço página web | http://www.uc.pt/fluc/iarg |
| Horário | Encerrado. |
| Acervo/Colecção | Colecção arqueológica constituída por materiais autênticos e por réplicas de inscrições romanas, cristãs e medievais, assim como de materiais pré-históricos e romanos. Dimensão: Informação não disponibilizada. |
| Caraterização interna | |
| Regulamento interno | Regulamento interno inexistente. |
| Missão | Não definida - consultou-se a respetiva página web e os Estatutos da FLUC. |
| Atribuições que complementam a missão | Não definidas - consultou-se a respetiva página web e os Estatutos da FLUC. |
| Breve história | <p>Na publicação intitulada “A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao País” (1919, p. 50), no capítulo “Material de ensino e instalações da Faculdade” referem-se, expressamente, “as colecções de Epigrafia, de Esfragística, de Numismática, organizadas umas, outras em vias de organização”. A importância que já então se dava a um ensino prático, em contacto com os materiais, é, no segundo quartel do século XX, incrementada com a realização de réplicas de objetos arqueológicos pré-históricos e inscrições.</p> <p>“Em sessão ordinária de 23 de Novembro de 1954, o Conselho Escolar da Faculdade de Letras de Coimbra aprovou, por unanimidade, a criação do Instituto de Arqueologia. (...) Desde o início, ficou na dependência do Instituto uma galeria de réplicas, em gesso, de inscrições romanas e medievais portuguesas, organizada nos inícios do século XX pelo Doutor António de Vasconcelos. Esta galeria constituiu o núcleo de uma colecção, valiosamente acrescentada em 1958 com a oferta, pelo Prof. Doutor Francisco Gentil, de um espólio procedente da necrópole de Alcácer do Sal. As instalações do Instituto foram solenemente inauguradas em 6 de Março de 1958, com a abertura da exposição dessa colecção arqueológica” (Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras. Instituto de Arqueologia, 2016).</p> <p>Aquando da criação do supramencionado Instituto, “embora não se fale explicitamente no Museu, o certo é que deve ser a partir dessa altura que a simples galeria passa a designar-se Museu Didático” (Encarnação, 1982, p. 53).</p> |

| | |
|--|---|
| | O Gabinete de Numismática e o Museu Didático de Arqueologia integram, presentemente, o Instituto de Arqueologia, da Secção de Arqueologia do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes (DHEEAA) (art.º 11.º do Despacho n.º 6799/2015, de 17 de junho). |
| Estrutura orgânica interna | A responsável pelo Museu é uma docente da Secção de Arqueologia do DHEEAA. Organograma não disponibilizado. |
| Serviços disponibilizados | Apoio às aulas e investigação. |
| Perfil do utilizador | Estudantes, docentes, investigadores. |
| Organização, representação e divulgação da informação | |
| Instrumentos de controlo e de recuperação de informação | Inventário (incompleto); Publicações que descrevem parte dos materiais e/ou coleções. |
| Parte(s) do acervo/fundo/ coleção em suporte digital, com ou sem consulta on-line | Inexistente. |
| Atividades complementares de difusão da informação | Não se identificam atividades complementares de difusão da informação. |

Índice de figuras

| | |
|--|-----|
| Figura 1: Esquema do método quadripolar de investigação aplicado | 14 |
| Figura 2: Desenho do caso de estudo individual..... | 24 |
| Figura 3: Instrumento de recolha de dados | 26 |
| Figura 4: Sistemas de Informação - campo intercientífico..... | 61 |
| Figura 5: Diagrama de construção trans e interdisciplinar da CI | 73 |
| Figura 6: Metodologia quadripolar de investigação aplicada | 77 |
| Figura 7: Pluridisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade..... | 85 |
| Figura 8: Sistema Integral de Informação Ativa e Permanente | 154 |
| Figura 9: A GI como área de estudos transversal e aplicada em CI | 160 |
| Figura 10: Universidades fundadas até 1500 | 168 |
| Figura 11: Polo I - Via Latina | 170 |
| Figura 12: Polo principal da UC (zona histórica)..... | 171 |
| Figura 13: Arca - Cartório (séc. XVI)..... | 174 |
| Figura 14: Estatutos Pombalinos (1772)..... | 174 |
| Figura 15: Quadro de definição estratégica da UC (2011-2015)..... | 181 |
| Figura 16: Quadro de definição estratégica da UC (2015-2019)..... | 182 |
| Figura 17: Polos universitários da UC..... | 186 |
| Figura 18: Grupo Público UC..... | 187 |
| Figura 19: Organograma da UC (2016)..... | 189 |
| Figura 20: Estrutura organizacional e funcional da UC: relação entre as unidades orgânicas, outras unidades e serviços centrais, e serviços da Administração | 190 |
| Figura 21: Unidades de Extensão Cultural e de Apoio à Formação da UC..... | 197 |
| Figura 22: Arquivo da UC (fachada exterior do edifício e depósito) | 200 |
| Figura 23: Biblioteca Geral da UC (fachada exterior do edifício e sala de leitura) | 203 |
| Figura 24: Biblioteca Joanina..... | 204 |
| Figura 25: Bibliotecas das Faculdades da UC | 206 |
| Figura 26: Biblioteca Norte/Sul do CES | 207 |
| Figura 27: CEIS20 (fachada do edifício e sala da coleção Seabra Dinis)..... | 208 |
| Figura 28: RÓMULO - CCVUC..... | 209 |

| | |
|---|-----|
| Figura 29: Centro de Documentação 25 de Abril (fachada e interior do edifício)..... | 211 |
| Figura 30: Centro de Documentação Europeia | 213 |
| Figura 31: Centro de Documentação Áudio e Braille (localização do Centro e sala de trabalho)..... | 214 |
| Figura 32: Museu da Ciência da UC. <i>Laboratório Chimico</i> e Galeria de Zoologia..... | 217 |
| Figura 33: Núcleo Etnográfico Amorim Girão (armários) | 224 |
| Figura 34: Catálogo coletivo das bibliotecas da UC | 244 |
| Figura 35: UC DIGITALIS | 249 |
| Figura 36: Biblioteca Digital (FPCEUC)..... | 251 |
| Figura 37: Biblioteca Digital (FCDEFUC) | 251 |
| Figura 38: Lista de Bibliotecas Digitais da UC apresentada pelo SIBUC..... | 252 |
| Figura 39: Modelo de gestão do SI organizacional: componentes e variáveis | 271 |
| Figura 40: Modelo de gestão do SI organizacional da UC..... | 273 |
| Figura 41: Evolução da Web..... | 278 |
| Figura 42: Organograma da UC (1930)..... | 346 |
| Figura 43: Organograma da UC (1952)..... | 347 |
| Figura 44: Organograma da UC (1979)..... | 348 |
| Figura 45: Organograma da UC (1989)..... | 349 |
| Figura 46: Organograma da UC (1991)..... | 350 |
| Figura 47: Organograma da UC (1993)..... | 351 |
| Figura 48: Organograma da UC (1998)..... | 352 |
| Figura 49: Organograma da UC (2003)..... | 353 |
| Figura 50: Organograma da UC (2008)..... | 354 |
| Figura 51: Organograma da UC (2012)..... | 355 |

Índice de tabelas

| | |
|---|-----|
| Tabela 1: Relação interdisciplinar entre a CI e a disciplina tecnológica <i>Sistemas de Informação</i> | 62 |
| Tabela 2: Concepções acerca da identidade e fronteiras da CI..... | 70 |
| Tabela 3: Informação e Conhecimento / Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento: diferentes perspectivas | 139 |
| Tabela 4: Perspetiva "cognitivista, infocomunicacional e sistémica": definição de informação e sua descodificação | 145 |
| Tabela 5: Descrição das coleções científicas do Museu da Ciência da UC..... | 222 |
| Tabela 6: Número total de documentos registados no ILS Millennium..... | 235 |
| Tabela 7: Catálogos de bibliotecas e centros de documentação da UC | 245 |
| Tabela 8: Bases de dados disponíveis na UC | 247 |

Índice de gráficos

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1: Tipologia de serviços de informação (UC) | 230 |
| Gráfico 2: Regulamento interno..... | 238 |
| Gráfico 3: Regulamentos das bibliotecas da UC (RED e REI)..... | 239 |
| Gráfico 4: Missão dos serviços de informação..... | 240 |
| Gráfico 5: Serviços disponibilizados ao utilizador | 243 |
| Gráfico 6: Atividades complementares de difusão da informação..... | 254 |